

ANTONY BEEVOR

autor de *Berlim 1945* e *A Batalha pela Espanha*

STALINGRADO

O Cerco Fatal
1942-1943

DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [eLivros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O [eLivros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [eLivros](#).

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar [Envie um livro](#) ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, [faça uma doação aqui](#) :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e

poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

eLivros.love

Converted by [ePubtoPDF](#)

EDIÇÕES BESTBOLSO

Stalingrado

Antony Beevor, escritor e historiador, estudou na Real Academia Militar de Sandhurst e é reconhecido por ter publicado livros de grande sucesso com temática de guerra. Suas obras são sucesso de público e de crítica no Brasil, como *Creta*, *Stalingrado*, *Dia D*, *A batalha pela Espanha*, *Berlim 1945* e *A Segunda Guerra Mundial*. Seu estilo aclamado e premiado tem como características a descrição minuciosa, a apresentação de dados factuais e a presença de testemunhos sobre os acontecimentos. Seus livros são considerados alguns dos mais detalhados trabalhos sobre importantes batalhas conhecidas mundialmente.

ANTONY BEEVOR

STALINGRADO

Tradução de
ALDA PORTO

1ª edição

EDIÇÕES



BestBolso

Rio de janeiro – 2016

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

B352s

Beevor, Antony, 1946—

Stalingrado [recurso eletrônico] : o cerco fatal (1942-1943) / Antony Beevor; tradução Alda Porto. - 1. ed. - Rio de Janeiro: BestBolso, 2016.

recurso digital

Tradução de: Stalingrad

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions Modo de acesso: world wide web Apêndice

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7799-526-4 (recurso eletrônico) 1.

Guerra Mundial, 1939-1945 - Rússia. 2. Moscou, Batalha de, 1941-1942. 3. Stalingrado, Batalha de, 1942-1943.

4. Livros eletrônicos. I. Título.

16-34586

CDD: 940.5421

CDU: 94(100)'1939/1945'

Stalingrado, de autoria de Antony Beevor.

Título número 414 das Edições BestBolso.

Primeira edição impressa em maio de 2016.

Texto revisado conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Título original inglês: STALINGRAD

Copyright © Antony Beevor e Artemis Cooper, 1998.

Copyright da tradução © by Editora Record Ltda.

Direitos de reprodução da tradução cedidos para Edições BestBolso, um selo da Editora Best Seller Ltda. Editora Record Ltda. e Editora Best Seller Ltda são empresas do Grupo Editorial Record.

www.edicoesbestbolso.com.br

Revisão técnica: Angelo Segrillo Design de capa: adaptação de Mariana Taboada a partir da capa publicada pela Editora Record (Rio de Janeiro, 2002). Imagem: Pelotão de assalto do Exército Vermelho na “Academia de combate de rua de Stalingrado”. *Archive Photos*, Londres.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, sem autorização prévia por escrito da editora, sejam quais forem os meios empregados.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa para o Brasil em formato bolso adquiridos pelas Edições BestBolso, um selo da Editora Best Seller Ltda. Rua Argentina 171 - 20921-380 - Rio de Janeiro, RJ - Tel.: (21) 2585-2000 que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-7799-526-4

Sumário

PREFÁCIO

PARTE 1

“O mundo vai prender o fôlego!”

1. A espada de dois gumes da Barbarossa
2. “Nada é impossível para o soldado alemão!”
3. “Arrombem a porta que toda a estrutura pode desabar!”
4. A arrogância de Hitler: a batalha atrasada por Moscou

PARTE 2

Relançada a Barbarossa

5. A primeira batalha do general Paulus
6. “De quanta terra precisa um homem?”
7. “Nem um passo atrás”
8. “Alcançado o Volga!”

PARTE 3

“A cidade fatídica”

- 9. “Tempo é sangue”: as batalhas de setembro
- 10. Rattenkrieg
- 11. Traidores e aliados
- 12. Fortalezas de escombros e ferro
- 13. O último ataque de Paulus
- 14. “Tudo para o *front*”

PARTE 4

A armadilha de Jukov

- 15. Operação Urano
- 16. A obsessão de Hitler
- 17. “A fortaleza sem telhado”
- 18. “Der Manstein Kommt!”
- 19. Natal à moda alemã

PARTE 5

A subjugação do Sexto Exército

- 20. A ponte aérea
- 21. “Rendição fora de questão”
- 22. “Um marechal de campo alemão não se suicida com uma tesourinha de unha!”
- 23. “Parem de dançar! Stalingrado caiu”
- 24. A cidade dos mortos
- 25. A Espada de Stalingrado

APÊNDICE A

Ordens de batalha alemãs e soviéticas, 19 de novembro de 1942

APÊNDICE B

O debate estatístico: efetivo militar do Sexto Exército no
Kessel

REFERÊNCIAS

NOTAS DAS FONTES

BIBLIOGRAFIA SELECIONADA

Prefácio

“Não se pode”, observou o poeta Tiuchev, “entender a Rússia com a mente.” Nem compreender de modo adequado a Batalha de Stalingrado com uma pesquisa padrão. Um estudo apenas militar dessa luta titânica não transmite a realidade no campo, da mesma forma que os mapas de Hitler na *Wolfsschanze* de Rastenburg só o isolaram num mundo de fantasia, muito distante do sofrimento dos seus soldados.

A intenção deste livro é mostrar, valendo-se de uma narrativa histórica convencional, a experiência das tropas dos dois lados, usando uma ampla gama de material novo, sobretudo arquivos na Rússia. A variedade de fontes é importante para transmitir a natureza sem precedentes do combate e seus efeitos nos que nele foram colhidos com pouca esperança de escapar.

As fontes incluem diários de guerra, relatórios de capelães, relatos pessoais, cartas, interrogatórios de alemães e de outros prisioneiros do NKVD, a polícia de segurança do Estado, diários pessoais e entrevistas com testemunhas. Uma das mais ricas fontes no arquivo central do Ministério da Defesa russo em Podolsk consiste nos relatórios bastante detalhados, enviados diariamente da Frente de Stalingrado a Aleksander Scherbakov, chefe do departamento político do Exército Vermelho em Moscou. Descrevem não apenas ações heroicas, mas também

“ocorrências extraordinárias” (eufemismo dos comissários para atos de “traição”), como deserção, passar para o lado do inimigo, covardia, incompetência, ferimentos autoinfligidos, “agitação antissoviética” e até embriaguez. As autoridades soviéticas executaram cerca de 13,5 mil de seus soldados em Stalingrado – o equivalente a mais de uma divisão completa de tropas. O principal desafio, logo percebi, era tentar equilibrar o genuíno autossacrifício de tantos soldados do Exército Vermelho com a coerção completamente brutal usada contra os vacilantes pelos departamentos especiais do NKVD (que logo depois se tornaram parte da SMERSH – contraespionagem soviética).

A quase inacreditável implacabilidade do sistema soviético explica, em grande parte, mas não inteiramente, por que tantos soldados do Exército Vermelho combateram pelo lado alemão. Em Stalingrado, as divisões da linha de frente do Sexto Exército continham mais de 50 mil cidadãos soviéticos em uniforme alemão. Alguns foram brutalmente pressionados a entrar no serviço militar por causa da fome nos campos de prisioneiros; outros se ofereceram como voluntários. Durante as batalhas finais, muitos relatórios alemães testemunham a bravura e a lealdade desses “Hiwis” ao lutar contra seus próprios compatriotas. E desnecessário dizer que o NKVD de Beria foi arrebatado por suspeitas quando descobriu a escala da deslealdade.

O assunto continua sendo tabu na Rússia. Um coronel de infantaria, com quem dividi por acaso um compartimento do vagão-leito na viagem até Volgogrado (antiga Stalingrado), a princípio recusou-se a acreditar que qualquer russo pudesse ter usado uniforme alemão. Acabou convencido, quando lhe falei da contabilidade de rações do Sexto Exército nos arquivos alemães. Sua reação, para um homem que visivelmente odiava Stalin pelos expurgos do Exército Vermelho, foi interessante.

– Não eram mais russos – disse, em voz baixa.

Seu comentário foi quase exatamente idêntico à fórmula usada há mais de cinquenta anos, quando a Frente de Stalingrado fazia relatórios sobre “ex-russos” a Scherbakov em Moscou. As emoções da Grande Guerra Patriótica permanecem hoje quase tão inexoráveis quanto naquela época.

Toda a história de desatino, impiedade e tragédia é reveladora de inesperadas maneiras. No lado alemão, o aspecto mais impressionante não está tanto na questão manifesta do envolvimento da Wehrmacht nos crimes de guerra, ainda hoje debatido com muita exaltação na Alemanha, mas principalmente na confusão de causa e efeito, em especial entre crenças políticas e suas consequências. As tropas alemãs na Rússia – como revelam tantas cartas escritas de Stalingrado – achavam-se em completo desbaratamento moral. Os objetivos de subjugar os eslavos e defender a Europa do bolchevismo por meio de um ataque preventivo mostraram-se contraproducentes, para dizer o mínimo. Até hoje muitos sobreviventes alemães veem a Batalha de Stalingrado como uma inteligente armadilha soviética para a qual haviam sido atraídos por retiradas deliberadas. Em consequência, tendem a se ver mais como vítimas que como instigadores do desastre.

Algo, contudo, é indiscutível. A Batalha de Stalingrado continua sendo um tema ideologicamente carregado e simbolicamente importante, cuja última palavra não será ouvida ainda por muitos anos.

Grande parte do tempo passado pesquisando este livro poderia ter sido desperdiçada, e valiosas oportunidades perdidas, não fosse pela ajuda e sugestão de arquivistas e bibliotecários. Sou particularmente grato a: *Frau* Irina Renz, na Bibliothek für Zeitgeschichte em Stuttgart; *Herr* Meyer e *Frau* Ehrhardt, no Bundesarchiv-Militärarchiv em Freiburg; *Frau* Stang e outros membros do pessoal da biblioteca do

Militärgeschichtliches Forschungsamt, em Potsdam; Valery Mikhailovich Rumyantsev, do Arquivo Histórico e Centro Memorial Militar do Ministério da Defesa da Rússia, e o pessoal do Arquivo Central do Ministério da Defesa em Podolsk; Dr. Kyril Mikhailovich Andersen, Diretor do Centro Russo para a Conservação e Estudo de Documentos de História Contemporânea em Moscou; Dra. Natalya Borisovna Volkova, Diretora do Arquivo Estatal de Literatura e Artes da Rússia; e Dra. Dina Nikolaevna Nohotovich, do Arquivo Estatal da Federação Russa.

É inestimável minha gratidão ao Dr. Detlef Vogel, em Freiburg, uma ajuda vital, de numerosas formas, no início da minha pesquisa e que também me emprestou sua coleção de publicações das ligas alemã e austríaca de veteranos de Stalingrado (*Stalingradbünde*). O Dr. Alexander Friedrich Paulus deu-me a gentil permissão para consultar os documentos do seu avô, o general marechal de campo Friedrich Paulus, e forneceu cópias de posteriores contribuições da família para o assunto. O Professor Doutor Hans Girgensohn, patologista do Sexto Exército no cerco, ou *Kessel*, de Stalingrado, foi pacientíssimo ao explicar os detalhes do seu trabalho e constatações lá, e o contexto das mortes de fome, frio e tensão dos soldados alemães sitiados. Ben Shepherd explicou-me amavelmente as mais recentes pesquisas sobre tensão de combate durante a Segunda Guerra Mundial. Também é imensa minha gratidão pelas observações de Kurt Graf von Schweinitz sobre as estratégias em Stalingrado, além dos comentários sobre as implicações da terminologia militar usada em sinais de código em novembro de 1942.

Pelas indicações de fontes russas e outras sugestões, devo muitíssimo às seguintes pessoas: Dra. Catherine Andreev, Prof. Anatoly Aleksandrovich Chernobaev, Prof. John Erickson, Dr. Viktor Gorbarev, Jon Halliday, coronel Lemar Ivanovich Maximov, da Divisão Histórica do Ministério de Defesa, e Yury Ovzianko. Também agradeço muitíssimo

aos que me puseram em contato com sobreviventes de Stalingrado na Rússia e na Alemanha ou que com tanta generosidade me ajudaram e deram atenção nos dois países: Chris Alexander, Leopold Graf von Bismarck, Andrew Gimson, major Joachim Freiherr von Maltzan, Gleb e Harriet Shestakov, Dra. Marie-Christine Gräfin von Stauffenberg e Christiane van der Welde.

Em Volgogrado, é enorme minha dívida, pela amável assistência, para com a Dra. Raisa Maratovna Petrunyova, Vice-reitora da Universidade de Volgogrado, e com seus colegas: professora Nadezhda Vasilevna Dulina, Diretora dos Estudos Culturais e Históricos, Galina Borisovna, do Departamento de História, e Boris Nikolaevich Ulko, Diretor do Museu da Universidade, além de Nikolay Stepanovich Fiodortov, presidente do Comitê de Veteranos de Guerra do Distrito de Volgogrado e do tenente-coronel Gennadi Vasilevich Pavlov.

As traduções do russo para o inglês são da Dra. Galya Vinogradova e Lyubov Vinogradova, cuja assistência às negociações em torno do acesso a arquivos ofereceu um modelo de hábil diplomacia, persistência e bom humor. A contribuição delas, para não falar da amizade, ajudou a transformar todo o projeto.

Sou grato aos participantes e testemunhas oculares que se dispuseram a dedicar tanto tempo e trabalho recordando o passado. Com muita generosidade, vários me emprestaram manuscritos originais, cartas e diários inéditos. Os nomes deles – três outros preferiram não ser identificados – encontram-se relacionados nas Referências, após os Apêndices.

Este livro jamais existiria não fosse por Eleo Gordon, da Penguin, autor da ideia, e também por Peter Mayer, nos Estados Unidos, e Hans Ewald Dede, na Alemanha, cujo entusiasmo e apoio ao projeto desde o início tornaram possível a pesquisa. Fui abençoado em particular por ter

Andrew Nurnberg como agente literário, conselheiro e amigo.

Meus maiores agradecimentos, como sempre, são devidos a Artemis Cooper, minha esposa e editora de primeira hora, que foi de imensa ajuda durante meus meses no exterior, quando tinha mais que suficiente trabalho dela própria.

**Mapa 1 OPERAÇÃO BARBAROSSA
JUNHO - DEZEMBRO DE 1941**

..... Linha de frente, 4 de dezembro de 1941
- - - - Fronteiras internacionais



Parte 1

“O mundo vai prender o fôlego!”

1

A espada de dois gumes da Barbarossa

Sábado, 21 de junho de 1941, exibiu uma perfeita manhã de verão. Muitos berlinenses tomaram o trem de Potsdam para passar o dia no parque de Sans Souci. Outros foram a nado às praias do Wannsee ou do Nikolassee. Nos cafés, o rico repertório de histórias sobre a fuga de Rudolf Hess para a Grã-Bretanha dera lugar a outras de uma invasão iminente da União Soviética. Alguns, consternados com a ideia de uma guerra muito maior, puseram as esperanças no pensamento de que Stalin, no último instante, cederia a Ucrânia à Alemanha.

Na embaixada soviética, na Unter den Linden, as autoridades achavam-se em seus postos. Um comunicado urgente de Moscou exigia “importantes esclarecimentos” sobre os imensos preparativos militares ao longo das fronteiras do Báltico ao mar Vermelho. Valentin Berejkov, primeiro-secretário e principal intérprete, telefonou para o Ministério das Relações Exteriores alemão a fim de combinar um encontro. Disseram-lhe que o ministro do Reich Joachim von Ribbentrop estava fora da cidade e que não se podia alcançar o secretário de Estado Freiherr von Weizsäcker por telefone. Com o passar da manhã, chegavam de Moscou mensagens cada vez mais urgentes exigindo notícias. Foi-se instalando uma atmosfera de histeria reprimida no Kremlin, à medida que se avolumavam os indícios das intenções alemãs, somando-se aos mais de oitenta avisos recebidos no decorrer dos oito meses anteriores. O vice-diretor do NKVD acabara de informar que

houvera pelo menos “39 incursões de aeronaves sobre a fronteira estatal da URSS” durante o dia anterior. A Wehrmacht agia com muito descaramento em suas preparações, mas a falta de segredo só parecia ter confirmado na mente retorcida de Stalin a ideia de que aquilo devia ser parte de um plano de Adolf Hitler para extorquir-lhe maiores concessões.

O embaixador soviético em Berlim, Vladimir Dekanozov, compartilhava da convicção de Stalin de que tudo era uma campanha de desinformação, iniciada originalmente pelos britânicos. Chegou a descartar a informação do seu próprio adido militar de que 180 divisões haviam disposto as tropas em posição de combate ao longo da fronteira. Dekanozov, protegido de Lavrenti Beria, era mais um georgiano e funcionário graduado do NKVD. Sua experiência em assuntos externos fora pouco além de interrogar e expurgar diplomatas muito mais experientes que ele. Outros membros da missão, embora não ousassem expressar suas opiniões com demasiado vigor, tinham pouca dúvida de que Hitler planejava invadir. Havia até mesmo enviado as provas de um livro de expressões em russo, preparado para as tropas invasoras, e levado em segredo ao consulado soviético por um gráfico comunista alemão. As expressões úteis incluíam “Renda-se!”, “Mãos ao alto!”, “Onde está o presidente da fazenda coletiva?”, “Você é comunista?” e “Vou atirar!”.

As renovadas chamadas telefônicas de Berejkov para a Wilhelmstrasse foram recebidas com a afirmação de que Ribbentrop “não está aqui e ninguém sabe quando retornará”. Ao meio-dia, tentou outra autoridade, o diretor do departamento político. “Creio que está acontecendo alguma coisa no quartel-general do Führer. Muito provavelmente, todo mundo está lá.” Mas o ministro das Relações Exteriores não saía de Berlim. Ribbentrop ocupava-se em preparar instruções para a embaixada alemã em Moscou, intituladas “Urgente! Segredo de

Estado!”. Na manhã seguinte bem cedo, umas duas horas após o início da invasão, o embaixador, conde Friedrich Wener von der Schulenburg, transmitiria ao governo soviético uma relação de motivos de queixa para servir como pretexto.

À medida que a tarde de sábado em Berlim ia virando noite, as mensagens de Moscou tornavam-se cada vez mais frenéticas. Berejkov ligava para a Wilhelmstrasse de meia em meia hora. Contudo, nenhum funcionário superior aceitava o telefonema. Da janela aberta do seu escritório, ele via os antiquados capacetes Schutzmann da polícia guardando a embaixada. Adiante deles, berlinenses faziam um passeio vespertino pela Unter den Linden. A polaridade entre guerra e paz transpirava um desconcertante ar de irreabilidade. O expresso Berlim-Moscou logo ia passar pelos exércitos alemães à espera e cruzar a fronteira como se não houvesse nada errado.

Em Moscou, Molotov, ministro das Relações Exteriores, convocou o conde von der Schulenburg ao Kremlin. O embaixador alemão, após supervisionar a destruição dos documentos secretos da embaixada, dirigiu-se ao encontro, marcado para as 21h30. Quando interpelado sobre os indícios de preparativos alemães, não admitiu que estivesse prestes a ocorrer uma invasão. Simplesmente manifestou seu espanto pelo fato de a União Soviética não entender a situação e recusou-se a responder a quaisquer perguntas enquanto não houvesse consultado Berlim.

Schulenburg, diplomata da escola antiga que acreditava na máxima de Bismarck de que a Alemanha jamais deveria travar guerra com a Rússia, tinha bons motivos para espantar-se com a ignorância do Kremlin. Mais de duas semanas antes, ele convidara Dekanozov, então de volta a Moscou, a um almoço privado e advertira-o dos planos de Hitler. O velho conde sentiu-se claramente absolvido de

qualquer lealdade ao regime nazista depois que o Führer lhe mentira com descaramento, afirmando não ter quaisquer planos contra a Rússia.¹ Mas Dekanozov, estarrecido com essa revelação, logo suspeitou de um ardil. Stalin, reagindo da mesma maneira, explodiu com o Politburo:

- A desinformação agora chegou ao nível de embaixada! - Tinha certeza de que a maioria dos avisos fora "*Angliyskaia provokatsiia*", parte de uma conspiração tramada por Winston Churchill, o arqui-inimigo da União Soviética, para desencadear uma guerra entre a Rússia e a Alemanha. Desde a fuga de Hess para a Escócia, a conspiração ficara ainda mais enredada em sua mente.

Stalin, que se recusara a aceitar a possibilidade de uma invasão até a tarde de sábado, continuava apavorado com a ideia de provocar Hitler. Goebbels, com certa justificativa, comparava-o a uma lebre hipnotizada por uma cobra. Uma sucessão de comunicados de guardas de fronteiras falava de motores de tanque aquecendo-se na mata do outro lado da fronteira, de engenheiros do exército alemão construindo pontes sobre rios e retirando emaranhados de arame farpado defronte das suas posições. O comandante do Distrito Militar Especial de Kiev avisou que a guerra ia começar em questão de horas. Comunicados chegavam informando que, nos portos bálticos, navios alemães de repente haviam parado de carregar e partido de volta a sua terra. Mas Stalin, o ditador totalitário, ainda não conseguia aceitar a ideia de que os fatos pudessem estar fora do seu controle.

Naquela noite, após longas discussões em seu gabinete com comandantes superiores do Exército Vermelho, ele concordou com o despacho em código de um sinal militar aos quartéis-generais de todos os distritos militares no Ocidente. "No decorrer de 22-23 de junho de 1941, são possíveis ataques repentinos dos alemães nas frentes dos Distritos Militares de Leningrado, Báltico Especial, Ocidental

Especial, Kiev Especial e Odessa. A tarefa de nossas forças é não ceder a quaisquer provocações que possam desencadear complicações sérias. Ao mesmo tempo, as tropas (...) devem ficar em total prontidão de combate para enfrentar uma possível ofensiva de surpresa dos alemães e seus aliados.” A Marinha e alguns oficiais superiores do Exército Vermelho haviam ignorado em silêncio as ordens de Stalin contra a mobilização. Mas, para muitas unidades, a ordem de advertência, só transmitida depois da meia-noite, chegou tarde demais.

Em Berlim, enquanto se consumia a noite, Berejkov perdera qualquer esperança de entrar em contato com o escritório de Ribbentrop. De repente, por volta das 3 da manhã, o telefone a seu lado tocou.

- Herr Reichsminister von Ribbentrop - anunciou uma voz desconhecida - deseja encontrar-se com representantes do governo soviético no Ministério das Relações Exteriores na Wilhelmstrasse.

Berejkov explicou que levaria tempo para acordar o embaixador e pedir um carro.

- O automóvel do Reichsminister já está à espera diante de sua embaixada. O ministro deseja ver os representantes soviéticos imediatamente.

Diante da embaixada, Dekanozov e Berejkov encontraram a limusine preta esperando no meio-fio. Um oficial do Ministério das Relações Exteriores, em uniforme completo, achava-se em pé ao lado da porta, enquanto um oficial da SS permanecia sentado ao lado do motorista. Ao partirem, Berejkov notou que, adiante do Portão de Brandemburgo, o amanhecer já irradiava um brilho no céu acima das árvores do Tiergarten. Era uma manhã de solstício.

Quando chegaram à Wilhelmstrasse, viram uma aglomeração de pessoas diante da embaixada. Luzes de câmeras para as equipes de atualidades cinematográficas

iluminavam a entrada, com seu toldo de ferro forjado. Jornalistas cercaram os dois embaixadores soviéticos, cegando-os momentaneamente com as lâmpadas de magnésio das câmeras. Essa inesperada recepção fez Berejkov temer o pior, mas Dekanozov parecia imperturbável na crença de que a Alemanha e a Rússia continuavam em paz.

O embaixador soviético, “com pouco mais de 1,50m de altura, um narizinho adunco e alguns fios de cabelo preto retocados numa cachola careca”, não era uma figura impressionante. Hitler, quando o recebeu pela primeira vez, mandou dois de seus mais altos guardas da SS flanqueá-lo, para acentuar o contraste. Mas o diminuto georgiano era perigoso para aqueles em seu poder. Fora conhecido como o “carrasco de Baku” por suas atividades repressoras no Cáucaso logo depois da guerra civil russa. Na embaixada de Berlim, mandara até construir uma câmara de tortura e execução no porão para lidar com suspeitos de traição na comunidade soviética.

Ribbentrop, enquanto os aguardava, andava de um lado para outro em seu gabinete, “como um animal enjaulado”. Quase nada transparecia da “expressão típica de estadista que ele reservava para grandes ocasiões”.

- O Führer está absolutamente certo ao atacar a Rússia agora – não parava de repetir, como tentando convencer-se.
- Os próprios russos sem dúvida nos atacariam, se assim não o fizéssemos.

Seus subordinados haviam se convencido de que ele não poderia enfrentar a perspectiva de destruir o que via como sua mais importante realização, o Pacto Molotov-Ribbentrop. Talvez também tenha começado a desconfiar de que o imprudente jogo de Hitler poderia se transformar no maior desastre da história.

Os dois representantes soviéticos foram acompanhados até o enorme gabinete do Reichsminister. Uma imensidão de piso de parquet padronizado levava à escrivaninha na

extremidade oposta. Estatuetas de bronze em suportes revestiam as paredes. Ao se aproximarem, Berejkov ficou impressionado com a aparência de Ribbentrop. “Tinha o rosto escarlate e inchado, os olhos vítreos e inflamados.” Perguntou-se se ele não andara bebendo.

Ribbentrop, após apertos de mãos extremamente perfunctórios, levou-os a uma mesa no canto, à qual se sentaram. Dekanozov pôs-se a ler uma declaração em que pedia garantias do governo alemão, mas Ribbentrop interrompeu-o para dizer que haviam sido convidados a participar de uma reunião por diferentes motivos. Disse aos tropeços o que correspondia a uma declaração de guerra, embora a palavra jamais tenha sido mencionada:

- A atitude hostil do governo soviético com a Alemanha e a séria ameaça representada pelas concentrações de tropas russas na fronteira oriental obrigaram o Reich a tomar contramedidas.

Ribbentrop repetiu-se de diferentes formas e acusou a União Soviética de vários atos, entre eles a violação militar de território alemão. De repente, ficou muito claro para Berejkov que a Wehrmacht já devia ter começado a invasão. O ministro do Reich levantou-se abruptamente. Entregou o texto completo do memorando de Hitler ao embaixador de Stalin, sem fala.

- O Führer encarregou-me de informá-lo oficialmente destas medidas defensivas.

Dekanozov ergueu-se de um salto. Mal batia nos ombros de Ribbentrop. O significado total afinal se sedimentou.

- Vocês lamentarão este ataque insultante, provocativo e totalmente predatório à União Soviética. Pagarão muito caro por isso!

Voltou-se, seguido por Berejkov, e encaminhou-se para a porta. Ribbentrop seguiu-os apressado.

- Diga a eles em Moscou – sussurrou, com urgência – que eu fui contra esse ataque.

O amanhecer já despontara quando Dekanozov e Berejkov entraram na limusine para o curto trajeto até a embaixada soviética. Na Unter den Linden, constataram que um destacamento de tropas da SS já isolara o quarteirão com cordas. Dentro do prédio, membros da equipe, aguardando o retorno deles, disseram-lhes que todas as linhas telefônicas haviam sido cortadas. Sintonizaram o rádio numa estação russa. Moscou estava uma hora adiantada do horário de verão alemão, portanto eram 6 horas da manhã de domingo, 22 de junho. Para espanto e consternação deles, o boletim de notícias concentrava-se apenas nas contas do aumento de produção da indústria e agricultura soviética. Seguiu-se uma transmissão de ginástica por rádio. Não houve nenhuma menção à invasão alemã. Os oficiais superiores do NKVD e do GRU (inteligência militar) na embaixada dirigiram-se imediatamente para o último andar, área restrita, vedada com portas de aço reforçadas e janelas de persianas de aço. Documentos secretos foram colocados em fornos especiais de rápida combustão, instalados para o caso de uma emergência.

Na capital russa, as defesas antiaéreas haviam sido alertadas, mas o grosso da população continuava sem a menor ideia do que acontecia. Membros da *nomenklatura*, com ordens de permanecer em seus escritórios, sentiam-se imobilizados pela falta de orientação. Stalin não se pronunciara. Não se definira nenhuma linha divisória entre “provocação” e guerra em escala total, e ninguém sabia o que ocorria no *front*. As comunicações haviam entrado em colapso sob o ataque violento.

Desmoronavam as esperanças até dos mais fanáticos e otimistas do Kremlin. Recebeu-se a confirmação às 3h15 da manhã, do comandante da Frota do Mar Negro, de um ataque aéreo repentino alemão à base naval de Sebastopol. Os oficiais navais soviéticos não puderam deixar de pensar

no ataque surpresa japonês contra Port Arthur em 1904. Georgi Malenkov, um dos mais íntimos auxiliares de Stalin, recusou-se a acreditar na palavra do almirante Nicolai Kuznetsov, por isso telefonou mais uma vez ele mesmo, em particular, para conferir se não se tratava de um truque de oficiais superiores para forçar a mão do líder. Às 5h30 – duas horas após o início do ataque nas fronteiras ocidentais – Schulenburg entregara a declaração de guerra da Alemanha nazista a Molotov. Segundo uma testemunha, o velho embaixador falara com lágrimas de raiva nos olhos, acrescentando que pessoalmente achava a decisão de Hitler uma loucura. Molotov então saía às pressas para o gabinete de Stalin, onde estava reunido o Politburo. Parece que Stalin, ao saber das notícias, afundou na poltrona e nada disse. Sua sucessão de obsessivos erros de previsão oferecia muito material para amarga reflexão. O líder, mais conhecido pela implacável trapaça, caíra numa armadilha em grande parte de sua própria feitura.

As notícias vindas do *front*, no decorrer dos dias seguintes, eram tão catastróficas que Stalin, cuja natureza belicosa continha uma forte veia de covardia, convocou Beria e Molotov para uma discussão secreta. Deviam fazer a paz com Hitler, fossem quais fossem o preço e a humilhação, exatamente como o acordo de Brest-Litovsk em 1918? Talvez pudessem abrir mão da maior parte da Ucrânia, Bielorrússia e dos Estados Bálticos. O embaixador búlgaro, Ivan Stamenov, foi convocado ao Kremlin. Molotov perguntou-lhe se aceitava agir como intermediário, mas para espanto deles Stamenov recusou.

– Mesmo que vocês se retirem para os Urais – disse –, no fim vencerão.

A vasta maioria da população no interior da União Soviética nada sabia do desastre que se abatera sobre o país. Como era um dia de descanso, o centro de Moscou estava vazio. O

almirante Kuznetsov, chefe do Estado-Maior naval, refletiu sobre aquele pacífico cenário em seu carro a caminho do Kremlin. A população da capital “ainda não sabia que um fogo ardia em chamas nas fronteiras, e que nossas unidades avançadas se achavam envolvidas em pesado combate”.

Por fim, ao meio-dia de 22 de junho, a voz de Molotov, não a de Stalin, surgiu do rádio.

- Hoje, às quatro horas da manhã, tropas alemãs atacaram nosso país sem fazer quaisquer reivindicações à União Soviética e sem nenhuma declaração de guerra. - Seu discurso dava poucos detalhes. - Nossa causa é justa - concluiu, inexpressivo. - O inimigo será derrotado. Sairemos vitoriosos.

A escolha de palavras de Molotov foi pouco inspirada, e o comunicado, canhestro, mas esse anúncio desencadeou uma vigorosa reação em toda a União Soviética. A cidade de Stalingrado, no Volga, talvez estivesse longe do combate, mas isso não diminuía o efeito. “Foi como se uma bomba houvesse caído do céu, um choque imenso”, lembrou uma jovem estudante, que prontamente se oferecera como enfermeira voluntária.

Seus amigos, em especial os membros do Komsomol (Juventude Comunista), começaram a coleta de contribuições para o esforço de guerra.

Os reservistas não esperaram pelas ordens de mobilização. Apresentaram-se logo. Meia hora depois do discurso de Molotov, o reservista Victor Goncharov saiu de casa e dirigiu-se para o centro, acompanhado do velho pai, supondo que ele ia junto para vê-lo partir. Sua esposa, que trabalhava fora na central de bondes elétricos de Stalingrado, não teve como voltar para despedir-se. Ele não tinha a mínima ideia de que o pai, um velho cossaco de 81 anos, que “lutara em quatro guerras”, planejava acompanhá-lo a fim de oferecer-se como voluntário. Mas o velho Goncharov ficou furioso quando o estado-maior no centro o rejeitou.

Na Universidade Técnica de Stalingrado, perto da imensa fábrica de tratores da cidade, os estudantes afixaram um grande mapa na parede, dispostos a assinalar com bandeiras os avanços do Exército Vermelho Alemanha adentro.

- Achávamos - disse um deles - que com um golpe incisivo esmagaríamos os inimigos.

Inúmeros noticiários de atualidades os haviam convencido da imensa força industrial e militar da União Soviética. As imagens revelavam-se duplamente impressionantes num país até pouco tempo antes atrasado em termos tecnológicos. Além disso, a onipotência interna do sistema stalinista fazia-o parecer inabalável para os que se encontravam dentro dele.

- A propaganda caía num solo bem preparado - admitiu outro dos estudantes de Stalingrado. - Todos tínhamos essa imagem poderosa do Estado soviético e, desse modo, da invencibilidade do país.

Nenhum deles imaginava o destino que aguardava a União Soviética, menos ainda o reservado à cidade-modelo de Stalingrado, com suas indústrias de engenharia, parques municipais e altos blocos de apartamentos brancos que davam para o grande Volga em frente.

2

“Nada é impossível para o
soldado alemão!”

Durante aquela noite de 21 de junho, os diplomatas em Berlim e Moscou só podiam imaginar o que acontecia ao longo da fronteira que os separava. Jamais ministérios de relações exteriores haviam sido tão supérfluos. Da Finlândia

ao mar Negro, cerca de 3 milhões e 50 mil soldados alemães, com outros exércitos pró-Eixo elevando o total para 4 milhões de homens, aguardavam a invasão da União Soviética.

- O mundo vai prender o fôlego! - declarara Hitler numa sessão de planejamento vários meses antes.

O último objetivo era “estabelecer uma frente de defesa contra a Rússia asiática, partindo de uma linha que se estendia do rio Volga até o porto marítimo de Archangel”. A última área industrial restante da Rússia nos Urais poderia então ser destruída pela Luftwaffe.

Foi a noite mais curta do ano. Manteve-se o silêncio do rádio para as muitas centenas de milhares de soldados escondidos nas florestas de bétula e abeto da Prússia Oriental e da Polônia ocupada. Os regimentos de artilharia que haviam chegado semanas antes às regiões da fronteira oriental, com a finalidade ostensiva de prepararem-se para manobras, eram bem-treinados. Na Prússia Oriental, as guarnições de canhões, usando velhas roupas emprestadas por famílias de civis locais, haviam transportado para a frente reservas de projéteis em carroças de fazendas, camuflando-as junto a posições de disparo pré-selecionadas. A maioria dos soldados acreditava nas histórias de que todo aquele exercício fazia parte de uma enorme ação diversionária, com o intuito de encobrir os preparativos para a invasão da Grã-Bretanha.

Ao cair da noite, quando se emitiram as ordens, já não restava mais nenhuma dúvida ao Exército alemão. Os canhões foram despidos de sua camuflagem ou transportados dos seus esconderijos em celeiros. Engatados em seguida a guarnições de cavalos, meias-lagartas ou tratores de artilharia, com faróis mascarados, foram rebocados para suas posições de disparo. Os oficiais de observação avançaram com a infantaria até algumas centenas de metros dos postos de fronteira ocupados pelos guardas de fronteira soviéticos.

Alguns oficiais de divisão da segunda leva brindaram a operação próxima com champanhe e conhaque de colheita e ano excepcionais, trazidos da França ocupada. Alguns deram mais uma olhada nas memórias do general de Caulaincourt, a quem Napoleão dissera na véspera de sua invasão em 1812: “*Avant deux mois, la Russie me demandera la paix* [Antes de dois meses, a Rússia me pedirá a paz].” Outros, tentando imaginar o que os aguardava à frente, folheavam exemplares do livro de expressões em russo que a embaixada de Dekanozov enviara a Moscou com tão pouco resultado. Muitos liam a Bíblia.

Os soldados haviam construído fogueiras em seus acampamentos camuflados para afastar os mosquitos. Acordeonistas tocavam músicas sentimentais. Enquanto alguns cantavam, outros permaneciam com seus pensamentos. Muitos temiam cruzar a fronteira para a terra desconhecida, da qual haviam ouvido apenas coisas terríveis. Os oficiais haviam advertido a eles que, se dormissem em casas russas, seriam mordidos por insetos e contrairiam doenças. Muitos riam, contudo, de camaradas que queriam cortar todo o cabelo como uma precaução contra piolhos. De qualquer modo, a maioria acreditou nos oficiais quando eles disseram que não precisavam se preocupar com acomodações para o inverno. Na 24ª Divisão de Panzers, por exemplo, consta que o capitão von Rosenbach-Lepinski disse ao seu batalhão de reconhecimento de motociclistas: “A guerra com a Rússia vai durar apenas um mês.”

Essa confiança era, em muitos aspectos, compreensível. Mesmo os serviços secretos estrangeiros esperavam que o Exército Vermelho entrasse em colapso. A Wehrmacht reunira a maior força de invasão já vista em todos os tempos, com 3.350 tanques, cerca de 7 mil canhões de campanha e mais de 2 mil aeronaves. O Exército alemão melhorara o nível de transporte motorizado com veículos do

Exército francês; por exemplo, 70 por cento dos caminhões da 305ª Divisão de Infantaria, mais uma divisão a perecer em Stalingrado no ano seguinte, vieram da França. Mas a Wehrmacht, embora famosa pela *Blitzkrieg* [guerra relâmpago], também dependeu de mais 600 mil cavalos para rebocar canhões, ambulâncias e carroças de rações. Com a grande maioria das divisões de infantaria a pé, era improvável que a velocidade de avanço global fosse muito mais rápida que a da *Grande Armée* em 1812.

Muitos oficiais tinham sentimentos contraditórios. “Nosso otimismo era tremendo após as vitórias um tanto fáceis na Polônia, na França e nos Bálcãs”, contou o comandante da primeira companhia de Panzers a chegar ao Volga em Stalingrado, um ano e dois meses depois. Mas, sendo um dos que haviam acabado de ler Caulaincourt, ele teve “pressentimentos ruins do imenso espaço da Rússia”. Também parecia um tanto tarde para “começar uma campanha tão ambiciosa”. A Operação Barbarossa fora planejada para ter início em 15 de maio. O atraso de mais de um mês e uma semana, muitas vezes atribuído inteiramente à campanha balcânica de Hitler, na verdade foi influenciado por vários outros fatores, entre eles chuvas de primavera de excepcional intensidade, a impossibilidade da Luftwaffe de preparar campos aéreos avançados a tempo e a distribuição de transporte motorizado às divisões.

Naquela noite, os oficiais de regimentos foram informados de certas “ordens especiais” relativas ao conflito próximo. Entre elas, “medidas coletivas de força contra aldeias” em áreas de atividade guerrilheira e a “Ordem dos Comissários”. Autoridades políticas soviéticas, judeus e *partisans* deveriam ser entregues à SS ou à polícia secreta de campanha. A maioria dos oficiais de estado-maior e, sem dúvida, todos os oficiais do serviço secreto foram informados da ordem do marechal de campo von Brauchitsch, de 28 de abril, estipulando regras de campanha para as relações entre comandantes do exército

e o Sonderkommando e a polícia de segurança da SS que operava em áreas da retaguarda. Suas “tarefas especiais” faziam parte do “conflito final entre dois sistemas políticos opostos”. Por fim, uma “Ordem de Jurisdição” privava os civis russos de qualquer direito de apelação e efetivamente exonerava os soldados de acusações por crimes que cometessem, fosse assassinato, estupro ou pilhagem. A ordem assinada pelo marechal de campo Keitel em 13 de maio justificava isso com base em “que as origens da derrocada de 1918, o período de sofrimento do povo alemão que se seguiu e a luta contra o nacional-socialismo – com os muitos sacrifícios de sangue suportados pelo movimento – podem ser atribuídos à influência bolchevista. Nenhum alemão deve se esquecer disso”.

Quando o tenente Alexander Stahlberg foi avisado em particular da “Ordem dos Comissários” por seu primo, Henning von Tresckow, mais tarde um dos membros-chave da Conspiração de Julho, explodiu:

- Isso seria assassinato!

- A ordem é exatamente essa – concordou Tresckow. Stahlberg, então, perguntou de onde viera. – Do homem a quem você prestou seu juramento – respondeu o primo. – Como eu fiz – acrescentou, com um olhar penetrante.

Um certo número de comandantes recusou-se a acatar ou transmitir essas instruções. Eram em geral aqueles que respeitavam o tradicional etos do exército e antipatizavam com os nazistas. Vários, mas não todos, eram de famílias de militares, então uma proporção em rápido declínio no corpo de oficiais. Os generais eram os que tinham a menor justificativa. Mais de 200 oficiais superiores haviam assistido ao discurso de Hitler, em que ele não deixou a menor dúvida sobre a guerra próxima. Ia ser uma “batalha entre duas visões de mundo opostas”, uma “batalha de aniquilamento” contra “comissários bolchevistas e a *intelligentsia* comunista”.

A ideia de *Rassenkampf*, ou “guerra racial”, deu à campanha russa seu caráter sem precedentes. Muitos historiadores hoje afirmam que a propaganda nazista desumanizou com tanta eficácia o inimigo soviético para a Wehrmacht que esta se achava moralmente anestesiada desde o início da invasão. Talvez a maior medida da doutrinação bem-sucedida tenha sido a quase inexistente oposição interna das forças armadas alemãs à execução em massa de judeus, deliberadamente confundida com a ideia de medidas de segurança contra *partisans* na área da retaguarda. Muitos oficiais sentiram-se revoltados com o abandono pela Wehrmacht da lei internacional no *Ostfront*, mas só uma minoria manifestou repugnância pelos massacres, mesmo quando ficou claro que faziam parte de um programa de extermínio racial.

O grau de ignorância alegado após a guerra por muitos oficiais, sobretudo os de estado-maior, é meio difícil de acreditar à luz de todas as provas que agora surgiram dos seus próprios arquivos. Os quartéis-generais do Sexto Exército, por exemplo, cooperaram com o Sonderkommando 4º da SS, que os seguiu por quase todo o percurso desde a fronteira ocidental da Ucrânia até Stalingrado. Os oficiais de estado-maior não apenas tinham pleno conhecimento de suas atividades, como também forneceram tropas para ajudá-los a arrebanhar os judeus em Kiev e transportá-los para a ravina de Babi Iar.

O que é particularmente difícil de avaliar em retrospecto é o grau de ignorância inicial no nível regimental a respeito do verdadeiro programa, no qual talvez a arma mais cruel de todas fosse a fome. Poucos oficiais viram a diretriz de 23 de maio, ordenando aos exércitos alemães no Leste que expropriassem o necessário, e também enviassem no mínimo 7 milhões de toneladas de grãos por ano para a Alemanha; mas não deve ter sido difícil adivinhar seu esquema básico, com as ordens para subsistir com os recursos locais. Os líderes nazistas não tinham nenhuma

ilusão sobre as consequências para os civis privados dos recursos na Ucrânia. “Várias dezenas de milhões morrerão de fome”, previu Martin Bormann. Goering jactou-se de que a população ia ter de comer as selas dos cossacos.

Enquanto se elaboravam as ordens ilegais da Barbarossa, em março de 1941, foi o general Franz Halder, chefe do Estado-Maior, que assumiu a principal responsabilidade pela aceitação, pelo exército, de represálias coletivas contra civis. Já na primeira semana de abril de 1941, o tenente-coronel Helmuth Groscurth, que morreria logo após a rendição em Stalingrado, mostrou a dois adversários do regime, o ex-embaixador Ulrich von Hassell e o general Ludwig Beck, cópias dessas ordens secretas. “É de arrepiar os cabelos”, escreveu Hassell em seu diário, “saber das medidas a serem tomadas na Rússia e da transformação sistemática da lei militar referente à população conquistada em descontrolado despotismo – na verdade, uma caricatura de toda lei. Esse tipo de coisa torna o alemão uma espécie de ser humano que só existira na propaganda inimiga.” “O exército”, observou depois, “precisa assumir o ônus dos assassinatos e incêndios que até agora têm sido limitados à SS.”

O pessimismo de Hassell era justificado. Embora alguns comandantes do exército relutassem em distribuir as instruções, vários outros transmitiram ordens às suas tropas que pareciam ter vindo direto do gabinete de Goebbels. A mais notória de todas veio do comandante do Sexto Exército, o marechal de campo von Reichenau. O general Hermann Hoth, que mais tarde iria comandar o Quarto Exército de Panzers na campanha de Stalingrado, declarou:

– A aniquilação daqueles mesmos judeus que apoiam o bolchevismo e sua organização para assassinato, os *partisans*, é uma medida de autopreservação.

O general Erich von Manstein, oficial dos guardas prussianos, admirado como o mais brilhante estrategista da Segunda Guerra Mundial e que admitiu em particular ser

meio judeu, emitiu uma ordem logo após assumir o comando do 12º Exército em que declarava:

- O sistema judeu-bolchevista precisa ser arrancado pela raiz de uma vez para sempre. - Ele chegou até mesmo a justificar “a necessidade de medidas severas contra o povo judeu”. Quase não há menção a isso em suas memórias após a guerra, *Vitórias perdidas*.

A aceitação de símbolos nazistas no uniforme e o juramento pessoal de aliança a Hitler haviam acabado com qualquer pretensão de que o exército permanecesse independente da política.

- Os generais seguiram Hitler nessas circunstâncias - reconheceu o marechal Paulus muitos anos depois, no cativeiro soviético - e em resultado disso envolveram-se completamente nas consequências de sua política e condução da guerra.

Apesar de todas as tentativas nazistas de remodelar o Exército alemão, este não era tão monolítico no nível regimental em junho de 1941 como pretenderam alguns autores. A diferença de caráter entre uma divisão bávara, uma prussiana oriental, uma saxônia e, acima de tudo, uma austríaca logo seria observada. Mesmo na divisão de uma determinada região, às vezes havia fortes contrastes. Por exemplo, na 60ª Divisão de Infantaria Motorizada, encurralada depois num beco sem saída em Stalingrado, muitos oficiais jovens em seus batalhões de voluntários vinham da Technische Hochschule de Danzig e haviam sido contagiados pela empolgante atmosfera do retorno da cidade à pátria: “Para nós”, escreveu um deles, “o nacional-socialismo não era um programa do Partido, mas a essência mesma da condição de ser alemão.” Por outro lado, os oficiais no batalhão de reconhecimento da divisão, Aufklärungs-Abteilung 160, uma espécie de força de cavalaria mecanizada da pequena burguesia rural, vinham

sobretudo de famílias proprietárias de terras da Prússia Oriental. Incluíam o príncipe zu Dohna-Schlobitten, que servira na Garde du Corps do Kaiser na Ucrânia em 1918.

A 16ª Divisão de Panzers enraizava-se firmemente na tradição do antigo Exército prussiano. Seu Segundo Regimento de Panzers, que foi a ponta-de-lança do grupo que se precipitou para Stalingrado no verão seguinte, descendia do mais antigo regimento de cavalaria prussiano, os Guarda-Costas Cuirassiers do Grande Eleitor [um dos príncipes alemães com direito a eleger o imperador do Sacro Império Romano]. O regimento tinha tantos membros da nobreza que poucos eram tratados por sua patente militar.

- Em vez de *Herr* Capitão ou *Herr* Tenente - lembrou um dos homens da guarnição de tanques -, era *Herr* Príncipe ou *Herr* Conde.

O regimento sofrera perdas tão baixas nas campanhas polonesa e francesa que sua identidade de tempo de paz permaneceu quase intocada.

As tradições de uma era mais antiga ofereciam uma vantagem.

- No regimento - observou um oficial de outra divisão de Panzers - era seguro falar. Ninguém em Berlim podia contar piadas sobre Hitler como nós.

Oficiais conspiradores no Estado-Maior geral podiam falar em depor Hitler, mesmo com generais não envolvidos, sem correr risco de ser denunciados à Gestapo. O Dr. Alois Beck, capelão católico da 297ª Divisão de Infantaria, estava convencido de que “das três forças armadas da Wehrmacht, o exército era a menos influenciada pela ideologia nacional-socialista”. Na Luftwaffe, os que antipatizavam com o regime permaneciam calados.

- Não se podia confiar inteiramente em nenhum alemão naqueles dias - disse um tenente da Nona Divisão de Fogo Antiaéreo, capturado em Stalingrado.

Ele ousou falar livremente com um único colega oficial, que certa vez admitira em particular que os nazistas haviam matado um primo seu, retardado mental.

Um historiador salientou que, embora “a Wehrmacht não devesse ser vista como uma entidade homogênea”, a extensão em que seus diferentes elementos “se dispuseram de bom grado a participar de uma guerra de extermínio contra a União Soviética, seja numa cruzada antirussa, antibolchevista ou antijudaica, é uma área de pesquisa que precisa ser aprofundada”. O príncipe Dohna, na 60ª Divisão de Infantaria Mecanizada, ficou “chocado com minha própria insensibilidade”, quando releu seu diário muitos anos depois.

- Hoje parece impossível entender que eu tenha me deixado envolver sem protestar naquela megalomania, mas estávamos dominados pelo sentimento de que faríamos parte de uma tremenda máquina de guerra, que girava irresistivelmente para o leste contra o bolchevismo.

Às 3h15 da manhã, horário alemão, de 22 de junho, começaram as primeiras barragens de artilharia. Capturaram-se pontes sobre rios antes que os guardas de fronteira do NKVD reagissem. Suas famílias, que moravam nos postos de fronteira, morreram com eles. Em alguns casos, as cargas de demolição haviam sido retiradas antes por grupos de ataque-relâmpago silenciosos. Grupos expedicionários alemães do “Sonderverband Brandenburg” (batizado segundo seu quartel na periferia de Berlim) já se achavam na retaguarda das unidades de fronteira russas, cortando linhas telefônicas. E desde fins de abril, pequenas equipes de voluntários anticomunistas russos e ucranianos haviam se infiltrado com aparelhos de rádio. Já em 29 de abril, Beria fora informado sobre três grupos de espiões capturados transpondo a fronteira com aparelhos de rádio.

Os levados com vida haviam sido “entregues ao NKVD para outros interrogatórios”.

O primeiro sinal do amanhecer de 22 de junho surgia à frente da infantaria no horizonte oriental enquanto unidades de ponta, enfrentando obstáculos aquáticos, subiam em barcos de ataque. Muitos regimentos de infantaria, ao avançarem as últimas centenas de metros até suas linhas de partida, ouviram as ondas de bombardeiros e caças aproximando-se por detrás. Stukas com asas de gaivota, sobrevoando a baixa altitude, decolaram à procura de estacionamentos de tanques, quartéis-generais e centros de comunicação atrás das linhas.

Um oficial engenheiro do Exército Vermelho no quartel-general do Quarto Exército foi acordado pelo barulho de motores aéreos concentrados. Ele reconheceu o som da Guerra Civil espanhola, em que servira como conselheiro.

- As bombas caíam com um zunido lancinante - recordou.
- O prédio do quartel-general do exército que tínhamos acabado de deixar estava envolto em fumaça e poeira. As poderosas rajadas encheram o ar e fizeram nossos ouvidos soarem. Surgiu outro avião de caça. Os bombardeiros alemães mergulhavam confiantes no núcleo militar indefeso. Quando terminou o violento ataque, colunas de fumaça espessas formavam vagalhões acima de vários lugares. Parte do prédio do quartel-general estava em ruínas. Em algum lugar, uma voz feminina estridente, histérica, gritava.

O principal esforço da Luftwaffe foi dirigido contra os regimentos da aviação do Exército Vermelho. Saídas preventivas durante as nove horas seguintes destruíram 1,2 mil aeronaves soviéticas, a grande maioria no solo. Os pilotos dos Messerschmitt mal acreditaram em seus olhos quando, ao se inclinarem em curva sobre aeródromos instantaneamente identificáveis por reconhecimento fotográfico, vislumbraram centenas de aviões inimigos alinhados habilmente em dispersão ao lado das pistas. Os

que conseguiam decolar ou chegavam de campos aéreos mais a leste revelaram-se alvos fáceis. Alguns pilotos soviéticos que jamais haviam aprendido técnicas de combate aéreo, ou sabiam que seus modelos obsoletos não tinham a menor chance até recorreram a investi-los contra aeronaves alemãs. Um general da Luftwaffe descreveu como infanticidas essas batalhas aéreas contra pilotos inexperientes.

As divisões de Panzers, com os motores dos tanques e meias-lagartas ligados, quase nada ouviam, a não ser pelos fones de cabeça. Receberam ordem para avançar assim que a infantaria fechasse as pontes e os cruzamentos. A tarefa das formações de Panzers era atravessar e depois cercar o grosso do exército inimigo, bloqueando-o num *Kessel*, ou caldeirão. Era assim que a Wehrmacht planejava destruir a força de combate do Exército Vermelho e depois avançar para seus três principais objetivos praticamente sem oposição: Leningrado, Moscou e a Ucrânia.

O Grupo Norte do Exército, sob o comando do marechal de campo Ritter von Leeb, era basicamente responsável pelo avanço da Prússia Oriental aos estados bálticos para bloquear os portos e depois seguir em direção a Leningrado. O Grupo Central do Exército, sob o marechal de campo Fedor von Bock, deveria tomar a estrada para Moscou assim que cercasse as principais concentrações do Exército Vermelho em seu caminho. Contudo, Brauchitsch e Halder ficaram profundamente transtornados quando Hitler decidiu enfraquecer essa ofensiva central, a fim de apoiar o que eles consideravam operações subsidiárias. O Führer acreditava que, assim que se apreendessem a riqueza agrícola da Ucrânia e os campos de petróleo caucasianos, estaria garantida a invencibilidade do Reich. O Grupo Sul do Exército, sob o marechal de campo Gerd von Rundstedt, logo apoiado à direita por um pequeno exército húngaro e dois exércitos romenos, foi encarregado dessa missão. O ditador romeno, marechal Ion Antonescu, deliciara-se ao

saber da Operação Barbarossa dez dias antes de ser lançada.

- Claro que estarei lá desde o início - dissera. - Quando se trata de uma questão contra os eslavos, podem contar sempre com a Romênia.

No aniversário da proclamação de Napoleão, do seu quartel-general imperial em Wilkowsky, Hitler expediu uma longa justificativa do rompimento de relações com a União Soviética. Virou a verdade pelo avesso, afirmando que a Alemanha foi ameaçada por “cerca de 160 divisões russas concentradas em nossa fronteira”. Portanto, deu início à “cruzada europeia contra o bolchevismo” com uma mentira deslavada ao seu próprio povo e aos seus próprios soldados.

3

“Arrombem a porta que toda a estrutura podre desabarará!”

Raras vezes um atacante gozara de tantas vantagens quanto a Wehrmacht em junho de 1941. A maioria do Exército Vermelho e das unidades de fronteira, após receber ordens de não reagir a “provocações”, não soube o que fazer. Mesmo além da 12ª hora, Stalin continuava desesperadamente esperançoso de uma última chance de conciliação e relutou em permitir que suas tropas revidassem. Um oficial, ao entrar no escritório do general D. G. Pavlov, comandante da frente central, ouviu-o berrando ao telefone, exasperado, quando mais um comandante da linha de frente lhe comunicou atividade alemã na fronteira:

- Eu sei! Isto já foi comunicado! Os de cima sabem mais que nós!

Os três exércitos soviéticos dispostos ao longo da fronteira por ordens de Stalin jamais tiveram uma chance, e suas brigadas de tanque atrás foram destruídas por ataque aéreo antes que tivessem uma oportunidade de dispor as tropas em posição de combate. A poderosa cidadela do século XVIII de Brest-Litovsk, cidade onde o Estado-Maior geral do Kaiser infligira um *Diktat* tão humilhante a Lenin e Trotski em 1918, foi cercada nas primeiras horas. Os dois grupos de Panzers do Grupo Central do Exército, comandados pelos generais Hoth e Guderian, encurralaram grandes forças soviéticas em dois cercos rápidos. Em cinco dias, suas forças haviam se reunido perto de Minsk, a uns 320 quilômetros da fronteira. Mais de 300 mil soldados do Exército Vermelho foram presos, e 2,5 mil tanques, destruídos ou capturados.

No Norte, pondo-se a caminho da Prússia Oriental pelo rio Niemen, o Quarto Grupo de Panzers atravessou, derrubando com facilidade, a linha russa. Cinco dias depois, o 56º Corpo de Panzers do general von Manstein, avançando quase 80 quilômetros por dia, chegara a meio caminho de Leningrado e garantira a travessia do rio Dvina. Essa “impetuosa investida”, escreveu depois Manstein, “era a realização do sonho de um comandante de tanque”.

A Luftwaffe, enquanto isso, continuara dizimando a aviação do Exército Vermelho. Próximo ao fim do segundo dia de combate, elevara seu escore para 2 mil aviões destruídos. A União Soviética pôde construir novas aeronaves e treinar novos pilotos, mas esse “infanticídio” imediato de tripulação aérea arrasou o moral por um longo tempo.

- Nossos pilotos sentem que já são cadáveres quando decolam - confessou um oficial de esquadrilha meses depois, no auge da batalha de Stalingrado. - É daí que vêm as perdas.

No Sul, onde as forças soviéticas eram mais fortes, o avanço alemão foi muito menos rápido. O general Kirponos conseguira estabelecer uma defesa em profundidade, em

vez de enfileirar seus exércitos ao longo da fronteira. Mas embora suas divisões causassem pesadas baixas aos alemães, suas próprias perdas foram infinitamente maiores. Kirponos precipitou as formações de tanques na batalha antes que pudessem se dispor efetivamente em posição de combate. No segundo dia, 23 de junho, o Primeiro Grupo de Panzers do general Ewald von Kleist surgiu contra as divisões soviéticas equipado com o monstruoso tanque KV e, pela primeiríssima vez, as equipes alemãs viram o tanque T-34, o melhor de múltiplas funções criado na Segunda Guerra Mundial.

A redução da frente Sul entre os pântanos de Pripet e os montes Cárpatos levou muito mais tempo que o esperado. O Sexto Exército do marechal de campo von Reichenau viu-se continuamente perseguido à esquerda por forças russas isoladas no pantanal coberto de árvores. Reichenau queria os prisioneiros executados como *partisans*, estivessem ou não ainda uniformizados. As unidades do Exército Vermelho também fuzilavam seus cativos alemães, sobretudo os pilotos da Luftwaffe que saltavam de paraquedas. Havia poucas oportunidades de enviá-los para a retaguarda, e não os queriam salvos pelo avanço inimigo.

Em Lvov, capital da Galícia, o NKVD chacinava os prisioneiros políticos para evitar que fossem soltos pelos alemães. Sua selvajaria foi sem dúvida intensificada pela atmosfera de suspeita e caos na cidade, com embriaguez e saques. Lvov estava submetida não apenas aos bombardeios aéreos, mas também à sabotagem pelos grupos de nacionalistas ucranianos organizados pelos alemães. O clima de violento medo fora alentado pouco antes da invasão por zombarias da população não russa:

- Os alemães estão vindo para pegar vocês.

A convicção de Hitler de que a União Soviética não passava de uma “estrutura podre” que logo “desabaria” era

compartilhada por muitos observadores e serviços de espionagem estrangeiros. O expurgo de Stalin do Exército Vermelho, iniciado em 1937, fora atizado por uma inimitável mistura de paranoia, sádica megalomania e vingança por velhas desfeitas que remontavam à guerra civil russa e à guerra russo-polonesa.

Ao todo, 36.671 oficiais foram executados, presos ou afastados, e dos 706 oficiais do escalão de comandante de brigada para cima, apenas 303 permaneceram intocados. As acusações contra os oficiais presos eram em geral invenções grotescas. O coronel K. K. Rokossovski, mais tarde o comandante que desferiu o *coup de grâce* em Stalingrado, enfrentou provas supostamente fornecidas por um homem que morrera quase vinte anos antes.

A mais destacada vítima foi o marechal Mikhail Tukhachevski, principal defensor da guerra móvel. Sua prisão e execução também representaram a destruição deliberada do pensamento operacional do Exército Vermelho, que havia perigosamente invadido os domínios de estratégia de Stalin. Antigos oficiais do exército imperial sob Tukhachevski vinham desenvolvendo uma sofisticada teoria de “Arte Operacional”, baseada “no estudo da relação entre poder de fogo e mobilidade”. Em 1941, isso era uma heresia, uma traição, o que explicava por que poucos generais do Exército Vermelho haviam ousado agrupar eficazmente seus tanques contra a ameaça alemã.

Dois anos e meio depois do início do expurgo, o Exército Vermelho deu um desastroso espetáculo na Guerra de Inverno contra a Finlândia. O marechal Voroshilov, velho camarada de Stalin do Primeiro Exército de Cavalaria, demonstrou espantosa falta de imaginação. Os finlandeses venceram repetidas manobras dos adversários. Suas metralhadoras ceifaram a compacta infantaria soviética, lutando e avançando pelos campos de neve. Só depois de pôr em combate cinco vezes mais homens e imensas concentrações de artilharia que os adversários, o Exército

Vermelho começou a predominar. Hitler observara animado esse desempenho deplorável.

O serviço secreto japonês adotou uma visão um tanto diferente. Foi quase o único serviço de informação estrangeira que não subestimou o Exército Vermelho desta vez. Uma série de escaramuças de fronteira na Manchúria, que culminaram na batalha de Khalkin-Gol em agosto de 1939, havia mostrado o que um jovem e agressivo comandante, neste caso o general Georgi Jukov, de 43 anos, podia realizar. Em janeiro de 1941, Stalin foi persuadido a promover Jukov a chefe do Estado-Maior geral. Portanto, ele se encontrava bem no centro quando, no dia seguinte à invasão, Stalin criou um quartel-general supremo do Estado-Maior geral, sob seu antigo nome czarista de *Stavka*. O Grande Líder nomeou-se em seguida Comissário de Defesa e Comandante Supremo das Forças Armadas Soviéticas.

Nos primeiros dias da Barbarossa, os generais alemães pouco viram que mudasse sua opinião desfavorável sobre os comandantes soviéticos, sobretudo na parte central do *front*. O general Heinz Guderian, como a maioria dos colegas, ficou impressionado com a disposição dos comandantes do Exército Vermelho de desperdiçar a vida dos seus homens em números prodigiosos. Também observou num memorando que eles se sentiam severamente tolhidos pelas “exigências políticas da liderança do Estado” e sofriam de um “medo básico da responsabilidade”. Isso, agravado pela má coordenação, significou que “as ordens para realizar medidas necessárias, em particular contramedidas, foram distribuídas tarde demais”. As forças de tanque soviéticas achavam-se “insuficientemente treinadas, e faltaram inteligência e iniciativa durante a ofensiva”. Tudo isso era verdade, mas Guderian e seus colegas subestimaram o desejo íntimo do Exército Vermelho de aprender com seus erros.

O processo de reforma não foi, claro, fácil nem rápido. Stalin e seus funcionários, em especial os comissários superiores, recusavam-se a reconhecer que sua interferência política e obsessiva cegueira haviam causado esses desastres. Os comandantes do *front* e do exército haviam sido incapacitados pelas instruções ilógicas, em termos militares, do Kremlin. Para piorar tudo, o sistema de “duplo comando” de comissários que aprovavam ordens voltou a vigorar em 16 de julho. Os controladores políticos do Exército Vermelho tentaram fugir à responsabilidade acusando de traição, sabotagem ou covardia os comandantes da linha de frente e seus oficiais de estado-maior.

O general Pavlov, comandante da parte central do *front*, que berrara ao telefone que os de cima sabiam mais o que estava acontecendo, não foi poupado por ter cumprido ordens. Acusado de traição, tornou-se a mais destacada vítima a ser executada na segunda rodada dos expurgos do Exército Vermelho. Pode-se imaginar a atmosfera paralisante nos quartéis-generais. Um sapador especializado em minas, que chegou a um centro de comando acompanhado por guardas de fronteira do NKVD que conheciam a área, foi saudado com expressões de terror. Um general balbuciou, patético:

- Eu fiquei com as tropas e fiz de tudo; não sou culpado de nada.

Só então o oficial sapador percebeu que, ao verem os crachás de sua escolta, aqueles oficiais de estado-maior haviam imaginado que ele fora prendê-los.

Durante essa histeria de fuga à responsabilidade, começou o trabalho de base da reorganização. A diretriz da *Stavka* de Jukov, de 15 de julho de 1941, estabelecia “certas conclusões” após “a experiência de três semanas de guerra contra o fascismo alemão”. Seu principal argumento era que o Exército Vermelho sofrera de más comunicações e formações grandes e lentas demais, o que simplesmente

oferecera um “alvo vulnerável a ataques aéreos”. Exércitos grandes, com vários corpos, “dificultavam a organização do comando e o controle durante uma batalha, sobretudo porque muitos dos nossos oficiais são jovens e inexperientes”. (Embora não se tenham mencionado os expurgos, sua sombra era difícil de esquecer.) “A *Stavka*”, escreveu ele, “acredita, portanto, que é necessário preparar-se para mudar para um sistema de pequenos exércitos, consistindo no máximo de cinco ou seis divisões.” Esta medida, quando acabou sendo introduzida, melhorou imensamente a rapidez de reação, eliminando em grande parte o nível de comando de corpo entre divisão e exército.

O maior erro cometido pelos comandantes alemães foi haver subestimado “Ivan”, como eram chamados os soldados rasos do Exército Vermelho. Logo descobriram que os soldados soviéticos cercados ou superados em número continuavam a lutar quando seus colegas de exércitos ocidentais teriam se rendido. Imediatamente após a primeira manhã da Barbarossa, havia inúmeros casos de extraordinária coragem e autossacrifício, embora talvez não tantos quanto os de pânico em massa, mas isso devido em grande parte à confusão. A defesa da cidadela de Brest-Litovsk foi o exemplo mais impressionante disso. A infantaria alemã ocupou o complexo após uma semana de pesado combate, mas alguns soldados do Exército Vermelho resistiram durante quase um mês desde o ataque inicial, sem qualquer reabastecimento de munição ou comida. Um dos defensores rabiscou num muro: “Vou morrer, mas não me entrego. Adeus, Minha Pátria. 20/VII-41.” Este pedaço de muro continua reverentemente preservado no Museu Central das Forças Armadas em Moscou. O que não se diz é que vários soldados soviéticos capturados na cidadela conseguiram sobreviver aos campos de prisioneiros de guerra nazistas até a libertação, em 1945. Em vez de serem tratados como heróis, foram mandados direto para o *gulag*²

pela SMERSH, após a decisão de Stalin de que todo aquele que houvesse caído em mãos inimigas era traidor. Ele repudiou o próprio filho, Iakov, capturado perto de Vitebsk em 16 de julho.

À medida que o caos no lado russo foi diminuindo durante o verão, a resistência se tornou mais ferrenha. O general Halder, que no início de julho julgara próxima a vitória, logo se sentiu menos seguro. “Em toda parte, os russos lutam até o último homem”, escreveu em seu diário. “Só capitulam de vez em quando.” Guderian também reconheceu que os homens da infantaria eram “quase sempre obstinados na defesa” e acrescentou que eles demonstravam habilidade no combate à noite e em florestas. Essas duas vantagens, acima de tudo o combate noturno, iam revelar-se muito mais importantes do que os alemães se davam conta.

Os comandantes alemães achavam que nenhuma sociedade governada pelo terror político poderia defender-se contra um ataque decidido de fora. A calorosa acolhida dos civis convenceu muitos alemães de que venceriam. Ucrânianos devotos, que haviam sofrido uma das mais apavorantes fomes da história causadas pelo homem, saudaram a chegada dos veículos militares com cruzes negras, símbolos de uma nova cruzada contra o anticristo. Mas os planos de subjugação e exploração de Hitler conseguiriam apenas fortalecer a “estrutura podre”, obrigando até mesmo aqueles que detestavam o regime stalinista a apoiá-lo.

Stalin e o aparato do Partido Comunista logo reconheceram a necessidade de mudar de retórica, expurgando-a de clichês marxista-leninistas. A expressão “Grande Guerra Patriótica” surgiu numa manchete no primeiro exemplar do *Pravda* publicado após a invasão, e o próprio Stalin logo adotou essa deliberada evocação da

“Guerra Patriótica” contra Napoleão. Mais tarde naquele ano, no aniversário da Revolução de Outubro, invocou os heróis distintamente não proletários da história russa: Alexandre Nevski, Dmitri Donskoi, Suvorov e Kutuzov.

A preservação da reputação pessoal de Stalin foi muito ajudada pela ignorância política da maioria da população. Pouca gente de fora da *nomenklatura* e da *intelligentsia* bem-relacionada associava-o diretamente à recusa a reconhecer a ameaça da Alemanha e aos desastres do início de julho. Stalin, em sua transmissão radiofônica de 3 de julho, não assumiu, claro, nenhuma parte da culpa. Dirigiu-se ao povo como “irmãos e irmãs”, dizendo-lhes que a Pátria se achava em grande perigo, com os alemães avançando em profundidade na União Soviética. Considerando todos os aspectos, essa admissão, com sua franqueza sem precedentes, fortaleceu o estado de espírito do país, porque até então os comunicados oficiais haviam falado apenas de pesadas perdas infligidas ao inimigo. Foi, no entanto, um grande choque para muitos, como os alunos da Universidade Técnica de Stalingrado, que esperavam assinalar o avanço das tropas do Exército Vermelho na Alemanha com bandeiras em seu mapa na parede. Quando se tornou claro o avanço “chocante e incompreensível” da Wehrmacht, o mapa foi retirado às pressas.

O que quer que se pense do stalinismo, não resta a menor dúvida de que sua preparação ideológica, por meio de alternativas deliberadamente manipuladas, forneceu argumentos de implacável eficácia para a guerra total. Todas as pessoas que pensavam certo tiveram de aceitar que o fascismo era mau e deveria ser destruído por quaisquer meios. O fascismo era totalmente dedicado à destruição do Partido Comunista, portanto este devia liderar a luta. Essa forma de lógica é captada no romance de Vasili Grossman, *Vida e destino*. “O ódio que o fascismo tem por nós”, declara Montovskoi, um velho bolchevista que se

desentendeu com o stalinismo, “é mais uma prova – de longo alcance – da justiça da causa de Lenin.”

Contudo, os argumentos políticos eram de importância secundária para a maioria da população. Seu verdadeiro estímulo vinha de um patriotismo visceral. O cartaz de recrutamento “A Pátria Chama!” mostrava uma típica russa prestando o juramento militar e tendo às costas um feixe de baionetas. Embora pouco sutil, foi profundamente eficaz na época. Esperavam-se imensos sacrifícios. “Nosso objetivo é defender algo maior que milhões de vidas”, escreveu um jovem comandante de tanque em seu diário, após um mês exato da invasão. “Não estou falando da minha própria vida. A única coisa a fazer é perdê-la em favor da Pátria.”

Quatro milhões de pessoas ofereceram-se como voluntários para a milícia *opolchentsi*. O desperdício de vidas foi tão terrível que é difícil compreendê-lo: uma carnificina cuja inutilidade talvez só tenha sido excedida pelo rei zulu conduzindo à força uma *impi* [unidade] de seus guerreiros sobre um penhasco para comprovar a disciplina deles. Esses soldados destreinados, muitas vezes sem armas e vários em trajes civis, foram praticamente atirados contra as formações de Panzers da Wehrmacht. Quatro divisões de milícias foram quase totalmente dizimadas antes mesmo que se iniciasse o cerco de Leningrado. Famílias, que ignoravam a incompetência e o caos no *front*, com embriaguez e saques, ou as execuções do NKVD, pranteavam quase sem crítica ao regime. A raiva era reservada ao inimigo.

A maioria dos atos de bravura daquele verão nunca foi revelada, tendo desaparecido com a morte das testemunhas. Algumas das histórias, contudo, surgiram depois, em parte porque se intensificou um forte sentimento de justiça entre as fileiras de que não se estavam reconhecendo os feitos de muitos homens valentes. Por exemplo, encontrou-se uma carta no corpo de um certo cirurgião Maltsev, em Stalingrado, manifestando a

necessidade de atestar a coragem de um camarada durante a terrível retirada. “Amanhã, ou depois de amanhã, vai ocorrer uma grande batalha”, escrevera ele, “e eu na certa serei morto, e sonho com que esta história seja publicada, para que as pessoas saibam das façanhas realizadas por Lichkin.”

Histórias de bravura ofereciam pouca compensação na época. Em meados de julho, o Exército Vermelho achava-se numa posição desesperadora. Nas primeiras três semanas de combate, perdera 3,5 mil tanques, mais de 6 mil aeronaves e uns 2 milhões de homens, entre eles uma significativa proporção do corpo de oficiais do Exército Vermelho.

O desastre seguinte foi a batalha em torno de Smolensk, durante a segunda metade de julho, em que vários exércitos soviéticos foram apanhados em cercos. Embora pelo menos cinco divisões houvessem escapado, uns 300 mil soldados do Exército Vermelho ainda continuavam sendo feitos prisioneiros no início de agosto. Perderam-se também mais de 3 mil tanques e 3 mil canhões. Muito mais divisões soviéticas foram então sacrificadas, uma após a outra, para impedir que as divisões de Panzers do marechal de campo von Bock capturassem os entroncamentos ferroviários de Ielnaia e Roslavl, vedando outro bolsão. Alguns historiadores, contudo, afirmam convincentemente que isso atrasou o avanço alemão num momento crucial, com importantes consequências posteriores.

No Sul, o grupo armado do marechal de campo von Rundstedt, agora apoiado por romenos e húngaros, fez 100 mil prisioneiros das divisões isoladas no bolsão de Uman no início de agosto. O avanço na Ucrânia pela pradaria aberta, ondulada, com girassóis, soja e milho não colhidos, parecia irrefreável. Mas a maior concentração de forças soviéticas encontrava-se ao redor da capital ucraniana, Kiev. Seu

comandante em chefe era outro dos velhos camaradas de Stalin, o marechal Budenni, tendo Nikita Kruchov como comissário-chefe, cuja principal responsabilidade era a evacuação da maquinaria industrial para o leste. O general Jukov avisou a Stalin que o Exército Vermelho tinha de abandonar Kiev para evitar o cerco, mas o ditador soviético, que acabara de informar a Churchill que a União Soviética jamais entregaria Moscou, Leningrado e Kiev, perdeu as estribeiras e retirou-o da posição de chefe do Estado-Maior geral.

Assim que as forças móveis de Rundstedt terminaram em Uman, foram em frente, mudando de direção para o sul de Kiev. O Primeiro Grupo de Panzers virou depois para o norte, juntando-se às divisões de Guderian, cujo ataque repentino desferido pelo *front* central pegou de surpresa o comando soviético. Ficou claro o perigo de uma terrível armadilha, mas Stalin recusou-se a abandonar Kiev. Só mudou de ideia quando já era tarde demais. Em 21 de setembro, terminou a batalha do cerco de Kiev. Os alemães fizeram mais de 665 mil prisioneiros. Hitler descreveu-a como “a maior batalha da história do mundo”. Já o chefe do Estado-Maior geral, Halder, chamou-a de o maior erro estratégico da campanha no Leste. Como Guderian, achava que todas as energias deviam ter se concentrado em Moscou.

Os invasores que avançavam, derrubando uma posição atrás da outra, ficaram com as emoções e ideias confusas quando contemplaram, com um misto de descrença, desprezo e também medo, o inimigo comunista, que lutara até o último momento. As pilhas de cadáveres pareciam ainda mais desumanizadas quando carbonizados e com metade das suas roupas arrancada pela força da explosão de uma granada. “Olhem bem esses mortos, esses mortos tártaros, esses mortos russos”, escreveu um jornalista vinculado ao exército alemão na Ucrânia. “São cadáveres novos, novinhos em folha. Recém-entregues pela grande fábrica da *Piatiletka* [plano quinquenal]. São todos iguais.

Produzidos em massa. Esses corpos de trabalhadores mortos num acidente industrial personificam uma nova raça, uma raça forte.” Contudo, por mais convincente que seja a imagem, foi um erro supor que os corpos diante deles eram apenas robôs comunistas modernos. Eram os restos de homens e mulheres que, na maioria dos casos, haviam reagido a um senso de patriotismo de certo modo espiritual e visceral.

4

A arrogância de Hitler: a batalha atrasada por Moscou

“A vastidão da Rússia nos devora”, escreveu à esposa o marechal de campo von Rundstedt logo depois que seus exércitos completaram com êxito o cerco de Uman. O estado de espírito dos comandantes alemães começara a oscilar entre a autocongratulação e a inquietação. Eles conquistavam imensos territórios, mas o horizonte parecia igualmente ilimitado. O Exército Vermelho perdera mais de dois milhões de homens e, no entanto, surgiam mais exércitos soviéticos. “No início da guerra”, escreveu em seu diário o general Halder, em 11 de agosto, “calculamos cerca de 200 divisões inimigas. Agora já contamos 360.” A porta fora arrombada, mas a estrutura não desabava.

Em meados de julho, a Wehrmacht já perdera seu ímpeto inicial. Simplesmente não era forte o bastante para montar ofensivas simultâneas em três direções diferentes. As baixas haviam sido maiores que o esperado – mais de 400 mil em fins de agosto – e o desgaste nos veículos muito superior ao previsto. Os motores começavam a entupir com grãos de areia das nuvens de poeira e quebravam o tempo

todo, e as reposições eram supridas com grande escassez. Também as más condições das comunicações faziam sentir seu peso. Os trilhos ferroviários, que eram de uma bitola ligeiramente mais larga, tinham de ser substituídos, e em vez das rodovias assinaladas em seus mapas os exércitos encontraram estradas de terra que se transformavam em lama e atoleiro com uma breve chuva de verão. Em muitos lugares pantanosos, as tropas alemãs tiveram de construir suas próprias “pistas de madeira roliça” com troncos de bétula dispostos lado a lado. Quanto mais avançavam no interior da Rússia, mais difícil era levar os suprimentos para a frente. Colunas de Panzers a toda velocidade tinham de parar por falta de combustível.

As divisões de infantaria, que compunham o grosso do exército, marchavam “até 64 quilômetros por dia” (porém, com mais frequência, uns 32), as botas de cano alto e folgado estorricando no calor de verão. O *Landser*, ou soldado de infantaria, carregava cerca de 25 quilos de equipamento, incluindo capacete de aço, fuzil, munição e ferramenta de trincheira. Sua mochila de lona e couro continha lata de rancho, cantil, um fogão de campo Esbit, uma combinação de colher e garfo de alumínio, equipamento para limpeza de fuzil, roupas de reserva, mastros e estacas de tenda, curativos de campanha, estojo de costura, lâmina de barbear, sabonete e preservativos Vulkan Sanex, embora estivessem oficialmente proibidas as relações sexuais com civis.

A infantaria se exauria tanto, caminhando em condições difíceis com o equipamento completo, que muitos adormeciam em marcha. Mesmo as tropas de Panzers estavam exaustas. Após fazerem a revisão de seus veículos – a manutenção das esteiras era o trabalho mais pesado – e a limpeza dos fuzis, tomavam um banho rápido num balde de lona, na vã tentativa de remover a lama e o óleo entranhados nas mãos. Com os olhos inchados de fadiga, depois se barbeavam, piscando em frente a um espelho

temporariamente preso a um suporte de metralhadora. A infantaria tendia a referir-se a si mesma como “*die Schwarze*” por causa dos seus macacões pretos. Os correspondentes de guerra descreviam-nos como “os cavaleiros da guerra moderna”, mas seus veículos engasgados de poeira quebravam com monótona regularidade.

As frustrações provocavam conflitos entre comandantes. A maioria – da qual o general Heinz Guderian era o que falava mais sem rodeios – desesperava-se com os desvios de Hitler. Moscou era não apenas a capital da União Soviética, diziam, mas também um importante centro de comunicações e de indústria de armamentos. Um ataque a Moscou também levaria os exércitos soviéticos à destruição final mais rápido. O Führer, contudo, mantinha os generais em ordem explorando suas rivalidades e desentendimentos. Dizia-lhes que não sabiam nada de assuntos econômicos. Leningrado e o Báltico tinham de ser conquistados para proteger o comércio essencial com a Suécia, enquanto a agricultura da Ucrânia era vital para a Alemanha. Mas parte de seu instinto de evitar o caminho de Moscou era uma fuga supersticiosa dos passos de Napoleão.

O Grupo Central do Exército, tendo ocupado Smolensk e cercado os exércitos soviéticos além da cidade em fins de julho, recebeu ordens de parar. Hitler enviou a maior parte do grupo de Panzers para o norte, a fim de ajudar no ataque a Leningrado, enquanto a “Panzerarmee Guderian” (a nova designação era um típico “cala-boca” hitleriano a um general descontente, mas necessário) foi desviada para o sul, com a finalidade de agir como a mandíbula superior do grande cerco de Kiev.

Hitler mudou mais uma vez de ideia no início de setembro, quando afinal concordou com a Operação Tufão, o avanço para Moscou. Perdeu-se ainda mais tempo porque

as divisões de Panzers de Hoth continuavam envolvidas em combates nos arredores de Leningrado. As forças para a Operação Tufão acabaram só ficando prontas nos últimos dias de setembro. Moscou está localizada a apenas uns 320 quilômetros de onde o Grupo Central do Exército parara, e faltava pouco tempo para o início do período de lama do outono e, logo depois, do inverno. Quando o general Friedrich Paulus, principal planejador de Halder para a Barbarossa, suscitara antes a questão da guerra no inverno, Hitler proibira qualquer menção ao assunto.

Na *Wolfsschanze*, o Führer contemplava o mapa de operações que mostrava as imensas áreas teoricamente controladas por suas forças. Para um visionário que conquistara o poder total num país dono do exército mais bem treinado do mundo, a visão dava uma sensação de invencibilidade. Esse estrategista de gabinete jamais possuiu as qualidades para o verdadeiro generalato, pois ignorava os problemas práticos. Durante as breves campanhas na Polônia, Escandinávia, França e os Bálcãs, o reabastecimento fora às vezes difícil, mas jamais um problema insuperável. Na Rússia, contudo, a logística seria um fator tão decisivo quanto o poder de fogo, o potencial humano, a mobilidade e o moral das tropas. A irresponsabilidade fundamental de Hitler – um repto ao destino psicologicamente interessante – fora lançar a mais ambiciosa invasão da história recusando-se, ao mesmo tempo, a adaptar a economia e a indústria alemãs para a guerra total. Em retrospecto, parece mais um ato de jogador compulsivo, esforçando-se inconscientemente por elevar as apostas. As horríveis consequências para milhões de pessoas pareciam apenas fortalecer sua megalomania.

O marechal de campo von Bock tinha sob seu comando 1,5 milhão de homens, mas as divisões de Panzers achavam-se enfraquecidas pela falta de substituição de tanques e peças

sobressalentes. Quando reuniu seus comandantes na véspera da ofensiva, estipulou o dia 7 de novembro (aniversário da Revolução Russa) como o prazo final para cercar a capital soviética. O ambicioso Bock ansiava por ser conhecido como o conquistador de Moscou.

Enquanto isso, a *Stavka* estivera esperando uma ofensiva alemã contra Moscou desde que o Grupo Central do Exército parara em meados de agosto. Stalin mandara o general Ieremenko organizar exércitos numa nova Frente de Briansk, enquanto duas outras frentes, Ocidental e de Reserva, eram preparadas para proteger a capital. Mas apesar dessas precauções as forças de Ieremenko foram tomadas de surpresa quando na manhã de 30 de setembro, logo cedo, os *Schwerpunkte* dos tanques de Guderian lhes atacaram o flanco Sul surgindo de um nevoeiro outonal. O sol logo irrompeu, trazendo um dia claro e quente, ideal para a ofensiva. Os alemães nada tinham a temer do ar. Naquele momento, menos de 5 por cento da aviação do Exército Vermelho na Rússia europeia ainda sobrevivia.

Durante os primeiros dias de outubro, a ofensiva prosseguiu à perfeição para os alemães, com os grupos de Panzers e a Segunda Frota Aérea do marechal de campo Kesselring trabalhando em estreita cooperação. Ieremenko pediu à *Stavka* permissão para se retirar, mas não lhe foi dada. Em 3 de outubro, as unidades de vanguarda de Guderian à direita chegaram à cidade de Orel, 201 quilômetros atrás das linhas de Ieremenko. A surpresa foi completa. Quando os Panzers na vanguarda entraram a toda velocidade na rua principal, atrás dos bondes elétricos, os passantes lhes acenaram, pensando que fossem russos. O Exército Vermelho nem sequer tivera tempo de preparar cargas para explodir as importantes fábricas de armas. Em 6 de outubro, Ieremenko e seu estado-maior escaparam por um fio da captura por tanques alemães logo depois do meio-dia. Perderam-se todas as comunicações. No caos dos dias seguintes, o marechal Budenni, supostamente

comandando a Frente de Reserva, perdeu até mesmo seu quartel-general, e Ieremenko, gravemente ferido na perna, teve de ser evacuado pelo ar.

Os líderes soviéticos no Kremlin a princípio se recusaram a admitir a escala da ameaça. Em 5 de outubro, um piloto de caça comunicou que uma coluna de Panzers alemães de quase 20 quilômetros de comprimento avançava rapidamente pela estrada para Iukhnov, a pouco mais de 160 quilômetros de Moscou. Mesmo quando outro piloto foi mandado em reconhecimento e confirmou a informação, a *Stavka* ainda se recusou a acreditar nela. Enviou-se um terceiro piloto, e também ele confirmou a visão. Isso não impediu Beria de querer prender e interrogar o comandante deles como “alarmista”, mas a informação acabou galvanizando o Kremlin.

Stalin convocou uma sessão de emergência do Comitê de Defesa do Estado. Também ordenou ao general Jukov, que revigorara de modo brutal a defesa de Leningrado, que voltasse imediatamente de avião. Depois que o próprio Jukov viu o caos, Stalin instruiu-o a reorganizar os restos do desastre numa nova frente ocidental. Toda unidade disponível foi lançada na formação de uma espécie de linha até que as reservas da *Stavka* pudessem ser distribuídas em posição de combate. Com a própria Moscou agora em perigo, mais de 100 mil homens foram mobilizados como milícia e fizeram um quarto de milhão de civis, a maioria mulheres, ir à frente para cavar fossos antitanques.

A primeira neve caiu na noite de 6 de outubro, derretendo-se logo depois e transformando as estradas em lama espessa durante 24 horas. Os grupos de Panzers de Bock ainda assim conseguiram realizar dois grandes cercos duplos, um pela própria Frente de Briansk e o outro em torno de Viazma, na estrada central para Moscou. Os alemães afirmaram ter isolado 665 mil soldados do Exército Vermelho e destruído ou capturado 1.242 tanques – mais que o total dos três grupos de Panzers de Bock.

“Que grande satisfação deve ser para você ver seus planos amadurecendo tão bem!”, escreveu o marechal de campo von Reichenau ao general Paulus, seu antigo chefe de estado-maior, que logo se tornaria seu sucessor como comandante em chefe do Sexto Exército. Mas grupos de soldados russos, embora cercados e sem abastecimento, lutaram em bolsões isolados até o fim do mês.

- Um reduto após o outro tem de ser capturado individualmente - ouviu Paulus de um comandante divisional. - Com frequência, não conseguimos fazê-los sair nem com lança-chamas e temos de explodir e despedaçar tudo.

Várias divisões de Panzers alemães também depararam com uma nova forma de arma inconveniente durante esse combate. Encontraram cães russos correndo em sua direção com uma sela de aparência curiosa, contendo uma carga em cima com uma curta vareta vertical. A princípio, as tropas pensaram tratar-se de cães com material de primeiros-socorros, mas depois perceberam que os animais tinham explosivos ou minas antitanques presos com correia às selas. Esses “cães-minas”, treinados segundo princípios pavlovianos, haviam sido ensinados a correr para baixo de veículos grandes a fim de ganhar comida. A vareta, roçando contra o fundo do veículo, detonava a carga. A maioria dos cães era abatida a tiros antes de atingir o alvo, mas essa tática macabra tinha um efeito enervante.

Contudo, foi o clima que logo se tornou o pior obstáculo para a Wehrmacht. A estação de chuva e lama, a *rasputitsa*, teve início antes de meados de outubro. Os caminhões alemães de ração muitas vezes não conseguiam passar, por isso carroças de fazenda puxadas por um único cavalo, conhecidas como carroças *panje* (gíria da Wehrmacht para camponês polonês ou russo), foram tomadas à força de comunidades agrícolas ao longo de centenas de quilômetros em volta. Em alguns lugares, onde não havia troncos de bétula para fazer uma pista de madeira roliça, usavam

cadáveres de russos como “pranchas”. O *Landser* muitas vezes perdia a bota, sugada da perna pela lama à altura dos joelhos. Os motociclistas só podiam avançar em certos lugares saltando para empurrar seus veículos até o fim. Os comandantes, aos quais nunca faltava efetivo para empurrar os carros de estado-maior num atoleiro, perguntavam-se como alguém conseguiria fazer guerra em tais condições. Todos eles, porém, temiam o congelamento que logo viria. Ninguém esquecia que cada dia contava.

As formações dianteiras alemãs avançavam o melhor que podiam. No centro, em 14 de outubro, a Décima Divisão de Panzers e a Divisão *Das Reich* da SS chegaram ao campo de batalha napoleônico de Borodino, um terreno de elevações e depressões suaves, bosques e ricas lavouras. Estavam a apenas pouco menos de 113 quilômetros da periferia ocidental de Moscou. No mesmo dia, 160 quilômetros a noroeste da capital, a Primeira Divisão de Panzers tomou a cidade de Kalinin, com sua ponte sobre o Volga, e interceptou a linha ferroviária Moscou-Leningrado. Enquanto isso, no flanco Sul, os Panzers de Guderian avançaram passando por Tula para ameaçar a capital soviética por baixo.

O progresso do ataque trifurcado a Moscou mergulhou a liderança soviética em pânico. Na noite de 15 de outubro, autoridades comunicaram às embaixadas estrangeiras que se preparassem para partir para Kuibishev, no Volga. Beria também começou a evacuar seu quartel-general. Os inquisidores do NKVD levaram junto os prisioneiros mais importantes. Entre eles, oficiais superiores que, embora desesperadamente necessários no *front*, continuavam sendo espancados até virarem polpa em busca de confissões. Outras três centenas de prisioneiros foram executados em série na prisão de Lubianka. No fim do mês, contudo, Stalin disse ao chefe do NKVD que parasse o que o próprio Beria chamava de sua “máquina de moer”. O ditador soviético achava-se mais que disposto a continuar

fuzilando “desertores e covardes”, mas por enquanto se cansara das fantasias de conspiração de Beria, descrevendo-as como “disparates”.

Stalin exigia relatórios precisos do *front*, mas todos os que ousavam dizer-lhe a verdade eram acusados de criadores de pânico.

Ele achava difícil ocultar sua própria inquietação. Suspeitava que Leningrado ia cair; portanto, sua primeira reflexão foi como melhor liberar as tropas para salvar Moscou. Sua falta de consideração pela população que morria de fome era tão insensível quanto a de Hitler.

Só houve uma ocorrência encorajadora nessa época. As divisões do Exército Vermelho da fronteira manchu já começavam a dispor as tropas em posição de combate na região de Moscou. Dois dos primeiros regimentos de fuzileiros siberianos a chegarem haviam de fato enfrentado, alguns dias antes, a Divisão *Das Reich* da SS em Borodino, mas seriam necessárias várias semanas para transportar o grosso dos reforços ao longo da Ferrovia Transiberiana. O agente-chave soviético em Tóquio, Richard Sorge, descobrira que os japoneses planejavam investir pelo sul do Pacífico contra os norte-americanos, não contra o extremo oriente soviético. Stalin não confiava inteiramente em Sorge, mas dessa vez a informação dele foi confirmada por interceptações de sinais.

Na manhã de 16 de outubro, Aleksei Kossiguin, vice-presidente do Sovnarkom, Conselho dos Comissários do Povo, entrou no prédio da entidade e encontrou-o abandonado. Papéis haviam sido espalhados por correntes de ar, portas estavam abertas e telefones tocavam em gabinetes vazios. Kossiguin, imaginando que os que ligavam queriam conferir se a liderança abandonara a capital, correu de mesa em mesa tentando responder a eles. Mesmo quando pegava o telefone a tempo, fazia-se silêncio na outra ponta. Só um oficial importante ousou identificar-se. Perguntou sem rodeios se Moscou se renderia.

Na reunião de crise de Stalin no Kremlin, em 17 de outubro, com Molotov, Malenkov, Beria e Aleksander Scherbakov, novo chefe do departamento político do Exército Vermelho, discutiram-se planos para dinamitar fábricas, pontes, ferrovias, estradas e até a obra-prima de Stalin, o metrô de Moscou. Não se fez nenhum comunicado público sobre a evacuação dos ministérios restantes para Kuibishev, mas as notícias se espalharam com espantosa rapidez, considerando-se as penalidades por conversas derrotistas. Circularam histórias de que Stalin fora preso num golpe do Kremlin, que os paraquedistas alemães haviam descido na Praça Vermelha e outras tropas inimigas em uniforme soviético tinham se infiltrado na cidade. O medo de que a capital estivesse prestes a ser abandonada ao inimigo levou milhares a tentarem sair, tomando trens de assalto nas estações. Distúrbios por comida, pilhagem e embriaguez fizeram muitas mentes voltar-se para o caos em 1812, que levou ao incêndio de Moscou.

Stalin chegara a pensar em partir, mas mudou de ideia. Foi Aleksander Scherbakov, “com seu impassível semblante de Buda, óculos fundo de garrafa e aros de chifre, apoiados num narizinho batata”, vestindo “uma túnica cáqui simples com uma única condecoração – a Ordem de Lenin”, quem anunciou na Rádio de Moscou a decisão de permanecer de Stalin.

Em 19 de outubro, declarou-se estado de sítio. Beria entrou com vários regimentos de tropas do NKVD para restaurar a ordem. Os “alarmistas” foram fuzilados junto com saqueadores e até bêbados. Na mente popular, só havia um teste para saber se a cidade ia ser defendida ou abandonada: “Iam realizar o desfile militar [pelo aniversário da Revolução] na Praça Vermelha?” As pessoas de Moscou pareciam dar elas próprias as respostas, em vez de esperar que o líder falasse. Um pouco semelhante à defesa de Madri exatos cinco anos antes, o estado de espírito passou do pânico ao desafio em massa.

Stalin, com seu misterioso instinto, logo percebeu a importância simbólica do desfile na Praça Vermelha, embora o cadáver de Lenin houvesse sido levado para um lugar mais seguro. Molotov e Beria a princípio acharam a ideia louca, com a Luftwaffe alemã a fácil distância de ataque, mas Stalin disselhes que concentrassem toda a bateria antiaérea existente em torno da capital. O velho e astuto empresário planejava tomar emprestado o toque mais bem dramatizado do cerco de Madri, quando em 9 de novembro de 1936 a primeira brigada internacional de voluntários estrangeiros desfilara até a Gran Vía, sob as aclamações vivamente entusiásticas, mas errôneas, de “*Vivan los rusos!*”. E depois eles haviam marchado por toda a cidade para enfrentar o Exército da África de Franco na periferia ocidental. Em Moscou, decidiu Stalin, os reforços para os exércitos de Jukov iam marchar pela Praça Vermelha, passar pela base de saudação do mausoléu de Lenin e seguir adiante para enfrentar o invasor. Ele sabia que valor teria a filmagem total desse evento pelos cinejornais quando divulgada no mundo inteiro. Também sabia a resposta certa aos discursos de Hitler.

- Se querem uma guerra de extermínio - grunhiu, na véspera do desfile de aniversário -, eles a terão!

A essa altura, a Wehrmacht achava-se seriamente prejudicada pelo tempo. A má visibilidade dificultava a “artilharia voadora” da Luftwaffe. Os exércitos do marechal de campo von Bock, obrigados a parar no fim de outubro para reabastecimento e reforço, eram estimulados pelo desespero a aniquilar o inimigo antes de o verdadeiro inverno chegar.

O combate na segunda metade de novembro foi implacável. Os regimentos dos dois lados ficaram reduzidos a frações de seus números anteriores. Guderian, após se ver bloqueado por forte resistência em Tula, Sul de Moscou,

virou-se e avançou em círculo para a direita. No flanco esquerdo, os Panzers de Hoth adiantaram-se para atravessar o canal Moskva-Volga. De um ponto ao norte de Moscou, as tropas alemãs viam pelos binóculos os lampejos dos canos das baterias antiaéreas em volta do Kremlin. Jukov ordenou a Rokossovski que tomasse a linha em Kriukovo com os restos do seu 16º Exército.

- Não pode haver mais nenhuma batida em retirada - ordenou em 25 de novembro. Rokossovski sabia que ele falava sério.

A resistência russa foi tão determinada que as enfraquecidas forças alemãs diminuíram a velocidade até parar. No fim de novembro, numa tentativa de último recurso, o marechal de campo von Kluge enviou uma grande força até a principal estrada para Moscou, a Minsk Chaussée, ao longo da qual haviam marchado as tropas de Napoleão. Eles entraram e chegaram até lá, mas o frio entorpecedor e a resistência suicida dos regimentos soviéticos embotaram seu ataque.

Por iniciativa própria, Guderian e Kluge começaram a retirar seus regimentos mais expostos. O primeiro tomou a decisão instalado na casa de Iasnaia Poliana, de Tolstoi, com a sepultura do grande escritor no terreno defronte coberta de neve. Perguntavam-se o que ia acontecer em seguida ao longo de toda a frente central. Os profundos salientes alemães de cada lado de Moscou eram vulneráveis, mas o desespero e a escassez das tropas com que haviam estado lutando os convenceram de que também o inimigo fora arrasado e imobilizado. Jamais imaginaram que a liderança soviética estava arregimentando novos exércitos em segredo atrás de Moscou.

O inverno chegara com força total: neve, ventos glaciais e temperaturas caindo para -20°C. Os motores dos tanques alemães congelavam. Na linha de frente, os soldados da

infantaria cavavam casamatas para proteger-se tanto do frio quanto do bombardeio inimigo. O terreno começara a congelar com tanta intensidade que eles precisaram acender grandes fogueiras antes de começar a cavar. As equipes dos quartéis-generais e escalões de retaguarda ocuparam casas de camponeses, expulsando os russos para a neve.

A recusa de Hitler em prever a campanha de inverno significou terrível sofrimento para seus soldados. “Muitos dos homens andam com os pés envoltos em papel, e é grande a escassez de luvas”, escreveu ao general Paulus o comandante de um corpo de Panzers. A não ser pelos capacetes tipo balde de carvão, muitos soldados alemães, a essa altura, mal eram reconhecíveis como membros da Wehrmacht. Suas próprias botas justas, longas e forradas com aço, simplesmente apressavam o processo de queimadura pelo frio, e por isso havia-se recorrido ao roubo de roupas e botas dos prisioneiros de guerra e civis.

A Operação Tufão talvez tenha infligido imensas perdas ao Exército Vermelho, mas custou à menor Wehrmacht perdas irreparáveis de homens e oficiais treinados. “Esta não é mais a antiga divisão”, escreveu em seu diário o capelão da 18ª Divisão de Panzers. “Por toda parte, veem-se caras novas. Quando se pergunta por alguém, é dada sempre a mesma resposta: morto ou ferido.”

O marechal de campo von Bock foi obrigado a reconhecer no início de dezembro que não restava mais nenhuma esperança de “sucesso estratégico”. Seus exércitos estavam exaustos e os casos de queimadura pelo frio – que atingiram mais de 100 mil por volta do Natal – começavam rapidamente a exceder os números de feridos. Mas qualquer esperança de que o Exército Vermelho também estivesse incapaz de mais ataques de repente se despedaçou no momento em que a temperatura caiu para -25°C.

As divisões siberianas, incluindo muitos batalhões de tropas de esquí, formavam apenas parte da força militar de contra-ataque preparada secretamente por ordens da *Stavka*. Novas aeronaves e esquadrilhas vindas do Extremo Oriente se haviam reunido em campos de aviação a leste de Moscou. Uns 1,7 mil tanques, sobretudo o T-34, de enorme mobilidade, cujas esteiras singularmente largas combinavam muito melhor com a neve e o gelo do que os Panzers alemães, também estavam prontos para ser dispostos em posição de combate. A maioria dos soldados do Exército Vermelho, embora de modo nenhum todos, fora equipada para a guerra de inverno, com jaquetas acolchoadas e conjuntos de camuflagem brancos. Mantinham a cabeça aquecida por *ushanki*, chapéus redondos de pele com abas para proteção dos ouvidos, e os pés por *valenki* (botas de feltro). Também tinham coberturas para as partes operativas das armas e óleo especial anticongelante.

Em 5 de dezembro, a Frente de Kalinin do general Koniev atacou a borda externa do saliente Norte alemão. Saraivadas de foguetes *Katiusha*, disparadas de lançadores múltiplos que os soldados alemães já haviam apelidado de “órgãos de Stalin”, atuaram como os arautos apavorantes do violento ataque. Na manhã seguinte, Jukov lançou com ímpeto o Primeiro Exército de Choque, o 16º Exército de Rokossovski e outros dois contra o lado interno do saliente. Ao sul de Moscou, os flancos de Guderian também foram atacados por diferentes lados. Em três dias, suas linhas de comunicação ficaram gravemente ameaçadas. No centro, ataques contínuos impediram o marechal de campo von Kluge de desviar tropas do seu Quarto Exército para ajudar os flancos ameaçados.

Pela primeira vez, o Exército Vermelho desfrutava de superioridade no ar. Os regimentos da aviação, levados para aeródromos atrás de Moscou, haviam protegido as aeronaves do frio, enquanto a enfraquecida Luftwaffe,

operando a partir de pistas improvisadas, tinha que descongelar cada máquina acendendo fogueiras debaixo dos motores. Os russos regozijaram-se de crua satisfação com a mudança de sorte. Sabiam que a retirada ia ser cruel para os soldados alemães, inadequadamente vestidos, que lutavam no percurso de volta com nevascas e campos de neve congelados.

Os contra-ataques convencionais foram reforçados por ataques aéreos relâmpagos, causando pânico e caos na retaguarda alemã. Destacamentos de *partisans*, organizados por oficiais das tropas de fronteira do NKVD e enviados para trás das linhas inimigas, atacavam por pântanos congelados e florestas de bétula e pinheiro. Batalhões de guerra de inverno siberianos do Primeiro Exército de Choque surgiam de repente da neblina: o único aviso era o silvar dos seus esquis deslocando-se na crosta de neve. As divisões de cavalaria do Exército Vermelho também se estenderam em grande profundidade retaguarda adentro, montadas em resistentes pôneis cossacos. Esquadrilhas e regimentos inteiros surgiram de repente atrás do *front*, atacando baterias de artilharia ou depósitos de suprimento com sabres desembainhados e aterrorizantes gritos de guerra.

O plano de cerco soviético logo se tornou claro. Em dez dias, os exércitos de Bock foram obrigados a recuar tudo até uns 160 quilômetros. Moscou estava salva. Os exércitos alemães, mal equipados para a guerra de inverno, agora se achavam condenados a sofrer em terreno aberto.

As ocorrências em outras partes também haviam sido significativas. Em 7 de dezembro, um dia após o início do principal contra-ataque, os japoneses haviam bombardeado Pearl Harbor. Quatro dias depois, Hitler anunciou, sob as aclamações do Superior Reichstag alemão, alojado na Ópera Kroll de Berlim, que declarara guerra aos Estados Unidos da América.

Durante aquela segunda semana de dezembro, Stalin, em feroz exultação, convenceu-se de que os alemães estavam no ponto de desintegração. Comunicados de sua linha de retirada, com cenas de canhões abandonados, carcaças de cavalo e cadáveres de homens da infantaria semicobertos na neve amontoada, tendiam a estimular a ideia de outro 1812. Também ocorreram extravasamentos de pânico na retaguarda alemã. As tropas de apoio, cujos veículos muitas vezes ficavam inutilizáveis naquelas terríveis condições, eram abaladas por ataques inesperados vindos muito de trás das linhas. Medos viscerais da Rússia bárbara agitavam-se dentro deles. Todos se sentiam muito distantes de casa.

Stalin ficou obcecado com a oportunidade e caiu no erro de Hitler de acreditar no poder da vontade, menosprezando ao mesmo tempo a realidade de suprimentos insuficientes, transporte ruim e tropas exaustas. Sua ambição desconhecia limites quando ele olhava o “mapa de decisão” da *Stavka*. Exigiu muito mais que uma extensão dos contra-ataques contra o Grupo Central do Exército. Em 5 de janeiro de 1942, seus planos para uma ofensiva geral foram totalmente estabelecidos numa reunião conjunta da *Stavka* e do Comitê de Defesa do Estado. Ele queria maiores ofensivas ao Norte para isolar os sitiados de Leningrado, e também ao sul – entrando de volta nos territórios perdidos da Ucrânia e da Criméia, uma ideia intensamente estimulada pelo marechal Timoshenko. Jukov e outros que tentaram advertir sobre os perigos malograram de todo.

O Führer, também preocupado com pensamentos sobre 1812, despachara uma torrente de ordens contra qualquer retirada. Convencera-se de que, se resistissem até o fim do inverno, quebrariam a maldição histórica sobre os invasores da Rússia.

Essa intervenção há muito tem sido tema de debate. Alguns afirmam que sua resolução salvou o Exército alemão do aniquilamento. Outros acham que suas exigências de não ceder terreno a todo custo levaram a terríveis e desnecessárias perdas de homens treinados, que a Alemanha não podia sofrer. A retirada jamais correu risco real de tornar-se uma debandada, porque faltavam ao Exército Vermelho as comunicações, as reservas e o transporte necessários para continuar a perseguição. Contudo, Hitler se convencera de que sua força de vontade diante de generais derrotistas salvara todo o *Ostfront*. Isso teria consequências desastrosas em Stalingrado no ano seguinte, intensificando sua obstinação ao grau da perversidade.

A luta tornou-se cada vez mais caótica, com linhas de frente rodopiando em diferentes direções no mapa, quando a ofensiva geral de Stalin se deteriorou numa série de rixas desordenadas e golpes de mangual. Várias formações soviéticas ficaram isoladas quando atravessaram o *front* alemão com apoio insuficiente. Stalin subestimara a capacidade das tropas alemãs de se recuperar de um revés. Na maioria dos casos, eles revidaram ferozmente, cientes das consequências de serem apanhados no descampado. Os comandantes no local arregimentaram unidades a partir do zero, muitas vezes incluindo apoio pessoal, e escoraram suas defesas com qualquer armamento existente, em especial baterias de fogo antiaéreo.

A nordeste de Moscou, em Kholm, uma força militar de 5 mil homens, comandada pelo general Scherer, resistiu, reabastecida por lançamentos feitos de paraquedas. O muito maior *Kessel*, de Demiansk, com 100 mil homens, foi reabastecido por transportes aéreos Junkers 52, pintados de branco para camuflagem. Mais de cem voos por dia, perfazendo um total de 60 mil toneladas de suprimentos e evacuando 35 mil feridos, permitiram aos defensores resistir a vários exércitos soviéticos durante 72 dias. As tropas

alemãs estavam semimortas de fome quando finalmente foram socorridas no final de abril, embora as condições dos civis cercados no bolsão fossem infinitamente piores. Ninguém sabe quantos homens morreram. Eles não tinham nada para comer, a não ser as vísceras dos cavalos abatidos pelos soldados. Mas essa operação determinou Hitler na crença de que tropas cercadas deviam automaticamente resistir. Foi parte dessa fixação que muito contribuiu para o desastre em Stalingrado menos de um ano depois.

O insensível abandono por Stalin do Segundo Exército de Choque do general Andrei Vlasov, isolado em pântanos e florestas 160 quilômetros a noroeste de Demiansk, não serviu, contudo, de advertência a Hitler nem quando o ressentido Vlasov se rendeu e, jogando seu destino com os alemães, aceitou levantar um exército russo anti-stalinista. Como a oferecer um curioso equilíbrio dramático, o comandante da força de socorro em Demiansk, general Walther von Seydlitz-Kurzbach, virou-se contra Hitler após ser capturado em Stalingrado. Depois, em setembro de 1943, como se verá, ofereceu-se como voluntário para formar “um pequeno exército de prisioneiros de guerra” a ser transportado por ar e pousar no Reich, a fim de iniciar um levante. Proposta que o desconfiado Beria não aceitou.

Com tropas no espaço aberto a temperaturas às vezes caindo a -40°C , a recusa quase supersticiosa de Hitler de encomendar vestuário de inverno teve de ser remediada. Goebbels rapidamente mascarou a verdade. Um apelo à população alemã forneceu material para os cinejornais sobre a solidariedade nacional, com homens e mulheres entregando casacos de pele e até mesmo campeões de esportes de inverno levando seus esquis ao *Ostfront*. A resposta incentivou Hitler a declamar em torno do almoço na *Wolfsschanze*:

- O povo alemão ouviu meu apelo.

Mas quando as roupas começaram a chegar, próximo do fim de dezembro, os soldados experimentaram-nas com cínico divertimento ou admiração. As peças de vestuário, limpas e às vezes com cheiro de bolas de naftalina, causaram uma estranha impressão nos soldados infestados de piolhos. “A gente via a sala de estar com o sofá”, escreveu um tenente, “ou a cama infantil, ou talvez o quarto da menina de onde vinham as peças. Era como se fosse em outro planeta.”

As lembranças sentimentais da pátria não eram apenas uma forma de escapismo do seu mundo de insetos e sujeira, mas também de um ambiente de vertiginosa brutalidade, em que se distorcera totalmente a moralidade convencional. Os combatentes alemães, a maioria sem dúvida pais e filhos amorosos em casa, entregavam-se a uma espécie de doentio turismo de guerra na Rússia. Circulara uma ordem proibindo “fotografias de execuções sumárias de desertores [alemães]”, fatos que aumentaram muitíssimo com o repentino declínio do moral. E as execuções de *partisans* e judeus na Ucrânia – a julgar pela plateia mostrada nas fotos – atraíam um bando ainda maior de fotógrafos em uniformes da Wehrmacht.

Um oficial alemão descreveu como ele e seus soldados haviam ficado chocados quando civis russos despiam os cadáveres dos camaradas conterrâneos. Mas os soldados alemães tiravam as roupas e botas de civis vivos para si mesmos, deixando-os na natureza gelada, na maioria dos casos para morrer de frio e fome. Os oficiais superiores queixavam-se de que seus soldados pareciam camponeses russos, mas nenhuma solidariedade era dispensada às vítimas roubadas da única esperança de sobrevivência em tais condições. Uma bala bem poderia ter sido menos cruel.

Durante a retirada de Moscou, os soldados alemães pegavam qualquer gado e suprimentos de comida em que conseguissem pôr as mãos. Arrancavam ripas de assoalho das salas de estar para conferir se havia batatas

armazenadas embaixo. Móveis e partes das casas eram usados para lenha de fogueira. Jamais uma população sofrera tanto dos dois lados de uma guerra. Stalin assinara uma ordem em 17 de novembro para que as unidades do Exército Vermelho – aviação, artilharia, tropas de esquí e destacamentos de *partisans* – “destruíssem e queimassem até reduzir a cinzas” todas as casas e fazendas até mais de 64 quilômetros atrás das linhas alemãs, com o objetivo de negar abrigo ao inimigo. Em nenhum momento se levou em consideração o destino de mulheres e crianças.

A combinação de tensão e os horrores de guerra intensificou o índice de suicídio entre os soldados alemães.

– O suicídio em condições de campanha equivale à deserção – alertava uma ordem às tropas. – A vida de um soldado pertence à pátria. – A maioria atirava em si mesma quando sozinha na função de sentinela.

Homens passavam as longas e escuras noites pensando no lar e sonhando com a partida. *Samizdat* descobertos por soldados russos em corpos alemães demonstram que de fato também havia os cínicos, além dos sentimentalistas. “O Natal”, dizia uma paródia de ordem, “não se realizará este ano pelos seguintes motivos: José foi convocado para o exército; Maria ingressou na Cruz Vermelha; o Menino Jesus foi mandado com outras crianças para o campo [para evitar o bombardeio]; os três Reis Magos não conseguiram vistos porque lhes faltaram provas de origem ariana; não haverá nenhuma estrela por causa do blecaute; os pastores viraram sentinelas e os anjos se tornaram *Blitzmädeln* [operadores de telefone]. Sobrou apenas o burro, e não se pode ter Natal apenas com um burro.”³

As autoridades militares receavam que os soldados que partiam para casa de licença desmoralizassem a população local com histórias de horror do *Ostfront*. “Vocês estão sob lei militar”, dizia o enérgico lembrete, “e ainda sujeitos a punição. Não falem de armas, de táticas nem de baixas.

Não falem de razões insuficientes nem de injustiça. O serviço de espionagem do inimigo está pronto para explorar isso.”

Um soldado, ou mais provavelmente um grupo de soldados, criou sua própria versão das instruções, intitulada “Notas para os que Partem de Licença”. A tentativa de ser engraçado revela muito sobre os efeitos embrutecedores do *Ostfront*. “Você precisa se lembrar de que está entrando num país nacional-socialista, cujas condições de vida são muito diferentes daquelas com as quais se habituou. Precisa ter muito tato com os habitantes, adaptando-se aos costumes deles, e controlar os hábitos de que tanto passou a gostar. *Comida*: Não arranque o parquê ou outros tipos de assoalho, porque as batatas são guardadas em outro lugar. *Toque de Recolher*: Se esquecer a chave, tente abrir a porta com o objeto em forma redonda. Só em casos de extrema urgência use uma granada. *Defesa contra Partisans*: Não é necessário perguntar a senha a civis e abrir fogo ao receber uma resposta insatisfatória. *Defesa contra Animais*: Cães com minas presas ao corpo são uma característica especial da União Soviética. Os cães alemães, nos piores casos, mordem, mas não explodem. Atirar em cada cão que veja, embora recomendado na União Soviética, talvez cause má impressão. *Relações com a População Civil*: Na Alemanha, só porque uma pessoa usa roupas femininas não significa necessariamente que seja uma *partisan*. Mas, apesar disso, são perigosas para qualquer um de licença do *front*. *Geral*: Quando voltar de licença para casa, cuidado para não falar da existência paradisíaca na União Soviética, na hipótese de todo mundo querer vir para cá e estragar nosso idílico conforto.”

Surgiu até mesmo um certo cinismo sobre as medalhas. Quando se lançou no ano seguinte uma medalha da campanha de inverno, logo ficou conhecida como “Ordem da Carne Congelada”. Houve casos de descontentamento mais sérios. O marechal de campo von Reichenau,

comandante em chefe do Sexto Exército, explodiu de raiva logo depois do Natal ao descobrir os seguintes exemplos de pichação nos prédios designados ao seu quartel-general: “Queremos voltar para a Alemanha”; “Chega!”; “Estamos imundos, temos piolhos e queremos ir para casa”; e “Não quisemos esta guerra!” Reichenau, embora reconhecendo que “esses pensamentos e estado de espírito” eram evidentemente “resultado de grande tensão e privação”, atribuiu a todos os oficiais total responsabilidade pela “política e situação moral de suas tropas”.

E enquanto um pequeno grupo de oficiais bem-relacionados, liderados por Henning von Tresckow, conspirava para assassinar Hitler, pelo menos uma célula comunista achava-se em ação nas fileiras. O seguinte apelo na “Carta da Frente nº 3” à criação de “comitês de soldados em cada unidade, regimento e divisão” foi encontrado por um soldado russo no forro do sobretudo de um soldado alemão. “Camaradas, quem não está na merda até o pescoço aqui na Frente Oriental? (...) Esta é uma guerra criminosa, desencadeada por Hitler, que está levando a Alemanha para o inferno (...) É preciso livrar-nos de Hitler, e nós, soldados, podemos fazer isso. O destino da Alemanha está nas mãos de pessoas no *front*. Nosso lema deve ser: ‘Fora com Hitler!’ Contra a mentira nazista! A guerra significa a morte da Alemanha.”

Era inevitável que a dinâmica de poder durante a guerra total fortalecesse mais ainda o controle do Estado. Qualquer crítica ao regime podia ser atacada como propaganda inspirada pelo inimigo, e qualquer adversário descrito como traidor. A ascendência de Hitler sobre seus generais era incontestável, e eles se tornaram os bodes expiatórios para as obsessões do ex-cabo. Os comandantes que discordaram de sua política de resistir a todo custo, em dezembro de 1941, foram afastados. Ele obrigou Brauchitsch a retirar-se e em seu lugar nomeou a si mesmo comandante em chefe,

alegando que nenhum general possuía a necessária vontade nacional-socialista.

O exército alemão conseguiu restabelecer uma firme linha de defesa a leste de Smolensk, mas sua eventual destruição tornara-se praticamente certa. Hoje podemos ver, com a vantagem da visão retrospectiva, que o equilíbrio de poder – geopolítico, industrial, econômico e demográfico – virou-se decisivamente contra o Eixo em dezembro de 1941, com o malogro da Wehrmacht em capturar Moscou e a entrada dos norte-americanos na guerra. Contudo o momento psicológico decisivo só viria no ano seguinte, com a batalha pela cidade de Stalingrado, que, em parte devido ao nome, tornou-se um duelo pessoal por procuração em massa.

Notas:

1. Hitler acabou tendo sua vingança. Schulenburg, escolhido pelos conspiradores de julho de 1944 como seu ministro das Relações Exteriores após o assassinato planejado em Rastenburg, foi enforcado pelos nazistas em 10 de novembro daquele ano. (N. do A.)
2. Campos de trabalho forçado para criminosos, presos políticos e opositores ao regime da União Soviética. (N. do E.)
3. “Não entendo”, escreveu um oficial do serviço de informações do Exército Vermelho no pé da tradução. “De onde vem isso?” (N. do A.)

Parte 2

Relançada a Barbarossa

5

A primeira batalha do general Paulus

A curiosa cadeia de fatos que levou o general Friedrich Paulus a comandar o Sexto Exército começou com a enfurecida decepção de Hitler em fins de 1941. E um ano depois uma frustração muito semelhante levaria ao desastre que se abateu sobre Paulus e suas divisões.

Em novembro de 1941, enquanto a atenção do mundo se concentrava nas periferias de Moscou, a situação no Leste da Ucrânia flutuara drasticamente. No clímax do avanço do Grupo Sul do Exército, as divisões de vanguarda do Primeiro Grupo de Panzers de Kleist chegaram em 16 de novembro, sob intensa neve, a Rostov sobre o Don. No dia seguinte, apoderaram-se da ponte sobre o grande rio, a última barreira antes do Cáucaso. Mas o comandante soviético Timoshenko reagiu imediatamente. O flanco esquerdo da ponta-de-lança alemã achava-se mal guardado por tropas húngaras, e um ataque ali, combinado com contra-ataques do outro lado do Don, logo obrigou Kleist a recuar.

Hitler ficou furioso, após acabar de exultar na ilusão de que tanto Moscou quanto os campos de petróleo caucasianos estendiam-se ao seu alcance. Para piorar tudo, essa foi a primeira retirada do exército alemão durante toda a Segunda Guerra Mundial. Ele se recusava a acreditar que o marechal de campo von Rundstedt ficara sem forças e suprimentos, bem como que se permitisse a Kleist recuar suas tropas, muitas das quais com terríveis queimaduras causadas pelo frio, até a linha do rio Mius.

Em 30 de novembro, Rundstedt mencionou que se não existia mais confiança em sua liderança, ele gostaria de ser dispensado do comando. Na manhã seguinte bem cedo, Hitler demitiu o marechal de campo. Ordenou a Reichenau, comandante do Sexto Exército, que assumisse o comando e interrompesse imediatamente a retirada. O que Reichenau tentou – ou fingiu – fazer. Algumas horas depois, num tempo desavergonhadamente curto, enviou uma mensagem ao quartel-general do Führer com a informação de que a retirada para trás do Mius se tornara inevitável. Reichenau, um verdadeiro buldogue hiperativo, cuja expressão era acentuada por um monóculo, não se fizera estimar por Rundstedt, que depois o descreveu como um “casca-grossa que corria seminu quando fazia exercícios físicos”.

Em 3 de dezembro, o Führer voou até a Ucrânia em seu Focke-Wulf Condor para descobrir o que acontecera. Falou primeiro com Sepp Dietrich, comandante da Divisão *Leibstandarte* da SS. Dietrich, para espanto de Hitler, apoiou a decisão de se retirar de Rundstedt.

Os dois, Rundstedt e Reichenau, tinham seu quartel-general em Poltava, onde Carlos XII da Suécia, primeiro invasor moderno da Rússia, fora derrotado por Pedro, o Grande, em 1709. Hitler fez as pazes com Rundstedt, que ainda não partira. Acertou-se que o velho marechal de campo ainda assim deveria retornar à pátria, embora agora fosse por licença de doença. Nove dias depois, ele recebeu um cheque de 250 mil *Reichmarks* como presente de aniversário.

Hitler, ainda desconfiado de Reichenau, a princípio insistiu em que ele permanecesse como comandante em chefe do Sexto Exército, assim como do Grupo Sul do Exército. Mas durante o jantar, enquanto o Führer mastigava com cuidado painço, abóbora e bolo de batata, Reichenau argumentou convincentemente que não poderia comandar dois quartéis-generais de uma só vez. Recomendou que o general Paulus, seu antigo chefe de estado-maior, assumisse o comando do

Sexto Exército. Hitler assentiu, embora sem muito entusiasmo. Assim, na Véspera do Ano-Novo de 1942, Paulus, que jamais comandara uma divisão ou corpo, viu-se catapultado à posição de general de tropas de Panzers. Cinco dias depois, tornou-se comandante em chefe do Sexto Exército, logo depois de Timoshenko lançar uma importante, mas mal coordenada, ofensiva rumo a Kursk.

Friedrich Wilhelm Paulus vinha de uma estirpe de pequenos proprietários de terra hessianos. Seu pai ascendera do cargo de guarda-livros de um reformatório para tornar-se tesoureiro-chefe de Hesse-Nassau. O jovem Paulus inscrevera-se como candidato a ingressar na marinha imperial em 1909, mas fora recusado. Um ano depois, a ampliação do exército ofereceu uma brecha. Paulus, quase com certeza se sentindo em desvantagem social no exército do Kaiser, ficou obcecado com a recusa. Seus contemporâneos o chamavam de "*der Lord*". Em 1912, casou-se com Elena Rosetti-Solescu, irmã de dois oficiais membros de uma família romena com ligações principescas. Embora ela detestasse os nazistas, é mais provável que Paulus, que se juntara ao Freikorps na luta contra o bolchevismo após a Primeira Guerra Mundial, partilhasse da admiração de Reichenau por Hitler.

Como comandante de companhia no 13º Regimento de Infantaria, o alto e exigente Paulus era competente, mas pouco criativo quando comparado a Erwin Rommel, comandante da companhia de metralhadoras. Ao contrário de Rommel, líder vigoroso e disposto a ignorar os superiores, Paulus tinha um exagerado respeito pela cadeia de comando. Seu trabalho como oficial de estado-maior era consciencioso e meticuloso. Gostava de trabalhar até tarde da noite, curvado sobre mapas, com café e cigarros à mão. Seu passatempo era desenhar mapas em escala da campanha de Napoleão na Rússia. Mais tarde, pareceu aos

oficiais companheiros de seu filho na Terceira Divisão de Panzers “mais cientista que general, comparado a Rommel ou Model”.

As boas maneiras de Paulus tornavam-no popular entre os oficiais superiores. Chegou a dar-se bem com o turbulento facínora Reichenau, quando se tornou seu chefe de estado-maior em agosto de 1939. O trabalho de equipe dos dois impressionou outros oficiais superiores durante o primeiro ano da guerra, em que seu momento mais memorável foi conseguir a rendição do rei Leopoldo da Bélgica. Não muito depois da conquista da França, o general Halder convocou Paulus a Berlim para trabalhar como planejador-chefe no Estado-Maior geral. Ali, sua tarefa mais importante era avaliar as opções para a Operação Barbarossa. Assim que a invasão se pôs em andamento, Reichenau pediu a Halder que lhe deixasse ter seu chefe de estado-maior de volta.

O “fantástico salto” de Paulus a comandante de exército, como amigos o descreveram em cartas de congratulações, foi manchado após uma semana exata. Em 12 de janeiro de 1942, seu chefe, marechal de campo von Reichenau, saiu para a corrida matinal em Poltava. A temperatura estava - 20°C. Reichenau sentiu-se mal durante o almoço e de repente entrou em colapso, causado por um ataque cardíaco. Hitler, ao saber da notícia, ordenou ao Dr. Flade, alto oficial médico do Sexto Exército, que o levasse imediatamente de volta para a Alemanha. O inconsciente Reichenau foi amarrado a uma poltrona presa à fuselagem de um Dornier.

O piloto insistiu em pousar em Lemberg para reabastecer, mas caiu na aterrissagem a certa distância do campo. O Dr. Flade, apesar de uma perna quebrada, disparou foguetes de sinalização para atrair ajuda. Quando o grupo chegou afinal ao hospital em Leipzig, Reichenau já estava morto. Flade relatou depois a Paulus que a malfadada queda fora quase como um filme.

- Até seu bastão de marechal de campo se partiu em dois.

Hitler ordenou um funeral solene, mas não compareceu. Deu a Rundstedt a honra de representá-lo.

Embora a maneira um tanto retraída de Paulus o fizesse parecer frio, ele era mais sensível que muitos generais ao bem-estar dos seus soldados. Também dizem que cancelou a ordem de Reichenau, de 10 de outubro de 1941, incentivando o “severo” tratamento de judeus e *partisans*, mas quando o Sexto Exército chegou a Stalingrado, parece que se deu à sua Feldgendarmerie a missão de prender ativistas comunistas e judeus e entregá-los à Sonderkommando do SD para “medidas punitivas”.

Sem dúvida, Paulus herdou um pesado legado. Desde o início da Barbarossa, os massacres de judeus e ciganos haviam sido deliberadamente misturados, sempre que possível, com a execução de *partisans*, sobretudo porque a expressão “*jüdische Saboteure*” ajudava a obscurecer a ilegalidade do ato e fomentar a ideia de uma conspiração “judeu-bolchevista”. A definição de *partisan* e sabotador foi logo ampliada muito além dos termos da lei internacional, que só permitia uma sentença de morte após um julgamento adequado. Numa ordem de 10 de julho de 1941, o quartel-general do Sexto Exército advertiu os soldados de que era quase certo que todo aquele em trajes civis e com os cabelos cortados à escovinha fosse um soldado do Exército Vermelho e, portanto, devia ser fuzilado. Os civis que se comportavam de maneira hostil, inclusive os que davam comida aos soldados do Exército Vermelho na mata, também deviam ser fuzilados. Os “elementos perigosos”, como as autoridades soviéticas, categoria que se estendia do secretário do Partido Comunista local e do administrador de uma fazenda coletiva a quase todo mundo empregado pelo governo, deviam, como comissários e judeus, ser entregues à Feldgendarmerie ou ao Einsatzkommando do SD. Uma ordem posterior exigiu “medidas coletivas” – execuções de

peessoas ou incêndio de aldeias - para punir sabotagem. Segundo provas do Obersturmführer da SS August Häfner, o próprio marechal de campo von Reichenau deu a ordem no início de julho de 1941 para que se fuzilassem 3 mil judeus, como medida de represália.

O comportamento de muitos soldados no Grupo Sul do Exército foi especialmente macabro. O quartel-general do Sexto Exército de Reichenau distribuiu a seguinte ordem em 10 de agosto de 1941: "Em vários lugares dentro da área de responsabilidade do exército, órgãos do SD, da SS do Reichführer e chefes da Polícia alemã vêm realizando execuções de criminosos, bolchevistas e sobretudo elementos judeus. Houve casos de soldados de folga que se ofereceram como voluntários para ajudar o SD nas execuções ou agiram como espectadores batendo fotografias." Era agora proibido a todo soldado - sem ordens de um oficial superior - participar, assistir ou fotografar qualquer dessas execuções. Depois, o chefe de estado-maior do general von Manstein transmitiu a mensagem ao *Offizierkorps* do 11º Exército na Criméia de que era "desonroso para oficiais estarem presentes na execução de judeus". A lógica militar alemã, em mais uma de suas distorções de causa e efeito, parece não ter reconhecido a possibilidade de oficiais já se envergonharem por promover os objetivos de um regime capaz de tais crimes.

De vez em quando, as atrocidades eram interrompidas, mas não por muito tempo. Em 20 de agosto, capelães da 295ª Divisão de Infantaria informaram ao tenente-coronel Helmuth Groscurth, chefe do estado-maior, que noventa órfãos judeus na cidade de Belaia Tserkov eram mantidos presos em condições repugnantes. Variavam de bebês até garotos de 7 anos. Iam ser fuzilados, como os pais. Groscurth, filho de um pastor e antinazista convicto, fora o oficial da Abwehr que, naquela primavera, passara em segredo a Ulrich von Hassell detalhes das ordens ilegais para a Barbarossa. Na mesma hora, ele procurou o comandante

do distrito e insistiu em que era preciso parar a execução. Em seguida, entrou em contato com o quartel-general do Sexto Exército, embora o Standartenführer Blobel, chefe do Sonderkommando, o advertisse de que ia comunicar sua interferência ao Reichsführer SS Himler. O marechal de campo von Reichenau apoiou Blobel. As noventa crianças judias foram fuziladas na noite seguinte por milicianos ucranianos, para poupar os sentimentos do Sonderkommando.

Groscurth escreveu um relatório completo, que enviou direto ao quartel-general do Grupo Sul do Exército. Estarrecido e furioso, também escreveu à esposa: “Não podemos nem devemos ganhar esta guerra.” Na primeira oportunidade, foi de licença a Paris visitar o marechal de campo Witzleben, um dos principais membros do movimento anti-Hitler.

O massacre dos inocentes em Belaia Tserkov logo foi excedido por uma atrocidade muito maior. Após a captura de Kiev, 33.771 judeus foram perseguidos e presos nos últimos dias de setembro, para serem chacinados pelo Sonderkommando 4º e dois batalhões de polícia na ravina de Babi Iar, nos arredores da cidade. Esta “*Gross-Aktion*” mais uma vez se incluía inteiramente na área de responsabilidade do Sexto Exército. Reichenau, junto com oficiais-chave do seu quartel-general que compareceram à conferência de planejamento do comandante da cidade em 27 de setembro de 1941, deve ter sabido do seu destino de antemão, embora os soldados especificados para ajudar na perseguição talvez houvessem sido incluídos com o pretexto da história de “evacuação”. Os judeus soviéticos não imaginavam o que os aguardava. Tinham pouca ideia do antissemitismo nazista, porque, sob o pacto Molotov-Ribbentrop, não se publicara nenhuma crítica à política nacional-socialista. O comandante da cidade, em seus

cartazes de proclamação, também acalmara as suspeitas com a instrução: “Tragam documentos de identidade, dinheiro e valores, além de roupas quentes.” O Sonderkommando, que esperara de 5 mil a 6 mil judeus, espantou-se ao ver que haviam aparecido mais de 30 mil.

A notória ordem de 10 de outubro de 1941, do marechal de campo von Reichenau ao Sexto Exército, apoiada pelo marechal de campo von Rundstedt, faz claramente da cadeia de comando da Wehrmacht corresponsável pelas atrocidades contra judeus e civis na Ucrânia. “Neste teatro de guerra oriental, o soldado não é apenas um homem lutando segundo as regras da guerra, mas também o porta-estandarte de um ideal nacional e o vingador de todas as bestialidades cometidas contra os povos alemães. Por isso, o soldado precisa compreender plenamente a necessidade da severa mas justa retaliação que tem de ser feita às espécies subumanas do povo judeu.” Era dever deles “libertar para sempre o povo alemão da ameaça judeu-asiática”.

Os incêndios e as execuções de represália não acabaram com a morte de Reichenau e a chegada de Paulus. Por exemplo, em 29 de janeiro de 1942, umas três semanas após a posse do novo comandante-em-chefe do Sexto Exército, a aldeia de Komsomolsk, perto de Kharkov, com 150 casas, foi reduzida a cinzas. Durante essa operação, oito pessoas foram fuziladas e duas crianças, possivelmente tão apavoradas que ficaram escondidas, mortas pelo fogo.

Os soldados alemães estavam predestinados a maltratar civis, depois de quase nove anos do regime de propaganda antieslava e antisemita, apesar de, na época, poucos deles agirem de forma consciente a partir dos valores nazistas. A natureza da guerra provocava emoções ao mesmo tempo primitivas e complexas. Embora houvesse casos de soldados relutantes em levar a cabo execuções quando ordenados, a maior parte da caridade natural por civis se transformava numa raiva incoerente, baseada no sentimento de que

mulheres e crianças não deviam estar em uma zona de batalha.

Os oficiais preferiam evitar reflexões morais. Em vez disso, concentravam-se na necessidade de boa ordem militar. Os que acreditavam nas regras de guerra muitas vezes se horrorizavam com a conduta de seus soldados, mas as instruções para respeitar os procedimentos exerciam pouca influência.

“Os interrogatórios devem terminar com a soltura do prisioneiro ou seu envio a um campo”, enfatizava uma ordem da 371ª Divisão de Infantaria. “Ninguém deve ser executado sem ordem do oficial encarregado.”

Também se desesperavam com a escala dos saques. Poucos soldados ofereciam-se para pagar aos locais pelo gado e pelos produtos agrícolas, sobretudo porque o governo alemão se recusava a fornecer rações adequadas. “Os *Landser*s vão para as hortas e levam tudo”, escreveu em seu diário um comandante de companhia da 384ª Divisão de Infantaria naquele verão, durante o avanço para Stalingrado. “Levam até artigos da casa, cadeiras e panelas. É um escândalo. São publicadas severas proibições, mas o soldado comum raras vezes se contém. É forçado a essa conduta pela fome.” Os efeitos eram particularmente graves num país de clima tão extremo quanto a Rússia. A pilhagem das reservas de comida condenava a população civil à morte pela fome quando chegava o inverno. Até a feitura de mel tornava-se impossível, porque se roubava o açúcar necessário para manter as abelhas vivas durante o inverno.

A terrível verdade, que muito poucos oficiais suportavam admitir, era que a tolerância ou o apoio do exército à doutrina nazista de uma “guerra racial” na frente oriental, isenta de lei militar e internacional, estava fadada a transformá-lo numa organização semicriminosa. O fato de os generais não protestarem demonstrava total falta de sensibilidade ou coragem moral. A coragem física era desnecessária. Os nazistas, nos primeiros estágios da

campanha da Rússia, não teriam ousado fazer nada pior a um oficial superior que contestasse do que afastá-lo do seu comando.

A habilidade de Hitler para manipular generais era fantástica. Embora a maioria dos generais do Sexto Exército não fosse de nazistas convictos, eles eram leais a Hitler ou, sem a menor dúvida, fingiam ser. Por exemplo, uma carta escrita em 20 de abril seria datada do “Aniversário do Führer”, e proclamações, assinadas “Viva o Führer!”. Mas era perfeitamente possível um general manter a independência e a carreira ilesas, usando exortações militares em vez de políticas. O general Karl Strecker, comandante do 11º Corpo e um descarado velho cavalo de batalha, fazia questão de jamais reconhecer o regime. Assinava proclamações aos seus soldados com: “Avante com Deus. Nossa crença é na vitória. Salve, meus bravos combatentes!” Mais importante, ele em pessoa revogava ordens ilegais vindas de cima, em uma ocasião indo de carro de unidade em unidade para certificar-se de que os oficiais o haviam entendido. Strecker escolheu Groscurth como chefe de estado-maior e, juntos, iriam dirigir o último bolsão de resistência em Stalingrado, leais ao seu próprio senso de dever, mas não ao Führer.

Contrariamente a todas as regras de guerra, a rendição não garantia a vida dos soldados vermelhos. No terceiro dia da invasão da Ucrânia, August von Kagenneck, comandante de tropa de reconhecimento da Nona Divisão de Panzers, viu da torre do seu veículo de reconhecimento “homens mortos, estendidos numa fila arrumada debaixo das árvores, ao longo da alameda de um campo, todos na mesma posição – de bruços”. Era claro que não haviam sido mortos em combate. A propaganda nazista, provocando ao mesmo tempo medos atávicos e ódio, incitava os soldados a matar pelos dois motivos, mas ao mesmo tempo lembrava-os de que eram bravos soldados alemães. Produzia uma

combinação de poderosa destruição, pois é a tentativa de controlar sinais externos de covardia que gera a mais violenta reação. O maior medo que a propaganda nazista incutia entre as tropas era o da captura.

- Tínhamos medo - admitiu Kagenneck - de cair nas mãos dos russos, sem a menor dúvida sedentos de vingança após nosso ataque de surpresa.

Os oficiais com valores tradicionais ficavam ainda mais estarecidos quando sabiam de soldados que disparavam a esmo nas colunas de prisioneiros soviéticos que se arrastavam com dificuldade na retaguarda. Essas infundáveis colunas de derrotados, famintos e acima de tudo mortos de sede no calor de verão, com os uniformes marrons e bibicos *pilokta* cobertos de poeira, eram vistos como pouco mais que rebanhos de animais. Um jornalista italiano, que vira muitas colunas, escreveu: "A maioria deles está ferida. Não usam ataduras, têm o rosto empastado de sangue e poeira, os uniformes em trapos, as mãos enegrecidas. Andam devagar, apoiando uns aos outros." Os feridos em geral não recebiam nenhuma assistência médica, e os que não conseguiam marchar ou desabavam de exaustão eram fuzilados. Não se permitia o transporte de soldados soviéticos em veículos militares alemães para que não os infectassem com piolhos e pulgas. Não se deve esquecer que 600 prisioneiros de guerra soviéticos foram envenenados com gás em Auschwitz, em 3 de setembro de 1941. Essa foi a primeira experiência, ali, com o Ziklon B.

Para os que chegavam vivos aos campos de prisioneiros de guerra, a chance de sobrevivência acabava sendo não muito maior que uma em três. Ao todo, mais de 3 milhões dos 5,7 milhões de soldados do Exército Vermelho morreram de doença, frio, fome e maus-tratos em campos de concentração alemães. O próprio Exército alemão, não a SS nem qualquer outra organização nazista, era responsável pelos prisioneiros de guerra. Sua atitude lembrava a observação do Kaiser Guilherme II em 1914, de que os 90

mil prisioneiros capturados em Tannenberg “deviam ser abandonados para morrer de fome”.

Na frente Sul, um campo alemão, destruído pelo avanço de janeiro de Timoshenko, revelou condições estarrecedoras, com prisioneiros do Exército Vermelho morrendo de “frio, fome e brutais maus-tratos”. Iuri Mikhailovich Maximov, da 127ª Divisão de Fuzileiros, capturado no outono de 1941, foi um dos levados para Novo-Aleksandrovsk. Ali, o chamado campo não tinha barracões, apenas terreno ao ar livre com uma cerca de arame farpado. Os 18 mil homens eram alimentados de 12 caldeirões nos quais ferviam grandes nacos de carne de cavalo. Quando os guardas de plantão davam a ordem de aproximar-se para receber comida, atiradores com submetralhadoras fuzilavam todo aquele que corresse. Seus cadáveres eram abandonados ali durante três dias como advertência.

Os oficiais alemães no *front* queriam que os prisioneiros fossem tratados melhor por motivos práticos. “A informação deles sobre números de inimigos, organização e intenções às vezes nos dá mais do que fornecem nossos próprios serviços secretos”, dizia uma instrução do oficial do serviço de informações da 96ª Divisão de Infantaria. “Os soldados soviéticos”, acrescentava, “respondem a interrogatório de maneira ingênua.” Ao mesmo tempo, o departamento de propaganda do OKW transmitia ordens de que se devia encorajar a deserção russa para salvar vidas alemãs. Mas o pessoal do serviço secreto no *front* sabia bem que isso “só funciona se as promessas feitas ao desertor forem cumpridas”. O problema em geral era que eles eram tão maltratados quanto quaisquer outros prisioneiros.

A aversão de Stalin pela lei internacional combinou bem com o plano de Hitler para uma guerra de aniquilação e, portanto, quando menos de um mês depois da invasão a União Soviética propôs uma adesão recíproca à convenção de Haia,

seu bilhete ficou sem resposta. Em geral, Stalin não acreditava em observar esses escrúpulos, mas a ferocidade do violento ataque alemão o abalara.

No Exército Vermelho, não existia nenhum equivalente formal às ordens ilegais distribuídas à Wehrmacht, mas membros da SS e depois de outras categorias, como soldados e membros da polícia secreta de campanha, tinham quase certeza de que seriam fuzilados após a captura. Os pilotos da Luftwaffe e as guarnições de Panzers também corriam risco de linchamento, mas em geral o fuzilamento de prisioneiros era mais aleatório do que calculado, e os atos de crueldade gratuita, localizados e incoerentes. As autoridades soviéticas queriam desesperadamente prisioneiros, sobretudo oficiais, para interrogatório.

Para os *partisans*, entre eles os destacamentos do Exército Vermelho, os trens-hospitais eram encarados como alvos legítimos, e poucos pilotos ou atiradores poupavam ambulâncias ou hospitais de campanha. Um médico da 22ª Divisão de Panzers observou:

- Minha ambulância tinha uma metralhadora montada no capô e uma cruz vermelha na lateral. O símbolo da cruz vermelha era uma farsa na Rússia e servia apenas como um sinal para nosso próprio povo.

O pior incidente ocorreu em 29 de dezembro de 1941, quando um hospital de campanha foi invadido em Feodosia, na costa da Crimeia. A infantaria da marinha soviética, com muitos soldados aparentemente embriagados, matou cerca de 160 feridos alemães. Vários foram atirados pelas janelas, outros levados para fora, mergulhados na água e deixados ali para morrer congelados.

A atrocidade ocasional, primitiva, cometida por soldados do Exército Vermelho durante o primeiro ano e meio - certamente haveria mais, se não se houvessem retirado com tanta rapidez - levou muitos alemães a fazer comparações com a Guerra dos Trinta Anos. Uma relação melhor, contudo, teria sido com a Guerra Civil russa, conflito com um dos

níveis mais altos de crueldade no século XX, que a cruzada de Hitler contra o bolchevismo retomara. Mas à medida que prosseguia a guerra, a revolta russa e um terrível desejo de vingança eram muito mais inflamados por notícias de ataques alemães nos “territórios ocupados”: aldeias reduzidas a cinzas pelo fogo em represálias e civis morrendo de fome, massacrados ou deportados para campos de trabalho. Essa impressão de genocídio contra os eslavos despertou, junto com o desejo de vingança, uma determinação implacável de não ser derrotado.

O general Paulus não assumiu o comando do Sexto Exército num momento fácil, e na certa ficara mais abalado com a morte de Reichenau do que demonstrou. Sua primeira experiência de comando superior em janeiro de 1942 coincidiu com a insensata ofensiva geral de Stalin, logo depois do sucesso do Exército Vermelho em torno de Moscou. De fato, foram momentos difíceis para todas as forças alemãs na frente Sul. O 11º Exército do general Manstein na Criméia ainda não conseguira capturar Sebastopol, e um ataque surpresa das tropas do Exército Vermelho vindas do Cáucaso, no final de dezembro, tomara a península de Kerch. Hitler, apoplético de raiva, mandou o comandante do corpo, general conde von Sponeck, para a corte marcial.

Paulus deslocou o quartel-general do Sexto Exército para Kharkov, mais adiante, o objetivo do marechal Timoshenko. A temperatura caía para -30°C, às vezes até mais baixa. O transporte alemão por ferrovia e estrada se congelara como pedra, e as carroças puxadas a cavalo só conseguiam fornecer escassíssimas rações.

O plano de Timoshenko fora isolar a região industrial do Donbas e apoderar-se de Kharkov num imenso cerco, mas só a parte Sul da tenaz conseguira varar as linhas alemãs. Embora houvesse sido uma ofensiva bem-sucedida,

capturando um saliente de quase 97 quilômetros, faltavam ao Exército Vermelho recursos e tropas novas, e após dois meses de intenso combate, seus ataques reduziram-se até parar.

O Sexto Exército resistia, mas Paulus se sentia pouco à vontade. O marechal de campo von Bock, que Hitler designara para comandar o Grupo Sul do Exército, não disfarçou a sensação de que ele fora supercauteloso no contra-ataque. Paulus conservou o comando, com o apoio do seu protetor, general Halder. Em vez dele, transferiu-se seu chefe no estado-maior, coronel Ferdinand Heim, substituído pelo coronel Arthur Schmidt, oficial de estado-maior, de uma família mercantil de Hamburgo, magro, com traços bem definidos e língua afiada. Confiante em suas próprias habilidades, Schmidt sofreu muitas restrições dentro do quartel-general do Sexto Exército, embora também tivesse seus defensores. Paulus confiava muito em seu discernimento e, em consequência, ele desempenhou um grande, dizem alguns excessivo, papel na determinação do curso dos acontecimentos posteriores naquele ano.

No início da primavera de 1942, as divisões que iam perecer em Stalingrado tinham pouco interesse pelas fofocas de estado-maior. Suas preocupações imediatas eram reabastecimento e rearmamento. Realçou a flexibilidade profissional e a capacidade de rápida recuperação do Exército alemão (e muito menos seu senso de autopreservação) o fato de as lembranças do terrível inverno terem sido praticamente apagadas assim que chegaram a primavera e o novo equipamento.

- O moral mais uma vez subiu - lembrou um comandante, cuja companhia afinal tinha um complemento total de 18 tanques. - Estávamos em boas condições.

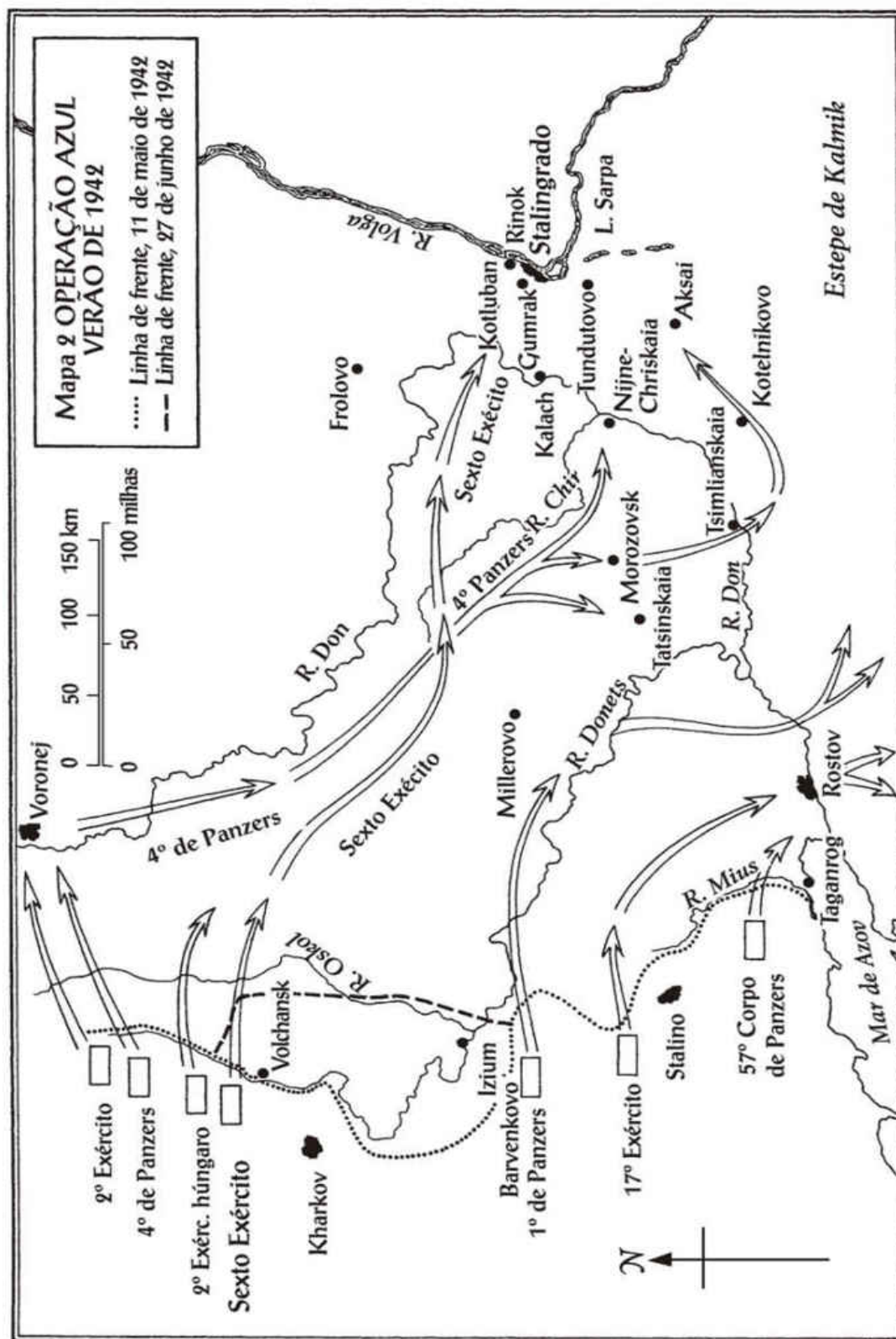
Nem mesmo ficaram muito transtornados pelo fato de a versão do Panzer Mark III de cano longo ter apenas um

canhão de 50mm, cujo projétil muitas vezes não penetrava nos tanques soviéticos.

Embora não se houvesse transmitido nenhum comunicado entre as divisões, todo mundo sabia que uma importante ofensiva não demoraria a vir. Em março, o general Pfeffer, comandante da 297ª Divisão de Infantaria, disse, em tom meio brincalhão, a um capitão que relutava em ser enviado de volta à França para um curso de comandante de batalhão:

- Fique muito feliz por estar tendo uma folga. A guerra vai durar o suficiente e ser terrível o bastante para você ter um bom gostinho dela.

Em 28 de março, o general Halder foi de carro a Rastenburg apresentar os planos exigidos pelo Führer para a conquista do Cáucaso e do Sul da Rússia até o Volga. Não desconfiou que em Moscou a *Stavka* estudava o projeto de Timoshenko para uma renovada ofensiva na área de Kharkov.



Em 5 de abril, o quartel-general do Führer emitiu ordens para a campanha trazer a “vitória final no Leste”. Enquanto o Grupo Norte do Exército, com a Operação Luz do Norte, foi planejado para levar o cerco de Leningrado a uma conclusão bem-sucedida e juntar-se aos finlandeses, a principal ofensiva – Operação Siegfried, rebatizada como Operação Azul – se realizaria no Sul da Rússia.

Hitler continuava convencido da “superioridade qualitativa da Wehrmacht sobre os soviéticos” e não via nenhuma necessidade de reservas. Era quase como se o afastamento dos comandantes de grupos do exército também houvesse apagado toda a lembrança dos últimos fracassos. O marechal de campo von Bock, o mais rapidamente renomeado, duvidava que eles tivessem força para capturar, quanto mais ocupar, os campos de petróleo caucasianos. Temia que a União Soviética não estivesse esgotando tanto suas reservas como acreditava firmemente o quartel-general do Führer. “Minha grande preocupação – que os russos pudessem apoderar-se antecipadamente de nós com seu próprio ataque –”, escreveu em seu diário em 8 de maio, “não diminuiu.”

Naquele mesmo dia, Bock deu as boas-vindas ao general Walther von Seydlitz-Kurzbach, que furara o cerco de Demiansk. Seydlitz, um artilheiro, era descendente do brilhante general de cavalaria de Frederico, o Grande, famoso na juventude por passar a galope por entre as asas de um moinho de vento em plena atividade, porém mais famoso pela grande vitória de Rossbach na Guerra dos Sete Anos, em que seus esquadrões reunidos em massa levaram a melhor. Walther von Seydlitz também era impulsivo e, como o antepassado, também condenado à má sorte e uma velhice amargurada. Chegara naquela tarde por ar, vindo de Königsberg, onde pegara uma licença de poucos dias com a esposa, antes de assumir o comando do 51º Corpo sob Paulus. Quando os dois se despediram no campo de aviação, jamais imaginaram “que era um adeus por quase 14 anos”.

Seydlitz avançou para Kharkov no dia seguinte. A cidade, constatou, não fora seriamente danificada quando capturada. “Os prédios datam sobretudo de épocas czaristas, com exceção de uma nova universidade em bombástico estilo stalinista e de uma indústria de tratores de construção norte-americana. No centro, quase tudo é feito de tijolo, enquanto, mais para a periferia, as casas são de madeira.” Em seu novo corpo, ele constatou que tinha sob comando duas divisões austríacas, a 44ª Divisão de Infantaria, sucessora do antigo regimento Hoch-und Deutschmeister, e a 297ª Divisão de Infantaria do general Pfeffer.

Em 10 de maio, Paulus apresentou ao marechal de campo von Bock o esboço dos seus planos para a Operação Frederico, a eliminação do saliente de Barvenkovo conquistado por Timoshenko durante a ofensiva de janeiro. Os temores de Bock, de um ataque russo, revelaram-se corretos mais cedo do que ele rezeira. Timoshenko arregimentara 640 mil homens, 1,2 mil tanques e quase mil aeronaves. Em 12 de maio, seis dias antes do início programado da Operação Frederico, o Exército Vermelho lançou um duplo ataque, partindo dos arredores de Volchansk e do saliente de Barvenkovo para isolar Kharkov. Bock advertira Paulus de que não contra-atacasse com demasiada pressa nem sem apoio aéreo, mas as brigadas de tanques romperam o cinturão de defesa do *front* do VIII Corpo do general Walther Heitz, e naquele anoitecer as unidades de tanques russas se achavam a menos de 20 quilômetros de Kharkov.

Na manhã seguinte, Bock compreendeu que a investida do inimigo em Volchansk fora mais séria do que ele percebera. O Sexto Exército de Paulus recebeu uma pesada surra de diferentes direções. Em 72 horas de combate, grande parte sob intensa chuva, 16 batalhões foram destruídos. Paulus convenceu-se de que a solução era conter a ação, cedendo terreno quando necessário. Bock, contudo, tinha outras

ideias. Persuadiu Halder a convencer Hitler de que um ousado contra-ataque com o Primeiro Exército de Panzers de Kleist poderia transformar um revés em vitória. O Führer, que vivia por momentos como esse, logo reconheceu a oportunidade. Afirmando a ideia como sua, incitou Kleist a deslocar seu Primeiro Exército de Panzers e colocá-lo rapidamente em posição para atacar o flanco Sul inimigo. Ordenou à Luftwaffe que concentrasse todo grupo de ataque disponível para encurralar as formações de Timoshenko até que Kleist ficasse pronto.

Kleist atacou o lado Sul do saliente de Barvenkovo antes do amanhecer de 17 de maio. Ao meio-dia, sua ponta de lança avançara 16 quilômetros, embora suas divisões de Panzers tivessem de combater de perto o T-34, do contrário “a artilharia ricochetearia como fogos de artifício”.

Naquela noite, Timoshenko comunicou-se com Moscou, implorando reforços para deter Kleist. Segundo Jukov, Timoshenko não avisou Moscou da possibilidade de seus exércitos serem cercados, mas o comissário-chefe do *front*, Nikita Kruchov, afirmou que Stalin se recusara firmemente a permitir-lhes retirar-se do perigo. (Esta foi uma das acusações de Kruchov a Stalin em sua famosa denúncia no XX Congresso do Partido em 1956.) Por fim, em 19 de maio, Timoshenko cancelou a ofensiva, com a concordância de Stalin, mas era tarde demais.

Bock decidiu que chegara a hora de Paulus atacar pelo norte para fechar o cerco. O combate resultante, uma compressão gradual de mais de um quarto de milhão de soldados soviéticos, levou a situações inusitadas. Segundo um primeiro-sargento da 389ª Divisão de Infantaria, seu regimento de granadeiros viu-se numa batalha impiedosa contra o que descreveu como um “batalhão bandido” de mulheres soldados, comandadas por uma ruiva.

- Os métodos de combate dessas feras revelaram-se de formas traiçoeiras e perigosas. Elas se deitavam escondidas

em montes de palha e atiravam em nós pelas costas quando passávamos.

No momento em que o círculo se fechou, parte do Segundo Regimento de Panzers e algumas artilharias mecanizadas viram-se ao cair da noite isoladas no meio dos russos concentrados. O comandante delas era o lendário Hyazinth Graf von Strachwitz, conhecido como o “Panzer-Kavallerist”. Strachwitz, de 49 anos, destacado soldado da cavalaria na Primeira Guerra Mundial – sua tropa avançara tanto até o *front* na ofensiva de 1914 que eles haviam visto Paris ao longe –, ainda conservava o bigode escuro e a elegante boa aparência de um astro de cinema da década de 1920. Mais importante, não perdera o misterioso faro para o perigo que fizera sua fama de comandante de sorte.

Quando caiu a escuridão, como a pequena força da 16ª Divisão de Panzers não tinha a mínima ideia da situação à sua volta, Strachwitz ordenou que se pusessem obstáculos de arame farpado até o raiar do dia. Pouco antes da primeira luz, levou o capitão barão Bernd von Freytag-Loringhoven, um dos seus comandantes de esquadrão, e dois dos oficiais de artilharia até o alto de um montículo, disposto a examinar os arredores. Quando os quatro oficiais focalizaram os binóculos, Strachwitz de repente pegou Freytag-Loringhoven pelo braço e arrastou-o colina abaixo. Deu um grito de alarme aos dois artilheiros, mas eles não foram rápidos o bastante. Morreram com a granada de uma bateria russa em outro montículo. Sem perder tempo, Strachwitz ordenou aos motoristas que dessem a partida e que os tanques e veículos atacassem em massa fora da vasta arena e se juntassem ao resto da divisão.

Os soldados do Exército Vermelho revidaram ferozmente ao ataque durante mais de uma semana, no úmido clima de primavera. Faziam desesperadas investidas à noite – às vezes, de braços dados – contra as linhas alemãs, mas o cerco era firme e eles iam sendo massacrados aos milhares sob a luz curiosamente mortal dos clarões de magnésio. Os

corpos empilhados diante das posições alemãs atestavam-lhes a suicida bravura. Os sobreviventes ficavam imaginando se um dia conseguiriam escapar. Um soldado desconhecido russo, preso no bolsão, escreveu num pedaço de papel que, vendo “os raios dos holofotes de busca alemães brincando nas nuvens”, perguntava-se se ainda voltaria a ver a namorada.

Menos de um em dez homens conseguiu escapar. Os Sexto e 57º exércitos, colhidos na “ratoeira de Barvenkovo”, foram praticamente aniquilados. Os exércitos de Paulus e Kleist haviam capturado 240 mil prisioneiros, 2 mil canhões e o grosso da força de tanques de Timoshenko. Suas próprias baixas não passaram muito de 20 mil homens. Chegaram congratulações de todos os cantos. Paulus viu-se festejado na imprensa nazista que, relutante em louvar aristocratas reacionários, muito falou de suas modestas origens familiares. O Führer condecorou-o com a Cruz de Cavaleiro e enviou uma mensagem dizendo que apreciara muitíssimo “o sucesso do Sexto Exército contra um inimigo esmagadoramente superior em número”. Schmidt, chefe de estado-maior de Paulus, afirmou que nos anos posteriores o efeito mais influente dessa batalha foi na atitude de Paulus com Hitler. A decisão do Führer de apoiar o ambicioso contra-ataque convenceu-o de seu brilhantismo e da capacidade superior do OKW para julgar a situação estratégica.

De modo irônico, dadas as circunstâncias, Paulus também recebeu uma carta de admiração singularmente emocional do major conde Claus von Stauffenberg, do Estado-Maior geral, que permanecera como seu companheiro durante parte da batalha. “Como é reanimador”, escreveu Stauffenberg, “afastar-nos dessa atmosfera para um ambiente em que os homens dão o melhor de si sem pestanejar, e também suas vidas, sem um murmúrio de queixa, enquanto os líderes e aqueles que deviam dar o exemplo discutem e tergiversam sobre seu próprio prestígio,

ou não têm coragem de dizer o que pensam sobre uma questão que afeta a vida de milhões de seus colegas.” Paulus ou não percebeu ou, com maior probabilidade, ignorou de propósito a mensagem codificada.

Paulus relutou visivelmente em examinar os erros de Hitler, embora depois da maneira como os planos para a Barbarossa haviam mudado ao capricho do Führer, no ano anterior, houvesse sido capaz de avaliar o verdadeiro perigo para os comandantes de campo. Hitler, deliciado com a ideia de sua própria infalibilidade e aproveitando as comunicações quase imediatas com seu quartel-general, tentaria, à maneira de Deus, controlar cada manobra a distância.

6

“De quanta terra precisa um homem?”

No início do dia 1º de junho, Hitler decolou em seu Focke-Wulf Condor do campo de aviação perto de Rastenburg rumo ao Grupo Sul do Exército em Poltava. O tema da conferência era a grande ofensiva de verão. Achava-se num clima de regozijo quando cumprimentou o marechal de campo von Bock e seus altos comandantes, entre eles Kleist do Primeiro Exército de Panzers, Hoth do Quarto Exército de Panzers e Paulus do Sexto Exército. O oficial da Luftwaffe superior presente era o brigadeiro barão Wolfram von Richthofen.

Richthofen, primo do “Barão Vermelho”, em cujo esquadrão ingressara em 1917, era um homem rubicundo, inteligente e arrogante. Sua fama de implacável falava por si. Comandara a Legião Condor na Espanha, onde se inventara a técnica do “tapete de bombas”, diretamente responsável pela destruição de Guernica em 1937,

acontecimento que passou a simbolizar o horror da guerra moderna. Foi o VIII Corpo Aéreo de Richthofen que destruiu Belgrado em abril de 1941, matando 17 mil civis: ato pelo qual seu comandante em chefe, o brigadeiro Alexander Löhr, foi executado pelos iugoslavos após a guerra. No mês seguinte, durante a invasão de Creta, o avião de Richthofen reduziu a escombros a arquitetura veneziana de Canea e Heraklion.

Durante a conferência, Hitler mal falou de Stalingrado. Pelo que sabiam seus generais, era pouco mais que um nome no mapa. Sua obsessão era com os campos de petróleo do Cáucaso.

- Se não tomarmos Maikop e Grozni - disse aos generais -, tenho de acabar com a guerra.

Naquele estágio, o único interesse em Stalingrado era eliminar as fábricas de armamentos ali e garantir uma posição segura no Volga. A captura da cidade em si não era considerada necessária.

A primeira fase da Operação Azul era conquistar Voronej. A segunda, cercar o grosso das forças soviéticas num grande movimento de pinça a oeste do Don. O Sexto Exército se deslocaria então para Stalingrado, a fim de assegurar o flanco Nordeste, enquanto o Primeiro Exército de Panzers de Kleist e o 17º Exército ocupavam o Cáucaso. Depois que Bock terminou sua apresentação, Hitler falou. Fez tudo parecer muito simples. O Exército Vermelho estava liquidado após a guerra de inverno, e a vitória em Kharkov mais uma vez confirmara a supremacia alemã. Tão grande era a certeza de Hitler de sucesso no Sul, que assim que caiu Sebastopol, planejava enviar o 11º Exército de Manstein para o norte. Chegou a contar a Manstein seu sonho de mandar colunas blindadas pelo Cáucaso até o Oriente Médio e a Índia.

Antes que se pudesse começar a Operação Azul a sério, duas ofensivas menores tinham de ser realizadas para pôr em ordem o *front* e preparar a linha de partida, com cabeças

de ponte do outro lado do rio Donets. Na tarde de 5 de junho, como um último regalo, muitos oficiais e soldados do Sexto Exército foram ao balé de Kharkov. Os bailarinos, sem receber seus salários, haviam sido mantidos vivos durante todo o inverno com rações da Wehrmacht. Naquele dia dançaram *O lago dos cisnes*, e a apinhada plateia, suando nos uniformes *feldgrau*, apreciou muitíssimo a interpretação da tragédia do príncipe Siegfried, apanhado na armadilha pelo perverso Rothbart. (Essa curiosa conjunção de dois nomes em código – Siegfried, nome original da Operação Azul, e Rothbart, o equivalente alemão da Barbarossa – era pura coincidência.) Após a apresentação, o público voltou às pressas para suas unidades. Naquela quente noite sem lua, elementos da vanguarda do Sexto Exército puseram-se em marcha para o nordeste, rumo ao setor de Volchansk.

Em 10 de junho, às duas da manhã, companhias da 297ª Divisão de Infantaria iniciaram a travessia do Donets com barcos de assalto. Após assegurar um ponto de apoio no lado oposto, as companhias de sapadores puseram-se a trabalhar na construção de uma ponte flutuante de 60 metros. Ao anoitecer, os tanques da 14ª Divisão de Panzers transpuseram-na, matraqueando. Na manhã seguinte, uma ponte mais rio acima foi capturada antes que as tropas soviéticas que a guardavam pudessem explodi-la. Mas essa travessia era tão estreita que, no dia seguinte, formou-se um engarrafamento de tráfego entre os campos minados dos dois lados da rota, marcada com fita branca. Uma chuvarada transformou a estrada de terra num pantanal. Então duas granadas explodiram, lançando no ar esguichos de lama e fumaça preta. Isso deixou em pânico os cavalos de uma carroça de bagagem. Eles recuaram e depois saltaram para fora da estrada, pela fita branca. Uma mina explodiu. Um cavalo foi despedaçado, o outro caiu sangrando no solo. A carroça deles pegou fogo e as chamas logo se propagaram para outra perto, carregada de munições. Cartuchos de

armas pequenas e granadas começaram a explodir numa batalha instantânea.

O padrão de escaramuças, sucessos e contratempos relativamente menores continuou no dia seguinte. Um major do estado-maior de uma divisão suábica, sentado junto a seu general num terrapleno de ferrovia durante visita a uma unidade de ponta, foi morto instantaneamente pelo disparo de um franco-atirador russo emboscado no mato cerrado. O motorista deles também foi atingido no ombro esquerdo. O general, após ordenar a represália à infantaria e dois canhões de ataque autopropulsores, mandou pôr o cadáver do oficial do seu estado-maior no carro e abandonou “o lugar fatídico”. Durante o jantar daquela noite, na tenda do refeitório do quartel-general, os oficiais subalternos debateram as vantagens de uma morte súbita. Alguns julgavam desejável o fim inesperado do major como quase um ideal militar, outros ficaram deprimidos, considerando isso o roubo de uma vida, reduzindo o corpo de um oficial ao nível de um jogo de tiro ao alvo. O general permaneceu até o fim em raivoso silêncio, visivelmente transtornado pela morte do subordinado por uma bala a ele destinada.

Enquanto o Sexto Exército e o Primeiro Exército de Panzers asseguravam a linha de partida para a Operação Azul, marcada para iniciar-se em 28 de junho, todos os quartéis-generais envolvidos mergulhavam em confusão. Em 19 de junho, o major Reichel, oficial de operações da 23ª Divisão de Panzers, partiu numa aeronave ligeira Fieseler Storch para visitar uma unidade da linha de frente. Contrariamente a todos os procedimentos de segurança, levou consigo um conjunto de ordens detalhadas para toda a operação. O avião foi derrubado por disparos pouco além das linhas alemãs. Uma patrulha enviada para recuperar os corpos e documentos descobriu que os russos haviam chegado lá primeiro. Hitler, ao saber da notícia, ficou quase ensandecido de raiva. Exigiu que os comandantes divisional e do corpo de Reichel enfrentassem uma corte marcial.

A grande ironia foi que Stalin, quando informado dos documentos apreendidos, repudiou-os na hora como falsificações. Revertendo à obsessiva obstinação do ano anterior, recusou-se a acreditar em qualquer coisa que contradissesse sua opinião de que Hitler ia mais uma vez atacar Moscou. O quartel-general da Frente Sudoeste enviou por aeronave os documentos de Reichel ao Kremlin, mas Stalin, durante sua reunião em 26 de junho com o general Golikov, comandante da ameaçada Frente de Briansk, atirou com raiva os papéis para o lado quando viu que o oficial os julgava autênticos. Golikov foi mandado direto de volta a seu quartel-general com a função de preparar um rápido ataque preventivo para recapturar Orel. Ele e seu estado-maior trabalharam no rascunho de um plano durante todo o dia seguinte e grande parte da noite, mas seus esforços foram em vão. A ofensiva alemã começou algumas horas depois.

Em 28 de junho, o Segundo Exército e o Quarto Exército de Panzers, distribuídos em posição de combate perto de Kursk, atacaram exatamente a leste, em direção a Voronej, não em direção a Orel e Moscou, como esperava Stalin. Um controlador aéreo avançado da Luftwaffe, em geral um tenente ajudado por dois sargentos com um dos mais recentes aparelhos de rádio, foi ligado aos quartéis-generais das principais divisões de Panzers na vanguarda pronto a convocar ataques aéreos. Assim que se realizou a ofensiva inicial varando as linhas inimigas, as divisões de Panzers de Hoth avançaram rapidamente, com os Stukas de Richthofen esmagando baluartes militares ou concentrações de tanques à frente.

A ofensiva nas linhas inimigas do Quarto Exército de Panzers causou grande alarme em Moscou. Stalin concordou com os pedidos de Golikov de mais tanques e transferiu várias brigadas da reserva da *Stavka* e da Frente Sudoeste de Timoshenko. Mas, devido às más comunicações, seu deslocamento das tropas para posição de contra-ataque exigiu tempo. Um Focke-Wulf 189 de um esquadrão de

reconhecimento próximo localizou as áreas de concentração russas e, em 4 de julho, o VIII Corpo Aéreo de Richthofen atacou de novo.

Em 30 de junho, o Sexto Exército de Paulus atravessou a linha de partida preparada no lado oriental do rio Donets. Tinha o Segundo Exército húngaro à esquerda e o Primeiro Exército de Panzers à direita. A resistência enfrentada foi mais forte que a esperada, com os T-34 e canhões antitanques enterrados e camuflados contra os Stukas e os Panzers. Essa forma de combate, contudo, deixou as tropas de tanque russas em desvantagem, porque as tropas de Panzers alemãs, muito mais experientes, as superavam em perícia com facilidade. As tripulações soviéticas ou lutavam até o fim sem se mover ou corriam o mais depressa que podiam no último momento. “Os tanques russos saíam de suas posições como tartarugas”, escreveu um observador, “e tentavam escapar com movimentos em zigue-zague. Alguns ainda usavam as redes de camuflagem: pareciam perucas verdes.”

As divisões alemãs avançavam atravessando imensos campos de girassóis ou milho. Um dos principais perigos que enfrentavam eram os soldados do Exército Vermelho, isolados pelo rápido avanço, atacando por trás ou pelo flanco. Em muitas ocasiões, quando os soldados alemães disparavam em revide, os do Exército Vermelho caíam, fingindo-se de mortos, e ficavam ali deitados sem se mexer. Quando os alemães se aproximavam para investigar, os soviéticos esperavam até quase o último momento, depois “atiravam neles à queima-roupa”.

Apesar de seu implacável avanço, os oficiais de estado-maior alemão continuaram preocupados depois da captura dos planos do major Reichel. Já haviam debatido em particular se Kharkov fora ou não uma vitória decisiva: agora, temiam um ardil. Não sabiam se o inimigo preparava

exércitos de reserva para um contra-ataque surpresa ou planejava retirar-se para o interior, estendendo mais suas linhas de abastecimento por vastas regiões com comunicações precárias. Nesse estágio, contudo, seus temores eram muito exagerados. O caos no lado soviético era tão grande, devido à avaria nas comunicações, que os oficiais e comandantes de estado-maior tinham de sobrevoar em biplanos, esquivando-se dos Messerschmitt, enquanto tentavam localizar suas tropas.

O caso Reichel rendeu muito. A ideia da astuta armadilha russa foi perpetuada e acentuada após a batalha de Stalingrado por muitos sobreviventes e historiadores do período da Guerra Fria, que ignoravam o fato um tanto óbvio de que o maior erro de Stalin desde a invasão fora recusar-se a deixar suas forças se retirarem. O início da retirada do Exército Vermelho diante dos alemães, em julho de 1942, não era parte de um plano diabólico. Muito simples, Stalin afinal aceitara o bom senso de permitir aos comandantes fugirem do cerco. Em consequência, o ataque a oeste do Don acabou sendo inútil.

Contudo, a *Stavka* acordou que Voronej, um centro vital de comunicações, deveria ser defendido até o fim. Eles sabiam que se não resistissem ali e evitassem o avanço alemão pelo alto Don acima, toda a Frente Sudoeste de Timoshenko seria flanqueada pelo inimigo.

Voronej ia ser a primeira batalha importante para a recém-mecanizada 24ª Divisão de Panzers, que até o ano anterior fora a única divisão de cavalaria da Wehrmacht. Flanqueada pela *Grossdeutschland* e a 16ª Divisão Motorizada, a 24ª Divisão de Panzers atacou de cabeça em Voronej. Os granadeiros de seus Panzers chegaram ao Don em 3 de julho e ocuparam uma cabeça de ponte no outro lado. Na noite seguinte, granadeiros Panzer da *Grossdeutschland* capturaram a ponte na principal estrada para Voronej, num audacioso *coup de main*, antes de os russos perceberem o que acontecera.

Hitler voou mais uma vez para Poltava, em 3 de julho, com seu séquito, para consultas com o marechal de campo von Bock. Mais uma vez se achava em triunfante estado de espírito com a captura de Sebastopol, e acabara de fazer de Manstein marechal de campo. “Durante a conversa”, escreveu Bock em seu diário, “o Führer se regozijou muito com a ideia de que os ingleses se livram de qualquer general quando as coisas dão errado, e por isso estavam enterrando qualquer iniciativa em seu exército!” Os generais alemães presentes foram obrigados a juntar-se à risada bajulatória. Embora o Führer se achasse em visível ótima forma, também estava ansioso para não permitir que os exércitos soviéticos escapassem, sobretudo aqueles a sudoeste de Voronej, nas curvas do Don. Parecia que a cidade logo cairia.

Hitler então tomou uma desastrosa decisão conciliatória. Permitiu a Bock continuar a batalha por Voronej com um corpo de Panzers já envolvido, mandando ao mesmo tempo o resto do exército de Hoth para o sul. Mas faltou às tropas alemãs que ficaram atrás a força para obter um resultado rápido. Os defensores soviéticos resistiram em feroz combate de rua, onde os alemães perderam suas principais vantagens.

Mais por ocorrência fortuita que por estratégia, o combate em Voronej era parte de uma fase, para o Exército Vermelho, de concentrar a defesa em cidades, não em linhas arbitrárias no mapa. A nova flexibilidade permitira aos exércitos de Timoshenko recuar, evitando o cerco, mas eles já haviam sido tão maltratados que em 12 de junho um novo comando de grupo do exército – a Frente de Stalingrado – foi criada por diretriz da *Stavka*. Embora ninguém ousasse exprimir a sugestão derrotista de que o Exército Vermelho talvez fosse obrigado a recuar até o Volga, começou a intensificar-se a desconfiança de que era lá que a principal batalha teria de ser travada. A prova mais significativa foi o imediato despacho de Saratov, da Décima Divisão de Fuzileiros do NKVD, cujos cinco regimentos vinham dos Urais e da Sibéria.

Seu quartel-general divisional assumiu o comando de todas as unidades e batalhões de milícia locais do NKVD, formou um destacamento de trem blindado, dois batalhões de treinamento em tanque e assumiu o controle do tráfego fluvial do outro lado do Volga.

Esses pareceram dias gloriosos para os regimentos de linha de frente alemães. “Até onde a vista alcança”, escreveu um observador, “veículos blindados e meias-lagartas avançam rolando pela estepe. Galhardetes flutuam no ar da tarde luzindo suavemente.” Os comandantes erguiam-se destemidos e eretos nas torres dos tanques, um braço estendido para cima, acenando a suas companhias que avançassem. Os rastros levantavam poeira e sopravam-na para fora como nuvens de fumaça em sua esteira.

Esses dias foram sobretudo estimulantes para os jovens oficiais que corriam para a retomada de Rostov sobre o Don. A recuperação de seu moral com a temperatura primaveril, o novo equipamento e o grande sucesso em Kharkov haviam afastado o pesadelo do inverno.

“Era quase como se tivéssemos duas partes separadas na cabeça”, explicou o conde Clemens von Kagenneck, tenente da Terceira Divisão de Panzers que logo ganharia a Cruz de Cavaleiro com Coroa de Folhas de Carvalho. “Seguíamos atacando exultantes à frente e, no entanto, sabíamos que o inimigo iria mais uma vez atacar no inverno.”

Também haviam esquecido a capacidade da Rússia, com suas imensas distâncias, climas extremos e estradas ruins, de emperrar sua moderna maquinaria e forçá-los de volta às táticas e condições da Primeira Guerra Mundial.

Nos primeiros meses da campanha, a infantaria calculava cuidadosamente a distância que haviam percorrido desde que transpuseram a fronteira na manhã da Barbarossa. Agora não se davam mais ao trabalho. Marchavam avante com passos pesados, o rosto empastado de suor e poeira, a

“10-Kilometer-Tempo” (10 quilômetros por hora), tentando acompanhar o ritmo das formações motorizadas. Os comandantes de Panzers também pareciam esquecer que a artilharia da maioria das divisões alemãs ainda não era mecanizada, os lentos cavalos de tiros engasgando com regularidade nas nuvens de poeira e as guarnições dos canhões balançando, cansadas, em seus dorsos. Mas a tecnologia e a estepe plana trouxeram uma grande vantagem. Todos os feridos nos combates de avanço para contato eram logo evacuados pelo *“Sanitäts-Ju”*, um Junkers 52 transformado em ambulância aérea.

Impressionados pelo horizonte ilimitado e a imensidão do céu, e talvez também influenciados pela visão de veículos oscilando loucamente ao entrar e sair de buracos, como navios numa forte ondulação marítima, os mais imaginativos viam a estepe como um mar inexplorado. O general Strecker descreveu-a numa carta como “um oceano que poderia afogar o invasor”. Aldeias tornavam-se o equivalente a ilhas. Na estepe estorricada pelo sol, também ofereciam a mais promissora fonte de água. Mas um comandante de Panzers podia localizar uma torre de igreja em forma de cebola, ao longe, e depois, ao chegar, encontrar a seu lado o resto da aldeia destruída, às vezes com árvores ainda fumegando. Só as chaminés de tijolos permaneciam de pé. Carcaças de cavalos e gado estendiam-se por toda parte, a barriga intumescida no calor impelindo as pernas grotescamente para o ar. Muitas vezes o único sinal de vida era o curioso gato, miando nas ruínas.

Numa aldeia ileso durante o combate, podia aparecer um velho camponês hesitante, tirar o boné como se para um *barin* antes da revolução e correr a buscar água para os visitantes. Enquanto isso, algumas das aldeãs talvez conduzissem seus gansos para um barranco ou arvoredado afastado, na tentativa de escondê-los, mas logo descobriam que os soldados alemães tinham um faro tão bom quanto qualquer grupo de requisição do Partido Comunista.

Os soldados não apenas levavam os nabos e as cebolas dos campos, mas também faziam uma batida em quase todo terreno arrendado ou horta por que passavam. Galinhas, patos e gansos eram os mimos preferidos de guerra, pois eram portáteis e fáceis de preparar para comer. Clemens Podewils, correspondente de guerra agregado ao Sexto Exército, descreveu em seu diário a chegada, em 30 de junho, de um grupo de combate a uma aldeia, após uma intensa escaramuça. “Vultos negros saltam de tanques e meias-lagartas. De repente, uma grande execução é levada a cabo. As aves domésticas, as penas eriçadas cobertas de sangue e batendo as asas num paroxismo, são carregadas de volta para os veículos. Os homens tornam a entrar de um salto e se instalam, as esteiras do tanque trituram o solo e os veículos mais uma vez se deslocam.” A única coisa que não se davam ao trabalho de levar dos habitantes locais eram suas sementes de girassol, que os alemães chamavam jocosamente de “chocolates russos”.

Há uma perturbadora disparidade em muitos relatos, sem nenhuma ligação entre as cenas horripilantes e o envolvimento deles próprios. “Um menino muito pequeno se interpôs em nosso caminho”, escreveu numa carta um estudante de teologia de 20 anos. “Ele não mais implorava, apenas murmurava: ‘*Pan*, pão’. Era arrepiante ver quanta dor, sofrimento e apatia podiam existir no rosto de uma criança.” Logo depois, o mesmo estudante de teologia que se tornou soldado, pouco antes de sua morte, revelava o lirismo de um romântico do início do século XIX: “Alemanha, ainda não usei esta palavra, vós, país de corações grandes, fortes. Sois meu lar. É digno de uma vida tornar-se uma semente para vós.”

Os aliados alemães saqueavam com sua paradoxal ideia própria de moralidade que devia ser certo roubar dos comunistas. “Nossos rapazes roubaram três botijas de leite”, escreveu um cabo húngaro em seu diário. “As mulheres tinham levado o leite para o porão embaixo, quando nossos

soldados surgiram com granadas e fingiram lançá-las. Elas se apavoraram e saíram correndo, aí nossos rapazes pegaram o leite. Rezamos para Deus nos ajudar também no futuro.”

Naquele julho, Hitler ia ficando cada vez mais impaciente com os atrasos que, em essência, eram culpa dele mesmo. As divisões de Panzers seguiam em investidas repentinas, mas depois tinham de parar num momento crucial quando acabava o combustível. Isso representou um aguilhão duplo para o Führer, que desviava sem parar os olhos pelo mapa do caminho para os campos de petróleo do Cáucaso.

Seu humor febril impeliu-o à mais desastrosa mudança de plano, que de fato consumiu mais tempo e mais combustível quando as formações foram redirecionadas. O estágio central da Operação Azul fora um rápido avanço do Sexto Exército e do Quarto Exército de Panzers rumo a Stalingrado, para isolar as tropas em retirada de Timoshenko, antes que se lançasse o ataque contra Rostov e através do baixo Don, penetrando então no Cáucaso. Mas Hitler estava tão desesperado para acelerar o ataque no Cáucaso que decidiu percorrer os dois estágios ao mesmo tempo. Isso, claro, reduziu muitíssimo a concentração de força. Inteiramente contra o conselho de Halder, ele desviou o Quarto Exército de Panzers de Hoth para o sul e também privou o Sexto Exército do 40º Corpo de Panzers, reduzindo desse modo a velocidade de seu avanço a um ataque lento, frontal, em direção a Stalingrado.

O marechal de campo von Bock não ocultou sua exasperação com a decisão arbitrária do Führer de cindir a Operação Azul, passando de um conjunto coerente em dois estágios para duas partes totalmente separadas. Hitler também decidiu dividir o Grupo Sul do Exército em dois. O marechal de campo List, bávaro, deveria conduzir o Grupo A do Exército pelo Cáucaso adentro, enquanto o marechal de

campo barão von Weichs comandaria o Grupo B do Exército, com o Sexto Exército como sua maior formação. O Führer, simplesmente sabendo bem demais da desaprovação de Bock, demitiu-o, culpando-o pelo atraso em Voronej. Hitler, portanto, mudou não apenas a organização, mas também o cálculo de tempo e a sequência que formavam a lógica da Operação Azul. Seu passo seguinte, duas semanas depois, foi aumentar consideravelmente o âmbito da operação, ao mesmo tempo reduzindo mais ainda as forças existentes.

A atenção do Führer concentrava-se firmemente nos acessos ao Cáucaso, enquanto esperava com impaciência os avisos de uma grande batalha de cerco, encurralando as tropas de Timoshenko no Norte da estepe de Rostov. Mas o único cerco alcançado foi relativamente pequeno, pelo 40º Corpo de Panzers, em Millerovo, em 17 de julho. As divisões de Panzers, sem perder tempo, deixaram para outras tropas a tarefa de captura de prisioneiros. Dirigiram-se para o sudeste. Suas unidades de ponta atingiram a cidade e a estação ferroviária de Morozovsk em um dia e no outro chegaram ao baixo Don, um avanço de 200 quilômetros em apenas pouco mais de três dias.

Mais uma vez, o destino à espera dos prisioneiros soviéticos foi terrível. Stepan Ignatevich Odinihtsev, auxiliar de escritório na 60ª Divisão de Cavalaria, foi um dos capturados em Millerovo, em 17 de julho. Junto com milhares de outros prisioneiros russos, puseram-no num cercado improvisado em Morozovsk, próximo à principal linha ferroviária que levava, no Leste, a Stalingrado e, no Oeste, de volta à Ucrânia. Alguns prisioneiros foram dispersados nas semanas seguintes para outros campos erguidos às pressas, e Odinihtsev viu-se em outro cercado de arame farpado perto da aldeia de Golubaia.

“Estávamos quase mortos de fome”, contou ele, após ser encontrado três meses mais tarde pelas tropas do Exército Vermelho. “Nos melhores dias, recebíamos um pouco de centeio em água fervida. Carne de cavalo morto era uma

guloseima. Vivíamos sendo espancados com coronhas de fuzil, às vezes sem nenhum motivo. Todo dia, dezenas de pessoas morriam de fome ou surra.”

Embora o NKVD suspeitasse de qualquer soldado russo preso pelos alemães, o interrogador de Odiniktsev acreditou em sua história. “Este homem”, ele escreveu a lápis ao pé da página do relatório datilografado, “parece um esqueleto coberto de pele.”

O avanço alemão desta vez foi tão rápido que, em 19 de julho, Stalin ordenou pessoalmente ao Comitê de Defesa de Stalingrado que preparasse a cidade para guerra imediata. A *Stavka* temia que Rostov não fosse resistir por muito tempo. O 17º Exército tomava posição para atravessar o Don pelo lado do mar Negro, o Primeiro Exército de Panzers avançava sobre a cidade vindo do norte, e parte do Quarto Exército de Panzers ia atacar pelo Don a leste. Em 23 de julho, as 13ª e 22ª divisões de Panzers, apoiadas por granadeiros Panzer da Divisão Wiking da SS, investiram direto no coração de Rostov, chegando até a principal ponte do Don. O combate na cidade foi feroz, sobretudo a defesa pelas tropas do quartel-general do NKVD, mas, próximo ao final do dia seguinte, os últimos bolsões importantes de resistência foram esmagados, numa operação de desobstrução sistemática, prédio por prédio. O Führer ficou exultante. A retomada de Rostov apagou as más lembranças do inverno anterior.

Hitler chegara a seu novo quartel-general avançado, na cidade ucraniana de Vinnitsa, em 16 de julho. Como alternativa para a *Wolfsschanze* em Rastenburg, foi batizado em código como *Werwolf*. (É claro que a palavra Wolf [lobo, em inglês], a antiga versão alemã de Adolf, despertava no Führer uma emoção atávica.) Sem a menor dúvida, sentiu-se tranquilizado ao saber que Vinnitsa estava “*Judenrein*” – “livre de judeus” – após execuções em massa por um

batalhão de polícia no outono anterior. A cidade, soube-se depois, também fora local de atrocidades stalinistas em 1938, quando tropas do NKVD massacraram mais de 10 mil ucranianos, mas os alemães só descobriram as sepulturas em 1943.

O complexo *Werwolf*, com cabanas de madeira grandes e confortáveis, fora construído num bosque de pinheiros ao norte da cidade. A enganosamente simples “casa do Führer” foi erguida em torno de um pátio interno privado. Hitler, paranoico em território inimigo, também tinha uma casamata de concreto. Seu guarda-costas, Rattenhuber, descreveu as precauções de segurança em Vinnitsa durante o interrogatório feito por oficiais da SMERSH logo após o fim da guerra. Stalin, obcecado por todo detalhe pessoal de Hitler, recebeu um relatório especial de Abakumov, chefe da SMERSH.

O esforço e a atenção ao detalhe, quando se tratava das necessidades e da segurança do Führer, lembravam uma corte bizantina. Antes de sua chegada, as equipes da Gestapo vasculharam as paredes à procura de microfones e explosivos. Uma grande horta foi organizada pela firma alemã Zeidenspiner e cavada pela Organização Todt. O próprio chefe de pessoal de Hitler, Hauptsturmführer Fater, tinha de ir escolher os legumes. Qualquer outro vegetal destinado ao prato do Führer tinha de ser arrancado sob o olho de um mensageiro designado, que então levava o produto direto para a cozinha. Toda a comida era quimicamente analisada, antes de ser preparada, e degustada por um provador antes de chegar ao prato dele. Amostras do abastecimento de água também tinham de ser conferidas várias vezes por dia. A água mineral era engarrafada na presença de mensageiros e então servida. Até a lavanderia era examinada por raios X para garantir que nenhum explosivo tivesse sido escondido. Estocavam-se tanques de oxigênio diante da casamata, prontos para bombear o ar, porque Hitler temia vapores nocivos do

concreto armado. A Gestapo supervisionava o reabastecimento desses tanques e inspecionava-os regularmente.

A estada do Führer durante a segunda quinzena de julho coincidiu com um período de grande calor. A temperatura chegava a quase 40°C. Hitler, suando em profusão, sentia-se muito pouco à vontade, sobretudo em seu estado de impaciência febril durante o avanço em Rostov. Incapaz de suportar a espera, não parava de espicaçar Halder para acelerar a operação. Convencera-se tanto de que o Exército Vermelho se achava nos últimos estágios de colapso que em 23 de julho reescreveu a Operação Azul, na Diretriz nº 45 do Führer. “Numa campanha que durou pouco mais que três semanas, os profundos objetivos esboçados por mim para o flanco Sul da Frente Oriental foram em grande parte alcançados. Apenas fracas forças inimigas conseguiram escapar ao cerco e chegar à margem oposta do Don.”

Hitler, após ignorar a exposição racional de princípios estratégicos em que se baseara todo o plano, agora aumentava de uma penada seus objetivos. O Sexto Exército tomaria e ocuparia Stalingrado. Não mais lhe satisfazia a ideia original de apenas avançar até o Volga e destruir as fábricas de armas. Paulus deveria em seguida enviar grupos motorizados Volga abaixo até Astracã, no mar Cáspio. O Grupo A do Exército, sob o marechal de campo List, tinha agora ordens de capturar toda a borda marítima do mar Negro e a maior parte do resto do Cáucaso.

List, ao receber essa ordem dois dias depois, arregalou os olhos, descrente. Só pôde concluir que Hitler possuía informação secreta confirmando o colapso do Exército Vermelho, que ainda não fora transmitida. Os comandantes de exército também souberam que o 11º Exército de Manstein, tendo então terminado a conquista da Crimeia, estava de partida para a Frente de Leningrado, e a *Grossdeutschland* e as divisões de granadeiros Panzer iam ser enviadas de volta para a França. “A constante

subestimação do potencial inimigo”, escreveu Halder em seu diário, “vem aos poucos assumindo uma forma grotesca e se tornando perigosa.”

Hitler tentou justificar essa aposta de alto risco com base nos reforços que chegavam dos seus aliados. Embora o Führer conseguisse ser extremamente persuasivo em sua torrente de propaganda total, insufladora – a que Rommel cinicamente chamou de “cura de raio solar” –, convenceu poucos generais nesse assunto em particular. Quando falava em termos grandiosos do Terceiro e Quarto Exércitos romenos, do Segundo Exército húngaro e do Oitavo Exército italiano, eles sabiam perfeitamente bem que jamais poderiam igualar-se a um corpo alemão completo, quanto mais a um exército, sobretudo por causa da falta de defesa contra tanques. Os generais alemães também compartilhavam a opinião formada pelo marechal de campo von Rundstedt sobre esse “exército absoluto da Liga das Nações”, que incluía romenos (cujos oficiais e sargentos, na sua opinião, estavam “além de descrição”), italianos (“pessoal terrível”) e húngaros (“só queriam chegar logo em casa”). Com duas exceções, como os eslovacos (“de primeira qualidade, muito despretensiosos”) e as tropas montanhesas romenas, ele e outros comandantes alemães consideravam-nas mal equipadas, mal armadas, mal treinadas e completamente despreparadas para a guerra no *Ostfront*.

Embora expressas em termos arrogantes, muitas das observações de Rundstedt são confirmadas por outras fontes. Diários, cartas e relatórios de interrogatórios soviéticos compõem a sina de muitos soldados e sargentos aliados com dolorosa e, às vezes, patética clareza. O cabo István Balogh fazia parte da Primeira Brigada Motorizada húngara, que partiu da estação ferroviária de Budapeste em 18 de junho, “em meio a pessoas caladas e tristes toques de clarins”, com destino à “terra empapada de sangue da Rússia”. “Mãe de Deus, que guardais a Hungria”, escreveu em minúsculo diário, tirado do seu corpo às margens do rio

Don, três meses depois, e enviado a Moscou, “rogaí por nós e defendei-nos de todos os pecados e desastres! Amém.” Os ânimos de todos achavam-se muito oscilantes quando eles partiram, entre tristeza, um antigo pavor da estepe russa e momentos de febril otimismo. Em alguns trens de tropas, “cantavam-se músicas”, contou depois outro húngaro ao ser interrogado. “Soldados e oficiais tomavam vinho e o clima era de alegria. Ninguém sabia o que representava mesmo a guerra.”

Cinco dias depois, o trem de Balogh passou por alguns campos de batalha do ano anterior. “Por toda parte ainda se veem tanques russos esmagados. Olhamos para eles e tememos a ideia desse inferno Vermelho avançando contra a Hungria. Graças a Deus que isso foi detido. Estamos firmemente confiantes de que vamos destruir o perigo Vermelho para a Europa.” Em 1º de julho, em Ivanokva, eles ouviram pela primeira vez o fogo de artilharia. “Por toda parte, veem-se os restos de veículos alemães incendiados. Será que os alemães estão começando a perder a sorte militar? Creiam em Deus para que a boa sorte permaneça conosco, apesar de algumas derrotas.”

A grande maioria de todos os soldados aliados, dos quais pelo menos a metade era analfabeta, fora recrutada para o serviço militar. A falta de familiaridade com o progresso tecnológico tornava-os suscetíveis a pânico quando atacados por tanques ou força aérea. Seu soldo diário, como admitiu ao ser interrogado um tenente de cavalaria romena, “só dava para comprar um litro de leite”. Os serviços médicos não pareciam ter mudado muito desde o século anterior.

O moral nas unidades húngaras em nada aumentava com o tratamento que os oficiais davam a seus homens. A punição de campo nos exércitos aliados às vezes era arbitrária, quando não caótica. “Um homem aproximou-se de um camarada sem a permissão do seu comandante de destacamento”, lembrou o cabo Balogh em 3 de julho. “Quiseram enforcá-lo, mas mudaram a punição para fazer a

sentinela noturna oito horas por noite, mas isso também foi adiado. Contudo, três outros soldados foram enforcados. Para minha tristeza, era como se continuássemos vivendo no século XIV.”

Os soldados romenos ainda eram condenados a ser açoitados por seus oficiais. As medidas disciplinares haviam-se tornado ainda mais necessárias depois que as forças romenas sofreram 98 mil baixas no cerco de Odessa durante o final do verão de 1941. Poucos deles haviam entendido o motivo de continuar avançando para o leste do Dniester assim que a Bessarábia fora recapturada.

A atitude balcânica para com a guerra permaneceu primitiva também de outras formas. Muitos soldados manifestaram sua decepção com a escassez de saques na Rússia, depois de tudo que seus oficiais lhes haviam prometido. “O hábito de saquear existe da mesma maneira no sangue dos alemães e húngaros”, admitiu com ingenuidade um deles ao interrogador do NKVD após a captura.

A verdadeira fraqueza desses exércitos aliados só foi posta à prova naquele outono. Na época em que Hitler passou a reconhecer, mas não admitir, o erro, era tarde demais para escapar ao desastre. Quando se observam as ambições quase compulsivamente superotimistas nesse estágio, fica claro que ele nunca leu o conto de Leon Tolstoi, “De Quanta Terra Precisa um Homem?”, escrito em 1886. Nele, um camponês rico chamado Pahom fica sabendo do fértil solo na terra dos Bashkirs, além do Volga. É gente simples, e ele conseguirá toda a terra que quiser deles sem muito problema. Quando Pahom chega à terra dos Bashkirs, dizem-lhe que por mil rublos ele pode ter tanta terra quanto nela puder andar durante um dia inteiro. Pahom, desprezando-os pela falta de sofisticação, fica exultante. Tem certeza de que poderá percorrer uma imensa distância. Quase assim que se põe a andar, contudo, avista uma paisagem atraente atrás da outra, um lago ali, ou uma faixa de terra mais adiante

que seria boa para cultivar linho. Então percebe que o sol começa a se pôr. Ao compreender o risco de perder tudo, começa a correr cada vez mais depressa para fazer a tempo o percurso de volta. “Peguei demais”, diz a si mesmo, “e arruinei tudo.” O esforço mata-o. Ele morre no posto final, e ali mesmo é enterrado. “Seis palmos da cabeça aos joelhos era tudo o que precisava”, foi a conclusão de Tolstoi. A diferença na história, menos de sessenta anos depois, estava não apenas num único homem enterrado ali na estepe, mas em centenas de milhares mortos por procuração.

7

“Nem um passo atrás”

Em 28 de julho de 1942, enquanto Hitler continuava comemorando a captura de Rostov, Stalin sentiu que o momento de crise se aproximava. As forças soviéticas que se retiravam diante do Sexto Exército de Paulus enfrentavam aniquilação a oeste do Don. Se os alemães depois avançassem até o outro lado do Volga, quase 65 quilômetros mais, o país seria cortado em dois. O comboio PQ-17 acabara de ser destruído no mar de Barents, e a nova linha de abastecimento anglo-americana pela Pérsia logo seria ameaçada. A União Soviética enfrentava estrangulamento.

Naquele dia, Stalin de repente parou de andar de um lado para outro em seu escritório no Kremlin, ouvindo um comunicado do general Vasilevski.

- Eles esqueceram minha Ordem da *Stavka*! - explodiu. Essa ordem, transmitida no último agosto, declarava que “todo aquele que retira sua insígnia e se entrega durante a batalha deve ser considerado um desertor maléfico, cuja família precisa ser presa como a família de um violador do

juramento e traidor da Pátria. Esses desertores devem ser fuzilados no local. Os que caem no cerco (...) e preferem render-se também devem ser destruídos por quaisquer meios, e suas famílias privadas de toda pensão e assistência do Estado”. – Eles a esqueceram! – repetiu Stalin. – Escreva uma nova com as mesmas frases.

– Quando quer que eu me apresente com a nova ordem? – perguntou Vasilevski.

– Hoje mesmo. Venha assim que estiver pronta.

Vasilevski retornou naquela noite com o rascunho da Ordem nº 227, mais comumente conhecida como “Nem um passo atrás”. Stalin fez várias alterações, assinando-a em seguida. A ordem deveria ser lida para todas as tropas do Exército Vermelho. “Os alarmistas e covardes precisam ser destruídos no local. A mentalidade de retirada deve ser definitivamente eliminada. Os comandantes de exército que permitirem o abandono voluntário de posições têm de ser afastados e enviados a imediato julgamento por um tribunal militar.” Todo aquele que se entregasse era “um traidor da Pátria”. Todo exército tinha de organizar “de três a cinco destacamentos (até 200 homens cada)” para formar uma segunda linha e fuzilar qualquer soldado que tentasse fugir. Jukov pôs essa ordem em prática na Frente Ocidental em dez dias, usando tanques equipados com oficiais especialmente escolhidos. Eles seguiam a primeira onda de um ataque, dispostos “a combater a covardia”, abrindo fogo contra quaisquer soldados que vacilassem.

Foram construídos três campos para o interrogatório de todos que houvessem escapado da detenção ou cerco alemães. Os comandantes que permitiam a retirada deveriam ser privados do seu posto e mandados para as companhias ou batalhões penais. A primeira, na Frente de Stalingrado, começou a funcionar três semanas depois, em 22 de agosto, véspera da chegada dos alemães ao Volga.

As companhias penais – *shtrafroti* – teriam de desempenhar missões semissuicidas, como a retirada de

minas durante um ataque. Ao todo, uns 422,7 mil homens do Exército Vermelho iriam “expiar com seu sangue os crimes que cometeram perante a Pátria”. A ideia atraiu tanto as autoridades soviéticas que os prisioneiros civis eram transferidos do gulag para unidades *shtraf*, quase um milhão, segundo alguns, mas isto bem pode ser um exagero. Promessas de redenção por bravura em geral acabavam revelando-se falsas, sobretudo por causa da indiferença burocrática. Os homens eram abandonados para morrer em suas fileiras. Na Frente de Stalingrado, ordenou-se que o 51º Exército reunisse os oficiais que haviam escapado ao cerco. O primeiro grupo de 58 oficiais soube que seria enviado à presença de uma comissão para colocá-los em novas unidades, mas ninguém se deu o trabalho de interrogá-los. Em vez disso, viram-se, sem julgamento nem advertência, em companhias penais. Quando o erro veio a público, quase dois meses depois, eles “já estavam feridos ou mortos”.

O sistema de departamentos especiais do NKVD, restabelecido no ano anterior para lidar com “traidores, desertores e covardes”, fortaleceu-se. O Departamento Especial ou OO (*Osobii Otdel*) remontava a 1919, quando Lenin e Felix Dzerjinski, chefe da Cheka¹, quiseram exercer o controle total sobre as forças armadas. Em abril de 1943, menos de dois meses depois de terminar a Batalha de Stalingrado, os departamentos especiais, sob o comando de Viktor Abakumov, tornaram-se a SMERSH, acrônimo em russo para *Smert Shpionam* – Morte aos Espiões.

As divisões de fuzileiros tinham um estado-maior do departamento especial do NKVD de até vinte oficiais, com um “representante operacional” por batalhão, e uma unidade de guarda de quartel-general de vinte a trinta homens, que vigiavam prisioneiros e executavam “covardes e traidores”. O oficial do departamento especial recrutava seus próprios agentes e informantes. Segundo um ex-informante da SMERSH, ele tendia a ser “pálido, porque em geral trabalhavam durante a noite” e, na parada militar,

“olhava atentamente nosso rosto como se soubesse alguma coisa ruim de cada um de nós”.

Os Departamentos Especiais do NKVD encaravam seu trabalho de arrancar pela raiz espiões e traidores com grande seriedade. Um oficial, usando o nome de Brunni, escreveu ao escritor e jornalista Ilia Ehrenburg, queixando-se de que os jornais não publicavam louvores suficientes aos Departamentos Especiais. “É muito difícil descobrir um experiente espião fascista. Exige grande inteligência e um bom olho. Um soldado do NKVD precisa ser muito vivo e conhecer as regras especiais desse jogo. A imprensa publica muito sobre os terríveis atos dos alemães, o que é necessário. Mas também é importante fazer nossos soldados odiarem os traidores.”

A Wehrmacht tentava explorar a abordagem stalinista à lealdade. Uma instrução alemã recomendava energicamente que os prisioneiros soviéticos fossem avisados “do tratamento que os aguardava sob o domínio do NKVD” caso conseguissem escapar “do cativeiro alemão e retornassem ao Exército Vermelho”.

Outro departamento do NKVD, criado por Beria no outono de 1939, lidava com prisioneiros de guerra inimigos. Sua primeira tarefa importante fora o aniquilamento de 15 mil oficiais poloneses na floresta de Katin. No verão de 1942, contudo, seus oficiais achavam-se subempregados, porque poucos alemães foram capturados durante o avanço do Eixo. Cada membro de um pequeno destacamento da 29ª Divisão Motorizada do Quarto Exército de Panzers foi interrogado pela tenente Lepinskaia, do departamento político do quartel-general da Frente Sudoeste. As perguntas para avaliar o moral deles forneceram pouco material animador. “A maioria dos soldados queria combater até o fim”, ela teve de comunicar. “Nenhum caso de deserção ou ferimentos autoinfligidos. Oficiais severos, mas justos.”

Lepinskaia teve mais sorte com prisioneiros romenos. Um oficial admitiu que seus homens odiavam o marechal

Antonescu, por ter “vendido a pátria à Alemanha”. Os soldados romenos foram ainda mais comunicativos. Falaram-lhe de “lutas de socos com alemães”, até mesmo que um oficial alemão fora assassinado após fuzilar dois dos camaradas deles. Seus próprios oficiais eram “muito rudes” com eles e muitas vezes os golpeavam. Havia inúmeros casos de ferimentos autoinfligidos, apesar dos sermões de oficiais dizendo que “eram um pecado contra a Pátria e Deus”. Lepinskaia concluiu que os romenos estavam visivelmente em “baixo estado moral político”. Seu relatório foi logo passado a Moscou.

O avanço pela estepe do Don proporcionou muitas experiências contraditórias ao Sexto Exército após as neves de inverno. O general Strecker, comandante do 11º Corpo, achou-a “quente como a África, com imensas nuvens de poeira”. Em 22 de julho, seu chefe de estado-maior, Helmuth Groscurth, registrou uma temperatura de “53°C ao sol”.

Chuvas repentinas, logo transformando as trilhas em lama, pouco faziam para resolver a escassez de água, principal preocupação do *Landser* alemão naquela época. O Exército Vermelho poluía poços durante a retirada, enquanto destruía os prédios das fazendas coletivas e levava tratores e gado para a retaguarda. Os suprimentos que não podiam ser deslocados a tempo eram inutilizados. “Os russos despejaram petróleo nos armazenamentos de grãos”, escreveu um cabo para casa em 10 de agosto. “Os bombardeiros soviéticos soltam bombas de fósforo à noite para atear fogo na estepe”, comunicou uma divisão de Panzers. Mas muitas colunas de fumaça preta no horizonte eram propagadas por queimas de cordite em volta de posições da artilharia.

De calções, os fuzileiros alemães, com seus bronzeados peitos musculosos pelo levantamento de balas de canhão, pareciam atletas de um filme de propaganda nazista, mas as

condições não eram tão saudáveis quanto talvez parecessem. Começaram a aumentar os casos de disenteria, tifo e paratifo. Ao redor de ambulâncias e cozinhas de campanha, sobretudo nas seções de açougue, “a infestação de moscas era horrível”, relatou um médico. Eram perigosíssimas para os soldados com feridas abertas, como as queimaduras dos homens das guarnições de tanques. O movimento contínuo à frente dificultava muito a assistência aos doentes e feridos. A evacuação por uma ambulância aérea “Sanitäts-Ju” era a esperança mais promissora, mas a insistência de Hitler na rapidez significou que se teve de desviar quase todos os transportes aéreos para distribuir combustíveis às divisões de Panzers paradas.

Para os soldados do Sexto Exército, o verão de 1942 ofereceu os últimos idílios de guerra. No campo cossaco do Don, as aldeias de casinhas caiadas com telhados de colmo, cercadas por pequenos pomares de cerejeira, salgueiros e cavalos nas pradarias, proporcionavam um atraente contraste para a dilapidação geral das aldeias tomadas por fazendas coletivas. A maioria dos civis que ficara para trás, em desafio às ordens comunistas de evacuação, era amistosa. Muitos dos mais velhos haviam lutado contra os bolcheviques na guerra civil russa. Só na primavera anterior, apenas algumas semanas antes da invasão alemã, os cossacos haviam-se insurgido numa revolta em Shakhti, no Norte de Rostov, declarando uma república independente. Isso foi esmagado por tropas do NKVD com rápida e previsível brutalidade.

Para surpresa de um comandante de companhia, da 384ª Divisão de Infantaria, os cossacos continuaram sendo simpáticos mesmo depois de saqueados pelos seus soldados. Ofereceram como presente ovos, leite, pepino salgado e até um presunto inteiro. Depois ele conseguiu comprar gansos por dois *Reichmarks* cada. “Para ser honesto, as pessoas dão tudo o que têm se as tratamos direito”, escreveu em seu diário. “Nunca me saciei tanto

como aqui. Comemos mel às colheradas até ficarmos nauseados, e à noite comemos presunto cozido.”

Durante os rápidos avanços alemães, Stalin tentou culpar seus generais. Não parava de mudar comandantes, na vã esperança de que um líder brutal encorajasse a resistência e invertesse a situação. Chegou a ligar para um comandante de exército para demiti-lo, depois mandou-o chamar pelo telefone um dos seus comandantes de corpo que ia substituí-lo. Disseminava-se uma sensação de fracasso e desastre que solapava parte da confiança recuperada após a batalha de Moscou. Faltavam ao Exército Vermelho, que ainda sofria das prematuras ofensivas de Stalin no início do ano, tropas treinadas e oficiais e sargentos experientes. A maioria dos recrutados, lançados à força na batalha, muitas vezes recebera apenas um treinamento de pouco mais de uma dúzia de dias, alguns menos ainda. Jovens camponeses recrutados de fazendas coletivas eram lamentavelmente ignorantes de guerra e armamentos modernos. Um soldado da cavalaria, que encontrou um tubo no chão, pensou que pudesse usá-lo como um cabo para a escova do cavalo. O que aconteceu foi que era uma bomba incendiária e explodiu em suas mãos.

Os alemães não paravam de surpreender-se com o desperdício dos comandantes russos com as vidas dos seus homens. Um dos piores exemplos ocorreu durante as batalhas defensivas a oeste do Don. Três batalhões de oficiais estagiários, sem armas nem rações, foram mandados contra a 16ª Divisão de Panzers. O comandante deles, que se rendeu após o massacre, disse aos captores que quando protestara “sobre essa missão absurda”, o comandante do exército, visivelmente embriagado, berrara com ele para que a levasse adiante.

O Exército Vermelho continuava sofrendo do antigo medo da iniciativa incutido pelos expurgos. Mas dos últimos

desastres no Sul, que acabaram destruindo a reputação dos caçadores de bruxa stalinistas, começava a surgir uma nova cepa de comandante – enérgico, impiedoso e muito menos temeroso dos comissários e do NKVD. Os êxitos de Jukov forneceram a luz e a esperança para muitos outros oficiais em ascensão, furiosos com as humilhações sofridas pelo Exército Vermelho.

O general Vasili Chuikov, que logo se tornaria comandante de exército em Stalingrado, foi um dos mais brutais dessa nova geração. Suas explosões de temperamento eram comparadas com as de Jukov. O rosto de camponês forte e os bastos cabelos eram tipicamente russos. Também tinha um robusto senso de humor e uma gargalhada de bandido que lhe expunha os dentes com coroas de ouro. A propaganda soviética descreveu-o depois como o produto ideal da Revolução de Outubro.

Chuikov perdera os primeiros desastrosos seis meses de guerra, tendo servido na China como adido militar reconhecido oficialmente por Chiang Kai-shek. Após ser chamado de volta à União Soviética, tornou-se comandante ativo de um exército de reserva perto de Tula. No início de julho, ainda sofrendo de uma lesão na espinha, recebeu ordens de deslocar suas divisões incompletas, designadas então como 64º Exército, para conter os alemães a oeste do Don.

Chuikov, acompanhado por seu comissário-chefe, Konstantin Kirkovich Abramov, chegou ao quartel-general da Frente de Stalingrado a 16 de julho. Foram informados de que o inimigo avançava rapidamente em direção ao Don, mas ninguém sabia de quaisquer outros detalhes. O 62º Exército achava-se espalhado na parte superior da curva Leste do Don, e Chuikov tinha de levar suas divisões para cobrir a parte inferior, ao sul do rio Chir. Era compreensível que estivesse preocupado com o moral do exército à esquerda, após interceptar um caminhão cheio de oficiais

com latas de combustível de reserva fugindo para a retaguarda sem permissão.

Logo à direita, acima do rio Chir, a 44ª Divisão de Infantaria austríaca mantinha um intenso combate contra três divisões do 62º Exército. A luta foi particularmente brutal. Um cabo capturado disse a seu interrogador que um oficial lhes ordenara fuzilar dois soldados do Exército Vermelho por eles encontrados “escondidos numa vala”. Mais ao norte, contudo, os alemães entraram em peso, isolando muitos regimentos ao chegarem ao Don em Kamenski.

Os aviões de reconhecimento alemães logo demarcaram com precisão os pontos fracos ao longo do Don e a distribuição em posição de combate das divisões de vanguarda de Chuikov. Em 25 de julho, os alemães atacaram com força total. Esse batismo de fogo para o 64º Exército não foi em nada simplificado por tempestades de poeira, nem pelo fato de que destacamentos essenciais continuavam emperrados atrás, em Tula. A manhã seguinte trouxe um ataque blindado alemão, e embora os Panzers apavorassem as guarnições dos tanques ligeiros T-60, que tentavam se esconder em barrancos, sua artilharia pouco podia afetar os pesados tanques KV.

- Eles tinham um alcance mais longo - explicou um comandante de Panzers alemão. - Não podíamos atacá-los pelo descampado. Por isso, como navios no mar, recuei logo meus tanques para fora do campo visual, fiz um desvio grande e ataquei-os por trás.

Os pesados tanques russos dispersaram-se, com exceção de um que perdera uma esteira; seu mecanismo de movimento transversal emperrara, de modo que a torre não podia girar.

- Nós nos enfileiramos atrás dele e começamos a atirar. Contamos nossos disparos nesse tanque, mas nenhum deles penetrou na blindagem. Então vi o postigo do tanque se mexer. Imaginei que quisessem se entregar e então, pelo

rádio, mandei minha companhia cessar fogo. Os russos abriram todo o postigo e saíram. A guarnição estava completamente confusa, abalada e surda, mas nenhum deles sequer ferido. Foi deprimente perceber como eram inferiores os canhões dos nossos tanques.

O ataque alemão pelo flanco da direita do 62º Exército até o Don logo causou o caos. Espalhou-se em 26 de julho o rumor nos escalões da retaguarda do 64º Exército de Chuikov de que os tanques alemães estavam prestes a isolá-los. Deu-se início então a uma debandada para a ponte flutuante sobre o Don. O pânico em seguida contagiou as tropas da linha de frente. Chuikov enviou oficiais do estado-maior à margem do rio para restaurar a ordem, mas a força aérea alemã já identificara a oportunidade. Surgiram ondas dos Stukas de Richthofen e vários dos oficiais superiores de Chuikov ficaram entre os mortos.

O 62º Exército encontrava-se numa posição ainda pior. A 33ª Divisão da Guarda de Fuzileiros, comandada pelo coronel Aleksander Utvenko, viu-se encurralada na margem direita do Don, atacada por duas divisões alemãs.

- Eles teriam logo nos liquidado se não tivéssemos nos enterrado profundamente - contou Utvenko, pouco depois, ao escritor Konstantin Simonov.

Sua divisão, reduzida a 3 mil homens, estava tendo de enviar os feridos em carroças e camelos à noite para a retaguarda. Os alemães também suportavam pesadas perdas. Em apenas um setor de batalhão, 513 cadáveres alemães foram arrastados para uma *balka*, ou barranco. Os russos ficaram tão sem munição que tiveram de atacar para capturar armas e munições do inimigo. Tinham tão pouco o que comer que cozinhavam trigo dos campos circunvizinhos. Em 11 de agosto, os remanescentes da divisão dividiram-se em pequenos grupos para combater até o fim em todo o Don.

- Eu mesmo recarreguei minha pistola cinco vezes - relatou Utvenko. - Vários comandantes atiraram em si

mesmos. Mais de mil homens foram mortos, mas venderam caro a vida. Um homem tirou um folheto do bolso e pôs-se a andar em direção aos alemães. Galia, uma intérprete alemã com nosso pessoal, gritou: “Olhe só para ele! A cobra vai se entregar!”, e alvejou-o com sua pistola.

O último bolsão de resistência, após ficar sem munição antitanque, foi invadido por Panzers alemães. Utvenko e seus companheiros restantes saltaram de um pequeno rochedo dentro de um pântano, onde ele foi ferido nos pés por estilhaços de uma explosão de granada. Com condições apenas de rastejar, passou o dia seguinte escondido num campo de girassóis com uns vinte soldados. Naquela noite, recolheram mais sobreviventes e atravessaram o Don a nado. Oito deles se afogaram. Utvenko foi puxado para o outro lado por seu ajudante, um ex-ginecologista chamado Khudobkin, que teve um ataque epiléptico logo depois que chegaram à margem oposta. Utvenko comentou depois que fora uma sorte feliz ele não ter morrido no rio.

- Se não falecermos aqui - respondeu Khudobkin -, sobreviveremos à guerra.

Khudobkin tinha um motivo especial para acreditar que viveria. A mãe recebera uma notificação de sua morte na Criméia, onde ele fora gravemente ferido, e organizara um serviço religioso. Segundo a superstição russa, se o serviço funerário de uma pessoa ocorresse quando ainda estava viva, ela não iria tão cedo para a sepultura. Simonov pressentiu claramente naquele verão de 1942 que essa ideia era simbólica para todo o país.

Apesar dos desastres e caos causados pelas más comunicações, as unidades do Exército Vermelho continuaram revidando. Davam o máximo de si na maioria das investidas rápidas à noite, pois um ataque durante a luz do dia logo provocava uma resposta da Luftwaffe. O comandante de companhia alemã que mantinha um diário

na 384ª Divisão de Infantaria relatou em 2 de agosto: “Russos resistindo com muita intensidade. São tropas novas e jovens.” E mais uma vez no dia seguinte: “Russos resistindo com muita intensidade. Estão recebendo reforços o tempo todo. Uma das nossas companhias de sapadores evitou a batalha. Muito vergonhoso.” Seus próprios soldados começaram então a sofrer terríveis dores de estômago, talvez devido à água contaminada. “É terrível aqui”, escreveu alguns dias depois. “Essas noites horripilantes. Cada um de nós está muito tenso. Os nervos não têm nenhuma chance.”

Na tentativa de conter a superioridade aérea da Luftwaffe, os regimentos de aviação do Exército Vermelho foram transferidos às pressas das frentes central e do Norte. Um regimento de caças noturnos, que pousava pela primeira vez numa nova base para apoiar a Frente de Stalingrado, descobriu que o aeródromo não passava de um grande campo cultivado com melancias e cercado por plantações de tomate, que os camponeses locais continuavam a colher mesmo enquanto os caças pousavam e decolavam. A presença do regimento logo foi localizada por um avião de reconhecimento Focke-Wulf e, quando os bombardeios cerrados e violentos dos Messerschmitts chegaram pouco acima do nível do chão, o mercado camponês vizinho foi colhido em seu fogo. Num instante, a cena rural transformou-se numa de caos total, com cavalos tomados de pânico empinando e dando marcha a ré nas hastes de carroças, crianças gritando, ancinhos arrancados por balas de metralhadoras e barraqueiros mortos entre suas frutas e legumes. Menos estrago sofreu o regimento de caças noturnos, que se viu obrigado a manter um exaustivo horário de saídas. Muitas vezes não dava nem tempo de comer na cozinha de campanha na lateral da pista, por isso a equipe de terra levava pratos prontos para as aeronaves dispersas, e os pilotos comiam na cabine. As regras de segurança marteladas no pessoal de terra pelos comissários eram tão

absolutas que eles nunca contavam o número de aeroplanos no campo, nem o de quantos não voltavam de uma missão.

Nas confusas escaramuças aéreas dessa época, o comandante de regimento major Kondraschov foi abatido atrás das linhas alemãs. Sua perna esquerda, que ele depois perdeu, ficou imprensada e dilacerada na queda, mas uma camponesa que morava ali perto conseguiu tirá-lo dos destroços, arrastá-lo e cuidar dele em casa. O lugar fora marcado por colegas pilotos do seu regimento e, logo depois do amanhecer, dois deles pousaram perto da casa da camponesa. Retiraram Kondraschov e acomodaram-no amontoado no assento traseiro de uma das aeronaves. O piloto levou-o depois para um hospital militar.

Os ferozes combates aéreos sobre o Don, durante aqueles últimos dias de julho e início de agosto, atraíam a atenção de todo o campo de batalha embaixo. Homens da infantaria e também as guarnições de Panzers protegiam os olhos da luz do sol com a mão, esforçando-se para ver no céu azul as trilhas de vapor. Os aviões russos em geral atacavam alvos no solo ao meio-dia. Era uma incursão tão regular que os Messerschmitt 109 muitas vezes se asseguravam de que estivessem perto, prontos para saltar em cima dela. Ouviam-se aclamações toda vez que uma máquina era atingida, e o avião atacado, esguichando fumaça, caía fazendo espirais e explodia no solo. A reputação dos pilotos de caça começava a crescer no Exército alemão, assim como na Luftwaffe.

Nessa guerra de movimento, as guarnições de Panzers e divisões motorizadas raras vezes se davam ao trabalho de camuflar seu quartel-general. Trabalhando em tendas armadas noite adentro em novos grupos de ordens ou inspecionando munição e retornos dos feridos, eles descobriam que suas luminárias de álcool atraíam enxames de insetos, não balas inimigas. Pegavam no sono durante o dia, as cabeças balançando e girando, enquanto os veículos do quartel-general se dirigiam para a locação seguinte.

O comandante da 16ª Divisão de Panzers, general Hans Hube, tirava um cochilo no meio da batalha diante do seu pessoal, inspirando assim confiança em sua imperturbabilidade. “Papa Hube”, como era chamado pelos soldados, causava uma imediata impressão com seu rosto sólido e poderoso e a mão artificial preta, pois perdera um braço na Primeira Guerra Mundial. Hube era uma pessoa de hábito e organização firmes. Com ou sem batalha, não deixava de “consumir tantas calorias e vitaminas” regularmente, cada três horas. Embora não fosse um intelectual, era “um homem brilhante, de ideias claras”, segundo vários oficiais que o conheceram bem. Hitler admirava-o muitíssimo como soldado, mas por ser o “velho cavalo de batalha” um realista que dizia o que pensava, o Führer considerou-o “pessimista demais” próximo ao fim da batalha de Stalingrado.

Muitos comandantes de Panzers de Hube faziam observações depreciativas sobre a estupidez do inimigo, que deixava tanques parados no descampado e assim oferecia perfeitos alvos para os Stukas ou canhões antiaéreos 88mm, mortíferos numa função de solo. Sabiam que o T-34, no conjunto, era um veículo blindado muito melhor do que qualquer outra coisa já produzida pela Alemanha. Por outro lado, seu visor de mira não era muito bom, poucos comandantes russos tinham binóculos decentes, menos ainda rádios. O maior ponto fraco do Exército Vermelho, contudo, era a pobreza de táticas. Suas forças de tanque não usavam o terreno corretamente e demonstravam pouca familiaridade com os princípios de disparo e movimento. E, como Chuikov logo reconheceu, eram incapazes de coordenar ataques com a aviação do Exército Vermelho.

A complacência às vezes levava os alemães a relaxar sua guarda. À primeira luz de 30 de julho, um grupo de T-34, após aproximar-se sob o manto das trevas, surpreendeu o quartel-general de Hube numa aldeia. Os oficiais esforçavam-se para enfiar as roupas, enquanto granadas

explodiam entre o quartel-general e os veículos do escalão de retaguarda. Podewils, correspondente de guerra então agregado à divisão, enfiou a cabeça para fora. “Não é uma visão encorajadora”, anotou em seu diário. “Veículos de todo tipo tentando caoticamente ultrapassar uns aos outros o mais rápido possível para dar o fora!” Os alemães também foram surpreendidos no dia anterior por outra escaramuça inesperada, que Hube chamou secamente de “caso hussardo”.

O choque inicial passara pouco depois. Chegou uma companhia do Segundo Regimento de Panzers, e logo seis T-34 estavam em chamas no descampado pantanoso e baixo. Um T-34, em ataque suicida, fez carga contra os veículos divisionais de transporte na aldeia, mas de repente topou com um Panzer alemão que, “com um tiro à queima-roupa, lançou literalmente sua torre no ar”. Hube, após observar a ação do início da manhã, comentou com Podewils: “É melhor você ir para a linha de frente. Lá é mais seguro.” Podewils e seu colega partiram de manhã, pouco depois. Dirigiram-se de carro para a linha de frente pela estrada de troncos sobre o pântano. Um dos enegrecidos T-34 ainda fumegava. Desprendia “cheiro de carne queimada”.

No quartel-general da corporação, disseram a ele que nos últimos oito dias o Exército Vermelho enviara quase mil tanques ao outro lado do Don: só pouco mais da metade fora destruída. Esses números eram muito exagerados. O comandante do Exército Vermelho só tinha 550 tanques alocados, e muitos jamais conseguiram atravessar o Don. Grande parte da culpa disso se deve ao exagerado otimismo dos relatórios do *front*. Um membro da guarnição de Panzers observou que “sempre que um tanque russo era atingido, quase todo Panzer na batalha alardeava a ação como uma baixa”. Mas a visão de tantos tanques russos destruídos impressionou todos que a viram. O general von Seydlitz disse que, de longe, os KVs liquidados pareciam “uma enorme manada de elefantes”. Qualquer que seja a

quantidade exata destruída, muitos alemães ficaram convencidos de que deviam estar próximos da vitória total. A hidra russa não poderia continuar para sempre criando mais cabeças para eles cortarem.

O Führer, mais uma vez frustrado com o lento progresso, reverteu ao plano original de o Quarto Exército de Panzers ajudar o Sexto Exército a capturar Stalingrado. Não se falou na perda de tempo e no custo do combustível. As divisões blindadas de Hoth reagiram depressa. Avançando para o norte, contra uma oposição muito fraca, eles logo ameaçaram Kotelnikovo, a menos de 160 quilômetros do Sudoeste de Stalingrado. Mas a principal questão era se eles poderiam compensar as mudanças de plano de Hitler. O brigadeiro von Richthofen, com base nos relatórios de reconhecimento aéreo, anotou em seu diário em 2 de agosto: “Os russos estão deslocando para Stalingrado forças vindas de todas as direções.”

Paulus, de humor confiante, segundo Richthofen, lançou ataques em pinça, liderados pelas 16ª e 24ª divisões de Panzers e apoiados por Stukas de Richthofen. Após dois dias de combate, eles cercaram oito divisões de fuzileiros e toda a artilharia restante no Oeste do Don. O cerco foi afinal alcançado em Kalach. Do alto de um pequeno precipício contemplando o “Don silencioso”, as primeiras guarnições de Panzers viram defronte a cidade de Kalach, à luz violeta do entardecer. O sol se pondo atrás dos tanques projetava longas sombras diante deles a leste. A estepe estendia-se além de Kalach, avançando para Stalingrado. Em si, Kalach compunha-se sobretudo de pequenas oficinas, uma estação ferroviária dilapidada e barracas de madeira “*höchst primitiv*”.

Depois dos êxitos, as guarnições de Panzers brincavam umas com as outras com alívio e felicidade, acalmando-se da tensão da batalha. Circulavam pelo ar músicas tocadas

em alguns dos tanques. Mas logo seus comandantes os introduziram de volta à posição defensiva cerrada com obstáculos. Depois que caíra o crepúsculo, os milhares de russos errantes colhidos na margem ocidental puseram-se a atacar, e a noite foi continuamente interrompida por explosões de disparos de metralhadoras, clarões e trocas de fogo crepitante de fuzis.

No dia seguinte, os alemães começaram a desobstruir sistematicamente a mata, muitos oficiais comparando isso a uma grande caça de veados. Os prisioneiros levados incluíram um oficial superior de comunicações e seu pessoal, a maioria mulheres. Naquela noite, eclodiu outra batalha, desta vez à luz do luar, em torno das posições alemãs. Na manhã seguinte, os alemães atearam fogo no mato cerrado para rechaçar os russos remanescentes da floresta. Por fim, a área foi considerada “desobstruída de inimigos”. Poucos escaparam. Da 181ª Divisão de Fuzileiros e do 62º Exército, cuja força se compunha de 13 mil homens no início do combate, apenas 105 homens atravessaram de volta o Don sem ser percebidos.

O combate fora de fato acirrado. Muitos soldados alemães não compartilhavam a confiança de Paulus nem a opinião de Hitler de que o inimigo estava liquidado. No primeiro dia, o batalhão antitanque da 371ª Divisão de Infantaria perdeu 23 homens. Com frequência cada vez maior, os soldados do Sexto Exército, como os da 389ª Divisão de Infantaria, ouviam os “*Urrah!*” da infantaria soviética atacando. Um soldado, ao escrever para casa, ficou totalmente abatido com “as muitas, muitas novas cruzes e sepulturas, só de ontem” e com as implicações para o futuro. As perdas maciças em outras divisões também pareciam ter deprimido o moral. A 76ª Divisão de Infantaria teve de destacar soldados extras para grupos de enterro. Um dos homens selecionados disse ao interrogador russo, quando capturado

um mês depois, que ele e seus dois companheiros tiveram de cuidar de setenta e dois cadáveres num único dia. Um cabo da artilharia, por outro lado, que trabalhara durante 29 horas sem um intervalo adequado, não tinha a menor dúvida sobre um desfecho vitorioso para a Wehrmacht.

- Os russos podem matar a tiro quantos quiserem, mas nós mataremos mais. É um grande prazer quando duas centenas de russos atacam. Basta um canhão de assalto autopropulsor, e todos saem correndo.

Algumas unidades foram recompensadas por seus esforços com ração extra de chocolate e cigarros, que desfrutavam durante o relativo frescor da noite. A luta fora dura. “O único consolo”, escreveu um sapador para casa, “é que poderemos ter paz e sossego em Stalingrado, onde nos mudaremos para quartéis de inverno e, depois, imagine só, haverá uma chance de licença.”

Em nenhum outro lugar era mais aplicável a ordem de “Nem um passo atrás” de Stalin do que na cidade com seu nome. A batalha da guerra civil, ocorrida quando a cidade ainda se chamava Tsaritsin (em tártaro, queria dizer a cidade no Tsaritsa, ou rio amarelo), era invocada junto com o mito de que a liderança de Stalin ali invertera a maré contra os exércitos brancos e salvara a Revolução. O comitê militar regional não se esquivou de usar todas as medidas para transformar a cidade numa fortaleza. A tarefa foi difícil. Stalingrado fazia uma curva de mais de 32 quilômetros ao longo da alta margem ocidental do Volga. Os defensores encontrariam um amplo estirão de água exposta atrás deles, através do qual teriam de chegar todos os suprimentos e reforços.

Em toda a região, mobilizou-se a população. Todos os homens e mulheres existentes entre 16 e 55 anos – aproximadamente 200 mil – foram mobilizados em “colunas de trabalhadores”, organizadas pelos comitês do Partido dos

seus respectivos distritos. Como em Moscou no ano anterior, puseram em marcha mulheres de lenços amarrados na cabeça e crianças mais velhas e deram-lhes pás de cabos longos e cestas para cavar fossos antitanque de quase 2 metros na terra arenosa. Enquanto as mulheres cavavam, os sapadores do exército colocavam pesadas minas antitanques no lado ocidental.

As crianças menores das escolas, enquanto isso, eram postas a trabalhar na construção de muros de terra ao redor dos tanques de armazenamento de petróleo nas margens do Volga. Supervisionadas por professores, transportavam a terra em padiolas de madeira. De repente surgiu um avião alemão. As meninas não souberam onde se esconder, e a explosão de uma bomba enterrou duas de 14 anos. Quando as colegas de classe as desenterraram, descobriram que uma delas, Nina Grebennikova, ficara paralisada, com a coluna quebrada. As amigas, chocadas e aos prantos, limparam a padiola de madeira, e nela a levaram para um hospital em Stalingrado, perto de onde o desfiladeiro de Tsaritsa se abre e deságua no Volga.

As defesas antiaéreas eram alta prioridade, mas muitos dos canhões ainda não tinham recebido balas. A maior parte das baterias era formada por moças, sobretudo membros do Komsomol, que haviam sido recrutadas em abril, com a pergunta inescapavelmente dirigida: “Quer defender sua Pátria?”

Puseram-se as baterias nas duas margens do Volga para defender instalações-chave, como a usina elétrica em Beketovka logo ao Sul e as grandes indústrias no setor Norte da cidade. Ali, os operários de linhas de produção de armas, como a fábrica de tratores de Stalingrado, reformada para a produção de tanques T-34, recebiam treinamento militar rudimentar.

O Comitê de Defesa de Stalingrado emitia um decreto após o outro. As fazendas coletivas receberam ordens de entregar suas reservas de grão ao Exército Vermelho. Criaram-se

tribunais para julgar os que falhavam no cumprimento do dever patriótico. A não denúncia de um membro da família que desertasse ou não se alistasse acarretava uma sentença de dez anos. O diretor de um ginásio, com ordem de levar 66 dos seus alunos de 17 anos para alistá-los na comissão distrital, foi posto perante um tribunal porque 31 desertaram no caminho.

Os tribunais também tratavam *in absentia* dos “desertores” civis, a maioria denunciada por refugiados que se retiravam. Os declarados culpados eram sentenciados como “Traidores do Partido e do Estado Soviético”. Com demasiada frequência, a culpa era uma questão de momento mal escolhido. Y. S., que fugiu durante o bombardeio de sua aldeia, foi sentenciada a seis meses em campo de trabalhos forçados “por desertar do seu lugar de trabalho”, enquanto A. S., que se recusou a abandonar sua casa enquanto os alemães se aproximavam, foi condenada *in absentia* como “traidora da Pátria”. Aguardava-a um mínimo de dez anos num campo do gulag.

Por algum tempo a seguir, o departamento político da Frente de Stalingrado passou a dedicar “especial atenção à investigação dos recrutados das regiões da Ucrânia libertadas pelo Exército Vermelho no inverno de 1941/2”. Os que se “havia recusado a evacuar” de suas cidades e aldeias eram, por definição, suspeitos de ser “sistematicamente antissoviéticos” e de haver colaborado com os alemães.

As declarações em Moscou sobre liberdade de religião tinham pouca importância na região de Stalingrado. O diretor de um banco agrícola num distrito, que enviou ao irmão, oficial do Exército Vermelho, algumas orações, “aconselhando-o a rezá-las antes da batalha”, foi condenado por “ação antipartidária”. Os civis também tinham de ser muito cuidadosos com os comentários sobre a velocidade do avanço alemão ou a incompetência da defesa russa. A. M., operário de uma fábrica de pesca no Volga, foi acusado de

“degeneração política e moral” e “propaganda antirrevolucionária” porque supostamente “elogiou os alemães e denegriu os líderes do Partido, o Governo e o Exército Vermelho”.

Stalin, avisado do clima de pânico atrás do *front*, mais uma vez recorreu à mudança de comandantes. Após demitir Timoshenko em 21 de julho e substituí-lo pelo general V. N. Gordov, supervisionado por Vasilevski, decidiu depois, no início de agosto, dividir o *front* em dois comandos, com a parte Sul estendendo-se do Tsaritsa (ver Mapa 6) no centro de Stalingrado em direção ao sul, até entrar na estepe de Kalmik. O coronel-general Andrei Ieremenko, ainda não inteiramente recuperado do ferimento na perna, argumentou contra a divisão do *front* pelo centro de Stalingrado, mas isso só irritou o supremo comandante em chefe.

Ieremenko viajou para lá em 4 de agosto, num avião de transporte Douglas, e pousou no pequeno campo de aviação, na periferia Noroeste da cidade. Kruchov foi esperá-lo com um carro e os dois seguiram para o quartel-general. Para Ieremenko, a falta de informação sobre o inimigo era deprimente. Cinco dias antes, Stalin reorganizara mais uma vez os comandos da Frente de Stalingrado e promovera-o a comandante dos dois. Mas o supremo comandante em chefe, ainda nervoso, mandou Jukov até lá investigar e informá-lo da situação.

O perigo principal, como logo identificou Ieremenko, era um ataque simultâneo do Sexto Exército de Paulus do Don pelo oeste e do Quarto Exército de Panzers pelo sudoeste. Toda a parte baixa do Volga achava-se em perigo, e houve pânico em Astracã, após bombardeio alemão. As refinarias de petróleo, próximas ao estuário que desemboca no Cáspio, arderam durante uma semana, desprendendo imundas nuvens pretas. Outros ataques aéreos repentinos causaram caos, pois os portos estavam apinhados de refugiados, e os cais empilhados de maquinaria de fábrica, destinada à

evacuação para o leste. A parte o deserto, a única rota de fuga, agora, era pelo mar Cáspio.

Poucas forças achavam-se disponíveis para opor-se às de Hoth na estepe semiárida de Kalmik, que os russos do Norte consideravam “o fim do mundo”. Lev Lazarev, que comandou ali um destacamento da marinha, disse da área: “Aquilo não é a Rússia, é a Ásia. Era difícil entender o motivo de lutar por um território como aquele, mas todos sabíamos que tínhamos de resistir ou morrer lá.” Sem soldados disponíveis, as autoridades militares soviéticas se haviam voltado para a marinha. Brigadas de marujos foram transferidas por ferrovia pela Sibéria da frota do Extremo Oriente. Seus oficiais eram cadetes de 18 anos, originários da academia naval de Leningrado, onde haviam lutado na primeira parte do cerco. Em agosto, enquanto os marujos seguiam na rota que vinha do Extremo Oriente, os cadetes receberam três semanas de treinamento de campanha na estepe de Kalmik. Esses jovens aguardavam alarmados os marujos durões a quem iam comandar. Mas eles não se desonraram em batalha. O índice de baixas para os jovens tenentes ia ser terrível. Da classe de 21 cadetes de Lazarev, só dois continuavam vivos no ano seguinte.

Enquanto isso, do lado alemão, começou a intensificar-se uma sensação de inquietação, apesar de suas vitórias. “Após o Don, avançaremos para o Volga”, escreveu o comandante de companhia da 384ª Divisão de Infantaria que mantinha um diário. Mas reconheceu o perigo. A Alemanha simplesmente não tinha “tropas suficientes para avançar ao longo de todo o *front*”. Começou a desconfiar que a guerra criara um impulso independente. Não terminaria quando eles chegassem ao grande rio que deveria assinalar seu destino final.

“Alcançado o Volga!”

Em 21 de agosto de 1942, as companhias de infantaria 51^o do Corpo do general von Seydlitz atravessaram o Don ao amanhecer em barcos de ataque infláveis. Logo estabeleceram uma cabeça-de-ponte perto da aldeia de Luchinski. Mais e mais companhias remavam furiosamente pela imensa extensão de água. Alguns quilômetros corrente abaixo, em Vertiachi, todo um batalhão atravessou o Don em turnos em menos de setenta minutos.

Assim que se prenderam com firmeza as cabeças-de-ponte, batalhões de sapadores puseram-se em ação, construindo pontes de troncos para levar os tanques e outros veículos do 14^o Corpo de Panzers do general von Wietersheim. Os pioneiros alemães, intrigados pelos misteriosos contrastes do “Don silencioso”, referiam-se carinhosamente ao rio como “riacho”. Muitos soldados e oficiais do Sexto Exército parecem ter-se apaixonado por essa faixa de campo cossaco do Don. Alguns sonhavam em adquirir uma fazenda ali assim que a guerra estivesse ganha.

Logo depois do meio-dia de 22 de agosto, a ponte ficou pronta, e a divisão de Panzers do general Hube, “os aríetes da corporação”, começaram a atravessar. Os tanques, meias-lagartas, canhões de ataque autopropulsores, veículos de reconhecimento de oito rodas e caminhões chocalhavam, ensurdecedores, pela ponte de troncos.

Naquela noite, logo que a lua surgiu, a força aérea russa começou suas investidas de bombardeios. Veículos foram atingidos nas duas margens e se incendiaram em chamas brilhantes, iluminando a área do alvo, mas as bombas continuaram errando a ponte em si. O quartel-general da divisão de Hube recebeu comunicados de escaramuças em volta das bordas da cabeça de ponte. De vez em quando,

ouvia-se o silvo estridente dos foguetes *Katiusha*, lançados dos “órgãos de Stalin”. O barulho era perturbador, mas as baterias inimigas atiravam às cegas. Atrás da escolta da infantaria, as tropas de Panzers estacionadas faziam as inspeções finais em seus veículos ou tiravam um cochilo. Às 4h30, quando o amanhecer se erguia diante deles no leste, a Abteilung do Segundo Regimento de Panzers do conde von Strachwitz, reforçada com companhias de granadeiros, deslocou-se para o Volga à frente. As guarnições de tanques, conscientes do evento histórico, consideraram-no “um momento de grande júbilo”.

A estepe entre o Don e o Volga, como pedra na seca de verão, ofereceu condições rápidas de percurso. Os comandantes de tanques, em pé nas torrinhas, com óculos de proteção contra o vento, tinham de ficar de olho à frente, para o caso de uma *balka* (barranco) poder não ser visível para o motorista. Durante os primeiros 16 quilômetros, as guarnições de Panzers avistaram poucos inimigos. O terreno, ligeiramente ondulado, de relva irregular, seca, parecia misteriosamente vazio.

O sol ainda não se erguera a pino no céu quando o general Hube, após uma rajada de transmissões de rádio, parou de repente seu quartel-general. Os motores foram desligados, para conservar combustível. Ficaram à espera, no calor estorricante. Logo se ouviu o ronco surdo e prolongado de um avião. Surgiu um aparelho de ligação Fieseler Storch. Sobrevoou em círculos, depois se aproximou para pousar ao lado dos veículos blindados. O piloto saltou e caminhou a passos largos. Era o brigadeiro von Richthofen. Agora comandante em chefe da Quarta Frota Aérea, Richthofen mal se deu o trabalho de esconder seu humor de impaciência com o exército. “O general Paulus está preocupado com seu flanco esquerdo”, anotara em seu diário, apenas três dias antes. Também se irritou quando soube que a principal prioridade da Luftwaffe era “explodir tanques”! Para pilotos de caça, o ataque por terra era encarado como trabalho

humilde e desnecessariamente perigoso. Não tinha nenhuma das perícias do combate aéreo e corria o risco de um tiro certo ao acaso do solo, quando a infantaria russa se deitava estendida de costas e disparava com seus fuzis.

Richthofen, em mangas de camisa e com o quepe do uniforme puxado para trás, expondo parte da cabeça raspada, cumprimentou Hube bruscamente. Por ordens do quartel-general do Führer, todos os recursos da Quarta Frota Aérea tinham de ser desviados para a Frente de Stalingrado, “para mutilar completamente os russos”. “Aproveitem hoje!”, disse ele a Hube. “Serão apoiados por 1,2 mil aviões. Amanhã não posso lhes prometer nada mais.”

À tarde, as guarnições de Panzers ergueram os olhos, franzindo-os contra a luz do sol, e viram ondas de bombardeiros Junkers 88 e Heinkel 111, além de esquadrilhas de Stukas “em grupos apinhados”, voando para Stalingrado. Uma massa de sombras passou pela estepe. Em seu retorno, os pilotos de Stuka “soaram as sirenes” para saudar as tropas que avançavam. As guarnições de Panzers responderam com acenos, exultantes. Já viam ao longe as colunas de fumaça elevando-se da cidade, que o quartel-general do Sexto Exército, num excesso de entusiasmo propagandístico, descreveu como “Stalingrado, a cidade de Stalin, o ponto de partida da Revolução Vermelha”.

Para os cidadãos de Stalingrado, domingo, 23 de agosto, foi “um dia que jamais será esquecido”. A cidade-modelo de que tanto se orgulhavam, com seus jardins ao longo da margem direita do Volga e os altos prédios brancos de apartamentos, que davam ao lugar sua aparência moderna, cubista, tornou-se um inferno.

Os alto-falantes nas ruas, presos a postes de luz, começaram a repetir:

– Camaradas, soou na cidade um alarme de ataque aéreo. Atenção, camaradas, um alarme de ataque aéreo...

A população já ouvira tantos falsos alarmes de ataque aéreo, que a princípio poucos levaram esse a sério. Só depois que as baterias antiaéreas abriram fogo, as pessoas puseram-se a correr em busca de abrigo.

As que faziam piquenique no Mamaev Kurgan, o imenso túmulo de pedras tártaro num monte que dominava o centro da cidade, eram as mais expostas. Abaixo, nas longas ruas largas que corriam paralelas ao Volga, as massas de refugiados dos distritos afastados encontraram pouca proteção, fora as trincheiras em pátios internos e jardins cavadas por comitês de quarteirões para aqueles que não conseguissem chegar a tempo a um porão.

A força aérea de Richthofen começou a bombardear por turnos, “não apenas alvos industriais, mas tudo”, disse um estudante presente naquele dia. As bombas de alto poder explosivo oscilavam delicadamente ao caírem dos Heinkels em bastões. As descrições de cenas na cidade tornam difícil imaginar alguém sobrevivendo fora de um porão. Caiu uma chuvarada de bombas incendiárias nas casas de madeira na periferia Sudeste da cidade. Arderam até o chão, mas, nas cinzas fumegantes, chaminés de tijolo altas e finas continuaram erguidas, em fileiras, como um cemitério surrealista. Mais próximo das margens do grande rio, as armações dos altos blocos de apartamentos permaneceram em pé, mesmo quando atingidas, mas a maioria dos pisos de dentro desabou. Muitos outros prédios foram rachados ao meio ou incendiados. Mães embalavam bebês mortos, e crianças tentavam despertar mães mortas a seu lado. Centenas de outras famílias foram enterradas vivas nos escombros.

Um piloto alemão, depois que seu avião foi abatido por uma das baterias antiaéreas das mulheres, conseguiu saltar de paraquedas, mas quando este se abriu, ele foi desviado por uma corrente de ar e caiu direto nas chamas. Os cidadãos de Stalingrado que viram esse fim se achavam tão

chocados com a matança em volta que mesmo a satisfação de justiça poética estava além deles.

Os imensos tanques de armazenamento de petróleo na margem do Volga também foram atingidos. Uma bola de chama cor-de-rosa elevou-se 500 metros céu adentro e durante os dias seguintes via-se a coluna de fumaça preta a mais de 320 quilômetros de distância. Petróleo em chamas espalhou-se pelo Volga. Bombas destruíram os postos telefônicos e as estações hidráulicas, e o principal hospital de Stalingrado foi cindido em dois por uma série de bombas. As janelas, ao explodir, foram atiradas para dentro e as crianças foram lançadas com violência para fora de suas camas. Entre elas, Nina Grebennikova, a menina de 14 anos cuja espinha fora quebrada uma semana antes pela bomba que caíra perto dos tanques de armazenamento de petróleo. O ataque ao hospital aterrorizou tanto os membros do pessoal que eles saíram correndo, abandonando os pacientes, alguns deixados durante cinco dias sem comida nem assistência.

Uma mãe, colhida ao ar livre com a filha cujas pernas ficaram paralisadas por choque de granada, “teve literalmente de arrastá-la para casa” em meio ao bombardeio. Nenhum motorista tentaria o percurso. Com quase todos os pais distantes no *front* ou agora mobilizados, as mulheres foram deixadas para lutar com as apavorantes consequências. A esposa de Viktor Goncharov, ajudada pelo filho de 11 anos, Nicolai, enterrou o cadáver do pai dela, que recebera um tiro certo, no quintal do bloco de apartamentos da família. “Antes de tapar a cova”, lembrou o neto, “ procuramos a cabeça dele, mas não achamos.” A sogra, Goncharova, esposa do veterano cossaco, desapareceu no caos. De algum modo, a senhora conseguiu sobreviver durante toda a batalha seguinte, continuando por mais de cinco meses numa casamata. Eles só voltaram a se encontrar no fim da guerra, quase três anos depois.

O ataque aéreo a Stalingrado, o mais concentrado no *Ostfront*, representou a culminação natural da carreira de Richthofen desde Guernica.² A força aérea da Quarta Frota Aérea fez um total de 1,6 mil saídas naquele dia e despejou mil toneladas de bombas com a perda de apenas três aparelhos. Segundo algumas estimativas, havia quase 600 mil pessoas em Stalingrado, e 40 mil foram mortas na primeira semana de bombardeio.

O motivo de tantos cidadãos e refugiados ainda permanecerem na margem ocidental do Volga era característico do regime. O NKVD requisitara quase todas as embarcações do rio, atribuindo ao mesmo tempo prioridade muito pequena à evacuação da população civil. Depois, Stalin, decidindo que não se devia criar nenhum pânico, recusou-se a permitir que os habitantes de Stalingrado fossem evacuados pelo Volga. Segundo ele, isso obrigaria as tropas, sobretudo a milícia formada no local, a defender com mais desespero a cidade.

- Ninguém se importava com os seres humanos - observou um dos garotos cercados atrás com as mães. - Nós também éramos apenas bucha de canhões.

Enquanto os bombardeiros de Richthofen martelavam Stalingrado, a cabeça de ponte blindada da 16ª Divisão de Panzers avançara pela estepe, praticamente sem enfrentar oposição, por quase 73 quilômetros. "Ao redor de Gumrak", comunicou por sinais a divisão, "a resistência inimiga tornou-se mais forte e canhões antiaéreos começaram a disparar furiosamente em nossos veículos blindados do canto Nordeste de Stalingrado."

Essa resistência veio das baterias operadas por moças voluntárias, recém-saídas do ginásio. Poucas haviam disparado canhões antes, devido à escassez de munição, e nenhuma delas fora treinada para atingir alvos em terra. Tiveram de transferir os alvos dos bombardeiros sobre a

cidade à visão dos Panzers, cujas guarnições “pareciam achar que faziam um passeio dominical”. As jovens equipes baixavam furiosamente os cabos, reduzindo os canos à elevação zero – os canhões antiaéreos de 37mm soviéticos eram cópias muito toscas dos Bofors – e giravam-nos a fim de dirigir a pontaria para os blindados dianteiros.

As guarnições de Panzers alemães logo superaram a surpresa inicial e deslocaram-se para posições de combate, a fim de atacar algumas das baterias. Os Stukas logo chegaram para tratar de outras. Essa batalha desigual foi assistida com angústia pelo capitão Sarkisian, comandante de um batalhão de morteiro pesado, que depois relatou o que viu ao escritor Vasili Grossman. Toda vez que os canhões antiaéreos silenciavam, Sarkisian exclamava: “Oh, agora estão liquidadas! Foram aniquiladas!” Mas, após uma pausa, os canhões começavam mais uma vez a atirar. “Esta”, declarou Grossman, “foi a primeira página da defesa de Stalingrado.”

A ponta de lança alemã continuava avançando os últimos quilômetros. Por volta das 16 horas, assim que o sol de agosto começou a amainar, eles chegaram a Rionok, ao norte de Stalingrado, e ali “os soldados da 16ª Divisão de Panzers contemplaram o Volga fluindo à frente deles à direita”. Mal podiam acreditar naquilo.

- Tínhamos partido de manhã cedo do Don – lembrou um dos comandantes da companhia de Strachwitz – e, aí, estávamos no Volga.

Alguém no batalhão apareceu com uma câmera e tiraram fotografias uns dos outros, posando nas costas dos seus veículos, contemplando pelos binóculos a costa ao longe. As fotos foram incluídas nos relatórios do quartel-general do Sexto Exército, com a legenda: “Alcançado o Volga!” A câmera, girada para o sul, bateu outras fotos de recordação. Uma mostrava colunas de fumaça dos ataques aéreos repentinos da Luftwaffe com a seguinte anotação: “Vista dos arredores de Stalingrado em chamas.”

Logo após a sua chegada, o ás da aviação de caça Kurt Ebener e um colega da esquadrilha “Udet” giraram sobre o Volga logo ao norte de Stalingrado. Os pilotos localizaram abaixo os tanques e os granadeiros Panzer, e “um sentimento de transbordante alegria e alívio” pelos colegas “no solo embaixo inspirou rodopios de vitória e outros voos acrobáticos em comemoração”.

Como outros comandantes de Panzers, o capitão Freytag-Loringhoven ficou em pé no topo de seu tanque para olhar pelos binóculos o gigantesco rio do outro lado. A visão era excelente dali, a muito mais alta margem ocidental.

- Vimos a imensa, muito imensa, estepe seguindo para a Ásia, e fiquei maravilhado - lembrou. - Mas não pude pensar nisso por muito tempo, porque tivemos de fazer um ataque contra outra bateria de fogo antiaéreo que se pusera a atirar em nós.

As guarnições de baterias de fogo antiaéreo eram espantosamente resistentes. Segundo o capitão Sarkisian, “as moças se recusaram a entrar nas casamatas”. Dizem que uma delas, chamada Marsha, “permaneceu em seu posto durante quatro dias sem ser rendida” e foi responsável por oito baixas. Ainda que este número seja um exagero, como muitos na época, os relatórios da 16ª Divisão de Panzers não deixam dúvidas quanto à bravura delas. “Até o cair da tarde”, dizia um relatório, “tivemos de combater, tiro por tiro, contra 37 posições antiaéreas inimigas, guarnecidas por tenazes combatentes, até elas serem todas destruídas.”

As tropas de Panzers ficaram horrorizadas quando descobriram que estavam atirando em mulheres.³ Os russos ainda acham esse escrúpulo curiosamente ilógico, uma vez que os bombardeiros de Richthofen haviam matado milhares de mulheres e crianças em Stalingrado naquela mesma tarde. Os oficiais alemães em Stalingrado não sofreram de ilusões cavalheirescas por muito mais tempo. “É completamente errado descrever as mulheres russas como ‘soldados de saias’”, escreveu depois um deles. “As

mulheres russas há muito vêm sendo preparadas para tarefas de combate e para ocupar qualquer posto de que seria capaz uma mulher. Os soldados russos tratam essas mulheres com muita prudência.”

Os defensores soviéticos de Stalingrado achavam-se numa posição perigosa, em parte porque o general Ieremenko concentrara a maior parte de suas forças disponíveis para diminuir a velocidade do Quarto Exército de Panzers de Hoth, que avançava para a cidade vindo do sudoeste. Jamais imaginara que as forças de Paulus iriam entrar com tanta rapidez e ousadia à sua direita.

Nikita Kruchov juntou-se a ele no quartel-general subterrâneo, escavado em grande profundidade no desfiladeiro do Tsaritsa. A ameaça que enfrentavam era tão urgente que quando dois oficiais engenheiros chegaram para comunicar que seus homens haviam acabado de construir uma ponte flutuante sobre o Volga, disseram-lhes que a destruíssem imediatamente. Os dois sapadores olharam descrentes para o comandante em chefe. Os protestos foram cortados de chofre. Não é difícil imaginar o pânico que teria havido em Stalingrado, para não falar da reação de Moscou, se os alemães houvessem levado a cabo o avanço e logo capturassem uma cabeça de ponte na margem oriental do Volga – como de fato Strachwitz quisera fazer.

Stalin ficou furioso quando soube que as tropas alemãs haviam chegado ao Volga. Proibiu a instalação de minas nas fábricas, a evacuação de maquinaria ou qualquer outra reação que “pudesse ser tomada como uma decisão de entregar Stalingrado”. A cidade seria defendida até o fim. O Conselho Militar mandou afixar cartazes em toda a cidade proclamando um estado de sítio: “Jamais entregaremos a cidade do nosso nascimento. Ergamos barricadas em cada rua. Transformemos cada distrito, cada quarteirão, cada prédio numa fortaleza inexpugnável.” Muitos homens

entraram em pânico, entre eles o secretário do Comitê do Komsomol de Stalingrado, que “abandonou seu posto” e fugiu para a margem oriental sem permissão.

Os operários não envolvidos diretamente na produção de armas para uso imediato foram mobilizados em “brigadas especiais” de milícia, sob o comandante da Décima Divisão de Fuzileiros da NKVD, coronel Saraiev. Distribuíram-se munições e fuzis, mas muitos homens só recebiam uma arma depois que um camarada era morto. No subúrbio industrial de Spartakovka, batalhões de milícias de operários, mal armados, foram enviados para a batalha contra a 16ª Divisão de Panzers, com os resultados previsíveis. Alunos da Universidade Técnica, cavando trincheiras no flanco Norte da cidade, continuaram a atividade, embora já sob fogo direto da 16ª Divisão de Panzers. Os prédios de sua faculdade, perto da fábrica de tratores de Stalingrado, haviam sido destruídos por bombas lançadas nas primeiras ondas. O corpo docente ajudou a formar o núcleo de um “batalhão destruidor” de defesa. Um dos professores era um comandante de companhia. A comissária de batalhão era uma jovem mecânica da fábrica de tratores, que havia sido reformada para produzir tanques T-34. Ali, voluntários saltavam dentro dos tanques antes mesmo de serem pintados. Assim que os carregavam de munição, amontoada na fábrica, retiravam-nos da linha de produção e conduziam-nos direto para a batalha. Esses tanques não tinham visores de pontaria e só podiam ser apontados num alcance quase à queima-roupa pelo carregador olhando pela alma do cano abaixo, enquanto o fuzileiro girava a torre.

Hube mandou seu batalhão de motocicletas sondar o flanco Norte. “Ontem chegamos à linha da ferrovia”, escreveu um cabo para casa no dia seguinte, “e capturamos um trem cheio de armas e veículos de suprimento, que ainda não haviam sido descarregados. Também fizemos muitos prisioneiros. Entre eles, havia muitos ‘soldados de saias’,

cujas caras eram tão repulsivas que a gente mal aguentava olhar para elas. Tomara que esta operação não dure muito mais tempo.” O butim de material norte-americano do Decreto Lend-Lease⁴ revelou-se muito popular. Os oficiais da 16ª Divisão de Panzers, em particular, apreciaram os jipes norte-americanos, novos em suas marcas russas, por eles considerado um veículo muito melhor que seu equivalente alemão – o Kübelwagen.

Os regimentos da aviação do Exército Vermelho também foram lançados na batalha em 24 de agosto, mas um Iak tinha pouca chance contra um Messerschmitt 109, e os caças-bombardeiros Shturmovik, embora blindados na superfície inferior, eram extremamente vulneráveis quando voavam com um piloto competente na cola. Os soldados alemães davam vivas embaixo quando pilotos da Luftwaffe despachavam seus inimigos “*mit Eleganz*”, como se a guerra aérea fosse uma espécie de tourada realizada para o prazer dos espectadores em terra.

As investidas repentinas de bombardeio alemãs continuaram, com outro “importante ataque” na tarde de 25 de agosto. A usina elétrica de Beketovka foi gravemente danificada, mas logo consertada. Fora isso, esquadrilhas da Luftwaffe prosseguiram pulverizando o perímetro da cidade. Muitas pessoas perderam seus bens, mas as famílias dividiam espontaneamente tudo que lhes restara. Sabiam muito bem que no dia seguinte podiam se ver na mesma situação; e nada reduzia com mais rapidez a ideia de propriedade privada do que aquela destruição vinda do céu.

Acabou-se dando permissão às mulheres e crianças de Stalingrado para atravessarem para a margem oriental numa embarcação comandada pelo NKVD. Contudo, só se dispensaram alguns barcos a vapor, porque a maioria era necessária à evacuação dos feridos e ao transporte de reposição de munição e reforços. Sem a menor dúvida, a

viagem era tão arriscada quanto a permanência na margem ocidental, porque a Luftwaffe continuava atacando os barcos que atravessavam o Volga. O desembarcadouro, a montante do desfiladeiro do Tsaritsa, foi mais uma vez atingido, e o restaurante Shangai logo acima, ponto de encontro preferido em tempo de paz, numa faixa de parque no topo da margem do rio, foi completamente incendiado. As famílias na travessia viram corpos enegrecidos boiando, como toros carbonizados, e faixas do rio com óleo dos tanques ainda em chamas. As crianças que saíram do hospital, entre elas Nina Grebennikova, amarrada a uma padiola, foram transportadas pelo Volga em 28 de agosto e levadas para um hospital de campanha na margem oriental.

Os canhões da 16ª Divisão de Panzers também haviam entrado em ação desde aquele primeiro entardecer de domingo, anunciando sua presença no Volga com o afundamento de um navio cargueiro a vapor e a explosão de uma canhoneira. Também bombardearam a barcaça de transporte da ferrovia, deixando um emaranhado de vagões queimados e destruídos, e nos dias seguintes afundaram sete embarcações fluviais. As guarnições de tanque registraram-nas como “canhoneiras” e não pareceram perceber que poderiam estar evacuando civis.

Na terceira noite, Panzers alemães afundaram um vapor movido a rodas que levava mulheres e crianças da cidade para a margem esquerda. Ao ouvirem gritos e choros de socorro, os soldados perguntaram ao comandante se podiam usar alguns dos barcos infláveis dos pioneiros para salvá-las. Mas o tenente recusou. “Sabemos como o inimigo combate nesta guerra”, respondeu.

Depois que caiu a noite, as guarnições de Panzers cobriram a cabeça com os cobertores para não ouvir mais os gritos. Algumas mulheres conseguiram nadar até a margem ocidental, mas a maioria nadou até um banco de areia e lá ficou todo o dia seguinte. Os alemães não atiraram quando

elas foram evacuadas na noite seguinte, como prova de que eram diferentes dos russos.

- Nós não impediríamos uma coisa daquelas!

Atrás das primeiras posições alemãs na margem do Volga, havia uma espécie de parque semicultivado, com carvalhos, nogueiras, castanheiros e espiroleiras, bordejado por lotes de terra com melões, tomates, vinhedos e árvores frutíferas. Ali, as unidades de vanguarda da 16ª Divisão de Panzers cavaram trincheiras e se instalaram, usando a vegetação como cobertura. O quartel-general do batalhão de sapadores escondeu-se debaixo de uma grande pereira. Durante as calmarias entre os tiroteios, as guarnições de Panzers e os engenheiros de combate colhiam frutas maduras, usando os quepes e capacetes como cestas. Após semanas de estepe desidratada, contemplar o largo Volga, “como um lago calmo”, daquela sombra frondosa, de algum modo intensificou a sensação de haver chegado ao fim da jornada à fronteira da Europa. Parecia uma pena muito grande o fato de os russos continuarem a resistir. Na primeira oportunidade, os soldados escreveram do Volga para casa, orgulhosos por estarem entre os primeiros a pisar na extremidade oriental do Reich alemão. Os poucos que haviam servido na campanha balcânica no ano anterior acharam que o primeiro vislumbre dos prédios de apartamentos brancos, na margem ocidental elevada, os fizera lembrar-se de Atenas. Essa ligação curiosamente impertinente levou alguns a referir-se a Stalingrado como a “Acrópole”.

As unidades do Sexto Exército que ainda aguardavam para atravessar o Don sentiram ciúmes da glória conquistada pela vanguarda. Como escreveu um artilheiro antiaéreo: “Logo também nós teremos o direito de cantar: ‘na margem do Volga, combate um soldado’.” Um artilheiro também escreveu para casa sobre o *Wolgalied*, para o qual Franz Lehár compôs a música: “A canção será realmente verdadeira no nosso caso.”

Muitos se haviam convencido de que a vitória não estava muito distante. “Vocês não imaginam a velocidade de nossos caros camaradas motorizados”, escreveu para casa um soldado da 389ª Divisão de Infantaria. “E com os ataques sucessivos da nossa Luftwaffe. Que sensação de segurança temos quando nossos pilotos estão acima, porque jamais vemos qualquer avião russo. Eu gostaria de compartilhar com vocês um vislumbre de esperança. Nossa divisão terá cumprido seu dever assim que Stalingrado cair. Então, se Deus quiser, vamos voltar a nos ver este ano. Se Stalingrado cair, o Exército Russo no Sul está destruído.”

A posição da divisão de Hube, contudo, estava longe de garantida. A ameaça ao tráfego do rio Volga, para não falar das furiosas chamadas telefônicas do Kremlin, intensificou a urgência de Ieremenko em ordenar contra-ataques do flanco Norte para esmagar o estreito corredor alemão. A artilharia russa podia atirar nessa faixa, de pouco mais de 6 quilômetros de largura, dos dois lados, e os alemães não se achavam em condições de reagir. Não apenas a 16ª Divisão de Panzers, mas o resto das tropas de Wietersheim estavam quase sem combustível.

Em 25 de agosto, Richthofen viajou ao encontro de Paulus e do general von Seydlitz no quartel-general da 76ª Divisão de Infantaria. O tique nervoso de Paulus, no lado esquerdo do rosto, tornava-se mais pronunciado quando sob tensão, e ele também sofria de disenteria recorrente – o que os alemães chamavam de “mal russo” – que não o ajudava a relaxar. O intolerante Richthofen observou que o comandante em chefe do Sexto Exército estava “muito nervoso” com a situação. Naquela noite, a Luftwaffe lançou de paraquedas suprimentos para o 14º Corpo de Panzers de Wietersheim, mas a maioria caiu em terra de ninguém ou nas mãos do inimigo. Na manhã seguinte, o reconhecimento

aéreo alemão comunicou a presença de forças blindadas soviéticas concentrando-se ao norte.

Richthofen, como Hitler, endossou a opinião de que uma rápida vitória em Stalingrado resolveria de uma penada todos os problemas do flanco esquerdo muito estendido, pois provocaria o colapso final do Exército Vermelho. Enfraquecer agora era o maior perigo, como dançar numa corda-bamba. Paulus tinha perfeita consciência dessa lógica. Perseverou, conservando sua fé no julgamento de Hitler, de que as forças russas deviam estar quase liquidadas. Quando o general von Wietersheim recomendou posteriormente a retirada parcial do 14º Corpo de Panzers, Paulus demitiu-o e promoveu o general Hube para ocupar seu lugar.

Grande parte dependia do rápido avanço do Quarto Exército de Panzers pelo sul, mas Hitler obrigara Hoth a deixar atrás um corpo de Panzers no Cáucaso. Ele ficara, portanto, reduzido ao 48º e Quarto Corpos de Panzers. Também, como observou o general Strecker nessa época, “quanto mais próximos da cidade chegam os ataques alemães, menores os ganhos diários”. Uma defesa ainda mais furiosa era preparada atrás das linhas. O Comitê de Defesa de Stalingrado emitiu suas ordens: “Não abandonaremos nossa cidade aos alemães! Todos vocês, organizem brigadas, construam barricadas. Protejam com barricada cada rua (...) com rapidez para que os soldados que defendem Stalingrado destruam o inimigo sem piedade!”

Em 27 de agosto, caiu a primeira chuva em um mês e meio, mas a verdadeira causa para o atraso do flanco direito de Hoth viera da resistência intensificada de tropas soviéticas ao redor do lago Sarpa e perto de Tundutovo, nas colinas ao sul da curva do Volga, abaixo de Stalingrado. Naquele dia, por exemplo, a companhia penal vinculada à 91ª Divisão de Fuzileiros repeliu numerosos ataques de forças inimigas superiores. O departamento político da Frente de Stalingrado depois comunicou a Scherbakov:

“Muitos homens compensaram seus erros com bravura e devem ser reabilitados e devolvidos a seus regimentos.” Porém, mais uma vez, a maioria morreu antes que se fizesse alguma coisa.

O avanço prosseguiu melhor dois dias depois, quando Hoth de repente mudou o 48º Corpo de Panzers de direção para a margem esquerda, entrando na estepe de Kalmik. A principal vantagem do Exército alemão era a estreita cooperação da divisão de Panzers e a Luftwaffe. Na batalha em constante mudança, os homens da infantaria usavam a bandeira vermelha com a suástica como painéis de identificação no solo para garantir que não fossem bombardeados por sua própria força aérea. Mas o verdadeiro perigo de os Stukas atacarem por engano suas próprias forças em terra ocorreu nas operações blindadas de rápido deslocamento.

O tenente Max Plakolb, comandante de uma seção avançada de controle aéreo, era vinculado ao quartel-general da 24ª Divisão de Panzers. Nessa época, quando as 14ª e 24ª divisões de Panzers e a 29ª Divisão de Infantaria Motorizada começavam a fazer a curva em torno do Sudoeste de Stalingrado, Plakolb instalou-se no rádio. As unidades de ponta da 24ª haviam avançado muito mais rápido que a divisão vizinha, e Plakolb de repente ouviu por acaso no seu rádio um comunicado de contato: “Concentração de veículos inimigos...” O piloto informou em seguida a posição da 24ª Divisão de Panzers. Com “enorme alarme”, pois os Stukas se aproximavam, o próprio Plakolb convocou a esquadrilha, usando a palavra em código “Bonzo”, e convenceu-os a abortar o ataque na hora H.

Tão rápido foi o avanço no Sul do 48º Corpo de Panzers que ao anoitecer de 31 de agosto suas unidades de ponta haviam chegado à linha ferroviária Stalingrado-Morozovsk. De repente, era como se houvesse surgido a oportunidade de isolar os remanescentes do 62º e 64º exércitos soviéticos. As divisões de infantaria de Paulus, avançando devagar do Don para o leste, jamais poderiam chegar a tempo para

cercar a retaguarda russa. A única chance era mandar descer o 14º Corpo de Panzers do corredor de Rinok para vedar o cerco, como exortava intensamente o quartel-general do Grupo do Exército. Isso representava um grande risco, e Paulus decidiu-se contra o plano. Hube teria de fazer seus Panzers mal supridos dar meia-volta, desengajar-se das batalhas em andamento e ignorar os exércitos inimigos, depois se aglomerar direto para o norte. Ieremenko, alertado para o perigo, retirou suas tropas restantes do cerco.

Em alguns casos, a retirada era determinada menos pelo planejamento do que pelo pânico. No 64º Exército, as guarnições da Bateria de Fogo Antiaéreo 748 fugiram correndo, abandonando suas armas. Este incidente logo se tornou um caso de conspiração para os comissários sempre desconfiados, com a alegação de que um membro da bateria depois “liderou um batalhão de fuzileiros de submetralhadoras num ataque contra a vizinha 204ª Divisão de Fuzileiros”.

No flanco Norte de Paulus, o XIV Corpo de Panzers quase não ficara ocioso. Os russos montaram continuamente ataques diversionários dos dois lados do corredor. As reações do general Hube a essas arremetidas mal coordenadas foram incisivas e bem-sucedidas. Ele mudou seu quartel-general em 28 de agosto para uma ravina afunilada, que oferecia melhor proteção contra os ataques aéreos noturnos. Assegurou-se de um descanso imperturbado à noite, dormindo num buraco forrado com palha embaixo do seu tanque.

Os bombardeiros russos começaram a atacar durante o dia, além de à noite, sobrevoando baixo o Volga. Baforadas pretas de canhões antiaéreos assinalavam sua aproximação no céu da manhã. Em uma ocasião, um caça alemão voou com um rugido no nível do solo acima da ravina de Hube, antes de subir para atacar os bombardeiros em céu claro.

Para os espectadores do quartel-general, esse caça parece ter oferecido a visão mágica de um cavaleiro teutônico de armadura resplandecente. “Aquele risco prateado”, escreveu com reveladora emoção um dos presentes em seu diário, “guinou para o leste sobre o rio e entrou em território inimigo como um cristal, um arauto do amanhecer.”

Em 28 de agosto, caças russos também tentaram atacar a nova base da Luftwaffe perto de Kalach, mas um grupo de caça Messerschmitt 109 rechaçou-os. Orgulhosos de sua vitória, os jovens pilotos bronzeados reuniram-se para o interrogatório após a missão, mas seu austero comandante – conhecido como “o Príncipe”, por causa da semelhança com uma estátua medieval de catedral – não os parabenizou. Em vez disso, transmitiu a ordem que tanto irritara Richthofen.

- Senhores, voar por diversão e ver quem consegue derrubar mais máquinas inimigas precisa parar. Cada máquina, cada gota de combustível, cada hora de voo é insubstituível. A vida fácil em terra que andamos levando é completamente irresponsável: no ar, mais ainda. Toda bala deverá socorrer a infantaria, se não houver alvo no ar.

Murmúrios ressentidos acolheram suas palavras.

Como ocorre com frequência em fins de agosto, a temperatura mudou de repente. No sábado, 29 de agosto, choveu durante quase todo o dia e a noite. Os soldados ficaram encharcados e as trincheiras, cheias de água. “Essa Rússia desgraçada” era uma reação comum em cartas para casa nessa época. Pareciam tão próximos do que achavam que era seu objetivo final, após um avanço de quase quatro meses sem trégua.

A 16ª Divisão de Panzers em Rinok, na margem do Volga, não mais se achava em seu anterior espírito de otimismo empolgante. Os terrenos cultivados e os pomares onde haviam escondido seus veículos foram arrasados pelo fogo da artilharia soviética, deixando crateras de granadas e árvores despedaçadas por estilhaços. Todos se preocupavam com as concentrações cada vez maiores em direção ao

norte. Hube teria ficado sob forte pressão antes, se o ponto extremo da ferrovia em Frolovo fosse mais perto do *front* e a infantaria soviética houvesse conseguido dispor com maior rapidez as forças em posição de combate. O 24º Exército juntou-se ao 66º Exército e ao Primeiro Exército da Guarda, preparando-se para um contra-ataque. Uma vez que as formações haviam desembarcado, eles marcharam em diferentes direções, mas, no caos, ninguém parecia saber onde estava. A 221ª Divisão de Fuzileiros sequer sabia ao certo a que exército pertencia, e seu comandante não tinha nenhuma informação sobre as posições nem a força do inimigo.

Em 1º de setembro, ele ordenou à companhia de reconhecimento que saísse em grupos de dez para descobrir onde estavam os alemães. Com soldados montados em cavalos locais, deslocaram-se para o sul pela linha ferroviária Stalingrado-Saratov. A divisão seguiu em massa. De repente, aeronaves voltando de um ataque à cidade avistaram as tropas avançando. Alguns bimotores Messerschmitt 110 deslocaram-se para bombardeá-los, enquanto as outras aeronaves retornavam à base para reabastecer e mais uma vez metralhar. Voltaram ao meio-dia, mas a essa altura a divisão já dispusera as tropas para formações de combate e o alvo tentador se dispersara.

Os grupos de reconhecimento retornaram, após avistar algumas unidades alemãs, mas não conseguiram desenhar uma linha de frente para seu comandante. Ela simplesmente não existia em forma reconhecível. Os comandantes russos ficaram “preocupados e furiosos”. Embora sua infantaria excedesse enormemente os alemães a enfrentar, não chegara nenhuma artilharia, e só poucos canhões antitanque.

A situação acabou sendo ainda mais desastrosa para a 64ª Divisão de Fuzileiros, aglomerando-se em direção à retaguarda. O moral desabou sob os ataques aéreos alemães, que também destruíram seu hospital de

campanha, matando muitos médicos e enfermeiras. Os feridos que eram levados para a retaguarda contavam histórias de horror, que deixavam apavoradas as tropas inexperientes à espera na reserva para serem conduzidas à frente. Indivíduos, depois grupos inteiros, começaram a desertar. O comandante da divisão ordenou às unidades mais frágeis que formassem fileira. Fez um discurso bombástico e xingou-os por aquela covarde falha no serviço da pátria. Depois adotou a punição romana de dizimação. Com a pistola apontada, percorreu a fileira da frente contando em voz alta. Atirou à queima-roupa no rosto de cada décimo homem até esvaziar o carregador.

Jukov, que acabara de ser nomeado supremo vice-comandante, superado apenas por Stalin, chegara a Stalingrado em 29 de agosto para supervisionar as operações. Logo descobriu que os três exércitos destinados às operações estavam mal armados, formados por reservistas mais velhos, sem munição e sem artilharia. Pela linha de comunicação cifrada a Moscou, convenceu Stalin de que o ataque precisava ser adiado por uma semana. Stalin aceitou, mas o avanço alemão para a periferia à direita da cidade, agora que o corpo de Seydlitz se unira ao Quarto Exército de Panzers, mais uma vez o alarmou em 3 de setembro. Ele telefonou para o general Vasilevski, chefe do estado-maior, exigindo saber a posição exata. Assim que Vasilevski admitiu que os tanques alemães haviam chegado aos subúrbios, sua exasperação com Jukov e outros generais explodiu.

- Que é que há com eles, não entendem que, se entregarmos Stalingrado, o Sul do país será isolado do centro e na certa não terá condições de se defender? Não entendem que não é uma catástrofe apenas para Stalingrado? Perderíamos nossa principal via navegável e logo nosso petróleo também!

- Estamos pondo tudo que pode combater nos lugares sob ameaça - respondeu Vasilevski, com o máximo de calma

possível. – Acho que ainda há uma chance de não perdermos a cidade.

Pouco tempo depois, Stalin tornou a ligar, ditando então um comunicado a ser enviado a Jukov. Ordenou que o ataque fosse feito imediatamente, houvessem ou não todas as divisões sido distribuídas em posições de combate ou recebido sua artilharia.

– A demora neste momento – insistiu – equivale a um crime.

Stalingrado poderia cair no dia seguinte. Após um longo e ponderado telefonema, Jukov acabou convencendo-o a esperar mais dois dias.

É difícil dizer se Stalin estava certo e Jukov errado. Paulus teve tempo para reforçar o 14º Corpo de Panzers, e a Luftwaffe tirou o máximo de proveito de sua força contra alvos na estepe descampada. O Primeiro Exército da Guarda conseguiu um avanço de apenas alguns quilômetros, enquanto o 24º Exército era impelido de volta à sua linha de partida. Mas pelo menos essa ofensiva malsucedida conseguiu desviar as reservas de Paulus no momento mais crítico, quando os remanescentes esfarrapados do 62º e 64º exércitos se retiraram para a periferia da cidade.

Os alemães também sofreram um dos seus mais pesados índices de baixas naquele verão. Não menos que seis comandantes de batalhão foram mortos num único dia, e muitas companhias ficaram reduzidas a apenas quarenta ou cinquenta homens. (As baixas totais no *Ostfront* agora passavam um pouco de 1,5 milhão.) O interrogatório de prisioneiros soviéticos indicou a determinação que eles enfrentavam. “De uma única companhia”, dizia um relatório, “só cinco homens saíram vivos. Eles receberam ordens de que Stalingrado jamais será entregue.”

Os soldados do Exército Vermelho achavam que haviam combatido com intensidade e bem durante os primeiros dias da batalha. “Olá, meus queridos!”, escreveu um soldado para a sua família. “Desde 23 de agosto, temos estado

envolvidos em duras batalhas contra um inimigo cruel e astuto. O comandante do pelotão e o comissário foram gravemente feridos. Tive de assumir o comando. Uns setenta tanques vieram em nossa direção. Discutimos a situação entre camaradas e decidimos lutar até a última gota de sangue. Quando os tanques giraram sobre as trincheiras, atiramos granadas e garrafas cheias de gasolina.” Num espaço de tempo muito curto, a maioria dos soldados russos ficou intensamente orgulhosa por combater em Stalingrado. Sabiam que os pensamentos de todo o país estavam neles. Tinham poucas ilusões, contudo, sobre a luta desesperada que ainda os aguardava. Stalingrado naquele momento tinha menos de 40 mil defensores para rechaçar o Sexto Exército e o Quarto Exército de Panzers. Nenhum comandante esquecia que “o Volga era a última linha de defesa diante dos Urais”.

Os alemães estavam cheios de confiança durante aquela primeira semana de setembro. O combate fora duro, escreveu para casa um soldado, “mas Stalingrado vai cair nos próximos dias”. “Segundo o que nos dizem nossos oficiais”, escreveu um fuzileiro da 305ª Divisão de Infantaria, “Stalingrado com certeza vai cair.” E a sensação de triunfo no quartel-general do Sexto Exército era patente quando, em 3 de setembro, um oficial do estado-maior comunicou a ligação do 51º Corpo do Exército com o Quarto Exército de Panzers:

– Fechou-se o círculo ao redor de Stalingrado na margem ocidental!

Desde a travessia do Don, em 23 de agosto, até 8 de setembro, o Sexto Exército afirmou ter feito “26,5 mil prisioneiros e destruído 350 canhões e 830 tanques”.

Paulus recebeu uma carta do coronel Wilhelm Adam, um dos oficiais do estado-maior que, de licença por doença na Alemanha, lamentava amargamente sua ausência num momento histórico como aquele. “Aqui, todo mundo aguarda a queda de Stalingrado”, escreveu ele a seu comandante em chefe. “Esperam que isso seja um momento decisivo na

guerra.” Mas na periferia de Stalingrado, as noites de repente ficaram mais frias, a ponto de encontrar-se geada no solo de manhã e uma película de gelo nos baldes de lona com água para os cavalos. O inverno russo logo os envolveria mais uma vez.

Só muito poucos, contudo, previram o pior obstáculo diante do Sexto Exército. Os maciços ataques aéreos repentinos de Richthofen não apenas não destruíram a determinação do inimigo, mas a própria força de destruição deles transformara a cidade num perfeito terreno letal para os russos usarem contra os alemães.

Notas:

1. Polícia política do período inicial soviético. (N. da T.)
2. Houve outros ecos da Guerra Civil espanhola. Rubén Ruiz Ibaruri, filho de La Pasionaria, foi morto comandando uma companhia de metralhadoras da 35ª Divisão de Fuzileiros ao sul de Kotluban. Quatro posteriores marechais da União Soviética, estreitamente ligados à batalha de Stalingrado – Voronov, Malinovski, Rokossovski e Rodimtsev –, haviam sido conselheiros na Espanha, como o general Shumilov, comandante do 64º Exército. Voronov dirigira a artilharia republicana durante o cerco de Madri contra o Exército da África de Franco. (N. do A.)
3. Parece que poucos membros do Sexto Exército ouviram falar dos sármatas do baixo Volga – uma miscigenação de citas e amazonas, segundo Heródoto – que permitiam às mulheres participarem da guerra. (N. do A.)
4. Material e serviços fornecidos pelos Estados Unidos aos aliados durante a Segunda Guerra Mundial, segundo um decreto do Congresso norte-americano aprovado em 1941, a serem pagos em espécie após a guerra. (N. da T.)

Parte 3

“A cidade fatídica”

9

“Tempo é sangue”:

as batalhas de setembro

A primeira vez que o povo alemão ouviu falar da cidade de Stalingrado como um objetivo militar foi num comunicado de 20 de agosto. Pouco mais de duas semanas depois, Hitler, que jamais quisera que suas tropas se envolvessem em luta de rua em Moscou ou Leningrado, decidiu capturar essa cidade a qualquer preço.

Os desenvolvimentos na Frente do Cáucaso, supostamente sua principal prioridade, desempenharam um importante papel em sua nova obsessão com Stalingrado. Em 7 de setembro, dia em que Halder observou um “progresso satisfatório em Stalingrado”, a exasperação de Hitler com o malogro do avanço no Cáucaso chegou ao auge. Ele se recusava a aceitar que o marechal de campo List não tivesse tropas suficientes para a missão. O general Alfred Jodl, que acabara de retornar de uma visita ao quartel-general de List, comentou que ele apenas cumprira ordens do Führer.

– Isso é mentira! – gritou Hitler, e saiu enfurecido.

Como para provar que fora citado incorretamente, enviaram-se ordens para a Alemanha por teletipo para que estenógrafas do Reichstag fossem mandadas a Vinnitsa a fim de anotar cada palavra na conferência da situação diária.

Após os triunfos na Polônia, Escandinávia e França, Hitler muitas vezes se dispunha a desprezar exigências mundanas, como abastecimento de combustível e escassez de força humana, dando a impressão de que se achava acima das limitações materiais normais da guerra. Sua explosão nessa ocasião parece tê-lo levado a uma espécie de fronteira psicológica. O general Warlimont, que retornara após uma semana de ausência, ficou tão chocado com o “longo olhar ensandecido de ódio” de Hitler, que pensou: “Este homem perdeu o crédito; compreendeu que seu jogo fatal acabou, que a Rússia soviética não vai ser aniquilada nesta segunda

tentativa.” Nicolaus von Below, adjunto de Hitler da Luftwaffe, também voltou e encontrou “uma situação completamente nova”.

- Todo o séquito de Hitler causou uma impressão deprimente de um modo uniforme. De repente, ele ficou todo retraído.

O Führer na certa pressentiu realmente a verdade – afinal, dissera aos seus generais que a não captura do Cáucaso significaria terminar a guerra –, mas continuava a não aceitar isso. O Volga achava-se isolado e as indústrias de guerra de Stalingrado estavam praticamente destruídas – os dois objetivos definidos pela Operação Azul –, mas agora ele tinha de tomar a cidade que ostentava o nome de Stalin, como se isso implicasse a subjugação do inimigo por outros meios. O perigoso sonhador voltara-se para a vitória simbólica em busca de compensação.

Um ou dois sucessos espetaculares restavam para sustentar a ilusão de que Stalingrado seria o cadinho no qual se provaria a superioridade da potência alemã. No continuado combate na frente Norte, o conde von Strachwitz, o celebrado comandante da 16ª Divisão de Panzers, mostrara que numa batalha prolongada de tanques o êxito dependia de cabeça fria, pontaria certa e rapidez de fogo. Os russos despachavam uma onda após outra de T-34 e tanques norte-americanos Lend-Lease. Os veículos norte-americanos, com seu perfil mais alto e proteção mais fina, revelaram-se muito mais fáceis de eliminar. As guarnições soviéticas não gostaram deles.

- Os tanques não servem para nada – disse um motorista aos seus captores. – As válvulas se despedaçam, o motor superaquece e a transmissão não presta.

- Os russos atacaram do alto de um morro – lembrou Freytag-Loringhoven – e estávamos na encosta oposta. Por mais de dois dias, eles continuaram chegando exatamente da mesma maneira, expondo-se no horizonte.

Mais de uma centena foi destruída.

“Até onde a vista alcançava”, escreveu um cabo pioneiro para casa, “viam-se inúmeros tanques destruídos por disparos ou incendiados.”

Strachwitz, de 49 anos, recebeu a Coroa de Folhas de Carvalho para a Cruz de Cavaleiro e logo depois foi chamado de volta à Alemanha, devido à idade. Ele passou o comando para Freytag-Loringhoven.

Os ataques russos nesse ponto talvez tenham sido espantosamente dispendiosos e incompetentes, mas não se podia ter a menor dúvida da ferrenha determinação soviética de defender Stalingrado a qualquer custo. Ela mais do que se equiparava à do invasor. “A hora da coragem bateu no relógio...”, dizia o poema de Anna Akhmatova, naquele momento em que a própria existência da Rússia parecia achar-se em perigo fatal.

Desde a queda de Rostov, qualquer meio de despertar a resistência tornara-se permissível. Uma imagem no *Stalinskoe znamia*, jornal da Frente de Stalingrado, mostrava em 8 de setembro uma moça assustada com os braços e pernas amarrados. “E se sua amada for amarrada assim pelos fascistas?”, perguntava a legenda. “Primeiro eles vão estuprá-la insolentemente, depois atirá-la debaixo de um tanque. Avance, guerreiro. Atire no inimigo. O seu dever é impedir que o violador estupe a sua namorada.” Esse tipo de propaganda – quase uma repetição do tema do poema “Mate-o!”, de Konstantin Simonov – era sem a menor dúvida brutal, mas seu simbolismo refletia intimamente o clima da época. O poema “Odeio”, de Surkov, era igualmente feroz. A violação alemã da Pátria só podia ser eliminada com vingança de sangue.¹ Em 9 de setembro, uma unidade de avanço do Quarto Exército de Panzers encontrou exemplares da revista *Estrela Vermelha* com o apelo de Ilia Ehrenburg aos soldados soviéticos, que terminava da seguinte maneira: “Não contem os dias; não contem os quilômetros. Contem

apenas o número de alemães que vocês mataram. Matem os alemães – esta é a oração da sua mãe. Matem os alemães – este é o grito de sua terra russa. Não hesitem. Não deem trégua. Matem.”

Para Ieremenko e Kruchov, a principal decisão naquele momento de crise era escolher um sucessor para o comandante do 62º Exército, que claramente não acreditava que Stalingrado pudesse ser defendida. Em 10 de setembro, o 62º Exército retirou-se combatendo de volta à cidade. Foi isolado do 64º Exército ao sul, quando a 29ª Divisão de Infantaria Motorizada avançou pelo Volga em Kuporosnoe, no extremo Sul de Stalingrado. Em 11 de setembro, o quartel-general de Ieremenko no desfiladeiro do Tsaritsa caíra sob fogo cerrado. Konstantin Simonov chegou naquele momento. Ficou impressionado com o “triste cheiro de ferro queimado” ao atravessar o Volga até a cidade ainda ardendo em chamas. Na casamata pouco arejada, Kruchov, “que estava pessimista e respondia com termos monossilábicos... tirou um maço de cigarros e tentou acender um fósforo atrás do outro, mas a chama apagava-se na mesma hora, porque a ventilação no túnel era péssima”.

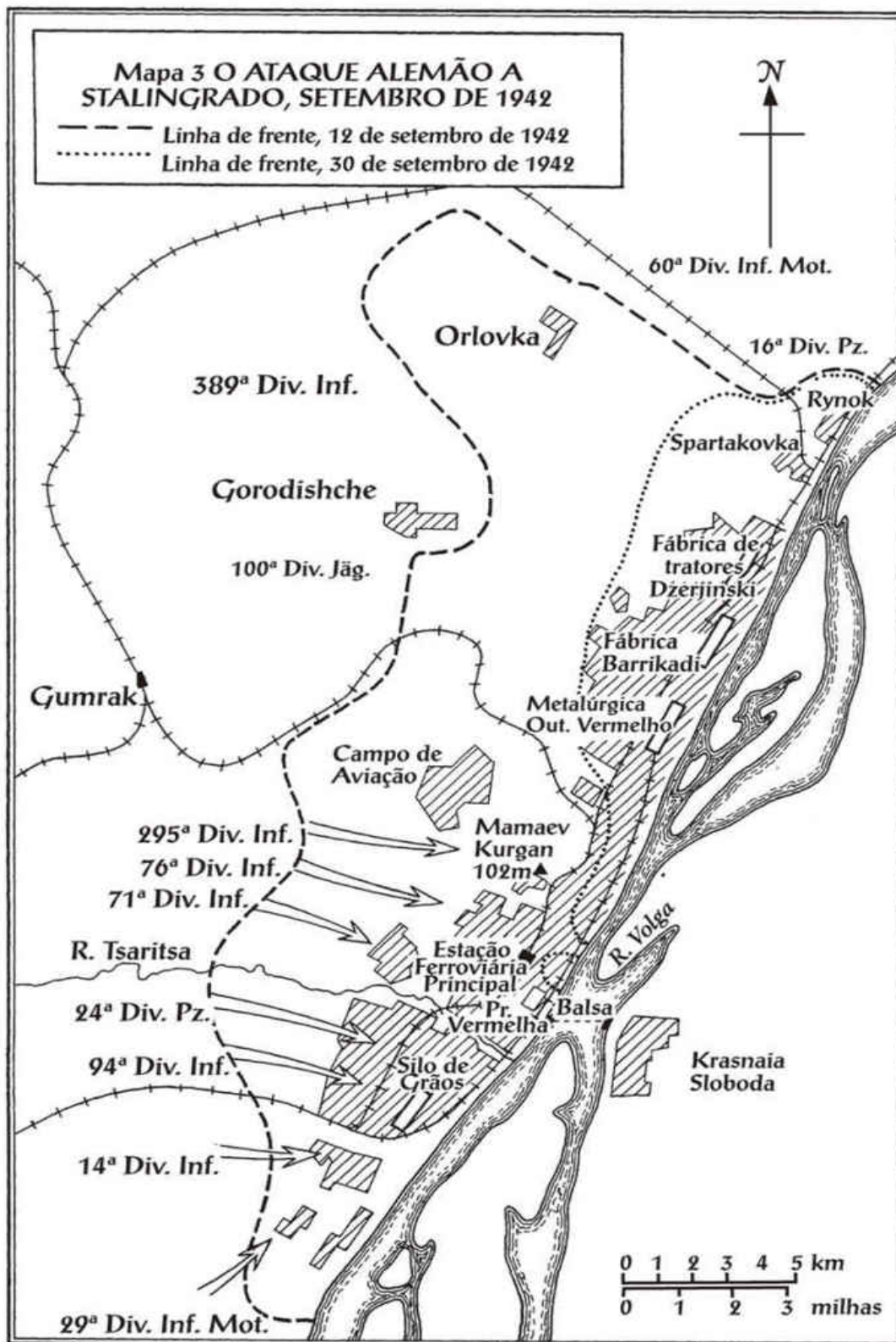
Simonov e seu companheiro foram dormir de sobretudo num canto do sistema de túneis perto da entrada do Tsaritsa.

Quando acordaram na manhã seguinte, o lugar estava deserto.

- Não havia oficiais do estado-maior, nem datilógrafos, ninguém.

**Mapa 3 O ATAQUE ALEMÃO A
STALINGRADO, SETEMBRO DE 1942**

- Linha de frente, 12 de setembro de 1942
 Linha de frente, 30 de setembro de 1942



Acabaram encontrando um técnico de comunicações enrolando o último pedaço de fio. Descobriram que o quartel-general do *front* fora evacuado pelo Volga. O constante isolamento de vias térreas obrigara Ieremenko e Kruchov a pedirem permissão a Stalin para transferir seu posto de comando para o outro lado do rio. O único quartel-general deixado na margem direita foi o do 62º Exército.

Na manhã seguinte, o general Chuikov recebeu uma convocação ao novo quartel-general, em Iami, do conselho militar conjunto para as Frentes de Stalingrado e Sudoeste. Ele levou o dia todo e parte da noite para atravessar o Volga e encontrar o local. O brilho dos prédios em chamas em Stalingrado era tão forte que, mesmo na margem oriental do largo rio, não houve a menor necessidade de acender os faróis do seu jipe do Lend-Lease.

Quando Chuikov acabou encontrando Ieremenko e Kruchov na manhã seguinte, eles relataram a situação. Os alemães estavam dispostos a tomar a cidade a qualquer preço. Não poderia haver rendição. Não havia nenhum lugar para onde se retirar. Chuikov fora proposto como o novo comandante de exército em Stalingrado.

- Camarada Chuikov - disse Kruchov. - Como interpreta sua missão?

- Defender a cidade ou morrer tentando - respondeu ele.

Ieremenko e Kruchov olharam-no e disseram que ele entendera corretamente a sua missão.

Naquela noite, Chuikov atravessou na balsa de Krasnaia Sloboda, junto com dois tanques T-34, para a plataforma de desembarque logo acima do desfiladeiro do Tsaritsa. Quando a embarcação se aproximou da margem, centenas de pessoas, sobretudo civis à espera de fugir, surgiram em silêncio de crateras de granadas. Outras se preparavam para embarcar os feridos. Chuikov e os companheiros partiram à procura do seu quartel-general.

Após várias indicações falsas, o comissário de uma unidade de sapadores levou-os ao monte Mamaev Kurgan, o

imenso túmulo de pedras tártaro, também conhecido como Colina 102, segundo sua altura em metros. Ali, Chuikov encontrou o quartel-general do 62º Exército e conheceu seu chefe do estado-maior, general Nicolai Ivanovich Krilov. O severo e rude Chuikov era muito diferente de Krilov, homem preciso, de mente analítica, mas os dois entendiam a situação e um ao outro. Só havia uma maneira de resistir. Tinham de pagar com vidas.

- Tempo é sangue - como disse Chuikov depois, com brutal simplicidade.

Apoiado por Krilov e Kuzma Akimovich Gurov, o comissário do exército de olhar sinistro, cabeça raspada e sobrancelhas espessas, Chuikov começou a infundir terror em qualquer comandante que chegasse sequer a contemplar a ideia de retirada. Alguns oficiais superiores haviam passado a escafeder-se furtivamente pelo rio, abandonando seus homens, cuja maioria, como logo percebeu Chuikov, também queria “atravessar o Volga o mais rápido possível, para sair daquele inferno”. Ele tomou providências para que as tropas do NKVD controlassem cada plataforma de desembarque e quebra-mar. Os desertores, qualquer que fosse o escalão, enfrentavam execução sumária.

Havia muitos outros relatórios alarmantes sobre a confiabilidade das tropas. Naquele dia, mais cedo, na Sexta Brigada de Tanques, um sargento matou o comandante de sua companhia, ameaçando em seguida o motorista e o operador de rádio com a pistola. Assim que eles saíram do tanque, o sargento conduziu-o para as linhas da 76ª Divisão de Infantaria alemã. Como tinha uma bandeira branca pronta para enfiar na torrinha, os investigadores concluíram que aquele “traidor experiente planejava com antecedência todos os detalhes dessa trama repugnante”. Os dois soldados, obrigados a abandonar o tanque sob a mira da pistola, foram julgados como tendo “demonstrado covardia”. Os dois depois enfrentaram tribunal militar e provavelmente foram fuzilados.

Naquele estágio, o 62º Exército reduzira-se a uns 20 mil homens. Havia restado menos de sessenta tanques. Muitos só serviam para ponto de fogo imóveis. Chuikov, contudo, tinha cerca de 700 morteiros e canhões, e quis que toda a artilharia mais pesada fosse retirada para a margem oriental. Sua principal preocupação era reduzir o efeito da esmagadora superioridade aérea da Luftwaffe. Já percebera a relutância das tropas alemãs em envolver-se em combate de muito perto, sobretudo nas horas de escuridão. Para extenuá-los, “era necessário fazer todo alemão sentir que vivia sob a boca de uma arma russa”.

Sua preocupação mais imediata foi controlar uma mistura de tropas que ele não conhecia, em posições que não reconhecia, exatamente quando os alemães estavam prestes a lançar seu primeiro ataque importante. Chuikov descreveu as defesas improvisadas que encontrou como pouco mais que barricadas suscetíveis de serem empurradas com a frente de um caminhão. O quartel-general do Sexto Exército, por outro lado, exagerava em outra direção, com comunicados sobre “posições fortes, com casamatas profundas e plataformas de concreto para peças de artilharia”. O verdadeiro obstáculo para os atacantes, como eles logo descobriram, estava no panorama arruinado da cidade.

No mesmo dia, 12 de setembro, Paulus estava no quartel-general *Werwolf* de Hitler, em Vinnitsa, com os generais Halder e von Weichs, comandante em chefe do Grupo B do Exército. Os relatos das discussões variam. Paulus afirma ter suscitado a questão do flanco esquerdo estendido ao longo do Don por todo caminho de volta até Voronej e a falta de “cinturão” rígido para os exércitos italiano, húngaro e romeno. Segundo Paulus, os planos de Hitler haviam-se baseado na suposição de que os russos se achavam no fim dos seus recursos e que o flanco do Don seria fortalecido

com mais formações aliadas. Hitler, que só se interessava por Stalingrado, quis saber com que rapidez a cidade ia cair. Possivelmente, Paulus repetiu a estimativa que dera a Halder na véspera: dez dias de combate, “depois 14 dias de reagrupamento”.

A primeira fase do violento ataque alemão ocorreu na manhã seguinte, às 4h45, horário alemão, 6h45 da manhã, horário russo. (Hitler continuava insistindo em que a Wehrmacht operasse na Rússia no mesmo horário que seu quartel-general de *Wolfsschanze* na Prússia Oriental.) No flanco esquerdo do 51º Corpo do Exército, a 295ª Divisão de Infantaria dirigiu-se para o Mamaev Kurgan e, à direita, as 76ª e 71ª Divisões de Infantaria atacaram em direção à principal estação ferroviária e à plataforma central de desembarque de civis e mercadorias do Volga. Os oficiais da 295ª haviam insuflado seus homens com a ideia de que iam percorrer depressa a distância até o Volga.

Os ataques da artilharia e aéreos a posições soviéticas durante o dia anterior haviam sido intensos. “Uma massa de Stukas arremeteu para cima de nós”, escreveu um cabo da 389ª Divisão de Infantaria, “e depois do ataque, não dava para acreditar que houvesse ficado vivo sequer um camundongo.” O bombardeio também continuou ininterrupto até 13 de setembro. Do seu posto de comando no Mamaev Kurgan, Chuikov observava-o atento por periscópio. Como uma mortalha, a poeira de calça fragmentada encobria o céu, tornando-o marrom-claro. O terreno vibrava sem parar com as explosões. Dentro da casamata, o solo fino, como uma ampulheta, escorria por entre os toros que formavam o teto baixo, polvilhava os oficiais do estado-maior e sinaleiros, cobrindo-os de cima a baixo. As granadas e bombas também cortaram os cabos telefônicos de campanha. Os homens enviados para descobrir a avaria e fazer os consertos tinham pouca chance no descampado. Eram tão frequentes os

cortes que até mesmo as jovens telefonistas precisavam aventurar-se e sair para o espaço aberto. Chuikov só conseguiu ser posto em contato com Ieremenko, no setor da retaguarda, uma vez durante o decorrer do dia, e no final da tarde perdera completamente contato com suas divisões na margem ocidental. Foi obrigado a recorrer a estafetas, cuja expectativa de vida ao atravessar a cidade devastada por granadas era ainda menor do que a dos reparadores de linhas de comunicação.

Embora os alemães fizessem progressos na periferia ocidental da cidade, capturando o pequeno campo de aviação e quartéis, as tentativas de castigar no saliente Norte revelaram-se malsucedidas. O combate foi muito mais duro que o esperado. Muitos compreenderam em privado que bem poderiam vir a passar o inverno em Stalingrado.

Chuikov decidiu deslocar-se naquela noite para o túnel anterior do quartel-general, que partia do desfiladeiro do Tsaritsa e tinha uma saída nos fundos que dava para a Pushkinskaia Ulitsa, uma rua perto da margem do Volga. A linha do desfiladeiro do Tsaritsa também fora a opção óbvia para Paulus e Hoth como a fronteira entre seus dois exércitos. Enquanto as divisões de Seydlitz, seguindo para o norte, avançavam com ímpeto para o Mamaev Kurgan e a principal estação ferroviária, a 14ª e a 24ª divisões de Panzers e a 94ª Divisão de Infantaria de Hoth, rumo ao sul, prosseguiram prontas para atacar à frente o elevador de concreto de grãos retangular que dominava o horizonte de Stalingrado.

A notícia do avanço da 71ª Divisão de Infantaria ao centro de Stalingrado, logo ao norte do Tsaritsa, foi aclamada com arrebatada exultação no quartel-general do Führer. A mesma informação chegou naquela noite ao Kremlin. Stalin discutia a possibilidade de um grande contragolpe estratégico em Stalingrado com Jukov e Vasilevski, quando Poskrebishev, chefe do seu secretariado, entrou para dizer que Ieremenko

estava ao telefone. Após falar com ele, Stalin transmitiu a notícia aos dois generais.

- Ieremenko diz que o inimigo já se aproxima da cidade com forças de tanque. Ele espera um ataque amanhã. - Virou-se para Vasilevski: - Emita ordens imediatamente para que a 13ª Divisão da Guarda de Fuzileiros atravessasse o Volga e veja o que mais consegue mandar para lá.

Uma hora depois, Jukov embarcava num avião de volta para Stalingrado.

Nas primeiras horas de 14 de setembro, Chuikov e seu estado-maior puseram-se a caminho para o sul em dois veículos e atravessaram a cidade destruída até a casamata do Tsaritsa. As ruas juncadas de escombros mal eram transitáveis, e a curta viagem foi frequentemente atrasada. Chuikov estava impaciente porque ordenara um contra-ataque e precisava ficar a postos no novo quartel-general. Suas tropas surpreenderam os alemães em vários lugares, mas foram esmagadas e rechaçadas assim que as esquadrilhas de Stukas da Luftwaffe se tornaram operacionais. A única notícia encorajadora que recebera de manhã foi de que a 13ª Divisão da Guarda de Fuzileiros atravessaria o rio naquela mesma noite. Mas os avanços inimigos naquele dia foram tão intensos e rápidos, que muitos começaram a duvidar de que as tropas de Rodimtsev conseguissem desembarcar na margem ocidental.

A 295ª Divisão de Infantaria alemã entrou combatendo até a encosta oposta do Mamaev Kurgan, contudo, a ameaça mais imediata à sobrevivência de Stalingrado veio justamente pelo sul. "As duas divisões [71ª e 76ª] conseguiram avançar", dizia um comunicado demasiado otimista, "com um ataque em cunha, chegando à estação central ao meio-dia, e às 15h15, após a apreensão da usina hidrelétrica, chegaram à margem do Volga!" Na verdade, a principal estação mudou de mãos três vezes em duas horas

durante a manhã e foi retomada à tarde por um batalhão de fuzileiros do NKVD.

O general Aleksander Rodimtsev chegou com o uniforme imundo ao quartel-general de Chuikov no início daquela manhã. Desde que pusera o pé na margem ocidental do Volga, os constantes ataques aéreos haviam-no obrigado a mergulhar repetidas vezes em crateras para proteger-se. Brincalhão, bem-humorado, ainda com o intenso ar de estudante entusiasmado, Rodimtsev parecia mais um intelectual de Moscou do que um general do Exército Vermelho e Herói da União Soviética. Os cabelos prematuramente grisalhos, cortados rente dos lados e espetados bem alto no topo, faziam sua cabeça parecer alongada. Aos 37 anos, Rodimtsev fazia parte da minoria de pessoas de quem se podia dizer que sentia um autêntico escárnio pelo perigo. Na Guerra Civil espanhola, servindo sob o codinome de “Pablito”, fora um conselheiro-chave para os soviéticos na Batalha de Guadalajara em 1937, quando os republicanos espanhóis puseram a correr o corpo expedicionário de Mussolini. Era um herói para as tropas sob seu comando, que afirmavam que seu maior medo era, se feridos, serem transferidos para outra formação quando tivessem alta para voltar ao serviço militar.

Chuikov não deixou a Rodimtsev nenhuma margem de dúvida quanto ao perigo da situação. Acabara de dispor em posição de combate tudo o que sobrara até mesmo da sua reserva, os 19 tanques que haviam restado de uma brigada blindada. Aconselhou Rodimtsev a deixar todas as peças de campanha pesadas para trás. Seus homens precisavam apenas de armas pessoais, metralhadoras, fuzis antitanque e o máximo de granadas que conseguissem levar.

Chuikov convocou à sua presença o coronel A. A. Saraiev, comandante da Décima Divisão de Fuzileiros do NKVD e também comandante da guarnição de Stalingrado. Àquela altura, Saraiev, já na cidade desde julho com cinco regimentos de tropas do NKVD (pouco mais de 7,5 mil

homens), aumentara bastante seu império. Criara um exército privado de mais de 15 mil membros nas duas margens do Volga. Também controlava a travessia e o tráfego do rio. Chuikov, que pouco tinha a perder naquele momento, ameaçou telefonar imediatamente para o quartel-general do *front* se Saraiev não acatasse suas ordens. Embora Beria houvesse ameaçado “quebrar as costas” de um comandante no Cáucaso só porque chegou a sugerir que as tropas do NKVD deviam ficar sob o comando do exército, Saraiev compreendeu que nesse caso o mais sensato a fazer era obedecer. O vento que soprava do Kremlin começava a virar a favor do exército.

Os batalhões de milícia sob seu comando receberam ordens de ocupar prédios-chave e defendê-los até o fim. Ordenou-se a um batalhão regular do NKVD que subisse até o topo do Mamaev Kurgan, enquanto mandavam dois regimentos de fuzileiros bloquear o avanço inimigo em direção ao rio. Era fundamental criar condições para o desembarque dos homens da guarda de Rodimtsev. As tropas do NKVD combateram bravamente, sofrendo pesadas baixas, e a divisão mais tarde recebeu a Ordem de Lenin e o título de “Stalingradski”. Saraiev permaneceu no posto durante o combate, mas logo perdeu seu feudo. Foi sucedido como comandante das forças do NKVD pelo general de divisão Rogatin, que assumiu o comando na segunda semana de outubro, com novo quartel-general estabelecido na margem esquerda.

Outro encontro desagradável ocorreu naquela noite. Do outro lado do Volga, o delegado civil de Stalin, Georg Malenkov, convocara ao quartel-general do *front* os oficiais superiores do Oitavo Exército Aéreo. Eles pensaram, ao entrar, que deviam ter sido chamados para receber medalhas. Ieremenko e Jukov achavam-se em pé no segundo plano. Malenkov, que no primeiro dia de guerra não acreditara no comunicado do almirante Kuznetsov sobre o repentino ataque aéreo alemão em Sebastopol, agora dirigia

seu descontentamento aos oficiais da aviação do Exército Vermelho. Exigiu saber quais unidades haviam participado das ações, e em que dias, e logo depois os acusou de atividade insuficiente. Ditou em voz alta sentenças de corte marcial aos comandantes. Para frisar sua superioridade e poder, mandou que se adiantasse um oficial, um major baixo, os cabelos escuros puxados para trás e o rosto um tanto inchado de uma vida de prazeres.

- Major Stalin - disse ao filho de Josef Vissarionovich.² - O desempenho de combate de seus aviadores é revoltante. Na última batalha, nenhum dos seus 24 pilotos de caça abateu um único alemão sequer. O que é que há? Vocês se esqueceram de como se combate? Como devemos entender isso?

Malenkov humilhou em seguida o brigadeiro Khriukin, comandante do Oitavo Exército Aéreo. Só a intervenção de Jukov pôs um ponto final àquilo. Ele lembrou-lhes que a divisão de Rodimtsev logo ia atravessar o Volga. Era melhor que o regimento dos pilotos de caça responsável por dar-lhes cobertura não deixasse que caísse uma única bomba alemã. Os oficiais da aviação saíram em fila, abalados demais para falar.

A Stavka ordenara o avanço da 13ª Divisão da Guarda de Fuzileiros para Stalingrado três dias antes. Embora fosse uma força militar de mais de 10 mil homens, um décimo deles não tinha nenhuma arma. A divisão foi dispersada para fora da visão do reconhecimento aéreo alemão, escondendo-se embaixo dos olmos, choupos e salgueiros da margem oriental ao redor de Krasnaia Sloboda. Eles haviam tido pouco tempo para preparar-se após a jornada de Kamishin para o sul. Rodimtsev, sabendo da urgência, atormentara seus comandantes durante todo o percurso da expedição. Radiadores haviam fervido, os camelos, abarrotados de carga, ficaram nervosos e a poeira levantada pelos veículos

fora tão grossa que “os milhafres empoleirados nos postes telegráficos se tornaram cinzentos”. Em várias ocasiões, as tropas haviam debandado e se espalhado, quando os Messerschmitt de bico amarelo bramiam em baixa altitude para metralhar suas colunas.

Quando se haviam aproximado do Volga, terminara a ressequida e empoeirada estepe, com os boldos anunciando a proximidade da água. Uma placa em forma de seta, pregada numa árvore, exibia a única palavra “Balsa”. Os soldados avistaram a densa fumaça negra adiante e cutucaram os vizinhos nas fileiras. Fora a primeira indicação da batalha que os aguardava no outro lado do grande rio.

Na margem do rio, logo lhes distribuíram munições, granadas e ração – pão, salsicha e também açúcar para os chás. Rodimtsev, após o encontro com Chuikov, decidiu não esperar que houvesse caído totalmente a escuridão. A primeira leva de homens da guarda foi conduzida às pressas no crepúsculo a uma mistura de canhoneiras da flotilha do Volga e embarcações civis confiscadas para uso militar – reboques, pinças, barcos pesqueiros e até a remos. Aqueles que ficaram aguardando sua vez na margem oriental tentavam calcular o tempo que as embarcações levariam para voltar e buscá-los.

A travessia provavelmente foi mais sinistra para os que se achavam nos barcos a remos, com a água batendo suavemente na proa e as toleteiras, com o movimento das remadas, rangendo em uníssono. O distante crepitar de tiros de fuzis e o baque surdo de explosões das granadas pareciam abafados acima da imensidão do rio. Depois, a artilharia alemã, os morteiros e todas as metralhadoras próximas o bastante da margem viraram a mira. Colunas de água erguiam-se no meio da corrente, encharcando os ocupantes dos barcos. Barrigas prateadas de peixes aturdidos logo resplandeceram na superfície. Uma canhoneira da flotilha do Volga recebeu um impacto direto, e vinte membros de um destacamento a bordo foram mortos.

Alguns homens fitavam a água em volta para evitar a visão da margem ao longe, um tanto como alpinistas recusando-se a olhar para baixo.

Outros, contudo, não desgrudavam os olhos dos prédios que ardiam em chamas na costa ocidental defronte, a cabeça coberta com capacete de aço instintivamente encolhida nos ombros. Penetravam numa imagem do inferno. À medida que se intensificava a escuridão, as enormes chamas mostravam em silhuetas o arcabouço de altos prédios na margem, muito acima deles, e projetavam sombras grotescas. Centelhas voavam alto no ar noturno. A margem do rio à frente era “uma parafernália de máquinas queimadas e barcas destróçadas lançadas em terra”. Ao se aproximarem da costa, sentiram o cheiro dos prédios carbonizados e o nauseante odor de corpos em decomposição debaixo dos escombros.

A primeira leva de homens da guarda de Rodimtsev não calou as baionetas. Saltaram pelas laterais do barco nas águas rasas à beira do rio e investiram atacando direto pela margem arenosa e encharcada acima. Num dos lugares, os alemães estavam a pouco mais de 100 metros. Ninguém precisou dizer aos fuzileiros que quanto mais tempo se demorassem, maior a probabilidade de serem mortos. Felizmente para eles, os alemães não haviam tido tempo de cavar trincheiras, nem de preparar posições. Um batalhão do 42º Regimento da Guarda à esquerda juntou-se às tropas do NKVD e juntos rechaçaram o inimigo até a área em volta da estação principal. O 39º Regimento da Guarda à direita atacou em direção a uma grande fábrica de tijolos vermelhos (conservada furada de balas como memorial até hoje), que desimpediram num implacável corpo a corpo com o inimigo. Quando chegou a segunda leva, o regimento reforçado avançou pelo trilho ferroviário que percorria a base do Mamaev Kurgan.

A 13ª Divisão da Guarda de Fuzileiros sofreu 30 por cento de baixas nas primeiras 24 horas, mas a margem do rio fora

salva. Os poucos sobreviventes (apenas 320 homens dos 10 mil originais continuavam vivos ao término da batalha de Stalingrado) juraram que sua determinação “fluía de Rodimtsev”. Seguindo o exemplo dele, também fizeram a promessa:

– Não há lugar para nós do outro lado do Volga.

Os alemães a princípio consideraram o contra-ataque de Rodimtsev pouco mais que um revés temporário. Haviam-se convencido de que seu avanço para o centro da cidade era irreversível. “Desde ontem a bandeira do Terceiro Reich tremula sobre o centro da cidade”, escreveu no dia seguinte um membro da 29ª Divisão de Infantaria Motorizada. “O centro e a área da estação [principal] estão em mãos alemãs. Vocês não imaginam como recebemos a notícia.” Mas os soldados, tiritando no frio de rachar, “já sonham com os quartéis-generais subterrâneos, fornos incandescentes de Hindemburgo, e muita correspondência de nossas amadas famílias”.

As companhias de infantaria alemãs haviam avançado pelo desfiladeiro do Tsaritsa abaixo. A entrada do quartel-general do 62º Exército caiu debaixo de fogo cerrado, e a casamata do Tsaritsa encheu-se de feridos. Logo, o quente ar úmido tornou-se irrespirável. Os oficiais do estado-maior começavam a desmaiar por falta de oxigênio. Chuikov mais uma vez decidiu mudar o local do seu quartel-general, agora atravessando o rio, em direção ao norte, depois fazendo de novo a travessia para a margem ocidental.

A luta pelo Mamaev Kurgan tornou-se intensa. Se os alemães o capturassem, seus canhões controlariam o Volga. Um dos regimentos de fuzileiros do NKVD conseguiu manter o controle de uma pequena parte do morro até ser reforçado pelo restante do 42º Regimento da Guarda de Fuzileiros e parte de outra divisão, pouco antes do amanhecer de 16 de setembro. Os recém-chegados atacaram o pico e os flancos

do morro no início daquela manhã. O Mamaev Kurgan ficara então completamente irreconhecível do parque onde, apenas algumas semanas antes, passeavam casais enamorados. Não restara sequer uma lâmina de vidro no terreno, agora juncado de cartuchos, bombas e estilhaços de granadas. Toda a encosta do morro fora revolvida e obstruída com crateras, que serviam de trincheiras instantâneas no acirrado combate de ataque e contra-ataque. O soldado da guarda Kentia conquistou fama por arrancar a bandeira alemã, içada no pico pelos soldados da 295ª Divisão de Infantaria, e esmagá-la com os pés. Circulavam muito menos episódios não-heroicos. Consta que um comandante de bateria russa no Mamaev Kurgan desertou porque “teve medo de ser declarado responsável por sua covardia durante a batalha”. As guarnições de tanques haviam entrado em pânico e saído correndo quando um grupo de infantaria alemã avançou e atacou a bateria. O tenente M., de hierarquia mais elevada da bateria, demonstrara “indecisão” e deixara de matar alemães, crime capital num momento daquele.

Às 23 horas de 16 de setembro, o tenente K., comandante de pelotão na 112ª Divisão de Fuzileiros, alguns quilômetros ao norte, descobriu a ausência de quatro soldados e seu sargento. “Em vez de tomar medidas para encontrá-los e impedir esse ato de traição, tudo o que fez foi comunicar o fato a seu comandante de companhia.” Por volta da uma da manhã, o comissário Kolabanov foi ao pelotão investigar. Ao aproximar-se das trincheiras, ouviu uma voz gritar em russo das posições alemãs, dirigindo-se aos soldados individuais do pelotão pelo nome e exortando-os a passar para o outro lado:

– Vocês todos deviam desertar, eles vão lhes dar de comer e tratá-los bem. Do lado russo, morrerão, não importa o que aconteça.

O comissário então percebeu vários vultos atravessando a terra de ninguém para o lado alemão. Para sua fúria, outros

integrantes do pelotão não dispararam neles. Descobriu que dez homens, entre eles o sargento, haviam fugido. O comandante do pelotão foi preso e levado à corte marcial. Não se registrou sua sentença, na certa execução ou uma companhia *shtraf* [penal]. Na mesma divisão, parece que um capitão tentou convencer dois outros oficiais a desertar com ele, porém um “não concordou e executou o traidor”, mas não se pode saber com certeza se essa versão dos fatos não camuflava uma briga pessoal.

Os alemães contra-atacaram repetidas vezes nos dias seguintes, mas os membros da guarda de Rodimtsev e os remanescentes do regimento de fuzileiros do NKVD conseguiram resistir no Mamaev Kurgan. A 295ª Divisão de Infantaria foi combatida até se chegar a um impasse. Suas perdas foram tantas que as companhias foram fundidas. As baixas de oficiais, em particular, foram altas, em grande parte devido a franco-atiradores russos, munidos de fuzil com mira telescópica. Em menos de duas semanas na linha de combate, uma companhia no regimento do coronel Korfes, da 295ª Divisão de Infantaria, achava-se sob seu terceiro comandante, um jovem tenente.

“As escaramuças até a morte” prosseguiram no Mamaev Kurgan e a artilharia pesada alemã continuou a bombardear posições soviéticas durante os dois meses seguintes. O escritor Vasili Grossman observava as granadas mandando a terra pelos ares. “Essas nuvens de terra passavam então pela peneira da gravidade, os torrões pesados caindo direto no terreno, a poeira elevando-se céu acima.” Os cadáveres da batalha, nas encostas enegrecidas, eram desenterrados e depois enterrados de novo no revólver e infindável fogo de granadas. Dizem que, anos depois da guerra, foram desenterrados um soldado alemão e um soldado russo durante obras de desobstrução. Parece que os dois corpos haviam sido enterrados por uma explosão de granada logo após matarem um ao outro a golpes de baioneta.

Na deliberada versão atenuada dos fatos de Jukov, aqueles foram “dias muito difíceis para Stalingrado”. Em Moscou, funcionários da embaixada dos Estados Unidos estavam certos de que a cidade fora liquidada, e o clima no Kremlin era de extremo nervosismo. Na noite de 16 de setembro, logo após o jantar, Poskrebishev aproximou-se calado e pôs na escrivaninha de Stalin uma transcrição do principal departamento de inteligência dos Estado-Maior geral. Era o texto de uma mensagem de rádio interceptada de Berlim. “Stalingrado foi capturada por brilhantes forças alemãs. A Rússia foi cindida em duas partes, Norte e Sul, e logo entrará em colapso nos últimos estertores.” Stalin leu várias vezes a mensagem, depois se levantou e ficou alguns momentos parado diante da janela. Disse a Poskrebishev que o pusesse em contato com a *Stavka*. Pelo telefone, ditou um telegrama a Ieremenko e Kruchov: “Informem com algum senso o que está acontecendo em Stalingrado. É verdade que foi capturada pelos alemães? Deem uma resposta franca e verdadeira. Aguardo seu imediato comunicado.”

Na verdade, a crise imediata já passara. A divisão de Rodimtsev chegara na hora H. Já durante aquele dia, os comandantes alemães sabiam dos reforços trazidos pelo rio, como a 95ª Divisão de Fuzileiros de Gorishni e uma brigada de infantaria da Marinha, para reforçar a gravemente ameaçada 35ª Divisão da Guarda de Fuzileiros ao sul do Tsaritsa. A Luftwaffe também percebeu um aumento no número de aviões mandados contra eles pelo Oitavo Exército Aéreo, embora os pilotos de caça soviéticos continuassem sofrendo de um medo instintivo do inimigo. “Sempre que um Me 109 aparece”, queixava-se o comunicado de um comissário, “começa um carrossel, com todo mundo tentando proteger o próprio rabo.”

O pessoal da Luftwaffe percebeu, acima de tudo, uma intensificação do fogo antiaéreo. “Assim que surgem esquadrões de Stukas”, observou o oficial de ligação da 24ª Divisão de Panzers, “o céu fica coberto de inúmeras

baforadas de fogo antiaéreo.” Arrebatados vivas elevavam-se das posições russas quando um dos odiados Stukas explodia em pleno ar, numa lufada de fumaça, e caíam chamejantes pedaços de destroços. Até mesmo os caças mais velozes sofreram o fogo intensificado da outra margem do Volga. Em 16 de setembro, um sargento da Luftwaffe, Jürgen Kalb, foi obrigado a saltar de paraquedas do seu atingido Me 109 sobre o Volga. Caiu no rio e nadou até a margem, onde o esperavam soldados do Exército Vermelho.

Permitia-se pouco descanso às tripulações de bombardeiros da Luftwaffe. Toda aeronave era exigida nos vaivéns de bombardeios. Em 19 de setembro, um piloto calculou que nos últimos três meses ele voara em 228 missões: número igual ao que voara nos três anos anteriores “na Polônia, França, Inglaterra, Iugoslávia e Rússia juntas”. Ele e sua tripulação ficavam no ar seis horas por dia.

Baseados sobretudo em campos de aviação improvisados na estepe, a vida deles em terra era um corre-corre de refeições engolidas às pressas, telefones de campanha estrepitosos e um intensivo estudo de mapas e fotografias de reconhecimento aéreo nas barracas de operações. De volta ao ar, identificar os alvos não era fácil quando embaixo se estendia “um caos inacreditável de ruínas e incêndios”, e imensas e largas colunas de fumaça negra, oleosa, ondulavam dos tanques de petróleo em chamas, borrando o sol até uma altitude de 3 mil metros.

Requisições de missão chegavam constantemente do exército: “Alvo de ataque área A 11, setor Noroeste, o grande quarteirão de casas, resistência inimiga intensa ali.” Os pilotos da Luftwaffe, contudo, não sentiam que estavam realizando grande coisa naquela contínua pulverização de uma terra acabada, de “barracões de fábricas despedaçados, destruídos pelo fogo, em que não restara uma parede em pé”.

Para as guarnições em terra, “os mecânicos – especialistas em armamento, bomba e rádio”, que preparavam aeronaves

para decolar “três, quatro, cinco vezes por dia”, não havia descanso algum. Para as tripulações no ar, os únicos momentos de paz vinham ao crepúsculo e ao amanhecer, mas mesmo então não se demoravam muito ao lado do campo de aviação, com os olhos fixos no céu daquele “infinito país”: já por volta da terceira semana de setembro, as geadas eram cortantes. Em 17 de setembro, a temperatura caiu de repente. Os homens punham peças de vestuário embaixo das túnicas, que, na maioria dos casos, iam logo se desintegrando.

- A roupa dos soldados - observou um médico - estava tão gasta que muitas vezes eles eram obrigados a usar peças de uniforme russo.

Enquanto prosseguia a acirrada disputa pelo Mamaev Kurgan, uma batalha igualmente feroz desenrolava-se a jusante do rio, pela captura do imenso silo de concreto de grãos. O rápido avanço do 48º Corpo de Panzers de Hoth praticamente isolara aquela fortaleza natural. Os defensores da 35ª Divisão da Guarda aclamaram e regozijaram-se quando reforços de um pelotão da infantaria da marinha, comandado pelo tenente Andrei Khozianov, os alcançaram durante a noite de 17 de setembro. Traziam duas velhas metralhadoras Maxim e dois dos longos fuzis antitanques russos, que usaram para disparar num tanque alemão quando um oficial e um intérprete surgiram sob uma bandeira de trégua para pedir-lhes que se rendessem. A artilharia alemã estendeu-se em direção à vasta estrutura, preparando terreno para a 94ª Divisão de Infantaria saxônica, cuja insígnia eram as espadas cruzadas de porcelana de Meissen.

Os cinquenta e tantos defensores combateram e rechaçaram dez investidas em 18 de setembro. Sabendo que não poderiam esperar reabastecimento, conservavam suas munições, rações e água com muito cuidado. As condições

em que continuaram lutando no decorrer dos dois dias seguintes eram terríveis. Além de ficarem sufocados pela poeira e fumaça, até os grãos no elevador haviam pegado fogo, logo não lhes restara quase nada para beber. Também não tinham água para encher os envoltórios da culatra das metralhadoras Maxim. (Possivelmente, os fuzileiros recorriam à própria urina para isso, como muitas vezes era a prática na Primeira Guerra Mundial, mas os relatos soviéticos evitam esse tipo de detalhe.)

Todas as suas granadas e projéteis antitanque haviam sido gastos quando mais alemães chegaram para liquidá-los em 20 de setembro. As duas Maxims foram postas fora de combate. Os defensores, sem poder ver dentro do elevador por causa da fumaça e poeira, comunicavam-se gritando um para o outro com as gargantas ressecadas. Quando os alemães entraram à força, dispararam em sons, não em objetos. Naquela noite, com apenas um punhado da munição restante, os sobreviventes saíram. Tiveram de deixar para trás os feridos. Embora houvesse sido um combate feroz, dificilmente foi uma vitória impressionante para os alemães, apesar de Paulus escolher o imenso silo de grãos como o símbolo de Stalingrado na braçadeira que mandara desenhar no quartel-general do exército para comemorar a vitória.

Defesas com semelhante obstinação de prédios semifortificados no centro da cidade custaram aos alemães muitos homens durante aqueles dias. Essas “guarnições” de soldados do Exército Vermelho de diferentes divisões resistiam com postura de desafio, mas também sofrendo terríveis sede e fome. Houve uma violenta batalha pela posse da loja de departamentos Univermag, na Praça Vermelha, que servia como quartel-general do Primeiro Batalhão do 42º Regimento da Guarda de Fuzileiros. Um pequeno depósito, conhecido como “fábrica de pregos”, formou outro baluarte. E num prédio de três andares não muito distante, os homens da guarda lutaram durante cinco dias, com o nariz e a garganta ressecados, cheios de poeira

de alvenaria lançada pelas paredes pulverizadas. Seus feridos morriam nos porões, sem cuidados médicos, pois a jovem enfermeira sucumbira a um ferimento no peito. Seis homens, do que originalmente havia sido perto de meio batalhão, escaparam nos últimos momentos, quando os tanques alemães acabaram esmagando as paredes.

Dos ganhos alemães no centro da cidade, o mais sério para o Exército Vermelho foi o avanço até a plataforma de desembarque central. Isso lhes permitia atacar os principais pontos da travessia noturna com artilharia, lançadores Nebelwerfer e metralhadoras, disparando próximo da luz dos paraquedas luminosos. Estavam decididos a impedir que reforços e suprimentos chegassem aos defensores da cidade.

A estação principal, após mudar de mãos 15 vezes em cinco dias, terminou tendo os alemães como ocupantes das ruínas. Rodimtsev, de acordo com a política de Chuikov, ordenou que a linha da frente ficasse sempre a 15 metros dos alemães, para dificultar sua artilharia e a aviação. Os homens de sua divisão sentiam um orgulho especial pela pontaria certa. “Cada soldado da Guarda disparava como um franco-atirador com mira telescópica” e por isso “obrigava os alemães a rastejar, não andar.”

Os soldados alemães, com os olhos injetados de exaustão do intenso combate e pranteando mais camaradas do que jamais imaginaram, haviam perdido o estado de espírito triunfalista de apenas uma semana antes. Tudo parecia transtornadamente diferente. Acharam o fogo de artilharia numa cidade muito mais assustador. A própria explosão de granadas não era o único perigo. Sempre que um prédio alto era atingido, estilhaços de granada e calça caíam em abundância de cima. O *Landser* já começara a perder a noção de tempo naquele mundo alienígena, com sua paisagem destruída de ruínas e escombros. Mesmo a luz do meio-dia tinha um tom estranho, fantasmagórico, desprendido da constante cerração de poeira.

Numa área de tamanha concentração, o soldado tinha de ficar mais consciente da guerra em três dimensões, com o perigo dos franco-atiradores com mira telescópica nos prédios altos. Também tinha de vigiar o céu. Quando se iniciavam os ataques da Luftwaffe, o *Landser* abraçava a terra exatamente como um russo. Havia sempre o medo de os Stukas não verem as bandeiras vermelhas, brancas e a suástica preta estendidas para identificar suas posições. Muitas vezes, disparavam foguetes de reconhecimento para realçar isso. Os bombardeiros russos também sobrevoavam baixo, certamente baixo o suficiente para revelar a estrela vermelha na cauda do avião. Muito mais altos no céu, os caças cintilavam ao sol. Um observador notou que eles se reviravam e giravam mais como peixes no mar do que aves no ar.

O barulho agredia-os sem parar. “O ar está cheio”, escreveu um oficial de Panzers, “de uivos infernais dos Stukas mergulhando, o estrondo da fuzilaria antiaérea e da artilharia, o ronco de motores, o matraquear das esteiras de tanque, o grito estridente do lança-bombas e os órgãos de Stalin, a tagarelice de um lado para o outro de submetralhadoras, e o tempo todo a gente sente o calor de uma cidade se incendiando em todos os cantos.” Os gritos dos feridos impressionavam os homens muitíssimo mais. “Não é um som humano”, escreveu um alemão em seu diário, “apenas o abafado uivo de sofrimento de um animal selvagem.”

Nessas circunstâncias, tornava-se agudo o desejo ardente de voltar para casa. “O lar está tão distante – oh, belo lar!” escreveu um saudoso. “Só agora sabemos mesmo como é maravilhoso.” Os defensores russos, por outro lado, viam claramente a saudade de casa como um luxo que não podiam se dar. “Como vai, minha querida Palina?”, escreveu um soldado desconhecido à esposa em 17 de setembro. “Estou bem e com saúde. Ninguém sabe o que vai acontecer, mas viveremos e veremos. A guerra é dura. Você

tem a informação do que está acontecendo no *front* pelos noticiários. A missão de cada soldado é simples: destruir o maior número de Fritzes possível e depois empurrá-los de volta para o oeste. Sinto muita saudade de você, mas nada se pode fazer, já que vários milhares de quilômetros nos separam.” E, em 23 de setembro, um soldado chamado Sergei escreveu à esposa Liolia, com uma simples mensagem: “Os alemães não vão resistir a nós.” Sem fazer nenhuma menção ao lar.

Uma renovada tentativa dos três exércitos soviéticos na frente Norte para atacar o flanco esquerdo do Sexto Exército malogrou em 18 de setembro. O rápido deslocamento das tropas de esquadrões da Luftwaffe contra a ameaça, combinado com contra-ataques do 14º Corpo de Panzers, acabou sendo muito mais eficaz na estepe descampada. Uma segunda tentativa fracassou no dia seguinte. Os três exércitos conseguiram apenas, a grande custo, poupar o 62º Exército de ataque da Luftwaffe por menos de dois dias.

Chuikov, sabendo que não haveria nenhum afrouxamento, pôs-se a conduzir a 284ª Divisão de Fuzileiros do coronel Batiuk, sobretudo siberianos, para o outro lado do Volga. Mantinha-os de reserva abaixo do Mamaev Kurgan, para o caso de os alemães se estabelecerem maciçamente ao redor da plataforma de desembarque central e depois avançarem para o norte até a margem do rio, na tentativa de isolarem seu exército por trás. Na manhã de 23 de setembro, algumas horas depois que os últimos siberianos de Batiuk haviam chegado à margem ocidental do Volga, a divisão foi lançada ao ataque, na tentativa de afastar os alemães da plataforma de desembarque central e juntar-se às tropas soviéticas isoladas ao sul do Tsaritsa. Mas as divisões alemãs, embora sofressem pesadas baixas, rechaçaram-nos. Naquele dia, que por acaso era o 52º aniversário de Paulus, os alemães afinal conseguiram defender com segurança o largo corredor

que isolava o flanco esquerdo do 62º Exército em seu bolsão Sul do desfiladeiro do Tsaritsa.

Com previsível meticulosidade, os alemães continuaram as tentativas de esmagar a resistência naquele setor Sul de Stalingrado. Dois dias depois, realizaram uma ruptura do cinturão de defesa. Isso levou ao pânico duas brigadas de milícia, que àquela altura já estavam quase sem comida e munição. O colapso, contudo, começou no alto escalão, como o quartel-general da Frente de Stalingrado relatou a Scherbakov em Moscou. O comandante da 42ª Brigada Especial “abandonou a linha de defesa, fingindo que saía para consultar o estado-maior do exército”. O mesmo ocorreu com a 92ª Brigada Especial, apesar de seu fortalecimento com a infantaria da marinha. Em 26 de setembro, o comandante e o comissário, acompanhados por seu estado-maior, abandonaram seus homens, também “fingindo que iam sair para discutir a situação com o alto comando”. Na verdade, retiraram-se para a segurança da grande ilha de Golodni, no meio do Volga. Na manhã seguinte, “quando os soldados souberam que seus comandantes os haviam desertado, a maioria precipitou-se para a margem do Volga e começou a construir jangadas para si mesmos”. Alguns tentaram sair remando para a ilha de Golodni em troncos de árvore e pedaços de madeira levados pela corrente, outros simplesmente a nado. O inimigo, detectando suas desesperadas tentativas para escapar, abriu fogo com morteiros e artilharia, matando muitos homens na água. “Quando o major Iakovlev, comandante do batalhão de metralhadoras, a essa altura o oficial de escalão mais alto da brigada deixada na margem direita, soube que o comandante da brigada desertara e semeara pânico entre as tropas, assumiu o comando da defesa.”

Logo descobriu que não tinha comunicações, pois os próprios técnicos tinham-se juntado aos que haviam escapado para a ilha. Ajudado pelo tenente Solutsev,

Iakovlev reuniu as tropas restantes e estabeleceu uma linha de defesa que, apesar da escassez de homens e munição, combateu e resistiu a sete ataques durante as 24 horas seguintes. Durante todo esse tempo, o comandante da brigada permaneceu na ilha. Nem sequer tentou mandar mais munição para os defensores deixados atrás. Na tentativa de esconder o que estava acontecendo, enviou comunicados falsos sobre o combate ao quartel-general do 62º Exército. Isso não o ajudou muito. O estado-maior de Chuikov ficou desconfiado. Ele foi preso e acusado de “Desobediência Criminosa da Ordem nº 227”. Embora não haja detalhes no comunicado a Moscou da sentença declarada pelo tribunal do NKVD, é difícil imaginar clemência.

10 Rattenkrieg

As frustrações de Hitler com a falta de sucesso no Cáucaso e em Stalingrado chegaram a um ponto crítico em 24 de setembro, quando ele afastou o general Halder, chefe do Estado-Maior geral. Os dois vinham se exasperando um com o outro. Halder perdera a paciência com o que considerava a intromissão errática e obsessiva de um amador, enquanto o Führer julgava qualquer crítica implícita à sua liderança como ressentimento de generais reacionários, que não partilhavam de sua vontade de vitória. A principal preocupação de Hitler, anotou Halder em seu diário naquela noite, era a “necessidade de doutrinar o Estado-Maior geral numa fanática crença na Ideia”. Essa preocupação com a subjugação do Estado-Maior geral tornou-se em si mesma uma nova luta. As consequências não são difíceis de

imaginar. Uma situação perigosa poderia facilmente transformar-se num desastre.

Em seguida à briga com Jodl e List, Paulus foi informado de que seria nomeado chefe de estado-maior do comando da Wehrmacht, em substituição a Jodl. O general von Seydlitz era o nome mais fortemente cotado como seu sucessor para comandar o Sexto Exército. Contudo, Hitler decidiu manter os semblantes que conhecia bem. Jodl foi reintegrado na função e o bajulador marechal de campo Keitel continuou no posto, para assegurar ao Führer do seu gênio militar e ajudá-lo na nazificação do Exército. Os oficiais profissionais referiam-se a ele como “Lakeitel” ou o “Burro Aprovador”, mas também desprezavam muitos outros generais pela covardia moral. “O Estado-Maior geral encaminha-se diretamente para a própria destruição”, escreveu Groscurth ao general Beck, o posterior chefe da Conspiração de Julho. “Não conserva mais sequer uma sombra de honra.” O único consolo de Groscurth era que seu comandante, general Strecker, e os colegas oficiais do estado-maior no quartel-general do 11º Corpo do Exército se sentiam da mesma maneira. “É um verdadeiro prazer estar junto de homens como esses.”

O afastamento de Halder, além de assinalar o fim do Estado-Maior geral como um corpo de planejamento independente, também retirava num momento crítico o único protetor de Paulus que restava. Ele deve ter ficado secretamente abatido por perder a chance de nova nomeação. Hitler dissera que com o Sexto Exército poderia tomar de assalto o céu, mas Stalingrado ainda não caíra. Uma equipe do ministério de propaganda aguardava sua captura, “pronta para filmar o hasteamento das bandeiras”, e a imprensa implorava para que lhe permitissem proclamar “*Stalingrad Gefallen!*”, porque o próprio quartel-general de Paulus anunciara em 26 de setembro que “a bandeira do Terceiro Reich tremula sobre o prédio do Partido em Stalingrado!” Mesmo Goebbels começava a temer que a

imprensa alemã estivesse descrevendo os fatos “sob uma luz rósea demais”. Editores foram instruídos a enfatizar a dureza e a complexidade do combate. Uma semana depois, porém, ele se convenceu de que “se pode esperar com certeza a queda de Stalingrado”, e depois, passados outros três dias, seu estado de espírito mudou mais uma vez, ordenando que se pusessem outros assuntos em evidência.

A pressão e a crítica que Paulus recebera “da manhã à noite” por não ter tomado Stalingrado deixaram-no “extremamente nervoso”, segundo Groscurth. A tensão exacerbou sua disenteria recorrente. Oficiais do estado-maior notaram que o tique do qual sofria no lado esquerdo do rosto tornou-se mais pronunciado. No quartel-general do Sexto Exército em Golubinski, uma aldeia na margem direita do Don, ele olhava fixo o mapa em grande escala e detalhado de Stalingrado. Grande parte da cidade já fora capturada, e seu pessoal do serviço secreto avaliava que o índice de baixas soviéticas acelerava-se a uma velocidade de quase o dobro do alemão. Ele só esperava que Hitler estivesse certo sobre a possibilidade de o inimigo ficar sem reservas a qualquer momento. Seus próprios recursos dissipavam-se rapidamente, e a espantosa tenacidade do inimigo desanimava todos eles.

Grande parte das críticas a ele dirigidas baseava-se no fato de que o Sexto Exército, com dois corpos do Quarto Exército de Panzers, era a maior formação do Exército alemão, constituída de quase um terço de milhão de homens. Os de fora, sem nenhuma experiência do combate, não conseguiam entender o problema. Sem dúvida, é possível argumentar que Paulus poderia ter usado melhor suas tropas, mas seus críticos pareciam esquecer que, enquanto umas oito de suas divisões estavam envolvidas no combate na cidade, outras 11 guarneciam cerca de 130 quilômetros de *front*, estendendo-se de um lado a outro pelas curvas maior e menor do Don, e depois sobre a estepe até o Volga no norte de Rinok, além de uma faixa ao sul de

Stalingrado, defronte de Beketovka. (Ver Mapa 4.) Apenas uma única divisão permanecia na reserva.

No flanco Norte, na estepe cada vez mais desolada, o 11º Corpo de Exército de Strecker, o Oitavo Corpo de Exército do general Walther Heitz e o XIV Corpo de Panzers de Hube enfrentavam constantes ataques de quatro exércitos soviéticos, tentando aliviar a pressão sobre a cidade. À direita, o Quarto Corpo de Exército do general Jaenecke (em frente ao 64º Exército do General Shumilov) juntou-se ao fraco Quarto Exército romeno, uma linha de defesa excessivamente estendida que se extinguia no Norte do Cáucaso. Ao todo, o comando de Ieremenko incluía o 62º Exército de Chuikov, o 64º Exército em volta de Beketovka, o 57º Exército descendo até além do lago Sarpa, o 51º Exército ocupando a linha do resto dos lagos, e depois o 28º Exército estendendo-se no vazio da estepe de Kalmik.

Para os exércitos alemão, romeno e russo no flanco Sul, a batalha na estepe era em essência igual à Primeira Guerra Mundial, apenas com armas melhores e o ocasional aparecimento de aviões modernos. Para as formações blindadas nos dois flancos, as planícies estorricadas pelo sol, sobre as quais eles haviam atacado como navios de guerra a pleno vapor poucas semanas antes, agora lhes pareciam profundamente deprimentes. A ausência de árvores e montanhas fazia os alemães e austríacos sentirem saudades de casa. As chuvas da *rasputitsa* originavam condições miseráveis. Os soldados nos abrigos de trincheira, escutando a chuva e vendo atentos o nível da água subir acima dos tornozelos, pouco tinham a fazer senão pensar apenas na base da vala e observar ratos ensopados roendo cadáveres na terra de ninguém. Patrulhas de reconhecimento, ataques aéreos repentinos e de sondagem proporcionavam a única atividade aos dois lados. Pequenos grupos avançavam rastejando até a linha do inimigo, depois lançavam granadas nas trincheiras adiante. A única mudança chegou em 25 de setembro, quando os 51º e 57º exércitos atacaram as

divisões romenas no Sul de Stalingrado, ao longo da linha dos lagos salgados, e repeliram-nos, mas isso não conseguiu desviar as divisões alemãs da cidade.

O combate na própria Stalingrado não poderia ter sido mais diferente. Representava uma nova forma de guerra, concentrada nas ruínas da vida civil. Os detritos de guerra – tanques destruídos pelo fogo, cápsulas de granadas, instalações elétricas de telégrafo e sinalização e caixas de granadas – misturavam-se com os destroços de casas de família – camas de ferro, abajures e utensílios domésticos. Vasili Grossman escreveu sobre “o combate nos cômodos e corredores de blocos de apartamentos semidemolidos” cobertos de tijolos, onde ainda se podia ver um vaso com flores murchas ou o dever de casa de um menino aberto na mesa. Num posto de observação, no alto de um prédio em ruínas, um observador da movimentação do inimigo com um periscópio às vezes inspecionava, à procura de alvos, por um conveniente rombo de granada na parede, sentado numa cadeira de cozinha.

Os soldados da infantaria alemã detestavam lutar de casa em casa. Consideravam esse combate a tão próxima distância uns dos outros, que violava os limites e as dimensões militares convencionais, desorientador em termos psicológicos. Durante a última fase das batalhas de setembro, os dois lados haviam-se engalfinhado para ocupar um grande depósito na margem do Volga, perto da boca do Tsaritsa, que tinha quatro andares voltados para o rio e três para a costa. A certa altura, “parecia um bolo em camadas”, com alemães no andar de cima, russos embaixo, e mais alemães embaixo destes. Muitas vezes o inimigo era irreconhecível, com todo o uniforme impregnado da mesma poeira de cor parda.

Os generais alemães parecem não ter imaginado o que aguardava suas divisões na cidade em ruínas. Perderam as grandes vantagens da *Blitzkrieg* [guerra relâmpago] e foram em muitos aspectos lançados de volta às técnicas da

Primeira Guerra Mundial, embora seus teóricos militares houvessem afirmado que a guerra de trincheira fora “uma aberração da arte marcial”. O Sexto Exército, por exemplo, viu-se tendo de reagir às táticas soviéticas reinventando “ataques em cunha”, introduzidos em janeiro de 1918: grupos de tropas de assalto de dez homens armados com uma metralhadora, morteiros leves e lança-chamas para desobstruir casamatas, porões e esgotos.

À sua maneira, o combate em Stalingrado foi ainda mais apavorante do que o massacre impessoal em Verdun. O combate à queima-roupa nos prédios em ruínas, casamatas, porões e esgotos foi logo apelidado de “*Rattenkrieg*” pelos soldados alemães. Proporcionava uma intimidade selvagem, estarrecedora para seus generais, que sentiam estar perdendo rapidamente o controle dos acontecimentos. “O inimigo é invisível”, escreveu o general Strecker a um amigo. “Emboscadas saídas de porões, restos de parede, casamatas escondidas e ruínas de fábricas causam muitas baixas entre as nossas tropas.”

Os comandantes alemães reconheciam francamente a perícia russa em camuflagem, mas poucos admitiram que fora a sua aviação que criara as condições ideais para os defensores. “Não ficou uma única casa de pé”, escreveu um tenente para casa, “restou apenas uma região desolada, um deserto de escombros e ruínas, quase todo intransitável.” Na extremidade Sul da cidade, o oficial de ligação da Luftwaffe no 24º Exército de Panzers escreveu: “Os defensores se concentraram e fortificaram em partes da cidade enfrentando nossos ataques. Na região arborizada, veem-se tanques, ou só as torres dos tanques enterrados, e os canhões antitanque escondidos em porões dificultam muito o avanço dos nossos tanques.”

O plano de Chuikov era afunilar e fragmentar os ataques em massa alemães com “quebra-mares”. Prédios reforçados, guarnecidos por infantaria com fuzis antitanque e metralhadoras, desviariam os atacantes que entrariam em

canais, onde os T-34 e canhões antitanque camuflados os aguardavam, semienterrados nos escombros atrás. Quando os veículos alemães atacavam com a infantaria, a principal prioridade dos defensores era separá-los. Os russos usavam morteiros de trincheira, visando despejar suas bombas logo atrás dos tanques alemães para assustar a infantaria, enquanto os fuzileiros antitanque partiam para cima dos próprios veículos. As vias de acesso canalizadas também seriam minadas com antecedência por sapadores, cujo índice de baixa era o mais alto de qualquer especialização. “Cometa um erro e acabaram-se os jantares”, era o lema informal deles. Usando conjuntos de camuflagem branca, assim que começou a neve, saíam rastejando à noite para colocar minas antitanque e escondê-las. Um sapador experiente às vezes punha mais de trinta numa única noite. Também eram famosos por saírem correndo de um abrigo para jogar uma mina diante de um tanque avançando.

Grande parte do combate consistia não em importantes ataques, mas em pequenos conflitos implacáveis e mortais. A batalha era travada por pelotões de assalto, formados em geral por seis ou oito homens da “Academia de Combate de Rua de Stalingrado”. Armavam-se de facas e pás afiadas para matar silenciosamente, além de submetralhadoras e granadas. (Havia tanta escassez de pás que os homens esculpiam seus nomes no cabo e dormiam com a cabeça na lâmina para que ninguém a roubasse.) Os pelotões de assalto mandados para o interior dos esgotos eram reforçados com lança-chamas e sapadores levando cargas explosivas. Seis sapadores da divisão de guardas de Rodimtsev conseguiram até encontrar um poço debaixo de um baluarte alemão e explodiram-no, usando 130 quilos de explosivo.

Criou-se uma tática mais geral, baseada na percepção de que os exércitos alemães estavam com falta de reservas. Chuikov ordenou ênfase nos ataques noturnos, sobretudo pela razão prática de que a Luftwaffe não podia reagir a eles,

mas também porque se convencera de que os alemães se sentiam mais assustados durante as horas de escuridão e ficariam exaustos. O *Landser* alemão passou a alimentar um medo especial dos siberianos da 284ª Divisão de Fuzileiros do coronel Batiuk, considerados caçadores naturais de qualquer tipo de presa. “Se você pudesse ao menos entender o terror que é”, escreveu um soldado alemão numa carta capturada pelos russos. “Ao mínimo farfalhar, aperto o gatilho e descarrego rajadas de balas traçantes da metralhadora.” A compulsão de atirar em qualquer coisa que se movesse à noite, desencadeando muitas vezes fuziladas de sentinelas igualmente nervosos de cima a baixo de um setor, sem a menor dúvida contribuiu para o gasto de mais de 25 milhões de balas só durante o mês de setembro. Os russos também mantinham a tensão dos alemães alta disparando, de vez em quando, foguetes de sinalização à noite para dar a impressão de um ataque iminente. A aviação do Exército Vermelho, em parte para evitar os Messerschmitts de dia, mantinha uma implacável série de repentinos ataques aéreos noturnos a posições alemãs. Isso também servia como outra parte do processo de desgaste para exaurir os alemães e deixá-los com os nervos mais tensos.

Os russos usavam tanto seus bombardeiros bimotores noturnos, que atraíam o fogo de toda bateria antiaérea no *front*, quanto inúmeros biplanos U-2, que descarregavam pequenas bombas em ataques aéreos repentinos à noite. “Os *Russkies* não param de fazer voos rasantes, zumbindo sobre nós a noite toda”, escreveu um cabo sapador para casa. A pior parte era a sinistra mudança de ruído. A distância, os U-2 soavam como um dos seus muitos apelidos, “máquina de costura”. Depois, quando o piloto se aproximava do alvo, desligava o motor para planar como uma ave de rapina. O único som era o zunido do ar cortando suas arestas, até a bomba cair. Embora a carga da bomba fosse de apenas 400 quilos, o efeito psicológico do avião era

considerável. “Deitávamo-nos exaustos em nossos buracos esperando por eles”, escreveu outro soldado. O U-2 atraía mais apelidos que qualquer outra máquina ou arma em Stalingrado. Entre outros, “sargento de serviço”, pela maneira como se esgueirava sem se anunciar, “bombardeiro da meia-noite”, “máquina de café” e “corvo da ferrovia”. O Sexto Exército requisitou ao quartel-general do Grupo do Exército que mantivesse a pressão da Luftwaffe nos campos de aviação russos com ataques 24 horas por dia. “A incontestada superioridade aérea dos russos à noite atingiu um nível insuportável. As tropas não têm nenhum descanso, e logo sua força vai se dissipar completamente.”

Não há nenhuma referência clara nos arquivos sobreviventes a casos de tensão de batalha. As autoridades médicas alemãs tendiam a usar o eufemismo “exaustão”, como os britânicos, mas sua receita ficava mais próxima da brutal simplicidade do Exército Vermelho. O Exército alemão se recusava até mesmo a reconhecer a existência do fenômeno. Em 1926, quase sete anos antes de Hitler assumir o poder, a neurose de guerra fora simplesmente abolida como doença, com a pensão que a acompanhava. Elimine a doença, dizia o raciocínio, que acabará com o motivo para abandonar a linha do *front*. Esgotamento nervoso era classificado como covardia e, portanto, poderia ser um crime capital. Desse modo, é impossível dizer a proporção de delitos disciplinares dos dois lados em Stalingrado, em especial a deserção, causada por choque de batalha e tensão geral. Só se pode ter certeza, a partir de estudos de situações comparáveis, de que o índice de baixas por choque de batalha deve ter começado a subir vertiginosamente em setembro, assim que a guerra de movimento se transformou numa guerra de aniquilação quase estacionária. As baixas psicológicas teriam começado a elevar-se – se nos orientarmos por estudos de casos de choque de batalha britânicos em Anzio e na Normandia – assim que as tropas foram encurraladas ou cercadas.

O principal desentendimento de Chuikov com os oficiais superiores no quartel-general do *front* relacionava-se ao posicionamento dos regimentos de artilharia, divisionais e do exército. Ele acabou ganhando a discussão de que deviam ter como base a margem oriental do Volga, porque simplesmente não havia espaço suficiente para eles e suas tropas na outra. Também teria sido cada vez mais difícil transportar suprimentos suficientes de projéteis de artilharia pelo Volga, e “em Stalingrado um canhão de campanha não valia nada sem balas”.

“Uma casa tomada pelos russos, uma tomada pelos alemães”, rascunhou Vasili Grossman em seu caderno de anotações logo após chegar. “Como é possível usar artilharia pesada nesta batalha?” Logo descobriu a resposta. A artilharia soviética concentrada no lado oposto do Volga, como insistira Chuikov, não tentou bombardear posições da linha do *front* alemão. Seu objetivo era martelar as linhas de comunicações e, acima de tudo, esmagar batalhões que se formavam para um ataque. Para conseguir isso, dezenas de oficiais de observação da artilharia soviética escondiam-se como atiradores de elite no topo de edifícios em ruínas. Os alemães, bem cômicos do perigo que eles representavam, tratavam-nos como alvo de alta prioridade para seus próprios franco-atiradores ou canhões antitanque.

Sempre que uma concentração de tropas alemãs era localizada, e as coordenadas do alvo transmitidas de volta às baterias na margem esquerda por rádio ou telefone de campanha, o volume de fogo era devastador. “No outro lado do Volga”, escreveu Grossman, “parecia que todo o universo trepidava com o poderoso estrondo dos canhões pesados. O chão tremia.”

As únicas baterias de artilharia a permanecerem na margem ocidental foram os lançadores de foguete *Katiusha* montados em caminhões. Escondidos atrás da alta margem do Volga, viravam ao contrário, dirigiam-se até quase a beira d’água, disparavam seus 16 foguetes em rápida sucessão,

depois tornavam a voltar. O lançador de foguete múltiplo soviético era, em termos psicológicos, a mais eficaz das armas de longo alcance do Exército Vermelho. Seus 16 foguetes de 130mm, cada um com mais de 1,5 metro de comprimento, eram descarregados em rápida sucessão, com um barulho de fazer parar o coração. Muitos dos que viveram pela primeira vez a experiência de uma salva de *Katiushas* acharam que estivessem sob ataque aéreo. Os soldados do Exército Vermelho haviam cunhado o nome *Katiusha* para o foguete segundo o crescendo na melodia do mesmo nome, a mais popular música russa de toda a guerra. Nela, Katiusha promete ao noivo conservar o amor a ele vivo em seu coração, enquanto o amado defende a Pátria no *front*.

Os soldados russos fingiam desprezar a contraparte alemã, o morteiro de seis cilindros, conhecido como Nebelwerfer. Chamavam-no de “idiota”, ou “burro”, porque fazia um barulho semelhante a um zurro, ou “Vaniusha” (significando Ivanzinho, assim como Katiusha era o diminutivo de Katia). Circulava uma brincadeira no 62º Exército sobre o que aconteceria se “Vaniusha tentasse casar-se com Katiusha”.³

Chuikov logo reconheceu que as armas-chave da infantaria em Stalingrado seriam a submetralhadora, a granada e o fuzil de mira telescópica do franco-atirador. Após a Guerra de Inverno e os devastadores ataques de tropas finlandesas de esqui que atiravam em movimento, o Exército Vermelho aprovou a ideia de pelotões de submetralhadora de oito homens, destinados, se necessário, a ser introduzidos na batalha na traseira de um T-34. Na batalha de rua de Stalingrado, esse tamanho de pelotão revelou-se ideal para o corpo a corpo. Durante a desobstrução de casas e casamatas, a granada de mão acabou sendo essencial. Os soldados do Exército Vermelho chamavam-na de “artilharia de bolso”. Também era eficaz na defesa. Por ordens de Chuikov, as granadas eram estocadas ao alcance da mão, em recantos cavados nos dois lados da trincheira. Não

surpreende que houvesse muitos acidentes causados por soldados sem treinamento. O segundo no comando de uma companhia foi morto e vários homens ficaram gravemente feridos quando um recruta recém-chegado segurou erradamente uma granada. Outros foram mortos quando soldados, sobretudo da Ásia Central, tentaram encaixar detonadores alemães capturados em suas próprias granadas. “É necessário mais treinamento em armas”, comunicou o chefe do departamento político ao conselho militar da Frente de Stalingrado.

Outra arma, muitas vezes tão perigosa para o usuário quanto para suas vítimas pretendidas, era o lança-chamas, eficazmente apavorante quando desobstruía túneis, porões e esconderijos inacessíveis. O operador sabia que, assim que o inimigo o avistasse, ele seria o primeiro alvo de suas balas.

Os soldados do Exército Vermelho gostavam de inventar engenhocas para matar os alemães. Sonhavam com novas armadilhas de bombas, minas, cada uma visivelmente mais engenhosa e imprevisível nos resultados que a última. Enfurecido com sua incapacidade de revidar aos ataques dos Stukas, o capitão Ilgachkin, comandante de batalhão, decidiu com um dos seus homens, o soldado raso Repa, construir sua própria forma de canhão antiaéreo. Amarraram um fuzil antitanque aos eixos de uma roda de carroça, montada, por sua vez, numa estaca alta enfiada no terreno. Ilgachkin fez complicados cálculos com base na capacidade de disparo da arma e na velocidade estimada de um avião mergulhando, mas se “o emagrecido e melancólico” Repa prestou muita atenção a esses cálculos é outra história. De qualquer modo, a geringonça deles obteve certo sucesso, com Repa conseguindo abater três Stukas.

As verdadeiras baterias antiaéreas também corrigiam suas táticas. Os Stukas aproximavam-se voando a uma altitude de entre 4 mil e 5 mil pés, depois rolavam e caíam num mergulho num ângulo de cerca de 70 graus, as sirenes gritando. Saíam do mergulho a pouco menos de 2 mil pés.

Os fuzileiros antiaéreos aprenderam a erguer uma cortina de fogo para atingi-los no ponto do início do mergulho ou no ponto em que saíam dele. Disparar neles na descida era um desperdício de munição.

Outra engenhoca foi imaginada por Vasili Ivanovich Zaitsev, que logo se tornou o mais famoso atirador de elite do exército em Stalingrado. Zaitsev prendeu a mira telescópica de seu fuzil de franco-atirador a um canhão antitanque para enfrentar ninhos de metralhadoras, acertando a bala bem na abertura do ninho. Mas logo descobriu que as cargas nos projéteis da artilharia antitanque produzidos em massa não eram consistentes o bastante para tiro de precisão. A fama às vezes era alcançada mesmo com armas convencionais. Bezdiko, ás de morteiro da divisão de Batiuk, ficou famoso por ter atingido seis bombas no ar ao mesmo tempo. Essas histórias eram exploradas, na tentativa de disseminar um culto do perito em cada soldado. O lema do 62º Exército dizia o seguinte: “Cuide de sua arma com tanto cuidado quanto dos seus olhos.”

As “guarnições” que ocupavam os prédios fortificados tão essenciais à estratégia de Chuikov, entre elas jovens enfermeiras, ordenanças hospitalares ou de comunicações, sofriam grandes privações quando ficavam isoladas durante dias num certo período. Tinham de suportar poeira, fumaça, fome e, o pior de tudo, sede. A cidade ficara sem água potável desde a destruição da estação hidráulica nos ataques de agosto. Sabendo das consequências de beber água poluída, os desesperados soldados atiravam em canos de drenagem, na esperança de extrair algumas gotas.

O fornecimento de comida às posições de vanguarda era um problema constante. Um destacamento antitanque tinha um cozinheiro tártaro de Kazan que enchia um grande vasilhame térmico do exército com chá ou sopa, prendia-o

nas costas e rastejava até as posições da linha do *front* sob fogo cerrado. Se o recipiente fosse atingido por estilhaços de granada ou balas, o desafortunado cozinheiro ficava encharcado. Mais tarde, quando as geadas se tornaram realmente intensas, a sopa ou o chá congelavam e ele ficava “coberto de pingentes de gelo quando voltava”.

Com linhas de frente mal definidas, e uma defesa em profundidade não superior a algumas centenas de metros em determinados lugares, os postos de comando eram quase tão vulneráveis quanto as posições dianteiras. “Granadas explodindo em cima do nosso posto de comando eram uma ocorrência comum”, escreveu do hospital a um amigo o coronel Timofei Naumovich Vishnevski, comandante da divisão de infantaria do 62º Exército. “Ao sair da casamata, ouvi fogo de submetralhadoras de todos os lados. Às vezes, parecia que os alemães estavam todos em volta de nós.” Um tanque alemão aproximou-se exatamente acima da entrada da sua casamata, e “o casco bloqueou a única saída”. Para salvar a vida, Vishnevski e seus oficiais tiveram de cavar para escapar pela sarjeta do lado oposto. Ele ficou gravemente ferido. “Estou com o rosto totalmente desfigurado”, escreveu, “e em consequência agora serei a forma de vida mais inferior aos olhos das mulheres.”

As casamatas do comando alemão correram pouco risco durante setembro e outubro, e o padrão de 1 metro de terra acima das vigas de madeira só servia como proteção suficiente contra os *Katiushas*. O principal perigo era um impacto direto da artilharia pesada do outro lado do Volga. Além da eficiência, os comandantes de divisão e regimento preocupavam-se com o conforto pessoal. Muitas vezes havia um gramofone de corda junto a um engradado de conhaque ou vinho trazido da França. Alguns oficiais passaram a usar calças esporte, até calções de tênis, dentro das casamatas úmidas e com o ar pesado, porque as roupas de combate ficavam infestadas de piolhos.

Para os soldados, o mundo virara de ponta-cabeça. Em vez de dar “boa noite”, desejavam um ao outro uma “noite tranquila” durante as perigosas horas de trevas. Na manhã coberta de geada, emergiam como camaleões com cada junta endurecida, à procura de uma faixa de sol no fundo da trincheira para absorver os raios quentes. Sentindo-se mais valentes à luz do dia, os alemães disparavam aos gritos insultos e ameaças de suas linhas de frente: “*Russkies! Chegou a sua hora!*” ou “*Hei, Rus, bul-bul, sdavaisa!*”, seu russo estropiado para: “Rendam-se, ou vão explodir feito bolhas de sabão!” A ideia de empurrar as tropas soviéticas de volta para o Volga, onde se afogariam como um rebanho em debandada, tornou-se um constante refrão.

Durante calmarias na batalha, os soldados russos também buscavam faixas ensolaradas, fora do fogo de emboscada do inimigo. As trincheiras às vezes eram como uma “fábrica latoeira”, à medida que invólucros de granadas eram transformados em lamparinas a óleo, tendo como pavio um pedaço de trapo, e caixas de balas em isqueiros. A ração de tabaco bruto *makhorka*, ou a sua falta, era uma preocupação constante. *Connaisseurs* insistiam em que não se usasse nenhum papel fantasia ao enrolar *makhorka* para fazer cigarros gordos, cerdosos, mas só jornal. Acreditava-se que a tinta de impressão contribuía para o sabor. Os soldados soviéticos fumavam constantemente na batalha.

- É admissível fumar em ação - disse um fuzileiro a Simonov. - O que não é admissível é errar o alvo. Erre uma vez, e nunca mais voltará a acender um cigarro.

Ainda mais importante que o tabaco era a ração de vodca, teoricamente 100 gramas por dia. Homens caíam em silêncio quando se produzia a aguardente, todo mundo olhando fixo para a garrafa. A tensão de batalha era tão grande que nunca se considerava a ração suficiente, e os soldados estavam prontos a fazer o que fosse necessário para satisfazer sua necessidade. O álcool cirúrgico raras vezes era empregado para a finalidade oficial. O álcool

industrial e mesmo o anticoagulante eram bebidos após passarem pelo filtro de carvão ativado de uma máscara de gás. Muitos soldados haviam jogado fora as máscaras nas retiradas do ano anterior, portanto os que as haviam conservado podiam negociá-las. O resultado às vezes era muito pior que uma terrível enxaqueca. A maioria se recuperava porque era jovem, saudável e não recorria a isso com muita frequência, mas os que experimentaram demasiadas vezes ficaram cegos.

Nos exércitos fora da estepe, os soldados muitas vezes bebiam um litro de bebida alcoólica por dia no inverno. O que passava da ração oficial era compensado pela não comunicação de baixas e a divisão de suas cotas, ou pela troca de uniformes ou peças de equipamento com aldeões atrás das linhas. As bebidas alcoólicas caseiras obtidas dessa forma na estepe de Kalmik incluíam “toda espécie imaginável de álcool, até mesmo uma cachaça feita do leite”. Esse comércio acabou sendo mais perigoso para os civis do que para os soldados. Um “tribunal militar das Forças do NKVD” condenou duas mulheres a dez anos cada no *gulag* por negociar álcool e tabaco em troca de seda de paraquedas para fazer roupas íntimas.

Os serviços médicos no Exército Vermelho raras vezes eram vistos como uma alta prioridade pelos comandantes. Um soldado gravemente ferido ficava fora de combate, e os oficiais superiores preocupavam-se mais em substituí-lo. Mas essa atitude não foi a de figuras mais valentes no campo de batalha de Stalingrado, que eram os soldados enfermeiros, sobretudo jovens universitárias ou estudantes de ensino médio com apenas o treinamento básico de primeiros-socorros.

A comandante da companhia sanitária (cem pessoas) do 62º Exército, Zinaida Georgevna Gavriellova, era uma estudante de medicina de 18 anos que recebera o posto com

base numa forte recomendação do regimento de cavalaria em que acabara de servir. Seus enfermeiros, alguns deles muito mais velhos do que ela, tinham de dominar o terror e avançar rastejando, muitas vezes sob fogo cerrado, para chegar aos feridos. Depois arrastavam-nos para tirá-los da linha de fogo, até ficar seguro levá-los nas costas. Tinha de ser ao mesmo tempo “física e espiritualmente fortes”, como disse a comandante.

Estava fora de toda questão o pessoal médico não ser combatente. A bela Gulia Koroleva, de 20 anos, de uma conhecida família de literatos de Moscou, deixara o filho bebê na capital e se oferecera como enfermeira voluntária. Servindo na 214ª Divisão de Fuzileiros no 24º Exército, no flanco Norte, seu mérito foi reconhecido por haver “trazido mais de cem soldados feridos da linha de frente e matado ela própria 15 fascistas”. Natalia Kachnevskaja, enfermeira de um Regimento da Guarda de Fuzileiros, antes estudante de teatro em Moscou, trouxe de volta vinte soldados feridos num único dia e “lançou granadas nos alemães”. Os quartéis-generais da Frente de Stalingrado também destacaram (postumamente) a bravura de outra ordenança, Kochnevskaja, que se oferecera como voluntária para o *front* e retirara mais de vinte soldados da linha de fogo. Embora ferida duas vezes, ela continuou pondo ataduras e carregando oficiais e soldados.⁴

Os sacrifícios dessas enfermeiras eram muitas vezes desperdiçados pelo posterior tratamento de seus resgatados. As vítimas que carregavam ou arrastavam até a beira do Volga eram deixadas sem assistência durante muito tempo, até bem depois do cair da noite, e postas como sacos de batatas em barcas de abastecimento, vazias para a travessia de volta. Quando os feridos eram descarregados na margem oriental, as condições às vezes eram muito piores, como descobriu uma aviadora.

Os sobreviventes de um regimento de aviação dispersado, que passaram a noite adormecidos em bosques a leste do

Volga, acordaram ao amanhecer com barulhos estranhos. Perplexos, rastejaram por entre árvores até a margem do rio para investigar. Ali, viram “milhares de feridos, até onde a vista alcançava”, abandonados nas margens arenosas, após terem sido transportados de volta em barcas durante a noite. As vítimas gritavam, pedindo água, ou “gritavam e choravam, tendo perdido braços ou pernas”. O pessoal da tripulação de terra foi em socorro a eles e ajudou o melhor que pôde. A ex-enfermeira de maternidade Klavdia Sterman jurou que, assim que chegasse a Moscou, ia se inscrever a fim de ser transferida para uma unidade médica da linha de frente.

A sobrevivência estava longe de assegurada mesmo quando se chegava a um da vintena de hospitais de campanha na margem oriental do Volga. As condições nos hospitais do Exército Vermelho, apesar da presença de alguns dos melhores médicos russos, faziam-nos parecer mais uma fábrica de processamento de carne. O hospital de campanha em Balashchov, especializado em braços e pernas, a alguns quilômetros da cidade, era parcamente equipado. Em vez de leitos hospitalares normais, tinha beliches com três armações de cama. Uma jovem cirurgiã, recém-chegada, preocupava-se não apenas com o estado físico dos feridos.

- Eles muitas vezes se fechavam dentro de si mesmos e não queriam nenhum contato com outra pessoa. - Ela a princípio imaginou que os soldados feridos transportados de volta pelo Volga, retirados do “inferno” de Stalingrado, jamais iam querer retornar. - Ao contrário: tornou-se visível que os soldados e os oficiais queriam voltar para o *front*.

Sem a menor dúvida, os amputados não demonstravam nenhuma sensação de alívio por não ir para o combate. De fato, a maioria dos incapacitados ou marcados para sempre, como o coronel da artilharia cujo rosto fora atingido por estilhaços de granada, sentia que não eram mais homens normais.

As rações ruins não contribuíam para a recuperação nem para o moral. Grossman, emocionado, claramente supunha que esse era o destino da Rússia naquela época. “No hospital”, registrou em seu caderno de anotações, “os feridos recebem um pedaço muito pequeno de arenque defumado das enfermeiras, que os cortam com grande cuidado. É uma pobreza.” Naqueles dias, antes que abrisse seus olhos, ele era incapaz de reconhecer a verdade. A lógica soviética mandava sem misericórdia que as melhores rações fossem para as tropas combatentes. Os feridos, se tivessem sorte, recebiam três porções de *kasha*, ou mingau de trigo sarraceno, por dia, nada mais. O arenque salgado visto por Grossman era um raro prazer.

Um indício mais revelador do estado mental que dominava os serviços médicos da Frente de Stalingrado veio dos resultados da “competição socialista” nos hospitais, comunicados a Scherbakov em Moscou. Os fornecedores vinham em primeiro lugar, os cirurgiões em segundo e os motoristas em terceiro. Qualquer critério em que se tenha baseado esse exercício rebaixou totalmente o verdadeiro sacrifício dos funcionários médicos, que doavam tanto do seu próprio sangue para transfusão – em alguns casos, duas vezes numa noite – que desmaiavam com frequência. “Se eles não doarem sangue”, explicava um relatório, “os soldados morrerão.”

Na grande batalha de atrito, os embarques de feridos para a margem oriental tinham de ser compensados com nova “bucha para canhão” transportada pelo Volga para dentro da cidade. A *Stavka* alimentava a conta-gotas o 62º Exército com divisões de reforço quando suas antecessoras eram destroçadas. Os novos batalhões eram conduzidos em marcha ao cair da noite para a embarcação sob os olhos de tropas do NKVD. Só podiam fitar a cidade no horizonte do outro lado, iluminada por fogueiras, e tentar ignorar o cheiro

de incêndio. Faixas do rio continuavam em chamas com óleo. Também havia destacamentos do NKVD em muitos dos navios, prontos a atirar em qualquer um que mergulhasse pela amurada numa tentativa final de evitar seu destino na margem ocidental. As explosões de granadas no rio à frente bastavam para fazer muitos perderem a cabeça. Se alguém entrasse em pânico, um sargento ou oficial atirava no delinquente ali mesmo e virava o corpo para o lado.

Os barcos em que haviam embarcado mostravam todos os sinais do perigo da travessia. Consta que uma das lanchas, reformada e adaptada como embarcação naval para a flotilha do Volga, foi atingida por fuzilaria depois de uma viagem de ida e volta, recebendo 436 buracos de bala e granada; só restou intocado um único metro quadrado de casco.

Os alvos mais fáceis para os canhões alemães eram as jangadas usadas pelos regimentos de engenharia para transportar suprimentos pesados, como vigas de madeira para casamatas, pelo rio até a cidade. Quando uma delas foi levada pela corrente até a margem ocidental, e os soldados avançaram correndo para ajudar a descarregá-la, encontraram um tenente sapador e três dos seus homens tão crivados de fogo de metralhadora que “parecia que dentes de ferro haviam rasgado com extrema selvajaria os toros ensopados da jangada e aqueles corpos humanos”.

O quartel-general do Sexto Exército sabia que, com a aproximação do inverno, não havia tempo a perder. Mesmo antes da captura da Praça Vermelha e dos silos de grãos ao sul do Tsaritsa, começaram a preparar-se para um nocaute na metade industrial, ao norte da cidade.

Chuikov mudara-se cedo na manhã de 18 de setembro para seu novo quartel-general à margem do rio Volga, uns 800 metros ao norte da metalúrgica Outubro Vermelho. Seus oficiais de estado-maior, porém, haviam escolhido um local

desprotegido, logo abaixo de um imenso tanque de reserva de petróleo, que imaginaram estar vazio.

Grandes esforços foram feitos à noite para trazer do outro lado do rio mais munição e suprimentos, além dos reforços, que desembarcaram na margem atrás das indústrias Outubro Vermelho e Barrikadi. O pessoal menos essencial, que poderia ser mais bem aproveitado em outros lugares, foi evacuado. A maioria das defesas de fogo antiaéreo ao redor da usina hidrelétrica de Stalingrado fora surrada e sua reserva de munição destruída, e por isso retiraram-se as moças sobreviventes das guarnições de tanques pelo Volga em 25 de setembro e designaram-nas para outras baterias na margem oriental.

Às 6 horas (horário alemão) da manhã de sábado, 27 de setembro, a ofensiva iniciou-se com um bombardeio concentrado de Stukas. À medida que os aviões, um por um, iam saindo da formação em direção ao alvo e mergulhavam no ataque com as sirenes aos berros, suas formas de gaivotas aladas revelavam silhuetas pretas contra um amanhecer outonal. Em terra, um total de duas divisões de Panzers e cinco divisões de infantaria avançavam para esmagar o principal saliente triangular que se projetava para a direita da margem do Volga.

O 62º Exército adiantou-se à principal investida na operação alemã, ao norte do Mamaev Kurgan, com vários ataques danosos no seu lado Sul. Estes pareceram confirmar a suspeita hiperativa de alguns oficiais do estado-maior alemão de que especialistas em comunicação russos haviam entrado furtivamente em seu território e grampeado circuitos telefônicos alemães. Não podiam aceitar que os preparativos para seu ataque houvessem sido tão óbvios.

O principal esforço soviético fora preparar obstáculos antitanque e espessar campos minados diante das principais fábricas que se localizavam ao longo dos 8 quilômetros no Norte do Mamaev Kurgan: a indústria química Lazur

("Azure"), a metalúrgica Outubro Vermelho, a fábrica de armas Barrikadi e a Fábrica de Tratores Stalingrado.

Os *Landzers*, pesadamente carregados, puseram-se a avançar para suas linhas de partida durante o bombardeio, subindo e descendo as laterais das *balkas* transformadas em encostas de escombros triturados. Estavam ofegantes do esforço, além da boca seca pela receosa previsão da batalha à frente. À esquerda, parte da 389ª Divisão de Infantaria preparava-se para avançar em direção ao alojamento dos operários da Barrikadi. Um observador descreveu-os como "blocos simétricos de prédios brancos e casinhas com seus pequenos telhados de metal corrugado cintilando". O bombardeio aéreo logo os deixaria em chamas. No meio, saindo do pequeno campo de aviação, a 24ª Divisão de Panzers lançou-se à frente. A 100ª Divisão Jäger austríaca atacou o alojamento dos operários da metalúrgica Outubro Vermelho. Enquanto isso, na base desse flanco, o topo do Mamaev Kurgan foi recapturado da 95ª Divisão de Fuzileiros de Gorishni, que fora esmagada pelo bombardeio aéreo e da artilharia.

O Exército Vermelho mostrou-se novamente impiedoso com seus próprios civis. Durante o combate pelo alojamento dos operários da Barrikadi, um sargento da 389ª Divisão de Infantaria (ex-sargento policial da Darmstadt) observou que "as russas que saíam de suas casas com trouxas e depois tentavam procurar abrigo do fogo disparado do lado alemão foram isoladas por trás pelo fogo de metralhadoras russo".

O ataque do inimigo fora tão intenso que Chuikov disse a si mesmo: "Mais uma batalha como essa e estaremos no Volga." Pouco depois, Kruchov telefonou do quartel-general do *front* para certificar-se de que o moral se mantinha. Chuikov respondeu, sem dúvida pensando no destino da 95ª Divisão de Fuzileiros no Mamaev Kurgan, que sua principal preocupação era o poder aéreo alemão. Kruchov também falou com Gurov, o comissário do exército, exortando-o a maiores esforços.

Na manhã seguinte, segunda-feira, 28 de setembro, a Luftwaffe concentrou seus ataques na margem ocidental e no carregamento em trânsito do Volga para destruir a linha vital de comunicações do 62º Exército. Os canhões antitanque da flotilha do Volga viviam em tal uso constante nesse período que as raias das armas de fogo logo ficaram lisas pelo desgaste. Cinco em seis barcos de suprimento foram seriamente danificados. Chuikov pediu mais apoio do Oitavo Exército Aéreo, para afastar a Luftwaffe enquanto ele lançava regimentos extras num contra-ataque para retomar o cume do Mamaev Kurgan. Eles forçaram o recuo dos alemães, mas o próprio cume terminou como uma terra de ninguém entre os dois lados. A missão vital para Chuikov era impedir que os alemães o estabelecessem como uma base de fogo, da qual pudessem controlar o Norte de Stalingrado e as travessias do rio. Naquela noite, ele e seu estado-maior puderam sentir algum alívio de que o pior fora evitado, mas sabiam que a perda de carregamento e embarque fora séria. Milhares de feridos estendiam-se na margem do rio, não evacuados, e as tropas da linha de frente logo ficariam sem munição nem rações.

Na terça-feira, 29 de setembro, os alemães começaram a esmagar o vértice do triângulo restante de território soviético. A aldeia de Orlovka foi atacada pelo oeste com parte da 389ª Divisão de Infantaria, e pelo norte pela 60ª Divisão de Infantaria Motorizada. A resistência das tropas soviéticas superadas em número foi tão desesperada que um cabo da 389ª escreveu para casa: “Vocês não imaginam como eles estão defendendo Stalingrado – como cães.” Os exércitos soviéticos em direção ao norte atacaram mais uma vez o 14º Corpo de Panzers em 30 de setembro. A 60ª Divisão de Infantaria Motorizada e a 16ª Divisão de Panzers afirmaram haver destruído juntas setenta e dois tanques, num “importante sucesso defensivo” contra pelo menos duas divisões de fuzileiros e três brigadas soviéticas de tanques. O dispendioso ataque à Frente do Don não desviou

muito da pressão sobre Orlovka nem as instalações industriais, mas ajudou a diminuir a velocidade da eliminação do saliente de Orlovka, processo que no fim exigiu dos alemães quase dez dias.

A 24ª Divisão de Panzers, a maior parte da 389ª Divisão de Infantaria e a 100ª Divisão Jäger avançaram para a metalúrgica Outubro Vermelho e a fábrica de armas Barrikadi – “o confuso emaranhado de uma área industrial completamente destruída”, como descreveu um membro da Divisão Jäger o imenso complexo em que quase todas as janelas e telhados haviam sido despedaçados por bombardeio, com a enferrujada maquinaria irreconhecível de tão retorcida. “Já os primeiros camaradas começavam a tombar. Aumentaram os gritos pedindo ajuda aos enfermeiros. A fuzilaria intensificou-se, mas não apenas do *front*, agora também chegava dos dois lados.” As explosões de granadas e bombas de morteiro também causaram pesadas vítimas com os estilhaços de pedra dos escombros e os fragmentos de granadas.

No dia seguinte, para acelerar o ataque ao complexo da metalúrgica Outubro Vermelho, Paulus deu ordens à 94ª Divisão de Infantaria e à 14ª Divisão de Panzers para que se deslocassem do setor Sul cidade acima. Do lado russo, o pressionado 62º Exército também recebeu alguns reforços imensamente necessários, quando a 39ª Divisão da Guarda de Fuzileiros, do general Stepan Guriev, atravessou o Volga e recebeu ordens para ajudar a linha à direita das instalações da Outubro Vermelho. Outra divisão nova, a 308ª Divisão de Fuzileiros do coronel Gurtiev, uma segunda formação composta sobretudo de siberianos, também iniciou a travessia do Volga, mas esses acréscimos mal compensaram as perdas já sofridas.

Chuikov logo enfrentou um perigo inesperado. Em 1º de outubro, a 295ª Divisão de Infantaria infiltrou-se pelos barrancos à direita do flanco de Rodimtsev. Os fuzileiros de sua Guarda repeliram-na furiosamente, preparando-lhes

emboscadas a curta distância com submetralhadoras e granadas. Mas, durante a noite, um grande grupo de infantaria alemão subiu por uma tubulação principal que se estendia por baixo do barranco Krutoi e chegou à margem do Volga. Viraram para o sul e atacaram a retaguarda da divisão de Rodimtsev. Esse ataque repentino coincidiu com outra ruptura de linha de defesa à direita. Rodimtsev reagiu depressa, ordenando a todas as companhias que ele podia poupar fazer contra-ataques de improviso, e a situação foi salva.

Em 2 de outubro, os alemães atacaram os tanques de armazenamento de petróleo na margem do rio, logo acima do quartel-general de Chuikov. Os tanques afinal não estavam vazios. Os disparos certos de bombas e granadas alemãs atearam-lhes fogo. O petróleo incandescente correu morro abaixo em toda a volta do quartel-general e espalhou-se pelo rio adentro. Só o transmissor de rádio continuou funcionando.

- Onde estão vocês? - perguntou repetidas vezes por sinais o quartel-general da Frente de Stalingrado. A resposta acabou retornando:

- Estamos onde estão a maior parte da fumaça e das chamas.

Durante a primeira semana de outubro, Chuikov passara claramente a se perguntar se iam conseguir defender a faixa da margem do rio que se estreitava muito depressa. Tudo dependia da travessia do Volga. Ele sabia que seus regimentos atacados com intensa violência haviam infligido pesadas baixas aos alemães, mas o desfecho da batalha dependia tanto de coragem quanto de recursos. Não tinham alternativa a não ser aferrar-se ao lema do 62º Exército: "Para os defensores de Stalingrado, não há lugar do outro lado do Volga." Esse, de fato, se tornara um juramento sagrado para muitos soldados. Um dos mais famosos atos de coragem ocorreu nessa época, na parte Sul do distrito industrial, quando tanques alemães avançaram para uma

posição defendida nas ruínas de uma escola por um destacamento da infantaria da marinha, vinculado à 193ª Divisão de Fuzileiros. Eles haviam ficado sem granadas antitanque, e por isso o fuzileiro naval Mikhail Panikako pegou duas bombas de gasolina. Ao se preparar para lançar a primeira, uma bala afortunada alemã despedaçou-a na mão dele, cobrindo-o de chamas. Panikako atirou-se para a frente, percorrendo os poucos metros que o separavam do tanque, e arremeteu contra a lateral do veículo, esmagando a segunda numa bola de fogo nas comportas do motor atrás da torre.

Os comandantes alemães também se sentiam assustados. Seus homens estavam exaustos e o moral diminuía. Os soldados da 389ª Divisão de Infantaria, por exemplo, não disfarçavam as esperanças de serem mandados de volta à França, por causa das pesadas baixas que haviam sofrido. Cresciam todo dia os cemitérios de guerra alemães atrás das linhas. Os que ouviram o discurso de Hitler em 30 de setembro, no Berliner Sportpalast, não ficaram estimulados quando ele se jactou de que as potências aliadas não haviam avaliado as conquistas da Alemanha, acima de tudo seu avanço do Don até o Volga. Desafiando mais uma vez o destino, Hitler insistiu em que “ninguém nos tirará daquele lugar”.

11

Traidores e aliados

— Nós, russos, estávamos ideologicamente preparados para a batalha de Stalingrado – disse um oficial veterano. – Acima de tudo, não tínhamos nenhuma ilusão sobre o custo e estávamos dispostos a pagá-lo.

A verdade completa teria sido dizer que o Estado soviético e talvez a maioria dos soldados alimentavam poucas ilusões. Não é um insulto à coragem deles – ao contrário, confirma-a – lembrar também a minoria que não iria, ou não poderia, suportar a estarrecedora tensão da batalha.

As autoridades soviéticas eram impiedosas. “Na cidade em labaredas”, escreveu Chuikov, “não suportávamos covardes, não tínhamos espaço para eles.” Os soldados, como os civis, eram avisados com a citação de Lenin proferida por Stalin: “Os que não ajudam de todas as maneiras o Exército Vermelho e não apoiam sua ordem e disciplina são traidores e devem ser mortos sem piedade.” Rejeitava-se todo “sentimentalismo”. Na guerra total, fatalmente ocorriam erros de justiça militar, assim como os soldados da linha de frente se arriscavam a ser mortos por sua própria artilharia ou aviação.

A princípio foi difícil estabelecer uma disciplina feroz. Só em 8 de outubro, o departamento político da Frente de Stalingrado sentiu-se capaz de comunicar a Moscou que o “estado de espírito derrotista já foi quase todo eliminado, e o número de incidentes de traidores diminui”. O fato de o regime soviético ser quase tão implacável com seus próprios soldados quanto com o inimigo é demonstrado pelo total de 13,5 mil execuções, sumárias e judiciais, durante a batalha de Stalingrado. Isso incluía todos os crimes classificados pelos comissários como “ocorrências extraordinárias”, desde retirar-se sem ordens até ferimentos autoinfligidos, deserção, passar para o lado do inimigo, corrupção e atividades antissoviéticas. Os soldados do Exército Vermelho também eram julgados culpados se não atirassem imediatamente em quaisquer camaradas vistos tentando desertar ou entregar-se ao inimigo. Numa ocasião, em fins de setembro, quando um grupo de soldados soviéticos se entregou, os tanques alemães avançaram depressa para protegê-los do fogo que lhes era dirigido das suas próprias linhas.

As unidades mais fracas de Chuikov eram as Brigadas Especiais de milícia, formadas sobretudo de operários das fábricas da parte Norte de Stalingrado. Os grupos de bloqueio, com voluntários bem armados ou destacamentos do NKVD, eram colocados atrás deles para impedir-lhes a retirada. Seus comissários de jaqueta de couro preta e armados com pistola fizeram o escritor Konstantin Simonov lembrar-se dos Guardas Vermelhos em 1918. No caso da 124ª Brigada Especial, que enfrentou a 16ª Divisão de Panzers até Rinok, os grupos de bloqueio atrás das linhas obrigavam os que desmoronavam sob tensão a fugir para o inimigo. Dobronin comunicou a Kruchov que, em 25 de setembro, um grupo de dez desertores, entre eles dois suboficiais, passaram para o lado dos alemães. Na noite seguinte, mais cinco homens escaparam de mansinho. Segundo o relatório alemão sobre o interrogatório do primeiro grupo desses mesmos desertores, o total de sua companhia se reduzira a 55 homens. “Desde o último ataque deles em 18 de setembro, em que sofreram inúmeras baixas, não lhes foi dada mais nenhuma tarefa. Atrás da linha de frente, há uma segunda linha de membros do Partido e do Komsomol, armados com metralhadoras pesadas e pistolas automáticas.”

Um tenente soviético mais velho, de Smolensk, desertou por um motivo diferente. Fora capturado na batalha pela curva do Don em agosto, mas conseguiu escapar da detenção alemã logo depois. Quando se apresentou de novo para o serviço junto ao Exército Vermelho, “foi preso segundo uma ordem de Stalin, tratado como desertor” e mandado para uma companhia penal no setor da 149ª Brigada Especial.

Outros desertaram por motivos que levaram os alemães a um falso otimismo. “O moral entre os russos está realmente péssimo”, escreveu para casa um suboficial da 79ª Divisão de Infantaria. “A maioria dos desertores é trazida a nós pela

fome. É possível que os russos venham a passar fome no decorrer do inverno.”

Os relatórios soviéticos revelam muito sobre a mentalidade da época. Quando três soldados desertaram do 178º Regimento de Fuzileiros de Reserva, um tenente foi obrigado a sair e buscar três outros homens, soldados ou civis, para compensar a perda. Embora não a maioria, muitos desertores vinham das levas de reforços civis recrutados para compensar o número de baixas. Por exemplo, uma grande proporção dos noventa e três desertores da 15ª Divisão da Guarda de Fuzileiros era de “cidadãos de Stalingrado evacuados para Krasnoarmeisk”. “Esses homens eram completamente destreinados e alguns não tinham nem uniforme. Na pressa da mobilização, não se retiraram os passaportes de muitos deles.” Isso, reconhecia o relatório de Moscou, foi um erro grave. “Vestindo roupas civis e com passaportes, eles conseguiam voltar com facilidade pelo Volga. É necessário e urgente tirar os passaportes de todos os soldados.”

Os comissários ficaram enfurecidos com rumores de que os alemães permitiam aos desertores russos e ucranianos voltarem para casa se morassem em territórios ocupados. “A falta de treinamento político é explorada por agentes alemães, que levam a cabo seu trabalho de corrupção, tentando convencer soldados instáveis a desertar, sobretudo aqueles cujas famílias ficaram nos territórios temporariamente ocupados pelos alemães.” Esses refugiados do avanço alemão não tinham notícia alguma do destino de suas famílias e casas.

Às vezes, os desertores eram fuzilados diante de um público de cem colegas soldados de sua divisão. Mas em geral o condenado era conduzido por um pelotão do destacamento da guarda do Departamento Especial do NKVD para um local conveniente atrás das linhas. Ali,

ordenavam-lhe que se despisse, para que o uniforme e as botas fossem reaproveitados. Contudo, mesmo uma tarefa tão objetiva nem sempre saía de acordo com o plano. Após uma execução na 45ª Divisão de Fuzileiros, um soldado enfermeiro, desconfiado, descobriu que o condenado ainda tinha pulso. Ele ia gritar por socorro, quando começou um bombardeio de artilharia inimiga. O soldado executado sentou-se, levantou-se e saiu cambaleando em direção às linhas alemãs. “Foi impossível saber”, dizia o comunicado a Moscou, “se [ele] sobreviveu ou não.”

O Departamento Especial da 45ª Divisão de Fuzileiros deve ter abrigado atiradores treinados em tiro ao alvo com pontaria estranhamente má; de fato, imagina-se se eles não eram encorajados ao trabalho com uma ração extra de vodka. Em outra ocasião, receberam ordens de executar um soldado condenado por um ferimento autoinfligido. Ele foi despido do uniforme como de hábito, abatido e jogado numa cratera de granada. Espalhou-se um pouco de terra sobre o corpo e o grupo do fuzilamento retornou para o quartel-general da divisão. Duas horas depois, o suposto soldado executado, com as roupas de baixo cobertas de sangue e lama, chegou cambaleando de volta ao seu batalhão. O mesmo batalhão de execução teve de ser chamado para fuzilá-lo de novo.

Em muitos casos, as autoridades da localidade residencial do desertor também eram informadas. A família poderia então ser perseguida sob a Ordem nº 270 como uma punição extra, mas, acima de tudo, como advertência. Os comissários e oficiais do Departamento Especial na Frente de Stalingrado viam as represálias contra parentes próximos como absolutamente essenciais para deter outros que se sentissem tentados a fugir.

Os departamentos especiais do NKVD, quando investigavam casos de deserção, sem a menor dúvida faziam intensa pressão num suspeito para que denunciasse outros. Um soldado recém-chegado à 302ª Divisão de

Fuzileiros (51º Exército) foi acusado por um camarada de ter dito: “Se eu for mandado para a linha de frente, serei o primeiro a atravessar para o lado dos alemães.” “Sob interrogatório”, alegam que o soldado confessou ter convencido outros a irem e “revelou” seus nomes, mas talvez tenha sido pressionado pelo NKVD a inventar uma conspiração que jamais existira.

Os comissários culpavam “o descuido e o bom coração dos oficiais” pela deserção numa unidade. Mas também houve inúmeros casos de oficiais usando o direito reconhecido de atirar para matar, como “medida extrema a ser usada apenas no serviço ativo, quando um homem do Exército Vermelho se recusar a cumprir uma ordem militar ou se retirar do campo de batalha”. Numa rara ocasião, contudo, as autoridades consideraram que os oficiais haviam sido excessivamente rigorosos. “Durante a noite de 17/18 de outubro, dois soldados desapareceram da [204ª Divisão de Fuzileiros no 64º Exército]. O comandante do regimento e o comissário ordenaram que o comandante da companhia executasse o comandante do pelotão dos dois homens que haviam desertado.” Este tenente subalterno de 18 anos juntara-se ao regimento apenas cinco dias antes e mal conhecia os dois desertores do seu batalhão. “O comandante da companhia obedeceu à ordem. Foi para a trincheira do tenente e, na presença do comissário, matou-o com um tiro.”

Os comissários, querendo vangloriar-se da natureza universal da União Soviética, poderiam ter destacado o fato de que quase metade dos soldados do 62º Exército não era russa. As seções de propaganda, porém, tinham bons motivos para permanecer em silêncio sobre o assunto. Esperava-se demasiado do *levée en masse* da Ásia Central. “Para eles é difícil entender as coisas”, comunicou um tenente russo enviado para comandar um pelotão de metralhadoras, “e é muito difícil trabalhar com eles.” A falta

de familiaridade com a tecnologia moderna também significava que teriam mais chance de ficar confusos e aterrorizados com o ataque aéreo. Naturalmente, as dificuldades de idioma e consequentes mal-entendidos pioravam tudo. Uma formação, a 196ª Divisão de Fuzileiros, cuja maioria era cazaque, uzbeque e tártara, “sofreu perdas tão severas” que teve de ser retirada do *front* para “ser reconstituída”.

Os comissários compreendiam que as coisas estavam terrivelmente erradas, mas a única prescrição era previsível: “Doutrinar soldados e oficiais de nacionalidade não russa nos mais elevados e nobres objetivos dos povos da URSS, na explicação do seu juramento militar e na lei para punir qualquer traição à Pátria.” A doutrinação pode não ter sido muito bem-sucedida, porque muitos claramente não faziam ideia do motivo da guerra. Um tártaro na 284ª Divisão de Fuzileiros, incapaz de suportar mais o combate, decidiu desertar. Avançou rastejando no escuro de sua posição sem ser visto, mas depois perdeu a orientação na terra de ninguém. Sem se dar conta, atravessou o mesmo percurso de volta e chegou ao setor ocupado pelo 685º Regimento de Fuzileiros. Encontrou uma casamata do comando e entrou. Convencido de que chegara ao seu destino, supôs que os oficiais que o olhavam fixo fossem oficiais alemães usando uniforme russo como um tipo de disfarce. “Ele anunciou que viera se entregar”, registrou o relatório. “O traidor foi executado.”

Os comissários também enfrentaram um problema burocrático. “É muito difícil classificar ocorrências extraordinárias”, explicou o departamento político do *front* a Scherbakov em Moscou, “porque em muitos casos não sabemos dizer se um soldado desertou ou passou para o lado do inimigo.” “Nas condições de batalha”, comunicou o departamento em outra ocasião, “nem sempre é possível determinar ao certo o que aconteceu a determinados soldados ou grupos de homens. Na 38ª Divisão de Fuzileiros,

um sargento e um soldado que saíram para buscar as rações de sua companhia jamais foram vistos de novo. Ninguém sabia o que lhes acontecera. Poderiam ter sido enterrados por uma granada grande ou desertado. A não ser que haja testemunhas, só podemos suspeitar.”

O fato de os oficiais muitas vezes não contarem seus soldados corretamente de nada ajudou. Alguns ausentes eram relacionados como traidores e depois declarados como tendo sido evacuados para um hospital de campanha com ferimentos graves. Mesmo um soldado que recebia alta do hospital a fim de retornar à sua unidade para combater às vezes se descobria relacionado como desertor e condenado. Em algumas ocasiões, a negligência dos oficiais era deliberada. Em outras, as mortes de soldados não eram comunicadas, a fim de obterem mais rações, uma prática tão antiga quanto os exércitos organizados, mas agora definida como “distúrbio criminoso na lista de chamada militar”.

Sem a menor dúvida, o reconhecimento por Dobronin das dificuldades estatísticas deve ser lembrado quando se examina o total de 446 deserções durante setembro. Não há nenhuma menção à outra categoria, “passar para o lado do inimigo”. Contudo, mesmo os próprios relatórios sobre as deserções em grupo da Frente de Stalingrado indicam um sério problema. Por exemplo, depois que 23 homens de um único batalhão desertaram no decorrer de três noites, “criou-se uma zona protetora diante da linha de frente”, e os oficiais formaram “uma guarda de 24 horas”.

Os ferimentos autoinfligidos eram considerados deserção por desonestidade. Um soldado da 13ª Divisão da Guarda de Fuzileiros de Rodimtsev, suspeito de ter atirado na mão, foi conduzido por uma escolta até o posto de primeiros-socorros na zona de combate. Tentou escapar ao escurecer, quando a artilharia alemã abriu fogo, mas foi arrastado de volta. Uma junta de médicos examinou-o e declarou que o ferimento fora autoinfligido. O prisioneiro foi então executado diante de uma plateia de soldados trazida do batalhão dele. Mesmo

oficiais eram acusados de ferimentos autoinfligidos. Um tenente de 19 anos, na 196ª Divisão de Fuzileiros, após ter sido acusado de atirar em si mesmo na palma da mão esquerda com uma submetralhadora, foi executado diante de uma plateia de oficiais de sua formação. O relatório insinua, com lógica nada convincente, que a culpa era evidente em si porque ele “tentara ocultar seu crime aplicando uma atadura”.

Os que se fingiam doentes eram julgados como fazendo parte da mesma categoria. “Onze soldados num hospital de campanha fingiram estar surdos e mudos”, comunicou Dobronin, acrescentando depois com sinistra satisfação: “mas assim que a comissão médica decidiu que se achavam em boa forma física para o serviço militar, e seus documentos foram encaminhados ao tribunal militar, eles voltaram a falar.”

O supremo ferimento autoinfligido era o suicídio. Como a Wehrmacht, as autoridades soviéticas o definiam como um “sinal de covardia” ou uma consequência de “disposição mental doentia”. Mesmo a definição de covardia poderia assumir várias formas. Um piloto que saltou de paraquedas do seu avião pegando fogo rasgou o cartão de candidato do Partido Comunista logo após pousar, porque julgou que descera atrás de linhas alemãs. Ao retornar para a base, o comissário acusou-o de covardia sob a Ordem nº 270 de Stalin, embora a propaganda soviética enfatizasse que os alemães executavam comunistas no mesmo instante da captura.

O NKVD e o departamento político da Frente de Stalingrado trabalhavam com extrema cooperação em qualquer insinuação de atividade “antissoviética”. Por exemplo, os “homens encontrados com folhetos alemães eram entregues ao NKVD”. Era perigoso pegar um, mesmo para enrolar um cigarro de tabaco *makhorka*. O soldado que perdesse a calma e dissesse ao oficial superior o que pensava do Exército Vermelho às vezes enfrentava uma

acusação de “propaganda antirrevolucionária” ou “descrença em nossa vitória”. O cabo K., da 204ª Divisão de Fuzileiros, foi executado por ter “desacreditado os líderes do Exército Vermelho e proferido ameaças terroristas contra seu oficial comandante”. Os que criticavam o regime, como dois soldados no 51º Exército, também eram entregues ao NKVD. Um “espalhara afirmações fascistas de que os trabalhadores das fazendas coletivas eram iguais a escravos” e o outro dissera que a “propaganda soviética mente para elevar o moral no exército”.

Os casos de “atividades antissoviéticas”, muitas vezes tratados como sinônimos de crimes de “lesa-pátria”, parecem ter sido relativamente raros na linha de frente. Os oficiais em geral seguiam o conselho informal do Exército russo em 1812: “Quando os soldados resmungam, os oficiais não devem prestar atenção.” A maioria reconhecia que na guerra, quando os homens enfrentam a morte, precisam dizer o que pensam. Entre os camaradas na linha de frente, os soldados não se esquivavam de criticar a incompetência, a corrupção e a intimidação das autoridades do Partido Comunista. O constante risco de ser morto a qualquer momento deixava-os alheios à presença dos comissários e informantes do Departamento Especial. Com suas trincheiras tão próximas das dos alemães, parecia haver pouca diferença entre uma bala inimiga e aquela última ração do Estado soviético, “os nove gramas de chumbo” do NKVD.

A maioria dos casos comunicados de atividades antissoviéticas ocorria atrás das linhas. Os recrutas recém-chegados que resmungavam tinham mais chance de ser denunciados pelos colegas alistados. Um civil de Stalingrado no Batalhão de Treinamento 178, que se aventurou a dizer que eles iam congelar e morrer de fome quando chegasse o inverno, foi logo preso “graças à consciência política dos estagiários K. e I.”. A paranoia do NKVD estendia-se para trás até os destacamentos de transportes e engenheiros da Frente de Stalingrado, na margem oriental do Volga. Doze

soldados e cinco oficiais, entre eles dois oficiais superiores, foram presos em outubro por “atividades antissoviéticas de natureza derrotista”. “A maioria desses presos vem de territórios ocupados”, acrescentava o comunicado, afirmando com bom motivo que eles tinham um plano “para trair a Pátria e juntar-se ao inimigo”.

As notícias de jornal informando que os *frontoviki* discutiam, entusiasmados, em suas trincheiras a heroica liderança do Camarada Stalin e partiam para o ataque com o grito de guerra “*Za Stalina!*” (“Por Stalin”) eram pura propaganda. Iuri Belash, poeta soldado, escreveu certa vez um verso:

Para ser honesto a respeito –
a última coisa em que pensávamos nas trincheiras
era em Stalin.

Por mais que a imprensa soviética encenasse histórias de heroísmo pessoal, a total falta de respeito das autoridades pelo indivíduo era confirmada de forma muito clara pela propaganda em Stalingrado. Os jornais adotaram o lema, aparentemente cunhado por Chuikov numa reunião do conselho militar: “Todo homem precisa tornar-se uma das pedras da cidade.” Um dos oficiais de Chuikov acrescentou em tom de admiração que o 62º Exército “cimentava como concreto vivo as pedras da cidade inspirada por Stalin”. Esse tema atingiu sua expressão máxima no monstruoso memorial do pós-guerra construído no Mamaev Kurgan, onde as figuras de soldados entre as ruínas são deliberadamente retratadas num trabalho de tijolos em baixo-relevo. Esse monumento à União Soviética, não aos próprios soldados, praticamente os transforma num exército de terracota, como os dos imperadores chineses.

Mesmo a política administrativa cotidiana confirmava a impressão dos soldados como artigos descartáveis. Novas

botas, uniformes e equipamento eram reservados aos novos exércitos em formação na retaguarda. Para os soldados da linha de frente em Stalingrado, os artigos de substituição não vinham do depósito do quartel-mestre, mas saíam dos corpos de camaradas mortos. Não se desperdiçava nada quando chegavam para o enterro. Os homens eram mandados à noite à terra de ninguém para despir os cadáveres até as roupas de baixo. A visão dos camaradas tombados, seminus no descampado, revoltava muitos deles. Quando o inverno chegou com força total, os conjuntos de camuflagem de neve passaram a ser especialmente preciosos. Um soldado ferido tentava tirar o macacão branco de camuflagem antes que se manchasse de sangue. Já era uma ocorrência muito conhecida o soldado ferido com demasiada gravidade para poder tirar seu conjunto de camuflagem desculpar-se com os que o despiam por quaisquer marcas no uniforme.

Grossman, observador atento dos seus colegas compatriotas em Stalingrado, rejeitava a ideia de que eles haviam sido completamente brutalizados até ficar indiferentes. “A vida não é fácil para o russo”, escreveu, “mas em seu coração ele não sente que isso é inevitável. Durante a guerra no *front*, observei dois sentimentos para com os fatos: um otimismo incrível ou uma tristeza total. Ninguém suporta imaginar que a guerra vai durar muito tempo, e todo aquele que diz que só meses e meses de trabalho árduo levarão à vitória não é acreditado.” A verdade era que numa batalha tão terrível quanto aquela, só se podia pensar em sobreviver pelo resto do dia ou mesmo da hora. Pensar em algum ponto no futuro era um sonho perigoso.

Pelo menos os soldados tinham uma forma de propósito e rações bastante regulares para mantê-los seguindo em frente. Os civis colhidos em Stalingrado não tinham quase nada. Como mais de 10 mil deles, incluindo mil crianças, continuavam vivos nas ruínas da cidade após mais de cinco

meses de batalha, permanece a parte mais espantosa de toda a história de Stalingrado.

Fontes soviéticas afirmam que entre 24 de agosto, o dia seguinte aos piores ataques aéreos repentinos quando os habitantes de Stalingrado tiveram afinal permissão para atravessar o Volga, e 10 de setembro, 300 mil civis foram evacuados para a margem oriental. Isso era totalmente inadequado, considerando-se a acrescida população da cidade. O que não se admitiu na época foi que muito mais de 50 mil civis ficaram cercados na margem ocidental, em parte devido ao controle da travessia do rio pelo NKVD.

A última evacuação oficial foi caótica e trágica. A multidão era imensa. Incluía muitas famílias a que se recusara permissão para partir até o último momento, muitas vezes sem nenhum bom motivo. A barcaça a vapor tornou-se perigosamente sobrecarregada, e por isso não se permitiram mais pessoas a bordo. Os deixados para trás no embarcadouro continuaram ali, vendo a barca partir. Começaram a desesperar-se por si mesmos, mas, então, “a apenas 50 metros da plataforma de desembarque, a barca foi atingida por uma bomba” e afundou em chamas diante deles.

Muitos civis não conseguiram sequer chegar próximo à margem do rio, tendo sido encurralados atrás das linhas alemãs pelos rápidos avanços do Sexto Exército. Em 2 de setembro, Hitler dera ordens para que se retirassem os civis de Stalingrado, mas o primeiro êxodo foi mais espontâneo que organizado. Uma grande coluna de refugiados deixou a cidade rumando para oeste, em direção ao território ocupado pelos alemães em 14 de setembro, com suas poucas posses restantes empilhadas em carrinhos de mão ou levadas em malas de papelão. Um correspondente alemão viu civis colhidos por fogo de granadas transformados numa massa sangrenta de torsos e roupas rasgadas, a mão de um deles decepada presa acima em cabos de telégrafo. Mas os que escaparam para a segurança

no território alemão tinham pouca esperança de encontrar comida. Destacamentos do Sexto Exército já se achavam em ação, requisitando e amealhando quaisquer colheitas na região para uso próprio. Mesmo os fazendeiros cossacos, alguns dos quais ex-Guardas Brancos, que haviam acolhido os alemães como libertadores com pão e sal, foram roubados de todo o gado e grão.

A visão dos refugiados às vezes causava estranhas confusões de pensamento, como revelou sem querer, numa carta para a família, um aspirante a oficial da 295ª Divisão de Infantaria. “Hoje eu vi muitos refugiados vindo de Stalingrado. Uma cena de miséria indescritível. Crianças, mulheres, idosos – tão velhos quanto o vovô – deitam-se aqui perto da estrada, com apenas poucas roupas leves e sem nenhuma proteção contra o frio. Embora sejam nossos inimigos, foi profundamente chocante. Por isso, devemos agradecer bastante ao nosso Führer e ao Nosso Senhor por nossa pátria continuar sendo poupada desta terrível desgraça. Já vi muita miséria durante esta guerra, mas a Rússia ultrapassa todas. Acima de tudo, Stalingrado. Você nunca entenderá isso – é preciso que se tenha visto.”

Os muitos milhares de mulheres e crianças deixadas para trás na cidade buscavam abrigo nos porões em ruínas, em esgotos e em abrigos cavados nas margens encharcadas de água. Parece que havia até civis escondidos em crateras de granada no Mamaev Kurgan durante a pior parte do combate. Muitos, claro, não sobreviveram. Simonov, na primeira visita, ficou estarrecido. “Atravessamos a ponte sobre uma das valas que cruzavam a cidade. Jamais esquecerei a cena que se abriu diante de mim. Essa vala, que se estendia à esquerda e à direita, estava enxameada de vida, exatamente como um formigueiro pontilhado de buracos. Ruas inteiras haviam sido escavadas dos dois lados. As bocas das grutas eram cobertas com tábuas queimadas e trapos. As mulheres tinham usado tudo de que podiam dispor.”

Ele escreveu sobre o sofrimento “quase inacreditável” de todos ali em Stalingrado, soldados ou civis, mas logo afastou qualquer ideia de sentimentalismo – “não há remédio para esse tipo de coisa: a luta é travada por vida ou morte”. Descreve em seguida o corpo de uma mulher afogada trazida pelo Volga para a margem, agarrada a um toro carbonizado, “os dedos chamuscados e distorcidos. Tem o rosto desfigurado: a dor que sofreu antes que a morte a libertasse deve ter sido insuportável. Os alemães fizeram isso, fizeram-no diante de nós. E que não venham pedir misericórdia aos que testemunharam. Depois de Stalingrado, não concederemos misericórdia nenhuma.”

Embora o abrigo fosse a primeira prioridade, os civis enfrentavam a quase impossibilidade de encontrar comida e água. Toda vez que havia uma calmaria entre os bombardeios, mulheres e crianças surgiam de buracos na terra para cortar grossas fatias de carne de cavalos mortos antes que os vira-latas e os ratos despojassem as carcaças. Os principais carniceiros eram as crianças. Mais jovens, ágeis e menores, ofereciam um alvo mais difícil. Esgueiravam-se de mansinho à noite para o elevador de grãos terrivelmente incendiado, na parte Sul do Tsaritsa, que os alemães afinal haviam capturado. Ali, muitas vezes conseguiam encher bolsas ou sacolas de trigo chamuscado e sair correndo, mas os sentinelas alemães, protegendo o depósito para o consumo do seu próprio exército, atiravam em muitas delas. Os que tentavam roubar latas de ração do Exército alemão também eram fuzilados na mesma hora no local, em Stalingrado e nas áreas da retaguarda.

Os próprios soldados alemães usavam os órfãos de Stalingrado. Tarefas diárias, como encher os cantis, eram perigosas quando os franco-atiradores se achavam à espera de qualquer movimento. Por isso, pela promessa de uma casca de pão, eles pegavam meninos e meninas russos para levarem seus cantis até a beira do Volga e enchê-los. Quando o lado soviético percebeu o que acontecia, os

soldados do Exército Vermelho atiravam nas crianças em missões como essas. Abrira-se um precedente para tamanha implacabilidade durante os primeiros estágios do cerco de Leningrado, quando os civis haviam sido usados por tropas alemãs como escudo. Stalin logo emitira uma ordem de que as tropas do Exército Vermelho deviam matar quaisquer civis que obedecessem a ordens alemãs, mesmo que estivessem agindo sob coerção. Essa instrução foi implementada em Stalingrado. “O inimigo”, comunicava a 37ª Divisão da Guarda de Fuzileiros, “obrigou civis a avançarem para arrastar soldados e oficiais alemães mortos. Nossos soldados abriam fogo contra qualquer um que tentasse levar embora os cadáveres fascistas.” Outras crianças tiveram muito mais sorte. Vincularam-se a regimentos e quartéis-generais soviéticos. Muitas eram usadas como mensageiros, escoteiros ou espiões, mas os órfãos mais moços, alguns de apenas 4 ou 5 anos, eram só mascotes.

O quartel-general do Sexto Exército estabeleceu uma *Kommandantur* para o centro e o Norte da cidade, e outro para o sul do Tsaritsa. Cada um tinha uma companhia de Feldgendarmarie responsável, entre outras coisas, pelas precauções contra sabotagem e pelo registro e evacuação de civis. Foram anunciadas instruções de que quem não se registrasse seria fuzilado. Ordenou-se aos judeus usar uma estrela amarela na manga da camisa. A Feldgendarmarie trabalhava em estreita colaboração com a Polícia Secreta de Campanha, sob o comissário Wilhelm Möritz. Um oficial da *Kommandantur*, capturado após a batalha, confessou durante interrogatório que suas tarefas também incluíam a seleção de civis “adequados” para trabalhos forçados na Alemanha e a entrega de ativistas comunistas e judeus ao SD. Fontes soviéticas afirmam que os alemães executaram mais de 3 mil civis durante o combate e que mais de 60 mil civis de Stalingrado foram transportados para o Reich, sob

ordem de Hitler, como trabalho escravo. Não se deu o número de judeus e comunistas presos pela Feldgendarmerie do Sexto Exército e entregue à SS. O Sonderkommando 4º, acompanhando o avanço do Sexto Exército, chegou em 25 de agosto a Nijne-Chirskaja, após o XXIV Corpo de Panzers, e logo massacrou dois caminhões cheios de crianças, cuja “maioria tinha entre 6 e 12 anos”. Também haviam executado muitos oficiais comunistas e informantes do NKVD denunciados por cossacos, cujas famílias de “*kulaks*” haviam sofrido muitíssimo nas mãos do regime. O Sonderkommando permaneceu na área de Stalingrado até a quarta semana de setembro.

Uma importante evacuação de civis ocorreu em 5 de outubro, e a última no início de novembro. Selecionaram-se levadas de civis a serem transportados para a retaguarda em caminhões de gado nos terminais da ferrovia. A miséria dos refugiados também era em tudo evidente demais. Os mais espertos pegaram cada cobertor que conseguiram levar para trocar por comida nas semanas seguintes. Esses civis de Stalingrado foram conduzidos à força para um campo improvisado perto da cidade de Voroponovo (agora Gorkovski), depois para outros campos em Marinovka, Kalach e Nijne-Chirskaja.

O tratamento que receberam ainda não era tão ruim quanto o sofrido pelos soldados russos capturados. No cercado de arame farpado perto de Gumrak, havia, por volta de 11 de setembro, mais de 2 mil prisioneiros de guerra, muitos dos quais dos batalhões da milícia de operários. Deixava-se aos oficiais soviéticos a manutenção da ordem, se necessário com os punhos, quando a comida era atirada por cima da cerca. Não se providenciaram serviços médicos. Um médico soviético fazia o que podia pelos feridos, mas “em casos sem esperança, só podia acabar com o sofrimento deles”.

As capturas posteriores foram ainda mais brutais. Por fim, “uma imensa multidão negra” se viu obrigada a sair nas

primeiras neves. Puseram em marcha este último e maior grupo de civis de Stalingrado para Karpovka e outros campos. As condições eram estarrecedoras. Mesmo o nome “campo” era otimista, pois não passava de um grande círculo de arame farpado na estepe descampada. Sem nenhuma barraca de madeira. Os prisioneiros tentavam cavar buracos no terreno com as mãos nuas para proteger-se dos ventos cortantes, depois se aconchegavam. Na noite de 7 de novembro, aniversário da Revolução, os prisioneiros russos comemoraram cantando em voz baixa entre eles mesmos, mas então começou a cair uma chuva pesada. Próximo ao amanhecer, a temperatura caiu rápido, trazendo uma intensa geada, e eles tremeram descontroladamente de frio nas roupas ensopadas. Muitos morreram. Num buraco, a mãe junto a Valentina Nefiodova sentava-se apertando nos joelhos um filho e uma filha pequenos: a menina sobreviveu, mas o menino morreu em seus braços. A prima adolescente de Valentina também morreu congelada naquela noite.

A maioria dos guardas nesses campos era de ucranianos em uniforme alemão.⁵ Muitos eram *bulbovitsi*, nacionalistas de direita, batizados em memória de Taras Bulba, e tratavam terrivelmente suas vítimas. Contudo, nem todos eram cruéis. Alguns deixavam as vítimas fugir em troca de um suborno. Mas os fugitivos eram logo perseguidos e encontrados na estepe aberta pela Feldgendarmarie. No campo de Morozovsk, porém, a família Goncharov, mãe, avó e duas crianças, foi salva pela bondade de um médico alemão, que providenciou para que elas fossem transferidas para uma granja próxima, porque Nicolai, de 11 anos, sofria terríveis queimaduras de frio.

Dos milhares que continuavam conseguindo evitar a captura na cidade levando uma existência troglodita sob os escombros – “ninguém sabe como” –. quase todos adoeceram por envenenamento ou água poluída. Nos limites do perímetro da cidade, crianças saíam rastejando como animais selvagens, à noite, para procurar raízes e frutos

silvestres. Muitos sobreviviam durante três ou quatro dias com um pedaço de pão duro dado por um soldado russo, ou alemão, dependendo da linha de frente. As mulheres muitas vezes eram obrigadas a oferecer o corpo emaciado para sobreviver ou alimentar um filho pequeno. Há até mesmo relatos de bordéis improvisados nas ruínas. Em vários casos, nas circunstâncias pouco promissoras, chegou a estabelecer-se uma forma de amor entre as russas e os soldados alemães. Era quase invariavelmente uma ligação fatal. Uma mulher de Stalingrado, acusada de “fazer sinais para o inimigo com um lenço”, foi condenada por ter “escondido três fascistas” no porão e entregue ao NKVD. Os três soldados alemães foram fuzilados na hora ali mesmo.

Nos setores distantes da cidade, parece que menos prisioneiros alemães foram mortos na captura, pois o serviço secreto militar soviético passou a ficar mais sofisticado. A necessidade de informação correta dos prisioneiros intensificou-se rapidamente em outubro, quando Jukov e seu estado-maior planejavam o grande contragolpe.

O interrogatório soviético dos prisioneiros de guerra, que em geral ocorria no dia seguinte ao da captura, seguia um padrão claramente predeterminado. O principal objetivo era identificar a formação deles e avaliar sua força militar, situação de suprimento e moral atuais. Também se faziam aos prisioneiros alemães perguntas como as seguintes: Tinham sido membros da Juventude Hitlerista? Que sabiam dos preparativos de uma guerra química? De que ações dos *partisans* haviam ouvido falar ou testemunhado? Em que medida eram eficazes os folhetos informativos da propaganda soviética? Que lhes diziam seus oficiais sobre os comunistas? Qual fora a rota de avanço de sua divisão desde junho de 1941? (Esta era para ver se podiam estar associados a crimes de guerra comunicados em quaisquer áreas por que haviam passado.) Se o prisioneiro alemão

viesses de uma família camponesa, havia prisioneiros de guerra russos trabalhando para eles em casa? Quais os nomes deles? As cartas recebidas de casa eram confiscadas para ver se davam alguma indicação do moral civil na Alemanha. Durante o final do verão e outono de 1942, após os “ataques aéreos repentinos de milhares de bombardeiros” da RAF, os interrogadores do NKVD interessavam-se em particular pelo efeito sobre o moral civil e também nos soldados no *front*. Depois, quando o NKVD ficou abalada ao descobrir que tantos soviéticos, sobretudo ex-soldados do Exército Vermelho, estavam vinculados ao Exército alemão, os interrogadores tentaram descobrir dos prisioneiros quantos se haviam juntado a cada companhia.

Por instinto de autopreservação, os prisioneiros muitas vezes diziam o que imaginavam que os russos queriam ouvir. Em alguns casos, também acontecia ser a verdade. “Outros soldados”, disse um cabo, “não acreditam na propaganda enfiada em nossa cabeça por Goebbels. Ainda nos lembramos das lições inesquecíveis de 1918.” Em meados de setembro, os soldados alemães capturados confessavam abertamente aos interrogadores russos que eles e seus camaradas “temiam o inverno que se aproximava”.

Muitas das entrevistas com os prisioneiros eram feitas pelo capitão N. D. Diatlenko, do NKVD, um russo que falava alemão transferido para o sétimo Departamento da Frente de Stalingrado. O tenente-coronel Kaplan, subchefe do serviço de informações do 62º Exército, por outro lado, tinha de interrogar os prisioneiros por intermédio do seu intérprete Derkachev. Visivelmente, Kaplan desperdiçava pouco tempo quando entrava em ação. Após um cabo muito ferido ter revelado que a 24ª Divisão de Panzers se reduzira a 16 tanques, Kaplan anotou no pé da página: “O interrogatório não foi completado porque o homem logo morreu dos ferimentos.”

Já consciente das tensões entre os exércitos alemão e romeno, Kaplan também queria saber das relações tensas no interior da Wehrmacht. Os prisioneiros austríacos, talvez na esperança de melhor tratamento, queixaram-se do comportamento de oficiais alemães que os discriminavam. Um tcheco de 38 anos, da 24ª Divisão de Panzers, capturado em 28 de setembro, chegou a oferecer-se como voluntário para combater pela União Soviética. A principal prioridade do serviço de informações do Exército Vermelho nessa época, contudo, era formar uma avaliação correta da dependência dos alemães das divisões aliadas ao longo da Frente do Don e na estepe de Kalmik.

Muitos comandantes regimentais alemães nessa época ficaram horrorizados com as substituições que vinham recebendo. Um deles, da 14ª Divisão de Panzers, escreveu que era necessário tomar “medidas muito enérgicas” para corrigir a “falta de força de vontade e bravura”.

As maiores fraquezas, porém, continuavam sendo as tropas aliadas, representadas como exércitos completos no mapa de situação de Hitler. O moral dos italianos, romenos e húngaros ficara abalado pelos ataques repentinos isolados de *partisans* aos trens em que eram conduzidos ao *front*. Logo começaram a sofrer terrivelmente com os ataques aéreos russos, mesmo quando infligiam poucas baixas. E quando enfrentavam um ataque por terra russo, com foguetes *Katiusha*, de um dos “órgãos de Stalin”, os soldados começavam a perguntar-se o que faziam ali.

A aviação soviética soltava folhetos escritos em húngaro, italiano e romeno, dizendo aos soldados aliados que não morressem inutilmente pelos alemães. Essa propaganda funcionava melhor com as minorias nacionais. Os sérvios e rutenos recrutados pelas forças húngaras eram os mais prováveis desertores. “Como é possível confiarmos nos que não são húngaros?”, escreveu o cabo Balogh em seu diário.

O serviço secreto do Exército Vermelho comunicou a Moscou que muitos grupos pequenos elaboraram planos para desertar juntos mesmo antes de chegarem ao *front*. Quando os russos atacavam, eles se escondiam em suas trincheiras e esperavam para entregar-se.

Um desertor ruteno de outro regimento, interrogado pelo NKVD, relatou que a maioria dos seus camaradas rezava “Deus me conserve vivo” durante “dias inteiros quando se instalavam nas trincheiras. A maioria dos soldados não quer combater, mas eles têm medo de desertar, porque acreditam nas histórias dos oficiais de que os russos vão torturá-los e fuzilá-los”.

Um dos maiores problemas dos exércitos aliados era a confusão. As unidades da linha de frente vinham sendo contínuas vezes atingidas por granadas ou bombardeadas pelos próprios aliados. “Deus nos ajude a tornar esta batalha curta”, escreveu o cabo Balogh. “Todo mundo está nos bombardeando e atirando granadas.” Menos de uma semana depois, ele escreveu: “Oh, meu Deus, acabe logo com esta guerra terrível. Se tivermos de participar dela por muito mais tempo, nossos nervos vão arrebentar (...) Será que jamais vamos ter de novo um domingo agradável em casa? Será que teremos mais uma vez a oportunidade de nos encostarmos em nossos portões? Será que ainda se lembrarão de nós em casa?” O moral ficou tão baixo que as autoridades militares húngaras proibiram os soldados de escrever para casa, para que isso não levasse a uma grave agitação em Budapeste. Mesmo o suborno deixou de funcionar. Antes do ataque seguinte, os soldados eram encorajados “com as melhores iguarias possíveis – barras de chocolate, compotas, toucinho, açúcar e *goulash*”, mas a maioria sofria uma terrível dor de barriga depois, porque “um homem não está acostumado a esse tipo de comida”.

“Os russos têm admiráveis atiradores de elite”, escreveu Balogh em 15 de setembro. “Deus, não me deixe ser alvo deles. Temos enfrentado as melhores unidades russas”,

acrescentou o mal-informado cabo, “fuzileiros siberianos sob o comando de Timoshenko. Sentimos frio, mas ainda não é inverno. Que acontecerá no inverno, se nos deixarem aqui? Ajude-nos, Virgem Santíssima, a voltar para casa.” A anotação do dia seguinte – outra súplica a “Deus e à Virgem Santíssima” – foi a derradeira. O diário de Balogh, retirado do seu corpo perto da margem do Don, foi traduzido para o russo alguns dias depois no quartel-general da Frente Sudoeste do general Vatutin e enviado a Moscou.

O oitavo Exército italiano, que ocupava o flanco do Don entre os húngaros e o Terceiro Exército romeno, causou preocupação aos alemães desde fins de agosto. O quartel-general do Führer foi obrigado a concordar que se devia usar o XXIX Corpo do Exército para reforçar a defesa italiana. Seu estado-maior distribuiu o seguinte conselho aos oficiais de ligação: “Vocês devem tratá-los com polidez, e é necessária uma compreensão política e psicológica (...) O clima e o ambiente da Itália fazem o soldado italiano ser diferente do alemão. Por um lado, eles se cansam com mais facilidade, e por outro, são mais exuberantes. Não se mostrem superiores aos nossos aliados italianos que vieram para cá, destemidos, em condições árduas e desconhecidas, para nos ajudar. Não os chamem de nomes grosseiros e não sejam ásperos com eles.” A compreensão pouco contribuiu para mudar a manifesta falta de entusiasmo dos italianos pela guerra. Um sargento, ao ser perguntado por um intérprete soviético por que todo o seu batalhão se entregara sem disparar um único tiro, respondeu com perfeita lógica civil. “Não revidamos os disparos porque achamos que isso seria um erro.”

O Sexto Exército, numa demonstração de coalizão anticomintern, tinha até uma unidade aliada em forma do 369º Regimento croata vinculado à 100ª Divisão Jäger austríaca. Em 24 de setembro, o Poglavnik da Croácia, Dr.

Ante Pavelic, chegou por ar para inspecionar suas tropas e presenteá-las com medalhas. Foi recebido pelo general Paulus e uma guarda de honra fornecida pelas tropas de terra da Luftwaffe.

Em termos estratégicos, as mais importantes formações aliadas eram os dois exércitos romenos em cada flanco do Sexto Exército de Paulus. Estavam mal em equipamentos e em número de combatentes. O regime romeno, sob pressão de Hitler para fornecer mais tropas, recrutara mais de 2 mil condenados civis sentenciados por estupro, pilhagem e assassinato. Metade deles foi mandada para o Batalhão Penal Especial 991, mas tantos desertaram no primeiro envolvimento com o inimigo que a unidade foi dispersada, e os restantes transferidos para a Quinta Divisão de Infantaria na Frente do Don, defronte de Serafimovich.

Os oficiais romenos parecem ter ficado extraordinariamente paranoicos com a infiltração inimiga em sua retaguarda. As epidemias de disenteria eram vistas com desconfiança. “Agentes russos”, declarava uma circular de advertência da Primeira Divisão de Infantaria romena, “têm posto em prática envenenamentos em massa na retaguarda entre nossas tropas. Usam arsênico, do qual um grama basta para matar dez pessoas.” O suposto veneno era escondido em caixas de fósforos, e os “agentes russos” foram identificados como “mulheres, cozinheiros e ajudantes relacionados com o fornecimento de comida”.

Alemães de todos os escalões que entraram em contato com seus aliados muitas vezes ficavam desanimados com a maneira como os oficiais romenos tratavam seus homens. Tinham uma atitude de “senhores e vassalos”. Um conde austríaco, o tenente Graf Stolberg, relatou: “Acima de tudo, os oficiais não eram nada bons (...) não tinham o menor interesse pelos seus homens.” Um cabo sapador da 305ª Divisão de Infantaria reparou que as cozinhas de campanha romenas preparavam três grupos de refeições – “um para os

oficiais, um para os sargentos e um para os soldados, que só tinham um pouco para comer”.

As relações entre os dois aliados eram expressas em frequentes brigas. “Para evitar futuros incidentes e mal-entendidos lamentáveis entre soldados alemães e romenos, cuja amizade é selada com derramamento de sangue na causa comum no campo de batalha”, o comandante-em-chefe do Terceiro Exército romeno recomendava a organização de “visitas, jantares, festas, pequenos banquetes e assim por diante, para que as unidades romenas e alemãs estabeleçam um elo espiritual mais íntimo”.

Durante o início do outono de 1942, as autoridades do serviço secreto do Exército Vermelho tinham apenas uma vaga ideia da dependência da Wehrmacht dos “Hiwis” – diminutivo para “Hilfswillige” ou ajudante voluntário. Embora alguns fossem voluntários autênticos, a maioria era de prisioneiros soviéticos de guerra, recrutados de campos para compensar faltas de efetivo humano, sobretudo como trabalhadores braçais, mas cada vez mais constantes em funções de combate.

O coronel Groscurth, chefe do estado-maior do 11º Corpo do Exército na maior curva do Don, observou numa carta ao general Beck: “É perturbador que sejamos obrigados a reforçar nossas tropas de combate com prisioneiros de guerra russos, que já estão sendo transformados em atiradores. É um estranho estado de coisas o fato de as ‘feras’ contra as quais temos lutado estarem agora vivendo conosco na mais íntima harmonia.” O Sexto Exército tinha mais de 50 mil auxiliares russos vinculados às suas divisões da linha de frente, representando mais de um quarto de sua força militar. As 71ª e 76ª divisões de infantaria tinham mais de 8 mil “Hiwis” cada, aproximadamente o mesmo número de homens, como sua força militar total alemã em meados

de novembro. (Não há nenhuma estimativa do número de Hiwis vinculados ao resto do Sexto Exército e outras formações subsidiárias, que, segundo algumas avaliações, elevariam o total para 70 mil.)

- Os russos no Exército alemão podem ser divididos em três categorias - disse um Hiwi capturado ao seu inquisidor do NKVD. - Primeira, os soldados mobilizados por tropas alemãs, as chamadas seções cossacas vinculadas às divisões alemãs. Segunda, a de Hilfswillige formada pela população local ou prisioneiros russos que se oferecem como voluntários, ou os soldados do Exército Vermelho que desertam para se juntar aos alemães. Esta categoria usa uniforme completo alemão, com seus próprios escalões e insígnias. Eles comem como soldados alemães e são vinculados a regimentos alemães. Terceira, a dos prisioneiros russos que fazem o trabalho sujo, cozinha, faxina nas baías e assim por diante. Essas três categorias são tratadas de diferentes maneiras, com o melhor tratamento, claro, reservado aos voluntários. Os soldados subalternos nos tratavam bem, mas o pior tratamento vinha dos oficiais e dos suboficiais de uma divisão austríaca.

Esse Hiwi em particular fora um dos onze prisioneiros russos levados do campo em Novo-Aleksandrovsk, em fins de novembro de 1941, para trabalhar no Exército alemão. Oito foram fuzilados quando desmaiaram de fome na marcha. Esse sobrevivente era vinculado a uma cozinha de campanha de um regimento de infantaria, onde descascava batatas. Depois foi transferido para cuidar de cavalos. Muitas das chamadas unidades cossacas formadas para repressão *antipartisan* e na área da retaguarda, por ele mencionadas, tinham uma alta proporção de ucranianos e russos. Hitler detestava a ideia de escravos *Untermensch* em uniformes alemães, por isso eles tiveram de ser redefinidos como cossacos, considerados aceitáveis em termos raciais. Isso refletia a divergência fundamental entre a hierarquia nazista, obcecada com a total subjugação dos

eslavos, e os oficiais do exército profissional, que acreditavam que sua única esperança era agir como os libertadores da Rússia do comunismo. Já no outono de 1941, o serviço secreto do Exército alemão chegara à conclusão de que a Wehrmacht talvez não conseguisse vencer na Rússia, a não ser que transformasse a invasão numa outra guerra civil.

Os Hiwis do campo de prisioneiros induzidos por promessas a se oferecerem como voluntários logo foram enganados. Durante interrogatório, o desertor ruteno descreveu alguns Hiwis que conhecera quando saiu à procura de água na aldeia. Eram ucranianos que haviam desertado para os alemães, na esperança de voltarem para as famílias em casa.

- Acreditamos nos folhetos - disseram-lhe - e quisemos voltar para nossas mulheres.

Em vez disso, viram-se em uniforme alemão, sendo treinados por oficiais alemães. A disciplina era implacável. Eram fuzilados “pelo mínimo deslize”, como ficar para trás quando recebiam ordens de marcha. Logo seriam mandados para o *front*.

- Quer dizer que vocês vão matar seu próprio povo? - perguntou o ruteno.

- Que podemos fazer? - responderam. - Se fugirmos de volta para os russos, seremos tratados como traidores. E se nos recusarmos a combater, seremos fuzilados pelos alemães.

A maioria das unidades alemãs da linha de frente parece ter tratado bem seus Hiwis, embora com uma certa medida de desprezo afetivo. Um destacamento de canhões antitanque da 22ª Divisão de Panzers a oeste do Don costumava dar ao seu Hiwi, a quem chamavam, claro, de “Ivan”, um sobretudo e um fuzil para guardar o canhão antitanque quando iam até a aldeia local para um drinque, mas numa ocasião tiveram de voltar correndo para salvá-lo,

porque um grupo de soldados romenos, após descobrir a identidade dele, queria fuzilá-lo ali mesmo.

Para as autoridades soviéticas, a ideia de ex-soldados do Exército Vermelho servindo na Wehrmacht era profundamente perturbadora. Tiraram a conclusão precipitada de que os expurgos e o trabalho dos departamentos especiais não haviam sido nem de longe suficientes. O departamento político da Frente de Stalingrado e o NKVD ficaram obcecados com a utilização de Hiwis para se infiltrar e atacar as linhas soviéticas. “Em algumas partes do *front*”, informaram a Scherbakov, “têm havido casos de ex-russos que usam uniformes do Exército Vermelho e penetram em nossas posições com a finalidade de reconhecimento e capturam os oficiais e soldados presos para interrogatório”. No setor da 38ª Divisão de Fuzileiros (64º Exército), na noite de 22 de setembro, uma patrulha de reconhecimento soviético encontrou-se por acaso com uma patrulha alemã. Os soldados do Exército Vermelho informaram ao retornar que havia pelo menos um “ex-russo” com os alemães.

A expressão “ex-russo” iria servir como sentença de morte para centenas de milhares de homens no decorrer dos três anos seguintes, quando a SMERSH se concentrou na questão da traição, tão próxima ao coração de Stalin. Ao extirpar sumariamente a identidade nacional dos adversários e desertores, a União Soviética tentava eliminar qualquer insinuação de insatisfação na Grande Guerra Patriótica.

12

Fortalezas de escombros e ferro

“Stalingrado se tornará uma segunda Verdun?”, escreveu o coronel Groscurth em 4 de outubro. “É o que nos perguntamos com grande preocupação.” Após o discurso de Hitler no Berlin Sportpalast quatro dias antes, afirmando que ninguém jamais os deslocaria de sua posição no Volga, Groscurth e outros sentiram que, fossem quais fossem as consequências, não se daria permissão ao Sexto Exército para interromper aquela batalha. “Tornou-se até uma questão de prestígio entre Hitler e Stalin.”

O grande ataque alemão contra o distrito industrial no Norte de Stalingrado começara com êxito em 27 de setembro, mas ao aproximar-se do fim do segundo dia, as divisões alemãs sabiam que ainda tinham pela frente os combates mais árduos. O complexo da Outubro Vermelho e a fábrica de armas Barrikadi haviam se tornado fortalezas tão letais quanto as de Verdun. Mais perigosas ainda, porque os regimentos soviéticos se achavam muito bem escondidos.

Os oficiais da 308ª Divisão de Fuzileiros siberianos de Gurtiev, ao chegarem à fábrica Barrikadi e seus ramais ferroviários de manobra, absorveram “a sombria e altaneira imensidão das oficinas de reparos, os reluzentes trilhos molhados já atingidos em alguns pontos pela ferrugem, o caos dos vagões de fretes despedaçados, as pilhas de vigas mestras espalhadas em confusão sobre um pátio tão grande quanto uma praça de cidade, os montes de escória avermelhada e carvão, as poderosas chaminés perfuradas em muitos lugares por projéteis alemães”.

Gurtiev designou dois regimentos para defender a indústria e o terceiro para ocupar o flanco, que incluía a profunda ravina que se estendia ao longo do alojamento dos operários, já ardendo em chamas, até o Volga. Logo se tornou conhecida como a “Ravina da Morte”. Os siberianos não perderam tempo. “Em sinistro silêncio, cavaram a terra pedregosa com suas picaretas, abriram vãos de porta e

janela nas paredes das oficinas, modelaram abrigos, casamatas e comunicações de trincheira.” Um posto de comando foi instalado numa longa baia revestida de concreto nas laterais, que corria por baixo dos imensos galpões. Gurtiev era famoso como um treinador de soldados durão. Quando à espera na reserva a leste do Volga, fizera-os cavar trincheiras, depois trouxera tanques para passar por cima deles. “Passá-los a ferro”, era a melhor maneira de ensiná-los a cavar fundo.

Felizmente para os siberianos, suas trincheiras já estavam prontas quando os Stukas chegaram. Os “esganiçados” ou “músicos”, como chamavam os bombardeiros de mergulho com suas sirenes estridentes, causaram menos baixas que o normal. Os siberianos haviam mantido as trincheiras estreitas, para reduzir sua exposição aos fragmentos de bomba, mas as contínuas ondas de choque das explosões de bomba faziam a terra vibrar como em consequência de um terremoto e causavam uma dor nauseante no estômago. A pesada percussão deixou todos temporariamente surdos. Às vezes, as ondas de choque eram tão intensas que despedaçavam vidros e desajustavam a sintonia de aparelhos de rádio.

Esses ataques aéreos amaciadores, conhecidos como “inauguração da casa”, duraram a maior parte do dia. Na manhã seguinte, os terrenos da Barrikadi foram “atapetados” com bombardeios das esquadrilhas de Heinkel 111 e bombardeados mais uma vez por artilharia e morteiros. De repente, as armas alemãs cessaram fogo. Mesmo antes do aviso aos gritos, “Preparar-se!”, os siberianos aprontaram-se, sabendo plenamente bem o que a aflitiva calma anunciava. Momentos depois, ouviram o rangido triturrante e metálico de esteiras de tanque nos escombros.

A infantaria alemã descobriu no decorrer dos dias seguintes que a divisão de siberianos de Gurtiev não os esperara sentada. “Os russos fizeram ataques todo dia, ao

amanhecer e ao escurecer”, informou um sargento da 100ª Divisão Jäger. A política estarrecidamente perdulária de repetidos contra-ataques de Chuikov espantou os generais alemães, embora fossem obrigados a reconhecer que exaurira suas tropas. As mais bem-sucedidas medidas de defesa, contudo, foram os canhões pesados na margem oriental do Volga, assim que se coordenaram os planos de fogo.

Na metalúrgica Outubro Vermelho, destacamentos da 414ª Divisão Antitanque haviam escondido seus canhões de 45mm e 96mm nos escombros, usando protuberâncias de metal descartado como camuflagem e proteção. Achavam-se em posição de atirar de alcances curtos de até 150m ou menos. Por volta do amanhecer de 28 de setembro, dois regimentos da 193ª Divisão de Fuzileiros também haviam atravessado o Volga, e logo preparado posições. Sua “inauguração da casa” foi realizada por ataques em massa de Stukas no dia seguinte. O avanço alemão fez de mais reforços uma necessidade urgente. A 39ª Divisão de Fuzileiros do Corpo da Guarda recebeu ordens para fazer a travessia, embora estivesse reduzida a apenas um terço de sua força completa.

Os ataques alemães intensificaram-se outubro adentro, sobretudo quando reforçados pela 94ª Infantaria e a 14ª Divisão de Panzers, além de cinco batalhões de engenheiros de combate enviados especialmente para lá. Do lado soviético, as unidades encontravam-se fragmentadas e muitas vezes tiveram todas as comunicações avariadas, mas os indivíduos e grupos continuavam a combater sem ordens. No setor da Barrikadi, o sapador Kossichenko e um motorista de tanque não identificado, os dois com um braço estilhaçado, puxavam os pinos de granadas com os dentes. À noite, os sapadores avançavam correndo sem parar, levando consigo mais minas antitanque, duas de cada vez, “segurando-as debaixo das axilas como bisnagas de pão”, para enterrá-las nos escombros dos acessos próximos. Os

ataques alemães, escreveu Grossman, acabaram sendo neutralizados pela “tenaz e inflexível obstinação dos siberianos”. Um batalhão sapador, num único ataque desta vez, sofreu 40 por cento de baixas. O comandante retornou da visita aos seus homens, impassível e calado.

As divisões de Chuikov estavam maltratadas, exaustas e com pouquíssima munição. Mesmo assim, em 5 de outubro, o general Golikov, vice-comandante de Ieremenko, atravessou o rio para transmitir a ordem de Stalin de que a cidade fosse defendida, e as partes ocupadas pelos alemães, recapturadas. Ele desconsiderou uma instrução impossível, pois sabia que a única chance de resistir dependia de maciços bombardeios de artilharia do outro lado do rio. Os alemães logo tornaram irrelevantes as exortações de Ieremenko. Após um dia de relativa tranquilidade em 6 de outubro, lançaram um intenso ataque com a 14ª Divisão de Panzers pelo sudoeste e a 60ª Divisão de Panzers Motorizada pelo oeste. Um dos batalhões da 60ª foi praticamente destruído por salvas de *Katiushas* disparadas do alcance máximo. Obteve-se essa elevação extra apoiando-se os caminhões do lançador de modo que as rodas traseiras pairassem sobre a inclinada margem do Volga. Enquanto isso, parte da 16ª Divisão de Panzers atacava o subúrbio industrial de Spartakovka, rechaçando os remanescentes da 112ª Divisão de Fuzileiros e da 124ª Brigada Especial. O exército de Chuikov, agora limitado a uma área drasticamente reduzida ao longo da margem ocidental do Volga, sentiu que estava sendo implacavelmente rechaçado para dentro do rio.

As travessias do Volga tornaram-se cada vez mais vulneráveis com a drástica redução do perímetro do 62º Exército. As baterias alemãs e mesmo as metralhadoras miravam nos pontos de desembarque. Um batalhão dos barqueiros de Iaroslavl construía uma estreita ponte

flutuante da ilha Zaitsevski até a margem ocidental. Isso permitiu a travessia durante a escuridão de uma constante corrente de transportadores, semelhante a formigas, com rações e munições. Seu pequeno tamanho reduzia o alvo, mas para os que trilhavam o caminho das pranchas em movimento contínuo, as granadas que explodiam nos dois lados do rio tornavam cada jornada apavorante. Os cargueiros ainda eram necessários para artigos maiores e mais pesados, além de evacuar os feridos. Os tanques de substituição eram transportados por barcas. “Assim que cai o crepúsculo”, escreveu Grossman, “os homens responsáveis pela travessia do rio saem de seus refúgios subterrâneos, casamatas, trincheiras e abrigos escondidos.”

Próximo aos pontos de desembarque na margem oriental, havia padarias de campanha em casamatas, cozinhas subterrâneas, que forneciam comida quente em vasilhames térmicos, até mesmo casas de banho. Apesar desses confortos relativos, o regime na margem oriental era quase tão severo quanto na própria cidade. Os cargueiros e suas tripulações, recrutados para a 71ª Companhia de Serviço Especial, ficaram diretamente sob o novo comandante do NKVD, general de divisão Rogatin, que também comandava o escritório militar do Distrito do Rio.

Os índices de baixas entre as tripulações de barcos fluviais emparelhavam-se com os dos batalhões da linha de frente. Por exemplo, o vapor *Lastochka* (“A Andorinha”), enquanto evacuava feridos, recebeu dez disparos diretos numa única travessia. Os membros sobreviventes da tripulação consertaram os buracos durante o dia e ficaram prontos para embarcar mais uma vez na noite seguinte. As perdas causadas por acidentes sob pressão também podiam ser pesadas. Em 6 de outubro, um barco sobrecarregado emborcou e 16 dos 21 homens se afogaram. Logo depois, outra embarcação encostou no escuro no lugar errado e 34 pessoas foram mortas num campo minado. Embora um pouco mais tarde do que convinha, o incidente incitou as

autoridades a “cercar os campos minados com arame farpado”.

A tensão do trabalho muitas vezes levava a uma farra etílica, se surgisse a oportunidade. Em 12 de outubro, quando tropas do NKVD à procura de desertores realizaram uma inspeção local em casas na aldeia ribeirinha de Tumak, depararam com uma “cena vergonhosa”. Um capitão, um comissário, um sargento de almoxarifado, um cabo da flotilha do Volga e o secretário local do Partido Comunista “havia ficado inconscientes depois de tanto se embriagar”, como dizia o relatório, e estavam deitados no chão, “em estado adormecido com mulheres”. Ainda nesse desamparado estado etílico, foram arrastados e levados perante “o chefe das tropas do NKVD em Stalingrado, general de divisão Rogatin”.

Também ocorriam escândalos ocasionais em terra. Em 11 de outubro, no calor do combate pela fábrica de tratores de Stalingrado, T-34s da 84ª Brigada de Tanques, com soldados da 37ª Divisão da Guarda de Fuzileiros agarrados às torres e aos conveses do motor, contra-atacaram a 14ª Divisão de Panzers no lado Sudoeste do parque industrial. As duas formações soviéticas eram recém-chegadas à margem ocidental. Um motorista de tanque, não vendo um buraco de cratera pelo visor de escotilha, caiu dentro dele. Segundo o relatório, “o comandante da companhia de infantaria, que estava embriagado”, se encolerizou com o tranco que receberam e pulou. “Correu direto para a frente do tanque, abriu a escotilha e disparou dois tiros, matando o motorista.”

Naquela segunda semana de outubro, fez-se uma calmaria no combate. Chuikov desconfiou, corretamente, de que os alemães preparavam um ataque ainda maior, na certa com reforços.

Paulus sofria tanta pressão de Hitler quanto Chuikov de Stalin. Em 8 de outubro, o Grupo B do Exército, por ordens do quartel-general do Führer, instruíra o Sexto Exército a preparar outra importante ofensiva contra o Norte de Stalingrado, a começar, no mais tardar, em 14 de outubro. Paulus e o estado-maior do seu quartel-general ficaram desanimados com as perdas sofridas. Um dos oficiais anotou em seu diário que a 94ª Divisão de Infantaria reduzira-se a 535 soldados de linha de frente, “o que significa uma média de força de combate por batalhão de infantaria de três oficiais, 11 sargentos e 62 homens”! Também descreveu a 76ª Divisão de Infantaria como “eliminada de combate”. Só a 305ª, recrutada das margens do lago Constance, poderia ser poupada no Sexto Exército para fortalecer as formações já envolvidas.

Os alemães, com insultos aos gritos e folhetos informativos, não fizeram segredo algum dos seus preparativos. A única questão era o objetivo preciso. As companhias de reconhecimento das divisões soviéticas saíam toda noite para capturar o máximo de “línguas” possível. Desafortunados sentinelas ou transportadores de ração eram arrastados para interrogatório intensivo, e os prisioneiros, em geral por puro terror após toda a propaganda nazista sobre os métodos bolchevistas, estavam mais que dispostos a falar. A seção do serviço secreto do quartel-general do 62º Exército logo concluiu, a partir de uma combinação de fontes, que a principal investida seria dirigida contra a fábrica de tratores. Os operários restantes ali e na Barrikadi, que haviam ficado consertando tanques e canhões antitanque durante todo o combate, foram mobilizados nos batalhões da linha de frente ou, no caso dos especialistas, evacuados pelo Volga.

Felizmente para o 62º Exército, sua análise das informações do serviço secreto revelou-se correta. Os objetivos alemães eram desobstruir a fábrica de tratores e o complexo de tijolos no seu lado Sul, depois avançar para a

margem do Volga. A arriscada decisão de Chuikov de levar regimentos do Mamaev Kurgan para os setores do Norte compensou. Contudo, ele ficou horrorizado ao saber que a *Stavka* diminuía a distribuição de munição de artilharia da Frente de Stalingrado. Era a primeira indicação de que se preparava um importante contra-ataque. Stalingrado, ele se dava conta, de repente e com emoções contraditórias, agora representava a isca numa enorme armadilha.

Às 6 horas da manhã da segunda-feira, 14 de outubro, começou a ofensiva do Sexto Exército numa linha de frente estreita, usando todos os Stukas disponíveis da Quarta Frota Aérea do general von Richthofen. “Todo o céu ficou coalhado de aviões”, escreveu um soldado da 389ª Divisão de Infantaria à espera de ir para o ataque, “cada canhão antiaéreo disparando, bombas caindo estrondosas, aeronaves se espatifando, uma enorme obra teatral que acompanhávamos das nossas trincheiras com sentimentos muito contraditórios.” A artilharia e o fogo de morteiro alemães despedaçavam-se em abrigos subterrâneos, e os projéteis de fósforo ateavam fogo em qualquer remanescente de material combustível.

“O combate assumiu proporções monstruosas, além de toda possibilidade de avaliação”, escreveu um dos oficiais de Chuikov. “Os homens nas trincheiras de comunicação tropeçavam e caíam como num convés de navio durante uma tempestade.” Os comissários sentiam visivelmente uma urgência de tornar-se poéticos. “Aqueles entre nós que viram o céu escuro de Stalingrado naqueles dias”, escreveu Dobronin a Scherbakov em Moscou, “jamais o esquecerão. É ameaçador e severo, com chamas purpúreas lambendo o céu.”

A batalha começou pelo sudoeste, com o principal ataque à fábrica de tratores. Ao meio-dia, parte do 14º Corpo de Panzers, que avançava pelo norte, recomeçou sua ofensiva.

Chuikov não hesitou. Empenhou sua principal força blindada, a 84ª Brigada de Tanques, contra o importante ataque de três divisões de infantaria, que tinha como ponta de lança a 14ª Divisão de Panzers. “Nosso apoio de armas pesadas foi singularmente forte”, escreveu um oficial subalterno da 305ª Divisão de Infantaria. “Várias baterias de Nebelwerfer, ataques em vaivém de bombardeiros e de canhões autopropulsionados de Stukas, em quantidades jamais vistas antes, bombardearam os russos que, em seu fanatismo, ofereceram uma tremenda resistência.”

“Foi uma batalha terrível, exaustiva”, escreveu um oficial da 14ª Divisão de Panzers, “no terreno e abaixo dele, nas ruínas, porões e esgotos da fábrica. Os tanques escalavam montes de escombros e ferro-velho, arrastavam-se guinchando pelas oficinas caoticamente destruídas e disparavam a pouca distância em pátios estreitos. Muitos dos tanques sacudiam ou rebentavam com a força de uma mina inimiga explodindo.” Granadas atingindo sólidas instalações de ferro nas oficinas da fábrica produziam chuvas de centelhas visíveis em meio à poeira e à fumaça.

A vitalidade dos soldados soviéticos era de fato incrível, mas eles simplesmente não aguentaram a força no ponto central do ataque. Durante a primeira manhã, os Panzers alemães romperam a linha de defesa, isolando a 37ª Guarda de Fuzileiros e a 112ª Divisão de Fuzileiros de Joludev. O general Joludev foi enterrado vivo em sua casamata por uma explosão, sina comum durante aquele dia terrível. Os soldados o desenterraram e levaram para o quartel-general do exército. Outros pegaram as armas dos mortos e combateram. Os Panzers alemães cobertos de poeira espatifaram-se contra imensos galpões da fábrica de tratores, como monstros pré-históricos, borrifando fogo de metralhadoras por toda a volta e triturando as lascas de vidros das claraboias debaixo de suas esteiras. Durante o combate a pouca distância que se seguiu, não havia mais linhas de frente definidas. Os grupos dos homens da guarda

de Joludev já ultrapassados de repente atacaram como se viessem do nada. Nessas condições, um sensato oficial alemão instalou seu posto de socorro dentro de um alto-forno de fundição.

No segundo dia da ofensiva, 15 de outubro, o quartel-general do Sexto Exército sentiu-se em condições de informar: “A parte principal da fábrica de tratores está em nossas mãos. Restam apenas alguns bolsões de resistência atrás do nosso *front*.” A 305ª Divisão de Infantaria também empurrou os russos para trás das linhas ferroviárias na fábrica de alvenaria de tijolos. Naquela noite, após a ruptura do cinturão de defesa pela 14ª Divisão de Panzers na indústria de tratores, seu 103º Regimento de Granadeiros de Panzer penetrou com ousadia até a margem do Volga, próximo aos tanques de petróleo, surrado pela infantaria soviética que o atacava dos barrancos. Felizmente para o 62º Exército, Chuikov fora convencido a mudar seu quartel-general, pois as comunicações estavam muito ruins. O combate dificilmente teria afrouxado. A 84ª Brigada de Tanques afirmou ter destruído “mais de trinta tanques médios e pesados dos fascistas” para a perda de 18 deles. As perdas humanas da brigada “ainda estavam sendo calculadas” quando o comunicado chegou, dois dias depois. Embora a cifra dos tanques alemães fosse certamente otimista, os comandantes subalternos da brigada demonstraram inspiradora coragem naquele dia.

O comissário de um regimento de artilharia ligeira, Babachenko, foi transformado em herói da União Soviética por sua bravura quando uma bateria foi isolada. A mensagem de despedida radiofônica dos defensores recebida no quartel-general dizia: “Canhões destruídos. Bateria rendida. Combateremos e não nos entregaremos. Nossas melhores lembranças a todos.” Contudo, usando granadas, fuzis e submetralhadoras, os fuzileiros romperam o cerco inimigo e fizeram uma nova posição, ajudando a restaurar a linha de defesa do setor.

Houve inúmeros casos de bravura não celebrada de soldados rasos - “verdadeiro heroísmo em massa”, como disseram os comissários. Também houve incidentes de bravura individual comemorados com alarido, como o do comandante de uma companhia da 37ª Divisão da Guarda de Fuzileiros, tenente Gonichar, que com uma metralhadora capturada e apenas quatro homens conseguiu dispersar uma força alemã atacante num momento crítico. Ninguém soube quantos soldados do Exército Vermelho morreram naquele dia, mas 3,5 mil feridos foram levados de volta pelo Volga naquela mesma noite. Os sobrecarregados enfermeiros sofreram tantas baixas que muitos dos feridos rastejaram sozinhos até a margem do rio.

Os comandantes alemães na estepe pediam notícias constantes do progresso na cidade. “Paredes da fábrica, linhas de montagem em série, toda a superestrutura desmorona sob a tempestade de bombas”, escreveu o general Strecker a um amigo, “mas o inimigo simplesmente reaparece e utiliza essas ruínas para fortificar suas posições defensivas.” Alguns batalhões alemães reduziram-se a cinquenta homens. Enviavam os corpos dos camaradas de volta à noite para serem enterrados. Inevitavelmente, manifestou-se um certo cinismo nas fileiras alemãs sobre sua liderança. “Nosso general”, escreveu para casa um soldado da 389ª Divisão de Infantaria, “Jeneke [Jaenecke], como é chamado, recebeu a Cruz de Cavaleiro anteontem. Agora ele alcançou seu objetivo.”

Durante os seis dias de combate desde 14 de outubro, a Luftwaffe manteve postos de força aérea atacando travessias de rio e tropas. Raro era o momento em que não se ouviam aeronaves alemãs sobrevoando. “A ajuda da nossa força de caças é necessária”, observou o departamento político da Frente de Stalingrado numa crítica em código à aviação do Exército Vermelho transmitida a

Moscou. Na verdade, o Oitavo Exército Aéreo estava reduzido a menos de 200 aparelhos de todos os tipos, dos quais apenas uma dezena era de caças. Mas mesmo os pilotos da Luftwaffe compartilhavam a desconfiança cada vez maior das tropas de terra de que os defensores russos de Stalingrado talvez acabassem se revelando invencíveis. “Não entendo”, escreveu um deles para casa, “como homens podem sobreviver a tamanho inferno, mas os russos continuam cravados nas ruínas, buracos e porões e no caos de esqueletos de aço que eram fábricas.” Esses pilotos também sabiam que sua eficácia logo diminuiria quando as horas da luz do dia encurtassem e a temperatura deteriorasse.

A bem-sucedida investida alemã até o Volga logo abaixo da fábrica de tratores de Stalingrado isolou os remanescentes da 112ª Divisão de Fuzileiros e as brigadas de milícia que vinham enfrentando o 14º Corpo de Panzers ao norte e a oeste. Embora os fragmentos cercados da 37ª Divisão da Guarda de Fuzileiros de Joludev continuassem a combater na fábrica de tratores, os restos das outras formações eram espremidos em direção ao sul. A grande ameaça à sobrevivência do 62º Exército foi uma investida pela margem do rio abaixo, isolando da retaguarda a divisão de Gorishni.

O novo quartel-general de Chuikov vivia em constante perigo. Seu grupo de defesa era muitas vezes lançado ao combate. Como o 62º Exército perdia com tanta frequência as comunicações, Chuikov pediu permissão para que um grupo do quartel-general da retaguarda pudesse atravessar para a margem esquerda, enquanto um grupo de vanguarda, incluindo todo o conselho militar, permaneceria na margem oriental. Ieremenko e Kruchov, mais do que conhecedores da reação de Stalin, recusaram de pronto.

Também em 16 de outubro, os alemães forçaram o avanço da fábrica de tratores em direção às fortificações da Barrikadi, mas a combinação de tanques russos enterrados nos escombros e as estrondosas salvas dos foguetes *Katiusha* lançadas da margem do rio suspenderam seus ataques. Naquela noite, o resto da 138ª Divisão de Fuzileiros de Liudnikov foi trazido pelo Volga. Ao avançarem em marcha após o desembarque, tiveram de desviar-se de “centenas de feridos rastejando para a plataforma de desembarque”. As tropas recém-chegadas foram lançadas numa linha oblíqua de defesa logo acima da fábrica Barrikadi.

O general Ieremenko também atravessou o rio naquela noite para avaliar em pessoa a situação. Apoiando-se pesadamente numa bengala após os ferimentos no ano anterior, subiu claudicando pela margem até as casamatas superlotadas do quartel-general do 62º Exército. As crateras e as vigas de madeira esmagadas das trincheiras subterrâneas que haviam recebido disparos diretos deixavam pouco à imaginação. Objetos e indivíduos estavam cobertos de poeira e cinzas. O general Joludev irrompeu em lágrimas ao contar a destruição de sua divisão na fábrica de tratores. Mas no dia seguinte, após o retorno de Ieremenko, o quartel-general do *front* teve de informar a Chuikov que teriam uma quantidade ainda menor de munição.

Depois que os alemães isolaram as forças soviéticas ao norte da fábrica de tratores de Stalingrado, na noite de 15 de outubro, Chuikov recebeu poucas notícias encorajadoras delas, apenas “muitas requisições” do quartel-general da 112ª Divisão de Fuzileiros e da 124ª Brigada Especial, pedindo permissão para retirar-se pelo Volga. Parece que os dois quartéis-generais forneceram “informação falsa”, afirmando que seus regimentos haviam sido praticamente

liquidados. Esse pedido para retirar-se, equivalente à traição após a ordem de Stalin, foi rejeitado. Durante uma calmaria no combate vários dias depois, Chuikov enviou o coronel Kaminin ao enclave para inspecionar o estado dos seus regimentos. Ele descobriu que a 112ª Divisão de Fuzileiros ainda tinha 598 homens e a 115ª Brigada Especial, 890. O comissário superior, segundo o relatório, “em vez de organizar uma defesa ativa (...) não saiu de sua casamata e tentou, tomado de pânico, convencer o comandante a retirar-se pelo Volga”. Por “sua traição à defesa de Stalingrado” e “excepcional covardia”, os oficiais superiores e os comissários depois foram levados à corte marcial e julgados pelo Conselho Militar do 62º Exército. Seu destino não está registrado, mas devem ter esperado pouca misericórdia de Chuikov.

Ofensivas diversionárias foram montadas em 19 de outubro pela Frente do Don em direção ao noroeste e pelo 64º Exército ao sul. Esses esforços aliviaram a pressão do 62º Exército apenas durante alguns dias, mas a pausa para tomar fôlego permitiu que os fragmentados regimentos fossem conduzidos de volta pelo Volga para reformá-los com reforços. A ajuda espiritual veio de forma estranha. Circularam rumores de que o próprio camarada Stalin fora visto na cidade. Um velho bolchevista que combatera no cerco do Tsaritsin chegou a afirmar que o Grande Líder aparecera em seu antigo quartel-general. Essa visita, que lembrava a miraculosa aparição de São Tiago para o Exército espanhol quando combatia com os mouros, não tinha absolutamente nenhum fundamento de verdade.

Um destacado civil, contudo, achava-se particularmente ansioso por visitar a margem ocidental nessa época. Era Dmitri Manuilski, o veterano do Comintern, responsável pelos assuntos alemães, que fizera uma malograda tentativa com Karl Radek para desencadear uma segunda revolução alemã em outubro de 1923, antes de Lenin finalmente expirar. Fora depois o ucraniano em grande

parte responsável pela devastação da Ucrânia de Stalin, em 1933. Manuiski tinha um interesse especial que se manifestaria mais tarde, porém Chuikov recusou-lhe, categórico, os pedidos para visitar a margem oriental.

Em Berlim, o ânimo de Goebbels mais uma vez vacilava entre a convicção de que a queda de Stalingrado era iminente – deu ordens em 19 de outubro para que todos os receptores da Cruz de Cavaleiro fossem levados à Alemanha para coletivas de imprensa – e momentos de cautela. Com a preocupação de que o povo alemão estivesse decepcionado com o lento progresso, achou que deviam ser lembrados da grande distância que os alemães haviam avançado em apenas um ano e quatro meses. Deu ordens para que se pusessem cartazes nas cidades alemãs mostrando a distância até Stalingrado. Três dias depois, outra ordem mandava evitar a todo custo nomes como Outubro Vermelho e Barricada Vermelha ao noticiar o duro combate, para não encorajar “círculos infestados de comunistas”.

Durante as imensas batalhas pelo setor industrial no Norte da cidade, continuara nos distritos centrais o combate de casa em casa, com ataques e contra-ataques locais. Um dos mais famosos episódios da batalha de Stalingrado foi a defesa da “casa de Pavlov”, que durou 58 dias.

Em fins de setembro, um batalhão do 42º Regimento da Guarda capturara um prédio de quatro andares dando para uma praça, a uns 300 metros do topo da margem do rio. Seu comandante, o tenente Afanasev, ficou cego no início do combate, e por isso o sargento Jakob Pavlov assumiu o comando. Descobriram vários civis no porão em que ficaram durante toda a batalha. Um deles, Maria Ulianova, teve ativa participação na defesa. Os homens de Pavlov demoliram paredes do porão para melhorar as comunicações e abriram buracos em algumas para criar melhores pontos de disparo para suas metralhadoras e fuzis

antitanque de cano longo. Sempre que os Panzers se aproximavam, os homens de Pavlov se dispersavam para o porão ou para o andar mais alto, de onde tinham condições de envolvê-los em combates bem de perto. As guarnições de Panzers não podiam erguer seu principal armamento o suficiente para revidar os disparos. Chuikov mais tarde gostava de frisar que os homens de Pavlov mataram mais inimigos do que os alemães perderam na captura de Paris. (Jakob Pavlov, feito herói da União Soviética, tornou-se depois o Arquimandrita Kirill no mosteiro em Sergievo - antiga Zagorsk - onde atraiu um enorme séquito dos fiéis que nada tinham a ver com sua fama de Stalingrado. Hoje ele está muito frágil.)

Outra história, mais uma vinheta compilada das cartas, referia-se ao tenente Charnosov, observador de artilharia do 384º Regimento de Artilharia. Seu posto de observação ficava em cima de um prédio destruído por granadas, de onde mandava disparar o fogo de artilharia. Sua última carta escrita à esposa dizia: “Olá, Shura! Mando beijos para nossos dois passarinhos, Slavik e Lidusia. Estou bem de saúde. Fui ferido duas vezes, mas são só arranhões e assim continuo conseguindo dirigir muito bem minha bateria. Chegou a hora de combate cerrado pela cidade do nosso amado líder, a cidade de Stalin. Durante esses dias de combate duro, vingo minha amada terra natal de Smolensk, mas à noite desço para o porão onde duas crianças de cabelos louros se sentam no meu colo. Elas me fazem lembrar de Slavik e Lida.” No seu corpo, encontrou-se a carta anterior da esposa. “Fico muito feliz que esteja combatendo tão bem”, escrevera ela, “e que lhe tenham concedido uma medalha. Combata até a última gota de sangue e não deixe que o capturem, porque o campo de prisioneiros é pior que a morte.”

Essa troca de cartas foi vista como exemplar e também como típica do momento. Talvez sejam mesmo autênticas, mas, como muitas outras, revelam apenas uma verdade

parcial. Quando os soldados se sentavam a um canto de trincheira ou de porão mal-iluminado a fim de escrever para casa, muitas vezes tinham dificuldades de expressar-se. A única folha, que depois seria dobrada num triângulo como um barco de papel, pois não havia envelopes, parecia ao mesmo tempo grande e pequena demais para suas finalidades. A carta resultante limitava-se, em consequência, a três temas principais: perguntas sobre a família em casa, tranquilização (“Estou me saindo muito bem – continuo vivo”) e preocupação com a batalha (“Estamos constantemente destruindo o efetivo e equipamento deles. Dia ou noite, não os deixamos em paz”). Os soldados do Exército Vermelho em Stalingrado tinham muita consciência de que os olhos de toda a nação fixavam-se neles, mas muitos talvez tenham feito suas cartas sob medida, porque sabiam que os departamentos especiais censuravam a correspondência com todo o cuidado.

Mesmo quando queriam fugir ao escrever para a esposa ou namorada, a batalha permanecia sempre com eles, em parte porque o valor de um homem era definido pela opinião dos camaradas e do comandante. “Maria”, escreveu um tal Kolia, “acho que se lembrará da nossa última noite juntos. Porque agora, neste minuto, faz um ano exato que nos separamos. E para mim foi muito difícil dizer adeus a você. É muito triste, mas tivemos de nos separar porque era a ordem da Pátria. Estamos cumprindo essa ordem da melhor forma possível. A Pátria exige de todos nós que defendamos essa cidade, que resistamos até o fim. E vamos cumprir esta ordem.”

A maioria dos soldados russos parece ter subordinado os sentimentos pessoais à causa da Grande Guerra Patriótica. Talvez sentissem mais medo do censor do que os alemães; e houvessem sofrido com mais eficácia uma lavagem cerebral pelo regime stalinista, e, no entanto, deparamos com o conceito de autossacrifício como muito mais que um

slogan ideológico. Parece uma compulsão moral, quase atávica, diante do invasor. “As pessoas poderiam me reprovar”, escreveu um tenente do Exército Vermelho em Stalingrado à noiva de algumas semanas, “se lessem esta carta sobre o motivo pelo qual estou combatendo por você. Mas não sei distinguir onde termina você e onde começa a Pátria. Você e ela são a mesma coisa para mim.”

Um estudo comparativo de cartas para casa, escritas por oficiais e soldados dos dois lados, é muito ilustrativo. Em muitas das cartas dos alemães em Stalingrado nessa época, com frequência há um tom ressentido, desiludido, até mesmo descrente sobre o que acontecia, como se aquela não fosse mais a mesma guerra na qual haviam entrado. “Muitas vezes me pergunto”, escreveu um tenente alemão à esposa, “para que todo este sofrimento. Será que a humanidade enlouqueceu? Este tempo terrível marcará muitos de nós para sempre.” E apesar da propaganda otimista de vitória iminente em casa, muitas mulheres pressentiram a verdade: “Não paro de me preocupar. Sei que você está combatendo constantemente. Serei sempre sua esposa fiel. Minha vida pertence a você e ao nosso mundo.”

Também havia um número surpreendente de soldados russos insatisfeitos que ou esqueciam que suas cartas eram censuradas ou se achavam tão deprimidos que não se importavam mais. Muitos se queixavam das rações. “Tia Liuba”, escreveu um jovem soldado, “por favor, me mande alguma comida. Sinto vergonha de pedir a você, mas a fome me leva a fazer isso.” Muitos admitiam que estavam reduzidos a comer carniça, e outros disseram às famílias que os soldados adoeciam “por causa da comida ruim e das condições insalubres”. Um soldado sofrendo de disenteria escreveu: “Se continuar do jeito que está, será impossível evitar uma epidemia. Também temos piolhos, que é a primeira fonte de doença.” A previsão do soldado logo se revelou correta. No hospital 4169, soldados com tifo eram

imediatamente isolados. Os médicos achavam que “os feridos pegavam tifo de pessoas locais a caminho do hospital e a doença se propagava dali”.

Além das queixas sobre comida e condições ruins, fortes traços de derrotismo continuavam vindo à tona. Os comissários, sempre dispostos a saltar sobre suas próprias sombras na noite stalinista, ficaram visivelmente perturbados com os resultados da censura postal do NKVD. “Só no 62º Exército, na primeira metade de outubro, segredos militares foram divulgados em 12.747 cartas”, informou o departamento político a Moscou. “Algumas cartas contêm afirmações claramente antissoviéticas, louvando o exército fascista e não acreditando na vitória do Exército Vermelho.” Citaram alguns exemplos. “Centenas e milhares de pessoas morrem todo dia”, escreveu um soldado para a esposa. “Agora tudo está tão difícil que não vejo mais uma saída. Podemos considerar Stalingrado praticamente rendida.” Numa época em que a maioria dos civis russos vinha sobrevivendo com pouco mais que sopas feitas de urtiga e outras ervas, um soldado no 245º Regimento de Fuzileiros escreveu para a família. “Na retaguarda, eles devem gritar que tudo precisa ir para o *front*, mas no *front* não temos nada. A comida é péssima e pouca. As coisas que dizem não são a verdade.” De fato, qualquer forma de honestidade numa carta era fatal. Um tenente que escreveu que “o pessoal da força aérea alemã é muito bom (...) Nosso pessoal derruba apenas muito poucos deles” também foi identificado como traidor.

O perigo não estava só nos censores. Um ucraniano muito ingênuo de 18 anos, recrutado como reforço na divisão de Rodimtsev, disse aos colegas soldados que eles não deviam acreditar em tudo que lhes contavam sobre o inimigo: “No território ocupado, tenho um pai e uma irmã, e eles não matam nem roubam ninguém lá. Tratam as pessoas bem. Minha irmã tem trabalhado para os alemães.” Seus

camaradas prenderam-no ali mesmo. “A investigação está em andamento”, concluía a informação para Moscou.

Uma forma de repressão política no Exército Vermelho na verdade vinha relaxando nessa época. Stalin, numa deliberada política de levantar o moral, já anunciara a introdução de condecorações com um sabor decididamente reacionário, como as Ordens de Kutuzov e Suvorov. Mas sua reforma mais aberta, anunciada em 9 de outubro, foi o Decreto 307, que restabelecia o comando único. Os comissários foram rebaixados a uma função conselheira e “educacional”.

Os comissários ficaram estarelecidos ao descobrir o quanto os oficiais do Exército Vermelho os detestavam e desprezavam. Os oficiais dos regimentos da aviação foram mencionados como sendo particularmente ofensivos. O departamento político da Frente de Stalingrado deplorou a “atitude absolutamente incorreta” que surgira. Um comandante regimental disse ao seu comissário: “Sem a minha permissão, você não tem o direito de entrar e falar comigo.” Outros comissários descobriram seus “padrões de vida rebaixados”, pois eram “obrigados a comer com os soldados”. Mesmo tenentes subalternos ousaram observar que não viam por que os comissários deviam continuar a receber soldo de oficiais, “porque agora, que não são mais responsáveis por nada, vão ler o jornal e deitar-se”. Os departamentos políticos eram agora considerados um “apêndice desnecessário”. Dizer que os comissários estavam liquidados, escreveu Dobronin a Scherbakov numa clara tentativa de angariar apoio, era “uma afirmação contrarrevolucionária”. Dobronin já revelara seus próprios sentimentos quando, mais no início de outubro, informara, sem crítica, que um soldado dissera: “Eles inventaram as Ordens de Kutuzov e Suvorov. Agora também deviam criar

medalhas de São Nicolau e São Jorge, e isso será o fim da União Soviética.”

As principais condecorações comunistas – Herói da União Soviética, Ordem da Bandeira Vermelha, Ordem da Estrela Vermelha – continuavam sendo, claro, levadas muito a sério pelas autoridades políticas, embora a Estrela Vermelha se houvesse tornado uma espécie de ração stakhanovista, concedida a todo homem que destruísse um tanque alemão. Quando, na noite de 26 de outubro, o chefe do departamento do efetivo do 64º Exército perdeu uma mala contendo quarenta Ordens da Bandeira Vermelha, à espera de uma balsa para atravessar o Volga, seguiu-se uma terrível consternação. Era quase como se se houvessem perdido os planos de defesa para toda a Frente de Stalingrado. A mala acabou sendo reencontrada no dia seguinte, a 3,5 quilômetros. Só desaparecera uma medalha. É bem possível que tenha sido levada por um soldado que decidiu, talvez acalentando a ideia após alguns drinques, que seus esforços no *front* não haviam sido suficientemente reconhecidos. O chefe do departamento de efetivos foi posto perante um tribunal militar, acusado de “negligência criminosa”.

Os soldados, por outro lado, tinham uma atitude mais vigorosa para com esses símbolos de bravura. Quando um deles recebia uma condecoração, seus camaradas jogavam-na numa caneca de vodca, que ele depois era obrigado a beber, prendendo a medalha com os dentes ao esvaziar as últimas gotas.

De fato, as verdadeiras estrelas stakhanovistas do 62º Exército não eram os destruidores de tanques, mas os franco-atiradores. Lançou-se um novo culto de “franco-atiradorismo” e, com a aproximação do 25º aniversário da Revolução de Outubro, a propaganda que envolvia essa arte negra se tornou frenética, com “uma nova onda de

competição socialista pelo maior número de Fritz mortos”. Um “franco-atirador” ao alcançar quarenta mortes recebia a medalha “Por Bravura” e o título de “Nobre Franco-atirador”.

O mais famoso franco-atirador de todos, embora não o de maior contagem, foi Zaitsev da divisão de Batiuk que, durante as comemorações da Revolução de Outubro, elevou seu total de mortes para 149 alemães. (Ele prometera chegar a 150, mas faltou-lhe um.) O detentor do maior escore, identificado apenas como “Zikan”, matara 224 alemães por volta de 20 de novembro. Para o 62º Exército, o taciturno Zaitsev, pastor dos contrafortes dos Urais, representava muito mais do que qualquer herói esportista. A notícia de mais acréscimos à sua contagem passava de boca em boca ao longo do *front*.

Zaitsev, cujo nome em russo quer dizer lebre, foi encarregado de treinar jovens franco-atiradores, e seus alunos passaram a ser chamados de *zaichata*, ou “lebrinhas”. Isso assinalou o início do “movimento dos franco-atiradores” no 62º Exército. Organizaram-se conferências para a divulgação da “doutrina do franco-atiradorismo” e a troca de ideias sobre a técnica. As frentes do Don e do Sudoeste incentivaram o “movimento dos franco-atiradores” e produziram suas estrelas de tiros certos, como o sargento Passar, do 21º Exército. Orgulhosos sobretudo dos seus tiros na cabeça, creditaram-lhe 103 mortes.

Selecionaram-se dois destacados franco-atiradores não-russos para receber louvores: o ucraniano Kucherenko, com 19 alemães, e um uzbeque, da 169ª Divisão de Fuzileiros, que abateu cinco inimigos em três dias. No 64º Exército, o franco-atirador Kovbasa (palavra ucraniana para salsicha) trabalhava a partir de uma rede de pelo menos três trincheiras, uma para dormir e duas de tiro, todas interligadas. Além disso, cavava posições falsas num canto lateral defronte de pelotões vizinhos. Ali, instalava

bandeiras brancas presas a alavancas que acionava com cordas a distância. Orgulhoso, Kovbasa afirmava que assim que um alemão via uma de suas bandeirinhas tremulando, não se continha e erguia-se na trincheira para dar uma olhada melhor, gritando “*Rus, komm, komm!*”. Kovbasa então o acertava de lado. Danielov, da 161ª Divisão de Fuzileiros, também cavava uma trincheira falsa e modelava vultos de espantalhos com peças de equipamento do Exército Vermelho. Depois esperava surgirem soldados alemães inexperientes para atirar neles. Quatro caíram vítimas. O primeiro-sargento Dolimin, da 13ª Divisão da Guarda de Fuzileiros, instalada num sótão, eliminou, um por um, todos os membros das guarnições de uma metralhadora e de um tanque de campanha. Os alvos mais valorizados, contudo, continuaram sendo os olheiros da movimentação da artilharia alemã. “Durante dois dias, [o cabo Studentov] seguiu a pista de um oficial de observação e matou-o com o primeiro tiro.” Studentov jurou elevar para 170 seu score de 124 por ocasião do aniversário da Revolução.

Todos os franco-atiradores estrelas tinham técnicas e esconderijos preferidos próprios. O “Nobre Franco-atirador” Ilin, a quem se creditaram “118 Fritzes”, às vezes usava como esconderijo um velho barril ou um cano. Comissário de um regimento da Guarda de Fuzileiros do Exército Vermelho, Ilin trabalhava no setor da Outubro Vermelho.

– Os fascistas precisam conhecer a força de uma arma nas mãos dos super-homens soviéticos – proclamou ele, prometendo treinar mais dez franco-atiradores.

Algumas fontes soviéticas afirmam que os alemães mandaram buscar o chefe de sua escola de franco-atiradores para abater Zaitsev, mas este superou-o em astúcia. Consta que Zaitsev, após uma caçada de vários dias, localizou o esconderijo do alemão debaixo de uma lâmina de ferro corrugado e matou-o com um tiro. O visor telescópico do seu rifle de caça, supostamente o troféu mais

valorizado de Zaitsev, continua exposto no museu das forças armadas de Moscou, mas, em essência, essa dramática história continua não convincente. Vale observar que não há qualquer menção a ela em nenhum dos relatórios enviados a Scherbakov, embora quase todo aspecto do “franco-atiradorismo” fosse comunicado com júbilo.

Grossman estava fascinado com a personalidade e a vida dos franco-atiradores. Passou a conhecer bem Zaitsev e vários outros, entre eles Anatoli Chekov, que acompanhara o pai beerrão para trabalhar numa indústria química. Ele “aprendera os aspectos sombrios da vida” desde a infância, mas também descobrira o amor pela geografia, e agora, durante os longos dias em esconderijos esperando aparecer uma vítima, sonhava com diferentes partes do mundo. Chekov acabou se revelando um daqueles matadores espontaneamente talentosos gerados pelas guerras. Sobrepujara-se na escola de tiro a grande distância com fuzil de mira telescópica, e aos 20 anos, em Stalingrado, parecia não sentir medo algum – “como a águia jamais teme as alturas”. Possuía uma rara capacidade para camuflagem em esconderijos no topo de prédios altos. Para impedir que o clarão da boca denunciasse sua posição, Chekov improvisou um ocultador de *flash* para a ponta do cano e jamais atirava com luz ruim. Como precaução extra para reduzir a visibilidade do *flash*, tentava colocar-se diante de uma parede branca.

Um dia levou Grossman consigo. Os alvos mais fáceis e regulares eram os soldados que transportavam vasilhames de comida para as posições da linha de frente. Não levou muito tempo para surgir um homem da infantaria alemã com o rancho. Usando o visor telescópico, Chekov mirou 5 centímetros acima da ponta do nariz. O soldado alemão caiu para trás, largando o vasilhame com a comida. Chekov tremeu de emoção. Surgiu um segundo soldado. Chekov alvejou-o. Depois se aproximou um terceiro alemão

rastejando. “Três”, murmurou Chekov para si mesmo. A contagem total seria anotada mais tarde. A melhor fora de 17 mortes em dois dias. Atirar num homem que levava garrafas d’água era um bônus, observou, pois obrigava os outros a beberem água poluída. Grossman se perguntava se aquele rapaz, que sonhava com terras estrangeiras e “não machucaria sequer uma mosca”, não era “um santo da Guerra Patriótica”.⁶

O culto do franco-atirador produziu imitadores com diferentes armas. Manenkov, da 95ª Divisão de Fuzileiros, destacou-se com o fuzil (antitanque) PTR, longo e difícil de manejar. Tornou-se um Herói da União Soviética após destruir seis tanques no combate ao redor da fábrica de armas Barrikadi. Um certo tenente Vinogradov, da 149ª Divisão de Infantaria, ficou famoso como o melhor lançador de granadas. Quando foi isolado sem comida, junto com 26 homens durante três dias, a primeira mensagem que Vinogradov transmitiu foi um pedido de granadas, não de rações. Mais tarde, mesmo ferido e surdo, ele continuou sendo “o melhor caçador de Fritzes”. Certa vez conseguiu aproximar-se rastejando de um comandante de companhia alemão, matá-lo e tirar os documentos do cadáver.

Enquanto as divisões alemãs avançavam ao sul pela indústria de tratores em direção à linha de defesa da fábrica Barrikadi, Chuikov, na noite de 17 de outubro, mudou mais uma vez seu quartel-general. Acabou instalando-o na margem do rio, no mesmo nível que o do Mamaev Kurgan. No dia seguinte, uma força militar alemã atravessou a linha de defesa até o Volga, mas foi repelida num contra-ataque.

A única notícia tranquilizadora veio do coronel Kaminin, que fora enviado ao bolsão de resistência no Norte da indústria de tratores em Rinok e Spartakovka. A situação fora restaurada, e as tropas em geral combatiam com bravura. Contudo, ainda havia problemas com as brigadas

de milícia. Na noite de 25 de outubro, toda uma seção da 124ª Brigada Especial, “ex-operários da fábrica de tratores de Stalingrado”, pôs-se a atravessar para o lado dos alemães. Só um único sentinela se opusera à ideia, mas aceitara juntar-se a eles quando ameaçado. Na terra de ninguém, o sentinela fingiu que tinha um problema com um pano envolto no pé e parou. Aproveitou a oportunidade para fugir dos outros e voltou correndo para as linhas russas. Os desertores atiraram nele, mas sem sucesso. O sentinela, soldado D., chegou são e salvo ao seu regimento, mas depois foi preso e levado à corte marcial “por não tomar medidas decisivas para informar os comandantes sobre o crime em andamento e impedir que os traidores desertassem”.

O conflito direto com ataques e contra-ataques continuava ao redor da fábrica Barrikadi e da Outubro Vermelho. Segundo um oficial, um posto de comando de batalhão da 305ª Divisão de Infantaria “aproximara-se tanto do inimigo que o comandante do regimento ouviu do outro lado do telefone o grito russo ‘*Urrah!*’”. Contudo, um comandante de regimento achava-se no meio do combate. Quando seu quartel-general foi derrubado, ele se comunicou pelo rádio e pediu um ataque de *Katiusha* direto à sua própria posição.

Os soldados alemães tiveram de admitir que “os cães lutam como leões”, pois suas próprias baixas subiam rapidamente. Os gritos de “*Sani! Hilfe!*” dos feridos passaram a ser uma parte quase tão integrante da cena quanto as explosões e os sons de ricochetes emitidos pelos escombros. Mas o 62º Exército acabou reduzido a várias cabeças de ponte na margem direita de apenas algumas centenas de metros de profundidade. Ruas foram tomadas, posições soviéticas foram repelidas ainda mais para perto da margem do Volga e a fábrica de armas Barrikadi foi parcialmente destruída. O último ponto de travessia do 62º Exército caiu sob fogo direto de metralhadoras, e todos os

reforços tiveram de ser lançados naquele setor para salvá-lo. Cada divisão soviética ficou reduzida a apenas poucas centenas de homens, mas todas continuaram revidando durante a noite. “Nós nos sentimos à vontade no escuro”, escreveu Chuikov.

“Pai”, escreveu para casa um cabo, “o senhor não parava de me dizer: ‘Seja fiel aos seus padrões, que você vencerá.’ O senhor não se esquecerá dessas palavras, pois chegou a hora de todo homem sensível na Alemanha amaldiçoar a loucura desta guerra. É impossível descrever o que está acontecendo aqui. Todo mundo em Stalingrado que ainda tem cabeça e mãos, mulheres e homens, continua lutando.” Outro soldado alemão também escreveu com ressentido estado de espírito: “Não se preocupe, não se desespere, porque quanto mais cedo eu estiver debaixo da terra, menos sofrerei. Muitas vezes achamos que a Rússia devia capitular, mas essas pessoas incultas são estúpidas demais para compreender isso.” Um terceiro soldado olhou as ruínas em volta. “Aqui, um ditado do Evangelho passa sempre pela minha cabeça: Em verdade vos digo que não se deixará aqui pedra sobre pedra que não seja derrubada.”

13

O último ataque de Paulus

Na estepe, a rotina das divisões alemãs era um mundo à parte do combate na cidade. Havia linhas de defesa a serem ocupadas e ataques de sondagem rechaçados, mas a vida oferecia uma existência muito mais convencional, sobretudo para os vindos do *front*. No sábado, 25 de outubro, os oficiais de um regimento da 376ª Divisão de Infantaria convidaram o comandante de divisão, general Edler von

Daniels, para um torneio de tiro em comemoração à *Oktoberfest* de Munique.

A principal preocupação naquela época era a preparação de bons alojamentos de inverno. “A imagem aqui não é muito atraente”, escreveu para a família um soldado da 113ª Divisão de Infantaria. “Pois em nenhuma parte há aldeias, bosques, árvores, arbustos, nem uma gota de água.” Os prisioneiros russos e os Hiwis foram postos em ação para cavar casamatas e trincheiras. “Precisamos realmente empregar bem esses homens, pois estamos com grande escassez de mão de obra”, escreveu um aspirante a oficial. Ali, na estepe sem árvores, as divisões de infantaria eram obrigadas a mandar caminhões e grupos de trabalho a Stalingrado buscar vigas dos escombros de casas para os telhados das casamatas. No Sul de Stalingrado, a 297ª Divisão de Infantaria cavou grutas artificiais nas laterais de *balkas* a fim de formar estábulos, depósitos e por último um hospital de campanha inteiro, para o qual todo o equipamento chegou por ferrovia da Alemanha. Durante os amenos dias do início e meados de outubro, os alemães ficaram ansiosos por terminar a sua “*Haus*”. Mesmo os soldados mais jovens reconheciam as implicações das trincheiras: agora ficariam ali durante todo o inverno.

Hitler emitiu suas instruções para o inverno. Esperava “uma defesa muito *ativa*” e um “orgulhoso senso de vitória”. Os tanques deveriam ser protegidos do frio e de bombardeio em casamatas de concreto especialmente construídas, mas os materiais necessários jamais chegaram, por isso os veículos ficaram no descampado. O quartel-general do Sexto Exército também redigiu elaborados planos para o inverno. Encomendou-se até um filme de treinamento finlandês, *Como construir uma sauna*, mas nenhum desses preparativos despertou muita convicção. “O Führer nos deu ordens de defender nossas posições até o último homem”, escreveu Groscurth para casa, na Alemanha, “coisa que faríamos por nós mesmos, pois a

perda de posição dificilmente melhoraria a nossa situação. Sabemos o que seria ficarmos encalhados sem abrigo na estepe aberta.”

O quartel-general do Führer também decidiu que a maioria dos animais de carga do Sexto Exército fosse enviada a mais de 1,6 mil quilômetros na retaguarda. Isso pouparia aos trens de suprimento requisitados o transporte até eles das imensas quantidades de forragem. Acumularam-se ao todo entre o Don e o Volga 150 mil cavalos, além de muitos bois e mesmo camelos. Também se recuaram o transporte motorizado e as unidades de manutenção. Os motivos por trás dessa mudança eram compreensíveis do ponto de vista apenas logístico, mas numa crise acabariam se revelando um grave erro. A mobilidade do Sexto Exército, em particular da grande maioria das unidades de infantaria e médicas, dependia quase inteiramente de cavalos.

O moral, segundo um subtenente da 371ª Divisão de Infantaria, “aumenta e diminui em proporção ao volume da correspondência que chega”. Quase todo mundo parecia sofrer de aguda saudade de casa. “Aqui a gente tem de ser uma pessoa completamente diferente”, escreveu um aspirante a oficial da 60ª Divisão de Infantaria Motorizada, “e isso não é fácil. É como se vivêssemos em outro mundo. Quando o correio chega, todo mundo sai correndo de suas ‘casinhas’ – e simplesmente ninguém pode detê-los. Por enquanto, tenho de ficar de lado e olhar com um sorriso indulgente.”

Os pensamentos já se voltavam para o Natal: “a mais bela festividade do ano todo”. Os soldados começaram a discutir os presentes com as mulheres. Em 3 de novembro, uma divisão apresentou suas “requisições de instrumentos musicais, jogos de festa, decorações de árvore de Natal e velas”.

Planejaram-se listas de licença, tema que, mais do que qualquer outro, suscitava muitas esperanças e decepções.

Paulus insistiu em que se desse prioridade aos soldados “que já estavam sem folga desde junho de 1941”. Para os felizardos, que partiram na longa viagem, o tempo voou na sensação de irreabilidade. O lar agora parecia ter o tom onírico de uma existência anterior. De volta ao seio das famílias, os homens descobriram ser impossível falar de suas experiências. Muitos desanimavam ao constatar que poucos civis tinham alguma noção do que acontecia. Pior ainda, parecia um cruel absurdo esclarecê-los, quando isso significava que as mulheres iam se afligir ainda mais. A única realidade agora parecia ser uma existência de pesadelo da qual não podiam escapar. Era humano ser tentado por ideias de deserção, mas poucos levaram-nas a sério. Sua mais vívida lembrança da licença foi a despedida. Para muitos, era o último adeus. Sabiam que iam reentrar no inferno quando passassem pela placa na principal estrada que levava a Stalingrado: “Proibida a entrada para a cidade. Os espectadores põem suas próprias vidas e as dos camaradas em perigo.” Muitos achavam difícil decidir se se tratava ou não de uma brincadeira.

Novos uniformes de inverno começaram a ser distribuídos em fins de outubro.

- É uma coisa tipicamente alemã - observou um oficial - com calças e paletó reversíveis, branco e cinza-campanha.

Mas os soldados na estepe árida se viam cada vez mais infestados de piolhos. “Por enquanto, é inútil até mesmo pensar em me lavar. Hoje matei minha primeira leva de oito piolhos.” As piadas sobre “os pequenos *partisans*” logo perderam a graça. Alguns dos Hiwis russos falaram aos companheiros alemães de um remédio popular para livrar-se deles. Consistia em enterrar cada artigo de roupa debaixo da terra, deixando apenas uma ponta de fora. Os piolhos deslocavam-se para ali e podiam ser destruídos pelo fogo.

Nessa época, os médicos regimentais passaram a ficar cada vez mais preocupados com a saúde em geral das

tropas. Quando o obituário do Sexto Exército foi debatido em Berlim por consultores no final de janeiro seguinte, representaram num gráfico uma taxa vertiginosa de aumento na curva de mortos por doenças infecciosas, disenteria, tifo e paratifo.⁷ Essa “*Fieberkurve*” começara a subir rapidamente já em julho. Embora o número total de doentes correspondesse mais ou menos ao do ano anterior, os especialistas de Berlim se espantaram ao estabelecer que cinco vezes mais soldados vinham sucumbindo.

Os próprios russos haviam observado com surpresa o número de alemães doentes e falado de uma “doença alemã”. Os médicos em Berlim só podiam especular que a “reduzida resistência das tropas” se devera a um estresse cumulativo e a rações insuficientes. Os mais vulneráveis parecem ter sido os soldados mais jovens, entre 17 e 22 anos. Correspondiam a 55 por cento dessas mortes. Quaisquer que fossem as causas exatas, não há a menor dúvida de que a saúde do Sexto Exército já era uma questão de séria preocupação no início de novembro, quando a pior perspectiva parecia ser não mais que outro inverno em casamatas debaixo da neve.

Ao mesmo tempo que o 64º Exército soviético lançava ataques para retirar tropas de Stalingrado, o 57º Exército tomava um morro dominante entre a 20ª Divisão romena e a Segunda de Infantaria. Mais além, na estepe de Kalmik, o 51º Exército fazia investidas profundas sobre posições romenas. Uma noite, o primeiro-tenente Aleksander Nevski e sua companhia de fuzileiros de submetralhadoras infiltraram-se pela linha de defesa e atacaram o quartel-general da Primeira Divisão de Infantaria romena, numa aldeia na retaguarda, onde causaram o caos. Nevski foi gravemente ferido duas vezes durante a ação. O departamento político da Frente de Stalingrado, dando continuidade à nova linha de ação do Partido de invocar a história russa, decidiu que Nevski devia ser da linhagem do

seu glorioso xará. Esse “destemido comandante, herdeiro pleno da glória do seu ancestral”, foi condecorado com a Ordem da Bandeira Vermelha.

Na cidade, a grande ofensiva alemã dissolvera-se aos poucos nos últimos dias de outubro por exaustão e falta de munição. O último ataque da 79ª Divisão de Infantaria à fábrica Outubro Vermelho desmoronou em 1º de novembro, sob pesado fogo de artilharia do outro lado do Volga. “O efeito da artilharia concentrada do inimigo enfraqueceu visivelmente a força de ataque da divisão”, observou o quartel-general do Sexto Exército. A 94ª Divisão de Infantaria, que atacava o bolsão Norte em Spartakovka, também perdeu a força.

“Nos últimos dois dias”, observou um comunicado de 6 de novembro a Moscou, “o inimigo vem mudando suas táticas. Provavelmente por causa das grandes perdas no decorrer das últimas três semanas, pararam de usar grandes formações.” Ao longo do setor da Outubro Vermelho, os alemães haviam mudado para “reconhecimento em peso, a fim de sondar os pontos fracos entre nossos regimentos”. Mas esses repentinos ataques não vinham conseguindo mais sucesso que os antigos, precedidos por intensos bombardeios.

Também durante a primeira semana de novembro, os alemães passaram “a instalar uma tela de arame acima das janelas e buracos de projéteis” das casas fortificadas para fazer com que as granadas de mão ricochetassem. Para romper a rede, o 62º Exército precisava de artilharia de pequeno calibre, que lhe faltava, porém foi ficando cada vez mais difícil transportar qualquer carregamento pelo Volga. Os soldados do Exército Vermelho começaram a improvisar ganchos nas granadas para prendê-las à rede.

As forças soviéticas revidaram de todos os modos possíveis durante o início de novembro. Canhoneiras da

flotilha do Volga, algumas com torres de tanques T-34 sobressalentes, montadas no convés e apontadas para a frente, bombardearam a 16ª Divisão de Panzers em Rinok. E os “intensos ataques de bombardeio noturno” continuaram desgastando a resistência dos soldados alemães.

“Ao longo de toda a frente oriental”, escreveu Groscurth ao irmão em 7 de novembro, “esperamos hoje uma ofensiva geral em homenagem ao aniversário da Revolução de Outubro.” Mas a comemoração do 25º aniversário restringiu-se ao nível local para os soldados soviéticos “que excediam as suas promessas socialistas de destruir Fritzies feitas na competição socialista”. Esperava-se sobretudo dos membros do Komsomol que fizessem uma contagem precisa do seu score. No 57º Exército, a principal autoridade política comunicou que “dos 1.697 membros do Komsomol, 678 ainda não mataram alemães”. É possível que esse desempenho inferior tenha sido atacado.

Algumas comemorações da Revolução de Outubro não tiveram a aprovação das autoridades. O comandante de um batalhão e seu segundo no comando, que levavam reforços para a 45ª Divisão de Fuzileiros, “embriagaram-se” e “desapareceram durante 13 horas”. O batalhão foi deixado a vagar sem rumo pelas imediações da margem oriental do Volga. Muitas divisões da Frente de Stalingrado tinham pouco com que comemorar, porque a ração especial de vodca não foi distribuída ou chegou tarde demais. Várias unidades naquele dia nem sequer receberam a ração de comida.

Muitos soldados, privados de vodca, recorriam a desesperados substitutos. No pior caso, os efeitos não eram logo visíveis. Na noite após a comemoração do aniversário da Revolução, 28 soldados da 248ª Divisão de Fuzileiros morreram numa marcha de aproximação na estepe de Kalmik. Não se procurou nenhuma assistência médica, nem

ninguém admitiu saber o que acontecera. Os oficiais fingiram achar que os soldados haviam morrido de frio e exaustão na marcha. Contudo, o Departamento Especial do NKVD ficou desconfiado e mandou fazer autópsias em 24 dos cadáveres. Determinou-se que a morte fora causada por consumo excessivo de “líquidos antiquímicos”. Os soldados haviam bebido grandes quantidades de uma solução preparada para ser ingerida em doses mínimas no caso de um ataque de gás. Parece que o líquido venenoso continha um pouco de álcool. Um dos sobreviventes foi interrogado no hospital. Confessou que alguém dissera que era “uma espécie de vinho”. O NKVD recusou-se a aceitar que isso talvez fosse um caso patente de roubo de material do exército e embriaguez. Julgou o caso como sendo “um ato de sabotagem para envenenar soldados”.

Em 8 de novembro, o dia seguinte ao aniversário da revolução, Hitler fez um longo discurso na Bürgerbraukeller em Munique, para os “Velhos Combatentes” nazistas. A transmissão radiofônica do Führer foi ouvida por muitos do Sexto Exército.

- Eu queria chegar ao Volga - declarou com forte ironia -, para ser preciso, a um determinado lugar, a uma determinada cidade. Por acaso, tem o nome do próprio Stalin. Mas não pensem que marchei até lá por esse motivo, foi porque ela ocupa uma posição muito importante... Eu queria capturá-la e, como vocês devem saber, estamos muito contentes, praticamente já a tomamos! Só faltam pequenos pedaços. Alguns dizem: “Por que não combatem mais rápido?” Porque não quero uma segunda Verdun e prefiro, em vez disso, fazer o trabalho com pequenos grupos de assalto. O tempo não tem a menor importância. Não serão mais embarcados navios pelo Volga. E este é o ponto decisivo!

Seu discurso classificava-se entre os maiores exemplos de arrogância da história. O Afrikakorps já se retirava de Alamein pela Líbia adentro, e as forças anglo-americanas haviam acabado de desembarcar ao longo da costa africana, na Operação Tocha. Ribbentrop aproveitou a oportunidade para sugerir uma negociação com Stalin por meio da embaixada soviética em Estocolmo.

- Hitler recusou sem rodeios - observou seu ajudante da Luftwaffe. - Disse que um momento de fraqueza não é a hora certa de lidar com um inimigo.

As insensatas bazófias sobre Stalingrado que se seguiram a essa recusa não eram apenas reféns do destino: iriam acuá-lo numa condenação ao desastre. O demagogo político agrilhoara o senhor da guerra. Logo se confirmariam os piores temores de Ribbentrop na véspera da Barbarossa.

Em Stalingrado, o verdadeiro inverno chegou no dia seguinte, com a temperatura caindo para -18°C. O Volga, que devido ao seu tamanho era um dos últimos rios da Rússia a congelar, começou a ficar inavegável. “As bancisas de gelo colidem, desfazem-se e trituram-se umas às outras”, escreveu Grossman, “e pode-se ouvir o som vergastante, como de areias movediças, de uma grande distância da margem”, um sinistro som para os soldados na cidade.

Este era o período que o general Chuikov andara temendo e ao qual chamou de guerra em dois *fronts*: o hostil Volga atrás e o inimigo atacando pela frente suas estreitas faixas de território restante. O quartel-general do Sexto Exército, sabendo dos problemas que enfrentavam os russos, concentrou mais uma vez o fogo na travessia do Volga. Uma embarcação a vapor da flotilha do Volga, que transportava canhões e munição para o outro lado, foi atingida e encalhada na água rasa de um banco de areia. Transferiu-se sob fogo cerrado toda a carga para outra embarcação que

seguia ao lado. Os marinheiros que trabalhavam na água glacial tinham a mesma possibilidade de morrer que os *pontonniers* franceses que mais de um século antes haviam construído a ponte sobre o Berezina.

“As proas largas e retas das barcas esmagam devagar o branco embaixo, e atrás delas as faixas de água escura são logo cobertas por uma película de gelo.” As embarcações rangiam sob a pressão do gelo e as amarras estalavam sob a pressão. Atravessar o rio passou a ser “igual a uma expedição polar”.

Durante os primeiros dez dias de novembro, a pressão alemã foi mantida com constantes ataques em pequena escala, às vezes com tanques. O combate talvez fosse em grupos menores, mas continuava tão feroz quanto antes. Uma companhia do 347º Regimento de Fuzileiros, entrincheirada a apenas 200 metros diante do Volga, reduzira-se a nove homens depois de massacrada em 6 de novembro, mas o comandante, tenente Andreev, reuniu os sobreviventes e eles contra-atacaram com submetralhadoras. Um grupo de reforços, que chegou na hora H, isolou os alemães e resgatou o ponto da travessia Norte do 62º Exército. Os russos prestavam toda atenção no sistema alemão de comunicar-se com foguetes de sinalização e usaram-no em vantagem própria adaptando com cartuchos capturados as combinações de cores do inimigo. Creditou-se a um comandante de pelotão a façanha de ter enganado a artilharia alemã, levando-a a desviar num momento crítico o fogo para suas próprias tropas.

Com faixas da terra de ninguém tão estreitas, a deserção passou a ser uma fuga de último recurso, mas agora ocorriam casos de soldados alemães tentando cruzar as linhas. No centro do setor da 13ª Divisão da Guarda de Fuzileiros, um soldado alemão avançou sem ser visto de uma das casas defendidas para um prédio ocupado pelos russos. A ação foi claramente apoiada por alguns dos seus camaradas, pois eles gritaram:

- *Rus!* Não atirem!

Mas quando o homem se achava a meio caminho na terra de ninguém, um soldado russo recém-chegado atirou de uma janela no segundo andar e atingiu-o. O alemão ferido continuou a rastejar e a gritar: “*Rus!* Não atirem!” Os russos dispararam mais uma vez e o mataram. O corpo ficou ali estendido durante o resto do dia. Naquela noite, uma patrulha avançou rastejando, mas descobriu que os alemães já haviam enviado seu próprio grupo para retirar a arma e os documentos do soldado. As autoridades soviéticas decidiram que era necessário “mais trabalho esclarecedor” para explicar aos soldados que eles não deviam atirar à queima-roupa em desertores. As tropas foram lembradas da Ordem nº 55, referente a incentivar os desertores inimigos com bom tratamento. No mesmo setor, “comunicou-se que os soldados alemães ergueram as mãos acima da trincheira a fim de ser atingidos”. O departamento político logo recebeu instruções para fomentar as atividades de propaganda com transmissões radiofônicas e folhetos.

Logo depois do amanhecer de 11 de novembro, iniciou-se o ataque final alemão. Grupos recém-organizados das 71ª, 79ª, 100ª, 295ª, 305ª e 389ª divisões de infantaria, reforçados com quatro batalhões de sapadores, atacaram os bolsões de resistência restantes. Embora a maioria das divisões estivesse drasticamente desfalcada pelo combate recente, ainda era uma concentração maciça.

Mais uma vez, os Stukas do Oitavo Corpo Aéreo prepararam o caminho, mas o brigadeiro Richthofen perdera toda a paciência com o que considerava “convencionalismo do exército”. No início do mês, num encontro com Paulus e Seydlitz, queixara-se de que “a artilharia não está abrindo fogo e a infantaria não aproveita os nossos ataques de bombardeio”. A mais espetacular façanha da Luftwaffe em 11 de novembro foi demolir as chaminés da fábrica, embora

de novo não houvesse conseguido esmagar o 62º Exército em suas trincheiras, casamatas e porões.

Os siberianos de Batiuk lutaram desesperadamente para conservar sua cabeça de ponte no Mamaev Kurgan, mas o principal ponto da ofensiva do inimigo foi 800 metros mais ao norte, a indústria química Lazur e a chamada “raquete de tênis”, um desvio de trilhos de ferrovia com essa forma. A principal força de combate desse ataque era a 305ª Divisão de Infantaria e a maioria dos batalhões de sapadores foi levada por ar para reforçar a ofensiva. Prédios-chave foram capturados mas depois retomados em violento combate pelos russos. No dia seguinte, interrompeu-se o ataque.

Mais ao norte, os homens da 138ª Divisão de Fuzileiros de Liudnikov, isolados atrás da fábrica Barrikadi, de costas para o Volga, resistiam ferozmente. Achavam-se reduzidos a uma média de trinta balas para cada fuzil e submetralhadora, e uma ração diária de menos de 50 gramas de pão seco. À noite, biplanos U-2 tentaram largar sacos de munição e comida, mas o impacto muito vezes danificava os cartuchos, que depois emperravam as armas.

Na noite de 11 de novembro, o 62º Exército lançou ataques, incluindo a 95ª Divisão de Fuzileiros, a sudoeste da fábrica Barrikadi. A intenção, segundo o comunicado enviado a Scherbakov em 15 de novembro, era impedir a retirada das tropas alemãs para protegerem seus flancos. Isso parece contradizer a versão de Chuikov em suas memórias, em que afirma que ele e seu estado-maior não haviam tomado conhecimento da grande contraofensiva de 19 de novembro até serem informados na noite anterior pelo quartel-general da Frente de Stalingrado.

Contudo, os atacantes soviéticos foram imobilizados quase imediatamente pelo peso do bombardeio alemão e obrigados a buscar proteção. Desde as 5 horas da manhã de 12 de novembro, começou um “furacão de fogo” que durou uma hora e meia. Depois, uma força de cerca de 200

homens da infantaria alemã atacou, conseguindo atuar como uma cunha entre dois dos regimentos de fuzileiros russos. Às 9h50 da manhã, os alemães enviaram mais tropas, parte delas avançando para os tanques de petróleo na margem do Volga. Um dos regimentos de fuzileiros soviéticos conseguiu rechaçar o ataque principal, enquanto outros grupos de assalto cercavam e eliminavam os artilheiros alemães de submetralhadoras que haviam rompido a linha de defesa. Três tanques alemães também foram incendiados no desesperado combate. O primeiro batalhão do regimento ficou reduzido a 15 homens. De algum modo, conseguiram defender uma linha de 70 metros à frente da margem do Volga até a chegada de outro batalhão.

Sobreviveu apenas um homem da infantaria da marinha que guardava o posto de comando regimental. Teve a mão direita esmagada e não pôde mais atirar. Ele entrou na casamata e, ao saber que não haviam sobrado reservas, encheu o capacete de granadas. “Posso lançar estas com a mão esquerda”, explicou. Ali perto, um pelotão de outro regimento combateu até restarem apenas quatro homens vivos e esgotar-se a munição. Um ferido foi enviado à retaguarda com o seguinte recado: “Comecem a bombardear nossa posição. Defronte de nós há um grande grupo de fascistas. Adeus, camaradas, não nos retiramos.”

A posição de abastecimento do 62º Exército tornou-se ainda mais desesperadora por causa das banquisas de gelo que desciam do Volga. Foram necessários barcos quebragelos nas margens onde o rio congelou primeiro. Em 14 de novembro, o vapor *Spartakovets* levou 400 soldados e 40 toneladas de suprimentos para a margem ocidental, logo atrás da Outubro Vermelho, e na volta transportou 350 feridos sob fogo cerrado, mas poucas outras embarcações conseguiram chegar ao fim da travessia. Equipes de resgate ficaram a postos durante a noite toda para ajudar alguma embarcação presa no gelo e, portanto, alvo fácil para os

canhões alemães. “Se não conseguirem liquidar o assunto agora”, observou Richthofen, cáustico, “com o Volga congelando e os russos em Stalingrado sofrendo séria escassez, depois jamais conseguirão. Além disso, os dias estão ficando cada vez mais curtos, e a temperatura, pior.”

Paulus achava-se sob forte tensão. Seu médico advertira-o de que se encaminhava para um esgotamento nervoso se continuasse sem descanso. “Hitler estava obcecado com o simbolismo de Stalingrado”, explicou um dos oficiais do estado-maior de Paulus. “Para desobstruir os poucos pontos de resistência em novembro, ordenou que se reunissem até os motoristas de tanque numa investida final.” Os comandantes de Panzers ficaram horrorizados com esse louco desperdício, mas não conseguiram fazer Paulus cancelar a ordem. No fim, tentaram juntar suficientes motoristas de reserva, cozinheiros, enfermeiros e pessoal de comunicações – na verdade, qualquer um, e poupar os homens experientes das guarnições de tanques – para manter suas divisões operacionais. Em questão de dias, as perdas muito pesadas nos regimentos de Panzers iam acabar se revelando sérias, senão desastrosas.

O general von Seydlitz estava profundamente preocupado. Em meados de novembro, o quartel-general do Sexto Exército avaliou que “42 por cento dos seus batalhões devem ser considerados ‘fora de combate’”. A maioria das companhias de infantaria reduzira-se a menos de cinquenta homens e teve de ser amalgamada. Também preocupavam Seydlitz as 14ª e 24ª divisões de Panzers, que precisaram ser reformadas e reequipadas para a inevitável ofensiva soviética de inverno. Segundo ele, o combate já adentrara demais o ano. O próprio Hitler admitira-lhe no início de outubro, durante o almoço em Rastenburg, que as tropas alemãs deviam preparar-se para “todas as duras provações de um inverno russo”. As tropas em Stalingrado haviam sido especificamente excluídas dessas instruções e, no entanto,

em Munique, Hitler vangloriara-se de que o tempo não tinha a menor importância.

As piores baixas foram de oficiais e sargentos experientes. Nos dois lados, apenas uma pequena minoria dos combatentes originais continuava. “Eram alemães diferentes dos que havíamos combatido em agosto”, observou um veterano soviético. “E nós também já não éramos mais os mesmos.” Os soldados de ambos os lados pareciam sentir que os primeiros a morrer eram sempre os melhores e mais valentes.

Os oficiais do estado-maior alemão também se preocupavam com a primavera seguinte. Cálculos simples mostravam que a Alemanha não poderia aguentar tantas baixas por muito mais tempo. Qualquer ideia de uma aventura heroica se tornara amarga. Instalou-se uma forte sensação de pressentimento. Como símbolo da determinação de vingança, a nova prática do Exército Vermelho em Stalingrado, ao saudar a morte de um comandante bem-conceituado, era disparar uma saraivada de balas ou uma salva de canhão “não no ar, mas nos alemães”.

14

“Tudo para o *front*!”

O plano para a Operação Urano, o grande contragolpe soviético contra o Sexto Exército, teve uma gestação singularmente longa quando se leva em consideração a desastrosa impaciência de Stalin no inverno anterior. Mas, desta vez, o desejo de vingança ajudou a controlar sua impetuosidade.

A ideia original remontava ao sábado, 12 de setembro, dia em que Paulus se encontrou com Hitler em Vinnitsa e Jukov foi convocado ao Kremlin após os malogrados ataques ao flanco Norte de Paulus. Vasilevski, chefe do estado-maior, também estava presente. Ali, no escritório de Stalin, contemplado de cima pelos recém-instalados retratos de Aleksander Suvorov, o flagelo dos turcos no século XVIII, e de Mikhail Kutuzov, obstinado adversário de Napoleão, Jukov foi obrigado explicar mais uma vez o que dera errado. Concentrou-se no fato de que haviam faltado artilharia e tanques aos três fracos exércitos enviados para o combate.

Stalin exigiu saber o que era necessário. Jukov respondeu que eles deviam ter outro exército com força militar total, apoiado por uma unidade de tanques, três brigadas blindadas e pelo menos 400 morteiros, todos amparados por uma força da aviação. Vasilevski concordou. Stalin nada disse. Pegou o mapa assinalado com as reservas da *Stavka* e começou a estudá-lo sozinho. Jukov e Vasilevski afastaram-se para um canto da sala. Murmuraram juntos, discutindo o problema. Concordaram que se teria de encontrar outra solução.

Stalin tinha uma audição mais aguçada do que se haviam dado conta.

- E o que - perguntou do outro lado da sala - quer dizer outra solução? - Os dois generais foram pegos de surpresa.
- Vão para o Estado-Maior geral - disselhes - e pensem realmente com muito cuidado no que precisa ser feito na área de Stalingrado.

Jukov e Vasilevski retornaram na noite seguinte. Stalin não perdeu tempo. Para surpresa deles, cumprimentou os dois generais à maneira pragmática com apertos de mão.

- Bem, a que conclusão chegaram? - perguntou ele. - Quem vai fazer o relatório?

- Qualquer um - respondeu Vasilevski. - Somos da mesma opinião.

Os dois generais haviam passado o dia na *Stavka* estudando as possibilidades e o projeto de criação, durante os dois meses seguintes, de novos exércitos e unidades blindadas. Quanto mais examinavam o mapa do saliente alemão, com os dois flancos vulneráveis, mais se convenciam de que a única solução digna de consideração seria a que “mudasse radicalmente a situação estratégica no Sul”. A cidade de Stalingrado, disse Jukov, deveria ser defendida em guerra de atrito, com tropas suficientes apenas para manter viva a defesa. Não deviam desperdiçar quaisquer formações em ataques menores, a não ser quando absolutamente necessário para desviar o inimigo e impedi-lo de tomar toda a margem ocidental do Volga. Depois, quando os alemães se concentrassem inteiramente na captura da cidade, a *Stavka* reuniria em total segredo os novos exércitos atrás das fileiras para um cerco de vulto, usando ofensivas profundas bem distantes atrás do ponto do ápice.

Stalin, a princípio, mostrou pouco entusiasmo. Temia que pudessem perder Stalingrado e sofrer mais um golpe humilhante, a não ser que se fizesse logo alguma coisa. Sugeriu um meio-termo, levando os pontos de ataque para muito mais perto da cidade, mas Jukov retrucou que o grosso do Sexto Exército também ia se aproximar muito mais, e podia redistribuir suas forças em posição de combate contra as forças atacantes. Stalin acabou vendo a vantagem da operação muito mais ambiciosa.

A grande vantagem de Stalin sobre Hitler era sua falta de vergonha ideológica. Após os desastres de 1941, não demonstrava nem um mínimo de escrúpulos em relação a reviver o desgraçado pensamento militar da década de 1920 e início da de 1930. A teoria das “operações profundas”, com “exércitos de choque” mecanizados para aniquilar o inimigo, não tinha mais de permanecer clandestina como um culto herético. Naquela noite de 13 de setembro, deu seu total apoio a esse plano de operações

em profundidade. Instruiu os dois para que introduzissem “um regime de rigorosíssimo segredo”.

- Ninguém, além de nós três, deve saber disso por enquanto. A ofensiva se chamaria Operação Urano.

Jukov era não apenas um bom planejador, mas o melhor implementador de planos. Mesmo Stalin se impressionou com sua implacabilidade na busca de um objetivo. Jukov não queria repetir os erros do início de setembro, com os ataques ao norte de Stalingrado, usando tropas destreinadas e mal equipadas. A tarefa de treinamento era imensa. Logo que foram formadas as divisões de reserva do exército, ele e Vasilevski enviaram-nas a partes relativamente tranquilas do *front* para treiná-las sob fogo. Isso também teve a vantagem não premeditada de confundir o serviço secreto militar alemão. O coronel Reinhard Gehlen, chefe muito enérgico mas superestimado do *Fremde Heere Ost*, começou a suspeitar que o Exército Vermelho planejava uma grande ofensiva diversionária contra o Grupo Central do Exército.

Relatórios de reconhecimento e interrogatórios de prisioneiros confirmaram o palpite original de que a Operação Urano devia tomar como alvo os setores romenos em cada flanco do Sexto Exército. Na terceira semana de setembro, Jukov fez uma excursão secretíssima ao flanco Norte do saliente alemão. Aleksander Glichov, tenente da companhia de reconhecimento da 221ª Divisão de Fuzileiros, recebeu ordens de apresentar-se uma noite no quartel-general divisional. Ali, viu dois carros Willis do estado-maior. Um coronel entrevistou-o, depois lhe disse que entregasse sua submetralhadora e entrasse na frente de um dos carros do estado-maior. Sua missão era conduzir um oficial superior ao longo do *front*.

Glichov teve de esperar até meia-noite, quando um vulto corpulento, não muito alto e apequenado por guarda-costas, surgiu saindo da casamata do quartel-general. O oficial superior entrou na parte de trás do carro sem uma palavra.

Glichov, seguindo instruções, conduziu o motorista de um posto de comando de uma unidade ao seguinte, ao longo de todo o *front*. Quando retornaram, logo depois do amanhecer, devolveram-lhe a submetralhadora e mandaram-no voltar à sua divisão com a mensagem de que sua missão fora concluída. Muitos anos depois da guerra, ele soube por seu antigo oficial de comando que Jukov era o oficial superior que escoltara naquela noite, às vezes a 200 metros das linhas alemãs. Talvez não fosse necessário o próprio supremo vice-comandante entrevistar cada comandante de unidade sobre o terreno e as forças adversárias, “mas Jukov era Jukov”.

Enquanto Jukov fazia sua secreta inspeção ao longo do flanco Norte, Vasilevski visitara os 64º, 57º e 51º Exércitos no Sul de Stalingrado. Vasilevski exortara um avanço para pouco além da linha dos lagos salgados na estepe. Não deu o verdadeiro motivo, que era estabelecer uma área de formação bem protegida para a Operação Urano.

Segredo e planos enganosos eram vitais para camuflar as operações, mas o Exército Vermelho tinha a seu favor mais duas vantagens eficazes. A primeira era que Hitler se recusava a acreditar que a União Soviética tivesse quaisquer exércitos de reserva, quanto mais formações de tanques necessárias a operações profundas. A segunda ideia errônea alemã foi ainda mais útil, embora Jukov jamais houvesse reconhecido isso. Todos os ineficazes ataques montados contra o 14º Corpo de Panzers no flanco Norte perto de Stalingrado haviam feito o Exército Vermelho parecer incapaz de armar uma ofensiva perigosa na região, muito menos um cerco rápido e maciço de todo o Sexto Exército.

Durante o verão, quando a Alemanha produzia cerca de 500 tanques por mês, o general Halder dissera a Hitler que a União Soviética produzia 1,2 mil por mês. O Führer dera

um soco na mesa e dissera que aquilo era simplesmente impossível. Mas mesmo essa cifra era demasiado baixa. Em 1942, a produção de tanques soviética subira de 11 mil durante os primeiros seis meses para 13,6 mil no segundo semestre do ano, uma média de 2,2 mil tanques por mês. A produção de aviões também aumentara de 9,6 mil durante os primeiros seis meses do ano para 15,8 mil no segundo semestre.

A própria sugestão de que a União Soviética, privada de importantes regiões industriais, pudesse superar a produção do Reich, enchia Hitler de irada descrença. Os líderes nazistas sempre se haviam recusado a reconhecer a força do sentimento patriótico russo. Também subestimaram o implacável programa de evacuação da indústria para os Urais e a militarização da força operária. Mais de 1,5 mil fábricas haviam sido retiradas das regiões ocidentais da União Soviética para trás do Volga, em particular os Urais, e reunidas por exércitos de técnicos trabalhando como escravos, sem descanso, durante todo o inverno. Poucas fábricas tinham algum aquecimento. Muitas, a princípio, nem janelas ou telhados corretos tinham. Assim que as linhas de produção começavam, jamais paravam, a não ser quando interrompidas por avarias, quedas de energia ou falta de determinadas peças. A mão de obra representava um problema menor. As autoridades soviéticas simplesmente recrutavam novas populações de operários. A burocracia soviética desperdiçava o tempo e as aptidões da população civil, dissipava-lhe a vida em acidentes industriais com tanta indiferença pelo indivíduo quanto demonstravam os planejadores militares pelos soldados, mas o sacrifício coletivo – ao mesmo tempo obrigatório e espontâneo – representava uma realização terrivelmente impressionante.

Numa época em que Hitler ainda recusava a aprovação da ideia de mulheres alemãs nas fábricas, a produção soviética dependia da mobilização em massa de mães e filhas.

Dezenas de milhares de mulheres em macacões de brim – “as combatentes de macacão” – girando torres de tanque em guindaste até as linhas de produção embaixo ou curvadas sobre tornos mecânicos acreditavam com entusiasmo no que faziam para ajudar os homens. Cartazes nunca deixavam de lembrar-lhes do seu papel: “Qual foi sua ajuda para o *front*?”

Cheliabinsk, o grande centro das indústrias de guerra nos Urais, tornou-se conhecido como Tankograd. Logo se estabeleceram escolas de treinamento em tanque perto das fábricas. O Partido organizava vínculos entre operários e regimentos, enquanto as fábricas faziam coletas para pagar mais tanques. Um fuzileiro de tanque chamado Minakov compôs uma rima que captava bem a imaginação das linhas de produção dos Urais:

Para a morte dos inimigos
Para a alegria dos amigos
Melhor máquina não há
Que o T-34!

Alguém depois sugeriu que os operários da linha de produção formassem o Primeiro Regimento Blindado de Voluntários do Ural. Os organizadores afirmaram ter recebido, em 36 horas após afixar o primeiro cartaz, “4.363 propostas para ingressar no regimento blindado, das quais 1.253 eram de mulheres”. Mesmo os campos de trabalho escravo, dedicados à produção de munições, alcançaram uma produção muito mais alta que seus equivalentes na Alemanha. Também houve menos casos de sabotagem. Os prisioneiros do *gulag* ainda acreditavam em derrotar o invasor.

Por motivos de propaganda, a ajuda aliada raras vezes é citada nos relatos soviéticos, mas não se deve menosprezar

sua contribuição para manter o Exército Vermelho em combate no outono de 1942. Stalin queixou-se a Jukov da qualidade dos caças Hurricane oferecidos por Churchill, e os tanques britânicos e norte-americanos fornecidos não se comparavam aos T-34. Os estojos de munição, sobretudo britânicos, eram igualmente impopulares entre os soldados soviéticos, por sua inutilidade na guerra de inverno. Mas os veículos norte-americanos – sobretudo os caminhões e jipes Ford, Willis e Studebaker – e a comida, fossem os 10 milhões de toneladas de trigo em sacos brancos estampados com a águia norte-americana, as latas de Spam ou a carne moída de Chicago, fizeram uma enorme, embora não reconhecido, diferença para a capacidade de resistência da União Soviética.

Jukov sabia da importância de ter os comandantes certos para a guerra mecanizada. Em fins de setembro, convenceu Stalin a nomear o general Konstantin Rokossovski, ex-vítima do NKVD de Beria, para comandar a Frente do Don, que se estendia da ponta Norte de Stalingrado para o oeste até Kletskaia, pouco além da grande curva do Don. Ao mesmo tempo, o general Nikolai Vatutin foi encarregado do comando da nova Frente Sudoeste, no flanco direito de Rokossovski, que tinha diante de si o Terceiro Exército romeno.

Em 17 de outubro, o quartel-general da Frente do Don deu a ordem para que todos os civis “no limite de 25 quilômetros a partir da linha de frente” fossem evacuados por volta de 29 de outubro. Fora as considerações de segurança, as autoridades militares queriam ter condições de esconder de dia as tropas nas aldeias, durante suas marchas de aproximação. Era uma operação considerável, pois os evacuados estariam levando “seu gado, ovelhas, porcos, galinhas e comida para um mês”. As vacas funcionavam como animais de carga, e todos os tratores de

fazenda coletiva, máquinas de ceifar e debulhar e outra maquinaria valiosa deviam ser retiradas. Vários milhares de civis foram mobilizados num corpo de construção, com um efetivo de mais de 100 mil homens, consertando estradas e pontes ao longo da estrada Saratov-Kamishin-Stalingrado e todas as outras que levavam ao *front*.

Da recém-assentada ferrovia Saratov-Astracã, linhas férreas desviavam-se para pontos extremos da ferrovia na estepe, onde desembarcariam as reservas da *Stavka* bem na retaguarda, antes de prosseguirem para as áreas de concentração atrás do *front*. Era imensa a tensão e inevitável a confusão no sistema ferroviário soviético, a deslocar 1,3 mil vagões por dia para as três frentes de batalha. Por quase dois meses e meio deixaram uma divisão preparada para partir em trens de tropas estacionados em desvios férreos no Uzbequistão.

O plano para a Operação Urano era simples, embora de escopo ousadamente ambicioso. O principal ataque, mais de 300 quilômetros a oeste de Stalingrado, seria lançado ao sudoeste pela cabeça de ponte Serafimovich, uma extensão de 65 quilômetros ao sul do Don, que o Terceiro Exército romeno ainda não tivera força militar para ocupar. Esse ponto de ataque era tão distante da retaguarda do Sexto Exército que as forças mecanizadas alemãs, dentro e em volta de Stalingrado, não conseguiriam voltar a tempo para fazer alguma diferença importante. Enquanto isso, uma investida mais interna atravessaria de outra cabeça de ponte ao sul do Don em Kletskaia, depois atacaria a retaguarda do 11º Corpo do Exército de Strecker, que se estendia pelas curvas superior e inferior do Don. Por fim, do Sul de Stalingrado, outra ofensiva blindada atacaria a norte-sudoeste para juntar-se ao ataque principal em torno de Kalach. Isso assinalaria o cerco do Sexto Exército de Paulus e parte do Quarto Exército de Panzers de Hoth. Ao todo,

destinaram-se à Operação Urano cerca de 60 por cento de toda a força de tanques do Exército Vermelho.

A segurança soviética revelou-se melhor do que se poderia esperar, considerando-se o número de prisioneiros e desertores do Exército Vermelho que passavam pelas mãos da Wehrmacht. Durante o verão de 1942, o serviço secreto alemão não identificara a criação de cinco novos exércitos de tanques (cada um o equivalente aproximado de um corpo de Panzers) e 15 corpos de tanques (cada unidade correspondente a uma sólida divisão de Panzers). Ao se aproximar o momento da desforra, o Exército Vermelho dedicou grande atenção à *maskirovka*, termo que abrange logro, camuflagem e segurança operacional, reduzindo muitíssimo a quantidade de tráfego de rádio. Davam-se as ordens em pessoa, não por escrito. As medidas ativas de despistamento incluíram fomentar a atividade em torno de Moscou. Os alemães identificaram o saliente Rjev como a área mais provável para uma ofensiva soviética em novembro. Enquanto isso, no Sul, as divisões de vanguarda ao longo dos setores vitais para a Operação Urano receberam ordens de construir linhas de defesa, apenas em proveito do reconhecimento aéreo alemão, ao mesmo tempo que a Frente de Voronej, que não estava envolvida, recebeu ordens de preparar equipamento de construção de pontes e barcos, como se para uma ofensiva.

Escondia-se a atividade das tropas em outros setores com a construção de defesas, o que dava a exata impressão contrária de planos para uma ofensiva. As marchas de aproximação das formações para a Operação Urano eram feitas à noite com as tropas se escondendo durante o dia, uma difícil tarefa na estepe desnuda, mas as técnicas de camuflagem do Exército Vermelho foram admiravelmente eficazes. Construíram-se não menos que 17 pontes falsas ao redor do Don para atrair a atenção da Luftwaffe e desviá-la das cinco outras verdadeiras, pelas quais atravessaram o

Quinto Exército de Tanques, o Quarto Corpo de Tanques, dois corpos de cavalaria e numerosas divisões de fuzileiros.

Ao sul de Stalingrado, o 13º Corpo Mecanizado, o Quarto Corpo Mecanizado, o Quarto Corpo de Cavalaria e as formações de apoio – ao todo, mais de 160 mil homens, 430 tanques, 550 canhões, 14 mil veículos e mais de 10 mil cavalos – foram conduzidos em levas à noite pelo baixo Volga, numa operação difícil e perigosa, com as banquetas descendo pela corrente do rio. Tinham de ser camuflados ao amanhecer. O Exército Vermelho não podia esperar, claro, esconder inteiramente a operação em andamento, mas, como disse um historiador, sua “maior façanha foi mascarar a escala da ofensiva”.

No início do outono de 1942, a maioria dos generais alemães, embora não compartilhasse a convicção de Hitler de que o Exército Vermelho estava liquidado, sem dúvida o considerava próximo da exaustão. Já os oficiais do estado-maior tendiam a ter uma opinião mais cética. Quando o capitão Winrich Behr, oficial altamente condecorado do Corpo da África, juntou-se ao quartel-general do Sexto Exército, o tenente-coronel Niemeyer, chefe da inteligência, cumprimentou-o com uma avaliação muito mais sombria do que Behr esperara.

– Meu querido amigo – disse –, venha ver a situação no mapa. Veja todas estas marcações vermelhas. Os russos estão começando a se concentrar aqui no Norte e aqui no Sul.

Niemeyer sentiu que os oficiais superiores, embora preocupados com uma ameaça a suas linhas de comunicação, não levaram muito a sério o perigo de um cerco.

Paulus e Schmidt, que leram todos os relatórios de Niemeyer, acharam sua preocupação exagerada. Os dois generais esperavam ataques muito intensos com artilharia e

tanques, mas não uma importante ofensiva de grande profundidade em sua retaguarda, usando as táticas de *Schwerpunkt* dos próprios alemães. (Após o fato consumado, Paulus parece ter caído naquele erro muito humano de convencer-se de que vira desde o início o verdadeiro perigo em toda a sua extensão. Contudo, Schmidt foi bastante franco ao reconhecer que haviam subestimado gravemente o inimigo.) O general Hoth, por outro lado, parece ter tido uma visão muito mais clara da ameaça apresentada por um ataque partido do Sul de Stalingrado.

A maioria dos generais na Alemanha se convencera de que a União Soviética não tinha condições de lançar duas ofensivas, e as avaliações do coronel Gehlen, embora deliberadamente ambíguas para abranger qualquer eventualidade, continuavam apontando para um ataque ao Grupo Central do Exército como a área mais provável da principal ofensiva de inverno. Escapara à sua organização identificar a presença do Quinto Exército de Tanques na Frente do Don defronte dos romenos. Só alguns sinais interceptados pouco antes da ofensiva indicaram seu envolvimento nela.

O aspecto mais impressionante desse período foi a aparente pressuposição de Paulus e Schmidt de que, uma vez que o estado-maior do Sexto Exército houvesse transmitido seus comunicados, nada mais podia ser feito, pois os setores ameaçados se achavam fora da área de responsabilidade deles. Essa passividade era inteiramente contrária à tradição prussiana, que julgava imperdoável a inatividade num comandante – esperar ordens e não pensar por si mesmo. Hitler, claro, decidira esmagar essa independência em seus generais, e Paulus, que por natureza era mais oficial do estado-maior que comandante de campanha, aceitara.

Paulus mais tarde foi responsabilizado pela não desobediência a Hitler, assim que ficou clara a escala do

desastre, mas sua verdadeira falha como comandante foi não ter-se preparado para enfrentar a ameaça. Afinal, o ameaçado era o seu próprio exército. Precisava apenas retirar a maioria dos seus tanques da batalha desperdiçada na cidade, a fim de preparar uma poderosa força mecanizada para reagir rapidamente. Depósitos de suprimento e munição deveriam ter sido organizados para garantir que os veículos se mantivessem prontos para mover-se em cima da hora. Esse grau relativamente pequeno de preparação – e desobediência ao quartel-general do Führer – teria deixado o Sexto Exército numa posição de se defender de forma eficaz no momento crucial.

Hitler decretara, numa Instrução do Führer de 30 de junho, que as formações não fizessem ligações com as vizinhas. No entanto o general Schmidt foi convencido por membros do estado-maior do quartel-general a ignorar essa ordem. Um oficial com um aparelho de rádio fez a ligação com os romenos em direção ao noroeste. Era o tenente Gerhard Stöck, que ganhara uma medalha de ouro por lançamento de dardos nas Olimpíadas de Berlim de 1936. O general Strecker também tomou providências para enviar um oficial de ligação do 11º Corpo.

Os primeiros avisos de uma formação no flanco do Don haviam chegado em fins de outubro. O general Dumitrescu, comandante em chefe do Terceiro Exército romeno, há muito argumentara que aquele setor só poderia ser defendido se eles ocupassem toda a margem, usando o próprio rio Don como seu principal obstáculo antitanque. Recomendara a tomada do resto da margem Sul em fins de setembro, mas o Grupo B do Exército, embora aceitasse seu argumento, explicou que todas as tropas de reserva tinham de ficar concentradas em Stalingrado, cuja captura continuava julgando iminente.

Assim que os romenos começaram a perceber a formação do inimigo, foram ficando cada vez mais ansiosos. Cada uma de suas divisões, compostas de apenas sete batalhões, tinha de cobrir uma frente de quase 20 quilômetros. Sua maior deficiência era a falta de armas antitanque eficazes. Tinham apenas canhões antitanque de 37mm puxados a cavalo, que os russos haviam apelidado de “Aldrava”, porque suas granadas não penetravam a blindagem do T-34. As baterias de artilharia romena também se achavam seriamente sem munição, pois dera-se prioridade ao Sexto Exército.

O estado-maior de Dumitrescu comunicou suas preocupações ao quartel-general do Grupo do Exército em 29 de outubro, e o marechal Antonescu também chamou a atenção de Hitler para a perigosa situação que enfrentavam suas tropas, mas Hitler, ao mesmo tempo que continuava esperando notícias da conquista final de Stalingrado quase todo dia, também ficara perturbado com outros graves acontecimentos. A retirada de Rommel da batalha de El Alamein logo fora seguida de avisos da frota de invasão anglo-americana rumando para a África do Norte. Os desembarques da Operação Tocha também concentravam sua atenção na França. A entrada de forças alemãs nas zonas não ocupadas em 11 de novembro ocorreu no dia em que Paulus lançou seu ataque final a Stalingrado.

A essa altura, os avisos de uma ofensiva soviética contra o saliente começaram a acumular-se rapidamente. O oficial de ligação comunicou em 7 de novembro que “o Terceiro Exército romeno espera um forte ataque com tanques do inimigo em 8 de novembro no setor de Kletskaia-Raspopinskaia”. O único problema era que os romenos esperavam continuamente que a ofensiva russa começasse nas 24 horas seguintes e, quando nada acontecia, sobretudo após o rotineiro 25º aniversário da Revolução, isto começou a ter o efeito do menino gritando lobo.

O brigadeiro von Richthofen, por outro lado, ficara cada vez mais convencido pelos indícios de suas frotas de reconhecimento aéreo. Mesmo durante o ataque de Paulus em 11 de novembro, ele desviou parte do Oitavo Corpo Aéreo para atacar concentrações russas defronte do Terceiro Exército romeno. No dia seguinte, escreveu em seu diário: “No Don, os russos estão levando adiante com determinação os preparativos para uma ofensiva contra os romenos. O Oitavo Corpo Aéreo, toda a Quarta Frota Aérea e a força aérea romena mantêm contínuos ataques a eles. Suas reservas agora estão concentradas. Quando, eu gostaria de saber, virá o ataque!”

Em 14 de novembro, ele anotou: “O tempo tem piorado constantemente, com nevoeiros que causam o congelamento das asas e tempestades de chuvas frias de rachar. Na Frente de Stalingrado, tudo tranquilo. Nossos bombardeiros realizaram ataques repentinos bem-sucedidos às ferrovias a leste de Stalingrado, deslocando o fluxo de reforços e suprimentos. Os caças e caças-bombardeiros têm se concentrado em esmagar a marcha de aproximação russa para o Don.”

As rápidas passagens aéreas alemãs sobre as áreas da retaguarda soviética atingiram parte do Quinto Exército de Tanques que atravessava o Don e quase causaram duas importantes vítimas. A aviação alemã surpreendeu Kruchov e Ieremenko em Svetli-lar, onde recebiam uma delegação do Uzbequistão que trazia 37 vagões ferroviários de presente para os defensores de Stalingrado, incluindo vinho, cigarros, melão desidratado, arroz, maçãs, peras e carne.

A reação à ameaça dos vários níveis de comando – o quartel-general do Führer, o Grupo B do Exército e o quartel-general do Sexto Exército – não foi apenas uma questão de “pouco demais, tarde demais”. As ilusões contagiosas de Hitler também desempenharam seu papel. Ele se protegeu, emitindo ordens para o reforço dos romenos com tropas

alemãs e campos minados, mas se recusou a aceitar que não havia recursos nem formações suficientes disponíveis.

Só se pôde poupar, para fortalecer o ameaçado flanco Norte, o 48º Corpo de Panzers, comandado pelo general Ferdinand Heim, ex-chefe do estado-maior de Paulus. No papel, essa formação parecia poderosa, com a 14ª Divisão de Panzers, a 22ª Divisão de Panzers e a Primeira Divisão de Panzers romena, além de um batalhão antitanque e um batalhão de artilharia motorizada. Sob exame mais atento, porém, revelava-se muito menos impressionante. Todo o corpo de Panzers tinha menos de uma centena de tanques modernos utilizáveis entre as três divisões.

A 14ª Divisão de Panzers, que ficara totalmente presa no combate de Stalingrado, não tivera tempo para se reorganizar. O contingente romeno fora equipado com tanques ligeiros Skoda, da Tchecoslováquia, que não tinham a menor chance contra um T-34 russo. A 22ª Divisão de Panzers, como formação de reserva, estivera faminta de combustível e durante esse longo período de imobilidade os ratos haviam procurado proteção contra a temperatura dentro dos cascos e mastigado todo o material isolante dos fios elétricos até corroê-los, e não existiam substituições imediatas à mão. Enquanto isso, outros regimentos da divisão eram continuamente divididos e enviados de um lado para outro em resposta aos gritos de socorro das unidades romenas. Para manter os romenos calmos, enviavam-se destacamentos mínimos, como dois tanques e dois canhões antitanque, “correndo às tontas” de um setor a outro, como a encenação de um exército cada vez menos convincente. Nicolaus von Below, ajudante da Luftwaffe do Führer, afirmou que “Hitler foi erroneamente informado sobre a qualidade desse corpo de Panzers”, mas, mesmo que isso fosse verdade, ele era um dos que haviam criado a atmosfera em que o estado-maior do seu quartel-general evitava verdades incômodas.

Ao sul de Stalingrado, a única formação de reserva atrás do Sexto Corpo romeno era a 29ª Divisão de Infantaria Motorizada, mas em 10 de novembro informaram-lhe que “ao receber a palavra-código ‘Hubertusjagd’, devia partir no menor tempo possível para Perelazovski, na área do Terceiro Exército romeno”. Perelazovski era o ponto central do 48º Corpo de Panzers. Apesar de todos os avisos do general Hoth, a ameaça ao flanco Sul não foi levada a sério.

A temperatura na primeira quinzena de novembro dificultou a marcha de aproximação para as formações soviéticas. A chuva glacial foi seguida de intensas geadas. Muitas unidades, na correria da preparação para a Operação Urano, ainda não haviam recebido uniformes de inverno. Faltavam não apenas luvas e chapéus, mas até artigos básicos como faixas de pés do Exército Vermelho, usadas no lugar de meias.

Em 7 de novembro, quando a 81ª Divisão de Cavalaria do Quarto Corpo de Cavalaria atravessou a estepe de Kalmik para o flanco Sul, 14 homens, sobretudo os uzbeques e turcomanos, que não haviam recebido uniformes de inverno, morreram de queimadura de frio “devido à atitude irresponsável dos comandantes”. Os oficiais cavalgavam à frente, alheios ao que acontecia atrás. Os soldados congelados, sem condições de se segurar, caíam dos cavalos, e os sargentos, sem saber o que fazer, apenas os atiravam em carroças, onde morriam congelados. Só num esquadrão, a divisão perdeu 35 cavalos. Alguns soldados tentaram esquivar-se da batalha à frente. Na 93ª Divisão de Fuzileiros, durante a marcha de aproximação, houve sete casos de ferimentos autoinfligidos e dois desertores foram capturados. “Nos poucos dias seguintes”, a Frente de Stalingrado comunicou a Scherbakov, “outros traidores também serão julgados, entre eles um membro do Partido

Comunista, que, enquanto servia de sentinela, alvejou-se na mão esquerda.”

A atmosfera no Kremlin tornara-se cada vez mais nervosa desde que Jukov tivera a tarefa não invejável de avisar a Stalin de que o lançamento da Operação Urano precisava ser adiado por dez dias, para 19 de novembro. Os problemas de transporte, sobretudo a falta de caminhões, significavam que as formações atacantes ainda não haviam recebido suas cotas de combustível e munição. Stalin, embora temeroso de que o inimigo tomasse conhecimento do que se achava em ação e escapasse da armadilha, não teve outra opção senão concordar. Apoquentava a *Stavka* em busca de informação de qualquer mudança nas disposições do Sexto Exército. Depois, em 11 de novembro, Stalin passou a ficar ansioso com a ideia de que eles talvez não tivessem aviação suficiente para enfrentar a Luftwaffe. Mas a escala e os detalhes dos planos de Jukov acabaram tranquilizando-o. Desta vez, sentiu, eles afinal teriam sua vingança.

Jukov e Vasilevski foram de avião a Moscou em 13 de novembro para apresentar a Stalin um resumo da situação. “Deu para perceber que ele ficou satisfeito”, escreveu Jukov, “pois soltou baforadas de seu cachimbo sem pressa e ouviu sem nos interromper.”

O serviço secreto do Exército Vermelho pela primeira vez fizera uma decidida tentativa de coordenar suas várias fontes. Era a primeira e verdadeira oportunidade de provar-se desde os desastres anteriores, em grande parte devidos aos obsessivos preconceitos de Stalin, que desprezava totalmente qualquer material correto apresentado.⁸ A maior parte das informações vinha de “línguas” capturadas por patrulhas de reconhecimento, ao sondar ataques e reconhecimento aéreo. Os sinais de informações secretas das unidades de rádio também ajudavam a confirmar a identidade de muitas formações alemãs. O reconhecimento

de artilharia trabalhou muito bem, com o general Voronov supervisionando as concentrações de regimentos nos setores-chave. Os sapadores, enquanto isso, mapearam de antemão os campos minados amigos e inimigos. O principal problema era a neblina glacial, da qual também se queixava amargamente o brigadeiro von Richthofen.

Em 12 de novembro, a primeira tempestade pesada de neve coincidiu com uma série de missões de reconhecimento. Distribuíram-se conjuntos brancos de camuflagem, e os grupos enviados para capturar prisioneiros receberam ordens de investigar se as novas formações haviam sido deslocadas para os setores previstos para a ruptura do cinturão de defesa. A companhia de reconhecimento da 173ª Divisão de Fuzileiros pela primeira vez descobriu alemães preparando casamatas de concreto. Outros prisioneiros alemães, levados por grupos de ataque repentino acima e abaixo da linha de frente, logo confirmaram que, embora se houvesse ordenado a construção de casamatas de concreto, as formações novas não haviam chegado. Na frente do Terceiro Exército romeno, descobriram que os oficiais superiores haviam requisitado o transporte de todos os suprimentos para reforçar com concreto primeiro seu quartel-general na retaguarda, e não havia mais material disponível para as posições de vanguarda. As tropas russas que trabalhavam nesses setores onde estava prestes a ocorrer a ofensiva “sabiam que alguma coisa ia acontecer, mas não exatamente o quê”.

A maior preocupação em Moscou nessa época era a falta de informação confiável sobre o moral do Sexto Exército. Até durante o combate ao redor de Stalingrado, nem sequer um quartel-general regimental fora atingido, portanto, à exceção de umas cartas individuais e ordens recebidas em nível subalterno, eles tinham pouco com que prosseguir. Afinal, em 9 de novembro, o general de divisão do serviço secreto do Exército Vermelho recebeu a transmissão de um

documento capturado da 384ª Divisão de Infantaria do outro lado da curva inferior do Don, uma mistura de regimentos saxões e austríacos. Logo viu que ali, afinal, estava a prova pela qual esperavam havia tempos. Cópias traduzidas foram logo enviadas a Stalin, Beria, Molotov, Malenkov, Voroshilov, Vasilevski, Jukov e Aleksandrov, chefe da Divisão de Agitação e Propaganda. O general Ratov, sem dúvida, imaginou o júbilo que seu conteúdo despertaria no coração do Grande Líder. Era duplamente estimulante, pois essa formação não se envolvera no combate de rua de Stalingrado.

“Estou bem cômico do estado da divisão”, escrevia o general barão von Gablenz a todos os comandantes da 384ª Divisão de Infantaria. “Sei que não restou nenhuma força. Não surpreende, e farei todo o esforço possível para melhorar o estado da divisão, mas o combate é cruel e vem se tornando cada dia mais cruel. É impossível mudar a situação. A letargia da maioria dos soldados precisa ser corrigida com liderança mais ativa. Os comandantes precisam ser mais severos. Em minha ordem de 3 de setembro de 1942, de nº 187-42, estipulei que os que desertassem do seu posto seriam levados à corte marcial (...) Agirei com toda a severidade exigida pela lei. Os que dormirem em seus postos na linha de frente precisam ser punidos com a morte. Não deve haver a menor dúvida quanto a isso. Na mesma categoria, inclui-se a desobediência (...) expressada das seguintes maneiras: falta de cuidado com armas, corpo, vestuário, cavalos e equipamento mecanizado.” Os oficiais precisam avisar a seus soldados que “devem contar em ficar na Rússia durante todo o inverno”.

As formações soviéticas mecanizadas, que haviam sido camufladas bem atrás das linhas, avançaram para suas posições de partida. Estenderam-se cortinas de fumaça para

encobri-las na travessia do Don e ao entrar nas cabeças de ponte. Logo atrás da linha de frente, alto-falantes de companhias de propaganda estrondeavam música e mensagens políticas para abafar o barulho dos motores.

Nas três frentes do “eixo de Stalingrado”, pouco mais de um milhão de homens agora se reunira. O general Smirnov, chefe dos serviços médicos, tinha 119 hospitais de campanha com 62 mil leitos prontos para as baixas. As ordens foram dadas três horas antes do ataque e as unidades do Exército Vermelho informadas de que deveriam fazer uma forte ofensiva na retaguarda do inimigo. Não se falou do cerco. As tropas ficaram ferozmente agitadas com a ideia de que os alemães não sabiam o que ia atingi-los. Era o início do revide. Os veículos foram inspecionados repetidas vezes. Tinham diante deles grandes distâncias a percorrer. Seus motores eram ouvidos “como um médico auscultaria corações”. O tempo de escrever cartas, barbear-se, lavar ataduras e jogar xadrez ou dominó chegara ao fim. “Os homens e comandantes haviam recebido ordens de descansar, mas estavam muito acesos para isso. Todos remoíam na cabeça imaginando se tudo fora realmente bem-feito.”

Na véspera da batalha, os alemães não pressentiram que o dia seguinte ia ser diferente. O relatório diário do Sexto Exército foi breve: “Ao longo de toda a linha de frente, nenhuma mudança importante. Gelo levado pela corrente do Volga mais fraco que ontem.” Naquela noite um soldado que ansiava por partir escreveu para casa, refletindo sobre o fato de estar a “3,3 mil quilômetros da fronteira alemã”.

Notas:

- [1. Não há a menor dúvida de que a propaganda de “violação” no final do verão de 1942 contribuiu significativamente para o estupro em massa cometido pelo Exército Vermelho em seu avanço dentro de território alemão em fins de 1944 e 1945. \(N. do A.\)](#)
- [2. Dois outros filhos de líderes soviéticos, Vladimir Mikoian e Leonid Kruchov, serviram na aviação do Exército Vermelho em Stalingrado. Vasili Stalin, que](#)

era em tudo um playboy contumaz, logo escapou dos deveres de combate para fazer um filme de propaganda sobre a Força Aérea. (N. do A.)

3. A lista de apelidos e gírias é quase infindável. Balas eram “sementes de girassol”, e minas, “maxixes”. “Língua” era um sentinela inimigo capturado para interrogatório. (N. do A.)
4. Além da reconhecida integrante de uma guarnição de tanques, Iekaterina Petliuk, muito poucas mulheres serviram como soldados combatentes na cidade. Contudo, nos exércitos de aviação que apoiavam o da Frente de Stalingrado, havia um regimento de bombardeiros liderado pela famosa aviadora Marina Raskova. “Eu nunca a vi de tão perto”, escreveu Simonov em seu diário, após conhecê-la no aeródromo de Kamishin, “e não percebi como era tão jovem e linda. Talvez eu me lembre tão bem porque logo depois soube que fora morta.” (N. do A.)
5. Cerca de 270 mil ucranianos já haviam sido recrutados de campos de concentração por volta de 31 de janeiro de 1942. Outros eram voluntários civis. A Stadtkommandantur em Stalingrado, segundo um relatório do NKVD, tinha 800 jovens armados e uniformizados para servir como sentinelas e escolta. (N. do A.)
6. Grossman parece ter passado por um período de idealização espiritual, vendo o soldado do Exército Vermelho em termos quase tolstoianos. “Na guerra”, escreveu em outro livro de anotações, “o russo veste uma túnica branca na alma. Vive pecaminosamente, mas morre como um santo. No *front*, os pensamentos e a alma dos homens são puros, e eles têm aquela modéstia dos monges.” (N. do A.)
7. A icterícia era registrada em separado. “A icterícia, em particular, predomina aqui”, escreveu um oficial. “E como icterícia significa uma passagem para casa, todo mundo deseja pegá-la.” Parece não haver nenhum exemplo registrado de soldados comendo o ácido pícrico das granadas para fazê-los ficar amarelos, como na Primeira Guerra Mundial. (N. do A.)
8. O serviço secreto (inteligência) às vezes era um perigoso ramo ao qual servir. Em 22 de novembro, três dias após o início da grande ofensiva, o chefe do serviço de informações do 62º Exército foi acusado de “ideias derrotistas e contrarrevolucionárias” e de dar informações falsas sobre o inimigo. É impossível saber se o oficial em questão estava sendo julgado responsável por crimes políticos, por incompetência pessoal ou como bode expiatório de algum superior. (N. do A.)

Parte 4

A armadilha de Jukov

Operação Urano

Logo depois das 5 horas da manhã, na quinta-feira, 19 de novembro, o telefone tocou no quartel-general do Sexto Exército. O estadomaior das operações alojara-se em Golubinski, uma grande aldeia cossaca na margem direita do Don. Fora, começara a nevar, o que, agravado pela neblina enregelante, impedia os sentinelas de ver além de alguns poucos metros.

O telefonema era do tenente Gerhard Stöck, ganhador da medalha de ouro por lançamento de dardos, do Quarto Corpo do Exército romeno no setor de Kletskaia. Sua mensagem está registrada no diário de campanha:

- Segundo a confirmação de um oficial russo capturado na área da Primeira Cavalaria romena, o ataque esperado deve começar hoje às cinco horas.

Como não havia outros sinais da ofensiva e passava das 5 horas, o oficial de plantão não acordou o chefe do estadomaior. O general Schmidt ficava furioso quando o incomodavam com um alarme falso, e recentemente houvera muitos deles, vindos das divisões romenas a noroeste.

Na verdade, durante toda a noite, sapadores soviéticos em uniformes de camuflagem brancos haviam avançado rastejando na neve, retirando minas antitanque. A artilharia russa e as baterias de morteiro concentradas em massa embarcaram às 7h20 da manhã, horário russo, 5h20 da manhã, horário alemão, ao receberem a palavra em código "Sirene". Um general soviético disse que o nevoeiro branco glacial era "espesso como leite". O quartel-general do *front* examinou a possibilidade de um adiamento, mas decidiu

contra. Dez minutos depois, os regimentos de canhão, obus e *Katiusha* receberam a ordem de preparar-se para atirar. O sinal foi transmitido por trombetas, claramente ouvidas pelas tropas romenas defronte.

No quartel-general do Sexto Exército, o telefone mais uma vez tocou. Desperdiçando poucas palavras, Stöck disse ao capitão Behr, que atendeu, que as chamadas de trombetas haviam assinalado o início de um bombardeio maciço.

- Tenho a impressão de que os romenos não terão condições de resistir, mas o mantereii informado.

Desta vez, Behr não hesitou em acordar o general Schmidt.

Nos dois principais setores escolhidos para a ofensiva que partira do norte, uns 3,5 mil canhões e morteiros pesados concentraram-se a fim de abrir rota para uma dúzia de divisões de infantaria, três corpos de tanque e dois corpos de cavalaria. As primeiras salvas soaram como trovões no ar parado. Disparando numa bruma impenetrável para os oficiais de observação, a artilharia e as baterias de *Katiusha* não conseguiam fazer nenhuma correção, mas tendo regulado o alcance da linha de tiro alguns dias antes, seu fogo continuou muito acurado.

O chão começou a tremer como se houvesse um terremoto de baixa intensidade. O gelo nas poças estalava como espelhos antigos. O bombardeio foi tão intenso que a quase 50 quilômetros ao sul os oficiais médicos da 22ª Divisão de Panzers despertaram de um sono pesado, “porque o chão tremia”. Não esperaram pelas ordens. “A situação era clara.” Carregaram seus veículos já prontos para se dirigirem à linha de frente.

Os soldados russos nas frentes do Don e de Stalingrado também ouviram o estrondo distante da artilharia e perguntaram aos oficiais o que estava acontecendo. Os comandantes tiveram de responder: “Não sei.” A obsessão com segredo era tão grande que não se fez nenhum comunicado antes do desfecho da batalha estar bem e

verdadeiramente decidido. A maioria, claro, adivinhou, e mal conseguiu conter a emoção. Stalin, em seu discurso à nação 12 dias antes, no 25º aniversário da Revolução, fizera uma escancarada insinuação sobre um grande contra-ataque, com as palavras: “Também haverá um feriado na nossa rua.”

Após uma hora, as divisões de fuzileiros soviéticos, não apoiadas por tanques, avançaram. Os canhões e as baterias de *Katiusha*, ainda atirando às cegas, aumentaram sua linha de tiro para tomar a segunda linha e a artilharia romenas. A mal equipada infantaria romena, embora abalada pelo intenso bombardeio, aprumou-se nas trincheiras e revidou bravamente. “O ataque foi rechaçado”, informou um oficial alemão da 13ª Divisão de Infantaria romena.

Uma segunda investida, desta vez apoiada por tanques, também foi posta em retirada. Por fim, após uma nova série de bombardeios, os canhões soviéticos pararam abruptamente de atirar. O nevoeiro parecia tornar o silêncio ainda mais profundo. Depois os romenos ouviram o barulho dos motores de tanque.

A maciça preparação da artilharia, que revolvera a neve e a lama da terra de ninguém, não facilitara a partida para os T-34. Também escondera as rotas pelos campos minados. Os sapadores levados na parte de trás do segundo ou terceiro tanque, prontos para a hipótese de o veículo de vanguarda atingir uma mina, logo teve de responder à ordem: “Sapadores, saltar!” Sob a linha de fogo da infantaria romena, eles avançaram correndo para abrir uma rota nova.

Os soldados romenos resistiram bravamente a várias outras ondas de infantaria soviética e conseguiram eliminar muitos tanques, mas, sem armas antitanque suficientes, estavam condenados. Vários grupos de tanques romperam a linha de defesa, depois atacaram pelos lados. Sem poder perder mais tempo com ataques de infantaria, os generais soviéticos enviaram suas formações blindadas direto para cima das linhas romenas em massa, e as principais rupturas do cinturão de defesa ocorreram por volta do meio-dia. O

Quarto Corpo de Tanques e o Terceiro Corpo da Guarda de Cavalaria atravessaram esmagando o Quarto Corpo romeno no setor de Kletskaia e prosseguiram para o sul. Os homens da cavalaria soviética, com submetralhadoras a tiracolo nas costas, conduziam seus pôneis peludos a meio galope sobre a paisagem coberta de neve, quase tão rápidos quanto os tanques. Os T-34, com as torres curvadas para a frente nos cascos, pareciam igualmente impacientes para chegar ao inimigo.

Meia hora depois, uns 50 quilômetros a oeste, o Quinto Exército de Tanques do general Romanenko destruiu as defesas do Segundo Corpo romeno. As largas esteiras dos T-34 esmagaram o arame farpado e derrubaram as trincheiras. O Oitavo Corpo de Cavalaria logo o seguiu. Sua missão era proteger o flanco direito e alargar o cerco para oeste.

No meio da manhã, o vento dispersara um pouco a neblina; portanto, algumas aeronaves das Segunda, 16ª e 17ª Forças Aéreas soviéticas entraram no ataque. As bases da Luftwaffe parecem ter sofrido de visibilidade mais fraca; caso contrário, seus controladores de ar não teriam corrido os mesmos riscos que suas contrapartes. “Mais uma vez, os russos fizeram uso magistral do mau tempo”, escreveu Richthofen, com mais sensação que exatidão, em seu diário naquela noite. “Chuvas, neve e nevoeiros glaciais interromperam todos os voos. O Oitavo Corpo Aéreo conseguiu com grande dificuldade decolar uma ou duas aeronaves. Isolar as travessias do Don por bombardeios é impossível.”

O quartel-general do Sexto Exército só foi oficialmente informado da ofensiva às 9h45 da manhã. A reação, nesse estágio, indica que, embora se tenha levado a ameaça a sério, sem a menor dúvida não foi considerada fatal. Os ataques em Stalingrado, mesmo aqueles que envolviam divisões de Panzers, não foram interrompidos.

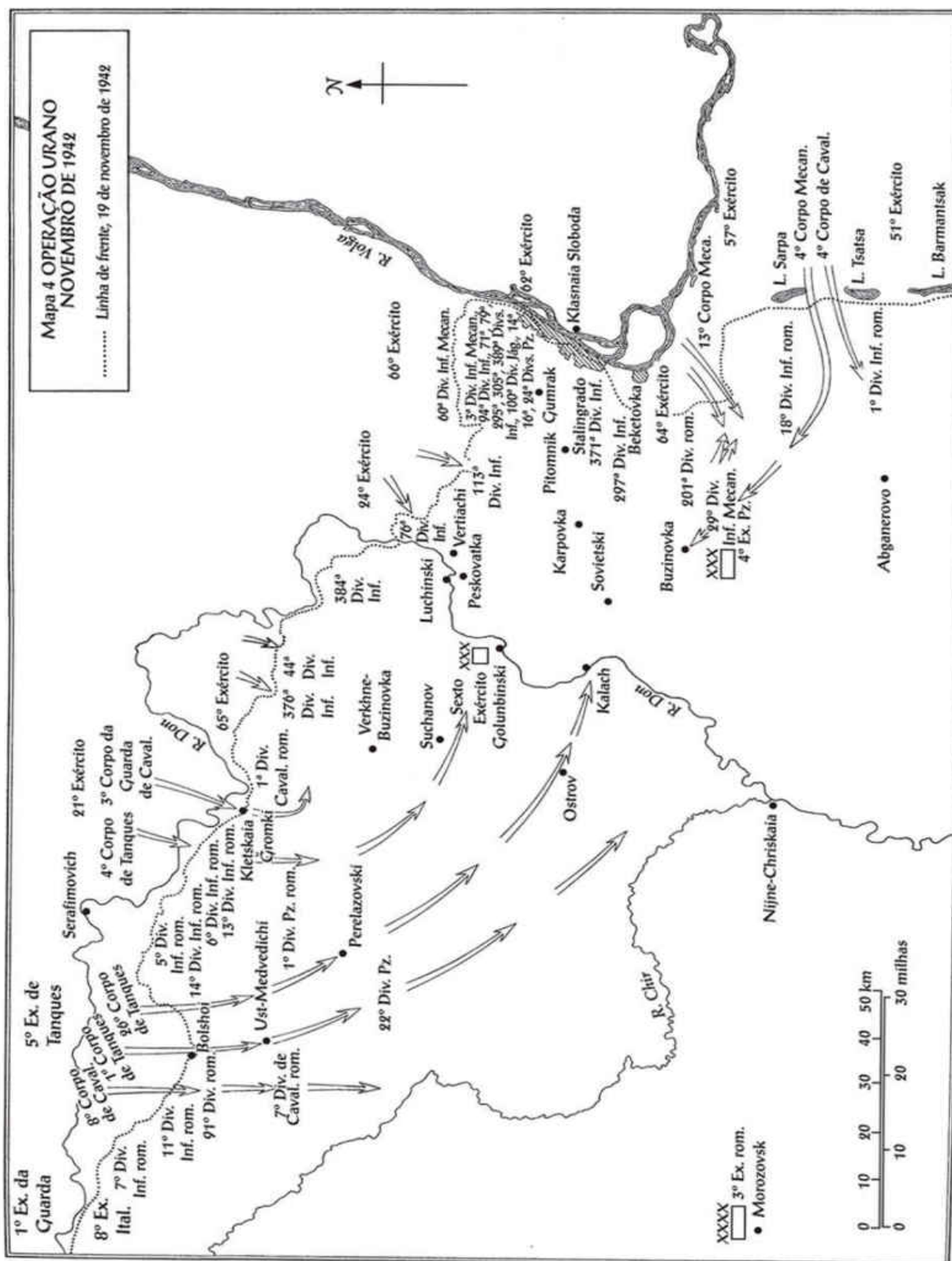
Às 11h05, o general von Sodenstern, chefe do estada-maior do Grupo B do Exército, telefonou para Schmidt a fim de informá-lo de que o 48º Corpo de Panzers fora enviado a Bolshoi, no Norte, para ajudar os romenos. (O corpo de fato estava avançando em direção ao setor de Kletskaia quando, para fúria de Heim, ordens transmitidas por Hitler na Baviera haviam obrigado a mudança de direção.) Sodenstern sugeriu que o Sexto Exército devia mandar o 11º Corpo de Strecker enviar tropas para reforçar as defesas a leste de Kletskaia, onde resistia a Primeira Divisão de Cavalaria romena. Até então, haviam sido informados apenas sobre vinte tanques inimigos avistados - “até o momento apenas um ataque fraco”. Às 11h30, um regimento da 44ª Divisão de Infantaria austríaca recebeu ordens de deslocar-se naquela noite para oeste. Esse foi o início de um processo que ia tolher a atividade do Sexto Exército na curva do Don e impedir gravemente sua liberdade de ação.

Apesar dos oficiais de ligação e da instalação das novas linhas telefônicas alguns dias antes, pouca informação detalhada aparecia. O primeiro indício de que a situação talvez fosse mais perigosa do que se imaginava antes só chegou mais de duas horas depois da ruptura soviética das linhas de defesa. Houve notícias de “uma ponta de lança blindada inimiga” (de fato, o Quarto Corpo de Tanques do general-de-divisão Kravchenko) que penetrara pela 13ª Divisão de Infantaria romena e avançara mais 10 quilômetros para Gromki. Essa notícia já semeara pânico em vários quartéis-generais de formação romena: “Caixas de arquivos e bagagem pessoal” haviam sido atiradas em caminhões e seu pessoal partira às pressas. Pairava ainda mais incerteza sobre o progresso do ataque maior pelo Quinto Exército de Tanques do general Romanenko, mais para oeste.

A ideia tranquilizadora de enviar o chamado 48º Corpo de Panzers ao norte para contra-atacar demonstrava como os oficiais superiores alemães se haviam deixado corromper

pelas ilusões do próprio Hitler. Um corpo de Panzers teria sido mais que um páreo para um exército de tanques soviético, mas em tanques de batalha utilizáveis esse não chegava nem a corresponder a uma divisão completa. A 22ª Divisão de Panzers tinha pouco mais que trinta tanques utilizáveis e tanta escassez de combustível que precisou tomar emprestado das reservas romenas. Piadas sobre a sabotagem dos ratos haviam circulado por todo o exército, mas poucos riram assim que as implicações se tornaram visíveis.

..... Linha de frente, 19 de novembro de 1942



As mudanças de ordens só pioraram tudo. Em vez de distribuir o corpo de Panzers de Heim em bloco, como planejado, a Primeira Divisão de Panzers romena foi desviada quando já estava em movimento. Essa separação levou a outros desastres. Um ataque surpresa soviético ao seu quartel-general destruiu o aparelho de rádio do oficial de ligação, único meio de comunicação com o quartel-general do general Heim, e todo o contato foi perdido durante os dias seguintes.

O aspecto mais impressionante das ocorrências desse dia foi a falta de reação do general Paulus. Após não organizar uma força de ataque mecanizada antes da ofensiva inimiga, ele continuou não fazendo nada. As 16ª e 24ª divisões de Panzers foram deixadas com muitas das suas unidades emperradas no combate de rua em Stalingrado. Nada se fez com o intuito de levar-lhes munição e combustível para reabastecer seus veículos.

Durante a tarde de 19 de novembro, os tanques soviéticos avançaram em colunas pelo nevoeiro glacial para o sul. Como havia muito poucos pontos de referência naquela região erma, coberta de neve, os civis locais haviam sido recrutados como guias para as unidades de ponta, mas isso não bastou. A visibilidade era tão ruim que os comandantes tiveram de se orientar por bússola.

O avanço foi duplamente perigoso. Neve movediça escondia barrancos profundos. Em alguns lugares, gramíneas altas de estepe, cobertas por espessa camada de geada, projetavam-se espetadas acima da neve, enquanto mais adiante montes se acumulavam em curvas enganosamente suaves. As guarnições de tanques eram atiradas com tanta força que apenas seus capacetes de couro acolchoados as salvavam de caírem desfalecidas. Quebravam-se membros, sobretudo braços, dentro dos cascos e torres, mas as colunas de tanques não paravam por

nenhuma vítima. Atrás, todos viram os clarões e as explosões quando sua infantaria terminou de transpor a primeira e a segunda linhas de trincheiras.

Os comandantes do Quarto Corpo de Tanques, avançando em direção ao sul para além de Kletskaia, vigiavam, ansiosos, seu flanco esquerdo, à espera de um contra-ataque dos alemães. Sabiam que os romenos não tinham condições de fazê-lo. À medida que se intensificava, a nevasca bloqueava as viseiras e invadia as fendas da metralhadora montada ao lado do armamento principal. Quando a noite começava a cair, por volta das 15h30 da tarde, os comandantes deram ordens para que se acendessem os faróis. Era a única alternativa se desejassem continuar prosseguindo.

Ao romper as linhas de defesa ocidentais, o 26º Corpo de Tanques do general Rodin avistou grandes fogaréus adiante. Eram parte de uma fazenda coletiva que os alemães haviam abandonado às pressas, após atear fogo nos prédios. Claramente, os inimigos sabiam da presença deles. Os motoristas de tanque desligaram os faróis quando a artilharia alemã abriu fogo.

Foi o Primeiro Corpo de Tanques de Butkov, pela direita, que acabou deparando com o gravemente desfalcado 48º Corpo de Panzers. Os tanques alemães sofriam além disso com problemas elétricos, e suas esteiras estreitas derrapavam no gelo negro. O combate no escuro, avolumando-se, era caótico. As habituais vantagens alemãs de habilidade tática e coordenação haviam desaparecido por completo.

A ordem do quartel-general do Grupo do Exército para bloquear a represa perto de Kletskaia com parte do 11º Corpo e a 14ª Divisão de Panzers já chegara inutilmente tarde quando transmitida. Os quartéis-generais do Grupo B do Exército e Sexto Exército sentiam-se cegos pela ausência

de informação clara. “Não é possível nem mesmo obter um panorama da situação por reconhecimento aéreo”, escreveu o general von Richthofen em seu diário. Os russos também haviam conseguido confundir o quadro, deslançando ataques ao longo de quase todos os setores do Sexto Exército.

Às 17 horas, quando o Quarto Corpo de Tanques de Kravchenko já avançara mais de 30 quilômetros, o 11º Corpo do Exército do general Strecker recebeu ordens de formar uma nova linha de defesa estendendo-se ao sul, para proteger a retaguarda do Sexto Exército. Mas os comandantes alemães, incluindo Richthofen, ainda continuavam não adivinhando o objetivo do Exército Vermelho. “Esperemos”, escreveu ele, “que os russos não cheguem à linha ferroviária, a artéria principal para os nossos suprimentos.” Ainda não podiam imaginar que os russos tentavam fazer um cerco completo do Sexto Exército.

Às 18 horas, o quartel-general do general von Seydlitz recebeu instruções para que as partes da 24ª Divisão de Panzers, que não haviam participado do combate em Stalingrado, partissem para a área de Peskovatka e Vertiachi próxima às travessias do Don. Mas só às dez horas naquela noite – 17 horas após o início da ofensiva – o Sexto Exército recebeu uma ordem firme do coronel-general von Weichs para interromper o combate em Stalingrado. “Mudança de situação na área do Terceiro Exército romeno obriga a medidas radicais com o objetivo de deslocar forças o mais rápido possível para cobrir o flanco da retaguarda do Sexto Exército e assegurar as linhas de comunicação.” Todas as ofensivas em Stalingrado deveriam “cessar imediatamente”. As unidades motorizadas e de Panzers deveriam ser enviadas para oeste o mais rápido possível. Devido à total falta de preparação para uma eventualidade como essa, o deslocamento acabaria não sendo nada rápido. O 62º Exército de Chuikov, como se poderia esperar,

também lançou fortes ataques a fim de impedir a desmobilização dos alemães.

A 16ª Divisão de Panzers, “em cujas fileiras muitos russos Hiwis haviam sido recrutados para preencher lacunas”, também foi mandada em direção ao oeste para o Don. Como a 24ª Divisão de Panzers, teria de reabastecer-se nos depósitos de reserva no caminho, pois não havia combustível suficiente na vizinhança imediata de Stalingrado. Mas primeiro a divisão teve de desembaraçar-se do combate ao redor de Rinok. Isso significou que, embora parte dela houvesse partido para oeste na noite seguinte, alguns dos tanques do Segundo Regimento de Panzers só receberam afinal a ordem de “deslocar-se” às três da manhã em 21 de novembro, 46 horas após a abertura do ataque soviético.

Como os ataques soviéticos vinham ocorrendo na retaguarda do Sexto Exército, e fora da sua área de responsabilidade, Paulus esperava ordens de cima. O Grupo B do Exército, enquanto isso, estava tendo que reagir às ordens transmitidas pelo Führer de Berchtesgaden. A determinação de Hitler de controlar os acontecimentos provocara um desastroso imobilismo quando se necessitava da maior rapidez possível. Ninguém parece ter-se reunido para reavaliar as intenções do inimigo. Ao enviar o grosso dos regimentos de Panzers do Sexto Exército de volta pelo Don, para defender o flanco da retaguarda, perdeu-se toda a flexibilidade. Pior que tudo, deixou-o com o flanco Sul exposto.

Na frente do Quarto Exército de Panzers, ao sul de Stalingrado, os regimentos alemães ouviram, na manhã de 19 de novembro, muito mais de 100 quilômetros a noroeste, as barragens da artilharia. Imaginaram que começara o grande ataque, mas ninguém lhes disse o que estava acontecendo. Na 297ª Divisão de Infantaria, cujo flanco

direito se limitava com o Quarto Exército, o major Bruno Gebele, comandante de um batalhão de infantaria, não sentiu “nenhuma ansiedade particular”. Seu setor continuou tranquilo o dia todo.

Com o intenso congelamento da terra, a estepe parecia excepcionalmente fria quando o vento que soprava do sul açoitava, como poeira branca, a neve fina e seca. A divisão vizinha da esquerda, a 371ª de Infantaria, ouvia as banquetas de gelo rangerem umas contra as outras no Volga. Naquela noite, seu quartel-general foi informado de que haviam cessado todos os ataques do Sexto Exército em Stalingrado.

Na manhã seguinte, o nevoeiro glacial mais uma vez era denso. Ieremenko, comandante da Frente de Stalingrado, decidiu adiar o bombardeio de abertura, apesar dos nervosos telefonemas de Moscou. Por fim, às 10 horas da manhã, a artilharia e os regimentos de *Katiusha* abriram fogo. Quarenta e cinco minutos depois, as tropas de terra avançaram pelos canais através de campos minados desobstruídos por sapadores durante a noite. Ao sul de Beketovka, os 64º e 57º Exércitos aguentaram o golpe desferido pelo 13º Corpo Mecanizado. Pouco mais de 40 quilômetros ao sul, próximo ao lago Sarpa e ao lago Tsatsa, o Quarto Corpo Mecanizado e o Quarto Corpo de Cavalaria lideraram o 51º Exército para o ataque.

Os vizinhos alemães da 20ª Divisão de Infantaria romena fitavam as “massas de tanques soviéticos e ondas de infantaria, em quantidades jamais vistas antes, avançando contra os romenos”. Gebele mantivera contato com o comandante do regimento romeno adjacente, coronel Gross, que servira no Exército austro-húngaro e por isso falava bem alemão. Os homens de Gross tinham apenas um único Pak de 3,7cm puxado a cavalo para todo o setor, mas os soldados camponeses romenos combateram bravamente, considerando-se que haviam sido deixados sozinhos. Os oficiais e primeiros-sargentos “jamais eram vistos na linha

de frente e, em vez disso, passavam a maior parte do tempo em vários prédios na retaguarda com música e álcool”. Os relatórios soviéticos atribuíam aos romenos defesas com armamento muito melhor do que de fato eram. Diziam que o primeiro tanque da 13ª Brigada de Tanques a romper as linhas de defesa esmagara debaixo das esteiras não menos que quatro canhões antitanque e destruía três pontos de disparo.

Gebele viu bem o ataque de um posto de observação no seu setor. “Os romenos lutaram bravamente, mas, contra as ondas do ataque soviético, não tinham a menor chance de resistir por mais tempo.” O ataque soviético parecia prosseguir “como num terreno de treinamento: fogo – investida – fogo – investida”. Mas as imagens de jornais cinematográficos dos tanques T-34 avançando a toda, cuspidos neve das esteiras, cada veículo levando um grupo de assalto de oito homens em conjuntos de camuflagem brancos, tendem muitas vezes a esconder as terríveis deficiências. As formações de ataque no Sul de Stalingrado sofriam terrível escassez de suprimentos, devido à dificuldade de embarcá-los em balsa pelo Volga já quase obstruído pelo gelo. As divisões começaram a ficar sem comida no segundo dia da ofensiva. No terceiro dia, a 157ª Divisão de Fuzileiros não tinha mais carne nem pão. Para resolver o problema, todos os veículos no 64º Exército, entre eles os que serviam como ambulâncias, foram desviados para reabastecer o avanço. Os feridos eram simplesmente deixados para trás na neve.

O entusiasmo da maioria das tropas atacantes era visivelmente evidente. Eles viam aquilo como um momento histórico. Fomkin, instalador de linhas de comunicações da 157ª Divisão de Fuzileiros, ofereceu-se como voluntário para seguir na frente dos tanques atacantes e conduzi-los pelo campo minado. Não se pode sequer duvidar do relatório do departamento político da Frente de Stalingrado sobre a felicidade das tropas, porque “chegara a muito esperada

hora em que os defensores de Stalingrado iam fazer o sangue do inimigo jorrar por nossas esposas, filhos, soldados e oficiais". Para os que participaram, foi o "dia mais feliz de toda a guerra", incluindo até a rendição final alemã em Berlim.

A Pátria violada era afinal vingada, mas foram as divisões romenas, não as alemãs, que receberam o impacto principal. Sua infantaria, na opinião do chefe do estada-maior do general Hoth, sofria de "medo de Panzer". Segundo os relatórios soviéticos, muitos largavam prontamente as armas, erguiam as mãos e gritavam: "*Antonescu kaputt!*" Parece que os soldados do Exército Vermelho também descobriram que vários haviam atirado na própria mão esquerda, passando depois ataduras no ferimento para evitar infecção. Reuniram-se os prisioneiros romenos em colunas, mas antes de serem conduzidos em marcha para os campos, muitos – talvez até centenas – foram fuzilados por soldados do Exército Vermelho por conta própria. Houve comunicados sobre corpos de oficiais soviéticos encontrados mutilados num quartel-general romeno, mas provavelmente não foi isso que desencadeou os assassinatos espontâneos.

Embora se houvesse conseguido logo romper as linhas de defesa inimigas no Sudeste, o ataque não se realizou de acordo com o plano. Houve "casos de caos nas unidades de vanguarda", devido a "ordens contraditórias". Isso parece ser um eufemismo para a cautela e falta de controle do general de divisão Volski sobre suas colunas do Quarto Corpo Mecanizado, que se confundiram quando avançavam a oeste da linha dos lagos.^{[1](#)}

Ao norte de Volski, o problema inicial do coronel Tanashchishin com o 13º Corpo Mecanizado foi a falta de caminhões para manter sua infantaria avançando no mesmo ritmo que os tanques. Mas também ele deparou com uma oposição muito mais difícil que a dos romenos. A única reserva alemã naquela parte do *front*, a 29ª Divisão de Infantaria Motorizada do general Leyser, avançou para

interceptar o Corpo de Tanashchishin a uns 16 quilômetros ao sul de Beketovka. Embora a divisão de Leyser conseguisse infligir uma violenta marcha a ré nas colunas soviéticas, o general Hoth recebeu ordens de retirar-se para proteger o flanco Sul do Sexto Exército. O Sexto Corpo do Exército romeno praticamente se desmantelara, havia pouca chance de restabelecer uma nova linha de defesa, e mesmo o quartel-general do próprio Hoth ficou ameaçado. Entre a ofensiva blindada do Sul e o rio Don, só restara o Sexto Regimento de Cavalaria romeno.

O sucesso do ataque de Leyser sugere que se Paulus tivesse formado uma forte reserva móvel antes da ofensiva, poderia ter atacado com ela no Sul, uma distância de pouco menos de 25 quilômetros, e esmagado com muita facilidade o braço inferior do cerco. No dia seguinte, poderia mandá-la para noroeste em direção a Kalach, a fim de enfrentar a principal ameaça da ofensiva Norte. Mas isso pressupunha uma avaliação clara do verdadeiro perigo, o que faltou a Paulus e a Schmidt.

Naquela manhã de sexta-feira, 20 de novembro, mais ou menos na hora em que começaram os bombardeios no Sul de Stalingrado, o Quarto Corpo de Tanques de Kravchenko, quase 40 quilômetros dentro da retaguarda além do 11º Corpo de Strecker, desviou seu avanço para sudeste. Enquanto isso, o Terceiro Corpo da Guarda de Cavalaria concentrava-se para atacar o 11º Corpo pela retaguarda. Strecker tentava estabelecer uma linha de defesa Sul pela curva superior do Don, para proteger essa lacuna aberta atrás de todo o exército. Enquanto isso, o grosso do seu corpo enfrentava o 65º Exército soviético ao norte, que mantinha alta a pressão com constantes ataques, para impedir qualquer deslocamento de tropas.

Com os romenos a “fugir, enlouquecidos, a maioria deixando para trás as armas”, a 376ª Divisão de Infantaria

teve de voltar-se para ficar de frente para o sudoeste, tentando ao mesmo tempo fazer contato com parte da 14ª Divisão de Panzers ao sul. A 44ª Divisão de Infantaria Austríaca também teve de deslocar-se, mas “muito material se perdeu, porque não pôde ser transportado, devido à falta de combustível”.

Ao sul, o regimento de Panzers da 14ª Divisão de Panzers continuava sem nenhuma ideia clara da direção de aproximação do inimigo. Após avançar quase 20 quilômetros para oeste, retirou-se à tarde de volta a Verkne-Buzinovka. A caminho, colidiu com um regimento de flanco do Terceiro Corpo da Guarda de Cavalaria e praticamente o aniquilou. Ao longo dos dois dias seguintes, o regimento de Panzers destruiu 35 tanques soviéticos. Por outro lado, um destacamento de fogo antiaéreo desprotegido, usando seus “oitenta e oito” como canhões antitanque, foi arrasado por um ataque russo.

“A catastrófica situação do combustível” continuava dificultando as outras divisões de Panzers e motorizadas, começando a sair de Stalingrado para oeste a fim de reforçar essa nova frente. Também se sofria escassez de guarnições de tanques, depois da ordem de Hitler de mandar todo homem disponível para Stalingrado como infantaria. A outra decisão amargamente sentida foi a retirada dos cavalos do Sexto Exército para oeste. A nova guerra de movimento imposta de repente pelos russos obrigou as divisões de infantaria alemãs a abandonar sua artilharia.

O colapso romeno acelerou-se quando as pontas de lança soviéticas penetraram mais fundo. Poucas de suas tropas de apoio à retaguarda haviam sido treinadas para combater, e os oficiais do estada maior fugiram do quartel-general. Atrás dos tanques avançando, escreveu um jornalista soviético, “a estrada está coberta de cadáveres inimigos; canhões abandonados apontam para o lado errado. Cavalos erram pelas *balkas* à procura de comida, os rastros interrompidos estendendo-se pelo chão atrás deles; pequenas mechas

cinzentas de fumaça enroscam-se acima dos caminhões destruídos pela explosão de granadas; capacetes de aço, granadas de mão e cartuchos de fuzil juncam a estrada”. Grupos isolados de romenos haviam continuado a resistir em setores da antiga linha de frente, mas as divisões de fuzileiros soviéticas do Quinto Exército de Tanques e do 21º Exército logo os esmagaram. Perelazovski imobilizara um quartel-general de corpo romeno que, segundo o general Rodin, o abandonara tão apressado que seu 26º Corpo de Tanques encontrou “documentos do estada maior espalhados pelo chão e sobretudos de oficiais forrados de pele pendurados nos cabides” – os donos tendo fugido na noite gélida. Mais importante para a coluna mecanizada soviética, eles capturaram intato o depósito de combustível.

Enquanto isso, a 22ª Divisão de Panzers, sem poder resistir aos T-34 do Primeiro Corpo de Tanques, retirara-se. Fez uma tentativa no dia seguinte de atacar pelo noroeste, mas logo foi cercada. Reduzida a pouco mais que o equivalente a uma companhia de tanques, abriu caminho com esforço e retirou-se para sudoeste, surrada pelo Oitavo Corpo de Cavalaria soviético.

Nesse meio tempo, o 26º Corpo de Tanques de Rodin, após esmagar parte da Primeira Divisão de Panzers romena, que se interpôs em seu caminho, também iniciou o avanço pela estepe descampada para o sudeste. As colunas soviéticas haviam sido orientadas a esquecer o inimigo deixado para trás e concentrar-se no objetivo à frente. Se o reconhecimento aéreo da Luftwaffe houvesse conseguido identificar as rotas quase paralelas dos três corpos de tanques durante a tarde de 20 de novembro, talvez os sinos no quartel-general do Sexto Exército tivessem badalado mais cedo.

A principal formação romena que ainda combatia com eficácia nessa época era o “Grupo de Lascar”. Consistia nos membros restantes do Quinto Corpo do Exército, reunidos pelo intrépido general Mihail Lascar, quando ficou isolado

entre as duas grandes ofensivas blindadas soviéticas. Lascar, condecorado com a Cruz de Cavaleiro em Sebastopol, era um dos poucos oficiais romenos superiores que os alemães de fato respeitavam. Ele resistiu na suposição de que o 48º Corpo de Panzers viesse em seu socorro.

O quartel-general do Sexto Exército, a pouco mais de 19 quilômetros de Kalach, em Golubinski, parece ter começado a manhã de sábado, 21 de novembro, de ânimo relativamente otimista. Às 7h40 da manhã, “uma descrição não desfavorável da situação” foi despachada ao Grupo B do Exército. Paulus e Schmidt, que continuavam vendo como a principal ameaça os ataques ao flanco esquerdo de Strecker pelo Terceiro Corpo da Guarda de Cavalaria, claramente acharam que suas forças levadas de Stalingrado para oeste transformariam a situação.

No decorrer daquela manhã, contudo, Paulus e Schmidt haviam recebido uma série de choques desagradáveis. Todos os diferentes sinais apontavam para a mesma conclusão. O Grupo B do Exército avisou-os que o flanco Sul do Sexto Exército era agora ameaçado pelos dois lados. Chegou um comunicado de que uma grande coluna blindada (de fato, parte do Quarto Corpo de Tanques de Kravchenko) estava a menos de 33 quilômetros ao oeste. Dirigia-se para a estrada principal do Don, obra-prima da engenharia militar alemã na margem direita, que ligava a maioria das pontes naquele trecho vital do rio. O Sexto Exército não tinha tropas na área capazes de fazer frente à ameaça. Para piorar tudo, muitas das bases de manutenção do Sexto Exército e depósitos de abastecimento achavam-se expostos. Paulus e Schmidt afinal reconheceram que o inimigo visava um cerco completo. As ofensivas soviéticas em diagonal, ao mesmo tempo pelo noroeste e sudoeste, com quase toda certeza pretendiam tomar Kalach e sua ponte.

As desastrosas reações alemãs à Operação Urano haviam-se baseado não apenas na crença de Hitler de que os russos não tinham mais reservas, mas também nas arrogantes suposições da maioria dos generais. “Paulus e Schmidt já esperavam um ataque”, explicou um oficial do quartel-general do Sexto Exército, “mas não um ataque daquele porte. Era a primeira vez que os russos usavam tanques como nós.” Mesmo Richthofen admitiu isso, em termos implícitos, ao descrever a ofensiva inimiga da seguinte maneira: “Para mim, uma brecha do cinturão de defesa espantosamente bem-sucedida.” O marechal de campo von Manstein, por outro lado, achou (talvez com a vantagem da visão em retrospecto) que o quartel-general do Sexto Exército demorara demais para reagir e fora extremamente negligente não prevendo a ameaça a Kalach – a óbvia travessia do Don entre as duas rupturas.

Logo depois do meio-dia, a maioria do estada-maior do quartel-general de Paulus foi deslocada para o entroncamento ferroviário de Gumrak, a leste, a uns 13 quilômetros de Stalingrado, para ficar perto do grosso do Sexto Exército. Enquanto isso, Paulus e Schmidt partiram em dois aviões leves Fieseler Storch para Nijne-Chirskaja, onde o general Hoth se juntou a eles no dia seguinte para uma conferência. Em Golubinski, deixaram para trás colunas de fumaça elevando-se no gélido ar de arquivos e depósitos incinerados, além de várias aeronaves de reconhecimento inutilizadas na pista de voo ao lado, posta em chamas. Em sua partida apressada, também não souberam de uma “decisão do Führer”, transmitida pelo Grupo B do Exército às 15h25, que começava assim: “Sexto Exército, mantenha-se firme, apesar do perigo do cerco temporário.”

Eram poucas as esperanças de defender posições naquela tarde de 21 de novembro. O acúmulo de atrasos para o regimento de Panzers da 16ª Divisão de Panzers deixara um rombo abaixo do 11º Corpo de Exército de Strecker e os grupos que tentavam formar uma nova linha de defesa. Isso

foi logo explorado pelo Terceiro Corpo da Guarda de Cavalaria e o Quarto Corpo Mecanizado. As divisões de Strecker, cada vez mais ameaçadas ao norte e também a nordeste, não tiveram outra opção senão retirar-se para o Don. O mal analisado plano de enviar os regimentos de Panzers do Sexto Exército para oeste revelava-se agora como tendo sido um perigoso desvio de esforços.

Kalach, o principal objetivo dos três corpos de tanque soviéticos, era um dos mais vulneráveis pontos alemães. Não havia defesa organizada, apenas um desconjuntado agrupamento de subunidades, sobretudo de tropas de abastecimento e manutenção, um pequeno destacamento da Feldgendarmerie e uma bateria antiaérea da Luftwaffe.

A companhia de transporte e oficinas da 16ª Divisão de Panzers já se havia estabelecido em Kalach para o inverno. “A primeira notícia de alguma mudança na situação” só chegou a eles às 10 horas da manhã de 21 de novembro. Posteriormente, ficaram sabendo que as colunas de tanque russas, que haviam rompido o cinturão de defesa dos romenos a noroeste, agora avançavam para o seu setor no Don. Por volta das 17 horas, foram informados pela primeira vez sobre a brecha inimiga no Sul de Stalingrado. Não faziam a mínima ideia de que o corpo mecanizado de Volski, apesar de todas as hesitações que haviam enfurecido Ieremenko, aproximava-se do antigo quartel-general do Quarto Exército de Panzers, apenas 50 quilômetros a sudeste.

As defesas em Kalach não apenas eram de todo inadequadas para a tarefa, mas também pessimamente administradas. Na margem ocidental, nas elevações acima do Don, havia quatro plataformas para peças de artilharia de fogo antiaéreo, e outros canhões de fogo antiaéreo na margem oriental. Designou-se apenas um grupo de 25 homens da Organização Todt para a segurança imediata da ponte, enquanto o esfolado batalhão de tropas da

retaguarda, composto de restos de outras unidades, continuava na cidade, na margem oriental.

O general de divisão Rodin, comandante do 26º Corpo de Tanques, deu a tarefa de capturar a ponte em Kalach ao tenente-coronel G. N. Filippov, comandante da 19ª Brigada de Tanques. Partindo de Ostrov à meia-noite, a coluna de Filippov avançou para Kalach a leste durante as primeiras horas de 22 de novembro. Às 6h15 da manhã, dois tanques alemães e um veículo de reconhecimento capturados, com os faróis ligados para desfazer qualquer suspeita, dirigiram-se para a ponte temporária sobre o Don e abriram fogo sobre os guardas. Enquanto isso, outros 16 tanques soviéticos haviam se enfiado na mata cerrada das elevações acima do rio para encobri-los. Era o mesmo ponto do qual os Panzers alemães, em 2 de agosto, haviam contemplado de cima a cidade.

Vários tanques soviéticos foram incendiados, mas a ousadia de Filippov rendeu dividendos. O destacamento que guardava a ponte foi rechaçado, e suficientes T-34 atravessaram para repelir as tentativas atrasadas de explodir a ponte. A infantaria motorizada russa surgiu nas elevações do Don e logo depois apareceu outro grupo de tanques. Seguiram-se mais dois ataques, apoiados pela artilharia e por morteiros das elevações do Don do outro lado do rio. Por volta do meio da manhã, a infantaria soviética invadiu a cidade. Houve caos nas ruas, abarrotadas de retardatários romenos separados de suas unidades. Não levou muito tempo para as armas pesadas, manejadas pelo batalhão improvisado, ficarem sem munição ou fora de combate, embora os motoristas e mecânicos houvessem sofrido poucas baixas. Após explodir suas oficinas, retiraram-se da cidade aboletados em caminhões e fizeram o percurso de volta para encontrar sua divisão em Stalingrado. Abrira-se assim o caminho para a junção no dia seguinte entre o Quarto e o 26º Corpos de tanques, vindos do flanco Norte, e o Quarto Corpo Mecanizado de Volski, do sul de Stalingrado.

Orientadas umas pelas outras por foguetes de sinalização verdes, disparados em intervalos no céu, as pontas de lança russas encontraram-se na estepe aberta perto de Sovietski com efusivos e apertados abraços, episódio que foi reencenado em data posterior para propaganda soviética diante das câmeras dos cinejornais. As trocas comemorativas de vodca e linguças entre as guarnições de tanque na época não foram filmadas, embora tenham sido muito mais autênticas.

A notícia espalhou-se rapidamente pelo lado alemão com a frase: “Estamos cercados!” Aquele domingo, 22 de novembro, era o dia de finados para os protestantes. “Um sombrio Totensonntag 1942”, escreveu Kurt Reuber, sacerdote servindo como médico na 16ª Divisão de Panzers, “preocupação, medo e horror.” Muitos, contudo, não ficaram demasiado preocupados ao ouvirem pela primeira vez a notícia. Cercos haviam ocorrido, e sido rompidos, no inverno anterior, porém os oficiais mais bem-informados, após refletir melhor, começaram a perceber que desta vez não havia mais reservas para socorrê-los logo.

- Ficamos muito conscientes do perigo em que nos encontrávamos - lembrou Freytag-Loringhoven -, isolados em tão grande profundidade na Rússia, na fronteira da Ásia.

Quase 65 quilômetros a oeste, o último bolsão de resistência romena chegava ao fim, embora nas primeiras horas daquele dia o general Lascar rejeitasse a exigência de render-se do Exército Vermelho. “Continuaremos a lutar sem pensar em nos entregar”, declarou, mas suas tropas, embora resistissem bravamente, ficaram sem suprimentos e munição.

A travessia soviética em Kalach logo pôs em grave perigo o 11º Corpo de Exército, ao norte. O 11º Corpo já vinha travando uma batalha defensiva em quase três lados em

meio a incerteza e o caos, agravados por rumores. Essa confusão foi revelada nos fragmentos de um diário retirado do corpo de um oficial de artilharia alemão:

20h11. ... a ofensiva vai parar??!! Mudança de posição para norte. Só nos resta um canhão. Todos os outros estão inutilizados.

Sábado, 21h11. Tanques inimigos cedo (...) Mudança de posição para a retaguarda. Russos já extremamente perto. Nossa infantaria (motociclistas e sapadores) chamada para proteção mais próxima. Hoje, ainda mais romenos passaram sem parar. Estamos caindo fora. Já sob pressão dos russos nos dois lados. Nova posição de fogo. Só ficamos pouco tempo, depois outra mudança de posição para trás. Construída uma casamata.

Domingo, 22h11. Alarme às 3h30 da manhã. Ordens para atuarmos como infantaria! Romenos se retirando. Não podemos ocupar essa posição sozinhos. Esperamos ansiosamente outra ordem para mudar de posição.

Durante essa retirada, as divisões de infantaria alemãs viram-se no descampado, combatendo ataques de cavalaria, "como se fosse 1870", segundo um oficial. O maior problema era o transporte, sobretudo por causa da escassez de cavalos. Em alguns casos, a solução adotada foi de brutal simplicidade. Um sargento agarrava alguns russos meio mortos de fome de um dos cercados de prisioneiros de guerra para servir como animais de tração.

- Quando começou a retirada em 20 de novembro - relatou um prisioneiro de guerra russo -, fomos postos no lugar de cavalos para puxar as carroças carregadas de munição e comida. Os prisioneiros que não conseguiam mais puxar as carroças com a rapidez que o Feldwebel exigia eram fuzilados ali mesmo. Desse modo, fomos obrigados a empurrar as carroças durante quatro dias, quase sem

nenhum descanso. No campo de prisioneiros de Vertiachi, um cercado de arame farpado sem nenhum abrigo, os alemães escolhiam os prisioneiros mais saudáveis, levando-os com eles.

Os restantes, os prisioneiros mais doentes, eram largados atrás para morrer de fome e congelados. “Apenas dois dos noventa e oito continuavam vivos” quando foram descobertos por uma unidade avançada do 65º Exército. Convocaram-se fotógrafos para registrar a horrível cena. A imprensa publicou as fotos e o governo soviético acusou formalmente o comando alemão de crime de guerra.

A 376ª Divisão de Infantaria foi a mais exposta ao ataque russo, “extraordinariamente rápido”, segundo seu comandante, o general Edler von Daniels. A divisão, reduzida a 4,2 mil homens, quando encurralada na margem direita do Don como parte do 11º Corpo de Exército, retirou-se em direção ao sul em 22 de novembro. Dois dias depois, no início da manhã, a divisão atravessou o Don pela ponte de Vertiachi.

Enquanto isso, o regimento de tanques da 16ª Divisão de Panzers continuara avançando, após atravessar afinal o Don na noite de 22 de novembro, para apoiar o 11º Corpo. A caminho, conseguira passar por suas oficinas blindadas em Peskovatka, onde foram recolhidos alguns tanques novos e recém-consertados. De sua posição no lado sul da cabeça de ponte na curva do Don, o regimento de Panzers tentou um contra-ataque na direção de Suchanov em 23 de novembro, imerso em intenso nevoeiro, mas foi emboscado pela infantaria soviética em uniformes de camuflagem brancos e armada com fuzis antitanque. Diante da força militar do inimigo, e devido à aguda falta de combustível, a 16ª Divisão de Panzers foi recuada. Ocupou posições pronta para cobrir a retirada, mas as comunicações eram tão ruins que a maioria das ordens teve de seguir por estafeta a cavalo.

A retirada alemã a leste pelo Don, de volta para Stalingrado e longe do resto da Wehrmacht, foi em muitos

aspectos pior que a retirada diante das portas de Moscou, em dezembro anterior. A neve fina, pesada e seca lançava-se pela estepe, açoitando-lhes o rosto, por mais que levantassem a gola para proteger-se do frio. Apesar das amargas lições do ano anterior, muitos soldados ainda não haviam recebido uniformes de inverno. As linhas de retirada estavam cobertas de armas, capacetes e equipamento abandonados. A maioria dos soldados romenos tinha pouco mais que seus uniformes marrons. Eles haviam jogado fora seus capacetes de aço na retirada. Os de mais sorte, em particular os oficiais, usavam bonés balcânicos, forrados de pele de carneiro. Os veículos atingidos por projéteis e incendiados haviam sido empurrados para os lados da estrada ou barranco abaixo. A certa altura, um canhão antitanque, cujo cano explodira, virara espetado para cima e para trás, como uma flor exótica. Mais perto das pontes sobre o Don, sólidos engarrafamentos de tráfego de caminhões, carros do estado maior, estafetas a cavalo tentando desesperadamente atravessar, carroças de fazendas e um ou outro canhão de campanha rebocado por cavalos exaustos e subnutridos. De vez em quando, havia ondas de pânico, com gritos de “Tanques russos!”. O 16º Corpo de Tanques soviético atacava a 76ª Divisão de Infantaria em direção a Vertiachi, ameaçando isolar as unidades alemãs deixadas a oeste do Don.

Ocorreram algumas das mais medonhas cenas nas aproximações da ponte em Akimovski, com soldados gritando, acotovelando-se e até brigando para atravessar para a margem oriental. Os fracos e feridos eram pisoteados. Às vezes, os oficiais ameaçavam uns aos outros por não deixarem seus homens passar primeiro. Nem o destacamento da Feldgendarmarie, armado com submetralhadoras, conseguiu restaurar uma aparência de ordem. Muitos soldados, para evitar o caos e a congestão, tentaram atravessar o Don a pé. O gelo era grosso e forte junto às margens, mas no centro havia pontos fracos. Os que

afundassem no gelo estavam condenados à morte. Ninguém sequer pensava em socorrê-los. Comparações com o Berezina predominavam na mente da maioria das pessoas.

Veza por outra, nessas filas de retirada, um oficial com tanta barba por fazer quanto os homens em volta decidia que era seu dever deter a desintegração. Sacava a pistola, apontava para alguns desgarrados e depois, partindo desse núcleo, usava-os como pelotão de recrutamento até sua força avolumar-se. Armas pesadas e guarnições de tanque também eram tomadas para formar um grupo de combate. A força improvisada de restos, com vários graus de compulsão, depois ocupava posições e esperava os tanques ou a cavalaria soviéticos surgirem da neblina gelada.

Do outro lado do Don, na margem oriental, cada aldeia ficou abarrotada de soldados alemães que haviam perdido suas divisões, todos à procura de comida e abrigo do terrível frio. Os romenos, exaustos e semimortos de fome, que já vinham se retirando há uma semana, receberam pouca solidariedade dos aliados. “Os numerosos romenos”, observou um oficial, “foram obrigados a acampar do lado de fora.” As filas de retirada atacaram os depósitos, mas isso só contribuiu para aumentar o caos. Um oficial Panzer depois informou sobre o caos em Peskovatka, “em especial o comportamento frenético e nervoso de uma unidade de fogo antiaéreo da Luftwaffe”, explodindo, incendiando e destruindo depósitos e transporte “de maneira ensandecida”. Os soldados ao passarem pilhavam e esvaziavam todo depósito que encontravam. Da montanha de latas, enchiam as mochilas e bolsos até se estufarem. Parecia que ninguém tinha um abridor, por isso, em sua impaciência, muitas vezes usavam baionetas, sem saber o que a lata continha. Quando descobriam uma com grãos de café, despejavam-nos num capacete de aço e socavam-nos com o punho da baioneta como um pilão e almofariz. Quando os soldados que não haviam recebido nenhuma roupa de inverno viam outros atirando uniformes em

fogueiras, corriam a retirá-las das chamas para usá-las. Enquanto isso, o Feldpostamt queimava cartas e pacotes, muitos dos quais contendo comida enviada de casa.

Cenas muito mais terríveis iam ser encontradas nos hospitais de campanha. “Aqui tudo transborda”, relatou o sargento de um depósito de manutenção em Peskovatka que sofria de terrível icterícia. “Aqueles com ferimentos leves e doentes têm de encontrar acomodações por si mesmos.” Ele teve de passar a noite na neve. Outros sofreram muito mais. Os caminhões parados na lama congelada no pátio externo continuavam cheios de feridos, com as cabeças e tocos envoltos em ataduras. Os motoristas haviam desaparecido sem retirar os cadáveres do meio deles. Ninguém oferecera aos vivos um pouco de comida ou bebida. Os enfermeiros e médicos dentro do hospital estavam ocupados demais, e os soldados de passagem tendiam a ignorar seus gritos de socorro. Os que se fingiam de doentes, ou os feridos que ainda andavam e tentavam ser internados, viam-se encaminhados a um sargento encarregado de reunir desgarrados para reformá-los como companhias de restos. As vítimas de queimaduras pelo frio, a não ser os casos muito graves, recebiam unguentos e ataduras e depois eram reconduzidos em marcha para o serviço militar.

Dentro do hospital, os pacientes cochilavam, apáticos. Restara pouco oxigênio no ar úmido, pesado, mas ali pelo menos era quente. Os enfermeiros retiravam as ataduras de campanha, muitas já fervilhando de piolhos cinzentos, limpavam as feridas, davam injeção antitetânica e envolviam os curativos com novas ataduras. As chances de sobrevivência de um homem dependiam em essência do tipo e local do ferimento. O míssil – fosse estilhaço de cartucho, fragmento de granada, ou bala – tinha menos importância que o ponto de entrada. A triagem era franca, sem sutilezas. Aqueles com graves ferimentos na cabeça ou no estômago eram postos num canto e deixados para morrer, porque essas operações exigiam uma equipe cirúrgica completa e

duas horas para terminar, e de dois pacientes só um sobrevivia. Dava-se prioridade aos feridos que ainda andavam, pois podiam ser mandados de volta para a batalha. As padiolas ocupavam demasiado espaço e exigiam demasiada mão de obra. Os membros despedaçados também eram tratados com pressa. Os cirurgiões com aventais de borracha, bisturis e serras, trabalhando aos pares, realizavam rápidas amputações em membros seguros por dois ordenanças. A ração de éter fora reduzida para fazê-lo render mais. O material amputado era jogado em baldes. O assoalho em volta da mesa de cirurgia ficava escorregadio de sangue, apesar da ocasional limpadeira com esfregão. Uma fusão de cheiros nauseantes superava todos os vestígios do ácido carbólico de hospital de campanha. A linha de produção cirúrgica parecia interminável.

As tropas ainda abandonadas na margem ocidental do Don perguntavam-se se conseguiriam escapar. “Direto em frente para o Don”, continuaram os registros diários do oficial de artilharia. “Será que a retirada vai dar certo? Será que a ponte ainda está de pé? Horas de suspense e ansiedade. Seções de defesa à direita e à esquerda da estrada. Muitas vezes a própria estrada é a linha de frente. Finalmente, o Don! Ponte intata. Uma pedra cai dos nossos corações! No outro lado, tomar uma posição de fogo. Russos já avançando à frente. Cavalaria atravessou o Don abaixo de nós.”

“Muitos tanques tiveram de ser dinamitados”, informou um coronel depois, “porque não recebemos combustível a tempo.” A 14ª Divisão de Panzers foi deixada com apenas 24 tanques que poderiam ser consertados, por isso suas guarnições de reserva foram reorganizadas como uma companhia de infantaria, armada com carabinas e pistolas automáticas. Os oficiais superiores achavam-se à beira do desespero. No início da manhã de 25 de novembro, o príncipe zu Dohna-Schlobitten, oficial do serviço secreto do

14º Corpo de Panzers, sem querer ouviu uma conversa entre o general Hube e seu chefe de estado-maior, coronel Thunert, em que usaram frases como “último recurso” e “uma bala na cabeça”.

A temperatura caiu drasticamente. A dureza do solo significava um índice de baixas muito mais alto pelo fogo de morteiros, mas não foi tanto a terra congelada quanto a água congelada que mais prejudicou a retirada. A drástica geada também significava que o Don logo seria transitável para o inimigo. Durante a noite seguinte, a infantaria soviética conseguiu atravessar o Don perto de Peskovatka. No início da manhã seguinte, os pacientes no hospital de campanha acordaram com o barulho de fogo de morteiros e metralhadoras. “Todo mundo corria para todos os lados como galinhas decapitadas”, comunicou o sargento com icterícia do depósito de reparos, que sobrevivera à noite no relento após descobrir que não havia espaço para ele no hospital. “Na estrada, estendiam-se filas de veículos, um após outro, enquanto as bombas de morteiro caíam em toda parte. Aqui e ali, um era atingido e incendiado. Os gravemente feridos não podiam ser transportados, por causa da falta de caminhões. Uma companhia de soldados, reunidos às pressas de várias unidades, conseguiu repelir os russos pouco antes de chegarem ao hospital de campanha.”

Naquela tarde, o estado-maior do quartel-general do 14º Corpo de Panzers recebeu ordem de destruir “todas as peças de equipamento, arquivos e veículos que não fossem absolutamente necessárias”. Deveriam retirar-se para Stalingrado pelo Don. No decorrer do dia seguinte, 26 de novembro, a 16ª Divisão de Panzers e parte da 44ª Divisão de Infantaria estavam entre as últimas tropas restantes do Sexto Exército a oeste do Don. Naquela noite, atravessaram a ponte em Luchinski para o lado do rio de Stalingrado. Para a 16ª Divisão de Panzers, aquela era “a mesma ponte que havíamos atravessado 12 semanas antes, em nosso primeiro ataque à cidade no Volga”.

Uma companhia de granadeiros Panzer, do 64º Regimento de Granadeiros Panzer, cobriu a retirada sob o comando do tenente von Mutius. Sua tarefa era defender a ponte, permitindo a passagem dos soldados desgarrados até três e meia da manhã, quando a ponte de 100 metros de comprimento sobre o Don ia ser dinamitada. Às 15h10, o jovem entusiástico Mutius confessou para o sargento da companhia, Oberfeldwebel Wallrawe, que se sentia “muito orgulhoso” por ser “o último oficial da Wehrmacht alemã a atravessar aquela ponte”. Wallrawe não fez nenhum comentário. Vinte minutos depois, com os granadeiros Panzer tendo atravessado de volta para a margem oriental do Don, os engenheiros explodiram a ponte. O Sexto Exército agora se achava isolado entre o Don e o Volga.

O triunfo não suavizou a atitude dos homens do Exército Vermelho para com o inimigo. “Sinto-me muito melhor porque começamos a destruir os alemães”, escreveu um soldado à esposa em 26 de novembro. “Foi o momento em que começamos a golpear as cobras. Estamos capturando muitas. Mal temos tempo para passá-los a campos de prisioneiros. Agora eles começaram a pagar pelo nosso sangue e pelas lágrimas do nosso povo, pelos insultos e pelo roubo. Recebi uniforme de inverno, portanto não se preocupe comigo. As coisas vão bem aqui. Logo estarei em casa após a vitória. Mando 500 rublos.” Os hospitalizados, que se recuperavam de ferimentos recebidos antes, lamentavam amargamente perder o combate. “As batalhas são fortes e boas agora”, escreveu um soldado russo à esposa, “e eu aqui deitado, perdendo tudo isso.”

Houve numerosas alegações de atrocidades alemãs difíceis de avaliar. Algumas, sem dúvida, eram exageros ou invenções com fins propagandísticos; outras, basicamente verdadeiras. As tropas soviéticas avançando encontraram mulheres, crianças e outros homens expulsos dos lares pelo Exército alemão, com suas posses em pequenos trenós. Muitos haviam sido roubados de toda a roupa de inverno.

Vasili Grossman relatou histórias semelhantes do eixo de avanço sul. Escreveu que os soldados do Exército Vermelho, ao revistarem os prisioneiros, se enfureciam ao encontrar em muitos deles o patético butim de casas camponesas – “lenços de velhas, blusas de meninas, roupa de cama e mesa e saias, fraldas de bebê e blusas femininas de cores fortes. Um soldado trazia consigo 22 pares de meias de lã.” Os macilentos civis aproximavam-se para falar do seu sofrimento sob a ocupação alemã. Todas as vacas, galinhas e sacos de grãos possíveis de encontrar haviam sido capturados. Os idosos eram açoitados até revelarem onde haviam escondido seu grão. Propriedades rurais com suas casas e anexos haviam sido incendiadas, com muitos civis conduzidos em marcha para trabalhos forçados e o resto deixado para morrer de fome ou congelado. A vingança muitas vezes era desforrada nos alemães por pequenos grupos de tropas russas, sobretudo quando embriagados, que os pegavam. Enquanto isso, os pelotões do NKVD invadiam as aldeias libertadas. Prenderam 450 colaboradores. A maior prisão em massa de suspeitos ocorreria apenas um mês depois em Nijne-Chirskaja, onde os cossacos haviam denunciado os agentes do NKVD à polícia secreta alemã de campanha. Uns 400 guardas de campo também foram executados, dos quais 300 eram ucranianos.

Grossman viu os prisioneiros de guerra sendo escoltados de volta. Muitos, em vez de sobretudos, tinham cobertores sobre os ombros. Corda ou arame serviam de cintos. “Nessa imensa estepe vazia, fria, vemo-los de muito longe. Passam por nós em colunas de duas a três centenas de homens, e em grupos menores de vinte a trinta. Uma coluna, a vários quilômetros de distância, prossegue devagar o caminho, reproduzindo fielmente cada curva e volta na estrada. Alguns dos alemães falam russo. ‘Não queremos a guerra’, gritam. ‘Queremos ir para casa. Ao inferno com Hitler!’ Os guardas observam com sarcasmo: Agora que nossos tanques os cercaram, eles estão dispostos a gritar que não querem a

guerra; mas antes, esse pensamento jamais lhes passou pela cabeça.” Os prisioneiros foram transportados pelo Volga em barcas puxadas por rebocadores. “Ficam amontoados no convés, em seus sobretudos cinza de campanha, batendo os pés com força e soprando os dedos gelados.” Um marinheiro que os olhava atento observou com sinistro sarcasmo: “Agora eles estão vendo uma paisagem do Volga.”

Em Abganerovo, a infantaria soviética encontrou o entroncamento ferroviário congestionado de vagões de carga abandonados que, a julgar pelas identificações, haviam sido trazidos de vários países da Europa ocupada. Automóveis com motor de fabricação francesa, belga e polonesa ali estavam, cada um com a águia negra e a suástica do Terceiro Reich. Para os russos, os vagões cheios de suprimentos chegaram como um Natal inesperado. A sensação de privar o poderoso Exército alemão dos seus bens ilícitos era duplamente prazerosa, mas os velhos problemas de alcoolismo continuavam surgindo. O comandante, o segundo no comando e 18 soldados de uma companhia no flanco Sul tornaram-se baixas por beber um abastecimento capturado de anticongelante alemão. Três morreram, enquanto os 17 restantes ficaram “em estado grave num hospital de campanha”. No flanco Norte, um oficial russo capturado contou ao príncipe Dohna que quando seu batalhão, semimorto de fome devido à falta de rações, capturou um depósito de suprimentos romeno, 150 homens morreram “em consequência de consumo excessivo”.

Enquanto isso, em Stalingrado, o 62º Exército viu-se numa estranha posição. Embora formasse parte do novo cerco do Sexto Exército, continuava isolado da margem oriental do Volga, sem suprimentos e com feridos não evacuados. Toda vez que uma embarcação arriscava uma travessia por entre as perigosas banquisas de gelo, a artilharia alemã abria fogo. Contudo, agora que os atacantes haviam-se tornado os encurralados, a atmosfera mudara. Os homens do 62º

Exército ainda não conseguiam exatamente acreditar que chegara o momento decisivo da virada na situação. Os soldados russos, sem nenhuma perspectiva de mais suprimentos de tabaco até o Volga solidificar-se, cantavam para desviar os pensamentos da ânsia por nicotina. Os alemães ouviam das casamatas. Não gritavam mais insultos.

16

A obsessão de Hitler

A tarefa de informar ao Führer sobre a grande ruptura soviética das linhas de defesa alemãs em 19 de novembro coube ao chefe do Estado-Maior do Exército, general Zeitzler, que continuara atrás na Prússia Oriental. Hitler estava no Berghof, acima do Parque Nacional de Berchtesgaden, onde recebera em agosto de 1939 a notícia da aceitação por Stalin do pacto nazi-soviético. Naquela ocasião, dera um murro na mesa, triunfante, surpreendendo as senhoras do seu séquito.

- Eu os peguei! - gritara, levantando-se de um salto. - Eu os peguei!

Desta vez, sua reação parece ter sido de raiva nervosa.

O diário de guerra do Supremo Comando da Wehrmacht referiu-se, com reveladora falta de perspicácia, a “notícias alarmantes da ofensiva há muito esperadas pelo Führer”. A reação de Hitler ao malogrado contra-ataque do 48º Corpo de Panzers naquele dia foi ainda mais indicativa. Depois que sua desajeitada interferência não conseguira impedir o colapso romeno, ele quis um bode expiatório e ordenou a prisão do general Heim.

E reconheceu, embora não tenha admitido, que toda a posição alemã no Sul da Rússia achava-se agora em risco. No segundo dia da ofensiva, ordenou que o marechal de

campo von Manstein retornasse ao sul por Vitebsk para formar um novo Grupo Don do Exército. Manstein era o mais admirado estrategista do Exército e realizara um trabalho bem-sucedido com forças romenas na Crimeia.

Na ausência física do Führer, o Supremo Comando da Wehrmacht ficou paralisado. Durante 21 de novembro, o dia em que Paulus e Schmidt abandonaram seu quartel-general em Golubinski, ameaçados por uma coluna de tanques soviéticos, o principal ajudante de Hitler, general Schmudt, preocupava-se com as “alterações nos uniformes dos oficiais em geral e nos da Wehrmacht”.

A ordem do Führer ao Sexto Exército para manter-se firme, apesar da ameaça de “cerco temporário”, acabou alcançando Paulus quando ele chegou a Nijne-Chirskaja. Também o mandaram assumir o comando de todas as tropas de Hoth ao sul de Stalingrado e das que haviam restado do Sexto Exército de Hoth. A parte-chave foi: “Mantenha abertas o máximo de tempo possível as linhas ferroviárias. Seguem-se ordens sobre assunto de reabastecimento por ar.” Paulus, cujo instinto era levar em consideração a retirada do Volga para juntar-se ao resto do Grupo B do Exército, ficou extremamente relutante em reagir a esse decreto abrupto até que sentisse que tinha uma compreensão melhor da situação global.

Ele fora de avião a Nijne-Chirskaja, porque o quartel-general ali preparado para o inverno tinha comunicações seguras com o Grupo B do Exército e com a *Wolfsschanze* perto de Rastenburg. Mas Hitler, ao saber da sua chegada, desconfiou que ele queria escapar dos russos. Ordenou que voltasse imediatamente para juntar-se ao resto de seu estada-maior em Gumrak, dentro do cerco. Quando o general Hoth chegou na manhã seguinte, 22 de novembro, encontrou Paulus furioso e transtornado por causa da insinuação de Hitler de que abandonara seus homens. O chefe do estada-maior de Paulus, general Schmidt, estava ao telefone com o brigadeiro Martin Fiebig, comandante do

Oitavo Corpo Aéreo. Schmidt tornou a enfatizar que o Sexto Exército precisava urgentemente de combustível e munição para furar o cerco, e Fiebig repetiu o que dissera na tarde anterior: “É impossível reabastecer um exército inteiro por ar. A Luftwaffe não tem aviões de transporte suficientes.”

Os três chefes militares passaram a maior parte da manhã avaliando a difícil situação do Sexto Exército. Schmidt falou muito. Fora ele quem conversara com o general von Sodenstern no Grupo B do Exército na noite anterior e soubera dos detalhes do avanço soviético a sudoeste por Perelazovski. Sodenstern dissera-lhe sem rodeios: “Não temos nada para detê-los. Vocês têm de ajudar uns aos outros sozinhos.”

Durante a conversa, o major-brigadeiro Wolfgang Pickert, comandante da Nona Divisão de Fogo Antiaéreo da Luftwaffe, entrou na sala. Schmidt, colega de classe da escola de estadomaior, gritou do outro lado a frase preferida do instrutor deles: “Por favor, decisão com razões!” Pickert respondeu sem hesitação que ele pretendia retirar sua divisão imediatamente.

- Nós também queremos sair daqui - respondeu Schmidt -, mas primeiro precisamos formar uma defesa em toda a volta para estabelecer uma linha de defesa no lado Sul onde os russos estão atacando.

Prosseguiu dizendo que não poderiam abandonar as divisões na margem ocidental do Don e que o Sexto Exército não teria condições de romper o cerco nos próximos cinco ou seis dias. Para a operação ter alguma chance de sucesso, “precisamos ter o combustível e a munição despachados pela Luftwaffe”. O general Hube já comunicara pelo rádio que seus tanques estavam quase parando.

- Isso não faz a menor diferença - retrucou Pickert, que não pretendia perder uma divisão de fogo antiaéreo inteira com todas as armas. - O Sexto Exército jamais poderá ser abastecido por ar se ficarmos aqui.

Schmidt não discordou, mas salientou que eles não tinham muita noção da situação global e também não sabiam que reservas existiam para o alto comando. Enfatizou que a falta de combustíveis e cavalos significava que “mais de 10 mil feridos e o grosso das armas pesadas e veículos teriam de ser deixados para trás. Isso seria um fim napoleônico”.

Paulus, após o estudo da campanha de 1812, ficou, claro, obcecado com a visão da desintegração do seu exército fragmentado, quando tentasse escapar pela estepe coberta de neve. Não queria entrar na história como o general responsável pelo maior desastre militar de todos os tempos. Jamais celebrizado pela independência de pensamento, também deve ter sido tomado pela natural tentação de acatar decisões política e estrategicamente perigosas, agora que sabia que o marechal de campo von Manstein ia em breve assumir o comando. Mas Manstein, sem poder vir do norte de avião por causa do mau tempo, achava-se emperrado no trem do seu quartel-general, atrasado por ação de *partisans*.

Paulus tinha os instintos de um oficial do estada-maior, não de um líder de um grupo de batalha reagindo ao perigo. Não podia aprovar um rompimento do cerco, a não ser que fosse corretamente preparado e abastecido e fizesse parte de um plano global aprovado pelo alto comando. Nem ele nem Schmidt parecem ter avaliado que a rapidez era o fator decisivo. Havia falhado totalmente não preparando uma força móvel pesada que lhes oferecesse a única esperança de esmagar o cerco antes que se realizasse. Agora não analisavam que assim que o Exército Vermelho consolidasse sua posição, quase todos os fatores, mas sobretudo a temperatura, iriam voltar-se cada vez mais contra eles.

Já se perdera muito tempo enviando regimentos para a retaguarda pelo Don. Com a confirmação, naquela manhã, da perda de Kalach, tiveram de ordenar que o 11º Corpo do Exército de Strecker e o 14º Corpo de Panzers de Hube se preparassem para retirar-se até a margem oriental e juntar-

se ao resto do Sexto Exército. No fim da manhã, Schmidt comunicou as ordens relevantes ao general Hube e ao coronel Groscurth, chefe do estada-maior de Strecker.

Às 14 horas daquele dia, Paulus e Schmidt decolaram para o novo quartel-general em Gumrak, dentro do *Kessel*, ou área cercada. Paulus levou um estoque de excelente vinho tinto e champanhe Veuve-Cliquot - uma curiosa escolha para alguém que supostamente planejava retirar-se às pressas. Assim que chegou ao novo quartel-general do Sexto Exército pela estação ferroviária de Gumrak, pôs-se a fazer contatos com os seus comandantes de corpo. Queria ouvir suas opiniões sobre a ordem do Führer, reformuladas naquela noite, de assumir uma defesa “com obstáculos de arame farpado” e aguardar outras ordens. “Todos concordaram com a nossa opinião”, escreveu depois Schmidt, “de que era necessária uma retirada forçada para o sul.” O mais franco foi o general von Seydlitz, cujo quartel-general ficava apenas a uns 100 metros.

O comunicado de Paulus às 19 horas começou a descrever uma imagem brutal. “Exército cercado” foram as primeiras palavras, embora o círculo ainda não se houvesse lacrado. Era um comunicado fraco e mal estruturado, que não respeitava o formato correto. De modo mais crucial, Paulus não propunha um firme curso de ação. Pedia “liberdade de ação se viesse a se revelar impossível realizar uma defesa em todas as partes do flanco Sul”.

Às 22h15 daquela noite, Paulus recebeu uma mensagem de rádio do Führer. “O Sexto Exército está temporariamente cercado por forças russas. Conheço o Sexto Exército e seu comandante em chefe e não tenho a menor dúvida de que nessa situação difícil resistirão bravamente. O Sexto Exército precisa saber que estou fazendo tudo para aliviá-los. Enviarei minhas instruções a tempo. Adolf Hitler.” Paulus e Schmidt, convencidos de que, apesar dessa mensagem,

Hitler logo cairia em si, começaram a preparar planos para uma retirada à força para o sudoeste.

Hitler, naquela noite de 22 de novembro, partia, com Keitel e Jodl, de Berchtesgaden para Leipzig, de onde um avião o levaria para Rastenburg. Durante a viagem ao norte, ele parava o trem de tempos em tempos para falar com Zeitzler. Queria certificar-se de que não se desse permissão a Paulus para retirar-se. Numa dessas conversas, o Führer disse a Zeitzler: “Encontramos outra saída.” Não disse que estivera mais uma vez conversando no trem especial com o general Hans Jeschonnek, chefe do estada maior da Luftwaffe, que já indicara, apesar das advertências de Richthofen, que um suprimento ao Sexto Exército por ponte aérea talvez fosse possível em base temporária.

O Reichsmarschall Goering, ao saber o que o Führer queria, logo convocou uma reunião dos seus oficiais de transporte. Disselhes que eram necessárias 500 toneladas por dia. (Ignorou-se a estimativa de 700 toneladas do Sexto Exército.) Eles responderam que o máximo seria de 350 toneladas, e também só por um breve período. Goering, com surpreendente irresponsabilidade, garantiu prontamente a Hitler que a Luftwaffe poderia manter pelo ar o Sexto Exército em sua atual posição. Mesmo para o volume inferior, não se levaram em nenhuma consideração o mau tempo, as aeronaves inutilizadas, nem a ação do inimigo.

No início da manhã seguinte, 24 de novembro, as esperanças de todos os generais envolvidos no destino do Sexto Exército foram firmemente destruídas. Outra decisão do Führer chegou ao quartel-general de Paulus às 8h30 da manhã. Nela, os limites do que Hitler agora denominava “Fortaleza Stalingrado” foram claramente demarcados. O *front* no Volga devia ser mantido “quaisquer que sejam as circunstâncias”.

Zeitzler se sentira confiante na noite anterior de que Hitler recobrava o juízo. Agora, o Führer demonstrava, sem sombra de dúvida, que de nada valera a opinião de todos os

generais responsáveis pela operação Stalingrado. Richthofen resumiu esses sentimentos em seu diário, quando escreveu que eles se haviam tornado pouco mais que “sargentos altamente remunerados”. O poder da vontade de Hitler se desvinculara totalmente da lógica militar. Ele fixara-se na ideia de que, se o Sexto Exército se retirasse de Stalingrado, a Wehrmacht jamais retornaria. Sentira que isso era o ponto culminante do Terceiro Reich. Além disso, um tanto pertinente no caso de tamanho egomaniíaco, seu orgulho pessoal estava em jogo, após as bazófias sobre a cidade de Stalin durante o discurso do Bierkeller de Munique menos de 15 dias antes.

Talvez essa combinação de circunstâncias estivesse fadada a ocasionar momentos de amarga ironia. Pouco antes da transmissão da ordem de Hitler, o general von Seydlitz, comandante do 51º Corpo em Stalingrado, decidira precipitar-se. Considerava “completamente impensável” que um exército com 22 divisões “partisse para uma defesa de todos os lados e assim se privasse de toda liberdade de movimento”. Preparou um longo memorando sobre o assunto para o quartel-general do Sexto Exército. “Já as batalhas menores defensivas no decorrer dos últimos dias consumiram nossas reservas de munição.” A situação do abastecimento era decisiva. Era dever deles ignorar a ordem catastrófica de ficar onde se encontravam.

Naquela noite de 23 de novembro, Seydlitz ordenou que a 60ª Divisão de Infantaria Motorizada e a 94ª Divisão de Infantaria queimassem seus depósitos, explodissem suas posições no Norte de Stalingrado e depois se retirassem. “Em milhares de fogueiras logo ardendo”, escreveu o oficial intendente da 94ª Divisão de Infantaria, “queimamos sobretudo, uniformes, botas, documentos, mapas, máquinas de escrever, além dos suprimentos de comida. O próprio general ateou fogo em todo o seu equipamento.” O Exército Vermelho, alertado pelas explosões e chamas, alcançou a divisão já enfraquecida no espaço aberto, quando

se retirava de Spartakovka, e infligiu quase mil baixas. A formação vizinha, a 389ª Divisão de Infantaria, na fábrica de tratores de Stalingrado, também sofreu na confusão.

Hitler, furioso ao saber dessa retirada, culpou Paulus. Para impedir qualquer outra desobediência às suas ordens, tomou a extraordinária decisão de dividir o comando no *Kessel*. O general von Seydlitz, por ele considerado um fanático da resistência, foi feito comandante-em-chefe da parte Nordeste do *Kessel*, incluindo a própria Stalingrado. O comunicado chegou às 6 horas da manhã de 25 de novembro. Pouco depois, Paulus levou o capitão Behr a uma visita ao quartel-general de Seydlitz ali perto. Paulus entregou o comunicado transmitido pelo Grupo Don do Exército.

- Agora que tem seu próprio comando - disse, contundente -, você pode romper o cerco.

Seydlitz não conseguiu disfarçar o mal-estar. Manstein, que ficara estarecido com a ideia de dividir um comando, conseguiu redefini-lo de maneira menos absurda.

O encontro de Paulus com o general von Seydlitz não foi a única entrevista difícil após o cerco de Stalingrado. Na *Wolfsschanze*, o marechal Antonescu foi submetido a uma invectiva em que o Führer culpou os exércitos romenos pelo desastre. Antonescu, o mais leal dos aliados de Hitler, respondeu, magoado. Os dois ditadores, contudo, acalmaram-se, não ousando desfazer uma aliança que nenhum dos dois poderia repudiar. Mas o apaziguamento deles não se refletiu mais embaixo.

Os oficiais romenos ficaram furiosos com o alto comando por ter ignorado todos os seus avisos, em particular sobre a falta de defesas antitanque. Enquanto isso, as tropas alemãs, sem saber das perdas romenas, acusavam os aliados de ter causado o desastre fugindo. Desenrolaram-se muitos incidentes desagradáveis entre grupos de soldados

dos dois lados. Após seu encolerizado encontro com Antonescu, mesmo Hitler foi obrigado a reconhecer que se devia fazer alguma tentativa para restabelecer as relações entre os aliados. “Segundo um decreto do Führer”, o quartel-general do Sexto Exército informou aos comandantes de corpo que “precisam cessar as críticas às falhas dos oficiais e soldados romenos”. Não foi difícil para as autoridades soviéticas imaginar a tensão entre os aliados e logo organizaram o lançamento por aviões de 150 mil panfletos de propaganda em romeno.

Hitler continuou, implacável, no desejo de vingança contra o general Heim, comandante do 48º Corpo de Panzers. “O Führer ordenou que o general Heim seja destituído de seu comando imediatamente”, anotou o general Schmudt em seu diário, logo após a volta de Hitler para a *Wolfsschanze*. “O próprio Führer decidirá todas as outras medidas de disciplina militar nesta questão.”

Muitos oficiais superiores suspeitaram que Hitler queria não apenas Heim como o bode expiatório para o desastre, mas todo o corpo de oficiais. Groscurth escrevera com mordacidade “sobre o agradecido exército do Partido vitorioso”, não muito depois da transmissão radiofônica de Hitler, em que ele afirmara a vitória sobre a casta de oficiais do EstadoMaior geral com seus culotes de listas largas. Como outro antinazista, Henning von Tresckow, Groscurth também achava que o EstadoMaior geral não era mais digno do nome, por causa da ansiosa submissão a Hitler. Mas o corpo de oficiais continuou sendo o único grupo capaz de opor-se a um Estado totalitário.

Tresckow acreditava que um desastre dramático poderia provocar uma mudança, desde que o exército tivesse numa posição-chave um comandante que desfrutasse de altíssimo respeito generalizado e que estivesse disposto a enfrentar Hitler. O marechal de campo von Manstein sem a menor dúvida impunha o respeito necessário, portanto, quando surgiu a oportunidade, Tresckow tomou providências para

que seu jovem sobrinho, Alexander Stahlberg, se tornasse o novo ajudante de ordens de Manstein. O momento escolhido pareceu oportuno. Stahlberg apresentou-se para o serviço em 18 de novembro, dois dias antes de Hitler escolher Manstein como o comandante em chefe do novo Grupo Don do Exército.

Eram inegáveis as qualidades militares e a inteligência de Manstein, mas muito menos previsíveis seus instintos políticos, apesar das aparências animadoras. Ele desprezava Goering e odiava Himmler. Aos colegas mais confiáveis, confessara suas origens judias. Às vezes, também era mordaz em relação a Hitler. Como brincadeira, seu bassê Knirps fora treinado para erguer a pata em saudação ao comando "*Heil Hitler!*". Por outro lado, sua esposa era grande admiradora de Hitler e, mais importante, Manstein, como já se disse, chegara até a transmitir aquela ordem às suas tropas mencionando "a necessidade de medidas duras contra os judeus".

No tortuoso caminho rumo ao sul, o luxuoso trem de *wagons-lits* do seu quartel-general – o salão sobre rodas pertencera à rainha da Iugoslávia – parou em Smolensk. Ali, o comandante em chefe do Grupo Central do Exército, marechal de campo Hans Günther von Kluge, embarcou no trem, a fim de resumir informalmente para Manstein a situação no Sul da Rússia. Kluge, influenciado por Tresckow, era um dos poucos marechais de campo ativos dispostos a participar de uma conspiração. Disse a Manstein que Hitler colocara o Sexto Exército numa posição insustentável. O mapa da situação desdobrado no vagão demonstrou claramente o perigo.

Kluge tentou incutir em Manstein uma espécie de conselho. As tentativas do Führer de controlar os movimentos até o nível de batalhão deviam ser impedidas desde o início.

– E esteja avisado – acrescentou Kluge, enfático. – O Führer atribui a sobrevivência do Ostheer, durante a grande crise

do último inverno, não ao moral dos nossos soldados e a todo o nosso árduo trabalho, mas exclusivamente à sua própria perícia.

Logo depois desse encontro, o Exército Vermelho lançou uma ofensiva contra o Grupo Central do Exército, a fim de impedir que o comando alemão desembarcasse tropas para romper o cerco de Stalingrado.

O trem aquecido prosseguiu através da paisagem russa coberta pelas primeiras neves de inverno. Manstein e seus oficiais de estada maior discutiram música, amigos e relações comuns, jogaram xadrez, bridge e digressionaram em torno de política. O tenente Stahlberg, ao saber que Manstein era parente do falecido presidente von Hindenburg, deu a entender que tipo de marechais de campo naquela guerra poderia se tornar “o salvador da Pátria”, na possibilidade de uma derrota total.

- Certamente, não eu - respondeu Manstein de pronto.

O 55º aniversário do marechal de campo caía em 24 de novembro, dia da chegada ao quartel-general do Grupo B do Exército. O general von Weichs, ao mostrar a Manstein o mapa atualizado das operações, não ocultou a gravidade da situação. Acabara de chegar o comunicado telegráfico do quartel-general do Führer, com ordens para o Sexto Exército manter a Fortaleza Stalingrado e aguardar reabastecimento por ar. Manstein, segundo seu ajudante-de-ordens, parecia surpreendentemente otimista. Mesmo a lacuna de mais de 240 quilômetros entre as tropas alemãs no lado Sul do *Kessel* de Stalingrado e o Grupo A do Exército no interior do Cáucaso não o impediu de escolher a antiga capital cossaca do Don, Novocherkassk, para seu quartel-general. Manstein tinha cossacos do Don com chapéus de pele de carneiro e uniforme da Wehrmacht como guardas da entrada principal.

- Quando entrávamos ou saíamos da casa - relatou o ajudante de ordens -, eles estufavam o peito e ficavam em posição de sentido como se para Sua Majestade Imperial, o próprio Czar.

Hitler deu rigorosas instruções para que se escondesse do povo alemão a notícia do cerco. Em 22 de novembro, o comunicado admitia que houvera um ataque na frente Norte. No dia seguinte, logo após o cerco completo do Sexto Exército, informaram-se apenas os contra-ataques e as baixas inimigas. Um anúncio posterior dava a impressão de que os ataques soviéticos haviam sido revidados com intensas baixas. Por fim, em 8 de dezembro, três semanas após o ocorrido, ficou-se sabendo que também houvera um ataque ao sul de Stalingrado, mas ainda sem nenhuma insinuação de que o Sexto Exército fora isolado. Manteve-se a ficção até janeiro com a fórmula vaga “as tropas na área de Stalingrado”.

As autoridades nazistas não podiam, claro, impedir a rápida propagação dos rumores, sobretudo no exército.

- Todo o Sexto Exército está cercado - ouviu quase na mesma hora um soldado do capelão num hospital de campanha. - É o começo do fim.

As tentativas de silenciar os soldados e oficiais com medidas disciplinares saíram pela culatra, e a falta de franqueza só aumentou a sensação de inquietação na Alemanha. Em poucos dias do cerco, civis já escreviam para o *front* perguntando se os rumores eram verdadeiros. “Ontem e hoje”, escreveu um tesoureiro de Hamburgo, “pessoas andam dizendo que houve uma ruptura do cinturão de defesa em sua área?!”

As autoridades nazistas acreditavam que podiam abafar tudo até uma força de socorro ficar pronta para invadir Stalingrado. Enquanto isso, Paulus talvez estivesse profundamente cético quanto à garantia de Goering de abastecer o Sexto Exército pelo ar, mas se sentiu incapaz de refutar os argumentos do seu próprio chefe de estado-maior de que eles poderiam pelo menos resistir até o início de dezembro, quando Hitler prometia um rompimento do cerco para aliviá-los.

Paulus enfrentou o que Strecker descreveu como “a difícilíssima questão de consciência para todo soldado: desobedecer ou não às ordens superiores para resolver a situação como julgar melhor”. Os oficiais que antipatizavam com o regime e desprezavam o GRÖFAZ (acrônimo em alemão para “Maior Comandante de Todos os Tempos”), como se referiam em particular ao Führer, esperavam que Paulus se opusesse àquela loucura e desencadeasse uma reação em todo o exército.² Pensavam na revolta do general Hans Yorck von Wartenburg em Tauroggen, em dezembro de 1812, quando se recusou a continuar combatendo sob Napoleão, fato que despertou uma onda de sentimento patriótico na Alemanha. Muitos acreditaram na comparação. Consta que o general von Seydlitz invocou-o numa conversa com Paulus, quando tentava convencê-lo a romper o cerco e retirar-se à força; o engenheiro na chefia do Sexto Exército, coronel Selle, também fez o mesmo. Por outro lado, Schmidt ponderou que “uma ação contra ordens como essa se tornaria um motim com tons políticos”.

A resposta de Paulus a Selle na verdade pareceu fatalista: “Sei que a história da guerra já declarou seu julgamento sobre mim.” Mas tinha razão em rejeitar a comparação com Tauroggen. Yorck, sem comunicações, poderia afirmar que agia em nome do rei da Prússia, sem ser privado do seu comando. Mas numa era em que todos os quartéis-generais viviam em constante contato por rádio, correio e teletipo, a ordem de prisão de um comandante logo seria comunicada. O único ator nesse drama capaz de desempenhar o papel de Yorck era Manstein, como haviam reconhecido Tresckow e Stauffenberg, mas Manstein, os dois acabariam descobrindo, não tinha a menor intenção de aceitar um papel tão perigoso. “Os marechais de campo prussianos não se amotinam”, disse ele no ano seguinte quando abordado por um representante do Grupo Central do Exército, contradizendo enfaticamente a tradição de Yorck.

Muitos historiadores também têm dado a impressão de que quase todo oficial no Sexto Exército acreditava que se devia fazer logo uma tentativa para romper o cerco russo. É um engano. Os comandantes de corpo, os divisionais e os oficiais do estada-maior eram firmes defensores de uma ruptura, mas na infantaria, sobretudo os comandantes de regimentos e de batalhões, estavam muito menos convencidos. Suas tropas, em especial as que já se achavam entrincheiradas nas casamatas, não queriam abandonar suas posições e armas pesadas para “sair marchando pela neve”, onde ficariam expostas ao ataque russo no descampado. Os soldados também relutavam em deslocar-se, porque acreditavam nas promessas de um forte contra-ataque prestes a chegar para resgatá-los. O lema em apoio a isso no fim da ordem do dia de Paulus, em 27 de novembro – “Aguentem. O Führer vai nos tirar daqui!” –, revelara-se muito efetivo. (Schmidt depois tentou negar que essa frase surgira do quartel-general do Sexto Exército, chegando mesmo a sugerir que fora inventada por um comandante subalterno.)

No *Kessel*, os soldados, do mesmo modo que muitos oficiais, tendiam a acreditar no lema “aguentem!” como uma firme promessa. Mas outros, por instinto, adivinharam a realidade. Um deles lembrou que um colega tenente dos granadeiros Panzer, ao receber a notícia, convidou-o com o olhar a que se aproximasse do seu veículo para poderem discutir a situação em particular.

– Jamais iremos sair desta – disse. – É uma oportunidade única que os russos não vão deixar escapar.

– Você é um verdadeiro pessimista – respondeu o outro. – Acredito em Hitler. O que ele disse que fará, cumprirá.

17

“A fortaleza sem telhado”

Durante a primeira semana de dezembro, os russos fizeram ataques decididos para rachar o Sexto Exército. No intenso combate defensivo, as divisões de Panzers perderam quase metade dos 140 tanques restantes, além de as tropas ficarem em grave desvantagem pela falta de combustível e munição. Em 6 de dezembro, um grupo de batalha da 16ª Divisão de Panzers foi enviado num contra-ataque a pé, porque não tinham combustível para seus meias-lagartas. O tenente von Murtius, o jovem oficial que se sentia tão orgulhoso por ser o último membro da Wehrmacht a retirar-se pelo Don, era o segundo no comando.

Seu objetivo era uma colina ao norte de Barbukin, que conseguiram capturar, mas de repente surgiram tanques russos de uma *balka*, apoiados pela infantaria. O comandante do grupo de batalha deu a ordem de retirar-se. “Uma retirada sistemática era impossível”, relatou um subtenente depois. “Cada homem correu para salvar a vida. O inimigo atirava atrás de nós com todas as suas armas. Metade do grupo de batalha foi dizimada. O tenente von Murtius, gravemente ferido. Para evitar piores baixas, não parou de gritar: ‘Dispersar!’” O subtenente estava convencido de que ele salvara muitas vidas, jazendo lá desamparado à espera dos russos. Os sobreviventes julgaram-no “um verdadeiro herói”.

Após numerosos ataques, os comandantes soviéticos compreenderam que os sitiados estavam longe de vencidos. O 57º Exército, do crucial setor Sudoeste, sofrera pesadas baixas. As explicações para o fracasso soviético foram interessantes. Um comunicado – “artilharia e infantaria não interagiram muito bem ao tomarem de assalto a linha de defesa inimiga” – parece um circunlóquio para as pesadas baixas de fogo amigo. “Os soldados não são instruídos o bastante sobre a necessidade de cavar trincheiras”, foi outra observação inútil. O fato de não terem feito isso levou a “perdas irreparáveis, causadas pelos tanques e aviões alemães”. Nada se disse do fato de o terreno achar-se

congelado e duro e de haver grande escassez de ferramentas para cavar trincheiras.

Atrás das linhas, os oficiais e intérpretes do NKVD trabalharam noite adentro interrogando prisioneiros alemães, entre eles os primeiros desertores, além dos “línguas” capturados por companhias de reconhecimento. “Os bolchevistas muitas vezes capturavam prisioneiros entre nós”, relatou um tenente da 44ª Divisão Hoch-und Deutschmeister de Infantaria austríaca. O serviço secreto da Frente do Don tentava identificar divisões desmotivadas, nas quais se deveriam concentrar os ataques. Logo observou que as 44ª e 376ª divisões de infantaria, duas das que se haviam retirado na travessia pelo Don, ainda não tinham conseguido cavar casamatas adequadas. A maioria dos homens, durante esse período em que a temperatura mudou de geada intensa para chuva e mais uma vez de volta para geada, vivia em buracos no chão cobertos por lonas impermeáveis. O NKVD interessava-se em particular por quaisquer sinais de ressentimento nacional. “Diz-se dos soldados austríacos que não combatem bem”, respondeu um certo tenente Heinrich Boberg quando interrogado pelo capitão Diatlenko em 10 de dezembro. “Há um elemento de verdade nisso, mas eu não diria que o mesmo ocorre em relação à 44ª Divisão de Infantaria. Os austríacos têm razões históricas para não serem tão rígidos quanto os prussianos. E como estão acostumados a conviver com outras nacionalidades, não sentem o mesmo tipo de orgulho nacional que os prussianos.” A designação nazista de “Ostmark” para a Áustria parecia desaparecer com admirável rapidez do vocabulário dos austríacos quando capturados.

Assim que cessaram os principais ataques do início de dezembro, a Frente do Don continuou a manter a pressão na 44ª Divisão de Infantaria, com repentinos ataques aéreos, usando aviões Shturmovik de voo rasante. Mas o moral do Sexto Exército continuava, em geral, admiravelmente

vigoroso. Outro primeiro-tenente da 16ª Divisão de Panzers contou mais tarde que, naquele estágio, “simplesmente não surgiam dúvidas sobre um desfecho positivo da batalha”. Os *Landers*, sobretudo os da estepe coberta de neve, faziam piadas sobre “a fortaleza sem telhado”. A maioria dos mais jovens, educada sob um sistema totalitário, não esperava que lhes dissessem os motivos de sua triste situação. Para eles, a garantia do Führer era uma promessa que jamais seria descumprida.

As rações logo se reduziram drasticamente, mas os oficiais e sargentos garantiram-lhes que aquela situação não ia durar muito. A Luftwaffe levaria o que eles precisavam, e depois uma grande força de socorro, comandada pelo marechal de campo von Manstein, avançaria do sudoeste para romper o cerco à força. Muitos soldados se convenceram, ou talvez fossem informados pelos oficiais menos imaginativos, de que estariam livres por volta do Natal. “Desde 22 de novembro estamos cercados”, escreveu para casa um soldado da 376ª Divisão de Infantaria. “O pior já passou. Todos esperamos estar fora do *Kessel* antes do Natal (...) Assim que acabar esta batalha de cerco, a guerra na Rússia terá chegado ao fim.” Alguns se haviam convencido de que logo receberiam licença e de fato passariam o Natal em casa com as famílias.

Os responsáveis pela administração da operação de abastecimento aéreo sentiam-se muito menos otimistas. O oficial chefe da intendência do Sexto Exército comunicou por sinal em 7 de dezembro: “Rações reduzidas a entre um terço e metade para que o exército possa resistir até 18 de dezembro. A falta de forragem significa que o grosso dos cavalos terá de ser abatido em meados de janeiro.”

Os oficiais da Luftwaffe responsáveis pelo campo de aviação de Pitomnik, retirados da Nona Divisão de Fogo Antiaéreo, não tinham ilusões. Sabiam que seria necessário um mínimo de 300 voos por dia para restaurar a capacidade de combate do Sexto Exército, e isso estava fora de questão.

Em todo caso, a aviação muitíssimo fortalecida e mais ousada do Exército Vermelho, além do fogo antiaéreo em volta da borda do *Kessel*, representava um desafio fenomenal para os pesadões trimotores Junkers 52. Jeschonnek e Goering não refletiram que os campos aéreos talvez ficassem ao alcance da artilharia pesada soviética. Pior ainda, não levaram em nenhuma consideração o tempo, mesmo depois das experiências do inverno anterior. Haveria muitos dias com visibilidade nula, e vários em que a temperatura cairia tanto que seria quase impossível dar a partida nos motores dos aviões, mesmo com fogueiras acesas embaixo. Afora Richthofen, contudo, os oficiais da Luftwaffe, dentro ou fora do *Kessel*, não ousavam falar com franqueza. “Era derrotismo se a gente manifestasse dúvidas”, disse um deles.

Além de levar combustível, munição e comida – em teoria, duas toneladas por Junkers 52 e pouco menos para um Heinkel 111 –, o avião transportava os feridos retirados do hospital geral de campanha próximo ao campo de aviação de Pitomnik. Talvez a melhor indicação do pessimismo dos oficiais fosse a decisão secreta de retirar todas as enfermeiras alemãs, mesmo antes da maioria dos feridos, para assegurar-se de que não caíssem em mãos russas. Embora se houvessem feito grandes esforços para manter esse segredo, os oficiais do 369º Regimento de Infantaria croata souberam e fizeram pressão junto à Luftwaffe para embarcar suas amantes, disfarçadas de enfermeiras. O tenente que abordaram admirava muito os croatas como soldados e prometeu ajudar. O coronel, porém, adotou um elevado padrão moral. “Mas, sem dúvida, não tem importância”, respondeu o tenente, “se são prostitutas croatas, enfermeiras ou seja lá o que forem. Elas precisam ser embarcadas para que sejam salvas dos russos.” O coronel continuou recusando. O tenente depois suspeitou que os croatas haviam conseguido contrabandear suas mulheres nos aviões.

Os acampamentos, casamatas e barracas espalhavam-se num canto do campo de aviação. Havia numerosos quartéis-generais e destacamentos de comunicação com antenas de rádio e veículos, além do hospital geral de campanha. Pitomnik logo se tornou o principal foco dos regimentos de caças e bombardeiros soviéticos. No decorrer de 10, 11 e 12 de dezembro, a aviação soviética descarregou quarenta e dois ataques aéreos repentinos.

Os russos, apesar de toda a atividade aérea sobre o *Kessel*, continuavam não percebendo como eram grandes as dimensões da força militar que haviam cercado. O coronel Vinogradov, chefe do serviço secreto do Exército Vermelho no quartel-general da Frente do Don, calculava que a Operação Urano encurralara cerca de 86 mil homens. O número provável, incluindo aliados e Hiwis, era quase 3,5 vezes maior: perto de 290 mil homens. Os aliados incluíam os restantes de duas divisões romenas, o regimento croata da 100ª Divisão Jäger e uma coluna de transporte motorizado de italianos que haviam escolhido um péssimo momento para sair à procura de madeira nas ruínas de Stalingrado.³

Na batalha a oeste do Don e no flanco Norte, o XI Corpo de Strecker fora o que mais sofrera. A 44ª Divisão de Infantaria austríaca perdeu quase 2 mil homens, a 376ª, 1,6 e a 384ª, mais de 900. Os oficiais em todo o Sexto Exército sentavam-se a mesas improvisadas nas casamatas de terra embaixo da neve para escrever à luz de vela aos parentes mais próximos: “Tenho o pesar de informá-los que...”

Com o Sexto Exército reduzido a condições muito semelhantes às da Primeira Guerra Mundial, os soldados mais velhos viram-se lembrando a existência da Frente Ocidental e seu humor negro. Após o frio de meados de novembro, instalou-se um úmido período de degelo, com o “general Lama” reaparecendo brevemente perante o “general Inverno”. Alguns retornaram às antigas práticas da vida na trincheira, como recorrer à única forma de líquido

quente, quando se aliviavam, para lavar a crosta de lama das mãos.

A construção de trincheiras e casamatas variava segundo as circunstâncias de cada divisão. Os que haviam sido obrigados a retirar-se ou ocupar novas posições enfrentaram trabalhos pesados, embora grande parte deles fosse dada aos Hiwis e outros prisioneiros russos. Os alemães haviam aprendido com o combate de rua de Stalingrado. Cavavam casamatas embaixo dos tanques fora de combate e aproveitavam melhor as características existentes. Mas, nos primeiros dias após o cerco, a terra ainda continuava congelada, e mesmo as fogueiras pouco faziam para amolecê-la antes de cavar. Na estepe, a maior escassez foi de madeira tanto para fogueiras quanto para vigas que servissem de cobertura para as casamatas de terra. As casas de camponeses perto da linha de frente não duraram muito. Todos os habitantes que já haviam empilhado palha em volta das casas, depois uma camada de pranchas de madeira e toros, a fim de isolá-las para o inverno, logo foram despejados. Se houvessem ficado, teriam visto as casas rapidamente desmanteladas, enquanto os soldados alemães tiravam as pranchas, vigas, portas e até janelas para melhorar seus toscos abrigos.

Os soldados, após demolirem as casas dos civis, revelaram um desejo instintivo de transformar seus buracos improvisados num novo lar. As trincheiras de comunicação revestidas e os aterros em volta das entradas para as casamatas não revelavam impressão alguma do que se poderia encontrar dentro. Eles fizeram molduras para retratos em formato de cartões-postais ou instantâneos queridos. Algumas coisas eram sempre respeitadas. Nenhum homem tocava ou insultava a fotografia da mulher ou dos filhos de um camarada. Os oficiais faziam questão de que tivessem beliches, bancos e uma mesa. O general Edler von Daniels, comandante da 376ª Divisão de Infantaria, tinha um complexo de casamatas projetado por um membro do seu

estada maior segundo impecáveis plantas arquitetônicas depois que se mudaram para sua nova posição no flanco Sudoeste. O oficial comandante do Dr. Kurt Reuber, o sacerdote que servia como médico na 16ª Divisão de Panzers, mandara cavar uma casamata particularmente grande para encaixar dentro um piano abandonado por outra divisão. E ali, debaixo da terra, sem ser ouvido acima e abafado pelas paredes de terra, tocava Bach, Haendel, Mozart e a Sonata Patética de Beethoven. Sua interpretação era linda, mas também, parece, obsessiva. “O oficial comandante tocava mesmo quando as paredes tremiam nos bombardeios e o solo escorria.” Chegava a continuar tocando quando os oficiais entravam para comunicar o combate do lado de fora.

Algumas unidades foram afortunadas o bastante por conservar as antigas posições. A 297ª Divisão de Infantaria, no Sul de Stalingrado, terminara a construção do seu elaborado sanatório subterrâneo antes da ofensiva russa. Temiam perdê-lo junto com todo o equipamento hospitalar, camas, louça e talheres trazidos de trem da Alemanha. Mas quando se estabeleceu a linha de frente do *Kessel*, o precioso hospital, para alívio deles, continuou a apenas alguns quilômetros atrás da nova linha de frente.

Muitos soldados ainda não tinham recebido enxoval de inverno adequado antes do cerco, por isso recorriam à improvisação com variado grau de sucesso. Sob os uniformes, um número cada vez maior usava peças de uniforme soviético – camisas tipo túnica sem botão, calças e as muito valorizadas jaquetas acolchoadas. Nas geadas intensas, um capacete de aço tornava-se quase um compartimento de freezer, por isso eles punham perneiras, cachecóis e até ataduras de pé russas enroladas em volta da cabeça como vedação. O desespero por luvas levou-os a matar vira-latas para esfolá-los. Alguns chegaram mesmo a tentar fazer túnicas de couro de cavalo curado por processos amadorísticos, mas a maioria dessas peças ficava

desconfortavelmente grosseira, a não ser quando se subornava um antigo fabricante de selas ou sapateiro para ajudar.

As condições mais insalubres tendiam a ocorrer nas unidades que haviam sido obrigadas por ataques soviéticos a ocupar novas posições na estepe aberta, na extremidade ocidental do recém-formado *Kessel*. “Desgraçadamente gelada à noite”, escreveu em seu diário o oficial de artilharia que se retirara pelo Don. “Por quanto tempo ainda esperam que a gente durma no descampado? O corpo não vai aguentar muito mais. Para piorar tudo, há imundície e piolhos!!!” Nessas condições, as tropas ainda não haviam tido a oportunidade de cavar trincheiras e latrinas. Os soldados dormiam, amontoados como sardinhas, em buracos no terreno cobertos com uma lona impermeável. As infecções se alastravam rapidamente e a disenteria logo passou a ter um efeito debilitante e deprimente quando os soldados se acocoravam sobre escavadoras nas trincheiras depois jogavam fora o conteúdo pelo parapeito.

As cartas em geral poupavam os familiares da imundície total da vida deles. “Nós nos acocoramos juntos”, escreveu Kurt Reuber, “no buraco cavado num canto afastado de um barranco na estepe. Lama e barro. Não se pode fazer nada. A madeira mal dá para as casamatas. Estamos cercados por uma paisagem triste, monótona e melancólica. Temperatura de inverno com vários graus de frio. Neve, chuva intensa, geada e, de repente, degelo. À noite, ratos passam pelo nosso rosto.”

A infestação progressiva das roupas começou de fato durante os caóticos dias do cerco, com o movimento constante. “A infestação de piolhos era assustadora”, escreveu um cabo de um regimento de Panzers, “porque não tínhamos nenhuma oportunidade de nos lavar, mudar de roupas ou matá-los. No meu capacete, encontrei uns duzentos desses fiéis animaizinhos selvagens.” Um soldado

desconhecido prontificou-se a escrever uma nova versão de uma música preferida:

Sob a lanterna
Numa casinha
Toda noite me sento
À cata de piolho...

Durante as longas noites do inverno russo, havia ampla oportunidade para conversas sobre o lar e como a vida era melhor antes de chegarem à Rússia. Na 376ª Divisão de Infantaria, lamentavam sua partida de Angoulême para o *Ostfront*, deixando para trás os bares, o vinho barato e as moças francesas. Outros pensamentos recuavam mais no passado, à triunfante recepção de chegada à pátria no verão de 1940. As multidões acenando, os beijos e a adulação eram inspirados em grande parte pela ideia de que o combate estava praticamente acabado. A vasta maioria do povo aclamara Hitler por tê-los trazido de volta ao país após uma breve guerra vitoriosa com tão poucas baixas.

Muitas vezes, quando os pensamentos se voltavam para casa, as gaitas tocavam melodias sentimentais na casamata. Após uma virada de sorte tão dramática quanto aquela, os homens agarravam-se mais aos rumores do que antes, com constantes perguntas e especulações mal fundamentadas. Mesmo os oficiais faziam pouca ideia da verdadeira situação. Outro tema, ligado às chances de ir embora, era o ferimento perfeito, que não aleijaria nem seria doloroso demais, mas que daria à vítima o direito de ser evacuada por ar. Os camaradas que haviam partido de licença pouco antes do cerco eram vistos com admiradora inveja, enquanto os que haviam retornado pouco antes enfrentavam piadas de bom coração, mas, sem dúvida, profundamente provocadoras. Uma pessoa que jamais se queixou de sua má sorte foi Kurt Reuber. Ele retornara à sua unidade apenas dois dias antes

de o *Kessel* ser cercado. Logo seria difícil saber quais serviços eram mais necessários, os do médico ou do sacerdote.

Os alemães sitiados imaginavam que não faltava quase nada aos soldados do Exército Vermelho defronte deles, nem rações nem roupas quentes, mas essa imagem muitas vezes era incorreta. “Devido às más comunicações, a comida não chega a tempo para os soldados no *front*”, dizia um relatório da Frente do Don. “A incompetência dos oficiais e comissários por não usarem casamatas para aquecer os soldados”, dizia outro, “tem levado muito homens aos hospitais com queimaduras pelo frio, a maioria nos pés.”

Os mais bem equipados soldados soviéticos eram os franco-atiradores. Pouco lhes era negado. Nos campos cobertos de neve na estepe, em seus uniformes de camuflagem brancos, eles operavam aos pares, um com telescópio e o outro com fuzil de longo alcance. Avançavam rastejando à noite para a terra de ninguém, onde cavavam buracos e esconderijos na neve de onde observar e atirar. Os índices de baixas ali eram muito mais altos que na cidade, porque eles tinham poucas opções de esconderijo e linhas de fuga. Mas o “movimento de franco-atiradorismo” ainda atraía mais voluntários do que podia treinar ou usar.

Quaisquer problemas persistentes com o moral em geral refletiam a indiferença das autoridades soviéticas pelo soldado individual. A obsessão com o segredo significou que os homens não envolvidos diretamente na Operação Urano só souberam dela cinco dias *após* o início. À primeira vista, o mais surpreendente aspecto dessa época de triunfo é o número de desertores do Exército Vermelho que continuavam a transpor as linhas para juntar-se ao Exército Alemão cercado, caindo assim numa armadilha, mas esse paradoxo parece explicável sobretudo por uma mistura de ignorância e desconfiança. O sofisticado coronel Tulpanov, do

NKVD, encarregado de recrutar oficiais alemães, confessou com muita franqueza a um dos seus principais prisioneiros, o piloto de caça conde Heinrich von Einsiedl: “Esses russos ficaram espantadíssimos ao saber pelos alemães a mesma história que fora divulgada pela própria propaganda soviética. Não haviam acreditado que os alemães estavam cercados.”

Jukov foi objetivo quando descreveu o cerco do Sexto Exército como “uma tremenda educação de nossas tropas para a vitória”. Grossman também tinha razão ao escrever: “O moral dos soldados jamais esteve tão alto.” (De modo interessante, nenhuma dessas observações confirmava exatamente a mensagem oficial da propaganda soviética, de que “o moral de um Exército depende da ordem socialmente justa e progressista da sociedade que defende”).

Os soldados do Exército Vermelho agora adquiriam um previsível prazer em escarnecer do inimigo que há tão pouco tempo escarnecia deles. Algumas companhias enviavam uma patrulha à noite com um espantalho vestido de Hitler. Erguiam-no então na terra de ninguém e penduravam um cartaz convidando os *Landzers* a alvejá-lo. O espantalho explodiria por uma bomba montada com duas granadas, na hipótese de um oficial enviar uma patrulha para retirá-lo na noite seguinte. Em bases mais organizadas, as companhias de propaganda do NKVD instalavam alto-falantes. Durante horas a fio, tocavam aos berros tangos, que julgavam transmitir um clima convenientemente sinistro, intercalado com mensagens preparadas em discos de gramofones para lembrar as tropas sitiadas de sua irremediável posição. A princípio, essas atividades tiveram pouca influência, mas depois, quando as esperanças alemãs começaram a desvanecer-se, o efeito tornou-se cumulativo.

O Exército Vermelho, percebendo que os alemães tinham de economizar balas de canhão porque pesavam muito no transporte aéreo, partiram para os ataques de sondagem, tentando provocar uma reação. As mais sobrecarregadas

tropas nessa época eram as companhias de reconhecimento divisionais, que agiam como desbravadoras para esses ataques repentinos. “Éramos como ciganos, hoje aqui, amanhã já fomos”, lembrou um oficial, dos cinco sobreviventes da companhia original de 114 homens. As patrulhas, em geral de cinco ou seis homens, penetravam no *Kessel* e escondiam-se perto de estradas em uniforme de neve branco para observar o tráfego e o movimento das tropas. Quando retornavam, capturavam um “língua” para interrogatório.

A atividade de patrulhamento era em particular intensa no flanco Sudoeste do *Kessel*. Os comandantes soviéticos tinham certeza de que os alemães iam fazer uma tentativa de romper o cerco e queriam se prevenir. A estepe vazia, coberta de neve, era perigosa para as patrulhas de reconhecimento, com os postos de metralhadoras usufruindo de bons campos de fogo. Contudo, em uma ocasião no início de dezembro, um grupo de reconhecimento, apoiado por um de ataque, aproximou-se de mansinho até as trincheiras defronte e encontrou-as vazias. Os alemães haviam-se retirado para as casamatas mais quentes atrás. Depois que os primeiros homens da infantaria exploraram as trincheiras e casamatas sem ser perturbados, o comandante do grupo de reconhecimento inspecionou o butim, incluindo um longo casaco de pele de carneiro. Em seguida, junto ao telefone de campanha, localizou “uma caneca branca com uma rosa vermelha”. Pareceu-lhe incomparavelmente bela, pois há tempos não via em parte alguma um objeto tão civil. Mas aí chegou o comandante de companhia e decidiu, com ambição um tanto excessiva para uma força tão pequena, tentar ganhar mais terreno. Assim que avançaram, tudo deu errado. Os alemães opuseram-se com tanques e a própria artilharia deles recusou-se a disparar em apoio, pois não haviam recebido ordens pelos canais de comando próprios. Seguiu-se então um combate muito confuso, e enquanto o grupo de reconhecimento se retirava, o jovem comandante

recebeu um grave ferimento na perna, de uma explosão de granada. Deitado ali na neve, olhando o sangue em seu uniforme de camuflagem branco, pensava na caneca com a rosa.

Às vezes, quando grupos russos e alemães de reconhecimento passavam uns pelos outros à noite, na terra de ninguém, fingiam não se ver. Cada um tinha ordens específicas de não se desviar de sua tarefa por um combate. Se, contudo, pequenos grupos se encontravam cara a cara, a luta muitas vezes era realizada em silêncio mortal, com facas ou baionetas afiadas. “Quando matei um alemão com uma faca pela primeira vez”, lembrou um comandante de pelotão de reconhecimento da infantaria da marinha, “continuei vendo-o em meus sonhos durante as três semanas seguintes.” Mas o pior perigo era retornar para as próprias linhas longe de onde se era esperado.

Felizmente para as tropas russas, as deficiências de vestuário de inverno, que haviam sido sérias, foram compensadas após a finalização bem-sucedida da Operação Urano. Quase todos os soldados receberam luvas de pele de coelho, jaquetas acolchoadas, coletes de pele de carneiro e uma *ushanka* de pele cinzenta, para a qual transferiram a estrela vermelha de seu boné de verão.

Um constante punhado de recém-chegados elevou as divisões à força militar total. Para o *ingénu*, ingressar num pelotão de soldados endurecidos pela batalha era sempre assustador, mas aproveitar sua experiência oferecia uma melhor chance de sobrevivência do que se juntar a uma formação ainda não testada. Assim que o novo soldado houvesse aceitado que a sobrevivência era mais relativa que absoluta e aprendido a viver minuto por minuto, a tensão diminuía.

Para um jovem cidadão soviético, a experiência mais chocante não era a grosseria característica da vida de soldado, mas o linguajar franco de *frontoviki* sobre assuntos políticos. Muitos expressavam-se de tal forma que faziam os

recém-chegados virarem o rosto para trás, alarmados. Declaravam que a vida depois da guerra deveria ser diferente. Era necessário melhorar a terrível existência para os que trabalhavam em fazendas coletivas e em fábricas, bem como restringir os privilégios da *nomenklatura*.

Naquele estágio da guerra, o risco de ser denunciado no *front* era realmente muito pequeno. Como disse um veterano: “O soldado sentia que, após pagar com seu sangue, tinha direito à livre expressão.” Precisava ser muito mais cauteloso se evacuado para um hospital de campanha, onde informantes e autoridades políticas ficavam vigilantes a qualquer crítica ao regime. (O perigo retornou ao *front* próximo ao fim da guerra, durante o avanço pela Alemanha adentro. A tarefa do exército chegara quase ao fim, e os departamentos especiais do NKVD, nessa ocasião SMERSH, não perderam tempo para reimpor o terror stalinista.)

Os soldados atormentavam-se com conversas a respeito da comida em casa, além de sonhar acordados. Alguns pelotões eram felizardos o bastante para ter um talentoso contador de histórias que inventava contos de fada modernos. Jogavam baralho (embora fosse oficialmente proibido) e xadrez. Agora que se achavam em posições fixas por algum tempo, valia a pena esculpir as próprias peças e fazer um tabuleiro. E principalmente caíam em reminiscência. Os moscovitas falavam constantemente da cidade natal, não tanto para impressionar os camaradas das províncias, mas por uma verdadeira saudade de casa no vazio da estepe.

Escrever para casa era “muito difícil”, confessou o tenente da infantaria da marinha. Era “impossível” dizer a verdade. “Os soldados no *front* jamais enviavam notícias ruins para a família.” Os pais guardaram todas as suas cartas, e quando ele as releu depois da guerra, descobriu que não continham nenhuma notícia. Em geral, uma carta para casa começava como um exercício de tranquilizar as mães – “Estou vivo, com saúde, e comemos bem” –, mas o efeito era um tanto

dissipado por observações posteriores de que estavam dispostos a sacrificar sua vida pela Pátria.

Nos pelotões, trocavam-se anedotas, piadas e provocações, mas parece que isso raras vezes era cruel entre os de mesmo escalão. Também havia uma surpreendente ausência de grosseria. Falavam de garotas “só quando num estado de espírito especial”, o que em geral significava quando a sentimentalidade era estimulada pela razão de vodka ou algumas músicas. Esperava-se que cada companhia tivesse pelo menos uma concertina para fins do moral. A música preferida do Exército Vermelho em volta de Stalingrado, naquelas últimas semanas de 1942, era *Zemlianka* (“O abrigo da trincheira”), contrapartida russa da *Lili Marlene*, com melodia cadenciada semelhante. Essa sombria música de Aleksei Surkov, composta no inverno anterior – às vezes também conhecida por seu verso famoso “A Quatro Passos para a Morte” –, a princípio foi condenada como ideologicamente incorreta por causa do tom de “excessivo pessimismo”. Mas *Zemlianka* acabou tornando-se tão popular entre as tropas da linha de frente que os comissários tinham de fazer vista grossa.

No fogão estreito, tremula o fogo
Como uma lágrima, escorre a resina do toro
E na casamata a concertina
canta para mim os teus olhos e sorriso.

Sussurram-me de ti os arbustos
Nos brancos campos de neve junto a Moscou
Quero acima de tudo que escutes
Como é triste minha voz ao vivo.

Agora que distante demais estás
Imensidões de neve a nos separar

É muito difícil a ti eu chegar,
E aqui, a quatro passos para a morte.

Toque, concertina, em desafio à nevasca
Chame aquela felicidade que perdeu o rumo
Na fria casamata estou aquecido
Por seu inextinguível amor.

No *Kessel*, a disciplina do Sexto Exército era mantida com rigidez. Hitler, enquanto isso, numa típica tentativa de garantir a lealdade, começou a ser generoso com promoções e medalhas. Paulus foi promovido a general de exército.

Para os soldados, o principal motivo de consolo era a promessa do Führer de que faria tudo para assegurar-lhes a libertação. De fato, o general Strecker convencera-se de que os soldados se queixavam admiravelmente pouco da drástica redução de suas rações porque estavam certos de que logo seriam salvos. Durante uma de suas visitas à linha de frente, um sentinela ergueu a mão ao ouvir fogo de artilharia a distância.

- Escute, *Herr* general - disse. - Devem ser os nossos salvadores se aproximando.

Strecker sentiu-se profundamente comovido.

- Esta fé que se vê no soldado alemão é animadora - observou.

Mesmo os oficiais antinazistas não podiam acreditar que Hitler ousasse abandonar o Sexto Exército. O golpe ao regime e ao moral interno na Alemanha seria grande demais, raciocinavam. Também a aproximação do Natal e do Ano-Novo estimulava a ideia de que as coisas estavam fadadas a mudar para melhor. Até o cético Groscurth sentiu-se mais otimista. "As coisas parecem ligeiramente menos desanimadoras", escreveu, "e agora podemos ter esperanças de que nos livraremos da enrascada." Mas

continuou se referindo a Stalingrado como a “*Schicksalsstadt*” – “a cidade do destino”.

18

“Der Manstein Kommt!”

A neve começou a cair com muita intensidade no fim da primeira semana de dezembro. Montes em redemoinho encheram as *balkas*, obrigando os que viviam em grutas ao lado a ter que escavar para abrir uma saída. Restara pouco combustível para quaisquer veículos, e os cavalos que puxavam as carroças de ração estavam tão famintos que era preciso poupar sua força nas colinas menores. O capelão Altmann, da 113ª Divisão de Infantaria, após viajar na boleia de uma, relatou: “Não posso continuar sentado, porque o cavalo está tão desnutrido que não aguenta a menor tensão.”

Acima de tudo Altmann ficou impressionado com a patética juventude dos soldados que visitava. A primeira pergunta deles era totalmente previsível: “Quando vamos ter mais o que comer?” Também notou que, embora fosse apenas a segunda semana de dezembro, “suas casamatas no meio dessa estepe sem árvores já têm decorações natalinas”. No quartel-general do batalhão, recebeu um telefonema avisando-o de uma obrigação pouco natalina. “Amanhã de manhã, ao alvorecer, execução de soldado alemão (19 anos, ferimento autoinfligido).”

Embora todos os soldados passassem sensível fome, a maioria não fazia a menor ideia do problema de abastecimento que enfrentava o Sexto Exército. Hitler, ao ordenar que Paulus permanecesse firme, prometera que mais de uma centena de aviões de transporte Junkers 52 ia entregar suprimentos, mas durante a primeira semana de

operações da ponte aérea de 23 de novembro, o socorro aéreo não chegara nem à média de trinta voos por dia. Perderam-se 22 aviões de transportes pela ação inimiga e por quedas em 24 de novembro, e outros nove foram abatidos no dia seguinte. Heinkel 111 tiveram de ser tirados de missões de bombardeio, numa tentativa desesperada de compensar as perdas. Richthofen ligou três vezes para Jeschonnek, tentando convencê-lo de que lhes faltavam aeronaves para abastecer o Sexto Exército por ar. Goering não pôde ser contatado. Partira para Paris.

O socorro aéreo não forneceu nada perto do simples mínimo de 300 toneladas diárias prometido. Apenas 350 toneladas chegaram no decorrer da semana toda. Destas, havia apenas 14 toneladas de comida para a ração de uma força militar a essa altura reduzida a 275 mil membros. Setenta e cinco por cento do total consistia em combustível, parte dele destinado à aviação da própria Luftwaffe com base em Pitomnik, para proteger os aviões dos caças russos. Contudo, os Messerschmitts baseados em Pitomnik agora enfrentavam temerosas desvantagens, além de condições de voos frequentemente assustadoras. Um piloto capturado disse ao interrogador do NKVD que, ao decolar de Pitomnik como escolta, seu Me 109 fora interceptado e atacado por seis caças russos.

Na segunda semana até 6 de dezembro, chegaram 512 toneladas (ainda menos de um quarto do mínimo), entregues por uma média de 44 aviões de transporte por dia. Só 24 toneladas eram suprimentos de comida. Um número cada vez maior de animais de carga teve de ser sacrificado para compensar a escassez. Os soldados viam suas rações logo diminuírem, mas convenceram-se de que a situação não ia durar. Admiravam a bravura das tripulações da Luftwaffe e passaram a ter um grande afeto por “Tante Ju” – os trimotores Junkers levantando voo com os camaradas feridos e levando suas cartas para casa na Alemanha. “Estou bem e com saúde”, escreviam em dezembro, tranquilizando as

famílias. “Nada pior pode acontecer”, era outro refrão constante. “Não se preocupem comigo, logo estarei em casa são e salvo.” Continuavam esperando um milagre de Natal.

Stalin, enquanto isso, estivera esperando um segundo golpe decisivo, quase logo depois do cerco ao Sexto Exército. A Operação Urano fora considerada na *Stavka* a primeira parte de uma estratégia de mestre. A segunda, e mais ambiciosa fase, seria a Operação Saturno. Estabelecia uma ofensiva repentina pelos exércitos das Frentes Sudoeste e Voronej, esmagando todo o Oitavo Exército italiano a fim de avançar pelo sul para Rostov. A ideia era isolar o resto do Grupo do Exército do Don e cercar o Primeiro Exército de Panzers e o 17º Exército no Cáucaso.

Mesmo antes que o Sexto Exército começasse a entrincheirar-se na estepe entre o Don e o Volga, Vasilevski vinha discutindo o estágio seguinte com os comandantes das Frentes Sudoeste e Voronej. Apresentou seu projeto inicial a Stalin na noite de 26 de novembro. O início programado para a Operação Saturno, contando com a redistribuição das tropas em posição de combate e reforços, era 10 de dezembro. Stalin concordou e mandou-o prosseguir. Uma preocupação mais imediata, contudo, teve de ser resolvida primeiro. Tratava-se da questão de como Manstein reagiria para salvar o Sexto Exército.

Stalin começou a sofrer de um característico ataque de impaciência. Queria que tudo acontecesse imediatamente – a Operação Saturno e a rápida destruição do Sexto Exército. Já dera ordens ao Segundo Exército da Guarda, a mais poderosa força no Exército Vermelho, para dispor as tropas em formações de combate a oeste de Stalingrado, prontas para o ataque a Rostov. Mas, como descobriu Vasilevski na primeira semana de dezembro, mesmo com sete exércitos dispostos contra eles, as divisões de Paulus iam ser muito mais difíceis de destruir do que haviam imaginado.

Em 28 de novembro, Stalin pediu a Jukov uma avaliação das intenções do inimigo. Jukov mandou seu relatório no dia seguinte. “As forças alemãs encurraladas não têm muita chance de romper o cerco sem ajuda de uma força de socorro vinda por Nijne-Chirskaia e Kotelnikovo”, escreveu. Suas previsões revelaram-se corretas, mas um estudo mais minucioso da situação mostrou que essa era a única opção praticável. Após enviar sua resposta a Stalin, Jukov discutiu a situação com Vasilevski, a quem Stalin dera ordens de concentrar toda a atenção na redução do Sexto Exército. Os dois generais acertaram em particular que provavelmente teriam de adiar a Operação Saturno e em seu lugar examinar uma Operação Pequeno Saturno. O plano era entrar arrasando pela retaguarda e pelo flanco esquerdo do Grupo do Exército do Don de Manstein. Isso levaria qualquer campanha para aliviar Stalingrado a uma parada abrupta.

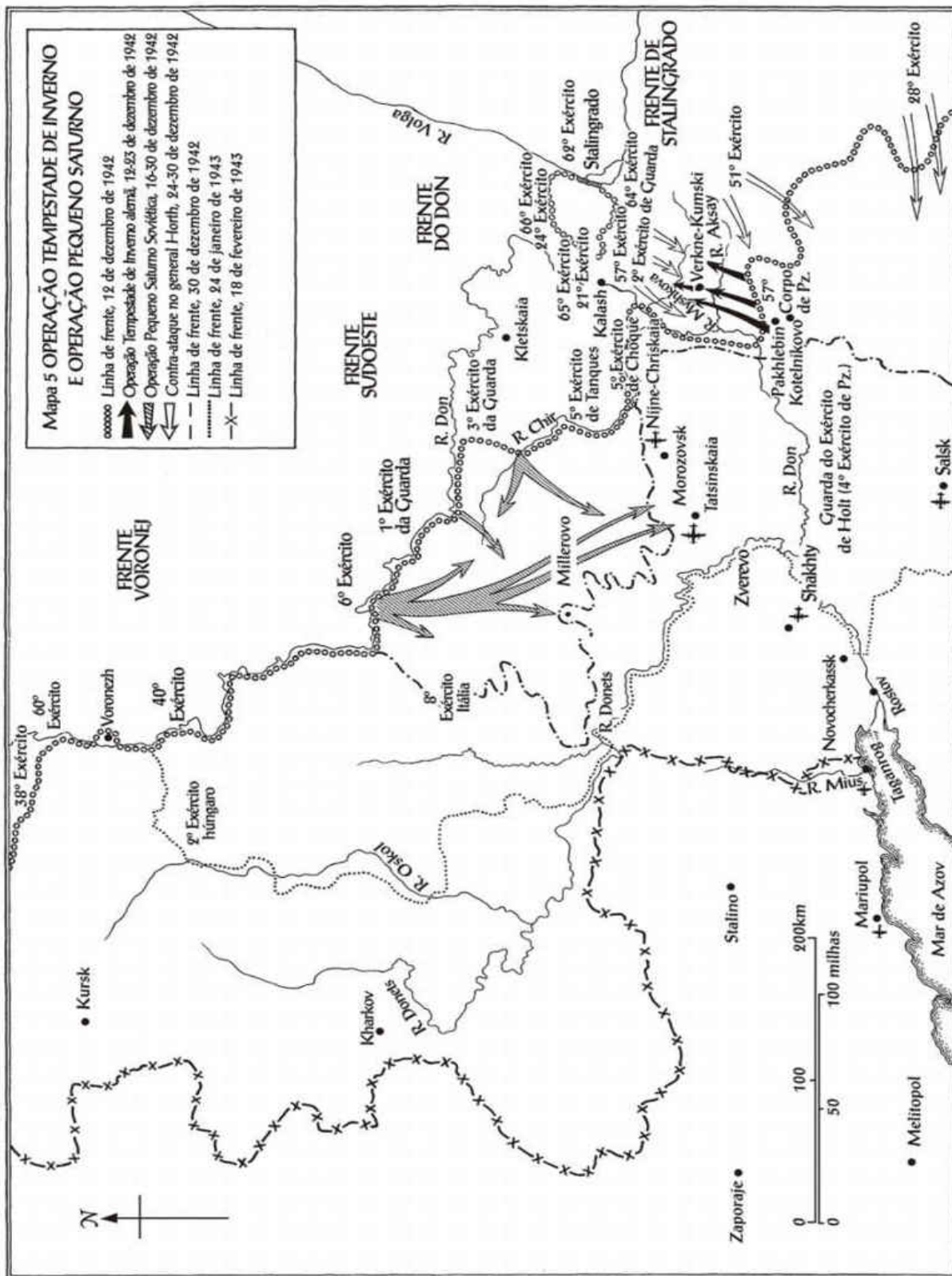
O plano de Manstein para salvar o Sexto Exército – a Operação Tempestade de Inverno – foi elaborado em total consulta com o quartel-general do Führer. (Ver Mapa 5.) Ele pretendia romper o cerco do Sexto Exército e criar um corredor para mantê-lo abastecido e reforçado, com o objetivo, segundo ordem de Hitler, de conservar sua posição de “pedra angular” no Volga, “com relação às operações de 1943”. Contudo, Manstein, que sabia que o Sexto Exército não sobreviveria ao inverno ali, instruiu seu quartel-general a redigir outro plano para o caso de Hitler recuperar a razão. Este incluiria o rompimento de cerco posterior do Sexto Exército, na hipótese de uma primeira fase bem-sucedida, e sua reincorporação física no Grupo do Exército do Don. Esse segundo plano recebeu o nome de Operação Trovão.

A Tempestade de Inverno, como Jukov previra, foi originalmente planejada como um ataque bifurcado. Uma investida partiria da área de Kotelnikovo, bem ao sul, e a uns 150 quilômetros em redor do Sexto Exército. A outra viria da

frente do rio Chir, a oeste do Don, situada a pouco menos de 65 quilômetros da borda do *Kessel*, mas os contínuos ataques do Quinto Exército de Tanques de Romanenko contra os destacamentos alemães ao longo do rio Chir eliminaram aquela linha de partida. Isso deixava apenas o 57º Corpo de Panzers em redor de Kotelnikovo, apoiado pelo resto do muito misturado Quarto Exército de Panzers de Hoth, para aliviar as divisões encurraladas de Paulus.

Mapa 5 OPERAÇÃO TEMPESTADE DE INVERNO
E OPERAÇÃO PEQUENO SATURNO

- Linha de frente, 12 de dezembro de 1942
- Operação Tempestade de Inverno alemã, 12-23 de dezembro de 1942
- Operação Pequeno Saturno Soviética, 16-30 de dezembro de 1942
- Contra-ataque no general Horth, 24-30 de dezembro de 1942
- Linha de frente, 30 de dezembro de 1942
- Linha de frente, 24 de janeiro de 1943
- X - Linha de frente, 18 de fevereiro de 1943



O 57º Corpo de Panzers, comandado pelo general Friedrich Kirchner, a princípio fora fraco. Consistia em duas divisões de cavalaria romenas e na 23ª Divisão de Panzers, reunindo não mais que trinta tanques utilizáveis. A Sexta Divisão de Panzers, que chegava da França, era uma formação muito mais poderosa, mas seus membros dificilmente receberam uma encorajadora primeira impressão. O comandante de divisão austríaco, general Erhard Raus, foi convocado ao vagão real de Manstein, na estação de Kharkov, em 24 de novembro, onde o marechal de campo resumiu-lhe a situação. “Descreveu-a em termos muito sombrios”, lembrou Raus. Três dias depois, quando o primeiro comboio de trem da divisão de Raus entrou fumegando na estação de Kotelnikovo para descarregar, suas tropas foram saudadas por “uma saraivada de projéteis” das baterias russas. “Com a rapidez de um relâmpago, os granadeiros Panzer saltaram dos vagões. Mas já o inimigo atacava a estação com seus gritos de guerra de ‘Urrah!’.”

Hoth ficou realmente feliz ao ver a Sexta Divisão de Panzers. Ela fora reorganizada na Bretanha e estava a força total, com 160 Panzers Mark 4º de cano longo e quarenta canhões de assalto. A divisão logo teve a oportunidade de testar seu novo equipamento. Em 3 de dezembro, envolveu-se numa violenta batalha com o Quarto Corpo de Cavalaria soviético, perto da aldeia de Pakhlebin, quase 15 quilômetros a noroeste de Kotelnikovo. As guarnições de Panzers empolgaram-se quando seus tanques de esteira atravessaram triturando a crosta de gelo, num ataque blindado pelos lados, e isolaram a 81ª Divisão de Cavalaria, infligindo pesadas perdas. O general Raus, satisfeito com o resultado, referiu-se ao combate como “a Canas de Pakhlebin”. A chegada da divisão de Raus confirmou a suspeita de Ieremenko de que os alemães estavam se preparando para atacar a noroeste por Kotelnikovo, mas Stalin continuou recusando-se a transferir reservas para o setor ameaçado.

Também em 3 de dezembro, Hoth apresentou sua proposta para a “Tempestade de Inverno”, que assim começava: “Intenção: Quarto Exército de Panzers alivia o Sexto Exército”, mas perdeu-se valioso tempo. A 17ª Divisão de Panzers, que completaria sua força de ataque, fora mantida recuada por ordens do quartel-general do Führer, como uma reserva atrás do Oitavo Exército italiano. No fim, só conseguiu juntar-se à força de Hoth quatro dias depois do início da operação. No entanto, Hitler insistiu em que não se perdesse mais tempo. Também ficou impaciente por descobrir como se desempenharia o tanque Tigre, com seu canhão de 88mm. O primeiro batalhão a ser formado avançara às pressas para o *Ostfront* e somou-se à força de Kirchner. No entardecer de 10 de dezembro, os comandantes receberam a “Ordem para o Ataque de Socorro a Stalingrado”.

Em 12 de dezembro, após um breve bombardeio de artilharia, os Panzers de Hoth atacaram ao norte. Os soldados alemães dentro do *Kessel* ouviram ansiosos o barulho do combate distante. A confiança parecia sem limites. Rumores exaltados circularam pelo Sexto Exército.

- Manstein está chegando! - diziam os soldados uns aos outros, quase como a saudação de Páscoa da Igreja ortodoxa.

Para os leais ao Führer, os distantes tiros de canhões eram a prova de que o Führer sempre cumpria a palavra.

Hitler, contudo, não tinha a menor intenção de permitir que o Sexto Exército rompesse o cerco. Em sua conferência do meio-dia na *Wolfsschanze*, disse a Zeitzler que era impossível retirar-se de Stalingrado, porque isso implicava sacrificar “todo o sentido da campanha”, e afirmou que já se derramara sangue demais. Como Kluge advertira Manstein, ele continuava obcecado com os acontecimentos do inverno anterior e sua ordem ao Grupo Centro do Exército que aguentasse. “Assim que uma unidade se põe a fugir”, pregou um sermão ao chefe do estada-maior do exército, “os

compromissos de lei e ordem logo desaparecem no curso da fuga.”

Os comandantes soviéticos não esperavam a ofensiva de Manstein tão cedo. Ieremenko logo temeu pelo 57º Exército, que ocupava o canto Sudoeste do *Kessel*. Vasilevski estava no quartel-general do 51º Exército com Kruchov em 12 de dezembro, quando se ouviu a notícia do ataque alemão num comunicado de rádio. Ele tentou ligar para Stalin em Moscou, mas não conseguiu completar a ligação. Sem querer perder um momento, contatou o general Rokossovski, comandante da Frente do Don, e disse-lhe que queria transferir o Segundo Exército da Guarda do general Rodion Malinovski para o comando da Frente de Stalingrado a fim de bloquear a ofensiva de Manstein. Rokossovski protestou com veemência e, para desânimo de Vasilevski, quando afinal completou a ligação telefônica com o Kremlin naquela noite, Stalin ficou furioso com o que julgou ser uma tentativa de impor-lhe uma decisão. Recusou-se a dar uma resposta e obrigou Vasilevski a passar uma noite muito ansiosa.

Nesse meio tempo, Ieremenko dera ordens para que o Quarto Corpo Mecanizado e o 13º Corpo de Tanques bloqueassem o avanço impetuoso da força blindada alemã. A Sexta Divisão de Panzers já se estendera à frente quase 50 quilômetros nas primeiras 24 horas, atravessando o rio Aksai. Por fim, após as discussões no Kremlin que duraram até as primeiras horas da manhã seguinte, e mais telefonemas com Vasilevski, Stalin concordou com a transferência do Segundo Exército da Guarda para dali a dois dias.

No segundo dia da ofensiva, a Sexta Divisão de Panzers chegou à aldeia de Verkhne-Kumski. Choveu torrencialmente no que acabaria virando um breve degelo. No terreno elevado em volta da aldeia, deu-se início ao que o general Raus descreveu como “um gigantesco campeonato de luta

livre”. Essa furiosa “batalha revolteante” de três dias tornou-se muito dispendiosa. Revelou-se um sucesso local – as divisões de Hoth e os tanques Tiger avançaram até a linha do rio Mishkova assim que a 17ª Divisão de Panzers chegou e Richthofen lançou o máximo de apoio aéreo –, mas os acontecimentos acabaram sendo irrelevantes para a sorte do Sexto Exército, decidida, na verdade, uns 200 quilômetros a noroeste.

Stalin logo se deu conta de que Jukov e Vasilevski tinham razão. A maneira mais eficaz de esmagar toda tentativa de aliviar o exército de Paulus era bloquear o avanço de Hoth na linha do Mishkova, desferindo o golpe decisivo em outra parte. Concordou com a ideia de adaptar a Operação Saturno. Prepararam-se ordens no primeiro dia do combate em Verkhne-Kumskii, instruindo os comandantes das frentes de Voronej e Sudoeste para que se preparassem para lançar uma versão corrigida da operação, chamada Pequeno Saturno. O plano era avançar esmagando pelo Oitavo Exército italiano e atacar a retaguarda do Grupo do Exército do Don, em vez de investir sobre Rostov. Seus exércitos deveriam ficar prontos para o ataque dali a três dias.

Ieremenko continuava nervoso. Com o Corpo de Panzers de Hoth na linha do rio Mishkova, a Sexta Divisão de Panzers agora se achava a menos de 65 quilômetros da borda do *Kessel*, e o Segundo Exército da Guarda, atrasado por renovadas tempestades de neve, não se acharia em posição completa para contra-atacar antes de 19 de dezembro. Ele esperava que as forças de Panzers do Sexto Exército furassem o cerco a qualquer momento pelo sudoeste do *Kessel*, mas não sabia que Hitler continuava negando permissão para isso e que os setenta tanques restantes de Paulus só tinham combustível suficiente para avançar menos de 20 quilômetros.

O marechal de campo von Manstein enviou o major Eismann, seu oficial do serviço secreto, ao *Kessel* por ar em 19 de dezembro. Sua missão, afirmou depois Manstein, era

dar a Paulus e Schmidt instruções para prepararem o Sexto Exército para a Operação Tempestade de Inverno. As diferentes versões e interpretações do que se disse nesse encontro jamais serão esclarecidas. Contudo, sabe-se com certeza que Manstein continuava evitando assumir a responsabilidade por desobedecer a Hitler. Não daria a Paulus um sinal claro e recusou-se – sem a menor dúvida, por motivos de segurança – a ir ao *Kessel* de avião para discutir a questão cara a cara. Mas Manstein devia saber desde o início que Paulus, um crente convicto na cadeia de comando, jamais romperia o cerco sem uma ordem formal do alto comando. Os esforços de Manstein em suas memórias para absolver-se de qualquer culpa pelo destino do Sexto Exército são curiosamente exagerados, assim como injustos com Paulus. Parece que sofria de consciência intranquila, embora ninguém o houvesse culpado.

Em 16 de dezembro, transcorridos apenas quatro dias da ofensiva de Hoth, os Primeiro e Terceiro Exércitos da Guarda, além do Sexto Exército soviético, mais acima no Don, atacaram pelo sul. Retardada pelo nevoeiro denso e glacial, com suas formações de tanque avançando às cegas em campos minados, a operação soviética não deu a partida com bom início. Contudo, em dois dias o Oitavo Exército italiano desabara após alguns atos de feroz resistência. Não havia nenhuma reserva com que contra-atacar, agora que a 17ª Divisão de Panzers se juntara à operação de Hoth a leste do Don, por isso as colunas de tanques soviéticas irromperam ao sul na estepe aberta e coberta de neve. O grande congelamento da região, iniciado em 16 de dezembro, pouco contribuiu para diminuir a velocidade das brigadas de T-34, que avançavam causando violentos distúrbios na retaguarda do Grupo do Exército do Don. Os entroncamentos e as estações ferroviárias foram capturados

logo depois que as tropas alemãs, antes de fugirem, atearam intenso fogo nos vagões cheios de equipamento.

A mais grave ameaça aos alemães foi o avanço de mais de 240 quilômetros do 24º Corpo de Tanques do general-de-divisão Vasili Mikhailovich Badanov. Na tarde de 23 de dezembro, eles invadiram Skassirskaia, logo acima de Tatsinskaia, a principal base aérea dos Junkers 52 para Stalingrado. O brigadeiro Fiebig recebera uma ordem do quartel-general do Führer de não abandonar o campo de aviação até cair sob o fogo da artilharia. Ninguém no séquito de Hitler parece ter levado em conta a possibilidade de uma coluna blindada chegar à borda do campo e depois abrir fogo.

Fiebig e seus oficiais ficaram furiosos. Sempre se podia recapturar um campo de aviação, mas se perdessem a aviação de transporte o Sexto Exército também estaria perdido. Não tinham tropas de terra para defender “Tazi”, como a chamava a Luftwaffe. Puderam apenas desviar sete canhões de fogo antiaéreo para cobrir a estrada e preparar todas as aeronaves utilizáveis para decolar nas primeiras horas da manhã. Eram tantas que a tarefa acabou não sendo fácil.

- Em volta de toda a pista de pouso era um caos - observou o chefe do estado-maior de Richthofen, que estava presente. - Com os motores girando, mal se podia entender uma única palavra.

Para piorar tudo, havia uma neblina muito densa, com nuvens baixas a 45 metros do solo, e caía uma neve fina.

Às 5h20 da manhã, explodiram as primeiras granadas. O grosso dos tanques soviéticos chegara pelo campo, não pela estrada. Muitos pilotos, por causa do barulho e caos no campo de aviação, a princípio não perceberam o que acontecia, mesmo quando dois Junkers 52 pegaram fogo. O próprio Fiebig dera a ordem pelo rádio:

- Decolem, dirijam-se para Novocherkassk!

Os pilotos não perderam tempo. “Começara a fuga de Tatsinskaia.” Em vista da confusão anterior, o pouco pânico foi impressionante. Os aviões decolaram numa corrente constante, apesar do índice de baixas aumentando. Para os T-34 russos, foi como um tiro ao alvo num parque de diversões. Alguns dos tanques soviéticos disparavam violentamente enquanto avançavam pela neve. Um chegou a bater contra um trimotor Junkers que se preparava para tomar posição de decolagem. A explosão e a bola de fogo consumiram os dois. Numerosos outros aviões colidiram uns com os outros na pista ou foram destruídos pela fuzilaria. A visibilidade piorava a cada minuto, e as aeronaves restantes tiveram de transpor destroços em chamas para escapar. Por fim, às 6h15 da manhã, a máquina do general Fiebig, uma das últimas a decolar, era transportada pelo ar. Ao todo, salvaram-se 108 trimotores Ju-52 e 16 aviões de treinamento Ju-86, mas a perda de 72 unidades representou cerca de 10 por cento de toda a frota de transporte aéreo da Luftwaffe.

Badanov, após seu ousado ataque repentino, viu-se isolado durante cinco dias, mal equipado e sem munição. A admiração de Stalin foi irrestrita. A formação foi rebatizada como Segundo Corpo da Guarda de Tanques, e Badanov o primeiro a receber a nova ordem de Suvorov. A propaganda do Exército Vermelho afirmou que seus tanques haviam destruído 431 aviões ao todo, mas foi um exagero caracteristicamente violento. O resultado importante, contudo, foi que Tatsinskaia jamais voltou a ser usada para missões de transporte. A Luftwaffe teve de afastar-se ainda mais para um campo de aviação totalmente improvisado.

O desfecho da missão de resgate de Hoth já fora decidido. A ameaça ao flanco esquerdo do Grupo do Exército do Don e a possibilidade de ruptura do cerco por Rostov (aparentemente confirmada pelo interrogatório do chefe do estada-maior do Terceiro Exército da Guarda, capturado em 20 de dezembro)

obligaram Manstein a reexaminar toda a sua posição. As divisões de Panzers no Mishkova também vinham levando uma intensa surra, com a Sexta Divisão de Panzers perdendo 1,1 mil homens num único dia. Na noite de 23 de dezembro, o corpo de Panzers de Hoth recebeu ordem de recuar, sem nenhuma explicação. “De cima a baixo, até para o soldado mais subalterno ficou absolutamente claro”, escreveu o general Raus, “que aquilo significava a derrota em Stalingrado. Embora ninguém ainda soubesse dos motivos por trás da ordem, os oficiais e soldados tiveram um forte pressentimento de que alguma coisa terrível devia ter acontecido.”

Na mesma noite, Paulus e Manstein discutiram a posição numa conferência realizada por teletipo. Manstein comunicou que o Quarto Exército de Panzers enfrentara pesada resistência e que as tropas italianas no flanco Norte haviam se desmantelado. Paulus perguntou se ele afinal recebera permissão para o Sexto Exército romper o cerco. Manstein respondeu que ainda não obtivera concordância do supremo quartel-general. Fora parcimonioso nos detalhes. Se Paulus houvesse recebido informação suficiente para atualizar seu mapa de operações, teria visto que o Sexto Exército estava além de qualquer ajuda.

Em 16 de dezembro, um vento intenso e glacial começara a soprar do noroeste. Tudo ficou envolto em geada: as linhas telegráficas, as árvores atrofiadas, os destroços de guerra. E o solo congelado tão duro, que os passos começaram a transmitir o som de pisar em metal. Com o cair da noite, após um brilhante crepúsculo vermelho, a paisagem branca logo se tornava azul-ártico. Os defensores russos de Stalingrado receberam o frio como natural e saudável. “Ontem e hoje o inverno começou de verdade aqui”, escreveu à esposa um soldado russo. “Boas geadas. Vivo muito bem, mas sem cartas suas.”

Ninguém ficou mais feliz que os membros do 62º Exército na própria Stalingrado, após um mês e uma semana ouvindo a terrível trituração de banquetas de gelo no quase inavegável Volga e subsistindo da reserva de 12 toneladas de chocolate e pequenos lançamentos de suprimentos de biplanos U-2. O rio solidificou-se afinal, congelado, na noite de 16 de dezembro, quando uma massa de banquetas de gelo se amontoou e firmou. Primeiro fez-se uma passagem para pedestres sobre o gelo com pranchas. Depois construíram-se rodovias usando galhos e água despejada sobre eles, que congelava e unia a superfície. No decorrer dos dois meses e uma semana seguintes, os veículos com lagartas, 18 mil caminhões e 17 mil outros veículos atravessaram. Podia-se agora levar todo ferido de carro direto ao hospital de campanha do outro lado do rio. Os canhões depois foram transportados ruidosamente para a margem ocidental, entre eles um morteiro 122mm necessário para romper o impasse na metalúrgica Outubro Vermelho. Em elevação mínima, foi usado a curto alcance para explodir o principal prédio de escritórios que os alemães haviam transformado numa fortaleza.

Para imensa sorte de todo o 62º Exército, a escassez de granadas da artilharia alemã significava que não era mais possível o bombardeio constante de pontos de travessia do Volga. A própria margem muitas vezes oferecia uma cena pacífica. Parecia um antigo assentamento mineiro de fronteira, com barracas improvisadas e abrigos cobertos com lona sobre buracos na margem. Enquanto os homens partiam toros ou serravam madeira, um carteiro passava à luz brilhante do sol rumo ao quartel-general com sua bolsa de correspondência de couro, esperando tomar uma caneca de chá quente do samovar de cobre. Outros seguiam por ali levando vasilhames térmicos com comida quente para as tropas nas posições de vanguarda. Os soldados agora podiam atravessar a pé em bandos sobre o gelo até o outro

lado do rio para tomar banhos a vapor instalados na margem esquerda e voltar limpos, sem piolhos, na noite seguinte.

Em 19 de dezembro, o general Chuikov atravessou para a margem oriental do Volga pela primeira vez desde a mudança do seu quartel-general em outubro. Seguiu pelo gelo a pé e, quando chegou ao outro lado, parece que se voltou para contemplar as ruínas que seu exército ocupara. Chuikov chegara para uma festa oferecida pelo comandante das tropas do NKVD, o general de divisão Rogatin, em homenagem ao vigésimo quarto aniversário da fundação do Departamento Especial da Cheka. Chuikov, ao retornar muito embriagado, caiu num buraco no gelo e teve de ser pescado da água enregelante. O comandante do 62º Exército quase encontrou um fim ignominioso e anticlimático.

Enquanto os russos davam as boas-vindas às baixas temperaturas, os médicos no exército de Paulus temiam-nas por vários motivos. A resistência dos pacientes, tanto os doentes quanto os feridos, diminuía. A geada na ferida aberta logo se revelaria letal. A dureza do terreno quando explodiam granadas, foguetes *Katiusha* e bombas-morteiros parecia ser a única explicação para o grande aumento de ferimentos no estômago que enfrentavam. E desde meados de dezembro, passou a haver “um número em constante elevação de graves casos de queimadura pelo frio”. Os pés ficavam não apenas inchados e roxos – eram tratados com unguentos, ataduras e volta ao serviço –, mas negros e potencialmente gangrenosos, muitas vezes exigindo amputação.

Já na segunda semana de dezembro, os médicos começaram a notar um fenômeno mais perturbador. Um número cada vez maior de soldados morria de repente “sem ter recebido ferimento ou sofrido de alguma doença diagnosticável”. As rações haviam de fato sido drasticamente reduzidas, mas para os médicos continuava

parecendo demasiado cedo para casos de morte por fome. “As causas suspeitas”, escreveu o patologista responsável pelo inquérito, “incluíam exposição ao frio, ‘exaustão’ [nenhum dos cerca de 600 médicos no *Kessel* aventurou-se a mencionar fome] e, acima de tudo, uma doença até agora não identificada.”

Em 15 de dezembro, o Dr. Girgensohn, patologista do Sexto Exército, trabalhando então num hospital perto de Tatsinskaia, recebeu ordem de partir por ar no dia seguinte para o *Kessel*. “Infelizmente, não temos um paraquedas sobressalente para você”, disse-lhe o piloto quando se apresentou a ele no alvorecer da manhã seguinte, mas foram obrigados a voltar. Por fim, em 17 de dezembro, chegaram ao *Kessel*. O piloto disse-lhe que sobrevoavam Pitomnik, e Girgensohn, esforçando-se por ver pela janelinha, avistou “na branca manta de neve uma exuberante paisagem marrom cheia de crateras”.

Girgensohn encontrou-se com o general Renoldi, oficial médico-chefe, num vagão ferroviário enterrado no solo na borda do campo de aviação. Renoldi fingiu nada saber da missão de Girgensohn, porque fora o Dr. Seggel, especialista em medicina interna na Universidade de Leipzig, quem requisitara a presença dele, e Renoldi, naquele estágio, considerou a questão exagerada.⁴ De Pitomnik, Girgensohn foi levado ao hospital de campanha perto da estação de Gumrak e também do quartel-general de Paulus. Sua base era uma casamata revestida de madeira e cavada no lado íngreme de uma *balka*. Na verdade, uma “luxuosa” acomodação, pois continha um fogão de ferro e dois beliches, para seu espanto, com lençóis limpos. Era um grande contraste com o alojamento vizinho dos feridos, na maior parte constituído de barracas sem aquecimento a temperaturas de -20°C.

Girgensohn teve discussões preliminares com os oficiais médicos das divisões, depois viajou por todo o *Kessel*, realizando autópsias nos cadáveres dos soldados que

havam morrido de causas não óbvias. (Tão grande era a falta de madeira na região deserta e desarborizada, que uma bifurcação ou cruzamento ao longo da estrada coberta de neve era assinalada pela perna de um cavalo abatido fincada em pé num monte de neve. A placa táctica relevante e a seta prendiam-se à parte superior desse macabro poste.) As autópsias tiveram de ser feitas em vários lugares inconvenientes: tendas, casamatas de terra, cabanas de camponeses, até mesmo vagões ferroviários. O frio extremo conservara os cadáveres em boas condições, mas a maioria ficara congelada como pedra. Degelá-los revelou-se muito difícil com a falta de combustível à mão. Um ordenança tinha de passar a noite girando os cadáveres empilhados em volta de um fogão de ferro forjado. Numa ocasião, adormeceu, e a consequência foi “um cadáver congelado de um lado e chamuscado do outro”.

De tão intenso o frio, era ao mesmo tempo difícil e doloroso para Girgensohn tirar as luvas de borracha. Toda noite, ele datilografava os resultados à luz de uma vela. Apesar dessas dificuldades, que incluíam ataques aéreos e bombardeios de artilharia, conseguiu realizar cinquenta autópsias próximo ao fim do mês. Na metade exata dessa amostragem, descobriu claros sinais de morte por fome: atrofia do coração e do fígado, ausência total de tecido gorduroso e grave encolhimento dos músculos.

Numa tentativa de compensar a nutrição de baixas calorias à base de pão e “*Wasserzuppe*” com alguns pequenos pedaços de carne de cavalo, o Grupo do Exército do Don transportou de avião pequenas latas de massa de carne com alto teor de gordura, mas isso acabou se revelando contraproducente. Com muita frequência, quando um sargento fazia suas rondas das posições de sentinelas e um soldado dizia: “Estou bem, agora vou comer algo”, e depois consumia um pouco dessa massa de alto teor de gordura, o homem estava morto quando o sargento fazia a

ronda seguinte. A morte por fome, observou Girgensohn, era “*undramatisch*”.

A maior proporção dos casos de morte por fome ocorreu na 113ª Divisão de Infantaria. Ali, pelo menos, Girgensohn descobriu uma clara explicação. O chefe do serviço de intendência da divisão reduzira as rações antes do cerco para estocá-las como precaução contra suprimentos insuficientes durante as chuvas de outono. Em consequência, os homens já estavam desnutridos por volta da segunda quinzena de novembro. Mais tarde, após várias divisões perderem todos os seus suprimentos durante a retirada, o quartel-general do Sexto Exército centralizou todo o resto para dividi-lo igualmente. Por isso, a prudência do chefe do serviço de intendência saiu pela culatra, atingindo com gravidade sua divisão.

Girgensohn, que passou sete anos em campos de trabalho russos após a rendição, jamais perdeu o interesse pelo assunto. Sempre contestou com veemência qualquer sugestão de “doença por estresse”, tanto como doença quanto como uma explicação para muitas das mortes inexplicadas, embora pesquisa recente, que mostrou que os ratos privados de sono por três semanas morrem, indique que os seres humanos privados de sono consomem-se rapidamente. Sem a menor dúvida, o padrão russo de ataques noturnos e a constante atividade que impedia qualquer descanso tiveram um efeito agravante, como ele reconhece. Mas sua explicação, após todos esses anos, é mais complexa. Convenceu-se de que a combinação de exaustão, estresse e frio desequilibrou gravemente o metabolismo da maioria dos soldados. Isso significou que, mesmo quando recebiam o equivalente a, digamos, 500 calorias por dia, o organismo absorvia apenas uma fração. Por isso, pode-se dizer que as táticas soviéticas, agravadas pelas condições climáticas e pela escassez de comida, provocaram um acelerado processo de fome ou, pelo menos, contribuíram para ele.

A grave desnutrição também reduzira a capacidade do paciente de sobreviver a doenças infecciosas, como hepatite e disenteria no primeiro período do cerco, e a doenças mais sérias no período final, em particular tifoide e tifo. Na estepe, também não havia água para lavar o corpo, quanto mais as roupas, simplesmente porque não havia combustível suficiente para derreter a neve e o gelo. “Não há quase nada de novo aqui”, escreveu um tenente granadeiro Panzer, da 29ª Divisão de Infantaria Motorizada. “No primeiro lugar da lista, está o fato de que a cada dia que passa ficamos mais infestados de piolhos. Os piolhos são como os russos. A gente mata um, aparecem dez novos em seu lugar.” Os piolhos seriam os transmissores das epidemias que dizimaram os sobreviventes de Stalingrado.

As preocupações imediatas do pessoal médico, contudo, continuavam concentradas na fraqueza causada pela falta de comida. “Aos poucos, nossos bravos combatentes começam a ficar decrépitos”, escreveu um médico-assistente. Ele descreve em seguida uma amputação na coxa que realizou sem nenhuma forma de anestesia, à luz de lanterna num abrigo de trincheira. “Ficamos apáticos em relação a tudo em volta e só pensamos em comida.”

A necessidade de esperança dos soldados alemães misturava-se ao ódio pelo inimigo bolchevista e ao ardente desejo de vingança. Num estado do que se chamou de “Febre do *Kessel*”, eles sonhavam com uma unidade de Panzers da SS esmagando os exércitos russos que os cercavam e resgatando-os, virando assim a mesa, numa grande e inesperada vitória. Tendiam a ser os que ainda escutavam os discursos de Goebbels. Muitos mantinham o ânimo elevado, cantando a música do Sexto Exército, *Das Wolgalied*, com a melodia composta por Franz Lehár: “Na margem do Volga está um soldado, vigiando ali por sua pátria.”

O departamento de propaganda operacional do quartel-general da Frente do Don, usando seus ajudantes alemães comunistas, decidiu explorar o gosto do *Landser* por músicas. Transmitiam no rádio pelas caminhonetes de alto-falantes uma antiga favorita que naquelas circunstâncias fazia uma cruel insinuação: “Na terra natal, na terra natal, lá aguarda uma calorosa reunião!” Os comunistas alemães sob a supervisão do NKVD eram Walter Ulbricht (depois presidente da Alemanha Oriental), o poeta Erich Weinart, o escritor Willi Bredel e um punhado de prisioneiros alemães – quatro oficiais e um soldado – que haviam sido recrutados para a causa antinazista. Eles ensinavam “pregoeiros”, homens do Exército Vermelho escolhidos para avançar rastejando colados no chão diante das linhas alemãs e gritar *slogans* e trechos de notícias por megafones. Poucos sabiam alemão, e a maioria foi morta.

A principal atividade do destacamento de propaganda era preparar programas de 20 a 30 minutos num disco de gramofone, com música, poemas, canções e propaganda (sobretudo a notícia do rompimento do cinturão de defesa na linha de frente do Exército italiano). O programa era então tocado num gramofone de corda e transmitido pelos alto-falantes, ou montado na caminhonete ou, às vezes, empurrado em trenós com um fio estendido atrás. A maioria das transmissões de propaganda desse tipo logo atraía fogo de morteiro alemão, por ordem de oficiais temerosos de que seus homens ouvissem. Mas durante o mês de dezembro a reação enfraqueceu, devido à escassez de munições.

Adotaram-se diferentes macetes sonoros, como “o monótono tique-taque de um relógio”, seguido da afirmação de que um alemão morria a cada dez segundos na Frente Oriental. O “som crepitante da voz da propaganda” entoava logo depois: “Stalingrado, túmulo em massa do exército de Hitler!” e a música fatal de um tango cruzava o ar da estepe congelada. Como um efeito sonoro extra, às vezes se seguia o guincho estridente, de parar o coração, de um verdadeiro

foguete *Katiusha* saído de um lançador dos “órgãos de Stalin”.

Os panfletos russos haviam melhorado muito, agora que eram escritos por alemães. Interrogatórios de prisioneiros feitos pelo Sétimo Departamento confirmaram que “os de mais influência são os que falam de lar, esposas, família e filhos”. “Os soldados leem avidamente os panfletos russos, embora não acreditem neles”, confessou um prisioneiro alemão. Alguns “choravam quando viam um panfleto representando o cadáver de um soldado alemão e uma criança chorando sobre ele. No outro lado, liam-se versos simples escritos pelo poeta Erich Weinart”. O prisioneiro não fazia a mínima ideia de que Weinart, autor do poema especial “Pensa em Teu Filho!”, achava-se tão perto dali, vinculado ao quartel-general da Frente do Don.

Talvez a propaganda mais eficaz fosse convencer os soldados alemães de que não seriam fuzilados na captura. Muitos dos oficiais haviam contado com o argumento de que rendição estava fora de questão porque os russos os matariam. Um panfleto terminava com a seguinte declaração de Stalin, que passou a convencer até mesmo os comandantes subalternos de que a política soviética mudara: “Se os soldados e oficiais alemães se entregarem, o Exército Vermelho deve tomá-los como prisioneiros e poupar-lhes a vida.” (Da Ordem nº 55 do Comissário para a Defesa do Povo, J. Stalin.)

O primeiro cerco de um grande exército alemão encurralado longe de casa, com ordens de manter-se firme e no fim abandonado à sua sorte, criou, claro, um intenso debate com o passar dos anos. Muitos participantes e historiadores alemães culpavam Paulus por não ter desobedecido às ordens e rompido o cerco. Mas se havia alguém em posição de dar a Paulus, privado de informação vital, uma ideia sobre

a questão, este deveria ser seu superior imediato, o marechal de campo von Manstein.

“Pode-se servir a dois senhores?”, anotou Strecker quando Hitler rejeitou a Operação Trovão, o plano de romper o cerco para acompanhar a Operação Tempestade de Inverno. Mas o Exército alemão só tinha um único senhor. O comportamento servil, desde 1933, da maioria dos oficiais superiores deixara-o ao mesmo tempo desonrado e impotente em termos políticos. De fato, o desastre e a humilhação de Stalingrado foram o preço que o exército teve de pagar por seus arrogantes anos de privilégio e prestígio sob a cobertura de proteção nacional-socialista. Não havia escolha alguma de senhor, além de juntar-se ao grupo em torno de Henning von Tresckow e Stauffenberg.

Muito tempo tem sido gasto no debate sobre se era factível uma ruptura de cerco na segunda metade de dezembro, embora até os comandantes de Panzers admitissem que “as chances de uma ruptura bem-sucedida diminuía com o passar de cada semana”. A infantaria tinha menos ilusões ainda. “Nós, sobreviventes”, escreveu um cabo para casa, “mal conseguimos continuar, devido à fome e à fraqueza.” O Dr. Alois Beck, com muito acerto, contestou a “lenda” de que “uma ruptura seria bem-sucedida”. Os russos teriam abatido como lebres “os soldados semicongelados”, porque os homens naquele estado debilitado não poderiam nem à força avançar 30 centímetros na neve, com sua crosta de gelo na superfície, portando armas e munição. “Cada passo era exaustivo”, observou um oficial do estada maior do quartel-general do Sexto Exército. “Teria sido como o Berezina.”

Portanto, todo o debate “Ruptura ou Defesa” é uma digressão puramente acadêmica das verdadeiras questões. De fato, desconfia-se que Manstein, com sua inteligência formidável, reconheceu isso na época. Fez uma grande encenação enviando o major Eismann, seu oficial do serviço secreto, ao *Kessel* em 19 de dezembro com a intenção de

preparar o Sexto Exército para a Operação Trovão. Mas Manstein sabia àquela altura que Hitler, que mais uma vez reafirmara a determinação de não se deslocar do Volga, jamais mudaria de ideia.

Em todo caso, ele deve ter compreendido então que a tentativa de socorro estava condenada. As divisões de Panzers de Hoth vinham sendo combatidas no Mishkova até uma paralisação, com pesadas baixas, mesmo antes de o grosso do Segundo Exército da Guarda de Malinovski dispor as tropas em formações de combate. E Manstein, que se mantivera bem informado sobre os desenvolvimentos dentro do *Kessel* e o estado das tropas, deve ter compreendido que os homens de Paulus jamais conseguiriam andar, quanto mais combater, 70 a 100 quilômetros em meio às tempestades de neve e geadas profundas. O Sexto Exército, com menos de setenta tanques mal abastecidos, não teria a mínima possibilidade de romper por entre o 57º Exército. Mais importante, em 19 de dezembro Manstein sabia que a Operação Pequeno Saturno, com três exércitos soviéticos invadindo sua retaguarda, estava mudando de modo irrevogável toda a posição.

Muito simplesmente, Manstein pressentiu que, na visão da história e do Exército alemão, ele tinha de ser visto como fazendo todo esforço, embora, muito corretamente, achasse que a única chance do Sexto Exército de salvar-se expirara quase um mês antes. Seu visível problema de consciência depois de tudo consumado talvez se devesse ao fato de que, com a recusa de Hitler de retirar-se do Cáucaso, ele precisara que o Sexto Exército tolhesse a liberdade de movimento dos sete exércitos soviéticos que o cercavam. Se Paulus houvesse tentado uma ruptura, tão poucos dos seus homens teriam sobrevivido, e em condições tão deploráveis, que de nada mais lhe serviriam no momento da crise.

Natal à moda alemã

A discussão em torno do rompimento do cerco do *Kessel* na segunda metade de dezembro também deixou passar um fator psicológico curiosamente importante. A aproximação do Natal. Nenhuma formação na Wehrmacht estava mais preocupada com o assunto que o sitiado Sexto Exército. Os esforços bastante extraordinários dedicados à sua comemoração nas casamatas embaixo da estepe dificilmente indicam impaciência para romper o cerco. Sem a menor dúvida, a letargia causada pela má nutrição, combinada com o devaneio escapista, desempenhou um papel, e na certa também o fez a mentalidade de “Fortaleza” que Hitler ajudara a cultivar. Mas nada disso explica inteiramente o foco emocional quase obsessivo que a perspectiva do Natal teve para os colhidos num cerco tão longe de casa.

Os preparativos começaram muito antes do avanço pelo norte das divisões de Panzers de Hoth para o rio Mishkova e não parecem ter parado mesmo quando os soldados ficaram agitados com o barulho de fuzilaria se aproximando. Desde de manhã bem cedo, os homens começaram a separar pequenas quantidades de comida, não em preparação para um rompimento de cerco pela neve, mas para uma festa ou presentes natalinos. Uma unidade da 297ª Divisão de Infantaria abateu um cavalo de carga cedo para fazer “salsichas de cavalo” como presentes de Natal. Montaram coroas do advento com relvas fulvas da estepe no lugar das tradicionais com sempre-verdes e esculpiram pequenas árvores de Natal em madeira tentativas desesperadas de fazer tudo parecer “exatamente como lá em casa”.

O sentimentalismo não se limitava de modo algum aos soldados. O general Edler von Daniels decorou sua recém-cavada casamata com uma árvore de Natal que tinha no pé

um berço com um instantâneo do seu “Bebê Kessel”, nascido logo após o cerco. Escreveu para a jovem esposa, descrevendo seus planos para comemorar a Noite de Natal “à moda alemã, embora na tão distante Rússia”. O grupo militar tornara-se claramente a família substituta. “Cada homem tentava levar um pouco de alegria ao outro”, escreveu após visitar seus comandados nas casamatas. “Foi realmente animador sentir essa verdadeira camaradagem na linha de frente.” Uma flâmula festiva proclamava: “Camaradagem a Sangue e Ferro”, em que, por mais apropriadas que fossem as circunstâncias, faltava a mensagem de Natal.

Uma pessoa que sem dúvida não esqueceu a mensagem foi Kurt Reuber, o médico da 16ª Divisão de Panzers. Reuber, teólogo de 36 anos e amigo de Albert Schweitzer, também era um talentoso pintor amador. Transformou sua casamata na estepe a noroeste de Stalingrado num ateliê e começou a desenhar nas costas de um mapa russo capturado – único pedaço de papel grande a ser encontrado. Esta obra, que hoje está pendurada na igreja memorial do Kaiser Guilherme, em Berlim, é a “Fortaleza Nossa Senhora”, uma imagem envolvente, protetora, quase uterina, de mãe e filho, unidos com as palavras de São João Evangelista: “Luz, Vida, Amor”. Para ligeiro constrangimento de Reuber – nenhum pintor podia ser mais modesto em relação aos seus próprios dons –, sua casamata tornou-se uma espécie de relicário.

Não há a menor dúvida em relação à autêntica e espontânea generosidade daquele Natal. Um tenente deu seus últimos cigarros, papel de carta e pão como presentes aos seus subordinados. “Eu mesmo não tinha nada”, escreveu ele para casa, “e, no entanto, foi um dos meus mais belos Natais e jamais o esquecerei.” Além de dar as rações de cigarros, os homens davam até o pão que com tanta intensidade necessitavam. Outros talhavam laboriosos porta-equipamentos uns para os outros.

Na véspera de Natal, o comandante de batalhão pianista de Reuber deu sua última garrafa de vinho espumante aos soldados na enfermaria de campanha, mas logo depois de encher todas as canecas, quatro bombas explodiram ali dentro. Todo mundo se lançou ao chão, derramando todo o Sekt. O oficial médico pegou às pressas a maleta de primeiros-socorros e correu à casamata para cuidar das vítimas – um morto e três feridos. O morto estivera entoando o canto de Natal “*O du fröhliche*”. O incidente, o que não surpreende, acabou com as comemorações. De qualquer modo, a 16ª Divisão de Panzers e a 60ª Divisão de Infantaria Motorizada logo se viram sob ataque cerrado nas primeiras horas da manhã de Natal.

A música tradicional e preferida era “*Stille Nacht, heilige Nacht*” [Noite feliz, noite de paz], que os soldados cantaram naquela noite “com vozes embargadas”, nas casamatas, à luz de tocos de vela coletados. Ouviam-se muitos soluços abafados quando os homens pensavam nas famílias em casa. O general Strecker ficou visivelmente comovido quando deu uma volta pelas posições da linha de frente. “Esta é uma ‘Noite de Paz’ em meio ao tumulto da guerra (...) Um Natal que mostra a verdadeira fraternidade dos soldados.” As visitas de oficiais superiores também eram apreciadas pelos benefícios que as acompanhavam. Um sargento de uma divisão de Panzers relatou que “o comandante de divisão nos deu um trago de sua garrafa e uma barra de chocolate”.

Em posições que não foram atacadas, os homens amontoaram-se numa casamata com um rádio, para ouvir “a transmissão de Natal da Grossdeutsche Rundfunk”. Para sua surpresa, ouviram uma voz anunciar: “Aqui é Stalingrado!”, respondida por um coro cantando “*Stille Nacht, heilige Nacht*”, supostamente no *front* do Volga. Alguns aceitaram a fraude como necessária nas circunstâncias, outros ficaram profundamente zangados. Acharam que aquilo era tapear as famílias e o povo alemão como um todo. Goebbels já

proclamara que aquele deveria ser um “Natal alemão”, definição destinada a transmitir ideias de dever e austeridade, e talvez já uma forma de preparar o país para as notícias da tragédia de Stalingrado.

Às 7 horas da manhã de Natal, o diário de guerra do Sexto Exército registrou: “Nenhum voo de suprimento chegou nas últimas 48 horas [um ligeiro exagero]. Suprimentos e combustíveis chegando ao fim.” Mais tarde, naquele mesmo dia, Paulus enviou um comunicado de advertência ao Grupo do Exército do Don para ser transmitido ao general Zeitzler. “Se não recebermos maiores volumes de rações nos próximos dias, teremos de esperar um índice de mortes muito mais alto por exaustão.”

Embora compreendessem que as tempestades de neve da véspera talvez houvessem impedido os voos, não haviam sido informados de que o campo de aviação de Tatsinskaia fora tomado de assalto pelos tanques de Badanov na manhã anterior. O quartel-general de Manstein nem sequer transmitiu a notícia de que se lançara o contra-ataque soviético ao rio Mishkova, com quatro exércitos contra as divisões de Panzers de Hoth. Quando 108 toneladas chegaram afinal em 26 de dezembro, o quartel-general do Sexto Exército descobriu que haviam recebido dez toneladas de doces para o Natal, mas nenhum combustível.

A maioria dos homens, quando tinha a oportunidade, afastava-se, a fim de escrever uma carta para a família, em que expressavam seus anseios. “Em nossos corações, todos continuamos com esperança”, escreveu um médico da 44ª Divisão de Infantaria, “de que tudo mude.” Falava por muitos, mas o mais bem informado comandante em chefe do Sexto Exército não se incluía entre eles. “O Natal, claro, não foi muito alegre”, escreveu Paulus à esposa alguns dias depois. “Em momentos como este, é melhor evitar festas assim (...) Creio que não devemos esperar muito da sorte.”

Não surpreende que o contraste entre as cartas alemãs e russas durante o período de Natal houvesse ficado ainda mais acentuado que de hábito. Enquanto as dos alemães tendiam a ser sentimentais, sofrendo saudades de casa e da família, as cartas dos russos que sobreviveram revelam claramente uma lógica inexorável de que a Pátria tinha prioridade. “Querida!”, escreveu um soldado à esposa na véspera de Natal. “Estamos empurrando de volta as serpentes para o lugar de onde vieram. Nosso avanço bem-sucedido faz nosso próximo encontro ficar mais próximo.” “Como vai, Maria?”, escreveu um soldado chamado Kolia. “Venho combatendo aqui já há três meses, defendendo nossa bela [apagado pelo censor]. Começamos a pressionar o inimigo com força. Agora já cercamos os alemães. Toda semana alguns milhares são levados presos e vários milhares são destruídos no campo de batalha. Sobraram apenas os soldados mais obstinados da SS. Eles se entrincheiraram em casamatas e atiram delas. E agora vou explodir uma dessas casamatas. Até logo. Kolia.”

A temperatura no dia de Natal caiu para -25°C. A água nas crateras de granadas, por mais profundas que fossem, virou pedra de tão congelada. As rajadas de neve nas *balkas* escondiam grande parte da sujeira. Os capelães realizavam missa de campanha ou comunhão na neve, ao som de encerados impermeáveis e tendas de lona batendo e estalando no vento, com um semicírculo de homens ao redor de um altar improvisado. Em alguns casos, o conforto espiritual e a justificação ideológica se confundiam, como quando se contrastava a Alemanha cristã com a Rússia pagã.

Mesmo dentro do *Kessel*, o Natal não se revelou inteiramente uma temporada de boa vontade. O Dr. Renoldi, cirurgião-geral do Sexto Exército, proibiu a evacuação por ar das baixas causadas por queimadura pelo frio, alegando que os ferimentos talvez houvessem sido autoinfligidos para evitar o combate. E, pior de tudo, quase não se dera

nenhuma comida, fora um pouco de milho apodrecido do elevador de grãos de Stalingrado, aos 3,5 mil prisioneiros de guerra russos nos campos de Voroponovo e Gumrak, porque não se incluíam em nenhuma força com direito a ração. Essa atrocidade, em parte burocrática, levou a um índice de morte de vinte prisioneiros por dia na época do Natal, e logo subiu drasticamente. O chefe do serviço de intendência responsável pela alimentação deles alegou como causa das mortes o tifo, mas quando um oficial do quartel-general do Sexto Exército perguntou se haviam ocorrido mortes por desnutrição, ele foi evasivo. “Após refletir por um momento, negou”, escreveu o oficial. “Sei o que quis dizer. Entre as nossas tropas, começava-se a ver coisas semelhantes.” Mas associar o destino deles ao dos soldados alemães era uma evasiva pior. Os prisioneiros não tinham opção – não podiam render-se. Mesmo quando os mais desesperados passaram a recorrer ao canibalismo, nada se fez para melhorar suas condições, pois isso significava “tirar comida dos soldados alemães”.

A noite de Natal foi “uma linda noite estrelada”, e a temperatura caiu ainda mais. Contudo, o combate continuava na manhã seguinte, no setor Noroeste do *Kessel* defendido pela 16ª Divisão de Panzers e pela 60ª Divisão de Infantaria Motorizada. “Desse modo, dez de nossas unidades”, comunicou o capelão da última, “recebeu ordens de contra-atacar em ventos glaciais e geada de -35°C.” As duas divisões, apesar das terríveis condições e da escassez de munições, conseguiram destruir cerca de 70 tanques inimigos.

Naquela mesma manhã de 26 de dezembro, Paulus enviou outro comunicado a Manstein, começando: “Perdas terríveis, frio e suprimentos insuficientes têm reduzido drasticamente a força de combate das divisões.” Advertiu que se os russos retornassem com suas forças para combater as divisões de Hoth e as reposicionassem contra o Sexto Exército, “não seria possível resistir-lhes por muito tempo”.

Uma oportunidade inesperada surgiu então. O general Hube, comandante do 14º Corpo de Panzers, recebeu ordem de sair por ar do Kessel em 28 de dezembro e dirigir-se ao quartel-general de Manstein em Novocherkassk. Um avião o levaria à Prússia Oriental para receber do Führer em pessoa as Espadas da sua Cruz de Cavaleiro com Folhas de Carvalho. Paulus disse a Schmidt que lhe desse “todos os documentos necessários” sobre todos os problemas, desde os níveis de combustível à falta de equipamentos médicos. As esperanças dos generais e oficiais do estado-maior deram um salto com a notícia da visita de Manstein a Rastenburg. Hube, o veterano franco de um braço só, era um dos poucos generais que o Führer respeitava. Eles continuavam não acreditando “que Hitler abandonaria o Sexto Exército”.

Sem dúvida o Führer convenceria-se de que fazia tudo para salvar o Sexto Exército, mas sua apreensão da realidade não melhorara. Naquele dia, seu quartel-general comunicou-se por sinais com o Grupo do Exército do Don, prometendo que, apesar da má situação de transporte, a unidade seria reforçada com “372 tanques e canhões de assalto”. Manstein sabia que isso era mais desejo que realidade.

Na cidade de Stalingrado, enquanto isso, os restos das divisões de Seydlitz estavam na defensiva. Tinham de conservar munição para repelir os ataques. Abrigaram-se bem no fundo de porões e casamatas em busca de calor, mas também de segurança contra a artilharia soviética. “Ficam lá sentados, como selvagens peludos, em grutas da Idade da Pedra”, escreveu Grossman, “devorando carne de cavalo na fumaça e obscuridade, em meio às ruínas da bela cidade que destruíram.”

A frase “forte atividade de tropas de assalto” aparecia muitas vezes no diário de guerra do Sexto Exército. Hans Urban, 28 anos, sargento de delegacia policial em Darmstadt, servindo com a 389ª Divisão de Infantaria

hessiana, forneceu depois um relato detalhado desse combate no Norte de Stalingrado em fins de dezembro.

O inimigo atacava ao amanhecer e no crepúsculo, depois de uma intensa preparação da artilharia e morteiros. Se capturassem duas ou três casamatas nossas, tentávamos recuperá-las depois. Em 30 de dezembro, após muitos desses ataques, recebi ordens de avançar com o meu grupo de fogo rápido. Meus nove homens com metralhadoras conseguiram afugentar o ataque seguinte de cerca de 300 homens vindos de Spartakovka. Os vinte homens da infantaria deixados nesse setor ficaram tão exauridos após todos os ataques que não puderam oferecer muita ajuda. A maioria já estava disposta a abandonar suas posições. Com minhas duas metralhadoras, eu não tinha nenhum campo de fogo. O inimigo conseguiu se aproveitar do terreno e das ruínas. Tivemos de deixar os russos chegarem a 20 metros antes de abrir fogo rápido. Pelo menos 22 foram deixados mortos diante das nossas posições. Os sobreviventes tentaram nos desalojar com granadas. Atacaram mais uma vez no mesmo setor, ao raiar do dia na manhã do Ano-Novo, com três companhias. É difícil fazer uma estimativa correta, porque eles atiravam de buracos no terreno, cavados atrás de paredes ou de pilhas de escombros. Nós os acertamos num fogo cruzado das duas metralhadoras e eles sofreram pesadas baixas. Um disparador de morteiro foi ferido, e embora eu nunca houvesse treinado com essa arma, conseguimos usar a própria munição deles contra eles. Depois que terminou, ficamos tão fracos e exaustos, e havia tantos mortos estendidos em volta no solo rígido e congelado, que não pudemos nem enterrar nossos camaradas.

Paulus, ao contrário dos seus comunicados telegráficos bastante pessimistas ao Grupo do Exército do Don e da carta à sua esposa, assinou uma empolgante mensagem de Ano-Novo para o Sexto Exército: “Nossa vontade de vitória é inquebrantável, e o Ano-Novo certamente trará nossa libertação! Quando será isso, não sei dizer. O Führer, contudo, nunca faltou com sua palavra, e desta vez não será diferente.”

Graças à insistência de Hitler sobre os fusos horários, o Ano-Novo russo chegou duas horas antes do que na Alemanha. O jogo de baralho do general Edler von Daniels foi interrompido às dez da noite por “uma poderosa exibição de fogos de artifício”, quando os sitiados russos os dispararam na sua “saudação ao Ano-Novo”.

Parece que Daniels se achava de bom humor nessa ocasião. Acabara de ser promovido a general de divisão e recebera a Cruz de Cavaleiro. Depois, como presente de Ano-Novo de Paulus, recebeu inesperadamente uma garrafa de Veuve-Cliquot. Vários generais continuavam parecendo mais preocupados com condecorações e promoções que com o destino do Sexto Exército.

Quando chegou a meia-noite alemã, só se dispararam projéteis de estrela. Não podiam desperdiçar séries de alto-explosivos. Abriram-se as últimas garrafas restantes no *Kessel* para o brinde: “*Prosit Neujahr!*” Por outro lado, as divisões soviéticas sofreram poucas restrições em munição e álcool. “Comemorar o Ano-Novo foi bom”, escreveu Viktor Barsov, da infantaria da marinha. “Bebi 250ml de vodca naquela noite. A comida não foi ruim. De manhã, para evitar uma dor de cabeça, bebi mais 200ml.”

Os soldados alemães tentavam minimizar seus infortúnios com a ideia de que tudo mudaria na passagem do ano. “Queridos Pais, está tudo bem comigo”, escreveu um soldado. “Infelizmente, mais uma vez tenho de ficar de sentinela esta noite. Espero que, no Ano-Novo de 1943, eu

não tenha de sobreviver a tantas decepções quanto em 1942.”

Um otimismo quase obsessivo foi despertado pela mensagem de Ano-Novo de Hitler para Paulus e o Sexto Exército. Só os mais céticos perceberam que o texto não constituiu uma garantia firme. “Em nome de todo o povo alemão, envio-lhe, e ao seu valente exército, meus sinceros votos de felicidade para o ano novo. A dureza de sua perigosa posição é do meu conhecimento. A heroica resistência de suas tropas tem meu elevadíssimo respeito. O senhor e seus soldados, contudo, devem entrar no Ano-Novo com a inabalável confiança de que eu e toda a Wehrmacht alemã faremos tudo em nosso poder para socorrer os defensores de Stalingrado e de que, com sua lealdade, virá o mais glorioso feito da história dos exércitos alemães. Adolf Hitler.”

“*Mein Führer!*”, respondeu logo Paulus. “Suas palavras confiantes no Ano-Novo foram recebidas aqui com grande entusiasmo. Faremos jus à sua confiança. Pode ter certeza de que nós – do mais antigo general ao mais jovem granadeiro – iremos resistir, inspirados por uma vontade fanática, e contribuir com nossa parcela para a vitória final. Paulus.”

As cartas de Ano-Novo de muitos soldados no *Kessel* refletiam um novo ânimo de determinação. “Não deixamos nosso moral afundar, em vez disso acreditamos na palavra do Führer”, escreveu um capitão. “Temos mantido uma firme confiança no Führer, inabalável até a vitória final”, escreveu um sargento. “O Führer sabe das nossas preocupações e necessidades”, escreveu um soldado, “ele sempre – tenho certeza disso – tentará nos ajudar o mais rápido possível.” Mesmo um general cético como Strecker parece ter ficado tocado. “Renasce uma nova esperança”, escreveu, “e há um certo otimismo quanto ao presente e o futuro imediato.”

Paulus, por outro lado, preocupava-se nessa época com o crescente sucesso da propaganda soviética. O Sétimo

Departamento do quartel-general da Frente do Don, encarregado da “propaganda operacional”, dera seguimento à identificação da 44ª Divisão de Infantaria e da 376ª Divisão de Infantaria do general Edler von Daniels como as formações nas quais deveriam concentrar seus esforços.

Cedo na manhã de 3 de janeiro, Paulus foi à 44ª Divisão de Infantaria, “acompanhar as transmissões de rádio feitas por prisioneiros da 44ª Divisão de Infantaria”. Eles haviam falado da escassez de comida e munição e das pesadas baixas. “O comandante em chefe”, afirmou o comunicado do Sexto Exército, “queria que se fizessem advertências sobre as consequências da participação nessas transmissões. Todos os soldados que fizessem isso deviam compreender que seus nomes seriam conhecidos e que eles enfrentariam uma corte marcial.” Durante o encontro de Paulus com o general de divisão Deboi, houve outro “intenso ataque com tanques”.

Logo na manhã seguinte, Paulus visitou o comandante romeno na “área da Fortaleza”, cujos soldados haviam sofrido sérias baixas causadas por queimaduras de frio devido à falta de vestuário, “acima de tudo botas, calças e meias”. O número ascendente de deserções levou Paulus a concluir: “É necessária uma contrapropaganda em relação aos panfletos impressos em romeno.”

Os batalhões e as companhias estavam tão fracos que se haviam tornado designações sem sentido. Dos mais de 150 mil soldados deixados no *Kessel*, menos de um em cinco era de linha de frente. Muitas companhias ficaram reduzidas a uns 12 homens em condições para o serviço militar. Por isso, fragmentos de unidades eram cada vez mais amalgamados em grupos de combate. Os granadeiros Panzer sobreviventes da companhia do subtenente Wallrawe viram-se misturados “com companhias da Luftwaffe e pelotões de cossacos” e enviados para defender uma posição perto de Karpovka. Um lugar desafortunado para se ser enviado. Uma olhada no mapa indicava que o “nariz” que formava a extremidade

Sudoeste do *Kessel* seria o primeiro objetivo dos russos quando decidissem acabar com o Sexto Exército.

Houve alguns dias de temperatura relativamente úmida, branda, nos primeiros dias do ano. Os soldados russos odiavam o degelo. “Não gosto do clima em Stalingrado”, escreveu Barsov, da infantaria da marinha. “Muda a toda hora e isso faz os fuzis enferrujarem. Quando esquenta um pouco, a neve começa a cair. Tudo fica úmido. As *Valenki* [botas de neve de feltro] ficam encharcadas e não temos muita oportunidade de secar as coisas.” Ele e seus camaradas ficaram, sem a menor dúvida, mais satisfeitos em 5 de janeiro, quando a temperatura caiu para -35°C.

As forças soviéticas adotaram uma técnica deliberada para explorar sua superioridade em equipamento de inverno. “Os russos começaram com ataques de sondagem”, escreveu um oficial de ligação da Luftwaffe. “Se rompessem a linha de defesa, nenhum dos nossos homens se achava em condições de cavar novas trincheiras. Os homens estavam fisicamente fracos demais devido à falta de comida, e o solo estava congelado como rocha.” Deixados para trás na estepe, mais ainda morreriam. Em 6 de janeiro, Paulus transmitiu mais um comunicado telegráfico ao general Zeitzler: “Exército morto de fome e congelado, sem nenhuma munição, não podendo mais nem mover os tanques.” No mesmo dia, Hitler condecorou o general Schmidt com a Cruz de Cavaleiro da Cruz de Ferro.

Agora que o destino do Sexto Exército era certo, jornalistas soviéticos foram levados ao quartel-general da Frente do Don em Zavarikino. Uma delegação de escritores soviéticos partiu da capital para visitar a 173ª Divisão de Fuzileiros, que fora recrutada no distrito Kievski de Moscou e continha muitos intelectuais. “Do posto de comando do 65º Exército, os escritores Aleksander Korneichuk e Wanda Vasilevskaia”

viram a divisão atacar o Kazachi Kurgan, cemitério tártaro no Noroeste do *Kessel*.

Mesmo antes da tentativa de resgate de Hoth haver sido esmagada no rio Mishkova, Stalin vinha importunando seus generais a fim de que elaborassem planos para o aniquilamento do Sexto Exército. Na manhã de 19 de dezembro, telefonara para Voronov, representante da *Stavka* que supervisionava a Operação Pequeno Saturno, e mandara que se mudasse para o quartel-general da Frente do Don. O próprio Voronov instalou-se perto da “residenz” de Rokossovski, onde a acomodação para cada general, ou departamento, consistia em uma *izba* camponesa de “cinco paredes”, cabana de toros com uma parede divisória no meio. Os jipes Willis norte-americanos do estadomaior, com identificações soviéticas, ziguezagueavam ao entrar e sair dos sulcos congelados, levando generais em visitas de inspeção para incentivar os comandantes subordinados em seus esforços.

Voronov logo reuniu um pessoal de planejamento para estudar as opções. Insistiu, apesar da pressão de Stalin, em apresentar os resultados dali a dois dias e só depois de inspecionar ele mesmo o terreno. Sua visita ao quartel-general do 57º Exército ocorreu num dia claro. Ele viu um grupo de aviões de transporte Junkers surgindo uns 3 mil metros acima, sem escolta de caças. As baterias antiaéreas russas agrupadas na área abriram fogo tarde demais; os caças soviéticos também chegaram tarde demais para interceptar. Nem um único Junkers fora derrubado. Voronov ficou ainda mais furioso quando descobriu como era fraca a coordenação entre os observadores de terra, as baterias antiaéreas e as esquadrilhas de caça. O general de divisão encarregado das operações antiaéreas foi coagido a entrar em febril atividade.

De volta a Zavarikino, Voronov examinou mais uma vez os cálculos. Apesar da forte resistência alemã levantada no início de dezembro, o coronel I. V. Vinogradov, chefe do

serviço secreto da Frente do Don, não revisara muito sua estimativa dos soldados cercados no *Kessel*. Agora os avaliava em 86 mil, quando lhe pediram que fosse preciso. Uma estimativa que deixaria o serviço secreto do Exército Vermelho sem graça, sobretudo quando seus rivais do NKVD faziam alusões sarcásticas mais tarde.

O plano esboçado para a Operação Círculo afinal ficou pronto em 27 de dezembro e foi despachado por avião para Moscou. No dia seguinte, Voronov recebeu ordens de reescrevê-lo. Stalin insistia em que a primeira fase do ataque, concentrada no nariz Karpovka-Marinovka no Sudoeste, devia partir do noroeste e ser coordenada com outra operação no canto oposto do *Kessel*, isolando o distrito industrial de Stalingrado e os subúrbios do Norte.

Stalin observou, numa reunião do Comitê de Defesa do Estado, que a rivalidade entre Ieremenko, comandante da Frente de Stalingrado, e Rokossovski, comandante da Frente do Don, tinha de ser resolvida antes de começar a Operação Círculo.

- A quem faremos responsável pela liquidação final do inimigo? - perguntou. Alguém mencionou Rokossovski. Stalin perguntou a Jukov o que ele achava.

- Ieremenko vai ficar muito magoado - observou Jukov.

- Não somos garotas de colégio - retrucou Stalin. - Somos bolchevistas e precisamos pôr líderes que mereçam no comando.

Coube a Jukov transmitir a notícia indesejável a Ieremenko.

Concederam-se a Rokossovski, comandante em chefe responsável pelo *coup de grâce* no Sexto Exército, 47 divisões, 5.610 canhões de campanha e pesados morteiros, além de 169 tanques. Essa força de 218 mil homens era apoiada por 300 aeronaves. Contudo, a impaciência de Stalin mais uma vez se intensificou, no momento em que se planejava uma ofensiva contra o Segundo Exército húngaro. Para sua fúria, informaram-lhe que dificuldades de transporte haviam retardado a entrega de reforços,

suprimentos e munição. Voronov pediu mais um adiamento de quatro dias. O sarcasmo de Stalin foi ressentido.

- Você vai ficar aí sentado até os alemães fazerem de você e Rokossovski prisioneiros!

Com grande relutância, aceitou a nova data de 10 de janeiro.

Os oficiais alemães fora do *Kessel* andavam se perguntando o que ocorreria em seguida. O brigadeiro Fiebig, comandante do Oitavo Corpo Aéreo, perguntou após uma longa conversa com Richthofen: “Por que os russos não esmagam logo o *Kessel* como uma fruta madura?”

Os oficiais do Exército Vermelho na Frente do Don também estavam surpresos com o atraso e se perguntavam quanto tempo ainda ia levar para receberem ordens de atacar. Contudo, Voronov recebera outro telefonema de Moscou, dizendo-lhe agora que se tinha de preparar um ultimato para o Sexto Exército.

Na primeira semana de janeiro de 1943, Voronov escreveu um rascunho dirigido pessoalmente a Paulus. Foram necessários constantes telefonemas de Moscou, com emendas de Stalin. Quando acabou sendo aprovado, seguiu para ser traduzido no quartel-general da Frente do Don pelos “alemães antifascistas do grupo liderado por Walter Ulbricht”. Enquanto isso, os representantes do NKVD e o coronel Vinogradov, do serviço secreto do Exército Vermelho, exibindo sua habitual rivalidade, puseram-se a procurar oficiais adequados para agir como enviados de trégua. Chegou-se afinal a um compromisso. No fim da tarde de 7 de janeiro, selecionaram-se o major Aleksander Mikhailovich Smislov, do serviço secreto do exército, e o capitão Nikolai Dmitrevich Diatlenko, do NKVD, para irem juntos. Vinogradov, quando entrevistava Diatlenko, perguntou de repente:

- Você é um *khokhol*?

Khokhol, ou “penachudo”, era termo em geral insultante para um ucraniano, porque os russos muitas vezes se mostravam rudes com o tradicional estilo de corte de cabelo deles.

- Não, camarada coronel - respondeu Diatlenko, inflexível.
- Sou ucraniano.

- Então é exatamente igual a um russo - riu Vinogradov. - Bravo. É o representante perfeito do Exército Vermelho para se encontrar com os fascistas.

Smislov e Diatlenko receberam depois instruções do general Malinin, chefe do estado-maior, e do próprio Voronov. Talvez desse para imaginar que Stalin estivesse atrás, olhando-os por cima dos ombros, pela maneira como os dois generais não paravam de perguntar aos enviados se haviam entendido totalmente as instruções de Moscou. Na verdade, ninguém tinha ideia das regras e do ritual de um enviado de trégua. Diatlenko admitiu que seu único conhecimento vinha da peça *Marechal de campo Kutuzov*, de Soloviov.

- Então, rapazes - perguntou Voronov. - Cumprirão sua missão?

- Nós a cumprimos, camarada general! - entoaram em uníssono.

Malinin depois deu ordens para que o chefe do serviço de intendência equipasse os dois oficiais com os mais elegantes uniformes disponíveis. Os alemães tinham de ficar impressionados. O intendente prometeu mandar “vesti-los como noivos” e piscou os olhos “como um mágico” para os dois enviados. Com o apoio de Voronov, fez todos os ajudantes de ordens do general no quartel-general do *front* desfilarem em seu departamento. Pediu que se despissem, para que Smislov e Diatlenko experimentassem seus uniformes e botas. Os dois enviados logo se viram num carro Willis do estado-maior com o coronel Vinogradov. O destino, disseram-lhes, era a estação Kotluban, no setor do 24º Exército.

As tropas russas na área haviam recebido a ordem de cessar-fogo desde o entardecer. Depois, durante toda a noite, alto-falantes do Exército Vermelho transmitiram uma mensagem preparada pelos antifascistas de Ulbricht, dizendo aos alemães que esperassem enviados com mensagem de trégua. Próximo ao amanhecer seguinte, 8 de janeiro, o fogo cessara. Um cabo alto, com uma bandeira branca e um clarim de três notas, foi designado para acompanhar Smislov e Diatlenko. “Estava estranhamente silencioso na planície coberta de neve” quando eles avançaram para as trincheiras no *front* de vanguarda. O cabo anunciou o chamado no clarim:

- Atenção! Atenção! Escutem todos!

Avançaram uns 100 metros, aí irrompeu o fogo. Os três homens foram obrigados a mergulhar para proteger-se atrás de um baluarte baixo feito na neve por grupos de reconhecimento russos para observação noturna. Os uniformes de “noivos”, além de logo pareceram menos elegantes, também ofereciam pouca proteção contra o frio de rachar.

Quando cessaram os disparos, Smislov e Diatlenko levantaram-se e recomeçaram cautelosamente o avanço. O cabo também se pôs de pé, acenando a bandeira branca e soprando o clarim. Mais uma vez, os alemães abriram fogo, mas sem atirar diretamente neles. Ficou claro que queriam obrigar os enviados de trégua a retirar-se. Após várias outras tentativas, um furioso Vinogradov enviou uma mensagem à frente para cancelar essa perigosa versão da brincadeira “Mamãe, posso ir? Com quantos passos?”⁵

Smislov e Diatlenko retornaram ao quartel-general do *front* para comunicar, envergonhados, o malogro da missão.

- Por que estão com essa cara, camaradas? - perguntou Vinogradov. - A situação é tal que não somos nós que devíamos lhes pedir que aceitem nossas propostas, mas vice-versa. Portanto, vamos lhes dar um pouco mais de fogo, e eles próprios virão implorá-las.

Naquela noite, aviões russos sobrevoaram posições alemãs, despejando panfletos impressos com o ultimato a Paulus e uma mensagem dirigida aos “*Deutsche Offiziere, Unteroffiziere und Mannschaften!*”, os dois assinados por Voronov e Rokossovski. Para enfatizar a mensagem, “acentuaram as palavras com bombas”. As estações de rádio do Exército Vermelho também transmitiram o texto, lido por Erich Weinart, nas frequências mais usadas pelos alemães, e muitos operadores de rádio alemães tomaram conhecimento. Sem dúvida, os panfletos foram lidos. Um capitão da 305ª Divisão de Infantaria admitiu, após a captura, que os oficiais e soldados haviam lido os panfletos soviéticos em segredo, apesar das penalidades, “porque é doce o fruto proibido”. Às vezes, mostravam panfletos em russo para um Hiwi de confiança e pediam-lhe que traduzisse.

- Todo mundo ficou sabendo do ultimato - disse.

Smislov e Diatlenko haviam dormido apenas um par de horas no quartel-general do *front* quando foram acordados por volta da meia-noite. Um carro do estada-maior os aguardava do lado de fora enquanto se enfiavam nos velhos uniformes (os ajudantes de ordens do general haviam logo reclamado sua propriedade). Ao chegarem ao departamento do serviço de informações, descobriram que o coronel Vinogradov fora promovido a general de divisão e eles, condecorados com a Ordem da Estrela Vermelha. Vinogradov, após brincar que fora promovido “por todas as calças que gastara durante aquele serviço”, acrescentou que Smislov e Diatlenko receberiam uma medalha mais importante ainda se realizassem sua missão numa segunda tentativa.

Disseram aos dois enviados que entrassem num carro do estada-maior com Vinogradov e o oficial designado para substituí-lo como chefe do serviço de informações. Ao serem conduzidos mais uma vez noite adentro, os dois generais recém-promovidos cantaram músicas e “não pararam de

interromper um ao outro com anedotas de generais”. (Embora a respeitosa versão de Diatlenko não diga que os dois estavam embriagados, parece que certamente comemoraram suas promoções.) O ritmo das músicas era interrompido o tempo todo, enquanto o carro do estadomaior ziguezagueava ao entrar e sair de imensos buracos nas estradas de terra congelada. Foi uma longa jornada em volta do lado Sul do *Kessel*, atravessando primeiro o Don para a margem ocidental, depois mais uma vez de volta em Kalach para o setor coberto pelo 21º Exército. Logo depois do amanhecer, chegaram ao quartel-general da 96ª Divisão de Fuzileiros, alguns quilômetros a oeste de Marinovka.

Um tanto como prisioneiros condenados, serviu-se a Smislov e Diatlenko um café da manhã reforçado “por uma razão de Narkom [ministro de governo]”. Vinogradov impediu uma segunda rodada e mandou-os se aprontarem. Foi então que se deram conta de que haviam entregue a bandeira branca ao intendente no quartel-general. Teve-se de fazer uma nova, usando o lençol de um comandante de divisão pregado toscamente num galho de acácia.

O carro do estadomaior conduziu-os à linha de frente e parou numa *balka*, de onde o grupo prosseguiu a pé. Um aspirante a oficial mais velho com um clarim juntou-se a Smislov e Diatlenko e se apresentou como: “Comandante do pelotão musical Siderov.” Um tenente também se adiantou e ofereceu-se para acompanhá-los pelos campos minados – “porque minha vida não vale tanto quanto a dos senhores”, explicou.

Os três enviados puseram uniformes de camuflagem logo atrás das trincheiras do *front*, depois partiram pela imensidão branca, coberta por uma densa neblina. Umas duas dezenas de corcovas de neve adiante eram, realmente, cadáveres congelados. O general Vinogradov e os dois outros generais subiram num tanque russo destruído pelo fogo para observar o que se passava. Siderov tocou a

trompa. O chamado de “Atenção! Atenção!” soou, nos ouvidos de Diatlenko mais como “Última Forma”.

Ao se aproximarem das linhas alemãs, viram vultos movendo-se. A impressão foi como se as casamatas e trincheiras da linha de frente estivessem sendo reforçadas. Siderov acenou a bandeira e soprou de novo o clarim com urgência.

- Que querem vocês? - gritou um aspirante a oficial.

- Somos os enviados de trégua do comandante do Exército Vermelho - gritou de volta Diatlenko, em alemão. - Estamos nos dirigindo ao seu comandante em chefe com uma mensagem. Pedimos que nos receba de acordo com a lei internacional.

- Cheguem aqui então - disse o outro.

Várias cabeças apareceram de repente e armas lhes foram apontadas. Diatlenko recusou-se a avançar enquanto não fossem chamados oficiais. Os dois lados ficaram nervosos durante a longa espera. Por fim, o aspirante a oficial partiu em direção à retaguarda para buscar seu comandante de companhia. Assim que ele saiu, os soldados alemães levantaram-se e puseram-se a agradecer:

- *Rus! Komm, komm!* - gritaram. Um soldado baixo, envolto em vários trapos, subiu no parapeito da trincheira e começou a fazer papel de bobo da corte. Apontou para si numa paródia operística. - *Ich bin Offizier* - cantarolou.

- Dá para ver que tipo de oficial é você - retrucou Diatlenko, e os soldados alemães riram.

Os companheiros do brincalhão puxaram-no pelos tornozelos de volta para a trincheira. Smislov e Siderov também riam.

Por fim, o aspirante a oficial retornou, acompanhado por três oficiais. O de mais alto escalão perguntou-lhes, educadamente, o que desejavam. Diatlenko explicou e perguntou se eles seriam recebidos de acordo com a convenção internacional, com garantias de segurança. Seguiram-se discussões complicadas e detalhadas - se

deviam retirar os uniformes de neve e ter os olhos vendados – antes de receberem permissão para avançar. Depois que os oficiais dos dois lados trocaram saudações, Smislov mostrou o pacote impermeável, endereçado ao general Paulus. Os oficiais alemães sussurraram rápido entre si. O primeiro-tenente aceitou então levar os representantes soviéticos ao comandante do regimento. As vendas pretas distribuídas pelo intendente do quartel-general na véspera haviam sido devolvidas junto com a bandeira branca, de modo que tiveram de improvisar com lenços e cintos. Siderov só podia oferecer o blusão do seu uniforme de neve, e quando este foi passado em volta da sua cabeça, os soldados alemães, olhando da entrada da casamata, desataram a rir.

– Beduíno! Beduíno! – gritaram.

O primeiro-tenente levou Diatlenko pela mão. Decorridos alguns passos, perguntou, “com um sorriso na voz”, o que estava escrito na mensagem a Paulus.

– Que devemos nos entregar?

– Não tenho ordens de saber – respondeu Diatlenko, usando a velha fórmula do exército czarista. Eles mudaram de assunto.

– Diga-me, por favor – perguntou o tenente –, é verdade que um escritor alemão chamado Willi Bredel esteve em Platonovski? Ele andou se dirigindo aos meus soldados no rádio há uns dez ou talvez 14 dias. Apelou a eles para que se rendessem e jurou que suas vidas seriam poupadas. Claro, meus soldados apenas riram dele. Mas ele estava mesmo aqui? Ficou claro pelo sotaque que era de Hamburgo. Então, era ele mesmo ou uma gravação da sua voz?

Diatlenko morria de vontade de responder. Bredel era de fato um dos alemães que trabalhavam na sua seção e se dava muito bem com ele. Mas se fizesse qualquer insinuação, o tenente logo teria entendido qual era seu “verdadeiro trabalho”. Um desvio não planejado ocorreu naquele momento. O gelo por onde andavam achava-se ao

mesmo tempo desigual por fogo de granadas e também polido pela passagem de botas envoltas em trapos. Diatlenko caiu, derrubando o tenente no chão. Smislov, ao ouvir a comoção, gritou, assustado. Diatlenko tranquilizou-o e pediu desculpas ao tenente. Ele não temia um ardil. “Cerca de mil prisioneiros de guerra haviam passado por minhas mãos àquela altura”, escreveu depois. “Em consequência, eu conhecia sua psicologia bastante bem e sabia que aqueles homens não me fariam nenhum mal.”

Os soldados alemães que se aproximaram para erguer os dois homens também escorregaram e caíram, formando uma massa de corpos estatelados. Diatlenko comparou isso a um jogo infantil ucraniano chamado “Uma pilha pequena é pequena demais: falta alguém em cima”.

O tenente continuou seu interrogatório quando se reiniciou a marcha de olhos vendados, depois voltou à questão de Bredel. Diatlenko não foi muito franco. Disse que conhecia o nome e lera alguns dos seus livros. Por fim, o tenente avisou-o que se aproximavam de alguns degraus.

Os três enviados de trégua viram-se, quando se retiraram suas vendas, numa casamata bem construída e revestida com troncos de árvore. Diatlenko reparou em dois sacos cinza com grãos estragados que eles tentavam secar. “Bem feito para vocês, suas cobras”, pensou. “Incendiaram o elevador de grãos de Stalingrado e agora têm de desenterrar comida para vocês de debaixo da neve.” Também observou os cartões-postais coloridos e as decorações de papel do Natal ainda instaladas.

Um oficial superior alemão entrou e exigiu saber a autoridade responsável pela missão deles.

- A *Stavka* do comando do Exército Vermelho - respondeu Diatlenko.

O oficial superior saiu em seguida da casamata, na certa para telefonar. Durante a ausência do coronel, os oficiais alemães e Diatlenko conversaram sobre as comemorações de Natal. Depois sobre pistolas, e os alemães admiraram a

Tokarev de Diatlenko. Ele logo a entregou, quando os enviados de trégua se deram conta, com grande mal-estar, que, segundo a convenção internacional, eles deviam ter deixado para trás suas armas pessoais.

Para manter a atmosfera totalmente cordial, Siderov abriu o maço de cigarros “Lux” – que Diatlenko chamou de “cigarros de general” – distribuídos especialmente para eles com o intuito de impressionar os oficiais alemães. “Com grande dignidade, Siderov ofereceu-lhes o maço, como se sempre houvesse fumado o melhor, e não *makhorka*.” Pediu a Diatlenko que lhes dissesse que aquela era sua terceira guerra: combatera na “Guerra Imperialista, na Guerra Civil e agora na Grande Guerra Patriótica”. Diatlenko esperava que acrescentasse “contra invasores fascistas alemães”, mas na verdade Siderov sorriu e disse:

- E durante todas essas três guerras, nunca tive uma chance de falar com o inimigo de modo tão pacífico.

Os oficiais concordaram e acrescentaram que aquela pequena reunião envolvia as pessoas mais pacíficas de todo o *front*. A conversa mais ou menos morreu depois disso. No silêncio que se seguiu, ouviu-se um intenso tiroteio. Os russos ficaram horrorizados. Um dos alemães precipitou-se casamata afora para descobrir o que estava acontecendo. Voltou com a acusação:

- Era a sua gente.

Felizmente, o tiroteio logo cessou. (Os enviados de trégua descobriram depois que haviam sido baterias de fogo antiaéreo, incapazes de resistir à tentação quando surgiu acima transporte aéreo alemão.)

A tensão avolumou-se durante a longa espera pela volta do coronel. Mas quando ele chegou, não foi para anunciar, como esperado, que um carro do estado maior fora enviado do quartel-general do Sexto Exército. Tinha, nas palavras de Diatlenko, “uma expressão muito diferente – como um cão espancado”. Os oficiais subalternos, adivinhando o que

acontecera, levantaram-se de um salto, “como se uma sentença estivesse prestes a abater-se sobre todos eles”.

- Recebi ordens - comunicou o coronel aos russos - de não levá-los a parte alguma, nem acompanhá-los e tampouco receber qualquer coisa dos senhores, apenas vendar-lhes mais uma vez os olhos, levá-los de volta, devolver-lhes as pistolas e garantir sua segurança.

Diatlenko protestou com veemência. Ofereceu, embora fosse contra suas instruções, dar o pacote oleado a um oficial especialmente autorizado em troca de um recibo.

- Tenho ordens de não aceitar nada dos senhores - respondeu o coronel alemão.

- Então pedimos que escreva no pacote que o senhor, de acordo com ordens recebidas do alto comando, se recusa a aceitar a carta dirigida a seu comandante de exército.

Mas o coronel recusou-se até a tocar no pacote. Não havia mais nada a fazer, concluíram Smislov e Diatlenko, além de deixar que lhes vendassem de novo os olhos e os acompanhassem de volta. O mesmo tenente conduziu Diatlenko.

- Quantos anos você tem? - sussurrou Diatlenko, quando partiram.

- Vinte e quatro - respondeu ele. A diferença de idade dos dois era de poucos anos.

- Esta guerra entre nossos povos é um trágico erro - disse Diatlenko, após uma breve pausa. - Vai terminar mais cedo ou mais tarde, e seria bom que eu voltasse a encontrá-lo um dia, não seria?

- Não há espaço para ilusões em meu coração - disse o tenente alemão - porque antes de terminar o mês, você e eu estaremos mortos.

- Vocês, alemães, acharam mesmo - perguntou Diatlenko - que a Rússia os deixaria passar um inverno tranquilo em casamatas aquecidas?

- Não, era possível supor pela experiência do inverno passado que vocês iam lançar uma ofensiva. Mas ninguém

esperava que fosse em tamanha escala e tamanha forma.

- Você me disse antes que seus soldados simplesmente riem dos apelos de Willi Bredel. - Por curiosidade profissional, Diatlenko não conseguiu resistir a ignorar suas instruções para evitar questões precisas. - Mas ele não tinha razão quando falou da situação sem esperanças de vocês?

- Tudo o que ele disse foi certo - respondeu o tenente. - Mas não se esqueça de uma coisa. Quando uma guerra de duas visões de mundo está em andamento, é impossível convencer soldados inimigos atirando palavras pelas linhas do *front*.

Ao chegarem às trincheiras, as vendas dos olhos dos três russos foram retiradas. Suas pistolas e uniformes de neve foram devolvidos. Os dois grupos de oficiais puseram-se defronte um do outro e bateram continência, depois os russos, sob a bandeira de Siderov, encaminharam-se de volta “pelo silêncio branco” ao general Vinogradov, ainda à sua espera perto do tanque incendiado.

Vinogradov conduziu-os de volta a *balka*. O comandante de reconhecimento de divisão não perdeu tempo.

- Siderov - disse ele -, desenhe-me rápido um mapa das defesas deles.

Os dois outros enviados de trégua acompanharam-nos até o interior de uma casamata cavada na lateral de uma *balka* e viram “nosso homem que falou tão pacífico com o inimigo” desenhar um mapa de suas posições à perfeição. “Não sei se ele já recebera essa missão desde o início”, escreveu depois Diatlenko, “ou se era apenas seu talento, mas revelou-se que se lembrara de tudo.” Diatlenko e Smislov retornaram em seguida ao quartel-general no Willis do estado maior, com os dois generais “tristes e cansados”, porque sua missão fora um fracasso e muitos homens morreriam sem nenhum propósito.

Notas:

1. Volski já não estava nas boas graças de quase ninguém. Pouco antes do ataque, escrevera uma carta pessoal a Stalin, “como um comunista honesto”, avisando que a ofensiva malograria. Jukov e Vasilevski haviam precisado viajar a Moscou em 17 de novembro. Após ouvir seus argumentos, Stalin telefonou do Kremlin para Volski, que retirou o que dissera na carta. Stalin achava-se estranhamente calmo. Não se pode descartar a possibilidade de que o fato tenha sido uma conspiração cautelar a ser usado por Stalin contra Jukov e Vasilevski na hipótese de a Operação Urano fracassar. (N. do A.)
2. Hitler, segundo eles, poderia ser persuadido pelos oficiais superiores a se afastar do posto de comandante em chefe. Talvez então se realizasse uma mudança de regime sem o desastroso caos e motim de novembro de 1918. Era uma visão espantosamente ingênua do caráter de Hitler. A mínima oposição teria mais chance de desencadear um temeroso banho de sangue. Foram os mais jovens, como Tresckow e Stauffenberg, que reconheceram que Hitler só podia ser afastado se fosse morto. (N. do A.)
3. Variam muito as cifras dadas na época e em versões recentes, às vezes sem definir as nacionalidades envolvidas. A discrepância mais significativa é entre os 51,7 mil Hiwis registrados com as divisões em meados de novembro e os 20,3 mil relacionados nos números de rações em 6 de dezembro. É difícil saber se isso se deveu às pesadas baixas, a Hiwis aproveitando a oportunidade para escapar durante as retiradas de fins de novembro, ou russos sendo secretamente incorporados às forças de combate divisionais. Ver Apêndice B para mais detalhes. (N. do A.)
4. O general médico Renoldi dedicou-se mais ao assunto depois. Em seu vagão ferroviário, de maneira capaz de causar calafrios, ele descreveu o colapso da saúde dos soldados no Kessel como “uma experiência em grande escala dos efeitos da fome”. (N. do A.)
5. Paulus depois alegou que jamais transmitira ordem alguma de abrir fogo em qualquer bandeira ou trégua russas, mas é bem possível que Schmidt o tenha feito. (N. do A.)

Parte 5

A subjugação do Sexto Exército

A ponte aérea

“A nuvem brumosa pairava baixo”, escreveu Hans Dibold, um médico da 44ª Divisão de Infantaria, “quase roçando nossa cabeça. Naquela nuvem, o motor de um avião de transporte perdido gemia lamentosa e desoladamente.”

Raras vezes se usava o termo “ponte aérea” no teatro de operações. A ideia de uma ligação permanente acima dos russos satisfazia os ilusionistas que examinavam mapas e gráficos em Berlim e Rastenburg. Hitler de repente exigia informação, portanto todos os generais e oficiais do estado-maior, desesperados para ter os números à mão, atormentavam sem parar os comandantes de campos de aviação em busca das últimas estatísticas e provas de ação. Os brigadeiros da Luftwaffe na Alemanha haviam se apressado a cumprir a decisão de Hitler de reabastecer o Sexto Exército por ar, destinando um avião inteiramente impróprio como o Junkers 86, usado no treinamento de pilotos, para fazer os números parecerem melhores. Mesmo o uso de planadores chegou a ser levado em consideração até alguém observar que os caças russos os destruiriam com facilidade.

O caos também foi causado pelos comandantes de base aérea da retaguarda que despachavam os Junkers 52, antes que houvessem sido adaptados para as operações de inverno, simplesmente para provar que estavam respondendo rápido ao chamado do Führer. A massa de aviões de transporte que chegava sem aviso causara o caos, sobretudo porque não havia um grupo de operações de abastecimento por ar instalado para assumir o controle. No final de novembro, o brigadeiro Fiebig e o estado-maior do

Oitavo Corpo Aéreo assumiram a responsabilidade e a situação melhorou muito, embora falhas fundamentais em todo o projeto o houvessem condenado ao malogro desde o início.

O brigadeiro von Richthofen avisara que iam precisar de seis campos de aviação de dimensões completas no *Kessel*, não apenas um, e também de pessoal de terra corretamente treinado. Seu temor sobre a falta de pistas de pouso foi logo justificado sob as más condições atmosféricas. O melhor dia fora 19 de dezembro, quando 154 aviões aterrissaram com 289 toneladas, mas os dias de bons voos na verdade eram raros, embora o tempo não fosse o único problema. O campo de aviação em Pitomnik atraía toda a atenção do inimigo, portanto os aviões atingidos por balas e abatidos tornavam-se inutilizável por curtos períodos. Suas carcaças de metal incendiadas eram arrastadas para a neve que ladeava a pista, formando um “entulhadíssimo cemitério de máquinas”. Aterrissar à noite era duplamente perigoso. As baterias de defesa antiaérea em Pitomnik tinham de manter um equilíbrio quase impossível. Precisavam usar refletores de busca para identificar os bombardeiros noturnos soviéticos, mas a base dos raios luminosos oferecia um alvo para a artilharia russa.

A tensão das tripulações aéreas da Luftwaffe era intensa. “As tripulações jovens e inexperientes ficavam terrivelmente abaladas” com as cenas em Pitomnik, acima de tudo com a infeliz condição dos feridos ao lado da pista à espera de evacuação e com as pilhas de cadáveres congelados ali deixados pelo hospital de campanha porque o terreno estava congelado demais para enterrá-los.

Qualquer que fosse a gratidão do Sexto Exército pelos esforços da Luftwaffe, era inevitável a exasperação. Quando se abriu uma entrega e constatou-se que continha apenas manjerona e papel, o tenente-coronel Werner von Kunowski, chefe do Serviço de Intendência do Sexto Exército, explodiu: “Que idiota foi responsável por essa carga?” Um oficial a seu

lado brincou, dizendo que pelo menos se poderia usar a pimenta em combate corpo a corpo.

Depois do ataque soviético a Tatsinskaia, a frota de transporte ficou bastante reduzida, deixando um fundo comum muito menor de aviões utilizáveis nas tarefas. Também a nova base aérea de Junkers 52 em Salsk, a pouco mais de 320 quilômetros de Pitomnik, achava-se próxima da capacidade operacional máxima, portanto não se podia usar nenhum avião cujos motores consumissem petróleo. No desespero, alguns dos quadrimotores maiores – os Focke-Wulf Condor 200, que transportavam até seis toneladas, e os Junkers 290, que davam conta de uma carga de mais de dez toneladas – foram postos em serviço, mas eram vulneráveis e faltava-lhes a solidez do velho trimotor “Tante Ju”. Assim que Salsk se viu ameaçada, em meados de janeiro, os Junkers 52 tiveram de deslocar-se para Zverevo a noroeste, Norte de Shakhti. Esse novo campo de aviação consistia em uma pista entulhada de neve em terra agrícola descampada. Sem nenhuma acomodação, a equipe de terra, o pessoal de controle e a tripulação moravam em iglus e tendas.

O congelamento tornava-se um problema ainda maior no ar, enquanto em terra ficava cada vez mais difícil dar a partida nos motores. As intensas tempestades de neve levavam muitas vezes à interrupção operacional das bases, pois era necessário desenterrar cada avião dos montes de neve. Havia poucas defesas antiaéreas em Zverevo e, em 18 de janeiro, os caças e bombardeiros soviéticos que chegaram em 18 levam no decorrer do dia conseguiram destruir mais cinquenta Junkers 52 em terra. Essa foi uma das poucas operações realmente eficazes da aviação do Exército Vermelho, cujos pilotos ainda não se sentiam muito confiantes.

Richthofen e Fiebig desde o início haviam sentido que não tinham outra opção senão fazer o melhor possível de um trabalho condenado. Esperavam pouca compreensão de cima. “Minha confiança em nossa liderança afundou logo

para abaixo de zero”, disse Richthofen em 12 de dezembro ao general Jeschonnek, chefe do estado-maior da Luftwaffe. Uma semana depois, ao saber que Goering dissera a Hitler que a situação do abastecimento em Stalingrado “não era tão ruim”, escrevera em seu diário: “Além do fato de que faria um imenso bem à figura dele passar algum tempo no *Kessel*, só posso imaginar que meus comunicados não sejam lidos ou que não lhes deem o mínimo de crédito.”

Embora Goering nada fizesse para poupar seu apetite, o general Zeitzler, num gesto de solidariedade para com os soldados famintos em Stalingrado, reduziu suas próprias rações ao nível das deles. Segundo Albert Speer, Zeitzler perdeu quase 12 quilos em duas semanas. Hitler, informado sobre essa dieta por Martin Bormann, ordenou que Zeitzler voltasse à alimentação normal. Como uma concessão, proibiu champanhe e conhaque no quartel-general do Führer, “em honra aos heróis de Stalingrado”.

A grande maioria dos civis na Alemanha tinha pouca noção de como o Sexto Exército se achava próximo da derrota final. “Espero que rompam logo o cerco”, escreveu uma jovem a um soldado com quem se correspondia em meados de janeiro, “e quando o fizerem, que você receba uma licença para partir de vez.” Mesmo o chefe do Partido Nazista de Bielefeld escreveu em meados de janeiro ao general Edler von Daniels para parabenizá-lo pelo nascimento do filho, a Cruz de Cavaleiro e a promoção, dizendo que aguarda com impaciência “tê-lo mais uma vez de volta entre nós muito em breve”.

A atmosfera de irrealidade espalhou-se pelos círculos governamentais mais antigos em Berlim. Speer, profundamente transtornado com a situação em Stalingrado, acompanhou a esposa, “que como todo mundo mais continuava sem desconfiar de nada desfavorável”, a uma apresentação de *A flauta mágica* na ópera. “Mas, ali sentado em nosso camarote, naquelas cadeiras macias de espaldar alto, em meio àquela plateia festivamente arrebatada, eu só

pensava em que aquele era o mesmo tipo de multidão presente na Ópera de Paris quando Napoleão se retirava da Rússia e no sofrimento agora idêntico dos nossos soldados.” Ele fugiu para seu ministério, tentando escapar no trabalho e reprimir seus “terríveis sentimentos de culpa” pelo irmão, recruta no Sexto Exército em Stalingrado.

Os pais de Speer haviam-lhe telefonado recentemente em pânico. Acabavam de saber que o caçula Ernst achava-se deitado num “hospital de campanha primitivo”, num estábulo, “só parcialmente coberto por telhado e sem paredes”, sofrendo de icterícia e com febre, pernas inchadas e dores no rim. A mãe de Speer soluçava ao telefone.

- Vocês não podem fazer isso com ele.

E o pai disse:

- É impossível que logo você não possa fazer alguma coisa para tirá-lo de lá.

A sensação de impotência e culpa de Speer agravou-se pelo fato de que no ano anterior, após a ordem de Hitler para que as autoridades superiores não usassem influência em favor de parentes, ele se despedira do irmão com a promessa de conseguir sua transferência para a França, assim que a guerra acabasse. Agora a última carta de Ernst de Stalingrado dizia que ele não aguentava mais ver os colegas pacientes morrerem no hospital. Voltara a juntar-se aos camaradas na linha de frente, apesar das pernas grotescamente inchadas e da patética fraqueza.

No Kessel, enquanto o Sexto Exército esperava a ofensiva final russa, espalharam-se histórias não apenas de um corpo de Panzers da SS que se aproximava, mas até de uma divisão transportada por ar desembarcando no *Kessel* para reforçar suas defesas.

Alguns rumores perdiam todo o contato com a realidade. Os espíritos mais sombrios afirmavam que o Quarto Exército de Panzers chegara a quase 20 quilômetros das linhas deles,

mas Paulus então mandara o general Hoth não avançar mais. Alguns soldados depois haviam até mesmo se convencido de que Paulus, como parte de um pacto secreto com os russos, os traía. Segundo outra história, “era tão grande a escassez de tripulação aérea que os russos emitiram uma ordem de que todo aquele que atirasse num piloto alemão [capturado] seria severamente punido, porque eles eram necessários à pilotagem de aviões de transporte nas áreas mais distantes da retaguarda”.

Os rumores espalhavam-se fatalmente em suas estranhas comunidades, acampamentos em volta dos campos de aviação, ou abrigos de trincheiras em *balkas* na estepe, agrupados como uma aldeia troglodita. Se alguma madeira houvesse para queimar nos pequenos fogões de casamata, surgia fumaça das pilhas de pequenas chaminés, feitas de latas de comida vazias calcadas umas nas outras. Quando os ocupantes morriam, as pranchas sobre o terreno lamacento, mesas, até beliches, eram quebradas e viravam combustível. O único substituto para o verdadeiro calor era um bafio, criado com corpos amontoados e lonas impermeáveis, mas ainda assim os homens tremiam de descomedido frio. O relativo calor apenas animava os piolhos, o que os deixava loucos de coceira. Muitas vezes dormiam dois por catre com um cobertor sobre a cabeça numa patética tentativa de partilhar o calor do corpo. A população roedora multiplicava-se rapidamente, alimentando-se de cavalos e seres humanos mortos. No descampado da estepe, os ratos ficavam vorazes na procura de comida. Um soldado contou que haviam “comido dois dos seus dedos dos pés congelados” enquanto ele dormia.

Quando chegavam as rações, num trenó puxado por um potro faminto e rígido, surgiam vultos desgraciosos, embrulhados em trapos, para ouvir os últimos rumores. Não havia combustível algum para derreter a neve, se lavar ou barbear. Tinham as faces encovadas, macilentas, a barba por fazer – os pelos pateticamente desordenados pela

insuficiência de cálcio e o pescoço fino e ossudo como o dos idosos. O corpo fervilhava de piolhos. Um banho quente e roupa de baixo limpa eram um sonho tão distante quanto uma refeição correta. A ração de pão reduzira-se agora a menos de 200 gramas por dia, e muitas vezes a pouco mais de 100 gramas. A carne de cavalo acrescentada à "*Wassersuppe*" vinha de fornecedores locais. As carcaças eram mantidas frescas pelo frio, mas a temperatura muito baixa não lhes permitia cortar a carne com facas. Só uma serra de sapador era forte o bastante.

A combinação de frio e fome significava que os soldados, quando não em sentinela, simplesmente se mantinham deitados nos abrigos de trincheira, conservando energia. A casamata era um refúgio do qual mal podiam enfrentar a saída. Muitas vezes, ficavam com a mente vazia, porque a frieza do sangue diminuía ao mesmo tempo a atividade física e mental. Circulavam livros entre eles até desintegrar-se ou perder-se na lama ou na neve, mas a poucos restara energia para ler. De maneira semelhante, os oficiais da Luftwaffe que administravam o campo de aviação de Pitomnik haviam abandonado o xadrez em favor de jogo de cartas leve, pois qualquer esforço de concentração estava além de suas forças. Em muitos casos, contudo, a falta de comida levava não apenas à apatia, mas a delírios ensandecidos, como os dos místicos antigos que ouviam vozes devido à má nutrição.

É impossível estabelecer os números de suicídios ou mortes resultantes de estresse da batalha. Os exemplos em outros exércitos, como já se mencionou, sobem drasticamente quando os soldados ficam isolados, e nenhum exército foi mais sitiado que o Sexto Exército em Stalingrado. Os homens deliravam enlouquecidos nos catres, alguns ali deitados a urrar. Muitos, durante um ataque maníaco, tinham de ser dominados à força ou desacordados pelos camaradas. Alguns soldados temiam o colapso nervoso ou a loucura dos outros como se fossem contagiosos. Mas o maior alarme era provocado quando um camarada doente dilatava

as narinas e os lábios arroxeados e os brancos dos olhos ficavam cor-de-rosa. O medo de tifo parecia curiosamente atávico, quase como uma peste medieval.

A sensação da morte iminente às vezes também estimulava uma intensa consciência de tudo que eles iam perder. Os homens durões sonhavam febris com imagens de casa e choravam em silêncio ao se darem conta de que corriam o risco de jamais voltar a ver a esposa e os filhos. Os mais reflexivos reexaminavam lembranças ou estudavam com novo interesse o mundo à sua volta, em especial os camaradas. Restara a alguns bastante emoção para sentir pena dos cavalos famintos roendo desesperados um pedaço de madeira.

Durante a primeira semana ou os dez primeiros dias de janeiro, antes da ofensiva soviética romper o cinturão de defesa, os homens tentavam não deixar que seu desespero transparecesse nas cartas para a família. “Recebi um quarto de litro de vodca e 13 cigarros para o Ano-Novo”, escreveu aos pais um soldado chamado Willy numa carta que nunca chegou a eles, “mas toda a comida que tenho agora é um pedaço de pão. Nunca senti mais saudade de vocês do que hoje enquanto cantávamos o *‘Wolgalied’*. Estou sentado numa gaiola – não feita de ouro, mas do cerco russo.” Muitos soldados camuflavam mais ainda a verdade. “Só nos resta contar com o fato de que a primavera comece logo”, escreveu para casa um soldado chamado Seppel. “O tempo continua ruim, mas o importante é estar com saúde e ter um bom fogão. Os feriados de Natal transcorreram bem.” Outros, porém, não tentavam ocultar seus sentimentos: “A única coisa que me restou foi pensar em vocês três”, escreveu um soldado para a esposa e os filhos.

Alguns, desesperados para escapar, pensavam na possibilidade de ferimentos autoinfligidos. Os que os levavam a cabo não apenas corriam o risco de execução. Mesmo que não levantassem suspeitas, arriscavam-se a morrer em consequência de sua própria ação. Um ferimento

superficial na carne não bastava para render-lhes um voo de partida do *Kessel*. Um tiro que atravessava a mão direita era óbvio demais, e com tão poucos soldados deixados na linha de frente, o ferimento tinha de ser incapacitante para se livrarem das obrigações do combate. Mas assim que começou o avanço final soviético, mesmo “um ferimento leve que impedisse o movimento quase correspondia à morte”.

Desde o início de janeiro, um número cada vez maior de soldados alemães começou a entregar-se sem resistência ou até mesmo a desertar para o inimigo. Os desertores tendiam a ser homens da infantaria no *front*, em parte porque tinham mais oportunidade. Também houve casos de oficiais e soldados que recusaram a evacuação por bravura e senso de dever quase obsessivos. O tenente Löbbecke, comandante de uma companhia de tanques da 16ª Divisão de Panzers, perdera um braço no combate, mas continuou suas funções de soldado sem ter a ferida tratada direito. Seu comandante de divisão não conseguiu convencê-lo a sair para tratá-la. O general Strecker acabou se encarregando do caso.

– Peço permissão para ficar com meus homens – disse logo Löbbecke. – Não posso deixá-los agora quando o combate é tão desesperado.

Strecker, na certa pelo cheiro, compreendeu que o toco do braço de Löbbecke entrara em estado de putrefação. Teve de mandá-lo partir logo do *Kessel* de avião para um hospital da base.

Para os verdadeiramente incapacitados, a única esperança de evacuação para um hospital de campanha era por trenó ou numa ambulância. Os motoristas já eram reconhecidos como “heróis do volante”, pela alta taxa de mortalidade. Um veículo em movimento – e as ambulâncias estavam entre os poucos que recebiam algum combustível – logo atraía fogo de terra ou ataque aéreo russo.

Os feridos e doentes que ainda andavam iam sozinhos a pé pela neve para a retaguarda. Muitos paravam para

descansar e nunca mais voltavam a levantar-se. Outros chegavam, apesar dos terríveis ferimentos ou queimaduras pelo frio em estado avançado. “Um dia alguém bateu à porta da nossa casamata”, lembrou um tenente da Luftwaffe em Pitomnik. “Diante dela vimos um homem bastante velho, membro da Organização Todt, que se dedicava a reparos de estradas. Tinha as duas mãos tão terrivelmente inchadas por queimaduras pelo frio que jamais voltaria a usá-las de novo.”

Chegar ao hospital de campanha pelo campo de aviação continuava muito longe de ser uma garantia de evacuação ou mesmo de tratamento nas barracas grandes, que mal serviam para impedir o frio. Os ferimentos e as queimaduras pelo frio representavam apenas uma pequena parte da carga de trabalho que ameaçava sobrecarregar os médicos. Uma epidemia de icterícia, disenteria e todas as outras doenças agravavam-se com a subnutrição e muitas vezes desidratação, pois não havia combustível para derreter a neve. Os feridos também ficavam muito mais expostos ao ataque aéreo soviético do que no *front*. “De meia em meia hora, um avião russo atacava o campo de aviação”, relatou depois um cabo. “Muitos camaradas que iam ser salvos após embarcados no avião, e esperavam decolar, perderam a vida no último momento.”

A evacuação dos feridos e doentes por ar era tão imprevisível quanto os voos que chegavam com suprimentos. Em três dias, 19 e 20 de dezembro e 4 de janeiro, mais de mil foram levados em cada ocasião, mas a média global, incluindo os dias em que os voos não eram possíveis, entre 23 de novembro e 20 de janeiro, caiu para 417.

A seleção de embarques não era feita pela gravidade dos ferimentos. Acabou-se criando uma implacável triagem devido à falta de espaço no avião. “Só aqueles com ferimentos leves, capazes de andar sozinhos, podiam ter esperança de sair”, contou um oficial de transporte. “O espaço era suficiente apenas para umas quatro padiolas

dentro da fuselagem de um Heinkel, mas podiam-se amontoar quase vinte feridos que ainda andavam. Portanto, se a pessoa estivesse gravemente ferida ou tão doente que não conseguisse se mexer, estava praticamente morta.”

Contudo, a sorte às vezes intervinha. Arrancando a identificação de escalão, este oficial conseguiu pôr em seu avião um sargento de infantaria estendido no campo há três dias com uma bala alojada nas costas. “Como ele chegou ao campo de aviação, eu nunca soube.”

Também embarcou outro sargento, um velho com febre alta.

A Feldgendarmerie, odiada pelas tropas e conhecida como “cães de coleira” por causa do distintivo de metal em forma de meia-lua crescente pendurado numa corrente em volta do pescoço, guardava o acesso à pista, inspecionando os documentos minuciosamente para impedir que atravessassem aqueles que se fingiam de doentes. Como em janeiro diminuiu a esperança de escapar, passaram a recorrer cada vez mais às submetralhadoras para deter os feridos e os que se fingiam de doentes.

Cabiam muito mais feridos nos gigantescos quadrimotores Focke-Wulf Condor, dos quais se passou a usar alguns a partir da segunda semana de janeiro. Ficavam, contudo, excepcionalmente vulneráveis quando sobrecarregados. Um sargento da Nona Divisão de Fogo Antiaéreo observou com atenção a penosa aceleração de um Condor no qual dois camaradas haviam acabado de embarcar. Quando a aeronave subiu a pique após a decolagem para ganhar altura, a desvalida carga humana lá dentro devia ter sido deslocada ou rolado para a traseira, porque de repente a cauda caiu. Os motores guincharam quando o bico apontou quase verticalmente para o céu, e depois toda a máquina caiu de volta ao solo pouco além do perímetro e explodiu com um “barulho ensurdecador” numa bola de fogo.

Além disso, os soldados na extremidade ocidental do *Kessel* testemunhavam o malfadado destino dos transportes

Junkers, sabendo muito bem que suas pesadas cargas de partida consistiam em camaradas feridos. Muitas vezes esses aviões “não conseguiam ganhar logo suficiente altura e corriam ao encontro de pesado fogo antiaéreo, chegando assim a um terrível fim. Em várias ocasiões, eu vi da minha trincheira esse destino apocalíptico e fiquei muito, muito deprimido”.

Além de voos de retirada de feridos, correios e alguns especialistas, a aeronave também desembarcava alguns oficiais e homens que haviam partido de licença pouco antes do *Kessel* ser cercado. Por causa do bloqueio de notícias na Alemanha, muitos deles não tinham a menor ideia do que acontecera em sua ausência até o trem em que viajavam chegar a Kharkov. Alexander Stahlberg, ajudante de ordens de Manstein, descreveu que seu primo por casamento, Gottfried von Bismarck, de 21 anos, chegou ao quartel-general do Grupo do Exército do Don em Novochoerkassk em 2 de janeiro, após uma licença de Natal em casa, na Pomerânia. Ele recebera ordem de embarcar num voo para o *Kessel* e juntar-se à 76ª Divisão de Infantaria. Manstein, ao descobrir as circunstâncias, convidou-o para jantar à sua mesa, onde a conversa era irrestrita. Manstein e Stahlberg admiraram muitíssimo a maneira como o rapaz, sem nenhuma queixa, respeitou a tradição de Potsdam do Nono Regimento de Infantaria, retornando a uma batalha perdida, não por Hitler, mas por uma devoção prussiana ao serviço militar. O próprio Bismarck, contudo, explicou isso em termos menos gloriosos: “Eu era um soldado, tinha recebido uma ordem e fui obrigado a aceitar as consequências.”

O general Hube, quando retornou ao *Kessel* em 9 de janeiro, véspera da ofensiva soviética, disse a Paulus e Schmidt que Hitler simplesmente se recusava a aceitar a possibilidade de derrota em Stalingrado. Não ouvira seu relato sobre as condições no *Kessel* e, em vez disso, tentara convencê-lo de

que uma segunda tentativa de socorro bem poderia se apresentar.

Alguns dos oficiais de Hube ficaram abatidos com o fato de logo ele parecer ter sido arrebatado por um dos hipnotizantes desempenhos de otimismo de Hitler – a “cura por raio de sol”. “Fiquei profundamente decepcionado”, relatou o oficial do serviço secreto de Hube, príncipe Dohna, “ao ver com que facilidade um soldado tão valente e íntegro podia ser convencido.” Outros, porém, ouviram dizer que ele ousara até “aconselhar Hitler a acabar com a guerra”, e quando Hube morreu numa queda de avião no ano seguinte, circularam rumores de que Hitler talvez tivesse culpa naquilo. Em certo aspecto, os dois lados estavam certos. Quando Hube se apresentou no quartel-general do Grupo do Exército antes de tomar o avião de volta ao *Kessel*, Manstein sem dúvida achou que ele fora contagiado por uma das demonstrações de confiança de Hitler. Por outro lado, descobriu depois que Hube ousara sugerir a Hitler que melhor faria se entregasse o supremo comando do exército a um general, para que não fosse prejudicado em pessoa se o Sexto Exército estivesse perdido.

Embora Hube fosse um dos comandantes preferidos de Hitler, sua evidente crença de que o Sexto Exército estava condenado apenas confirmava a desconfiança de Hitler de que todos os generais se achavam contagiados pelo pessimismo. Paulus reconheceu isso. Chegou à conclusão de que só um jovem guerreiro altamente condecorado poderia atrair as ideias românticas de Hitler e desse modo ficar em melhor posição de convencê-lo a ouvir a verdade.

Paulus tinha um ótimo candidato para essa missão no capitão Winrich Behr, cujo uniforme preto de Panzer com a Cruz de Cavaleiro tinha possibilidade de causar o efeito certo no Führer. E Behr, responsável pela atualização não apenas do mapa da situação, mas também de todos os fatos e números nos relatórios, era um dos oficiais mais bem-informados do quartel-general do Sexto Exército.

Behr recebeu o aviso de sua missão tão em cima da hora, na manhã de 12 de janeiro, dois dias depois do início da ofensiva soviética, que não teve tempo de se oferecer para levar cartas dos colegas para casa. Envolveu o diário de guerra do Sexto Exército com seus pertences numa trouxa a fim de levá-lo com segurança, depois saiu a toda para Pitomnik. A pista de pouso já se achava sob fogo de pesados morteiros, além de artilharia. Enquanto Behr corria para o Heinkel 111, que era carregado com feridos, a Feldgendarmarie, armada com submetralhadoras, teve de deter centenas de outros que tentavam se precipitar, ou mesmo rastejar, para o avião.

O voo para Taganrog levou uma hora e meia. Para sua surpresa, fazia ainda mais frio ao descer próximo ao mar de Azov do que em Stalingrado. Um carro do estado-maior aguardava-o e levou-o ao quartel-general do marechal de campo Manstein, que reunira alguns dos seus oficiais e pediu que Behr os informasse da situação. Ele descreveu tudo: a fome; os índices de baixa; a exaustão dos soldados; a deplorável falta de comida, combustível e munição. Quando terminou, Manstein lhe disse:

- Dê a Hitler exatamente a mesma descrição que me deu.

Um avião fora ordenado para a manhã seguinte, com a missão de levá-lo a Rastenburg. O Führer o esperava.

O frio na manhã seguinte era igualmente intenso, embora o sol brilhante desse uma enganosa impressão de calor. No campo de aviação, o oficial da Luftwaffe designado para conduzir Behr até a Prússia Oriental não se deu o trabalho de levar consigo as luvas ao sair para aquecer os motores. Voltou ao prédio sem nenhuma pele nas mãos por haver tocado o metal congelado. Foi preciso encontrar outro piloto.

Behr acabou chegando a *Wolfsschanze* ao anoitecer. Na sala da guarda, tiraram-lhe o cinto e a pistola. Dali, foi escoltado até a sala de operações, onde, um ano e meio depois, Stauffenberg levaria sua maleta cheia de explosivos. Havia entre 20 e 25 oficiais superiores presentes. Passados

dez minutos, as portas se abriram e Hitler apareceu. Saudou o jovem capitão de Panzers.

- *Heil Herr Hauptmann!*

- *Heil Mein Führer!* - respondeu Behr, rigidamente em posição de sentido, no uniforme preto com a Cruz de Cavaleiro no pescoço.

Behr já sabia pelo cunhado, Nicolaus von Below, ajudante de Hitler da Luftwaffe, quais eram as táticas do Führer quando uma “Cassandra” trazia más notícias. Ele sempre tentava controlar a conversa, impondo sua versão dos fatos e oprimindo o interlocutor, que conhecia apenas um setor do *front*, com uma poderosa impressão da situação global. Foi exatamente isso o que aconteceu.

Depois que Hitler terminou de contar seus planos para a Operação Dietrich, um grande contra-ataque com divisões de Panzers da SS transformando a derrota em vitória, disse a Behr:

- *Herr Hauptmann*, quando retornar ao general Paulus, diga-lhe isso e que todo meu coração e minhas esperanças estão com ele e seu Exército.

Mas Behr, muito cômico de que isso era o “ardil” de Hitler, sabia que não podia se permitir ser silenciado.

- *Mein Führer* - respondeu. - Meu comandante em chefe deu-me a ordem de informá-lo da situação. Por favor, conceda-me permissão para apresentar meu relatório.

Hitler, diante de tantas testemunhas, não podia recusar.

Behr pôs-se a falar, e Hitler, um tanto para surpresa do capitão, não fez nenhuma tentativa de interrompê-lo. Não poupou os presentes de qualquer detalhe, incluindo as crescentes deserções de soldados alemães para os russos. O marechal de campo Keitel, incapaz de suportar tamanha franqueza na presença do Führer, brandiu o punho para Behr por trás das costas de Hitler, numa tentativa de calá-lo. Mas Behr continuou em termos inflexíveis sua descrição do exército exausto, morrendo de fome e congelado, enfrentando esmagadoras desvantagens e sem combustível

e munição para rechaçar a ofensiva russa. Ele sabia de cor todos os números das entregas diárias por ar. Hitler perguntou se ele tinha certeza daquelas estatísticas, e quando Behr respondeu que sim, virou-se para um oficial superior da Luftwaffe e pediu-lhe que explicasse aquela discrepância.

- *Mein Führer* - respondeu o brigadeiro da Luftwaffe. - Tenho aqui a relação de aviões e cargas despachados por dia.

- Mas *Mein Führer* - interrompeu Behr. - Para o Exército, o importante não é quantos aviões são despachados, mas o que de fato recebemos. Não estamos criticando a Luftwaffe. Seus pilotos são verdadeiros heróis, mas recebemos apenas as quantidades que eu lhe disse. Talvez algumas companhias tenham recuperado latas dispersas e ficado com elas sem notificar seus quartéis-generais, mas não o bastante para fazer diferença.

Alguns oficiais superiores tentaram desviar as críticas de Behr com “perguntas idiotas”, mas Hitler mostrou-se surpreendentemente colaborador, na certa porque queria parecer que defendia os interesses do *Stalingradkämpfer* contra o Estado-Maior geral. Mas quando Behr voltou à situação enfrentada pelo Sexto Exército, Hitler virou-se para o grande mapa pontilhado de bandeirinhas como se nada houvesse mudado. Behr sabia que aquelas bandeiras, “as mesmas do mês anterior”, agora representavam “divisões com apenas algumas centenas de homens restantes”. Hitler mais uma vez recorreu à sua mensagem de reverter toda a situação com um brilhante contra-ataque. Chegou até a proclamar que todo um exército de Panzers da SS já se reunia em torno de Kharkov, posicionado para atacar Stalingrado. Behr sabia pelo marechal de campo von Manstein que as formações da SS que eram levadas para leste precisariam de mais várias semanas.

- Vi então que ele perdera contato com a realidade. Vivia num mundo de fantasia de mapas e bandeiras. - Para Behr,

que fora um entusiástico “jovem oficial alemão nacionalista”, a revelação foi um choque. – Foi o fim de todas as minhas ilusões sobre Hitler. Convenci-me de que íamos perder a guerra.

Behr não foi levado direto ao *Kessel* como planejado. Esteve mais uma vez com Hitler na manhã seguinte, ao meio-dia, com o marechal de campo Milch, que recebera ordem de fomentar os esforços de ajuda para Stalingrado. Depois foi convocado pelo mais antigo ajudante militar de Hitler, general Schmundt, e submetido a uma longa e minuciosa, embora amistosa, entrevista. Schmundt, um dos mais leais admiradores de Hitler (morreria um ano e meio depois com a bomba de Stauffenberg), logo pressentiu que o jovem capitão de Panzers perdera a fé. Behr admitiu-o francamente quando a pergunta foi feita. Por isso, Schmundt decidiu que não devia ser mandado de volta para Paulus, para não transmitir suas dúvidas. Ia retornar para a costa do mar Negro e ali trabalhar em Melitopol como parte do novo “estado-maior Especial” a ser formado sob o comando do marechal de campo Milch, para ajudar a Fortaleza Stalingrado a resistir até o fim.

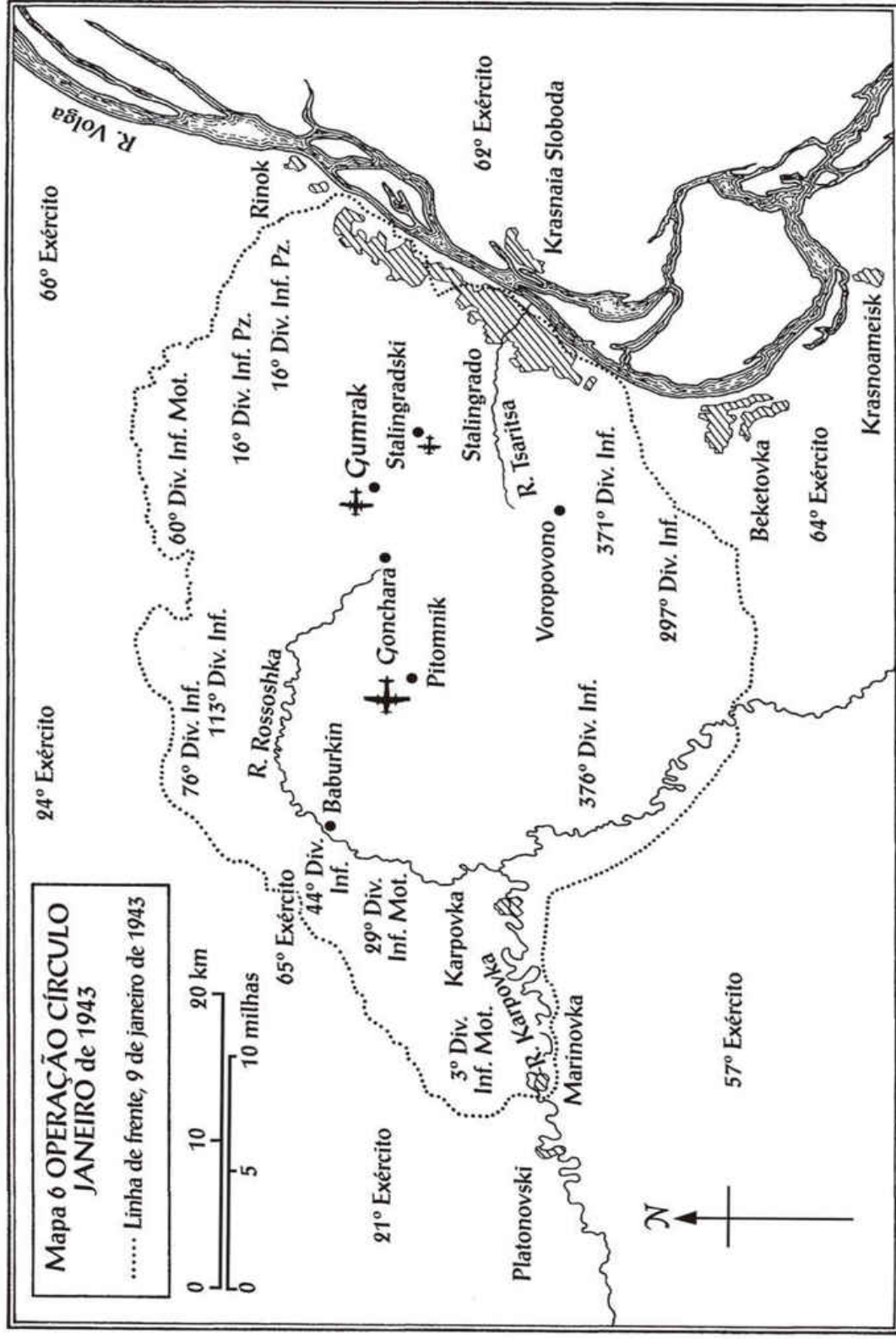
Em Rastenburg, o general Stieff e também o tenente-coronel Bernhard Klamroth, que conhecia bem Behr de muito antes da guerra, levaram-no para um canto e perguntaram – “de maneira codificada” – se ele se uniria a um movimento para expulsar Hitler. Behr, que apenas acabara de ver a verdade sobre a desastrosa liderança do Führer, sentiu que não poderia virar de vez a casaca. Klamroth entendeu, mas advertiu-o de que tivesse cuidado com Manstein.

– À mesa, ele é contra Hitler, mas só da boca para fora. Se Hitler o ordenasse a virar à esquerda ou à direita, ele faria exatamente o que lhe fosse mandado.

A crítica de Klamroth não era exagerada. Apesar de todo o desrespeito que Manstein demonstrava por Hitler em privado, entre os subordinados de confiança, e o truque do seu bassê de erguer a pata em saudação nazista, ele não

queria arriscar sua própria posição. Em suas memórias, usou o que se poderia chamar de argumento punhalada nas costas: um *coup d'état* levaria a um colapso imediato do *front* e ao caos na Alemanha. Ele ainda fazia parte da classe de oficiais cuja aversão antibolchevista fora moldada pelos motins e a Revolução de 1918. Behr aceitou o conselho de Klamroth e foi cauteloso quando se apresentou de volta ao Grupo do Exército do Don.

O medo que Manstein sentia de Hitler logo foi demonstrado. As francas discussões entre os seus próprios oficiais sobre a responsabilidade pelo desastre de Stalingrado o acovardaram tanto que ele despachou a seguinte ordem ao seu chefe de estado-maior: “As discussões sobre a responsabilidade pelos fatos recentes precisam acabar”, porque “não podem fazer nada para mudar os fatos da questão e só causam danos, solapando a confiança.” Os oficiais também foram rigorosamente proibidos de discutir “as causas da destruição do Sexto Exército” em sua correspondência pessoal.



O Führer agora queria, fosse qual fosse o desfecho, um exemplo heroico para o povo alemão. Em 15 de janeiro, conferiu a Paulus as Folhas de Carvalho para sua Cruz de Cavaleiro e anunciou 178 outras importantes condecorações a membros do Sexto Exército. Muitos agraciados continuavam não reconhecendo como essas honras eram facas de dois gumes.

Manstein, por outro lado, embora desprezasse os motivos de Hitler, sabia que também ele precisava prolongar a agonia do Sexto Exército. Cada dia extra que resistia dava-lhe mais tempo para recuar os dois exércitos no Cáucaso para uma linha defensiva. Hitler, embora por uma de suas grotescas distorções da lógica, poderia então dizer que fora correta a sua decisão de ordenar que Paulus mantivesse sua posição.

A loucura dos fatos parece ter-se tornado ligeiramente contagiosa. Max Plakolb, oficial da Luftwaffe encarregado dos operadores de rádio em Pitomnik, gravou várias mensagens estranhas de exortação que eles receberam dos próprios comandantes. Em 9 de janeiro, dia em que se proclamou o ultimato, Plakolb e outro membro de sua equipe receberam ordens para sair do *Kessel* por ar.

- Despedir-se daqueles que iam ficar para trás foi duro. Cada um escreveu uma carta para casa, que levamos conosco. - Mas como quase todo mundo que escapava do *Kessel* naquela época, ele teve a sensação de nascer de novo. - Por isso, aquele 9 de janeiro passou a ser meu segundo aniversário.

Os que foram embora, contudo, estavam fadados a sentir alguma forma de culpa de sobrevivente.

- Jamais voltamos a saber dos camaradas deixados para trás.

Todos os que tinham a oportunidade confiavam as últimas cartas, ou posses de pequeno valor, aos camaradas designados para um avião. O pianista comandante de batalhão da 16ª Divisão de Panzers adoecera, portanto o Dr.

Kurt Reuber convenceu-o a levar consigo a “Fortaleza Nossa Senhora”. Reuber também conseguiu acabar um último quadro para sua esposa porque a partida do oficial comandante foi adiada por um dia devido ao mau tempo. A última carta à mulher também foi junto. Não viu sentido algum em se esquivar da realidade do que enfrentavam.

- Mal resta alguma esperança terrena...

Passou-se algum tempo até os soldados perceberem que o correio entregue em 22 de dezembro na certa era o último que receberiam do mundo exterior. Remessas ocasionais chegaram depois, uma já em 18 de janeiro, mas a *Luftpost* regular na verdade cessara após 13 de janeiro, quando disseram aos soldados que eles tinham uma última possibilidade de escrever para casa. Muitos disseram em suas cartas que tinham tempo apenas para “escrever duas linhas”. Como observou um médico numa carta para o pai: “O estado de espírito aqui é muito contraditório. Alguns recebem a coisa muito mal, outros de maneira leve e composta. É um interessante estudo de personalidade.”

O principal contraste parece estar entre os que escreviam para impressionar a família com o simbolismo patriótico de sua morte próxima e os que escreviam por amor. Os últimos, ao contrário dos fervorosos nacionalistas, em geral começavam a carta com o máximo de delicadeza possível: “Talvez esta seja a última carta minha por um longo tempo.”

Um certo major von R. escreveu à esposa: “Você é sempre meu primeiro e último pensamento. Com certeza, não estou abandonando a esperança. Mas tudo é tão sério que não sei se nos veremos mais uma vez. Nossos homens conseguiram e estão conseguindo o impossível. Não devemos ser menos valentes que eles.”

A palavra “destino” parece ser quase a única compartilhada igualmente por todos. “Queridos pais”, escreveu um cabo. “O destino decidiu contra nós. Se vierem a receber a notícia de que caí pela Grandiosa Alemanha,

suportem-na com bravura. Como último legado, deixo minha esposa e filhos para o amor de vocês.”

De maneira presunçosa, os devotadíssimos ao regime concentravam-se muito mais na honra nacional e na grande luta do que em despedidas familiares. Escreviam sobre a “batalha fatídica da nação alemã”, embora continuassem a afirmar que “nossas armas e liderança ainda são as melhores do mundo”. Na tentativa de extrair um sentido da grotesca tragédia, animavam-se com a ideia de que as gerações futuras os veriam como os defensores da Europa contra o bolchevismo asiático. “Esta é uma luta heroica, do tipo que o mundo jamais experimentou em frio tão intenso”, escreveu um sargento. “Os heróis alemães garantem o futuro da Alemanha.”

Essas cartas jamais foram entregues. O capitão conde von Zedwitz, chefe da censura do correio de campanha do Quarto Exército de Panzers, recebera a incumbência de examinar as cartas do *Kessel* de Stalingrado para informar sobre o moral e os sentimentos em relação ao regime. Embora esses relatórios fossem atenuados para evitar parecerem derrotistas, consta que Goebbels deu ordem para que se apreendesse e por fim destruísse essa última coletânea de correspondência. As citações acima vêm de uma amostragem aparentemente copiada por Heinz Schröter, oficial subalterno antes vinculado à companhia de propaganda do Sexto Exército, que fora incumbido pelo Ministério da Propaganda a escrever uma versão épica da batalha.¹

Outras cartas já haviam sido interceptadas de uma forma muito diferente. “Soubemos que em 1º de janeiro um avião de transporte alemão fora abatido sobre nossas posições. Cerca de 1,2 mil cartas foram descobertas nos destroços”, relatou o general Voronov.

No quartel-general da Frente do Don, o departamento dirigido pelo capitão Zabashtanski e o capitão Diatlenko puseram mãos à obra com todo intérprete disponível, além

de todos os alemães “antifascistas”, nas malas postais durante três dias. Incluía cartas em forma de diários do general Edler von Daniels à esposa. Segundo Voronov e Diatlenko, a última carta, de 30 de dezembro, revelou muito sobre as fracas defesas da 376ª Divisão de Infantaria no flanco Sudoeste, que batiam com o que os interrogadores do NKVD haviam conseguido descobrir dos prisioneiros.

Até começar a ofensiva final soviética em 10 de janeiro, a principal preocupação do Sexto Exército ainda era a mesma. “O Inimigo nº 1 é e sempre será a fome!”, escreveu um médico. “Meus queridos pais”, escreveu pateticamente um cabo para casa, “se for possível, me mandem alguma comida. Sinto tanta vergonha por escrever isto, mas a fome é grande demais.”

Os soldados alemães passaram a correr grandes riscos, aventurando-se pela terra de ninguém adentro para vasculhar os cadáveres de soldados russos à procura de uma casca de pão ou um saco de ervilhas secas, que depois ferviam na água. A maior esperança deles era encontrar um rolinho de papel contendo sal, pelo qual ansiava seu corpo.

As dores causadas pela fome dos soldados alemães no *Kessel* de Stalingrado eram de fato terríveis, mas outros sofriam muito mais. Os 3,5 mil prisioneiros de guerra russos nos campos em Voroionovo e Gumrak morriam a um índice que se acelerava rápido. Vários oficiais alemães ficaram profundamente chocados ao descobrir em janeiro que esses prisioneiros se haviam reduzido ao canibalismo, e fizeram relatórios verbais. Quando as tropas russas chegaram aos campos no final de janeiro, as autoridades soviéticas afirmaram que restavam apenas vinte homens vivos dos 3,5 mil originais.

O espetáculo que acolheu os soldados russos – a julgar pelo filme rodado por câmeras de cinejornais que se precipitaram para o local – era pelo menos tão ruim quanto

aqueles vistos quando os primeiros campos de extermínio nazistas foram alcançados. Em Gumrak, Erich Weinart descreveu a cena:

- Numa vala, encontramos uma enorme pilha de cadáveres de prisioneiros russos, quase sem roupas, magros como esqueletos.

As cenas, em particular as do “Kriegsgefangen-Revier”, filmadas em Voroponovo, talvez tenham contribuído muito para endurecer os corações do Exército Vermelho em relação aos novos derrotados.

Muitos dos milhares de Hiwis ainda vinculados às divisões alemãs também morriam de fome. Girgensohn, após realizar uma autópsia num cadáver, disse ao oficial alemão encarregado que aquele Hiwi em particular na verdade morrera de fome. O diagnóstico “deixou-o completamente estarecido”. Ele afirmou que os Hiwis recebiam as mesmas rações que os soldados alemães.

Muitos foram bem tratados por oficiais alemães, e há numerosos relatos demonstrando confiança mútua durante a última batalha. Mas àquela altura os russos em uniforme alemão sabiam que estavam condenados. Não havia lugar para eles no avião de partida, e os exércitos soviéticos do cerco eram acompanhados por tropas do NKVD esperando para cuidar deles.

21

“Rendição fora de questão”

O *front* na estepe estivera relativamente quieto durante a primeira semana de janeiro. Na maior parte do tempo, pouco se ouvia além do som surdo do fuzil de um franco-atirador, a explosão ocasional do fogo de metralhadoras e o distante assobio à noite de um foguete de sinalização: ao todo, o que

um tenente chamou de “a melodia habitual do *front*”. Após a transmissão pelo rádio e os lançamentos de panfletos em 9 de janeiro, os soldados alemães sabiam que era iminente a ofensiva final. Os sentinelas, tremendo incontrolavelmente de frio, tinham um motivo ainda mais forte para ficar acordados.

Um soldado observou para o capelão em uma de suas rondas pouco antes da ofensiva: “Só um pouquinho mais de pão, *Herr Pfarrer*, depois, seja o que for.” Mas a ração de pão acabara de ser reduzida a 75 gramas. Todos sabiam que iam ter de enfrentar a semana do violento ataque russo com fome, doença e pouca munição, embora não entendessem inteiramente o motivo.

Havia ao mesmo tempo o fatalismo – “falava-se de morte como de um café da manhã” – e a vontade de acreditar. Os soldados rasos acreditavam nas histórias do corpo de Panzers da SS e reforços desembarcando por ar. Na 297ª Divisão de Infantaria, os soldados continuavam sendo convencidos de “que a força de ajuda já chegara a Kalach (...) as divisões *Grossdeutschland* e *Leibstandarte*”. Uma explosão de projétil vista em direção ao oeste era no mesmo instante interpretado como um sinal dela. Mesmo os oficiais subalternos eram mal informados por seus superiores, como disse um tenente a seu interrogador do NKVD. Até a primeira semana de janeiro, o comandante da 371ª Divisão de Infantaria continuava dizendo-lhe:

– A ajuda está próxima.

O choque foi grande quando eles souberam “por fontes informais” (possivelmente pessoal da Luftwaffe) do fracasso da tentativa de resgatá-los e da retirada para oeste do Grupo do Exército do Don.

Por outro lado, o NKVD também logo ficou chocado ao descobrir o número de russos que agora combatiam pelos alemães na linha de frente em Stalingrado, não apenas trabalhando como Hiwis desarmados. Os relatos alemães sem dúvida parecem indicar que uma considerável

proporção dos Hiwis vinculada às divisões do Sexto Exército no *Kessel* lutava agora na linha de frente. Muitos oficiais testemunharam sua competência e lealdade.

- Especialmente valentes eram os tártaros - disse um oficial no distrito industrial de Stalingrado. - Como artilheiros antitanque, usando uma arma russa capturada, orgulhavam-se de cada tanque soviético que acertavam. Esses sujeitos eram fantásticos.

O grupo de batalha do tenente-coronel Mäder, baseado em dois regimentos de granadeiros da 297ª Divisão de Infantaria no ponto extremo Sul do *Kessel*, continha não menos que 780 “russos dispostos a combater”, quase a metade de seu efetivo. Foram-lhes incumbidos papéis-chave. A companhia de metralhadoras tinha 12 ucranianos, “que se conduziam realmente muito bem”. Seu pior problema, fora a falta de comida, era a escassez de munição. As nove peças de campanha do grupo de combate haviam sido racionadas para uma média de uma bomba e meia por canhão por dia.

A Operação Koltso, ou “Círculo”, começou no início de domingo, 10 de janeiro. Rokossovski e Voronov estavam no quartel-general do 65º Exército quando se deu a ordem de “Disparar!” pelo rádio às 6h05 da manhã, horário alemão. Os canhões rugiram, saltando nas conteiras. Os foguetes *Katiusha* silvavam no céu, deixando densas trilhas de fumaça. As 7 mil peças de campanha, lançadores e morteiros continuaram durante 55 minutos no que Voronov descreveu como “um incessante estrondo de trovão”.

Fontes negras surgiram em toda parte da estepe coberta de neve, obliterando a cena branca. O bombardeiro foi tão intenso que o coronel Ignatov, comandante de artilharia, observou com sinistra satisfação: “Só há duas maneiras de escapar a um ataque violento desse porte: morte ou insanidade.” Na tentativa de mostrar-se despreocupado, o general Edler von Daniels descreveu-o como um “domingo

muito turbulento” numa carta à esposa. O regimento de granadeiros da sua divisão na linha de frente não se achava com humor algum para frivolidade, vendo-se extremamente vulnerável nas suas posições preparadas às pressas. “As reservas de munição inimiga”, escreveu o comandante, “eram tão imensas que jamais tínhamos sofrido alguma coisa semelhante àquilo.”

A protuberância Sudoeste do *Kessel*, o “nariz de Marinovka”, defendida pelas divisões de infantaria 44^ª, 29^ª Motorizada e Terceiro Motorizada, foi reforçada no último momento por parte da 376^a. Todo regimento ficou sob desesperada tensão. A 44^a Divisão de Infantaria teve de ser reforçada com homens da artilharia e até mesmo pessoal dos batalhões de construção. Vários tanques e armas pesadas foram distribuídos ao setor. Logo atrás da posição do batalhão de sapadores havia dois canhões autopropulsores e um 88mm de fogo antiaéreo. Mas no bombardeio, os sapadores viram seu próprio quartel-general despedaçado por explosões. “Ninguém saiu”, escreveu um deles. “Durante uma hora, dispararam centenas de peças de campanha de vários calibres e os órgãos de Stalin”, escreveu um tenente na mesma divisão. “A casamata balançou sem parar sob o bombardeamento. Depois, os bolchevistas atacaram em massas aterrorizantes. Três ondas de homens avançaram, sem hesitar, conduzindo bandeiras vermelhas no alto. Entre cada 50 a 100 metros, via-se um tanque.”

Os *Landers*, com os dedos tão inchados de queimadura pelo frio que mal se encaixavam na guarda do gatilho, atiravam das trincheiras individuais rasas nos atiradores que avançavam pelos campos cobertos de neve com baionetas de longo espigão, caladas. Os T-34, alguns transportando infantaria como micos nas costas de elefantes, chegavam aos ziguezagues pela estepe. As rajadas de ventos fortes que atravessavam a roupa haviam varrido a neve, expondo o topo da grama descolorida da estepe. Bombas de morteiro ricocheteavam da terra congelada e explodiam acima do

solo, provocando muito mais baixas. As defesas da 44ª divisão de Infantaria logo foram esmagadas, e os sobreviventes, uma vez no descampado, entregues à misericórdia do inimigo, assim como das intempéries.

Durante a tarde, as 29ª e Terceira Divisões de Infantaria Motorizada, na principal protuberância da vanguarda, começaram a ver-se flanqueadas. Na Terceira Divisão de Infantaria Motorizada, os soldados de substituição ficaram apáticos. “Alguns estavam tão exaustos e doentes”, escreveu um oficial, “e pensando apenas em mover-se de mansinho para a retaguarda à noite, que só consegui mantê-los em suas posições à ponta de pistola.” Outros relatos sugerem que se fizeram muitas execuções sumárias nessa última fase, mas não existem registros disponíveis.

A companhia improvisada do subtenente Wallrawe, com granadeiros Panzer, tropas da Luftwaffe e “cossacos”, resistiu até as 11 horas na primeira noite, quando recebeu ordem de retirar-se porque o inimigo os atravessara. Conseguiram ocupar uma posição acima da estação de Karpovka, mas logo foram mais uma vez rechaçados. “Desse dia em diante, nunca mais tivemos casamata aquecida, nem comida quente, nem qualquer paz!”, escreveu Wallrawe.

Essas enfraquecidas divisões, com pouca munição, não tinham a menor chance contra os ataques em massa dos 21º e 65º Exércitos soviéticos, apoiados por ataques de aviões do 16º Exército Aéreo. Os alemães haviam fortificado Marinovka e Karpovka, no lado Sul do nariz, com casamatas subterrâneas para metralhadoras e plataformas para peças de artilharia, mas isso de quase nada serviu com as principais investidas vindo da ponte do nariz. As tentativas alemãs de contra-atacar com restos de seus grupos de tanques ainda em ação e enfraquecida infantaria estavam condenadas à destruição. Os russos usaram fogo de morteiro pesado para separar a infantaria dos tanques, eliminando depois os sobreviventes no descampado. O departamento político da Frente do Don martelava com afinco o slogan:

- Se o inimigo não se render, deve ser destruído!

Ao mesmo tempo que o 65º e o 21º Exércitos atacavam o “nariz de Marinovka” naquele primeiro dia, o 66º Exército atacava a 16ª Divisão de Panzers e a 60ª Divisão de Infantaria Motorizada no ponto extremo Norte, onde as colinas onduladas ficaram manchadas de uma cor amarela enegrecida e desnudadas pelo incêndio causado por morteiros das trincheiras soviéticas. Os tanques restantes do Segundo Regimento de Panzers de novo acertaram seguidamente o alvo contra as ondas de T-34 atacando no descampado e forçaram os sobreviventes a recuar.

Enquanto isso, no setor Sul, o 64º Exército começou a bombardear a 297ª Divisão de Infantaria e o 82º Regimento romeno a ela vinculado. Logo após o início do bombardeio, o coronel Mäder recebeu um telefonema de um oficial do estado-maior divisional:

- Aqueles porcos dos romenos fugiram.

O batalhão mais afastado se retirara, deixando um buraco de 800 metros no flanco do seu grupo de batalha. Os russos, localizando a oportunidade, enviaram tanques para lá e abriram à força uma profunda brecha na linha. A posição de toda a divisão ficou em perigo, mas seu batalhão de sapadores, liderado pelo major Götzelmann, conseguiu, num contra-ataque suicida, preencher a lacuna durante algum tempo.

Essa divisão parcialmente austríaca, que não sofrera como as que se retiraram pelo Don, conseguiu manter uma defesa consistente. Ao longo dos dois dias seguintes, continuou a repelir a 36ª Divisão da Guarda de Fuzileiros, a 422ª Divisão de Fuzileiros, duas brigadas da infantaria da marinha e parte do 13º Corpo de Tanques. Quando um soldado “com convicções prévias” tentou desertar para os russos, foi fuzilado pelos companheiros antes de chegar às linhas inimigas. Contudo, passados alguns dias, após intensas tentativas de propaganda, mais de quarenta desertaram para o outro lado.

O principal esforço soviético concentrou-se no avanço pelo oeste. Próximo ao final da segunda manhã, 11 de janeiro, Marinovka e Karpovka foram capturadas. Os vitoriosos contaram 1,6 mil cadáveres alemães.

Assim que terminou o combate, surgiram camponesas do nada e correram para as trincheiras alemãs à procura de cobertores — para suas próprias necessidades ou como moeda de troca. Erich Weinart, que acompanhava as tropas avançando, viu soldados russos jogando fora o conteúdo das carrocerias de caminhões capturados num quartel-general para usarem os veículos. “Karpovka parece um enorme bazar de caridade de objetos usados”, escreveu. Mas em meio ao caos de material militar abandonado e destruído, Weinart também viu os resultados do terrível bombardeio de abertura. “Os mortos estendem-se grotescamente retorcidos, a boca e os olhos ainda arregalados de horror, congelados, os crânios abertos e as vísceras lançadas para fora, a maioria deles com ataduras nas mãos e pés, ainda encharcadas de unguento amarelo para queimadura de frio.”

A resistência do Sexto Exército, quando se leva em consideração sua fraqueza física e material, foi espantosa. A medida mais reveladora está nas baixas que infligiu durante os três primeiros dias. A Frente do Don perdeu 26 mil homens e mais da metade de sua força de tanques. Os comandantes soviéticos fizeram poucas tentativas de reduzir as baixas. Seus homens ofereciam alvos fáceis avançando na linha ampliada. Torrões marrons de mortos russos juncavam a estepe coberta de neve. (Os uniformes de camuflagem brancos eram reservados sobretudo às companhias de reconhecimento e aos franco-atiradores.) A raiva dos soldados e oficiais russos era descarregada em seus prisioneiros alemães, esqueléticos e infestados de piolhos. Alguns eram fuzilados ali mesmo. Outros morriam quando eram conduzidos marchando em pequenas colunas, e os soldados soviéticos pulverizavam-nos com fogo de metralhadora. Num caso, o comandante ferido de uma

companhia *shtraf* obrigou um oficial alemão a ajoelhar-se diante dele na neve, gritou os motivos pelos quais ele queria vingança e deu-lhe um tiro.

Durante as primeiras horas de 12 de janeiro, os 65º e 21º Exércitos soviéticos chegaram à margem ocidental do congelado rio Rossoshka, fechando assim aquela ponta. As tropas que se retiraram, ainda pretendendo lutar, tinham levado à força de braço seus canhões antitanque consigo. Em alguns casos, os prisioneiros russos foram mais uma vez usados como animais de carga e trabalharam até morrer. Fazia tanto frio e o terreno estava tão congelado, anotou o general Strecker, que “em vez de cavar trincheiras, nossos soldados construíram bancos e casamatas de neve”. Os granadeiros Panzer da 14ª Divisão de Panzers “resistiram bravamente, embora não tivessem quase mais nenhuma munição, no descampado da estepe congelada”.

Poucos membros do Sexto Exército sentiram-se com ânimo para comemorar o 50º aniversário de Goering naquele dia. A escassez de combustível e munição era catastrófica. O quartel-general do Sexto Exército não exagerou em seu comunicado por sinal ao general Zeitzler na manhã seguinte: “Munições chegando ao fim.” Quando o grupo misturado de Wallrawe, que ocupava as antigas posições russas cavadas no verão anterior, enfrentou outro ataque de vulto na manhã seguinte, “só pôde abrir fogo muito de perto, por causa da falta de munição”.

A falta de combustível nessa retirada dificultou mais que nunca o resgate dos feridos. Os pacientes incapacitados que haviam sido empilhados em caminhões, a essa altura encalhados por falta de combustível, simplesmente morreram congelados no descampado. Os “soldados de cara azul e preta” que chegaram a Pitomnik ficaram chocados com a cena. “O campo de aviação”, observou um jovem oficial, “virou um caos: pilhas de cadáveres, que os homens haviam retirado das casamatas e barracas que abrigavam os

feridos e jogado fora; ataques russos; bombardeios; aviões de transporte Junkers aterrissando.”

Os soldados com ferimentos leves e os que se fingiam de doentes, surgindo como uma horda de mendigos em trapos, tentavam precipitar-se para as aeronaves quando pousavam, na esperança de embarcar. A carga desembarcada era jogada de lado ou pilhada na procura por comida. Os mais debilitados dessas hordas eram pisoteados com força. A Feldgendarmerie, logo perdendo o controle da situação, abriu fogo em numerosas ocasiões. Muitos dos feridos graves, com passes de partida autênticos, duvidaram de que algum dia escapariam daquele inferno.

O subtenente Wallrawe, enquanto isso, recebera um tiro no estômago. No *Kessel*, isso em geral era uma sentença de morte, mas ele se salvou por sua própria determinação. Dois dos seus cabos transportaram-no de volta de suas posições e o puseram num caminhão com outros feridos. O motorista seguiu direto para o campo de aviação de Pitomnik. Faltando pouco mais de 3 quilômetros para percorrer, ficaram sem combustível. O motorista recebera ordens de destruir o veículo nessas circunstâncias. Não podia fazer nada pelos feridos, que foram “abandonados ao seu destino”. Wallrawe, apesar da intensa dor do ferimento, sabia que ia morrer se não chegasse a um avião. “Tive de rastejar o resto do caminho até o campo de aviação. Àquela altura, a noite caíra. Numa imensa barraca, recebi alguma ajuda médica. Bombas de um ataque aéreo repentino caíram entre as barracas do hospital, destruindo muitas delas.” No caos que se seguiu, Wallrawe conseguiu chegar sozinho a um “Ju” de partida, às 3 horas da manhã.

Em Pitomnik, uma coincidência fortuita às vezes salvava a vida de um homem, enquanto centenas de outros eram deixados para morrer na neve. Alois Dorner, artilheiro da 44ª Divisão de Infantaria, que fora ferido na mão e na coxa esquerdas por estilhaços de granada, ficou horrorizado com as cenas em Pitomnik. “Ali estava a maior desgraça que eu

já tinha visto em toda a minha vida. Um gemido infindável de feridos e homens morrendo... a maioria não recebera nada para comer durante dias. Não se distribuía mais comida aos feridos. Os suprimentos eram reservados às tropas combatentes.” (É difícil dizer em que medida essa era a política oficial. Os oficiais superiores do quartel-general negaram isso com veemência, mas os subalternos parecem tê-la instituído por autoridade própria.) Dorner, que não comera desde 9 de janeiro, também esperava morrer, quando, na noite de 13 de janeiro, o piloto austríaco de Heinkel 111 passou por ali e por acaso perguntou-lhe de onde ele vinha.

- Sou de perto de Amstetten - respondeu ele.

O compatriota chamou outro membro da tripulação, e juntos levaram Donner para o avião.

No flanco Norte, as Divisões de Infantaria 16^º de Panzers e 60^º de Infantaria Motorizada haviam sido surradas e repelidas para trás, deixando um rombo naquele setor, enquanto em Stalingrado o 62^º Exército de Chuikov atacava ao mesmo tempo a 100^a Divisão Jäger e a 305^a Divisão de Infantaria Motorizada, retomando vários quarteirões. Nesse meio tempo, o principal avanço soviético que partira do oeste continuou penetrando com esforço pela neve, esmagando o lado ocidental do *Kessel*. A 29^a Divisão de Infantaria Motorizada na verdade foi destruída. Uma falta de combustível obrigou a Terceira Divisão de Infantaria Motorizada a abandonar seus veículos e armas pesadas e retirar-se a pé pela neve espessa. Havia pouca esperança de estabelecer uma nova linha de defesa na estepe aberta quando os soldados não tinham força para se entrincheirar.

O 21^º e 65^º Exércitos soviéticos lançaram-se para Pitomnik, ajudados pelas rupturas dos cinturões de defesa dos 57^º e 64^º Exércitos no flanco Sul, onde a 297^a Divisão de Infantaria, incluindo o grupo de combate de Mäder, foi

obrigada a retroceder. Sua vizinha à direita, a 376ª Divisão de Infantaria de Edler von Daniel, foi isolada. No início da tarde de 14 de janeiro, o quartel-general do Sexto Exército comunicou por sinal: “Destruída a 376ª Divisão de Infantaria. É provável que o campo de aviação de Pitomnik só seja utilizável até 15 de janeiro.”

As notícias dos ataques de tanques soviéticos agora causavam “fobia a tanques” nas fileiras alemãs. Quase não havia mais canhões antitanque com munição. Ninguém teve tempo de refletir sobre como haviam desprezado os romenos pela reação semelhante dois meses antes.

Nesse estágio um tanto tardio na batalha, Hitler decidiu que se deveria dar mais ajuda ao Sexto Exército para resistir. Suas motivações com quase toda certeza eram contraditórias. Talvez tenha ficado sinceramente chocado ao descobrir pelo capitão Behr como era pequena a ajuda que chegava até eles, mas também queria garantir que Paulus não tivesse nenhuma desculpa para render-se. Sua solução – uma jogada típica que desencadeou grande atividade para pouco resultado tangível – foi estabelecer um “estado-maior especial” sob o comando do marechal de campo Erhard Milch para supervisionar a operação de abastecimento aéreo. Um membro do estado-maior de Milch descreveu esse movimento tardio como um “pretexto de Hitler para poder dizer que tentara de tudo para salvar os soldados do *Kessel*”.

Albert Speer acompanhou Milch até o campo de aviação em sua partida para assumir a nova função. Milch prometeu tentar encontrar o irmão de Speer e tirá-lo do *Kessel* por avião, mas nem Ernst Speer, e tampouco os remanescentes de sua unidade, poderiam ser encontrados. Havia todos sumido, “desaparecidos e presumivelmente mortos”. O único vestígio dele, lembrou Speer, foi uma carta que saiu por ar: “desesperado com a vida, furioso com a morte e ressentido comigo, seu irmão.”

Milch e seu estado-maior chegaram a Taganrog achando que poderiam realizar grandes coisas, mas um oficial superior de transporte da Luftwaffe escreveu: “Uma olhada na verdadeira situação bastou para convencê-los de que nada mais poderia ser feito com os inadequados recursos existentes.”

A manhã de 15 de janeiro, seu primeiro dia de trabalho, não assinalou um início encorajador. Milch recebeu um telefonema do Führer exigindo que se intensificasse a rota aérea. Como para acentuar seus esforços, Hitler naquele dia condecorara Paulus com as Folhas de Carvalho para sua Cruz de Cavaleiro. Na hora do almoço, Goering ligou para Milch, proibindo-lhe que viajasse de avião para o *Kessel*. Fiebig depois comunicou que Pitomnik caíra para os russos (nisso, foi ligeiramente prematuro) e que ainda não se haviam instalado faróis de rádio em Gumrak, o que significava que não se devia despachar transporte aéreo.

Os Messerschmitt 109 restantes decolaram de Pitomnik logo depois do raiar do dia na manhã seguinte, quando avistaram os russos avançando. Aqueles que se desviaram para o campo de aviação de Gumrak aterrissaram e encontraram espessa neve, que não fora retirada. Ao meio-dia, Gumrak também caiu sob intenso bombardeio de artilharia, e os Messerschmitt e Stukas ali decolaram saindo do *Kessel* pela última vez sob as ordens de Richthofen. Paulus protestou em vão.

Naquele dia, um batalhão da 295ª Divisão de Infantaria rendeu-se em bloco. O panfleto de Voronov prometendo tratamento correto aos prisioneiros parece ter exercido alguma influência.

- Não tinha o menor sentido fugir - disse o comandante de batalhão durante seu interrogatório pelo capitão Diatlenko. - Eu disse aos meus homens que nos entregaríamos a fim de salvar vidas. - Esse capitão, que era professor de inglês, acrescentou: - Sinto-me muito mal porque este é o primeiro caso de todo um batalhão de soldados alemães se rendendo.

Outro comandante de batalhão, da 305ª Divisão de Infantaria, que se rendeu mais tarde em Stalingrado, falou das “condições insuportáveis no seu batalhão”:

- Eu não podia ajudar meus homens e evitava me encontrar com eles. Por toda parte em nosso regimento, eu ouvia os soldados falarem do sofrimento pelo frio e pela fome. Todo dia nosso oficial médico recebia dezenas de baixas por queimaduras pelo frio. Como a situação era tão catastrófica, julguei que a melhor saída era entregar o batalhão.

O campo de aviação de Pitomnik e seu hospital de campanha foram abandonados com grande sofrimento. Os que não podiam ser transferidos foram deixados para trás aos cuidados de um médico e pelo menos um enfermeiro, a prática padrão numa retirada. O resto dos feridos capengas rastejava ou era arrastado em trenós ao longo da estrada esburacada de gelo duro como aço, que percorria quase 13 quilômetros até Gumrak. Os poucos caminhões restantes com algum combustível eram frequentemente tomados de assalto, mesmo quando já estavam cheios de feridos. Um capitão da Luftwaffe comunicou as condições ao longo da estrada em 16 de janeiro, dia em que Pitomnik caiu: “Tráfego intenso num único sentido, consistindo em soldados se retirando, que parecem completos mendigos. Pés e mãos enrolados em tiras de manta.” À tarde, comunicou “um considerável aumento de desgarrados de vários exércitos que supostamente haviam perdido contato com suas unidades, implorando comida e abrigo”.

Às vezes, o céu desanuviava-se totalmente, e o sol na neve era cegante. Com o cair da noite, as sombras ficavam azul-aço, embora o sol no horizonte parecesse um tomate vermelho. O estado de quase todos os soldados, não apenas dos feridos, era terrível. Claudicavam com pés queimados de frio, os lábios rachados de queimadura pelo frio, as faces

com um tom de cera, como se a vida já lhes esvaísse. Os homens exaustos caíam na neve e jamais voltavam a levantar-se. Os necessitados de mais roupas despiam os cadáveres logo que podiam depois do momento da morte, pois, uma vez congelado, era impossível despir um cadáver.

As divisões soviéticas seguiam-nos pouco atrás. “Faz um frio muito intenso, gravíssimo”, comentou Grossman, enquanto acompanhava as tropas avançando. “A neve e o ar congelam nossas narinas. Os dentes doem. Há alemães congelados, os corpos intatos, ao longo da estrada por onde seguimos. Não fomos nós que os matamos. Foi o frio. Têm péssimas botas e casacos. As túnicas são finas e parecem papel (...) Veem-se suas pegadas por toda a neve. Elas nos dizem que os alemães se retiraram das aldeias pelas estradas, e das estradas entraram nas ravinas, jogando fora as armas.” Erich Weinart, com outra unidade, observou corvos sobrevoando em círculos, depois pousando, para extrair os olhos de cadáveres.

A certa altura, ao se aproximarem de Pitomnik, os oficiais soviéticos começaram a conferir seus ângulos de direção, porque adiante, ao longe, haviam avistado o que parecia ser uma cidadezinha na estepe, embora não houvesse nenhuma assinalada nos mapas. Quando chegaram perto, viram que se tratava de um imenso cemitério de ferro-velho, com Panzers, caminhões atingidos por projéteis, aviões destroçados, motores de carro, canhões de assalto, meias-lagartas, tratores de artilharia e quase todo outro artigo concebível de equipamento. A maior satisfação para os soldados russos veio ao verem aeronaves abandonadas e atingidas perto do campo de aviação em Pitomnik, sobretudo os gigantescos Focke-Wulf Condor. O avanço deles rumo a leste para Stalingrado provocava constantes piadas de que se encontravam “na retaguarda dos russos”.

Durante esse estágio da retirada, as esperanças alemãs de divisões de Panzers da SS e reforços a desembarcar por ar acabaram se extinguindo para a maioria dos homens. Os oficiais sabiam que o Sexto Exército estava de fato condenado. “Vários comandantes”, relatou um médico, “vinham a nós e imploravam um veneno para se suicidar.” Os médicos também se sentiram tentados a deixar tudo, mas, assim que analisavam a situação com mais cuidado, sabiam que seu dever era ficar com os feridos. Dos 600 médicos do Sexto Exército, nenhum em condições de trabalhar fugiu.

As estações de evacuação das vítimas nessa época eram tão superpovoadas que os pacientes dividiam camas. Muitas vezes, quando um ferido grave era levado para ali por camaradas, um médico mandava-os embora com um aceno, pois já tinha casos demais sem esperança. “Diante de tanto sofrimento”, relatou um sargento da Luftwaffe, “tantos homens em tormento, tantos mortos e convencidos de que não havia possibilidade de ajuda, levamos embora conosco nosso tenente, sem uma palavra. Ninguém sabe o nome de todos esses infelizes que, aconchegados juntos no chão, esvaindo-se em sangue até a morte, muitos sem um braço ou uma perna, acabaram morrendo porque não havia ajuda alguma.”

A falta de gesso significava que os médicos tinham de envolver os membros dilacerados com papel. “Os casos de choque pós-operatório subiam às alturas”, relatou um cirurgião. “Os de difteria também aumentavam muito. O pior era o alastramento de piolhos nos feridos. Na mesa de operação, tínhamos de raspar piolhos dos uniformes e da pele com uma espátula e atirá-los no fogo. Também tínhamos de retirá-los das pestanas e barbas, onde se apinhavam como cachos de uva.”

O “hospital” de Gumrak era ainda pior que em Pitomnik, em grande parte porque foi submergido pelo influxo. “Era um inferno”, contou um oficial ferido que se retirara de

Karpovka. “Os cadáveres se estendiam ao lado da estrada, onde os homens haviam caído e morrido. Ninguém se importava mais. Não havia ataduras. O campo de aviação estava sob bombardeio, e quarenta homens amontoavam-se numa casamata cavada para dez, que sacudia com cada explosão.”

O capelão católico no hospital era chamado de “Rei dos mortos de Gumrak”, porque vinha dando extrema-unção a mais de 200 homens por dia. Os capelães, após cerrar os olhos dos mortos, arrancavam a metade inferior do disco de identidade como prova oficial da morte. Logo se viram com os bolsos pesados.

Os médicos próximos também trabalhavam nas “ravinas da morte”, com os feridos deitados nos túneis cavados no lado de fora para cavalos. Segundo um médico, o lugar, com seu cemitério logo acima, era o Gólgota. Esse posto de socorro central e centro para ferimentos cranianos teve de ser abandonado, com os feridos mais graves deixados para trás. Quando os russos chegaram alguns dias depois, metralharam a maioria dos vultos envoltos em ataduras. Ranke, um intérprete divisional, vítima de um ferimento na cabeça, levantou-se e gritou-lhes em russo. Estarrecidos, os soldados pararam de atirar e levaram-no ao seu comissário que, por sua vez, o enviou para trás dos alemães que se retiravam, a fim de pedir rendição.

Se os soldados russos estavam com espírito de vingança, os cadáveres congelados de prisioneiros do Exército Vermelho no campo próximo proporcionavam muita motivação para disparar sua raiva. Os sobreviventes achavam-se tão famintos que quando os salvadores lhes davam pão e salsicha das suas rações, a maioria morria imediatamente.

O Kessel teria desabado com muito mais rapidez se alguns homens não houvessem conservado um núcleo irresistível

de crença na causa pela qual combatiam. Um sargento da Nona Divisão de Fogo Antiaéreo da Luftwaffe escreveu para casa: “Estou orgulhoso de me incluir entre os defensores de Stalingrado. Aconteça o que acontecer, quando chegar minha hora de morrer, sentirei a satisfação de ter participado do ponto mais oriental da grande batalha defensiva no Volga pela minha pátria e de ter dado a minha vida pelo nosso Führer e pela liberdade de nossa nação.” Mesmo naquele estágio tardio, a maioria das unidades combatentes continuou demonstrando obstinada resistência, e houve exemplos de admirável coragem. O general Jaenecke comunicou que “um ataque de 28 tanques russos perto da estação de Bassigno foi detido apenas por um certo tenente Hirschmann que, operando um canhão de defesa antiaérea, destruiu sozinho 15 T-34s”. Nesse estágio final da batalha, a liderança mais que nunca fazia diferença. A apatia e a pena de si mesmo eram os piores perigos para a ordem militar e a sobrevivência pessoal.

Nos setores cujas defesas ainda não haviam sido rompidas, os homens famintos estavam exaustos demais para sair da casamata e esconder as lágrimas dos camaradas. “Penso em você e em nosso filhinho”, escreveu um soldado alemão desconhecido numa carta que nunca chegou à esposa. “Só o que me restou foi pensar em vocês. Tudo mais me é indiferente. Pensar em vocês me parte o coração.” Nas trincheiras de combate, os homens sentiam tanto frio e fome que seus movimentos descoordenados, lentos, faziam-nos parecer drogados. Mas um bom sargento mantinha-os sob controle, cuidando para que os fuzis continuassem limpos e as granadas estocadas em buracos perto.

Em 16 de janeiro, logo após a captura de Pitomnik, o quartel-general do Sexto Exército enviou um comunicado por sinal,

queixando-se de que a Luftwaffe estava lançando suprimentos apenas com paraquedas.

- Por que não desembarcaram nenhum suprimento por avião em Gumrak?

Fiebig respondeu que as luzes de aterrissagem e os controles do terreno por rádio não funcionavam mais. Paulus parecia desconhecer o caos no campo de aviação. Os grupos de descarregamento eram terrivelmente desorganizados e os homens estavam fracos demais para trabalhar direito - “completamente apáticos” - na opinião da Luftwaffe.

A disciplina ruíra entre os soldados com ferimentos leves, os desgarrados e os desertores atraídos para o campo de aviação e sua promessa de salvação. Os “cães de coleira” da Feldgendarmarie começavam a perder o controle sobre as multidões de soldados famintos, desesperados para sair. Segundo relatórios da Luftwaffe, muitos eram romenos.

Em 17 de janeiro, o Sexto Exército fora obrigado a recuar na metade oriental do *Kessel*. Houve relativamente menos combates nos quatro dias seguintes, enquanto Rokossovski deslocava seus exércitos para a investida final. Embora a maioria dos regimentos alemães no *front* cumprisse ordens, acelerou-se a desintegração na retaguarda. O oficial chefe do departamento de intendência comunicou que “o Exército não está mais em condições de abastecer suas tropas”. Praticamente todos os cavalos já haviam sido comidos. Quase não restara mais pão - congelado como pedra, era chamado de “*Eisbrot*”. Mas havia depósitos cheios de comida, retidos por oficiais de intendência com excesso de zelo, que foram depois capturados intatos pelos russos. Talvez fosse inevitável que alguns com autoridade explorassem suas posições. Um médico descreveu depois que um dos seus superiores, na frente dele, “alimentava o cão com pão coberto de manteiga, quando não havia um único grama disponível para os homens na sala de primeiros-socorros”.

Paulus, convencido de que o fim da guerra estava próximo, enviara um comunicado por sinal ao general Zeitzler recomendando que se devia permitir às unidades, ainda em condições de combater, romper o cerco e dirigir-se para o sul, porque ficar no *Kessel* significava prisão ou morte por fome e frio. Embora não se houvesse recebido nenhuma resposta imediata de Zeitzler, transmitiram-se ordens preparatórias. Na noite seguinte, 17 de janeiro, um oficial do estado-maior da 371ª Divisão de Infantaria disse ao coronel Mäder que “ao sinal da palavra-código ‘leão’ o *Kessel* em massa sairia combatendo por todos os lados. Os comandantes do regimento deveriam reunir grupos de combate de cerca de duzentos dos seus melhores homens, informar ao resto da linha de marcha e romper o cerco”.

Muitos oficiais já haviam começado a “examinar meios de escapar ao cativeiro russo, que parecia pior que a morte”. Freytag-Loringhoven, na 16ª Divisão de Panzers, teve a ideia de usar alguns dos jipes norte-americanos capturados dos russos. Seu plano era pegar uniformes do Exército Vermelho e alguns dos seus Hiwis muito confiáveis, que queriam escapar à vingança do NKVD, numa tentativa de atravessar as linhas inimigas sem serem percebidos. A ideia se espalhou até o estado-maior da divisão, incluindo o comandante, general Angern. Mesmo o comandante do corpo, general Strecker, ficou brevemente tentado quando soube do plano, mas, como oficial de fortes valores tradicionais, deixar seus soldados estava fora de questão. Mais tarde, um grupo do 11º Corpo fez a tentativa, e muitos outros pequenos destacamentos, alguns em esquis, conseguiram irromper para o sul durante os últimos dias do *Kessel*. Dois oficiais do estado-maior do Sexto Exército, o coronel Elchlepp e o tenente-coronel Niemeyer, chefe do serviço secreto, morreram na estepe.

Paulus claramente jamais levou em consideração a ideia de abandonar suas tropas. Em 18 de janeiro, quando se distribuiu o último correio em algumas divisões, ele escreveu

apenas uma frase de despedida à esposa, que um oficial levou para a Alemanha. Suas medalhas, a aliança de casamento e o anel com sinete também foram levados, mas parece que a Gestapo depois apreendeu esses objetos.

Na manhã seguinte, o general Hube recebeu ordens de sair de Gumrak por ar, num Focke-Wulf Condor, para juntar-se ao estado-maior especial de Milch. Por sua vez, em 20 de janeiro, após a sua chegada, Milch enviou uma lista de “oficiais de confiança e enérgicos” a serem retirados para juntar-se a ele. Talvez de modo não surpreendente, a maioria não era de especialistas em suprimento nem em transporte aéreo, mas oficiais do seu próprio corpo de Panzers, sobretudo da sua antiga divisão. Sem dúvida, Hube sentiu-se justificado, pois o quartel-general do Sexto Exército estipulara que os especialistas de Panzers incluíam-se entre aqueles com direito a evacuação por ar.

Os oficiais treinados do Estado-Maior geral também foram incluídos na categoria de especialistas, embora a prioridade mais curiosa de todas tenha sido o que se poderia descrever melhor como a Arca de Noé do Sexto Exército. O sargento Philipp Westrich, da 100ª Divisão Jäger e ladrilheiro de ofício, foi “retirado por ar do *Kessel*, em 22 de janeiro de 1943, por ordens do Sexto Exército, que requisitou um homem de cada divisão”. O tenente-coronel Mäder e dois sargentos foram selecionados da 297ª Divisão de Infantaria, e assim continuava a lista, divisão por divisão. Hitler, após dar por morto o Sexto Exército de Paulus, já examinava a ideia de reconstruir outro Sexto Exército – um ovo de fênix arrancado das cinzas. Em 25 de janeiro, a ideia se tornou um plano firme. O ajudante de ordens chefe de Hitler, general Schmundt, comunicou: “O Führer decretou a reforma do Sexto Exército com uma força militar de vinte divisões.”

Os oficiais mensageiros especiais, que transportavam documentos vitais, haviam sido selecionados por motivos de compaixão. O príncipe Dohna-Schlobitten, que partira em 17 de janeiro, recebeu a atribuição para o quartel-general do

14º Corpo de Panzers, não porque fosse o oficial chefe do estado-maior do serviço secreto, mas por ser o que tinha mais filhos que qualquer oficial do estado-maior. Logo depois, o quartel-general do Sexto Exército insistiu em que os oficiais embarcados por voo como especialistas deviam trabalhar em função dupla como mensageiros especiais. O capitão Freytag-Loringhoven, escolhido por sua ficha como comandante de um batalhão de Panzers, recebeu ordens de primeiro recolher despachos e outros documentos do quartel-general do Exército. Ali, encontrou-se com Paulus, que “parecia completamente curvado sob a responsabilidade”.

No campo de aviação de Gumrak, após uma longa espera, dirigiu-se para um dos cinco bombardeiros Heinkel, escoltado pela Feldgendarmarie, que teve de repelir os feridos e doentes à mira de submetralhadoras. No momento de partir do *Kessel*, era inevitável que tivesse sentimentos contraditórios. “Sentime péssimo por deixar meus camaradas. Por outro lado, era uma chance de sobreviver.” Ele também tentara retirar o conde Dohna (primo afastado do príncipe Dohna), mas o conde estava doente demais. Embora embarcado em segurança com uns dez soldados feridos, Freytag-Loringhoven viu que não se encontravam fora de perigo. O Heinkel continuou estacionado ao lado da pista de decolagem enquanto os quatro outros levantaram voo. Uma bomba engasgara durante o reabastecimento. Projéteis de artilharia começaram a cair mais perto. O piloto largou a bomba de lado e correu para a cabine. Eles decolaram, ganhando altura devagar, com a pesada carga de feridos, e entraram na superfície de nuvens baixas. A cerca de 2 mil metros, o Heinkel de repente saiu das nuvens e entrou “numa deslumbrante luz solar”, e Freytag-Loringhoven foi mais um que se sentiu como “se tivesse renascido”.

Quando aterrissaram em Melitopol, ambulâncias vindas do hospital da base aguardavam os feridos, e um carro do

estado-maior conduziu Freytag-Loringhoven ao quartel-general do marechal de campo Manstein. Ele não tinha a menor ilusão quanto à sua aparência. Achava-se “em péssimo estado”. Embora um homem alto, de boa compleição, seu peso caíra para 54 quilos. Tinha as faces cavernosas. Como todo mundo no *Kessel*, não se barbeara durante muitos dias. O macacão de Panzer preto estava sujo e rasgado, e as botas de campanha enroladas em trapos como proteção contra queimadura pelo frio. Stahlberg, ajudante de ordens de Manstein, imaculado em seu uniforme cinza de campanha, ficou visivelmente desconcertado.

- Stahlberg me olhou e eu o vi se perguntando: “Será que ele tem piolhos?”... e eu sem a menor dúvida tinha... e apertou-me a mão com muita cautela.

Stahlberg levou-o direto ao encontro de Manstein, que lhe deu uma acolhida muito mais amistosa. O marechal de campo logo se levantou de trás da escrivaninha e aproximou-se para apertar-lhe a mão, sem nenhum escrúpulo visível. Pegou os despachos e interrogou minuciosamente o jovem capitão sobre as condições no *Kessel*. Mas Freytag-Loringhoven sentiu que ele era em essência “um homem frio”.

Manstein disse-lhe que seria vinculado ao estado-maior especial sob o marechal de campo Erhard Milch, criado para melhorar o transporte de socorro aéreo. Freytag-Loringhoven apresentou-se primeiro ao general von Richthofen, que tinha acabado de saber de sua chegada e disse que estava ocupado demais para vê-lo.

Em compensação, o marechal de campo Milch, “um velho nazista” de quem ele não esperava gostar, revelou-se “muito mais humano”. Ficou horrorizado com a aparência de Freytag-Loringhoven.

- Meu Deus, veja o seu estado! - Após perguntar sobre as condições em Stalingrado, Milch disse: - Agora você precisa fazer uma boa refeição.

Deu ordens para que Freytag-Loringhoven recebesse rações especiais de comida, manteiga e até mel. O exausto jovem comandante de Panzers foi então conduzido a um dos compartimentos no vagão-leito do luxuoso trem.

- Era a primeira vez que eu via uma cama em nove meses. Nem me incomodei com os piolhos. Desabei nos lençóis brancos e decidi adiar minha visita à estação de desinfestação de piolhos para a manhã seguinte bem cedo. O conforto e o calor... fazia -25°C lá fora... foi um contraste inacreditável.

Os oficiais que tinham saído do *Kessel*, quando chegavam para trabalhar no estado-maior especial de Milch, a princípio sentiam-se desorientados com a transformação de passar para outro mundo de fartura e possibilidades. Mas ainda não tinham nenhuma ideia do que se poderia ou não esperar de um transporte de socorro aéreo.

- É possível desembarcar tanques um por um? - foi uma das perguntas de Hube em seu primeiro encontro com Milch.

O próprio Milch, como todo mundo que não pisara no interior do *Kessel*, continuava não conseguindo entender como eram verdadeiramente terríveis as condições lá dentro. Ao receber o comunicado por sinal de Paulus, em 18 de janeiro, de que o Sexto Exército só teria condições de resistir alguns dias, pois estavam quase sem combustível e munição, ele disse a Goering numa conversa telefônica:

- Aqueles na Fortaleza parecem ter perdido a coragem. - Manstein era da mesma opinião, ele acrescentou. Os dois parecem ter adotado instintivamente uma política de solidariedade pessoal pelos indivíduos, ao mesmo tempo que se distanciavam dos horrores sofridos pelo exército abandonado.

As implicações mais amplas do desastre iminente foram deixadas para o quartel-general do Führer e o ministro da propaganda em Berlim.

- O *Kessel* de Stalingrado aproxima-se do fim - declarou Goebbels em sua conferência ministerial três dias antes. - A imprensa alemã precisa preparar cobertura adequada do vitorioso desfecho dessa grande batalha na cidade de Stalingrado... se necessário, com suplementos. - A suposta "vitória" era uma vitória de simbolismo moral.

Helmuth Groscurth, chefe do estado-maior de Strecker e o mais ativo membro da oposição ao regime no *Kessel*, decidira que os fatos do desastre deviam ser comunicados aos oficiais superiores para provocá-los a entrar em ação. Arranjou uma passagem de partida para um dos seus colegas de confiança, o major conde Alfred von Waldersee. Waldersee devia ir direto ao quartel-general do exército, na Bendlerstrasse, em Berlim, para encontrar-se com o general Olbricht, membro antigo da oposição, e depois com o aposentado general Beck, levando o recado de que "só um golpe imediato contra Hitler poderia agora salvar o Sexto Exército". Beck pediu a Waldersee que fosse direto a Paris ver o general von Stülpnagel e o marechal de campo von Rundstedt. A resposta de Rundstedt foi "tão deprimente" que Waldersee perdeu toda a esperança de obter alguma coisa.

Groscurth enviou uma última carta ao irmão em 20 de janeiro, aniversário de sua filha Susi - "que logo não terá mais pai, como milhares de outras crianças" - ele escreveu. "Os tormentos continuam e vão ficar piores hora após hora. Estamos sendo repelidos para dentro da área mais estreita. Contudo, continuaremos lutando até a última bala, como ordenado, sobretudo em vista de que ouvimos dizer que os russos têm matado todos os prisioneiros, o que eu duvido (...) As pessoas não têm ideia do que está acontecendo aqui. Nem uma única promessa é cumprida."

O quartel-general do Sexto Exército sentiu que o estado-maior de Milch não avaliara como as coisas estavam péssimas:

- Não resta uma única pessoa saudável no *front* - comunicou naquele dia -, todo mundo sofre pelo menos de queimaduras pelo frio. O comandante da 76ª Divisão de Infantaria, numa visita ontem ao *front*, deparou com muitos soldados que haviam morrido congelados.

A ofensiva soviética começou mais uma vez com renovada força naquela manhã de 20 de janeiro. O 65º Exército transpôs à força a defesa a noroeste de Gonchara, capturada naquela noite. Gumrak, apenas alguns quilômetros distante, era o principal objetivo.

A evacuação do campo de aviação e do quartel-general próximos na noite seguinte ficou caótica quando as baterias de *Katiusha* abriram fogo. Naquela noite, o estado-maior de Milch recebeu um comunicado por sinal do quartel-general do Sexto Exército: “Campo de aviação de Gumrak desativado a partir das 4 horas de 22 de janeiro, horário em que o novo campo de aviação em Stalingradski estará desobstruído para aterrissagem.” Era uma previsão otimista. A faixa de pouso em Stalingradski não tinha condições de receber aviões grandes. Inteiramente fatalista, o general Paulus, àquela altura, com quase toda certeza sofria de profunda depressão. Um major que acabara de voltar do *Kessel* comunicou ao marechal de campo Milch que Paulus lhe dissera: “Qualquer ajuda que venha de agora em diante será tarde demais. Já chega. Não resta mais nenhuma força aos nossos homens.” Quando o major tentou instruí-lo sobre a situação geral que o Grupo do Exército do Don enfrentava, ele respondera: “Os mortos não se interessam mais por história militar.”

Por causa da falta de combustível, 500 feridos foram deixados no hospital de campanha em Gumrak. Ao raiar do dia na manhã de 22 de janeiro, já se via a infantaria russa ao longe, avançando em linha espalhada “como numa caça à lebre”. Quando o inimigo se aproximou do alcance de fuzil,

os oficiais da Nona Divisão de Fogo Antiaéreo, que eram responsáveis pelo campo de aviação, amontoaram-se no último veículo, um carro do estado-maior. A algumas centenas de metros na estrada, encontraram um soldado vindo do hospital de campanha, cujas duas pernas haviam sido amputadas, tentando impulsionar-se num trenó. Os oficiais da Luftwaffe pararam e amarraram o trenó na traseira do carro, como o soldado pedira, mas o trenó capotou assim que eles arrancaram. Um tenente sugeriu que ele se agarrasse à frente, pois não sobrara espaço dentro do carro. O ferido recusou-se a detê-los por mais tempo. A essa altura, achavam-se ao alcance da infantaria russa.

- Deixem-me! - gritou ele. - De qualquer modo, eu não tinha nenhuma chance mesmo. - Os oficiais da Luftwaffe sabiam que ele dizia a verdade. Qualquer um que não pudesse andar naquele ponto já estava praticamente morto. Eles seguiram em frente e o soldado aleijado ficou desabado na neve junto à pista glacial, à espera dos russos chegarem e acabarem com ele.

É bem possível que tenha sido baleado, como tantos feridos à beira da estrada. O escritor comunista Erich Weinart tentou alegar que os “aleijados abandonados”, tentando coxear atrás dos camaradas, haviam-se interposto no caminho “do tiroteio do Exército Vermelho”. A verdade era que o Exército Vermelho, como a Wehrmacht, não dera muitas instruções sobre os inimigos feridos. Contudo, são incorretos os relatos de que os 500 feridos deixados no hospital de campanha em Gumrak, aos cuidados de dois enfermeiros e um capelão divisional, tenham sido massacrados. O Exército Vermelho simplesmente os deixou lutando por si mesmos com a “água da neve e carcaças de cavalo”. Os que sobreviveram foram transferidos dez dias depois para o campo em Beketovka.

Quanto mais perto os soldados em retirada chegavam de Stalingrado, mais terrível ficava o espetáculo da derrota. “Até onde a vista alcança, estendem-se soldados esmagados

por tanques, feridos desamparados gemendo, cadáveres congelados, veículos abandonados por falta de combustível, armas e miscelânea de equipamento destruídas. À beira da estrada, despedaçava-se a carne dos flancos de um cavalo morto. Os homens sonhavam em por acaso encontrar um contêiner de paraquedas cheio de suprimentos, mas esses ou haviam sido apreendidos ao pousar ou se perderam nos campos de neve.”

Embora não se pudesse conter o colapso no centro, em muitos setores grupos de combate alemães travavam um obstinado combate de retirada. Cedo na manhã de 22 de janeiro, os remanescentes da 297ª Divisão de Infantaria foram rechaçados do setor de Voroponovo para os arredores de Stalingrado. O major Bruno Gebele e os sobreviventes do seu batalhão aguardaram o violento ataque seguinte. Seu único apoio de artilharia consistia em vários obuses de montanha comandados por um sargento, instruído a não disparar até os russos se aproximarem uns 200 ou 250 metros. Pouco antes das 7 horas, quando os sobreviventes do batalhão de Gebele se abrigaram do fogo de artilharia russo nas trincheiras, um sentinela deu o alerta:

- *Herr major, sie kommen!*

Gebele só teve tempo para gritar:

- *Raus!*

Seus soldados se lançaram em posições de disparo. Uma massa de infantaria em uniformes de neve atirava na direção deles, uivando: *Urrah! Urrah! Urrah!*

Os primeiros estavam a apenas 40 metros quando os granadeiros alemães abriram fogo com metralhadoras leves, fuzis e pistolas automáticas. Os russos sofreram terríveis perdas. “A primeira leva foi morta ou deixada ali estendida, a segunda também, e aí chegou uma terceira. Diante de nossa posição, os mortos soviéticos empilhados serviram como uma espécie de anteparo de saco de areia para nós.”

Os russos não abandonaram o ataque. Simplesmente mudaram-no de direção e concentraram-se contra os destacamentos dos flancos. Às 9h30, atacaram os romenos pela esquerda. Uma saraivada antitanque atingiu o segundo no comando de Gebele, em pé a seu lado, matando-o no mesmo instante. O próprio Gebele sentiu um golpe maciço no ombro esquerdo. Uma bala do mesmo disparo de metralhadora também matou seu chefe de escritório, o Feldwebel Schmidt, após ter atravessado seu capacete de aço. O enfurecido Gebele, apoiando um mosquetão na parede de neve diante dele, conseguiu disparar alguns tiros usando o braço e o ombro bons.

Outra onda de infantaria russa veio para cima deles. Gebele gritou para que seus sobreviventes mais uma vez abrissem fogo. Um sargento do estado-maior tentou lançar um morteiro leve, mas o alcance era tão curto que o vento de proa fez duas bombas caírem em suas próprias posições. Por fim, após resistir durante sete horas, Gebele viu que uma bandeira russa aparecera numa torre de água próxima à sua retaguarda. Haviam sido flanqueados. Ele reuniu os últimos sobreviventes e conduziu-os para o centro de Stalingrado. Na cidade, ficaram abalados com as cenas de destruição e colapso militar. “Fazia um frio de rachar”, escreveu um deles, “e, cercados por tamanho caos, parecia que o mundo chegava ao fim.”

Naquele 22 de janeiro – o dia seguinte ao que Goebbels preparara a administração do palco da tragédia de Stalingrado clamando por “guerra total” – o Sexto Exército recebeu um comunicado por sinal de Hitler que lhe selou o destino: “Rendição fora de questão. Que as tropas continuem lutando até o fim. Se possível, defendam Fortaleza reduzida com tropas ainda em condições de combate. A bravura e a tenacidade da Fortaleza ofereceram a oportunidade para estabelecer um novo *front* e lançar contra-ataques. O Sexto Exército realizou, portanto, sua histórica contribuição para a maior passagem da história alemã.”

“Um marechal de campo alemão
não se suicida com uma
tesourinha de unha!”

Sempre que os aviões da Luftwaffe decolavam e partiam, os homens erguiam os olhos, ansiosos, e continuavam fitando o céu até bem depois de o minúsculo ponto desaparecer. “Com o coração oprimido”, escreveu um soldado, “acompanhávamos com o olhar o avião alemão e pensávamos em como seria maravilhoso ir embora, sair daquele inferno em que tínhamos sido abandonados.” Após a captura do campo de aviação de Gumrak no início da manhã de 22 de janeiro, só um punhado de aviões conseguira aterrisar na pequena faixa de pouso de Stalingradski. A “ponte aérea”, e assim a última linha de fuga, desmantelara.

Os suprimentos agora dependiam das latas lançadas por paraquedas vermelhos, “as bombas de abastecimento”, mas, apesar dos pedidos do Sexto Exército de que fossem com velames vermelhos, a Luftwaffe continuou usando branco. O sistema de lançamentos passou a ser ainda mais inexato e aleatório, porque restara a poucas unidades quaisquer painéis de reconhecimento, e em 24 de janeiro o Oitavo Corpo Aéreo perdera contato por rádio com o quartel-general do Sexto Exército. Hube mandara lançar de paraquedas uma mensagem dizendo aos soldados nas ruínas de Stalingrado que, ao ouvirem os motores aéreos, se deitassem em forma de cruz no terreno coberto de neve para sinalizar: “Soldados alemães aqui.” Quando a luz ou a visibilidade estivessem ruins, que disparassem foguetes de sinalização e orientassem os aviões que se aproximavam,

mas os russos por toda a volta logo disparariam foguetes de cor semelhante para confundir os pilotos. Os ventos fortes também sopravam as cargas de um lado a outro das mutáveis linhas de frente, fazendo-as cair em mãos inimigas. Alguns homens, de tanto desespero, arriscavam-se a tentar recuperar as latas no espaço aberto. Os franco-atiradores russos eliminavam-nos com facilidade. Nas ruínas de Stalingrado, os famintos soldados alemães tentavam pegar os russos de emboscada só para tirar-lhes a sacola de pão.

A queda de Gumrak também significara mais uma terrível jornada para os feridos, muitos dos quais já haviam sido transferidos de Pitomnik, depois de encontrarem lugar num avião ali. “Homens feridos e exaustos arrastavam-se para as ruínas da cidade”, contou um sobrevivente, “rastejando de quatro como animais selvagens, na esperança de encontrar alguma forma de ajuda.”

As condições em Stalingrado nos hospitais improvisados eram ainda mais horripilantes que em Gumrak, com cerca de 20 mil feridos amontoados em porões embaixo das ruínas da cidade, para não falar dos doentes, que bem poderiam elevar o total para 40 mil. Uns 600 feridos graves enchiam os porões do teatro de Stalingrado sem nenhuma luz nem higiene. “Os gemidos, gritos de socorro e orações”, escreveu um médico da 60ª Divisão de Infantaria Motorizada, “misturavam-se aos estrondos do bombardeio. Um cheiro paralisante de fumaça, sangue e o fedor dos feridos enchiam o espaço.” Não havia mais ataduras, remédios e nem água limpa.

Muitos médicos de unidades das linhas de frente receberam ordens para ajudar na rede de túneis na ravina do Tsaritsa. Este complexo, como galerias numa mina, agora continha mais de 3 mil soldados gravemente feridos ou doentes. O Dr. Hermann Achleitner, ao chegar para o plantão, logo foi lembrado da frase: “Abandonai toda esperança, vós que aqui entrais.” As pilhas de cadáveres diante da entrada chocaram-no profundamente. Dentro, a

imagem do inferno intensificava-se com lamparinas de óleo improvisadas como a única fonte de luz. O ar fétido, desoxigenado, era repugnante à respiração. Ele foi recebido por gritos lastimosos:

- Dê-nos alguma coisa para comer!

Os pacientes recebiam apenas uma fatia fina de pão velho por dia. Os médicos transformavam-na numa espécie de sopa rala, que era quente e fazia com que rendesse um pouco mais. A falta de ataduras era grave para os casos de queimadura pelo frio.

- Muitas vezes - observou ele - os dedos dos pés e das mãos saíam colados nas velhas ataduras quando as trocávamos.

A desinfestação de piolhos era impossível. Os ordenanças médicos que trocavam as ataduras encontravam uma massa cinzenta de piolhos saídos dos pacientes rastejando nos próprios pulsos e braços. Quando um homem morria, viam-se os piolhos saindo em massa do seu corpo em busca de carne viva. Os médicos faziam o possível para isolar os casos de tifo assim que eram diagnosticados, mas todos sabiam que não ia demorar muito até haver uma epidemia da doença. Dizem que se ouviu um jovem soldado alemão, examinando a desgraça em volta, murmurar: "Os que estão em casa jamais devem saber o que está acontecendo aqui."

A retirada da estepe, enquanto o *Kessel* era esmagado pelos exércitos de Rokossovski, elevou o número de alemães apinhados na cidade arruinada para 100 mil homens. Muitos, embora não a maioria, sofriam de disenteria, icterícia e outras doenças, as faces tingidas de um amarelo esverdeado.

As reações dos civis de Stalingrado nem sempre eram hostis, como descobriram os feridos da 297ª Divisão de Infantaria. "Duas mulheres de Stalingrado esfregaram minhas pernas congeladas durante uma hora para evitar os

efeitos da grave queimadura de frio”, escreveu um oficial. “Repetidas vezes elas olharam para mim com compaixão e disseram: ‘Tão jovem e já quase morto!’” O mesmo grupo de soldados, para surpresa deles, encontrou várias mulheres numa casa parcialmente destruída. Havia acabado de assar alguns pães e aceitaram trocar uma fôrma por um naco de carne de cavalo congelada.

Regimentos e divisões ficaram totalmente sem propósito. A 14ª Divisão de Panzers tinha menos de oitenta homens ainda em condições de combater. Mal restara um único tanque ou arma pesada com munição. Numa situação tão desesperançosa como essa, a disciplina começava a desintegrar-se. A resistência continuava em grande parte por medo de vingança russa após a recusa de render-se de Paulus.

Não ameaçados por canhões antitanque, os T-34 soviéticos esmagavam fossos de armas e artilheiros igualmente sob suas esteiras. Casamatas e prédios fortificados eram destruídos com uma peça de campanha empurrada até quase à queima-roupa. Os soldados alemães agora sofriam de uma terrível sensação de impotência, sem condições de fazer coisa alguma pelos companheiros feridos ou até para si mesmos. Seus implacáveis avanços do verão anterior pareciam fazer parte de um mundo inteiramente diferente. Em 25 de janeiro, Paulus e o coronel Wilhelm Adam, um dos seus oficiais de estado-maior, receberam leves ferimentos na cabeça causados pela explosão de uma bomba. O general Moritz von Drebber rendeu-se com parte da 297ª Divisão de Infantaria quase 5 quilômetros a sudoeste da embocadura do Tsaritsa. Dizem que o coronel soviético que foi receber sua rendição perguntou:

- Onde estão seus regimentos?

Moritz von Drebber, segundo essa versão transmitida dois dias depois na rádio soviética pelo romancista Theodor Plievier, outro comunista alemão da “Emigração de Moscou”, olhou o punhado de homens remanescentes em volta,

alquebrados de exaustão e queimaduras pelo frio, e respondeu:

- Preciso mesmo explicar-lhe, coronel, onde estão meus regimentos?

O principal oficial médico do Sexto Exército, general Renoldi, foi um dos primeiros generais a entregar-se. (O serviço secreto do Exército Vermelho ficou sabendo, em consequência do interrogatório de Renoldi, que Paulus se achava num estado de esgotamento nervoso.) Alguns generais, contudo, tiveram uma participação ativa. O substituto de Hube, general Schlömer, foi alvejado na coxa, e o general von Hartmann, da 71ª Divisão de Infantaria, morto por uma bala que lhe atravessou a cabeça. O general Stempel, comandante da 371ª Divisão de Infantaria, atirou em si mesmo, como o fizeram muitos outros oficiais quando o inimigo capturou o Sul de Stalingrado até o rio Tsaritsa.

Em 26 de janeiro, ao amanhecer, os tanques do 21º Exército encontraram-se com a 13ª Divisão de Fuzileiros do Corpo da Guarda de Rodimtsev ao norte do Mamaev Kurgan, perto dos alojamentos dos operários da Outubro Vermelho. As cenas foram previsivelmente emocionais, sobretudo para o 62º Exército de Chuikov, que estivera lutando sozinho havia quase cinco meses. “Os olhos dos endurecidos soldados que se reencontravam encheram-se de lágrimas”, escreveu Chuikov. Passavam-se garrafas de um lado para outro em intensa comemoração. O *Kessel* de Stalingrado foi dividido em dois, com Paulus e a maioria dos oficiais superiores engarrafados no bolsão Sul menor, e o 11º Corpo do general Strecker, na parte Norte da cidade, em volta da fábrica de tratores de Stalingrado. A única ligação deles com o mundo externo era o aparelho de rádio da 24ª Divisão de Panzers.

Durante os dois dias seguintes, os soldados desgarrados alemães e romenos, feridos e com neurose de guerra, além dos grupos de combate ainda ativos, todos se retiraram para o bolsão Sul, onde Paulus e Schmidt haviam instalado o novo

quartel-general, embaixo da loja de departamentos Univermag, na Praça Vermelha. O último símbolo da ocupação alemã era a bandeira com a suástica pendendo de um estandarte improvisado e amarrado à varanda acima da entrada principal. Os remanescentes do 194º Regimento de Granadeiros do coronel Roske proviam sua força defensiva. Roske foi promovido a general como o novo comandante da extinta 71ª Divisão de Infantaria.

O número crescente de oficiais superiores que se rendiam significava que o Sétimo Departamento da Frente do Don, responsável pela “propaganda operacional”, estava mais ocupado que nunca. Tantos prisioneiros alemães haviam sido levados a interrogatório desde o início da ofensiva que fora difícil escolher os “mais interessantes”.

O capitão Diatlenko recebeu um comunicado para que retornasse imediatamente ao quartel-general da Frente do Don. Outro general alemão capturado já fora trazido para interrogatório. Diatlenko sabia que valia a pena perder tempo com aquele recém-chegado, o general Edler von Daniels. A busca pelas malas postais do avião de transporte abatido no início do mês rendera as cartas em forma de diário que Daniels escrevera à esposa. Daniels, como a maioria dos recém-capturados, achava-se num estado vulnerável. Como experiente interrogador, Diatlenko sabia que a melhor tática era a menos esperada. Interrogou o prisioneiro indiretamente sobre seu “bebê-Kessel”, depois lhe tirou o equilíbrio emocional apresentando de repente as cartas e os documentos que Daniels julgava estivessem a salvo na Alemanha.

- *Herr* general - Diatlenko conta que lhe disse. - Por favor, tome de volta os seus documentos. São sua propriedade e o senhor pode guardá-los no arquivo de família quando voltar para casa depois da guerra.

Daniels foi visivelmente tomado por gratidão. Aceitou chá, biscoitos e cigarros russos e depois “respondeu às nossas perguntas”. Diatlenko ficou com ele até o anoitecer. Após uma pausa para jantar, prosseguiu até a meia-noite.

Em muitas ocasiões, não se precisou de um método tão refinado como esse. A confusão psicológica e a raiva da derrota geravam docilidade, embora não cooperação, dos oficiais que se sentiam ao mesmo tempo pessoalmente traídos e também culpados em relação aos seus próprios homens por ter-lhes assegurado das promessas de salvação do Führer. Durante o interrogatório, muitas vezes faziam questão de proferir observações depreciativas contra Hitler e o regime. Chamavam Goebbels de “pato coxo” e lamentavam amargamente que o gordo Goering não tivesse se submetido a uma “dieta Stalingrado”. Mas, sem dúvida, pareceu aos captores russos que aqueles generais só haviam reconhecido o verdadeiro caráter do seu Führer quando se deram conta da forma traiçoeira como ele se comportara com eles e com o Sexto Exército. Poucos o haviam descrito, ou às suas políticas, como criminoso quando estavam avançando pela Rússia e atrocidades estavam sendo cometidas tão perto, atrás das suas linhas, que devem ter sabido sobre elas, embora em alguns casos não fossem os responsáveis diretos por sua execução.

A partir dessas entrevistas com oficiais capturados, o quartel-general da Frente do Don ficara com a firme impressão de que Paulus “se encontrava sob grande tensão, desempenhando um papel que lhe fora imposto”. Haviam-se convencido cada vez mais de que o comandante em chefe era quase um prisioneiro no seu próprio quartel-general, guardado pelo chefe de estado-maior. Diatlenko não tinha a menor dúvida de que era Schmidt “os olhos e a mão do Partido Nazista” no Sexto Exército, porque oficiais capturados relataram que “Schmidt comandava o Exército e até o próprio Paulus”.

O coronel Adam, quando interrogado mais tarde por Diatlenko, disse-lhe que fora Schmidt quem dera a ordem para que expulsassem os enviados de trégua. (Diatlenko não revelou que era um deles.) Os oficiais superiores no quartel-general do Sexto Exército aparentemente conheciam muito bem o conteúdo da bolsa de tecido impermeável. Naquela manhã de 9 de janeiro, quando Diatlenko e Smislov aguardavam na casamata, durante o desjejum eles haviam lido os panfletos lançados pelos aviões russos com o texto do ultimato. Naquela mesma manhã, o general Hube desembarcara no interior do *Kessel* depois da visita a Hitler. Trouxera a ordem de que não haveria nenhuma rendição. Segundo Adam, isso fortalecera a intransigente posição do general Schmidt no quartel-general do Sexto Exército.

Em 29 de janeiro, véspera do décimo aniversário da ascensão de Hitler ao poder, o quartel-general do Sexto Exército enviou um telegrama de congratulações do seu porão arruinado. “Ao Führer! O Sexto Exército saúda seu Führer no aniversário de vossa tomada do poder. A bandeira da suástica ainda tremula sobre Stalingrado. Que nossa luta seja um exemplo para gerações presentes e futuras jamais se entregarem em situações desesperançadas, a fim de que a Alemanha saia vitoriosa no final. *Heil mein Führer!* Paulus.”

Parece mais provável que esse comunicado, grotesco nas circunstâncias, tenha sido redigido e enviado pelo general Schmidt. As palavras sem dúvida repercutem sua voz. Naquele estágio, Paulus estava doente de disenteria, abalado pelos acontecimentos e desmoralizado, portanto não é difícil imaginá-lo fazendo um aceno de aprovação quando lhe mostraram o formulário da mensagem. Groscurth, por exemplo, relatara numa carta: “Paulus acha-se num estado de desintegração física e moral.”

Em 30 de janeiro, dia do aniversário da posse, Goering fez uma transmissão radiofônica de seu ministério do ar,

comparando o Sexto Exército aos espartanos de Termópilas. Esse discurso não teve boa acolhida em Stalingrado, onde foi ouvido em rádios. O fato de logo ele transmitir “o discurso do nosso próprio funeral” acrescentou insulto à ofensa. Gottfried von Bismarck descreveu o efeito como “macabro”. Nos porões do teatro em Stalingrado, entulhado de feridos, logo se reconheceu a voz de Goering.

- Aumentem! - gritou alguém.

- Desliguem isso! - berraram outros, amaldiçoando-o.

A transmissão terminou com a Quinta Sinfonia de Bruckner. Alguns oficiais galhofaram, ressentidos, de que o “suicídio dos judeus” no topo da fortaleza de Masada talvez houvesse sido uma comparação mais apropriada do que as Termópilas. Não perceberam como estavam tão certos. Hitler, na verdade, contava com um suicídio em massa, acima de tudo dos oficiais superiores.

O discurso do próprio Hitler fora proferido por Goebbels mais tarde, no dia do aniversário, tendo sido atrasado por bombardeios da RAF. Ressoou com amargo ar de desafio, mas o traço de autojustificação era óbvio demais para ocultá-lo. Dedicava uma única frase a Stalingrado, o desastre que projeta tão grande sombra no dia de comemoração do regime:

- Que a heroica luta dos nossos soldados no Volga seja uma exortação para que todos deem o máximo de si na luta pela liberdade da Alemanha e o futuro de nossa nação, e, num sentido mais amplo, pela preservação de toda a Europa.

Essa foi a primeira admissão de que dali em diante a Wehrmacht lutaria para afugentar a derrota.

No dia seguinte, Hitler, como para compensar qualquer senso de desastre, criou não menos que quatro novos marechais de campo, entre eles Paulus. Foi o maior grupo de promoções superiores desde a vitória sobre a França. Quando chegou o sinal do comunicado anunciando sua promoção a general-marechal de campo, Paulus logo adivinhou que fora presenteado com uma taça de cicuta.

Exclamou ao general Pfeffer em sua última conferência de generais:

- Não tenho a menor intenção de atirar em mim por esse cabo da Boêmia.

Outro general contou ao interrogador do NKVD que Paulus dissera o seguinte:

- Parece um convite a cometer suicídio, mas eu não lhe farei esse favor.

Por instinto, Paulus desaprovava o suicídio. Quando soube que alguns dos seus homens estavam optando pelo “suicídio de soldado”, que era erguer-se nas trincheiras e esperar ser fuzilado pelo inimigo, deu ordens para proibir a prática.

Hitler, claro, não se preocupava com salvar vidas, só queria criar mitos poderosos. Era claro que esperava que os oficiais superiores do exército seguissem o exemplo do almirante Lütjens no *Bismarck*, uma fantasia sem dúvida estimulada pela notícia das mortes dos generais von Hartmann e Stempel.

A redução do bolsão Sul continuava a toda velocidade. Em 30 de janeiro, tropas soviéticas haviam penetrado no centro mesmo da cidade. Nos porões, onde as concentrações de alemães se abrigavam do frio e do fogo de artilharia, predominava um clima de desespero e assustadora antecipação. No antigo quartel-general do NKVD, o céu de inverno era visível através do domo despedaçado. O chão de pedra estava coberto de escombros e alvenaria tombada, e a estrutura de escada semelhante a uma gaiola estava retorcida. Uma bandeira da cruz vermelha diante da entrada enfureceu um oficial da infantaria alemã, que considerou aquilo um sinal de rendição. Ele desceu ao porão, onde os médicos continuavam trabalhando à luz de lampião à espera da chegada dos russos. Macilento e com os olhos arregalados, o oficial ameaçou-os com a submetralhadora.

- Que está acontecendo aqui? Não vai haver nenhuma rendição! A guerra continua!

Muitos homens ficaram desequilibrados pela tensão dos combates ou alucinações por grave desnutrição. Os porões enchiam-se de homens urrando em delírio. O Dr. Markstein, de Danzig, apenas encolhia os ombros.

- Esta é uma unidade de primeiros-socorros.

O guerreiro desatinado não atirou neles, desapareceu como um fantasma de volta à obscuridade sem outra palavra.

Quando o general von Seydlitz, no mesmo prédio, liberou em 25 de janeiro seus comandantes de divisão para decidirem por si mesmos a questão de render-se ou não, Paulus retirou-lhe o comando. Pôs todas as divisões de Seydlitz sob o general Walter Heitz, comandante do Oitavo Corpo. Heitz emitiu então uma ordem para que todo aquele que tentasse se entregar fosse fuzilado na hora. Quando Seydlitz e mais de uma dezena de oficiais se renderam - entre eles os generais Pfeffer, Korfes e Sanne -, rajadas de fogo de metralhadora foram disparadas das linhas alemãs quando os russos se afastaram com eles. Seydlitz afirmou depois que dois oficiais alemães foram mortalmente feridos em consequência da "ordem apocalíptica" de Heitz.

O general Heitz, contudo, após dar a ordem "lutaremos até a penúltima bala", não parece ter-se incluído e ao seu quartel-general nesse floreio retórico. Um oficial sob seu comando observou que o estado-maior de Heitz, quase sem a menor dúvida com seu conhecimento, já providenciara bandeiras brancas.

O coronel Rosenfeld, comandante do 104º Regimento de Fogo Antiaéreo da Luftwaffe, adotou a retórica esperada pelo regime. "A bandeira da suástica tremula acima de nós", comunicou por sinal na noite de 30 de janeiro. "A ordem do nosso supremo comandante em chefe será cumprida até o fim. Viva o Führer!"

Naquela noite, o quartel-general do Sexto Exército enviou um comunicado, avisando que comandantes individuais estavam se rendendo porque suas tropas não tinham mais munição, embora também adotassem floreios semelhantes aos de Rosenfeld, afirmando que “ouviam o hino nacional pela última vez com braços erguidos na saudação alemã”. Novamente, isso repercutiu mais a voz de Schmidt que de Paulus. Qualquer que seja a verdade, poucos soldados sentiam vontade ou energia de partilhar essas emoções. “Durante aquela noite de 30 de janeiro”, relatou um sargento, “cada homem achava-se preocupado com seus próprios pensamentos, dilacerante incerteza, ferimentos dolorosos e queimaduras pelo frio, pensamentos em casa e nos nossos destinos.” Sobretudo os oficiais esperavam ser executados. Muitos retiraram os distintivos de escalão.

No meio daquela mesma noite, o general Voronov em sua *izba*, no quartel-general da Frente do Don, acordou em pânico de um sono agitado. Ocorreu-lhe de repente a ideia de que Paulus pudesse escapar num avião aterrissando no gelo do Volga. A reação à perda de tamanho troféu não era, com certeza, difícil de imaginar. Ele pulou da cama no mesmo instante e telefonou para dar ordens para que se exercitassem os canhões no gelo ao longo da margem oriental em Stalingrado como precaução.

No início da manhã seguinte, 31 de janeiro de 1943, o 64º Exército de Shumilov ocupou quase todo o centro de Stalingrado. Prédios e porões em ruínas haviam sido desobstruídos com granadas e lança-chamas. A Praça Vermelha foi subjugada por um intenso bombardeio de morteiro e artilharia, antes de os soldados russos entrarem na loja de departamentos Univermag. Os granadeiros remanescentes de Roske, acima do quartel-general de Paulus, no porão, acabaram largando as armas. Às 7h35 da manhã, o capitão Behr, do estado-maior de Milch, recebeu o aviso:

- Russos na entrada. Estamos nos preparando para nos render.

Dez minutos depois, quando o primeiro-tenente Fiodor Ilchenko desceu ao porão entulhado e fétido, chegou o aviso:

- Vamos nos entregar.

Behr então transmitiu a mensagem ao quartel-general de Manstein no Grupo do Exército do Don. Na Alemanha, o comunicado oficial anunciava:

- Em Stalingrado, a situação se mantém inalterada. O espírito dos defensores é inquebrantável.

Os oficiais do estado-maior do quartel-general do general Shumilov chegaram ao porão para discutir os termos da rendição com o general Schmidt. Paulus permaneceu numa sala contígua, enquanto Adam o mantinha informado de cada passo. Se isso foi uma trama para permitir a Paulus distanciar-se da rendição ou mais um exemplo de Schmidt controlando os fatos, porque Paulus se achava num estado de quase colapso, não está claro. Por fim, duas horas depois do aparecimento do tenente Ilchenko, chegou o general Laskin para receber a rendição formal de Paulus, antes de ser levado, com Schmidt e Adam, ao quartel-general de Shumilov no carro do estado-maior, por insistência, consta, do general Roske. Como seus soldados, os três homens que emergiram à luz do sol tinham barbas por fazer, apesar de suas faces não estarem tão cavernosas como as de seus combatentes. O coronel Adam, observou Vasili Grossman, tinha abaixadas as abas do chapéu de pele *ushanka* "como as orelhas de um cão perdigueiro que acabara de sair da água". Os cinegrafistas de jornais de atualidades aguardavam para registrar o acontecimento.

Aqueles que ainda estavam nos porões do centro da cidade esperaram a chegada dos soldados do Exército Vermelho. Brandindo os canos das submetralhadoras, eles ordenaram que os alemães largassem as armas num canto e saíssem

em fila. Os derrotados aprontaram-se para o cativoiro enrolando os trapos rasgados dos uniformes em volta das botas. Alguns soldados alemães gritaram: *"Hitler kaputt!"* como um aviso de rendição. Os soldados russos em alguns casos responderam: *"Kameraden, Krieg kaputt! Paulus kapituliert!"*, mas a maioria gritou *"Faschist!"* ou *"Fritz! Komm! Komm!"*

Quando as tropas soviéticas entraram nos porões do teatro, deram a ordem:

- Todos com condições de andar, saiam para ser conduzidos a um campo de prisão.

Os que partiam imaginaram que os feridos deixados para trás iam ser cuidados. Só depois descobriram que o Exército Vermelho trabalhava segundo o princípio de que os prisioneiros que não podiam marchar eram liquidados onde estivessem.

Em um ou dois casos, a raiva e o desespero provocaram uma mistura explosiva. No prédio do NKVD, todo alemão esperava ser fuzilado em represália depois que um oficial, que escondera sua pistola, atirou de repente num major à queima-roupa e apontou o revólver para si mesmo. De algum modo, o momento de raiva entre as tropas russas passou, e os prisioneiros foram poupados.

A rendição em Stalingrado gerou uma instabilidade em que o destino de um alemão era inteiramente imprevisível. Soldados soviéticos, de propósito ou por acidente, atearam fogo no hospital improvisado cheio de feridos nas barracas de sapadores próximas ao campo de aviação. Dois oficiais de fogo antiaéreo da Luftwaffe, que haviam sido escoltados para uma sala no primeiro andar por soldados russos, na crença de que as faixas vermelhas em suas golas significavam alto escalão, fugiram saltando de uma janela despedaçada. Caíram perto da latrina, e quando os soldados surgiram prontos para atirar, o tenente mais moço salvou a vida dos dois com pensamento rápido e psicologia afiada. Disse ao companheiro que arriasse as calças. Os russos

riram e poupam-nos. Não podiam atirar em homens com as calças arriadas.

Os grupos do Departamento Especial do NKVD vasculhavam à procura de Hiwis e também de “cães fascistas”, pelo que queriam dizer “SS, Gestapo, tropas de Panzers e Feldgendarmerie”. Muitos soldados alemães, erroneamente identificados como da SS, que riram da insinuação, foram empurrados para um canto e executados com submetralhadoras. Consta que soldados do Exército Vermelho de uma divisão siberiana desviaram o olhar, repugnados com o espetáculo. O mesmo relatório, baseado no interrogatório seis meses depois de uma oficial do serviço de informações pela polícia secreta de campanha, relata ainda a execução de um grupo de 23 Hiwis.

A caça do NKVD aos Hiwis foi implacável. Qualquer homem sem uniforme alemão completo corria o risco de ser fuzilado na mesma hora, como descobriu um comandante de batalhão da 297ª Divisão de Infantaria.

- Os soldados soviéticos nos detiveram de repente, e por eu estar sem uniforme e quepe, quiseram me fuzilar como Hiwi. Só o conhecimento de russo de um médico me salvou.

Um considerável número de Hiwis revelou-se leal aos alemães até o fim. Nas ruínas de Stalingrado, logo depois da rendição, alguns soldados da 305ª Divisão de Infantaria estavam morrendo de fome. Os Hiwis que estavam com eles desapareceram, e logo os alemães acharam que os tinham visto pela última vez, mas os russos voltaram com comida e lhes deram. Onde a haviam encontrado, não disseram. Contudo, a lealdade desses russos nem sempre era recíproca. Logo após a rendição, um aspirante a oficial perguntou a seu superior:

- Que faremos com nossos oito Hiwis? Devo fuzilá-los?

O oficial, surpreendido com tanta insensibilidade, rejeitou a ideia. Disse aos Hiwis que se escondessem o melhor possível. A partir dali estavam por sua própria conta.

Ainda não se sabe ao certo o destino dos Hiwis perseguidos e encurralados até o fim da batalha de Stalingrado, em parte porque os arquivos da Décima Divisão do NKVD continuam firmemente fechados. Não há como saber quantos haviam morrido durante os dois meses e duas semanas de cerco e as últimas três semanas de intenso combate. Alguns foram fuzilados na captura, outros foram usados como intérpretes e informantes, depois é quase certo que tenham sido mortos, mas a maioria foi conduzida à prisão pelo NKVD. Mesmo os membros do serviço secreto do Exército Vermelho não souberam o que lhes acontecera depois. É bem possível que tenham sido massacrados – há relatos de Hiwis capturados sendo espancados até a morte, em vez de fuzilados, para economizar munição –, mas no primeiro semestre de 1943 o regime soviético precisou aumentar sua força de mão de obra escrava, sobretudo enquanto transferia prisioneiros do gulag para companhias *shtraf*. A solução de fazer os Hiwis trabalharem até a morte oferecia uma vingança mais perversa, pois prolongaria seu sofrimento. Por outro lado, Stalin e Beria viviam tão obcecados com traição que só a morte instantânea poderia satisfazê-los.

Durante os últimos dias da batalha, as autoridades militares soviéticas ficaram cada vez mais ansiosas por impedir que pequenos grupos escapassem da sua rede. Três oficiais alemães em uniforme do Exército Vermelho, liderados por um tenente-coronel, foram capturados em 27 de janeiro. Um tenente russo de um regimento de tanques encurralou outros dois oficiais, que o feriram ao disparar as suas armas. Dos nove ou dez grupos de alemães calculados como tendo rompido e fugido do cerco, nenhum parece ter escapado, mas àquela altura o Grupo do Exército do Don fora repellido para além do rio Donets, a quase 330 quilômetros do *Kessel*. Há, contudo, uma história não confirmada e inverossímil de

um soldado que conseguiu fugir, mas foi morto no dia seguinte quando uma bomba atingiu o hospital de campanha onde o tratavam por exaustão e queimadura pelo frio. Dizem que outros tentaram escapar para o sul pela estepe e buscaram abrigo com os kalmiks, que haviam sido amistosos, mas os próprios kalmiks, como numerosos outros povos das regiões do Sul da União Soviética, logo atraíram a vingança do NKVD de Beria.

Parece que os soldados russos das unidades de linha de frente, sobretudo divisões de guardas, foram mais corretos no tratamento dos vencidos que os das unidades de segunda linha. Mas alguns soldados bêbados, que comemoravam a vitória, fuzilaram prisioneiros, apesar de ordens em contrário. Mesmo os membros das formações de elite logo espoliavam seus cativos de relógios, anéis, alianças e câmeras, além das bastante valorizadas marmitas de alumínio. Muitos desses artigos seriam depois barganhados por vodca. Em alguns casos, um par decente de botas de cano longo era arrancado de um prisioneiro, ao qual se atiravam em troca os decrépitos refugos de um russo. Um médico perdeu seu estimado exemplar do *Fausto*, uma pequena edição encadernada em couro, impressa em papel fino e lustroso, que um soldado russo queria para enrolar cigarros de *makhorka*. Também se roubavam mantas das costas de prisioneiros, às vezes apenas pela satisfação de vingança, pois os alemães haviam tirado as roupas quentes de muitos civis russos.

Enquanto os macilentos prisioneiros saíam aos tropeços dos porões e casamatas, as mãos erguidas bem alto em rendição, os olhos procuravam em volta um pedaço de pau que servisse de bengala. Muitos sofriam de queimaduras pelo frio tão terríveis que mal podiam andar. Quase todo mundo perdera as pontas dos dedos dos pés, quando não os dedos inteiros. Os oficiais soviéticos observaram que os romenos achavam-se num estado ainda pior que os alemães.

Parece que suas rações haviam sido cortadas antes, para manter a força alemã.

Os prisioneiros seguiam cabisbaixos, não ousando olhar para seus guardas nem para os círculos de civis emaciados que surgiam das ruínas em números tão surpreendentes. Por toda a volta, tiros ocasionais quebravam o silêncio do ex-campo de batalha. Os ouvidos nas casamatas ressoavam abafados. Ninguém sabia se cada disparo significava o fim de um soldado que estivera escondido, de um que oferecera alguma forma de resistência ou de um gravemente ferido recebendo o *coup de grâce*.

Esses derrotados restos do Sexto Exército, sem armas nem capacetes, com gorros de lã puxados para baixo ou apenas trapos enrolados na cabeça contra o frio de rachar, tremendo em seus sobretudos impróprios, cingidos com fio elétrico no lugar do cinto, foram arrebanhados em longas colunas de marcha. Um grupo de sobreviventes da 297ª Divisão de Infantaria enfrentou um oficial russo, que apontou para as ruínas e berrou na cara deles:

- É assim que Berlim vai ficar!

O marechal de campo Paulus, acompanhado pelo tenente Lev Beziminski do serviço secreto do Exército Vermelho, foi levado do quartel-general do 64º Exército, no carro do seu próprio estado-maior, ao quartel-general da frente do Don, na periferia de Zavarikino, a uns 80 quilômetros de Stalingrado. Schmidt e Adam acompanhavam-nos escoltados em outra viatura. Conduziram-nos aos alojamentos, outra *izba* de cinco paredes. Um destacamento da guarda permanente, sob o tenente C. M. Bogomolov, aguardava-os. Os outros “generais de Stalingrado” foram levados para uma *izba* próxima, onde eram vigiados pelo tenente Spektor e um pelotão.

Bogomolov e seus homens, com entusiástica consciência do momento histórico, olhavam fascinados os seus

prisioneiros. O alto Paulus teve de abaixar-se ao entrar. Seguindo o exemplo de Adam, abandonara o quepe por um gorro de pele *ushanka*. Ainda usava o uniforme de general. Paulus foi seguido pelo general Schmidt e o coronel Adam, que impressionou os guardas com seu “ótimo domínio do russo”. O soldado motorista de Paulus chegou por último carregando suas pesadas malas. O Mercedes do estado-maior foi logo apropriado pelo general W. I. Kazakov, o comandante de artilharia do *front*.

Paulus e Schmidt ocuparam o aposento interno da *izba*, enquanto o coronel Adam e o acompanhante se instalaram no externo. Juntaram-se a eles dois agentes do NKVD enviados de Moscou por Beria. Mais tarde naquela noite, chegaram o general Malinin, chefe do estado-maior do *front*, e o coronel Iakimovich, oficial superior do estado-maior. Na função de intérprete, Beziminski informou a Paulus e Schmidt que sua missão era revistar a bagagem deles à procura de “artigos proibidos”, que incluíam todos os objetos de metal cortante. Schmidt explodiu:

- Um marechal de campo alemão - berrou - não se suicida com uma tesourinha de unha!

Paulus, exausto, fez-lhe um sinal com a mão para que não se incomodasse e entregou seu estojo de barbear.

Pouco antes da meia-noite, disseram a Paulus que os comandantes do Exército Vermelho achavam-se agora reunidos e esperando para entrevistá-lo. O tenente Ievgeni Tarabrin, oficial do NKVD que dominava o alemão e fora enviado para acompanhá-lo em toda parte, ouviu Paulus sussurrar a Schmidt, enquanto o ajudava com o sobretudo:

- Que devo dizer?

- Lembre-se de que é um general marechal de campo do Exército alemão - dizem que Schmidt lhe sussurrou de volta.

Mais surpreendente, e mais importante para os ouvidos do serviço secreto do Exército Vermelho, o oficial russo relatou que Schmidt usou a forma de tratamento íntimo *du* com seu superior.²

Só meia hora antes do início da reunião, o capitão Diatlenko do NKVD recebeu ordens para apresentar-se à *izba* usada pelo marechal Voronov, que acabara de ser promovido por Stalin.

- Então, capitão - saudou-o Voronov, afável. - Sem dúvida se lembra de quando o velho não quis recebê-lo. Bem, agora é ele quem está nos visitando. E você vai recebê-lo.

Voronov sentava-se à mesa com o general Rokossovski e o general K. F. Telegin, comandante e comissário do *front*, respectivamente. Surgiu um fotógrafo usando uma jaqueta de aviação forrada de pele. Para espanto de Diatlenko, ele tratou Voronov com desconfiança intimidada. Revelou-se que se tratava do famoso documentarista Roman Karmen, que se tornara amigo de Voronov durante a Guerra Civil espanhola. Karmen arrumou a cadeira destinada a Paulus, para obter a fotografia diretamente pela porta do aposento de Voronov. Sabia que o resultado ia ser usado para contar ao mundo a grande vitória da União Soviética.³

O clima estava tenso na *izba* de Voronov quando o importante “convidado” chegou. O alto, magro, curvado Paulus oferecia uma figura cinzenta, com seu uniforme “cor de camundongo” e o rosto pálido de tensão nervosa. Os cabelos estavam ficando grisalhos, e até a incipiente barba estava preta e branca. Só quando se aproximou da mesa, Voronov indicou-lhe a cadeira vazia.

- Sente-se, por favor - disse em russo. Diatlenko levantou-se de um salto e traduziu. Paulus inclinou a cabeça em cumprimento e sentou-se. Diatlenko então apresentou os dois comandantes soviéticos. - O representante da *Stavka*, marechal de artilharia Voronov! O comandante da Frente do Don, general Rokossovski! - Paulus pôs-se de pé num salto e saudou cada um.

Voronov começou a falar, fazendo pausas de poucos em poucos momentos para Diatlenko traduzir.

- *Herr* general, é um pouco tarde e deve estar cansado. Também temos trabalhado muito durante esses últimos dias.

Por isso discutiremos agora apenas um problema que é urgente.

- Permita-me. - Paulus tomou a palavra, deixando Diatlenko desorientado. - Mas não sou general. Anteontem, meu quartel-general recebeu um comunicado por sinal, dizendo que fui promovido a marechal de campo. Também está escrito em meus documentos de identidade. - Tocou o bolso do peito na túnica. - Não foi possível, contudo, trocar meu uniforme nas circunstâncias.

Voronov e Rokossovski trocaram olhares de irônico divertimento. O general Shumilov já informara à Frente do Don da promoção de último minuto.

- Então, *Herr* marechal de campo - recomeçou Voronov -, pedimos que assine uma ordem dirigida à parte do seu exército que continua resistindo, dizendo-lhes que se rendam para evitar perdas de vida inúteis.

- Isso seria indigno de um soldado! - respondeu ele de pronto, antes que Diatlenko terminasse a tradução.

- Pode-se dizer - perguntou Voronov - que salvar as vidas de seus subordinados é comportamento indigno de um soldado, quando o próprio comandante se rendeu?

- Eu não me rendi. Fui apanhado de surpresa.

Esta resposta "ingênua" não impressionou os oficiais russos, que sabiam muito bem das condições da rendição.

- Estamos falando de um ato humanitário - continuou Voronov. - Levaremos apenas dois dias, ou mesmo só algumas horas, para destruir o resto de suas tropas que continuam a combater. A resistência é inútil. Só causará as mortes desnecessárias de milhares de soldados. Seu dever como comandante de exército é salvar a vida deles, e isso vem ainda mais a propósito porque o senhor mesmo salvou sua vida entregando-se.

Paulus, que estivera brincando nervosamente com o maço de cigarros e o cinzeiro na mesa para seu uso, furtou-se à pergunta aferrando-se a fórmulas.

- Mesmo que eu assinasse essa ordem, eles não obedeceriam. Se eu me rendi, deixo automaticamente de ser seu comandante.

- Mas algumas horas atrás, era o comandante deles.

- Como minhas tropas foram divididas em dois grupos - persistiu Paulus -, eu era o comandante do outro bolsão só em teoria. As ordens chegavam em separado do quartel-general do Führer, e cada grupo era comandado por um general diferente.

A discussão prosseguiu “em círculos”. O tique nervoso de Paulus ficou ainda mais pronunciado, e Voronov também, sabendo que Stalin esperava no Kremlin para saber do resultado, começou a demonstrar tensão. Torcia o lábio superior, legado de um acidente de carro na Bielorrússia. Paulus, com suas táticas obstrutivas, chegou a afirmar que, se assinasse o documento, iam considerá-lo uma falsificação. Voronov respondeu que, nesse caso, eles mandariam buscar um dos seus próprios generais para testemunhar a assinatura e o enviariam ao norte do *Kessel* com o documento para garantir sua autenticidade. Mas Paulus, por mais capengas que soassem seus argumentos, aferrou-se à recusa de assinar. Voronov acabou tendo de aceitar que qualquer outra tentativa de convencê-lo seria inútil.

- Devo informá-lo, *Herr* general marechal de campo - traduziu Diatlenko - de que por sua recusa de salvar a vida dos seus subordinados está assumindo uma grande responsabilidade pelo povo alemão e o futuro da Alemanha.

- Paulus fitou a parede, deprimido e calado. Nessa “pose atormentada”, só o tique no rosto indicava seus pensamentos.

Voronov encerrou então a entrevista, perguntando se suas acomodações eram satisfatórias e se precisava de uma dieta especial por causa de sua doença.

- A única coisa que eu gostaria de pedir - respondeu Paulus - é que alimentem os muitos prisioneiros de guerra e

deem-lhes atenção médica.

Voronov explicou que “a situação no *front* dificultava receber e dar conta de tamanha massa de prisioneiros”, mas que fariam tudo o que pudessem. Paulus agradeceu-lhe, levantou-se e fez outra medida.

Hitler soube das notícias na fortemente guardada *Wolfsschanze* embrenhada na floresta da Prússia Oriental, lugar certa vez descrito pelo general Jodl como um misto de mosteiro com campo de concentração. Não deu um soco na mesa desta vez, mas baixou os olhos em silêncio para a sopa.

A voz e a raiva retornaram no dia seguinte. O marechal de campo Keitel e os generais Jeschonnek, Jodl e Zeitzler foram todos convocados para a conferência de meio-dia do Führer.

- Eles se renderam lá formal e absolutamente - disse Hitler, com irada descrença. - Senão, teriam cerrado fileiras, formado uma defesa com obstáculos de arame farpado e atirado em si mesmos com a última bala. Quando penso que uma mulher tem o orgulho de sair, trancar-se e logo se matar só porque ouviu algumas observações ofensivas, não posso ter o menor respeito por um soldado que tem medo disso e prefere ir para o cativeiro.

- Também não consigo entender - respondeu Zeitzler, cuja atuação nessa ocasião nos faz questionar suas garantias a Manstein e outros de que fizera tudo para convencer o Führer da verdadeira situação enfrentada pelo Sexto Exército. - Ainda sou de opinião que talvez não seja verdade; talvez ele esteja lá gravemente ferido.

Hitler continuou voltando repetidas vezes ao fiasco de Paulus por não haver se suicidado. Sem a menor dúvida, aquilo manchava inteiramente o mito de Stalingrado em sua imaginação.

- Isso me causa enorme dor, porque o heroísmo de tantos soldados foi anulado pela fraqueza de caráter de um único

indivíduo... Que é a Vida? A Vida é a Nação. O indivíduo vai morrer de qualquer modo... O que mais me magoa, pessoalmente, é que eu ainda o promovi a marechal de campo. Quis dar-lhe essa satisfação final. Ele poderia ter-se libertado de todo o sofrimento e ascendido à eternidade e à imortalidade nacional, mas prefere ir para Moscou.

O bolsão Norte, com os remanescentes de seis divisões sob o general Strecker, continuava a resistir. Strecker, com o quartel-general do 11º Corpo na fábrica de tratores de Stalingrado, comunicou por sinal: “As tropas estão combatendo sem armas pesadas nem suprimentos. E os homens estão desabando de exaustão. Congelados até a morte e ainda segurando armas. Strecker.” Embora vigorosa, sua mensagem evitou de forma conspícua os clichês nazistas.

Hitler, que recebeu o comunicado após o encontro com Zeitzler, respondeu no final daquela tarde:

- Espero que o Norte do *Kessel* resista até o fim.

Para enfatizar mais ainda a questão, emitiu uma diretriz do Führer pouco depois: “O 11º Corpo do Exército deve resistir até o fim para tolher a liberdade do máximo de força inimiga possível, a fim de facilitar as operações em outras frentes.”

Os quatro exércitos soviéticos haviam deslocado rapidamente as tropas para esmagar o último bolsão. Com uma concentração de 300 peças de campanha para apenas menos de 1 quilômetro, o distrito industrial foi mais uma vez arrasado. Todas as casamatas sobreviventes foram destruídas à queima-roupa, algumas com peças de campanha, outras com lança-chamas, às vezes com tanques chegando até a beira da casamata e enfiando a boca lá dentro.

Strecker acreditava que, meramente para ajudar Manstein, havia uma intenção militar de luta, mas ele rejeitou completamente qualquer ideia de autodestruição por

questões de propaganda. Em sua mente, não havia dúvida sobre onde repousavam os deveres de um oficial, como mostrou uma conversa com um ajudante de ordens pouco antes do fim.

- Quando chegar a hora - garantiu-lhe o ajudante de ordens -, nós nos suicidaremos.

- Suicídio? - exclamou Strecker.

- Sim, *Herr* general! Meu coronel também vai atirar nele. Acha que não devemos nos deixar capturar.

- Bem, deixe-me lhe dizer uma coisa. O senhor não vai atirar em si mesmo, nem seu coronel vai fazê-lo. Os senhores vão para o cativeiro junto com seus homens e farão tudo que puderem para dar um bom exemplo.

- Quer dizer... - os olhos do jovem oficial iluminaram-se - que eu não tenho de atirar em mim?

Strecker passou a maior parte da noite de 1º de fevereiro no quartel-general do regimento de um velho amigo, o coronel Julius Müller. Uma única vela queimava no canto da casamata, enquanto o pequeno grupo presente conversava sobre o combate recente, os amigos do passado e o aprisionamento do futuro.

- Ninguém menciona todo o sofrimento - observou Strecker -, ninguém fala com ressentimento. - Nas primeiras horas do amanhecer, ele levantou-se. - Müller, preciso ir - disse.

- Que você e seus homens sigam com Deus.

Strecker ficara profundamente emocionado com a descrição de Deus por Thomas Carlyle como "o verdadeiro marechal de campo". Sem dúvida, sua visão do céu era um lugar de perfeita ordem militar.

- Cumpriremos nosso dever, *Herr* general - respondeu Müller, quando os dois trocaram apertos de mão.

Strecker já rejeitara os pedidos para render-se dos seus comandantes divisionais, mas às quatro da manhã de 2 de fevereiro, os generais Lenski e Lattmann solicitaram mais uma vez permissão. Ele negou de novo. Lenski então disse

que um dos seus oficiais já partira para negociar as condições com os russos. Strecker não viu sentido algum em continuar. Ele e Groscurth redigiram seu comunicado final. “O 11º Corpo do Exército, com suas seis divisões, desempenhou seu dever até o último homem em intenso combate. Viva a Alemanha!”

Foi recebido pelo Grupo do Exército do Don. Strecker afirmou depois que ele e Groscurth haviam deliberadamente omitido qualquer aclamação a Hitler, mas a versão gravada e depois enviada à Prússia Oriental terminava com “Viva o Führer!” Alguém deve ter julgado politicamente correto tornar o comunicado mais degustável na *Wolfsschanze*.

Quando surgiram dois soldados russos, parecendo meio hesitantes, na entrada da casamata do comandante, Groscurth gritou-lhes que fossem buscar um general. Strecker depois escreveu que muitos dos seus soldados estavam “apenas semivivos”.

Jornalistas estrangeiros foram levados numa visita ao distrito fabril alguns dias depois. “Ninguém podia dizer como fora o relevo normal do terreno”, escreveu o correspondente britânico, Alexander Werth. “Subíamos e descíamos, descíamos e subíamos pelo caminho; não dava para saber o que era uma inclinação natural ou a lateral de uma dezena de crateras de granadas que se haviam fundido. Trincheiras percorriam todos os metros da fábrica; entravam pelas próprias oficinas; no fundo das trincheiras, ainda se estendiam corpos congelados de alemães verdes e de russos cinzentos e fragmentos congelados de forma humana; viam-se capacetes alemães e russos, espalhados entre os escombros de alvenaria, cheios até a metade de neve. Em toda parte, arame farpado, minas semidescobertas, caixas de granadas, mais escombros, fragmentos de paredes e emaranhados tortuosos de vigas de aço enferrujadas. Como alguém poderia ter sobrevivido ali é difícil de imaginar.”

A manhã de 2 de fevereiro começou com um denso nevoeiro, depois disperso pelo sol e um vento de açoite, levantando a neve pulverizada. A notícia da rendição final espalhou-se pelo 62º Exército, foguetes de sinalização foram disparados céu adentro numa exibição de improviso. Os marinheiros da flotilha do Volga e os soldados da margem esquerda atravessaram o gelo com fôrmas de pão e latas de comida para os civis que haviam ficado encurralados durante cinco meses em porões e buracos.

Grupos e indivíduos circulando nas redondezas abraçavam maravilhados os que encontravam. As vozes saíam abrandadas no ar glacial. Não faltavam pessoas na paisagem descolorida de ruínas, mas a cidade parecia deserta e vazia. É improvável que o fim tenha sido inesperado, ou mesmo repentino, mas os defensores russos achavam difícil acreditar que terminara a batalha de Stalingrado. Quando pensavam nela e lembravam os mortos, sua própria sobrevivência os espantava. De cada divisão enviada pelo Volga, não mais que uma centena de homens sobreviveu. Em toda a campanha de Stalingrado, o Exército Vermelho sofrera 1 milhão e 100 mil baixas, das quais 485.751 haviam sido fatais.

Grossman reexaminou os últimos cinco meses. “Pensei na antiga estrada de terra que levava à aldeia de pescadores na margem do Volga (...) uma estrada de glória e morte (...) e nas colunas silenciosas marchando por ela na sufocante poeira de agosto, nas noites enluaradas de setembro, nas chuvas torrenciais de outubro, nas neves de novembro. Elas haviam marchado com passo firme (...) artilheiros antitanques, fuzileiros, os soldados rasos de infantaria (...) haviam marchado em silêncio solene e lúgubre. O único som que viera de suas fileiras era o tinido das armas e as passadas ritmadas.”

Muito pouco da cidade que existira antes de surgirem os bombardeiros de Richthofen permanecia reconhecível naquela tarde de agosto. Stalingrado agora era pouco mais

que um esqueleto espancado e incendiado. Praticamente o único ponto de referência que restava era a fonte com estátuas de meninos e meninas dançando em volta. Parecia um milagre perturbador depois que tantos milhares de crianças haviam perecido nas ruínas ao redor.

23

“Parem de dançar! Stalingrado caiu”

Ao meio-dia de 2 de fevereiro, um avião de reconhecimento sobrevoou em círculos a cidade. A mensagem do piloto foi logo transmitida ao marechal de campo Milch:

– Não há mais nenhum sinal de combate em Stalingrado.

Depois da primeira entrevista de Voronov e Rokossovski com Paulus, o capitão Diatlenko voltou para interrogar os outros generais capturados. Ao contrário de suas expectativas, eles reagiram de maneiras muito diferentes. O general Schlömer, que assumira o comando do 14º Corpo de Panzers de Hube, chegou claudicando numa bengala e usando uma túnica acolchoada do Exército Vermelho. Conquistou o interrogador com o charme natural e as observações sobre “o cabo ignorante em problemas militares” e os “carreiristas sem talento em sua companhia”. O general Walther von Seydlitz, por outro lado, que o NKVD “descobriu depois ser o mais enérgico defensor da desobediência ao Führer durante o cerco”, comportou-se “de maneira muito reservada”.

Para Stalin, 91 mil prisioneiros, entre eles 22 generais alemães, eram troféus melhores do que bandeiras ou armas. Paulus, ainda em estado de choque, a princípio recusou-se a aparecer diante dos jornalistas trazidos de Moscou.

- Temos nossos próprios regulamentos - retrucou o coronel Iakimovich, do quartel-general da Frente do Don, com o tenente Beziminski traduzindo. - Fazemos o que nos mandam.

Contudo, permitiu-se um acordo. Paulus não teria de responder às perguntas dos jornalistas, apenas se mostrar para provar que não se suicidara.

Os correspondentes estrangeiros ficaram muito surpresos com a aparência dos generais alemães. "Pareciam saudáveis, nem um pouco subnutridos", escreveu Alexander Werth. "Claramente, durante toda a agonia de Stalingrado, quando seus soldados morriam de fome, eles continuaram tendo refeições mais ou menos regulares. O único homem que parecia em péssima forma era o próprio Paulus. Com a aparência pálida, doente e um tique nervoso na face esquerda."

As tentativas de fazer perguntas não foram muito bem-sucedidas. "Era um pouco como estar num zoológico", escreveu Werth, "onde alguns animais demonstravam interesse pelo público e outros ficavam emburrados." O general Deboi parecia visivelmente inclinado a agradar e logo disse aos jornalistas estrangeiros - "como a pedir que não nos assustássemos" - que era austríaco. O general Schlömer era o mais relaxado. Virou-se para um dos seus captores e, dando um tapinha nas dragonas do oficial, que acabavam de ser reintroduzidas por Stalin, exclamou com um cômico olhar de surpresa:

- Vejam só... são as novas?

O general von Arnim, por outro lado, estava sobretudo preocupado com o destino de sua bagagem e com o que ele achava dos soldados russos. "Os oficiais se comportam muito corretamente", anunciou, mas os soldados ele descreveu como "ladrões impudentes!".

A tensão da captura também justificou atitudes indignas nas duas casas camponesas em Zavarikino. Adam provocou de propósito o primeiro-tenente Bogomolov certa manhã

com uma saudação nazista e um “Heil Hitler”. Contudo, Schmidt era o oficial mais detestado pelos russos. Bogomolov obrigou-o a pedir desculpas a uma garçonete na cantina a quem ele reduzira a lágrimas enquanto lhe servia o almoço. Alguns dias depois, o problema estourou do outro lado, na *izba* que alojava os outros generais. O tenente Spektor, do grupo da guarda nº 2, telefonou para Bogomolov, pedindo-lhe que fosse rápido até lá. Uma briga começara de repente. “Quando abri a porta”, escreveu Bogomolov, “vi que um general alemão agarrava o pulso de um general romeno. Quando o alemão me viu, soltou-o, e depois o romeno o atingiu na boca com um soco. O que aconteceu foi que a briga era sobre a faca, o garfo e a colher do romeno, que ele alegou que o alemão tentara roubar.” Bogomolov, com desdenhosa descrença, avisou, sarcástico, ao tenente Spektor “que, se ele permitisse que aquele comportamento continuasse, sua colher também ia ser confiscada”.

Rivalidades e aversões latentes entre generais vieram à tona. Heitz e Seydlitz odiavam-se, mais ainda depois que Seydlitz permitira que os comandantes divisionais tomassem suas próprias decisões sobre a rendição. O próprio Heitz, que ordenara aos soldados combater até “a penúltima bala”, rendera-se e depois aceitara o jantar do general Shumilov no quartel-general do 64º Exército. Também passou a noite ali. Quando acabou se juntando aos outros generais capturados em Zavarikino, fez-se um alvoroço porque ele chegou com várias malas cheias, prontas para ser preso. Quando inquirido sobre a ordem de lutar até o fim, respondeu que teria se suicidado, mas seu chefe de estado-maior o impedira.

Para a Wehrmacht, foi uma época de contar o custo. O estado-maior do marechal de campo Milch calculou que eles haviam perdido 488 aviões de transporte e mil membros de

tripulação durante o socorro aéreo. A Nona Divisão de Fogo Antiaéreo foi destruída, junto com outro pessoal de terra, para não falar das perdas da Quarta Frota Aérea de bombardeiros, caças e Stukas, durante a campanha.

As perdas exatas do exército continuam incertas, mas não havia a menor dúvida de que a campanha de Stalingrado representara a derrota mais catastrófica até então sofrida pela história alemã. O Sexto Exército e o Quarto Exército de Panzers na verdade haviam sido destruídos. Só no *Kessel*, cerca de 60 mil haviam morrido desde o início da Operação Urano e uns 130 mil, capturados. (Mais uma vez, a confusão sobre as estatísticas parece dever-se sobretudo aos inúmeros russos em uniforme alemão.) Esses cálculos não levam em conta as perdas dentro e fora de Stalingrado entre agosto e novembro, a destruição de quatro exércitos aliados, a derrota da tentativa de resgate de Manstein e as perdas infligidas pela Operação Pequeno Saturno. Ao todo, o Eixo deve ter perdido mais de meio milhão de homens.

Apresentar tamanha catástrofe ao povo alemão foi um desafio do qual Goebbels se mostrou à altura com energia frenética, usando todo o seu talento para descarada distorção. O regime só admitira que o Sexto Exército estava cercado em 16 de janeiro, quando falou de “nossas tropas que há várias semanas têm combatido com heroísmo ataques inimigos de todos os lados”. Agora, ele optara pela direção totalmente oposta, afirmando que nem um único homem sobrevivera.

Goebbels mobilizou as estações de rádio e a imprensa para unir o país na dor marcial. Suas instruções aos jornais sobre como deveriam retratar a tragédia afluíram em massa. Deviam lembrar que toda palavra sobre aquela dramática luta ficaria para sempre na história. A imprensa devia sempre empregar a palavra bolchevista, não russo. “Toda a propaganda alemã precisa criar um mito do heroísmo de Stalingrado que deve se tornar um dos mais valiosos bens da história alemã.” O comunicado da Wehrmacht, em particular,

devia ser redigido de uma forma “que comova corações durante séculos afora”.

Tinha de corresponder ao discurso de César às suas tropas, ao apelo de Frederico, o Grande aos seus generais antes da batalha de Leuthen e ao chamado de Napoleão à sua guarda imperial.

O comunicado foi transmitido como um informativo especial no rádio 24 horas depois da rendição de Strecker. “Dos quartéis-generais do Führer, 3 de fevereiro de 1943. O supremo comando da Wehrmacht informa que terminou a batalha de Stalingrado. Fiel ao seu juramento de lealdade, o Sexto Exército, sob a exemplar liderança do marechal de campo Paulus, foi aniquilado pela esmagadora superioridade dos números inimigos (...). O sacrifício do Sexto Exército não foi em vão. Como o baluarte de nossa histórica missão europeia, resistiu ao violento ataque de seis exércitos soviéticos (...). Eles morreram para que a Alemanha pudesse viver.”

As mentiras do regime acabaram sendo contraproducentes, sobretudo a ideia de que todo membro do Sexto Exército morreria. Não se fez nenhuma referência no comunicado aos 91 mil prisioneiros alemães já proclamados pelo governo soviético, um fato rapidamente transmitido em todo o mundo. Como era inevitável, muito mais pessoas que o habitual sintonizaram estações estrangeiras.

Ordenou-se um período de luto oficial de três dias, com estabelecimentos de diversão fechados e todas as estações de rádio tocando músicas solenes, embora se proibissem aos jornais estamparem margens pretas e que bandeiras fossem hasteadas a meio-mastro.

O Serviço de Segurança da SS não subestimou o efeito no moral civil. Eles também sabiam que as cartas enviadas do *Kessel*, descrevendo o horror, a esqualidez e a imundície, contradiziam fundamentalmente o tratamento heroico do desastre pelo regime. “As cartas de despedidas dos

combatentes de Stalingrado”, dizia uma notícia, “semearam grande aflição não apenas entre os parentes, mas também num círculo mais amplo da população, tanto mais porque o conteúdo dessas cartas foi logo circulado. A descrição do sofrimento durante as últimas semanas de combate obceca os parentes dia e noite.”

De fato, Goebbels previra esse problema muito antes e decidira interceptar cartões-postais dos que foram feitos prisioneiros. Em sua agenda, no dia 17 de dezembro, ele escreveu: “No futuro, cartões não serão mais entregues aos parentes, porque oferecem uma porta de acesso à Alemanha para a propaganda bolchevista.”

Os esforços soviéticos revelaram-se vigorosos demais para poderem ser detidos. Os campos de prisão do NKVD forneciam cartões-postais, mas como as autoridades alemãs não lhes permitiriam a entrada, seu conteúdo era impresso em tipo pequeno, muitos por folha, e lançados sobre as linhas alemãs como panfletos de propaganda. Quando caíam, os soldados alemães no *front* pegavam-nos, embora corressem sérios riscos de punição, e enviavam cartas anônimas aos endereços na lista para dizer que seu homem estava vivo. Assinavam “um compatriota” ou apenas “xxx”. Às vezes, para horror das autoridades nazistas, famílias chegavam a receber uma cópia do panfleto soviético e contatavam outros na mesma situação.

O próprio Paulus parece ter pressentido antes da rendição que o regime poderia distorcer o desastre de Stalingrado e transformá-lo numa nova versão do mito da punhalada nas costas. (Se isso influenciou sua decisão de recusar os termos de rendição em 9 de janeiro, é impossível dizer.) Dessa vez, contudo, os bodes expiatórios da derrota não seriam os comunistas e judeus como em 1918, mas o Estado-Maior e a aristocracia, ainda em estreita associação na mente popular. Todos aqueles prestes a entrar na linha de fogo tiveram pelo

menos uma intuição da tempestade que o Dr. Goebbels, com seu inigualável talento para agitação da plebe, tentaria às pressas suscitar.

O príncipe Otto von Bismarck, ministro alemão na embaixada de Roma, estava no Hotel Palace em St. Moritz, com sua esposa, na noite de 31 de janeiro, quando recebeu um telefonema urgente. Era do embaixador alemão em Berna.

- Parem de dançar! - avisou. - Stalingrado caiu. - Os dois sabiam que St. Moritz se tornara o local turístico preferido dos oficiais superiores da SS. Nada mais precisou ser dito.

A linha partidária do ministro da propaganda, que falava de general e granadeiro combatendo ombro a ombro, logo mudou. Em 18 de fevereiro, Goebbels organizou uma manifestação em massa no Sportpalast de Berlim, com o tema "Guerra Total - Guerra Mais Curta!". Uma imensa faixa exibia o grande apelo de 1812: "Que Nosso Grito de Guerra Seja: Agora o Povo se Insurge e Liberta-se". Os contextos muito diferentes tornavam isso flagrantemente impróprio para todos, menos para o defensor mais comprometido com o regime.

- Vocês querem guerra total? - gritou Goebbels do pódio. O público grunhiu sua resposta. - Estão determinados a seguir o Führer e lutar pela vitória qualquer que seja o custo? - Mais uma vez, rugiu a fiel multidão.

Goebbels, durante as semanas que se seguiram a Stalingrado, estabeleceu o programa. Exigiu o fim de meias medidas, com mobilização de massa, embora o simbolismo fosse quase mais importante na precipitação de medidas. A cobertura de cobre do Portão de Brandemburgo foi retirada para utilização na indústria de guerra. Proibiram-se os eventos de esporte profissional. Lojas de luxo, como joalherias, foram fechadas. Aboliu-se a publicação de todas as revistas de moda. Goebbels chegou a organizar uma campanha contra a moda, com a ideia de que as mulheres não precisavam vestir-se com elegância, porque agradariam

do mesmo modo “os soldados alemães de volta ao lar apenas com remendos”. Circularam rumores de que a ondulação permanente dos cabelos seria proibida. Hitler, um crente entusiástico de que era um dever da condição feminina ser decorativa, foi contra isso, e Goebbels viu-se obrigado a anunciar que “não há necessidade de a mulher enfear-se”. O escambo, esse primeiro sinal de uma economia de estado de sítio, propagou-se rapidamente. Escovões, por exemplo, logo seriam trocados por ingressos para um concerto de Furtwängler.

Boates e restaurantes de luxo, como Horcher, Quartier Latin, Neva Grill, Peltzers Atelier e Tuskulum, em Kurfürstendamm, foram fechados. Quando reabriram, os clientes eram incentivados a restringir-se a *Feldküchengerichte* – “pratos da cozinha de campanha” – como um ato de solidariedade com os soldados na Rússia, provavelmente uma ideia inspirada pela dieta proibida de Zeitzler. Goering, contudo, conseguiu que Horcher, seu restaurante preferido, fosse reaberto como um clube de oficiais para a Luftwaffe.

A mensagem mal velada de que corruptos generais da classe alta haviam traído o ideal nazista era transmitida de numerosas maneiras. Não muito depois, disseram a todos os membros da nobreza alemã que serviam nas forças armadas que renunciassem às suas nomeações. Até o passeio a cavalo no Tiergarten foi interrompido.

Surgiam cada vez mais slogans da propaganda nazista em muros, mas os berlinenses cínicos preferiam a pichação: “Aproveite a guerra, a paz será muito pior.” “Resistir” tornou-se a palavra mais desgastada no léxico da propaganda. Intensificou-se o medo do futuro, acima de tudo da determinação russa de dar livre curso a uma violenta vingança. O dono de uma pousada da Floresta Negra, de licença do *Ostfront*, disse a Christabel Bielenberg: “Se eles se desferrarem de nós um quarto do que estamos fazendo

na Rússia e na Polônia, *Frau Doktor*, nós vamos sofrer, e mereceremos sofrer.”

Os alemães que não admiravam os nazistas reconheceram o grotesco paradoxo claramente. A invasão da União Soviética obrigara os russos a defender o stalinismo. Agora a ameaça de derrota obrigava os alemães a defender o regime de Hitler e seu horrível malogro. A diferença era que os russos tinham uma vasta massa de terra para a qual se retirar, enquanto a Alemanha enfrentava a guerra em duas frentes, maciços ataques aéreos e bombardeios e um bloqueio. Para piorar tudo, Roosevelt e Churchill em Casablanca haviam declarado sua intenção de combater até a rendição incondicional do Eixo, o que reforçou de forma imensurável a mão de Goebbels.

A oposição, por vários motivos, que iam de irresolução e divergência à pura falta de sorte, não conseguira agir a tempo. Já era tarde demais para convencer os Aliados de que havia uma alternativa democrática para o regime nazista, em oposição a um golpe palaciano por generais com medo da derrota. Seus membros, embora bem cômicos disso, ainda tinham esperanças de que Stalingrado proporcionasse pelo menos o gatilho para a revolta, mas nenhum comandante de grupo do exército se preparou para agir. Oficiais de menor escalão, mas mais determinados, estavam dispostos a correr enormes riscos, se necessário perder a própria vida na tentativa, mas Hitler, que parecia possuir um faro quase animal para o perigo, achava-se guardado bem demais e constantemente mudava seus planos na última hora.

O único sinal manifesto de insatisfação em consequência do colapso em Stalingrado veio de um pequeno grupo de estudantes de Munique, conhecido como a Rosa Branca. Suas ideias disseminaram-se a outros estudantes em Hamburgo, Berlim, Stuttgart e Viena. Em 18 de fevereiro, após uma campanha de panfletos informativos e slogans pintados em muros pedindo a derrubada do nazismo, Sophie

Scholl e seu irmão Hans foram presos, quando espalhavam mais panfletos na Universidade Ludwig-Maximilian em Munique. Torturados pela Gestapo, depois sentenciados à morte por Roland Freisler numa sessão especial do Tribunal do Povo em Munique, irmão e irmã foram decapitados. Muitos outros membros do seu círculo, entre eles o professor de filosofia Kurt Huber, sofreram sinas semelhantes.

Logo após a rendição final em Stalingrado, Hitler encontrou-se com o marechal de campo Manstein, o primeiro oficial superior de fora do seu círculo imediato. Manstein resumiu as medidas que fora obrigado a tomar para evitar o colapso total no Sul da Rússia. Hitler queria dar-lhe a ordem de que não recuasse mais, porém Manstein sabia que, naquelas circunstâncias, ele poderia estabelecer os termos. Durante as discussões dos dois, Hitler disse que assumia sozinho a responsabilidade por Stalingrado, depois se esquivou prontamente de sua própria confissão, acrescentando que poderia atribuir parte da culpa a Goering, mas como nomeara o Reichmarschall como seu sucessor, não poderia fazê-lo responsável por Stalingrado. Não se falou da sua própria estratégia confusa, nem das tentativas de controlar as operações de longe. Suas maiores recriminações continuavam reservadas a Paulus. Disse a Goebbels que, depois da guerra, mandaria Paulus e seus generais para a corte marcial por não cumprirem sua ordem explícita de resistir até a última bala.

Hitler agora raras vezes pontificava à mesa, como fora seu hábito. Preferia comer sozinho. Guderian achou-o muito mudado:

- A mão esquerda tremia, tinha as costas curvadas, o olhar fixo, os olhos ainda salientes, mas sem o antigo brilho, as faces com manchas vermelhas.

Mas, quando Hitler se encontrou com Milch, não demonstrou nenhum arrependimento pelo imenso

desperdício de vidas em Stalingrado. Só pensava em aumentar mais uma vez as apostas, jogando fora ainda mais vidas.

- Terminaremos esta guerra este ano - disse-lhe. - Por isso, decidi fazer uma gigantesca mobilização de toda a força popular alemã.

Na Rússia, o intenso júbilo em torno da vitória foi tão espontâneo quanto orquestrado. Os sinos do Kremlin repicaram com notícias da rendição de Paulus. Transmitiu-se música marcial estimulante pelo rádio e publicaram-se comunicados na primeira página de todos os jornais. Louvaram a “dura lição de história” dada aos “aventureiros do Estado-Maior geral alemão” pelos Aníbais do Exército Vermelho, nessa moderna batalha de Canas. Stalin era retratado como o sábio líder e grande arquiteto da vitória.

O moral na União Soviética elevou-se genuinamente. Durante toda a batalha, pessoas em toda parte haviam perguntado umas às outras as últimas notícias do combate no Volga. Quando chegou a vitória, depois de uma batalha tão terrível, continuaram dizendo umas às outras: “Não se pode deter um exército que ganhou Stalingrado.” Também brincavam, maravilhadas, à custa do inimigo derrotado: “Eu gostaria de saber, como deve se sentir um marechal de campo capturado num porão?”, era uma observação popular. “Depois de Stalingrado, nem um único soldado tinha uma única dúvida sobre o desfecho da guerra”, disse um oficial ferido ali. As divisões de Stalingrado foram distribuídas a diferentes exércitos e frentes, a fim de levantar ainda mais o moral.

Stalin logo foi nomeado marechal da União Soviética pelo *Presidium* do Soviete Supremo da URSS, um toque marginalmente mais modesto que o próprio Napoleão coroando a si mesmo. A história da guerra de repente foi refeita. Os desastres de 1941 passaram a parecer como se

fossem todos parte de um astuto plano concebido por Stalin. Seu retrato e nome haviam sido mantidos fora da imprensa durante os períodos ruins, mas agora “o grande capitão do povo soviético”, o gênio organizador de nossas vitórias voltava ao primeiro plano. Todos os desastres e todos os males eram atribuídos a outros, um tanto como os cortesãos eram os culpados na época czarista. Ilia Ehrenburg, com surpreendente cinismo, observou que o povo “precisava acreditar”. Até os prisioneiros no Gulag escreveram ao Grande Pai do Povo, convencidos de que ele iria intervir para corrigir um terrível erro judiciário, impensável sob o comunismo. Nenhum líder teve um para-raios mais eficaz do que Beria.

Os generais do Exército Vermelho foram conspicuamente condecorados. A recente suspensão do comando duplo com comissários foi coroada com a restauração formal do escalão e a descrição de “oficial”. O eufemismo “comandante” foi retirado. Como observara divertido o general Schlömer, as dragonas – símbolos de privilégio que em 1917 turbas de linchadores bolchevistas haviam pregado nos corpos de seus usuários czaristas – foram reinstituídas. (O galão dourado fora secretamente encomendado à Grã-Bretanha, para espanto e desaprovação dos oficiais de lá.) Um soldado de uma divisão de guardas soube da notícia das dragonas por um idoso que engraxava botas numa estação ferroviária.

– Estão começando mais uma vez com essas dragonas douradas – disse o senhor, com irada descrença. – Exatamente como no Exército Branco.

Os colegas soldados do rapaz também se espantaram quando ele lhes contou a novidade ao retornar para o trem:

– Por que logo no Exército Vermelho? – perguntaram.

Esses resmungos eram ignorados. As novas condecorações para a Grande Guerra Patriótica – as Ordens de Suvorov e Kutuzov – também foram distribuídas a comandantes superiores da campanha.

Contudo, o maior sucesso da propaganda estendia-se muito além das fronteiras soviéticas. A história do sacrifício do Exército Vermelho teve um poderoso efeito em todo o mundo, sobretudo na Europa ocupada. Sua influência nos movimentos de resistência em toda parte e, portanto, nas políticas da Europa do pós-guerra foi considerável. O triunfo do Exército Vermelho promoveu o status do membro do Partido Comunista e atraiu multidões de companheiros de viagem. Nem os conservadores puderam evitar elogios ao heroísmo do Exército Vermelho. Na Grã-Bretanha, o rei Jorge VI encomendou uma Espada de Stalingrado a ser forjada para presentear a cidade. O moral de civis e soldados elevou-se com os cinejornais que louvavam a vitória, com cenas tremeluzindo de Paulus e das longas colunas de prisioneiros de guerra serpeando pela paisagem coberta de neve. Todo mundo sabia que os russos suportavam o impacto do violento ataque alemão e que a Frente Oriental sangrava a Wehrmacht até a morte com muito mais certeza do que em qualquer teatro de guerra ocidental. O Exército Vermelho avançaria com ímpeto, como gritara o oficial para os prisioneiros de guerra alemães, até Berlim ficar igual à arruinada cidade de Stalingrado.

24

A cidade dos mortos

O silêncio que se fez em 2 de fevereiro na cidade arruinada causou uma impressão misteriosa para os que se haviam habituado à destruição como um estado natural. Grossman descreveu montes de escombros e crateras de bombas tão profundas que o sol de inverno, declinando, parecia nunca chegar ao fundo e “trilhos ferroviários onde vagões-tanques se estendiam de barriga para cima, como cavalos mortos”.

Cerca de 3,5 mil civis foram postos para trabalhar como grupos de enterro. Amontoavam os cadáveres dos alemães à beira da estrada, como pilhas de madeira de construção, e, embora tivessem algumas carroças puxadas por camelos, a maior parte do trabalho de remoção foi realizada com trenós e carrinhos de mão improvisados. Os mortos alemães eram levados para casamatas, ou à imensa vala antitanque cavada no verão anterior, e ali despejados. Depois, 1,2 mil prisioneiros alemães foram postos para trabalhar na mesma tarefa, usando carroças, com seres humanos em vez de cavalos a puxá-las.

- Quase todos os membros desses grupos de trabalho - relatou um prisioneiro de guerra - logo morreram de tifo.

Outros, “dezenas todo dia”, segundo um oficial do NKVD no campo de Beketovka, foram fuzilados a caminho do trabalho por suas escoltas.

As macabras provas do combate não desapareceram com muita rapidez. Depois que o Volga descongelou na primavera, encontraram-se calombos de pele enegrecida, coagulada na margem do rio. O general de Gaulle, quando parou em Stalingrado a caminho do norte para Moscou, em dezembro de 1944, ficou impressionado ao descobrir que corpos continuavam sendo desenterrados, mas isso continuaria por várias décadas. Quase toda obra de construção na cidade revelava restos humanos da batalha.

Mais estarrecedor que o número de mortos foi a capacidade de sobrevivência humana. O Comitê do Partido de Stalingrado realizou encontros em todos os distritos “libertados da ocupação fascista” e logo organizou um censo. Constataram que pelo menos 9.796 civis haviam vivido durante todo o combate, sobrevivendo nas ruínas do campo de batalha. Incluíam 994 crianças, das quais apenas nove se reuniram aos pais. A grande maioria foi enviada para orfanatos do Estado ou empregada para desobstruir a cidade. O relatório nada diz sobre seu estado físico e mental, testemunhado por uma voluntária norte-americana que

chegara logo depois da luta para distribuir roupas. “A maioria das crianças”, escreveu ela, “vivera embaixo da terra durante quatro ou cinco meses de inverno. Estavam inchadas de fome. Encolhiam-se nos cantos, temendo falar, até mesmo encarar as pessoas no rosto.”

O Comitê do Partido de Stalingrado tinha prioridades mais elevadas. “As autoridades soviéticas foram imediatamente reinstaladas em todos os distritos da cidade”, comunicou a Moscou. Em 4 de fevereiro, os comissários do Exército Vermelho realizaram uma manifestação política para “toda a cidade”, civis e soldados sobreviventes. Essa assembleia, com seus longos discursos em louvor ao Camarada Stalin e sua liderança do Exército Vermelho, foi a versão do Partido de um ofício de ação de graças.

As autoridades a princípio não permitiram aos civis que haviam escapado para a margem oriental que voltassem para casa, por causa da necessidade de retirar granadas que não haviam explodido. As equipes de desobstrução de minas tinham de preparar um esquema de “caminhos especiais seguros”. Mas muitos conseguiram atravessar às escondidas para o outro lado do Volga congelado sem permissão. Mensagens apareceram escritas a giz nas laterais de prédios arruinados, testemunhando os números de famílias desfeitas pelo combate: “Mamãe, estamos todos bem. Procure por nós em Beketovka. Klava.” Muitas pessoas jamais descobriram quais dos parentes estavam vivos ou mortos até depois de terminada a guerra.

Um grande contingente de prisioneiros alemães, muitos dos quais fracos demais para andar, também foi obrigado a comparecer ao comício político no centro de Stalingrado e ouvir longas arengas de três líderes dos comunistas alemães: Walter Ulbricht, Erich Weinart e Wilhelm Pieck.

De tão deplorável o estado da maioria dos prisioneiros na época da rendição, era previsível um considerável índice de

mortos nas semanas e meses seguintes. Em que medida isso foi exacerbado por tratamento insuficiente, brutalidade casual e, acima de tudo, por todas as deficiências logísticas é quase impossível calcular. Dos 91 mil levados prisioneiros no final da batalha, quase metade morreria quando chegou a primavera. O próprio Exército Vermelho reconheceu em relatórios posteriores que as ordens para o tratamento de prisioneiros haviam sido ignoradas, e é impossível dizer quantos alemães foram fuzilados sem demora, durante ou logo após a rendição, muitas vezes como vingança pelas mortes de parentes ou camaradas.

O índice de mortes nos chamados hospitais foi apavorante. O sistema de túneis no desfiladeiro do Tsaristsa, redesignado como “Hospital de Prisioneiro de Guerra nº 1”, continuou sendo o maior e mais horrífico, simplesmente porque não restaram prédios que oferecessem qualquer proteção contra o frio. Escorria água pelas paredes, o ar era pouco mais que uma infecta e doentia reciclagem de respiração humana, com oxigênio tão escasso que os poucos lampiões a óleo, improvisados de latas, tremulavam e apagavam constantemente, deixando os túneis escuros. Cada galeria não era muito mais larga que as vítimas deitadas lado a lado na úmida terra batida do piso do túnel, de modo que era difícil, na obscuridade, não pisar ou tropeçar em pés queimados pelo frio, provocando um rouco grito de dor. Muitas das vítimas de queimaduras de frio morreram de gangrena, porque os cirurgiões não tinham como dar conta. Se haveriam sobrevivido à amputação naquele debilitado estado e sem anestesia é outra questão.

A condição de muitos dos 4 mil pacientes era lastimosa ao extremo, e os médicos viam-se impotentes diante de fungos espalhados pela carne podre. Quase não lhes sobravam ataduras e medicamentos. Úlceras e feridas abertas proporcionavam fáceis pontos de entrada para o tétano do imundo ambiente em volta. Os improvisados sanitários, que consistiam em um único balde para montes de homens que

sofriam de disenteria, eram inenarráveis, e à noite não havia lampiões. Muitos homens estavam fracos demais para levantar-se do chão e não havia enfermeiros suficientes para atender aos constantes gritos de ajuda. Os enfermeiros, já fracos pela subnutrição e logo tomados eles próprios pela febre, tinham de buscar água poluída ravina acima.

Os médicos nem sequer tinham uma relação confiável dos nomes dos pacientes, sem falar de anotações médicas corretas. Tropas russas de segunda linha e também membros de unidades de ambulância haviam roubado seu equipamento médico e drogas, incluindo anestésicos. O capelão protestante da 298ª Divisão foi fuzilado no pescoço por um major soviético quando se curvou para ajudar um ferido.

Os oficiais médicos russos ficaram estarecidos com as condições. Alguns eram solidários. O comandante russo dividiu seus cigarros com médicos alemães, mas outros soviéticos trocavam pão por quaisquer relógios que houvessem sobrevivido às primeiras séries de saque. Dibold, médico da 44ª Divisão de Infantaria, descreveu que quando uma cirurgiã do exército, alegre e com o forte rosto corado de ancestrais camponeses, entrou para barganhar relógios, um jovem austríaco de família pobre apresentou um relógio de bolso de prata. Estendeu essa relíquia de família, sem dúvida dada quando ele partira para a guerra, e em troca recebeu meia fôrma de pão, que dividiu entre os outros homens, ficando com a menor parte para si.

A desgraça também trouxe a escumalha à tona. Alguns indivíduos exploraram a impotência de antigos camaradas com um descaramento inimaginável. Ladrões roubavam cadáveres e pacientes mais fracos. Se alguém tivesse conservado um anel, aliança de casamento ou outro objeto de valor, logo era furtado no escuro. Mas a natureza tem sua própria forma de justiça poética. Os ladrões dos doentes logo se tornaram vítimas de tifo causado por piolhos infectados, transferidos com o butim. Um intérprete, notório por suas

atividades, foi encontrado com uma bolsa cheia de anéis de ouro quando morreu.

A princípio, as autoridades soviéticas não forneceram qualquer ração. Os arquivos do NKVD e do Exército Vermelho hoje mostram que, embora se soubesse que a rendição era iminente, quase não se fizera nenhum preparativo para guardar, quanto mais alimentar, os prisioneiros. O comunista alemão Erich Weinart afirmou que a neve pesada obstruiu o transporte de suprimentos, mas isso não é convincente. O verdadeiro problema foi um misto de brutal indiferença e incompetência burocrática, acima de tudo falta de coordenação entre o exército e o NKVD.

Também havia uma profunda relutância em distribuir rações aos prisioneiros alemães, quando a União Soviética sofria uma escassez de comida tão desesperada. Muitos soldados do Exército Vermelho estavam seriamente subnutridos, para não falar dos civis, por isso a própria ideia de dar qualquer alimento aos invasores que lhes haviam saqueado o país parecia quase perversa. As rações acabaram chegando após três ou quatro dias, período em que muitos homens não haviam comido praticamente nada em quase duas semanas. Mesmo para os doentes, era pouco mais que uma fôrma de pão dividida por dez homens, mais alguma sopa feita de água com sementes de painço e peixe salgado. Seria irrealista esperar algo melhor, sobretudo quando levamos em conta a folha de serviço da Wehrmacht sobre o tratamento dos seus próprios prisioneiros, militares e civis, na União Soviética.

Contudo, o maior medo dos médicos em relação aos pacientes não era a morte por fome, mas uma epidemia de tifo. Muitos haviam esperado um surto no *Kessel* quando surgiram os primeiros casos, mas não ousaram manifestar suas preocupações para não desencadear o pânico. No sistema de túneis, eles continuaram isolando as diferentes

doenças quando apareciam, fosse difteria ou tifo. Imploraram às autoridades que fornecessem equipamento de desinfestação de piolhos, mas muitos soldados do Exército Vermelho e quase todos os civis na região também estavam infestados.

Não surpreende que tantos tenham morrido. Parecia restar pouco motivo para lutar pela vida. A perspectiva de tornar a ver as famílias era muito remota. A Alemanha ficava tão distante que talvez se houvesse tornado outro mundo, um mundo que agora parecia ter mais a ver com pura fantasia. A morte prometia a libertação do sofrimento, e próximos do fim, exauridos de dor além de força, não restara mais que uma sensação de imponderável leveza. Os soldados com mais chance de sobreviver pareciam ser aqueles que continuavam lutando, ou por fé religiosa, ou por uma obstinada recusa a morrer em tamanha imundície, ou pela determinação de viver pela família.

A vontade de viver desempenhou um papel igualmente importante para os que foram conduzidos em marcha forçada aos campos de prisioneiros. O que Weinart descreveu como “fantasmas em trapos coxeando e arrastando os pés” seguiam atrás do homem na frente. Assim que o esforço da marcha lhes aquecia o corpo, sentiam os piolhos ficarem mais ativos. Alguns civis arrancavam-lhes os cobertores das costas, cuspiam-lhes no rosto e até atiravam-lhes pedras. Era melhor ir junto à frente da coluna e, mais seguro de tudo, perto da escolta. Alguns soldados pelos quais passavam, ao contrário das ordens do Exército Vermelho, davam tiros ao acaso nas colunas de prisioneiros, apenas por diversão, exatamente como os soldados alemães haviam disparado em colunas de prisioneiros do Exército Vermelho em 1941.

Os mais felizardos foram conduzidos direto a um dos campos de concentração na área, embora variassem muito

de distância. Os prisioneiros do bolsão Norte, por exemplo, percorreram quase 20 quilômetros até Dubovka, Norte de Stalingrado. Levaram dois dias. Durante a noite, foram levados até as ruínas sem teto de prédios – destruídos pela Luftwaffe, como não deixavam de lembrar-lhes os guardas.

Milhares, contudo, foram levados no que só pode ser descrito como marchas da morte. Os piores, sem comida nem água, a temperaturas entre -25°C e -30°C, partiram da ravina do Tsaritsa, seguindo via Gumrak e Gorodishche, por uma estrada toda em ziguezague, chegando afinal no quinto dia a Beketovka. De vez em quando, ouviam disparos no ar glacial, quando mais uma vítima desabava na neve sem ter mais condições de andar. A sede era uma ameaça tão grande quanto a fraqueza de fome. Embora circundados pela neve, eles sofriam o destino do velho marinheiro, sabendo dos perigos de consumi-la.

Raras vezes existia abrigo à noite. Muitos, ao acordar, encontravam camaradas mortos e congelados rígidos a seu lado. Numa tentativa de evitar isso, designou-se um grupo para ficar acordado e pronto para acordar os outros após meia hora. Então todos se moviam com o máximo de rapidez possível, para reativar a circulação. Outros nem sequer ousavam se deitar. Esperando dormir como cavalos, ficavam juntos em pé com um cobertor sobre a cabeça para conservar algum calor de sua respiração.

A manhã trazia não alívio, mas pavor da marcha adiante.

– Os russos tinham métodos muito simples – observou um tenente que sobreviveu. – Os que podiam andar, eram conduzidos. Os que não, por ferimentos ou doença, eram fuzilados ou deixados para trás sem comida, para morrer.

Havendo entendido logo essa lógica brutal, ele aceitou de bom grado trocar seu pulôver de lã por leite e pão de uma camponesa russa na parada à noite, pois sabia que do contrário desabaria de fraqueza no dia seguinte.

– Partimos com 1,2 mil homens – contou um soldado da 305ª Divisão de Infantaria – e apenas um décimo, cerca de

120 homens, havia restado com vida quando chegamos a Beketovka.

O portão de acesso ao principal campo em Beketovka era outra entrada que merecia a inscrição: “Abandonai toda esperança, vós que aqui entrais.”

À sua chegada, os guardas revistavam os prisioneiros mais uma vez, em busca de objetos de valor, depois os mandavam ficar em pé para o “registro”. Os prisioneiros logo descobriram que ficar ali em pé horas a fio, naquela temperatura enregelante, desfilando em grupos de cinco para a “parada de contagem”, seria uma penitência diária. Por fim, depois que o NKVD tivesse realizado um processamento inicial, eram levados a barracas de madeira, onde os amontoavam, cinquenta ou sessenta homens por quarto, “como arenques num barril”, relatou um sobrevivente. Em 4 de fevereiro, um oficial do NKVD queixou-se aos quartéis-generais da Frente do Don de que a situação era “extremamente crítica”. Os campos em Beketovka haviam recebido 50 mil prisioneiros, “entre eles também doentes e feridos”.

As autoridades dos campos do NKVD ficaram sobrecarregadas. Não tinham nenhum transporte motorizado e tentaram suplicar ao exército apenas um caminhão. Acabou-se trazendo água aos campos em barris de ferro em carroças puxadas por camelos. Um médico austríaco capturado anotou sua primeira impressão: “Nada para comer, nada para beber; neve imunda e gelo cor de urina ofereciam o único alívio para uma sede insuportável (...) Toda manhã, mais cadáveres.” Passados dois dias, os russos distribuíram um pouco de “sopa”, não mais que um saco de farelo despejado em água quente. A revolta com aquelas condições levou prisioneiros a arrancar punhados de piolhos dos próprios corpos e jogar em seus guardas. Esses protestos provocavam execução sumária.

Logo no início, as autoridades soviéticas puseram-se a dividir os prisioneiros de guerra, primeiro por linhas nacionais, depois políticas. Os prisioneiros de guerra romenos, italianos e croatas receberam o privilégio de trabalhar nas cozinhas, onde os romenos em particular partiram para vingar-se dos seus ex-aliados. Para eles, os alemães não apenas os haviam posto naquele inferno, como também lhes haviam cortado os suprimentos no *Kessel* para alimentar melhor suas próprias tropas. Gangues de romenos atacavam alemães pegando comida em nome de sua barraca e arrebatavam-na deles. Os alemães retaliavam, enviando escoltas para guardar os portadores de sua comida.

- Aí, ocorreu outro choque - relatou um sargento da Luftwaffe. - Nossos camaradas austríacos de repente deixaram de ser alemães. Chamavam-se de "austríacos", esperando garantir melhor tratamento, o que de fato aconteceu. Os alemães ficaram ressentidos de que toda a culpa da guerra fosse empilhada naqueles de nós que continuávamos sendo "alemães", sobretudo em vista de os austríacos, com uma interessante distorção de lógica, tenderem a culpar os generais prussianos, em vez do austríaco Hitler, por sua penosa situação.

A luta para ficar vivo continuava sendo suprema. "Todas as manhãs os mortos eram estendidos diante do bloco de barracas", escreveu um oficial de Panzers. Aqueles cadáveres nus, congelados, eram depois empilhados por turmas de trabalhadores numa linha que se estendia sempre de um lado do campo. Um médico calculou que em Beketovka a "montanha de corpos" tinha "uns 100 metros de comprimento por quase 2 de altura". Morriam pelo menos de cinquenta a sessenta homens todo dia, avaliou o aspirante a oficial da Luftwaffe. "Não nos restaram mais lágrimas", escreveu depois. Outro prisioneiro usado como intérprete pelos russos conseguiu depois dar uma olhada no "registro de mortes". Anotou que, até 21 de outubro de

1942, 45,2 mil morreram só em Beketovka. Um relatório do NKVD admite que, em todos os campos de Stalingrado, 55.228 prisioneiros haviam morrido por volta de 15 de abril, mas não sabe quantos haviam sido capturados entre a Operação Urano e a capitulação final.

“A fome”, observou o Dr. Dibold, “mudou a psique e o caráter, de modo visível nos padrões de comportamento e invisível nos pensamentos dos homens.” Tanto os soldados alemães quanto os romenos recorreram ao canibalismo para continuar vivos. Cortavam-se finas fatias de carne de cadáveres congelados, que eram fervidas. O produto final era oferecido a todos como “carne de camelo”. Os que a comiam eram logo reconhecíveis, porque sua compleição adquiria um matiz vermelho, em vez da palidez verde-cinza da maioria. Comunicaram-se casos de outros campos dentro e na periferia de Stalingrado, até mesmo num campo que alojava prisioneiros capturados durante a Operação Urano. Uma fonte soviética diz que “só à mira de pistola se poderia obrigar os prisioneiros a desistir desse barbarismo”. As autoridades pediam mais comida, porém a incompetência e a corrupção no sistema obstruíam qualquer medida.

O efeito acumulado de cansaço, doença e fome também desumanizou os prisioneiros de outras maneiras. Tomados de disenteria, os que desabavam e caíam no buraco do inferno das latrinas eram abandonados para se afogar, embora ainda vivos. Poucos tinham a força ou a vontade de retirá-los dali. Ignorava-se seu terrível destino embaixo. A necessidade de todos de usar as latrinas era urgente demais.

De modo curioso, a latrina salvou um jovem tenente faminto, um conde cuja família era dona de vários castelos e propriedades. Ele por acaso ouviu um soldado dizer alguma coisa no inconfundível dialeto de seu distrito e logo chamou-o, perguntando-lhe de onde ele vinha. O soldado deu o nome de uma pequena aldeia próxima.

- E quem é você e de onde vem? - perguntou-lhe de volta o soldado. O oficial lhe contou. - Ah, sei. Eu via você passar em seu Mercedes esporte vermelho saindo para caçar lebres. Bem, e aqui estamos os dois juntos. Se você está com fome, talvez eu possa ajudar.

O soldado fora escolhido como enfermeiro médico no hospital da prisão, e como muitos dos internos haviam morrido antes que houvessem tido a chance de comer sua ração de pão, ele conseguiu juntar um saco de cascas de pão para dividir com outros após cada período do plantão. Essa intervenção totalmente inesperada salvou a vida do jovem conde.

A sobrevivência sempre corria contra a expectativa. Os primeiros a morrer eram os que em geral haviam sido grandes e vigorosamente constituídos. O homem magro e pequeno tinha a melhor chance. No *Kessel* e depois nos campos de prisioneiros, as rações igualmente mínimas quase sempre eram fadadas a inverter a sobrevivência normal dos mais bem condicionados em termos físicos, porque não levavam em nenhuma consideração o tamanho do indivíduo. O interessante nos campos de trabalho soviéticos é que só os cavalos eram alimentados de acordo com o seu tamanho.

Quando chegou a primavera, as autoridades soviéticas começaram a reorganizar a população prisioneira de guerra na região. Ao todo, 235 mil antigos membros do Sexto Exército e do Quarto Exército de Panzers, entre eles os capturados durante a operação de socorro tentada por Manstein em dezembro, além de romenos e outros aliados, haviam sido mantidos em cerca de vinte campos e hospitais prisões na região.

Os generais foram os primeiros a partir, com destino a um campo perto de Moscou. Embarcaram no que os oficiais subalternos apelidaram cinicamente de "Trem Branco",

porque os vagões eram muito confortáveis. Criou-se grande ressentimento pelo fato de aqueles que haviam dado ordens de lutar até o fim não apenas haverem sobrevivido à sua própria retórica, mas agora desfrutarem condições incomparavelmente melhores que as de seus homens.

- É dever de um general permanecer com seus homens - observou um tenente -, não partir num vagão-leito.

As chances de sobrevivência revelaram-se brutalmente dependentes do escalão. Morreram mais de 95 por cento dos soldados e sargentos, 55 por cento de oficiais subalternos e apenas 5 por cento de superiores. Como haviam notado os jornalistas estrangeiros, poucos dos oficiais mostravam sinais de fome logo após a rendição, portanto suas defesas não estavam perigosamente enfraquecidas da mesma maneira que as dos seus homens. O tratamento privilegiado que receberam os generais, contudo, era um testemunho revelador do senso de hierarquia da União Soviética.

Pequenos números de oficiais foram enviados a campos na região de Moscou, como Lunovo, Krasnogorsk e Suzdal. Aqueles selecionados para “educação antifascista” foram mandados para o mosteiro fortificado de Ielabuga, a leste de Kazan. As condições de transporte, sem a menor dúvida, não correspondiam às fornecidas aos generais. De um comboio de 1,8 mil homens em março, 1,2 mil morreram. Além de tifo, icterícia e difteria, haviam surgido agora escorbuto, hidropisia e tuberculose. E assim que chegou a primavera propriamente dita, o número de casos de malária elevou-se em escala vertiginosa.

A diáspora de soldados e oficiais subalternos foi considerável, com 20 mil enviados a Bekabad, Leste de Tashkent, 2,5 mil a Volsk, Nordeste de Saratov, 5 mil a Astracã, a jusante do Volga, 2 mil a Usman, Norte de Voronej, e outros a Basianovski, Norte de Sverdlovsk, a Oranki, perto de Gorki, e também a Karaganda.

Quando se registraram os prisioneiros antes da partida, muitos escreveram “trabalhador agrícola” como profissão,

na esperança de ser mandado para uma fazenda. Os fumantes inveterados pegaram esterco de camelo e o secaram a fim de ter alguma coisa para fumar na viagem. Após a experiência de Beketovka, tinham certeza de que o pior já passara, e a perspectiva de movimento e mudança exercia uma certa atração, mas logo descobriram seu engano. Cada vagão ferroviário, com mais de cem homens comprimidos uns nos outros, tinha apenas um buraco no meio do piso como latrina. O frio continuava terrível, embora a sede mais uma vez fosse a pior agonia, pois lhes davam pão seco e peixe salgado para comer, mas pouca água. Tão desesperados ficavam, que lambiam a condensação congelada em partes metálicas no interior do vagão. Nas paradas, os homens com autorização de sair muitas vezes não resistiam a pegar punhados de neve e enfiá-los na boca. Muitos morreram em consequência disso, em geral tão silenciosamente que seus camaradas só percebiam tarde demais que haviam morrido. Os corpos eram então retirados e empilhados junto à porta de correr do vagão, prontos para descarregar.

- *Skolko kaputt?* - gritavam nas paradas os guardas soviéticos em seu alemão estropiado. - Quantos morreram?

Algumas viagens duraram mais de 25 dias. Os transportes via Saratov, depois pelo Uzbequistão até Bekabad, incluíam-se entre os piores. Num vagão, de cada 100 homens, apenas oito permaneceram vivos. Quando os prisioneiros finalmente chegavam ao campo de recepção, à vista das montanhas Pamir, descobriram que fora criado para a construção de uma usina hidrelétrica próxima. O alívio de saber que afinal iam ser desinfetados logo se transformou em consternação. Foram desajeitadamente raspados em toda parte, o que “só podia ser comparado à tosquia de ovelhas”, depois pulverizados com um pó. Muitos morreram por causa dos primitivos produtos químicos usados.

Não havia barracas de madeira onde se alojar, apenas abrigos na terra. Mas a pior surpresa foi um cabo alemão

que se juntara aos soviéticos como comandante de guarda. “Nenhum russo jamais me tratou com tanta brutalidade”, escreveu o mesmo prisioneiro alemão.⁴ Felizmente, o movimento entre os campos nesse paralelo do *gulag* era frequente. De Bekabad, muitos foram para Kokant ou, melhor de todos, para Chuama, onde havia instalações médicas muito melhores e uma piscina toscamente improvisada. Os prisioneiros italianos ali já se achavam bem organizados, pegando pardais para complementar a sopa.

Aqueles deixados para trás, em Stalingrado, descobriram que o campo de triagem em Krasnoarmeisk se tornara um campo de trabalhos forçados. A comida pelo menos melhorou, com *kasha* (mingau de trigo sarraceno) e sopa de peixe, mas o trabalho muitas vezes era perigoso. Quando chegou a primavera, muitos deles foram postos para trabalhar recuperando embarcações fluviais do rio Volga afundadas pela Luftwaffe e o Exército alemão. Um russo administrador do estaleiro, abalado pelo número de prisioneiros que morria nesse trabalho, pediu que a filha jurasse segredo antes de contar-lhe isso.

O domínio do NKVD em Stalingrado não afrouxara. Os prisioneiros alemães que trabalhavam nas duas margens do Volga haviam reparado que o primeiro prédio da cidade a ser reconstruído foi o quartel-general do NKVD, e quase imediatamente formaram-se filas de mulheres diante da entrada com pacotes de comida para os parentes que haviam sido presos. Os soldados do antigo Sexto Exército imaginaram que eles também seriam prisioneiros ali por muitos anos. Molotov depois confirmou seus temores, com a declaração de que nenhum prisioneiro alemão veria a terra natal enquanto não se houvesse reconstruído Stalingrado.

25

A Espada de Stalingrado

Em novembro de 1943, um ano após a Operação Urano, um avião de transporte Douglas sobrevoou Stalingrado. Os diplomatas soviéticos a bordo, embarcados em Moscou, dirigiam-se ao encontro dos líderes britânicos e norte-americanos em Teerã. Um dos passageiros era Berejkov, que fora o intérprete de Dekanozov em Berlim na véspera da Barbarossa.

“Colamo-nos nas janelas, calados”, escreveu depois. “Primeiro surgiram no campo visual casas individuais, espalhadas na neve, e depois começou aquele caos inacreditável: protuberâncias de paredes, arcabouços de prédios semidestruídos, pilhas de escombros, chaminés isoladas.” Contudo, distinguiram sinais de vida. “Visíveis contra a neve, havia vultos pretos de pessoas, e de vez em quando o indício de novos prédios.” Mais uma vez, sobre a estepe, localizaram os esqueletos enferrujados de tanques.

Na conferência de Teerã, Churchill presenteou a Espada de Stalingrado “ao povo soviético”. A lâmina trazia a dedicatória gravada: “Aos cidadãos de coração de aço, de Stalingrado, um presente do rei Jorge VI, como um símbolo da homenagem do povo britânico.” Churchill tornou a cerimônia memorável por sua oratória. Stalin, que recebeu a espada com as duas mãos, ergueu-a aos lábios para beijar a bainha. Depois, passou-a para o marechal Voroshilov, que, desajeitado, deixou a espada escorregar e sair da bainha. Caiu com alto estardalhaço no chão.

Naquela noite, Stalin ergueu a taça após o jantar.

- Eu proponho um brinde - disse - à mais rápida justiça possível para todos os criminosos de guerra da Alemanha... Bebo para que nossa união os despache com o máximo de rapidez assim que os pegarmos, todos, e deve haver um bom número deles.

Algumas fontes dizem que ele propôs a execução de 50 mil oficiais da Wehrmacht, a fim de destruir para sempre o poder militar alemão. Churchill levantou-se, furioso, e declarou que o povo britânico jamais “defenderia tamanho assassinato em

massa”. Ninguém deve ser fuzilado sem um julgamento correto. E saiu. Stalin, divertido com a reação que provocara, seguiu atrás dele. Pondo-lhe as duas mãos nos ombros, afirmou que fora uma brincadeira e convenceu-o com lisonja a voltar.

A conferência de Teerã determinou a estratégia aliada para o resto da guerra. O plano de Churchill para uma invasão através dos Bálcãs foi vetado por sensatos motivos militares. O principal esforço dos Aliados ocidentais tinha de ser dedicado ao noroeste europeu. Mas essa lógica de estratégia deixou o destino da Europa Oriental e Central inteiramente nas mãos de Stalin. Churchill, com uma forte suspeita das consequências, nada pôde fazer. Os sacrifícios do Exército Vermelho e o terrível sofrimento dos civis russos permitiram a Stalin manipular os Aliados ocidentais por uma espécie de culpa de sangue, porque as perdas deles, em comparação, haviam sido mínimas. Vários historiadores que mapeavam a ascensão da União Soviética ao status de superpotência destacaram corretamente a vitória em Stalingrado como a base do sucesso de Stalin em Teerã.

Stalin, capitalizando sua nova aura de grande estadista, e como deliberada lambugem para Roosevelt, anunciara a abolição do Comintern em 15 de maio de 1943. Era um peão fácil para fingir sacrificá-lo. Georgi Dimitrov continuou no cargo, dirigindo um Comintern remanescente sob outro nome: Seção Internacional do Comitê Central. Enquanto isso, a vitória soviética em Stalingrado fora a maior promoção imaginável para a propaganda comunista em todo o mundo. E uma inspiração até mesmo para os que haviam perdido a fé após a inquisição stalinista na Guerra Civil espanhola ou o pacto nazi-soviético de 1939. A história entusiasmou escultores, pintores, romancistas e poetas de esquerda, como Pablo Neruda, que, em seu *Nuevo Canto de Amor a Stalingrado*, escreveu um poema de amor internacional por uma cidade cujo nome trouxera esperança para o mundo.

Para os prisioneiros alemães capturados em Stalingrado, o futuro era correspondentemente negro. Alguns, ainda sonhando com poderosos contra-ataques que os salvassem, convenceram-se de que à noite ouviam os canhões de um exército avançando. Eram esses que tinham menos chance de sobreviver aos anos por vir nos campos de prisioneiros, construídos segundo os padrões do NKVD, com cercas no perímetro de dez fileiras horizontais de arame farpado.

O cativo era um destino quase tão incerto quanto o combate. Também teve sua parcela das ironias de guerra. Dibold, o médico austríaco da 44ª Divisão de Infantaria, espantou-se quando três novos pacientes chegaram ao seu hospital-prisão. Esse trio, embora sem sombra de dúvida judeu, usava uniformes alemães com águias e suásticas. Um deles sorriu para a surpresa do médico: “Doutor, é o milagre do século XX: um judeu como um dos soldados de Adolf Hitler.” Eram de um batalhão de mão de obra húngara. Seus captores russos haviam nos vestido com artigos apanhados em depósitos capturados.

Embora as rações do campo houvessem melhorado no verão de 1943, ainda continuavam desiguais, variando de campo para campo. Eram muitas vezes roubadas por oficiais intendentess corruptos, que as trocavam por vodca, ou por guardas cujas próprias famílias recebiam pouco mais que os prisioneiros alemães. A maior parte do tratamento ruim resultava da falta de imaginação, da monumental incompetência e, acima de tudo, daquela tolerância russa ao sofrimento que a doutrina marxista-leninista soubera com tanto êxito explorar. Nada, contudo, era previsível. Os prisioneiros alemães relataram que os guardas, ao verem uma fotografia dos seus filhos, abrandavam. Num hospital-prisão nos arredores de Stalingrado, depois que os internos se haviam habituado com a ideia de homens sendo fuzilados ou abandonados para morrer na marcha, os guardas russos, inexplicavelmente, pouparam a vida de três prisioneiros recapturados após uma inútil tentativa de fuga.

Mesmo quando as condições melhoraram na primavera de 1943, a taxa de morte diária, na maioria dos hospitais-prisão, era no mínimo de 1 por cento. Os problemas continuavam sendo enormes, sobretudo na região de Stalingrado, com pelagra, tuberculose, hidropisia e escorbuto acrescentadas às outras doenças. Uma médica soviética disse às suas contrapartes alemãs que os prisioneiros russos sofriam mais de escorbuto que os prisioneiros alemães, mas deu permissão a grupos forrageiros que fossem levados ao ar livre para colher ervas e outras verduras, das quais os médicos alemães, em seus dispensários, faziam concentrados vitamínicos. A inventividade dos médicos de prisioneiros alemães produzia brilhantes improvisações. Um deles criou um esfigmomanômetro para medir a pressão arterial a partir de um pedaço de metal. Os médicos fabricavam sua própria vacina contra tifo, que consistia em injetar um extrato de tripas de piolho. Qualquer artigo de seda era desfiado para fazer fios cirúrgicos, e bisturis eram confeccionados de tampas de lata cortantes.

Os prisioneiros, transformados de repente numa subclasse, tinham de aprender rápido. Furtavam em pequenas quantidades e modelavam numerosos dispositivos engenhosos. Também aprenderam a fazer a ração render o máximo, por exemplo, assando as espinhas de peixe da sopa no fogão e depois triturando-as. Alguns cometeram terríveis erros. Em Ilmen, os prisioneiros, reduzidos a comer juncos e suco de cicuta, acabaram morrendo em consequência disso. E um prisioneiro que conseguiu furtar um punhado de manteiga na cozinha morreu agonizando, porque seu estômago se desabituara de gorduras.

A péssima alimentação no máximo da fome, no *Kessel*, foi o principal motivo de os pacientes em hospitais-prisão não se recuperarem. Perderam quase todo o cabelo, e os músculos do pescoço também ficaram fracos demais para erguer a cabeça. Os que agonizavam evitavam a luz do sol, como se preparando para a escuridão eterna.

A morte às vezes era uma libertação, quase como o sono para os exaustos. Vários morriam muito repentinamente, bem quando os médicos achavam que o pior passara. Os doentes dividiam camas em busca de calor, embora muitos acordassem e se vissem ao lado de um cadáver. Alguns sucumbiam rapidamente. Helmuth Groscurth morreu de tifo em 7 de abril de 1943, no campo de oficiais de Frolovo, onde morreram 4 mil dos 5 mil prisioneiros. Só três anos depois a família recebeu a notícia de sua morte. Kurt Reuber, em 20 de janeiro de 1944, morreu no campo de Ielabuga, apenas umas semanas depois que desenhara outra Nossa Senhora para o Natal, com as mesmas palavras: “Luz, Vida, Amor”.

Alguns, após sobreviver ao pior, de repente se matavam de forma inesperada. Num hospital-prisão, um oficial acordou e encontrou um amigo na cama seguinte sentado, imóvel. Conseguiu matar-se “enfiaando um caco de vidro longo e fino, de uma janela quebrada, direto no coração”.

Mesmo os relativamente saudáveis tinham pouca esperança de sobreviver. Suas rações – como o painço não moído que atravessava direto pelo estômago – davam-lhes pouca força para o pesado trabalho que o NKVD exigia deles em programas de trabalho stakhanovista. O materialismo, como disse um dos prisioneiros, significava que “o homem era só mais um material” a ser usado e descartado. Usavam-se os prisioneiros alemães como animais de carga. Primeiro tiveram de construir seus próprios campos numa floresta quase virgem. Não lhes permitiam barracas, mas abrigos subterrâneos, que inundavam na primavera e no outono. Assim que se estabeleceu o campo, a vida deles passou a ser de intensa labuta, serrando e arrastando toros de madeira e, às vezes, cortando turfa para combustível de inverno. Os mantidos na área de Stalingrado, na reconstrução da cidade e recuperação de embarcações afundadas do Volga, depois foram postos a trabalhar, junto com outros prisioneiros do Gulag, na escavação da obra de exibição stalinista, o canal Volga-Don.

Logo após o triunfo em Stalingrado, o Estado soviético fez planos para solapar o regime nazista e substituí-lo por um Estado títere comunista. Dividiram-se os prisioneiros de todos os escalões em “antifascistas” e “fascistas”.

Na primavera e verão de 1943, os oficiais superiores foram transferidos de um campo em Krasnogorsk para o mosteiro de Suzdal, e depois para o que se tornou sua base permanente: Campo 48, em Voikovo, uma antiga hospedaria e *spa* de saúde, depois apelidado de “Castelo” por causa de seu relativo luxo. O NKVD separou o implacável Schmidt de Paulus, transferindo-o para outro lugar, porque o consideravam uma má influência.

O departamento do NKVD encarregado dos prisioneiros de guerra primeiro criou uma organização geral, o Comitê Nacional pela Alemanha Livre. Para dirigi-la, os homens de Beria usaram seus mansos comunistas alemães. Dois meses depois, outro grupo, a Liga de Oficiais Alemães, foi instituído para atrair antinazistas não dispostos a apoiar o Comitê Nacional.

O general de divisão Melnikov, subchefe do departamento, controlava essas atividades. Embora fizesse parte, e grande, do império de Beria, Melnikov também trabalhava em estreita cooperação com a Seção Internacional do Comitê Central. Dmitri Manuiski, antigo espião de Stalin no Comintern, com responsabilidade especial pelos assuntos alemães, recebeu outras instruções de vigilância, o que talvez explique sua curiosa visita a Stalingrado durante a última parte da batalha, quando Chuikov recusou permitir-lhe atravessar para a margem ocidental.

Em 19 de agosto de 1943, três generais de Stalingrado, Seydlitz, Lattmann e Korfes, que haviam sido identificados a partir de interrogatórios como prováveis colaboradores, foram levados de Voikovo para um “centro de reeducação” em Lunovo. Parece que Seydlitz ficou emocionalmente tomado pelo que considerou uma mudança de sentimento

de muitos oficiais, todos querendo salvar a Alemanha do apocalipse hitleriano. Julgava-se o líder natural deles.

No início de setembro, Melnikov enviou Seydlitz, Korfes e Lattmann de volta para Voikovo, a fim de convencer outros generais de Stalingrado. A chegada deles tarde da noite fez os generais saírem de pijama dos respectivos quartos, intrigados para saber o que era toda aquela agitação. Mas quando Seydlitz anunciou, em termos melodramáticos, que aquele era o dia do “novo Tauroggen”, o general Strecker retirou-se, furioso. E no dia seguinte, quando Seydlitz e Lattmann o exortaram a juntar-se a eles no apelo a uma revolta contra o regime de Hitler, Strecker, Sixt von Arnim, Rodenburg e Pfeffer os acusaram, enraivecidos, de traidores. Contudo, Seydlitz e seus colegas convenceram os generais Edler von Daniels, Drebber e Schlömer.

Seydlitz, em sua indignação moral contra Hitler e com a convicção de que tinham de ingressar na maré da história para salvar a Alemanha, não reconheceu os perigos. Haviam deixado a oposição ao regime nazista para tão tarde que jamais os Aliados os ouviriam ou lhes dariam qualquer direito de manifestar-se sobre o destino de seu país. Enquanto isso, seus organizadores (ele não parece sequer ter percebido que Melnikov era do NKVD) simplesmente os explorariam para interesses soviéticos.

Documentos soviéticos mostram que, em 17 de setembro de 1943, Seydlitz, como presidente da Liga de Oficiais Alemães, apresentou um plano ao general Melnikov que propunha erguer um corpo de exército de 30 mil homens entre os capturados em Stalingrado.

- De acordo com Seydlitz - comunicou Melnikov a Beria -, esse corpo será a base para o novo governo depois da derrubada de Hitler. Seydlitz - acrescentou - considera-se um candidato para a função de comandante em chefe das forças armadas da Alemanha Livre no futuro.

Parece que ele também prometeu preparar um plano para uma campanha de propaganda na imprensa e no rádio,

“mandando homens para a retaguarda alemã convencer os comandantes de formação a nos apoiar e organizar ação conjunta contra o regime de Hitler”. Seydlitz enviaria mensagens aos “seus amigos pessoais, o comandante da Frente Central, von Kluge e o general Thomas, responsável pelo estado-maior do quartel-general de Hitler”.

Seydlitz, acompanhado pelos generais Lattmann e Korfes e pelo coronel Günter van Hooven, apresentou seu plano em 22 de setembro. Esperava que as autoridades soviéticas o ajudassem a formar “um pequeno exército de prisioneiros de guerra que podiam ser usados por um novo governo alemão para tomar o poder”. Requeria um estado-maior de exército, dois estados-maiores de corpos, quatro divisões completas e uma força aérea com três esquadrilhas de bombardeiros, quatro de caças e um grupo de reconhecimento aéreo: ao todo sete generais, 1.650 oficiais e 42 mil soldados. Parece que Seydlitz não tinha a menor ideia do índice de morte dos prisioneiros de Stalingrado após a rendição.

Num encontro posterior, Seydlitz recomendou “que todos os contingentes fossem levados de avião para a Alemanha, talvez Berlim”. O oficial do NKVD presente salientou “as dificuldades técnicas de transportar por ar tamanho número de tropas para a Alemanha, mas Seydlitz respondeu que cabia aos russos definir os detalhes”. O general Korfes, contudo, não escondeu a exasperação com esse sonho irreal.

- É inteiramente utópico - disse - achar que todas as unidades poderiam ser transportadas por ar. - E acrescentou: - Os comandantes da força aérea russa considerariam uma proposta como essa a prova de que os generais alemães são fantasistas.⁵

Seydlitz parece ter esquecido a raiva e os sentimentos animosos que ele e seus colegas provocaram. Os oficiais que se opuseram com ressentimento aos antifascistas criaram um tribunal de honra, sentenciando os que colaboravam com os russos a serem evitados para sempre. Como um gesto de

desafio, passaram a usar a saudação da mão erguida. Essa polarização tornou a vida dura para os que nada queriam com os “antifascistas” nem com os leais a Hitler. Um tenente viu-se obrigado a dormir no chão durante semanas porque os grupos rivais não lhe cediam um catre no beliche.

Em fevereiro de 1944, a aviação russa começou a despejar panfletos na Alemanha e sobre tropas de linha de frente, assinados por Seydlitz e seus colegas. A Gestapo providenciou um relatório urgente para verificar se a assinatura de Seydlitz era autêntica. O general Gille, da Waffen SS, cujas tropas no saliente de Cherkassi receberam uma chuvarada de panfletos do Comitê Nacional, enviou cópias para a Alemanha. Também despachou cartas que lhe haviam sido endereçadas pelos generais Seydlitz e Korfes, enviadas à sua parte do *front* por Scherbakov. A caligrafia foi mais uma vez analisada pela Gestapo e confirmada como correta.

Os panfletos causaram pânico. Hitler convocou Himmler para um encontro, depois despachou o general Schmundt com uma declaração de lealdade para os marechais de campo assinarem. Nem isso bastou para acalmá-lo. Em 19 de março, Rundstedt, Rommel, Kleist, Busch, Weichs e Manstein foram convocados de seus serviços ao Berghof para ler em voz alta uma mensagem condenando o general von Seydlitz-Kurzbach, “o desprezível traidor de nossa santa causa”, e enfatizando o apoio deles a Hitler.

O departamento de Melnikov, por outro lado, começou a ter dúvidas. O recrutamento diminuía, enquanto os esforços da propaganda não haviam convencido nem uma única unidade de vulto, mesmo quando a Wehrmacht sofria maciças derrotas. Seydlitz atribuiu “a ausência de sucessos significativos” à “falta de inclinação dos alemães para a revolução, um sistema de violência política e completa repressão de opinião, ausência de qualquer organização de resistência competente, e o medo total da derrota e suas consequências, atizado por tanto tempo pelo medo do

bolchevismo". Apesar desses malogros, ele continuou querendo que a União Soviética "reconhecesse oficialmente" o Comitê Nacional como um governo à espera. Mas Dmitri Manuiski, numa virada tipicamente stalinista, advertiu que o memorando de Seydlitz, "compilado de forma tortuosa", era uma "tentativa provocadora" de "exacerbar nossas relações com os aliados". "Não há a menor dúvida", escreveu ele, "de que o reconhecimento do Comitê Nacional pelo governo soviético provocaria na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos toda uma campanha dirigida para mostrar a posição da União Soviética como pró-germânica." O Pacto Molotov-Ribbentrop projeta claras e longas sombras na memória soviética. Manuiski desconfiou que Seydlitz estava sendo manipulado pelo general Rodenburg e pelo "ex-chefe do serviço secreto militar", coronel van Hooven (que na verdade era um oficial de comunicações).

A paranoia stalinista piorou. Em maio de 1944, Weinart, presidente do Comitê Nacional, enviou três oficiais alemães à Frente de Leningrado para fazer propaganda do Exército Vermelho. Dois dos oficiais, o capitão Stolz e o tenente Willimzig, recusaram-se a fazer o que lhes ordenaram. Foram levados de volta a Moscou sob forte escolta para serem interrogados por Weinart, Ulbricht, o general von Seydlitz e o general Lattmann. Após quatro dias, disseram que eles haviam confessado ser "membros de uma organização fascista ilegal dentro da Liga de Oficiais Alemães". Os dois foram presos pelo NKVD como agentes duplos trabalhando para os nazistas e levados para mais interrogatórios. Outros oficiais alemães, inclusive o general Rodenburg, foram presos e também "confessaram". Manuiski, fingindo que suas desconfianças anteriores de conspiração agora se justificavam, logo deu a ordem para que todos os oficiais alemães fossem excluídos das funções de propaganda no *front*. Claro que Stalin decidira que esses malsucedidos esforços simplesmente não valiam a provocação de qualquer

problema com os Aliados ocidentais naquele estágio da guerra, quando ele precisava de toda ajuda deles.

Seydlitz nessa época sofreu períodos de grave depressão. Numa tentativa de levantar-lhe o moral, os oficiais do NKVD organizaram um bolo de aniversário para ele com quatro rosas de marzipã representando suas quatro filhas. Mas como todos os maníaco-depressivos, também passou por irracionais ondas de otimismo. A tentativa de assassinato contra Hitler em 20 de julho talvez tenha sido um fracasso, mas a repressão da Gestapo que se seguiu revelou o grau de oposição dentro do Exército alemão em casa. Mesmo Strecker, ao saber da execução do marechal de campo Witzleben, foi convencido a assinar um apelo contra Hitler, mas continuou desprezando Seydlitz.

Em 8 de agosto de 1944, Beria comunicou triunfante a Stalin que Paulus afinal assinara uma declaração ao povo alemão. O posterior apelo de Paulus ao Grupo Norte do Exército para que se rendesse foi inteiramente redigido pelo NKVD, “sob instruções do Camarada Scherbakov”, e assinado em 21 de agosto por Paulus e 29 generais capturados.

As declarações de Paulus desencadearam mais uma vez a raiva de Hitler por tê-lo feito marechal de campo. A suspeita do Führer de que ele se renderia aos captores soviéticos pareceu confirmada. Mas é claro que Paulus, após um ano e meio de prisão, não tomara sua decisão impulsivamente. Seu filho, Friedrich, capitão, fora morto em Anzio, em fevereiro de 1944, e ele sem dúvida passou a ver seu dever de modo diferente. Queria ajudar a abreviar uma guerra perdida e diminuir o número de mortes sem sentido. Seu outro filho, Ernst Alexander, também capitão, foi preso posteriormente sob o decreto *Sippenhaft*. Naquele outono, a mãe romena, Elena Constance Paulus, que sempre desconfiara dos nazistas, foi informada pela Gestapo de que

seria poupada se renunciasse ao seu nome. Dizem que ela lhes deu as costas com desdém. Foi presa e mantida num campo.

Paulus, isolado de notícias confiáveis, solicitou encontros com um membro do Comitê Central “que pudesse explicar os princípios da política soviética a uma Alemanha conquistada”. Ele e “outros generais mantidos presos tinham uma pesada responsabilidade ao exigir a derrubada do governo de Hitler e, portanto, o direito moral de saber a posição do governo soviético em relação à Alemanha”.

Ele manifestou suas esperanças de que a Alemanha pudesse ser salva do aniquilamento durante uma série de entrevistas em fevereiro de 1945 com o general Krivemko, chefe do Departamento de Prisioneiros de Guerra do NKVD, e Amiak Zakharovich Kobulov, diretor do Terceiro Diretório do Ministério de Segurança do Estado. (Kobulov, residente em Berlim do NKVD pouco antes do lançamento da Operação Barbarossa, administrara a câmara de tortura e execução de Dekanozov, na Embaixada Soviética.) “Deve-se mencionar”, escreveram Krivemko e Kobulov em seu relatório a Beria, “que o estado de espírito entre os generais alemães prisioneiros de guerra acha-se gravemente deprimido. O general de artilharia von Seydlitz ficou muito transtornado com a notícia do encontro dos líderes das Três Potências [em Yalta]. Seydlitz declarou que parecia que a Alemanha ia ser dividida entre Estados Unidos, Grã-Bretanha, URSS e França. A Alemanha será deixada em frangalhos e a melhor saída era juntar-se à URSS ‘como a décima sétima República Soviética’.”

Quando as notícias de rendição incondicional da Alemanha chegaram a Moscou, em 9 de maio de 1945, e ouviram-se os estrondos monotonamente disparados do Kremlin numa saudação de mil canhões, Strecker relatou que ele e seus colegas sofreram “depressão espiritual (...) ouvindo os vitoriosos anúncios russos e as canções de soldados soviéticos”.

Para os russos, por outro lado, era o orgulhoso, embora triste, fim de um pesadelo que começara quase quatro anos antes e custara ao Exército Vermelho cerca de 9 milhões de mortos e 18 milhões de feridos. (Só 1 milhão e 800 mil prisioneiros de guerra retornaram vivos dos mais de 4 milhões e 500 mil levados pela Wehrmacht.) As baixas civis são muito mais difíceis de calcular, mas acredita-se que chegam até quase 18 milhões, elevando o total de mortos de guerra soviéticos a 27 milhões, quase exatamente o dobro dos mortos de guerra alemães.

Em 1946, Paulus apareceu como testemunha no tribunal de Nuremberg. A imprensa soviética referia-se a ele como “o fantasma de Stalingrado”. Depois disso, ele foi instalado numa mansão de campo em Moscou, onde jogava baralho e escrevia sua versão dos fatos. Envelhecera rápido e seu tique estava pior que nunca. Em 1947, sua esposa morreu em Baden-Baden, sem ter tornado a ver o marido. Só nos resta especular quanto aos sentimentos dela sobre o desastre que a batalha de Stalingrado significou ao mesmo tempo para a Romênia, seu país natal, e para sua própria família.

Em novembro de 1947, quando a Guerra Fria se intensificava, as autoridades soviéticas decidiram que os declarados culpados de crimes de guerra sob o ucasse de 13 de abril de 1943, “independente de seu estado físico”, seriam enviados para trabalhos forçados a Vorkhuta, no extremo Norte dos Urais. Os antigos membros das SA, SS, guardas de campo, polícia secreta de campanha e da Feldgendarmarie – em alguns casos mesmo a Juventude Hitlerista – foram transferidos para campos de “regime especial”. A definição de crimes de guerra estendia-se de atrocidades contra civis ao saque de galinhas e forragem para cavalos.

Enquanto a futura estrutura da República Democrática Alemã começava a ser formada na zona da Alemanha de ocupação soviética, alguns oficiais superiores de Stalingrado, entre eles Lattmann, Korfes, Müller e Steidle, receberam atribuições, vários ingressando na Volkspolizei. A conversão do general Arno von Lenski ao comunismo levou-o a ser escolhido como membro do Politburo. O coronel Adam, ainda companheiro de viagem, foi nomeado para um cargo no domesticado Partido de Unidade Social. O general von Seydlitz, contudo, perdeu-se em todas as direções.

Em 1949, outra leva de expurgos varreu a União Soviética. Os prisioneiros de guerra alemães de repente enfrentaram julgamentos de “crimes de guerra” fabricados. A Guerra Fria, acompanhando o cerco de Berlim Ocidental, achava-se em seu estado mais volúvel. O ás piloto de caça, Erich Hartmann, foi acusado de destruição de aeronaves, propriedade do governo soviético. O general Strecker foi levado de volta para Stalingrado, onde uma corte marcial o declarou culpado de destruir a fábrica de tratores, embora sua divisão jamais houvesse estado em nenhuma parte próxima ao lugar até o fim da batalha, quando há muito se tornara uma ruína. Como a maioria dos acusados dessa leva, ele recebeu sentença de morte, automaticamente comutada para “25 anos de prisão”. O tenente Gottfried von Bismarck foi condenado a 25 anos de trabalhos forçados, porque prisioneiros de guerra russos haviam trabalhado em sua propriedade de família na Pomerânia. Em julho de 1950, o totalmente desiludido e amargurado general von Seydlitz foi preso e sentenciado a “25 anos de prisão” como criminoso de guerra e “general reacionário revanchista”.

Os prisioneiros menos controvertidos encontraram um certo tipo de paz, muitas vezes graças à compaixão de mulheres russas. Em alguns casos, isso fazia parte de uma antiga

tradição. Para além do campo de Kamshkovo, entre Moscou e Gorky, corre a Vladimirskaia, a antiga estrada ao longo da qual se conduziam os eLivross czaristas para a Sibéria. Os camponeses saíam para dar-lhes água ou mesmo carregar para eles seus fardos pela estrada. Uma humanidade semelhante, intocada por ideologia, continuou existindo.

O médico austríaco Hans Dibold ficou profundamente comovido com a solidariedade dos russos quando um dos seus mais respeitados oficiais médicos, o Dr. Richard Speiler, do hospital Weizsäcker em Heidelberg, adoeceu de repente no início da primavera de 1946. Ele sobrevivera a tifo, tifoide e difteria no campo de Ilmen. A princípio seus colegas se haviam convencido de que ele tinha malária. Na verdade, era envenenamento sanguíneo contraído durante o trabalho. Seus colegas ficaram atormentados com a ideia de que o diagnóstico errôneo o estivesse levando à morte. Deram-lhe sulfanilamida e a última penicilina que tinham. Os dois assistentes russos do dispensário também cederam o resto de penicilina deles, que fora distribuída para pacientes russos, mas mesmo assim ele morreu.

Chegava-se ao cemitério do hospital por uma trilha com pinheiros baixos e arbustos de júnipero nos dois lados. Atrás ficava a floresta. Os médicos prestaram seus respeitos e o comandante permitiu aos colegas de Speiler organizar seu funeral no cemitério da floresta exatamente como desejavam. Speiler retornara à fé cristã nos últimos dias de vida. Os médicos russos, sem dar a mínima atenção às possíveis reações de um comissário, também compareceram ao serviço fúnebre, conduzido por um pastor alto e frágil. Para os sobreviventes do Sexto Exército presentes naquele dia, o serviço “foi válido não apenas para o morto ali, mas para todos os que jaziam lá fora e para todos os outros distante no Sul, em Stalingrado e na estepe entre o Don e o

Volga, aos quais nenhuma palavra cristã acompanhara em seu descanso final”.

Desde 1945, cerca de 3 mil prisioneiros de Stalingrado haviam sido libertados, individualmente ou em grupos, e enviados para casa, em geral porque eram julgados incapacitados para o trabalho. Em 1955, ainda havia 9.626 prisioneiros de guerra, ou “criminosos de guerra condenados”, como os descreveu Kruchov, dos quais 2 mil eram sobreviventes de Stalingrado. Esses acabaram sendo libertados após a visita do chanceler Konrad Adenauer a Moscou, em setembro de 1955. Incluíam os generais Strecker, Seydlitz, Schmidt e Rodenburg, e o tenente Gottfried von Bismarck, que, quase 13 anos antes, desembarcara no *Kessel* para reunir-se à sua unidade após aquele jantar com o marechal de campo von Manstein. Só haver sobrevivido, escreveu ele, já era “motivo suficiente para ser grato diante do destino”.

Seydlitz, quando a jornada deles terminou em Friedland bei Göttingen, sabia que enfrentava um futuro difícil na atmosfera da Guerra Fria. Em abril de 1944, ele fora condenado *in absentia* como traidor e tivera todos os seus bens confiscados. Essa decisão judicial foi derrubada por um tribunal em 1956, mas o novo Bundeswehr recusou restaurar-lhe o posto e a pensão. O fato de que cooperara com o inimigo comunista punha-o, para muitos, numa liga diferente dos oficiais que tentaram assassinar Hitler, embora o general Achim Oster, um dos poucos sobreviventes da Conspiração de Julho, reconhecesse Seydlitz como fazendo parte das suas fileiras. Ele morreu, como seu antepassado de cavalaria, “um homem muito infeliz”.

À medida que se desenterravam os acontecimentos históricos nos anos pós-guerra, as recriminações mútuas sobre a responsabilidade pelo sacrifício do Sexto Exército iam se tornando cada vez mais amargas. Schmidt, que ao contrário das expectativas de Hitler sempre se recusara a cooperar com seus captores, continuou ferozmente hostil aos oficiais do movimento Alemanha Livre. O coronel Adam, que o acusara de obrigar Paulus a lutar até o fim, foi tratado com desdém, ao retornar como “pensionista da zona soviética ocupada”.

Paulus, na Alemanha Oriental, tentou em vão defender-se das acusações de ter sido subserviente a Hitler e indeciso. Após sua soltura do cativeiro no outono de 1953, ele viveu na zona soviética, onde escreveu documento após documento explicando a situação que enfrentara. Uma longa e dolorosa doença levou-o à morte em Dresden, em 1957. Seu corpo foi levado para o Ocidente e enterrado junto ao da esposa, em Baden-Baden.

Seu adversário em Stalingrado, o general Chuikov, cujo 62º Exército seguira o longo caminho até Berlim como o Oitavo Exército da Guarda, tornou-se comandante das tropas de ocupação da União Soviética e vice-ministro de defesa no governo Kruchov, que o nomeara naquela noite de crise em setembro perto do Volga. Os milhares de soldados soviéticos executados em Stalingrado por ordens suas jamais receberam um túmulo identificado. Como estatísticas, perderam-se entre as outras baixas de batalha, o que tinha uma certa justiça involuntária.

Notas:

[1. Os exemplos publicados numa coletânea anônima, intitulada *Last Letters from Stalingrad*, que tiveram um poderoso efeito emocional quando publicados em 1954, hoje são considerados falsificações. \(N. do A.\)](#)

2. Winrich Behr, que conhecia muito bem Schmidt, acha esse uso de *du* muito improvável, embora observasse que “não há a menor dúvida de que o general Schmidt passou a ter uma forte influência sobre Paulus”. (N. do A.)
3. A fotografia de Karmen foi manipulada em Moscou. O general Telegin foi retirado da foto porque Stalin não o considerava suficientemente importante para uma ocasião tão histórica. (Até a promoção de Diatlenko a major foi acelerada para a publicação da fotografia.) Esse incidente acabou se tornando uma daquelas grotescas farsas da era stalinista. Quando a fotografia apareceu estampada na primeira página do *Pravda* sem o seu rosto, Telegin ficou apavorado com a ideia de que alguém o houvesse denunciado por algum comentário casual. Contudo, nada aconteceu; portanto, ele achou que estava a salvo, mas depois, em 1948, foi preso de repente por ordens de Abakumov (chefe da SMERSH), sem nenhum motivo aparente. (N. do A.)
4. Também se empregaram guardas alemães em outros campos. Os piores eram cerca de duzentos alemães (cuja maioria, por algum motivo, parece ter sido saxônia) que haviam desertado de batalhões de punição. Armados com porretes de madeira e revestidos da designação de “Lutadores contra o Fascismo”, recusavam-se a permitir que os soldados saíssem de forma para se aliviar durante a chamada, embora a esmagadora maioria sofresse de disenteria. (N. do A.)
5. É, claro, possível que o general von Seydlitz visse em segredo essa operação como uma chance de induzir pela astúcia os soviéticos a enviá-lo, e a milhares de prisioneiros do Sexto Exército, para casa. Mas se houvesse sido o caso, era de esperar que mencionasse o episódio após a guerra, quando enfrentou uma condenação tão pesada dos antigos colegas por ter colaborado com o regime de Stalin. (N. do A.)

Apêndice A

Ordens de batalha alemãs e soviéticas, 19 de novembro de 1942

WEHRMACHT

SEXTO EXÉRCITO

General de tropas de Panzers
Paulus

General de divisão Schmidt

Ia Operações:

Coronel Elchlepp †

Ib Oficial Intendente:

Major von Kunowski

Ic Serviço Secreto:

Tenente-coronel Niemeyer †

Ila Ajudante de Ordens:

Coronel W. Adam

Chefe de Artilharia:

General Vassoll

Chefe de Comunicações:

Coronel Arnold* (substituído
pelo coronel van Hooven‡)

Chefe dos Engenheiros:

Coronel H. Selle* (substituído
pelo coronel Stiotta*)

Chefe do Corpo Médico:

General Renoldi

Oficial de ligação do OKH:

Tenente-coronel von
Zitzewitz*

TROPAS DO EXÉRCITO: PRINCIPAIS UNIDADES

Regimentos de morteiros: 51º, 53º

Regimentos de Nebelwerfers: Segundo, 30º

Regimentos de artilharia: Quarto, 46º, 64º, 70º

Batalhões de artilharia: 54º, 616º, 627º, 849º

Batalhões de artilharia pesada: 49º, 101º, 733º
Batalhões de sapadores: Sexto, 41º

SEXTO CORPO

General de Sapadores
Jaenecke*
Coronel Crome

29ª Divisão de Infantaria
Motorizada

General de divisão Leyser

297ª Divisão de Infantaria

General Pfeffer

371ª Divisão de Infantaria

General Stempel †

OITAVO CORPO:

General de Artilharia Heitz
Coronel Schildknecht

76ª Divisão de Infantaria

General Rodenburg

113ª Divisão de Infantaria

General Sixt von Arnim

11º CORPO

General Strecker
Coronel Groscurth ‡

44ª Divisão de Infantaria

General Deboi

376ª Divisão de Infantaria

General Freiherr Edler von
Daniels

384ª Divisão de Infantaria

General Freiherr von
Gablentz*

14º CORPO DE PANZERS

General de Tropas de Panzers
Hube*
Coronel Thunert*

Terceira Divisão de Infantaria
Motorizada

General Schlömer

60ª Divisão de Infantaria
Motorizada

General de divisão
Kohlermann*

16ª Divisão de Panzers

General Angern †

51º CORPO

General de Artilharia von
Seydlitz-Kurzbach

Coronel Clausius

71ª Divisão de Infantaria

General von Hartmann †

79ª Divisão de Infantaria

General Graf von Schwerin*

94ª Divisão de Infantaria

General Pfeiffer*

100ª Divisão Jäger

General Sanne

295ª Divisão de Infantaria

General de divisão Dr. Korfes

305ª Divisão de Infantaria

General de divisão
Steinmetz*

389ª Divisão de Infantaria

General de divisão Magnus

14ª Divisão de Panzers

General de divisão Lattmann

24ª Divisão de Panzers

General von Lenski

TROPAS EM TERRA DA LUFTWAFFE

Nona Divisão de Fogo
Antiaéreo

Major-brigadeiro Pickert*

APOIO AÉREO DA LUFTWAFFE

Quarta Frota Aérea

Tenente-brigadeiro Freiherr
von Richthofen

OITAVO CORPO AÉREO

Tenente-brigadeiro Fiebig

*Voou para fora do *Kessel* antes da rendição final.

† Morreu antes ou logo depois da rendição final.

‡ Morreu enquanto estava preso.

EXÉRCITO VERMELHO NO “EIXO DE STALINGRADO”

REPRESENTANTES DA STAVKA:

General G. K. Jukov

General de Artilharia N. N. Voronov General A. M. Vasilevski

Frente de Stalingrado

General A. I. Ieremenko

N. S. Kruchov

62º EXÉRCITO

General V. I. Chuikov

Divisões de Fuzileiros: 13ª Guarda (A. I. Rodimtsev), 37ª Guarda (V. G. Joludev), 39ª Guarda (S. S. Guriev), 45ª, 95ª (V. A. Gorishny), 112ª, 138ª (I. I. Liudnikov), 193ª (F. N. Smekhotvorov), 196ª, 244ª, 284ª (N. F. Batiuk), 308ª (L. N. Gurtiev); Décima Divisão de Fuzileiros da NKVD (Rogatin)

Brigada de Infantaria da Marinha: 92ª

Brigadas Especiais: 42ª, 115ª, 124ª, 149ª, 160ª

Brigadas de Tanques: 84ª, 137ª, 189ª

64º EXÉRCITO

General M. S. Shumilov

Divisões Fuzileiros: 36ª da Guarda, 29ª, 38ª, 157ª, 204ª

Brigada de Infantaria da Marinha: 154ª

Brigadas Especiais: 66ª, 93ª, 96ª, 97ª

Brigadas de Tanques: 13ª, 56ª

57º EXÉRCITO

General F. I. Tolbukhin

Divisões de Fuzileiros: 169ª, 422ª

Brigada Especial: 143ª
Brigadas de Tanques: 90ª, 235ª

*13º Corpo Mecanizado (T. I. Tanashchishin)

51º EXÉRCITO

General N. I. Trufanov

Divisões de Fuzileiros: 15ª da Guarda, 91ª, 126ª, 302ª

Brigada Especial: 38ª

Brigada de Tanques: 254ª

*Quarto Corpo Mecanizado (V. T. Volski) *Quarto Corpo de Cavalaria (Shapkin)

28º EXÉRCITO

Divisões de Fuzileiros: 34ª da Guarda, 248ª

Brigadas Especiais: 52, 152, 159

Brigada de Tanques: Sexta da Guarda Reserva da Frente de Stalingrado: 330ª Divisão de Fuzileiros; 85ª Brigada de Tanques

OITAVO EXÉRCITO AÉREO

Tenente-brigadeiro T. T. Khriukin

Frente do Don

General K. Rokossovski

66º EXÉRCITO

General-de-divisão A. S. Jadov

Divisões de Fuzileiros: 64ª, 99ª, 116ª, 226ª, 299ª, 343ª

Brigada de Tanques: 58ª

24º EXÉRCITO

General I. V. Galanin

Divisões de Fuzileiros: 49ª, 84ª, 120ª, 173ª, 233ª, 260ª, 273ª

Brigada de Tanques: Décima

16º Corpo de Tanques

65º EXÉRCITO

General P. I. Batov

Divisões de Fuzileiros: Quarta da Guarda, 27ª da Guarda, 40ª da Guarda, 23ª, 24ª, 252ª, 258ª, 304ª, 321ª

Brigada de Tanques: 121ª

16º EXÉRCITO AÉRIO

Tenente-brigadeiro S. I. Rudenko

Frente Sudoeste

General N. F. Vatutin

21º EXÉRCITO

General I. M. Chistiakov

Divisões de Fuzileiros: 63ª, 76ª, 96ª, 277ª, 293ª, 333ª

Regimentos de Tanques: Primeiro, Segundo, Quarto da Guarda *Quarto Corpo de Tanques (A. G. Kravchenko)

*Terceiro Corpo da Guarda da Cavalaria (P. A. Pliev)

Quinto EXÉRCITO DE TANQUES

General P. L. Romanenko

Divisões de Fuzileiros: 14ª da Guarda, 47ª da Guarda, 50ª da Guarda, 119ª, 159ª, 346ª

*Primeiro Corpo de Tanques (V. V Butkov) *26º Corpo de Tanques (A. G. Rodin) *Oitavo Corpo de Cavalaria

Primeiro EXÉRCITO DA GUARDA General D. D. Leliushenko
Divisões de Fuzileiros: Primeira, 153^a, 197^a, 203^a, 266^a,
278^a

Reserva do *front*: Primeiro Corpo da Guarda Mecanizado

Segundo EXÉRCITO AÉREO

17º EXÉRCITO AÉREO

Tenente-brigadeiro S. A.
Krasovsky

*Primeiras formações para a Operação Urano.

Apêndice B

O debate estatístico: efetivo militar do Sexto Exército no *Kessel*

A discrepância de números citada para o efetivo militar do Sexto Exército cercado exige no mínimo uma tentativa de esclarecimento. As estimativas da força militar do Sexto Exército no *Kessel*, em 19 de novembro de 1942, variam amplamente, sobretudo porque parece que havia tantos russos incorporados às fileiras do Sexto Exército que haviam sido incluídos na relação de rações do serviço militar alemão e não citados em separado. Alguns dos cálculos de Manfred Kehrig, autor de *Stalingrad: Analyse und Dokumentation einer Schlacht*, o magistral volume publicado em 1974 sob os auspícios do Militärgeschichtlichen Forschungsamt, foram recentemente contestados por Rüdiger Overmans. Este, trabalhando sobretudo a partir de estimativas retrospectivas da Wehrmacht (basicamente uma tentativa posterior de calcular, a partir de relatórios dos departamentos de pessoal, quem havia sido pego no *Kessel*), avalia o número de alemães cercados em apenas 195 mil, os Hiwis em 50 mil e os romenos em 5 mil, um total aproximado de 250 mil. Kehrig calculara 232 mil alemães, 52 mil Hiwis e 10 mil romenos, um total aproximado de 294 mil. Outro estudo mais recente avalia um total em 18 de dezembro de 268,9 mil, dos quais 13 mil eram romenos e italianos e 19,3 mil, Hiwis.

Essa última análise, levando em conta a diferença de datas e consequentes números de baixas, confere muito estreitamente com o total compilado em 6 de dezembro pelo Oberquartiermeister do Sexto Exército. Esta “Relação de Rações do Sexto Exército no Kessel” deu um total de 275 mil homens, incluindo 20,3 mil Hiwis e 11 mil romenos. (Fontes do exército romeno afirmam que eles tinham 12,6 mil homens no *Kessel*. Também havia várias centenas de italianos.) Se acrescentarmos a esses cálculos os 15 mil homens perdidos, “só dentro do *Kessel*”, entre 21 de novembro e 6 de dezembro, significaria que quase 290 mil homens se perderam em 22 de novembro.

Todos os autores concordaram que cerca de 25 mil feridos e especialistas foram retirados por ar, mas há pouca certeza sobre o número de mortos ou prisioneiros. A verdade jamais será conhecida no caos posterior à ofensiva soviética de 10 de janeiro de 1943 para esmagar o *Kessel*. Só se pode ter absoluta certeza é de que pouco menos de 52 mil membros do Sexto Exército haviam morrido entre 22 de novembro e 7 de janeiro, mas não se diz quantos deles eram Hiwis. O cálculo soviético de prisioneiros feitos entre 19 de novembro e 31 de janeiro – 111.465, além de 8.928 em hospitais – não especifica quantos eram alemães nem, mais importante, quantos faziam parte das tropas cercadas em contraposição com as capturadas durante as operações Tempestade de Inverno e Pequeno Saturno.

O violento ataque soviético da Operação Círculo em 10 de janeiro de 1943, somado às consequências de doenças, frio, fome, exaustão e execução sumária, sugere que as perdas cresceram – bem podem ter duplicado para cerca de 100 mil, incluindo os Hiwis. Kehrig e Overmans avaliaram as perdas alemãs de 22 de novembro até a rendição em perto de 60 mil. Eles, claro, não fizeram nenhuma tentativa de avaliar o número de Hiwis que morreram durante o combate. Só se pode supor que muito poucos escaparam com vida depois.

Referências

FONTES DE ARQUIVO

AMPSB	Arkhiv Muzeya Panorami Stalingradskoy Bitvi (Arquivo do Museu Panorâmico da Batalha de Stalingrado), Volgogrado
APRF	Arkhiv Prezidiuma Rossiyskoy Federatsii (Arquivo do <i>Presidium</i> da Federação Russa), Moscou
BA-MA	Bundesarchiv-Militärarchiv, Freiburg im Breisgau
BZG-S	Bibliothek für Zeitgeschichte - Sammlung Sterz, Stuttgart
GARF	Gosudarstvennyy Arkhiv Rossiyskoy Federatsii (Arquivo Estatal da Federação Russa), Moscou
MGFA-P	Militärgeschichtliches Forschungsamt library, Potsdam
ÖStA-AdR	Österreichisches Staatsarchiv - Archiv der Republik, Viena
ÖStA-KA	Österreichisches Staatsarchiv - Kriegsarchiv, Viena
	Public Record Office, Kew (Reino Unido)

PRO

RGALI

Rossiyskiy Gosudarstvennyy Arkhiv Literaturi i Iskusstva (Arquivo Estatal de Literatura e Artes da Rússia), Moscou

RGVA

Rossiyskiy Gosudarstvennyy Voenny Arkhiv (Arquivo Militar Estatal da Rússia), Moscou

RTsKhIDNI

Rossiyskiy Tsentr Khraneniya i Izucheniya Dokumentov Noveyshey Istorii (Centro Russo para a Conservação e Estudo de Documentos de História Contemporânea), Moscou

TsAMO

Tsentralnyy Arkhiv Ministerstva Oborony (Arquivo Central do Ministério de Defesa), Podolsk

TsKhIDK

Tsentr Khraneniya i Izucheniya Dokumentalnikh Kollektsey (Centro Russo para a Conservação e Estudo de Coleções Documentais), Moscou

TsMVS

Tsentralnyy Muzey Vooruzhyonnykh Sil (Museu Central das Forças Armadas), Moscou

VOTsDNI

Volgograd Oblast, Tsentr Dokumentov Noveyshey Istorii (Centro Regional de Volgogrado para a Conservação e Estudo de Documentos de História Contemporânea)

(N.B. Os documentos alemães citados de arquivos russos são, a não ser quando afirmados de outro modo, traduções russas de documentos capturados.) **ENTREVISTAS E**

RELATOS INÉDITOS

Yelena Filippovna Albert (defesas antiaéreas de Stalingrado); Winrich Behr (Capitão, QG Sexto Exército e Sonderstab Milch); Lev Aleksandrovich Bezyminsky (Primeiro-tenente,

Serviço Secreto do Exército Vermelho, QG Frente do Don); Gottfried von Bismarck (tenente, 76ª Divisão de Infantaria); C. M. Bogomolov (tenente, NKVD, QG Frente do Don); Alexander Fürst zu Dohna-Schlobitten (Rittmeister, QG XIV Corpo de Panzers); Nikolai Dmitrevich Diatlenko (major, NKVD, QG Frente do Don); Josef Farber (Soldado, 305ª Divisão de Infantaria); Generalleutnant a.D. Bernd Freiherr von Freytag-Loringhoven (Capitão, 16ª Divisão de Panzers e Sonderstab Milch); Zinaida Georgevna Gavriellova (tenente, Serviços Médicos, 62º Exército); Prof. Dr. Hans Girgensohn (patologista, Sexto Exército); Aleksandr Viadimirovich Glichov (tenente, 24º Exército, depois 65º Exército); Professor Nikolay Viktorovich Goncharov (civil de Stalingrado); Nina Grigorevna Grebennikova (civil de Stalingrado); Dr. Ievgeni Aleksandrovich Grigorev (civil de Stalingrado); Klemens Graf von Kagenneck (Capitão, Terceira Divisão de Panzers); Viktor Ivanovich Kidyarov (Sargento, 62º Exército); Lazar Ilich Lazarev (tenente, Infantaria da Marinha); Henry Metelmann (Soldado, 22ª Divisão de Panzers); Valentina Ivanovna Nefyodova (civil de Stalingrado); Oberstleutnant a.D. Gert Pfeiffer (Capitão, 60ª Divisão de Infantaria Motorizada); Hans Schmieder (Guarda, Nona Divisão de Fogo Antiaéreo, Luftwaffe); Aleksandr Sergeevich Smirnov (Sargento, 64º Exército); Klavdia Vasilevna Stermlan (Recruta, Aviação do Exército Vermelho); Aleksandr Vasilevich Tsygankov (tenente, 62º Exército); Boris Nikolaevich Ulko (Cabo, Primeiro Exército da Guarda); Heinz Wischnewski (tenente, 22ª Divisão de Infantaria).

Três outros veteranos quiseram que suas contribuições permanecessem anônimas.

Notas das fontes

Prefácio

13,5 mil execuções, Instituto de História Militar, 21 de jan. de 1993, citado em Erickson, “O desempenho do Exército Vermelho no campo de batalha”, p. 244
“ex-russos”, Dobronin a Shcherbakov, 8 de out. de 1942, TsAMO 48/486/24, p. 81

1. Espada de dois gumes da Barbarossa

“importantes esclarecimentos”, Berejkov, *In diplomatischer Mission bei Hitler*, p. 63.
“trinta e nove incursões de...”, Maslennikov, RGVA, 38652/1/58
“não está aqui...”, Berejkov, op. cit., p. 64
“A desinformação agora chegou...”, citado em Andrew e Gordievski, p. 212
“No decorrer...”, citado em Erickson, *The Road to Stalingrado*, p. 110
“Herr Reichsminister von Ribbentrop...”, Berejkov, op. cit., p. 65
“com pouco mais de 1,50 m de altura...”, Andrew e Gordievski, p. 195
“como um animal enjaulado...”. “expressão...”, “O Führer...”, Schmidt, pp. 212, 234

“Tinha o rosto...”, Berejkov, op. cit., p. 67
“A atitude... do governo soviético...”, Schmidt, pp. 234-5
“O Führer ...”, Berejkov, op. cit., p. 67
“Vocês lamentarão...”, Berejkov, op. cit., p. 68
“Mesmo que vocês se retirem...”, Volkogonov, p. 413
“Foi como se...”, Gavriellova, conversa, 22 de nov. de 1955
“lutara em quatro guerras”, Goncharov, conversa, 22 de nov. de 1955
“Achávamos...”, Nefiodova, conversa, 22 de nov. de 1955
“A propaganda caía...”, Grigorev, conversa, 22 de nov. de 1955

2. “Nada é impossível para o soldado alemão!”

“Nada é impossível... !” discurso do Reichstag de 4 de maio de 1941, *Völkischer Beobachter*, 5 de maio de 1941
“estabelecer uma frente de...”, Diretiva do Führer nº 21, 18 de dez. de 1940
“A guerra com a Rússia...”, Gefreiter, 24ª Div. de Pan., interrogatório, 12 de ago. de 1942, TsAMO 48/453/13, p. 32
transporte motorizado. Da 305ª Div. de Inf., BA-MA, RHi9 V 1/, p. 129
“Nosso otimismo...”, Freytag-Loringhoven, conversa, 23 de out. de 1995
“conflito final...”, IMT ND-447-PS
“que as origens da derrocada de 1918...”, BA-MA, RW4/577
“Isso seria...”, Stahlberg, p. 159
“batalha entre...”, citado em Messerschmidt, p. 214
“Várias dezenas de milhões...”, IMT ND 221-L
“É de arrepiar os cabelos...”, Hassell, 8 de abril de 1941, p. 173
“A aniquilação daqueles mesmos judeus...”, citado em Jürgen Forster, “Motivation and indoctrination in the Wehrmacht, 1933-1945”, em Addison e Calder, p. 270

“O sistema judeu-bolchevista...”, QG 11º Exército, 20 de nov. de 1941, citado em Klee e Dressen, pp. 41-44

“Os generais...”, Paulus, 21 de jul. de 1951, “Das Verhalten der generalitat unter Hitler”, BA-MA, N372/9, p. 1

“Para nós...”, Edgar Klaus, p. 36, e *Beiträge zur Geschichte der 60. Infanterie Division* (motoriz.), TS, MGFA-P, 1979, p. 3

“Em vez de...”, Kroll, conversa, 6 de maio de 1996

“No regimento...”, Kagenneck, conversa, 24 de out. de 1995

“das três forças...”, Dr. Alois Beck, ÖStA-AdR 522

“Não se podia confiar...”, conversa anônima, 16 de maio de 1996

“... a Wehrmacht não devesse...”, Theo Schulte, “The German soldier in occupied Russia”, em Addison e Calder, p. 279

“chocado com...”, Dohna-Schlobitten, pp. 213-14, e conversa, 16 de out. de 1995

“entregues ao NKVD...”, RGVA, 38652/1/8

“As bombas caíam...”, Cel. I. T. Starinov, “The frontier aflame”, em Bialer, p. 225

“Claro que estarei lá...”, Schmidt, p. 233

“cerca de 160...”, citado em Domarus, vol. II, p. 1731

“cruzada europeia...”, *Völkischer Beobachter*, 28 de junho de 1941

3. “Arrombem a porta que toda a estrutura podre desabará!”

“Eu sei! Isto já foi...”, Starinov, op. cit., em Bialer, p. 222

“impetuosa investida...”, Erich von Manstein, *Vitórias perdidas*, p. 187

“Nossos pilotos sentem...”, 4 de out. de 1942, TsAMO 48/486/24, p. 48

“Os alemães estão vindo...”, Erickson, *The Road to Stalingrado*, p. 121

“no estudo da relação...”, Erickson, “The development of Soviet military doctrine”, p. 7

“exigências políticas...”, documento capturado, APRF 3/58/451

“Eu fiquei com as tropas...”, Starinov, op. cit., em Bialer, p. 237

“certas conclusões”, APRF, 45/1/478

“Vou morrer...”, TsMVS

“quase sempre obstinados...”, APRF, 3/58/451

“chocante e incompreensível”, Gavrielova, conversa, 22 de nov. de 1995

“O ódio que o fascismo tem...”, Grossman, *Life and Fate* [Vida e destino], p. 34

“A Pátria Chama!”, TsMVS

“Nosso objetivo é defender...”, citado em N. D., mensagem de Diatlenko.

“Amanhã, ou...”, Col. Ehrenburg, RGALI 1204/2/3453

“a maior batalha...”, Sommerfeldt, pp. 95-6

“Olhem bem esses...”, Malaparte, p. 61

4. A arrogância de Hitler: a batalha atrasada por Moscou “A vastidão...”, 12 de agosto de 1941, citado em Messenger, p. 150

“até 64 quilômetros...”, mensagem de Gottfried von Bismarck

“os cavaleiros da guerra moderna”, Podewils, p. 32

“Que grande satisfação...”, carta, 11 de out. de 1941, citado em Paulus, p. 144

“Um reduto após o outro...”, carta, Gen. Himer, 2 de out. de 1941, citado em Paulus, p. 143

“disparates”, citado em Volkogonov, p. 422

“com seu impassível...”, Werth, *The Year of Stalingrad*, p. 104

“Iam realizar o desfile militar...”, conversa, Ulko, 22 de nov. de 1995

“Se querem uma guerra de extermínio...”, Werth, *Russia at War*, p. 246

“Não pode haver mais...”, Erickson, *The Road to Stalingrado*, p. 258

“Muitos dos homens...”, Gen. div. panz. Tr. Rudolf Schmidt, 39º Corpo de Panzers, 13 de nov. de 1941, citado em Paulus, p. 145

“Esta não é mais...”, citado em Bartov, *Hittler’s Army*, p. 41

“um pequeno exército...”, Melnikov a Beria, 25 de set. de 1943, TsKhIDK, 451p/2/6

“O povo alemão...”, Hitler, citado em Seydlitz, p. 114

“A gente via...”, Pabst, p. 54

“fotografias de execuções...”, referência alemã: W 283/11.41C, 28 de nov. de 1941, RTsKhIDNI 17/125/96

“destruíssem e queimassem até reduzir a cinzas”, citado em Volkogonov, p. 456

“O suicídio em...”, ordem intitulada “Suicídio e Tentativa de Suicídio” de 17 de jan. de 1942, TsAMO 48/453/21, p. 29

“O Natal não se realizará...”, TsAMO 206/294/48, p. 468

“Vocês estão sob lei...”, TsAMO 206/294/48, p. 346

“Notas para os que...”, TsAMO 206/294/48, pp. 471-4

“Queremos voltar para...”, Reichenau ao XXIX Corpo do Exército, 25 de dez. de 1941, 01348/41, RTsKhIDNI 17/125/96

“Carta da Frente nº 3”, TsAMO 206/294/12, pp. 17-19

5. A primeira batalha do general Paulus

“casca-grossa...”, citado em Messenger, p. 61

“mais cientista...”, Kageneck, conversa , 24 de out. de 1995

“Até seu bastão...”, carta, 11 de fev. de 1942, citado em Paulus, p. 164

“medidas punitivas”, VOTsDNI 113/14/306, citado em Epifanov, p. 135
Obersturmführer da SS August Häfner, citado em Klee e Dressen (orgs.), p. 111
“Em vários lugares...”, reproduzido em Heer (org.), p. 75
“desonroso para oficiais...”, Paget, p. 173
“Não podemos...”, citado em Groscurth, p. 91
“Tragam documentos...”, citado em Heer, p. 78
mais de 30 mil, R. W. M. Kempner, *SS im Kreuzverhör*, Munique, 1964, p. 29
Ordem de Reichenau, citado em Klee e Dressen (orgs.), p. 39
aldeia de Komsomolsk, TsAMO 206/294/48
“Os interrogatórios devem terminar...”, TsAMO 48/453/21, p. 32
“Os *Landzers* vão...”, 5 de julho de 1942, TsAMO 206/294/48, p. 485
“Aniversário do Führer” e outros exemplos todos em BA-MA, N395/10
“homens mortos, estendidos...”, Kagenneck, p. 30
“Tínhamos medo...”, Kagenneck, pp. 32-3
“A maioria deles...”, Malaparte, p. 121
600 prisioneiros soviéticos, Goldhagen, p. 157
“deviam ser abandonados para morrer de fome”, BA-MA, N159/4, citado em Messerschmidt, pp. 221-2
“frio, fome e...”, Erickson, *The Road to Stalingrado*, p. 328
Maximov, relatório da NKVD, 4 de março de 1943, TsAMO 226/335/7, p. 364
“A informação deles...”, 29 de março de 1942, RTsKhIDNI 17/125/96
“só funciona se...”, 16 de março de 1942, RTsKhIDNI 17/125/96
“Minha ambulância tinha...”, Dr. Hans Heinz Schrömbgens, citado em Schneider-Janessen, p. 136
Feodosia, BA-MA, RW2/v. 151, 152, citado em de Zayas, p. 181

“O moral mais uma vez...”, Freytag-Loringhoven, conversa ,
23 de out. de 1995
“Fique muito feliz...”, Bruno Gebele, em Beck, p. 102
“superioridade qualitativa...”, Forster, “Evolution and
development of German doctrine 1914-1945”, p. 7
“Minha grande preocupação...”, diário de Bock, 8 de maio
de 1942, citado em Paulus, p. 176
“que era um adeus...”, Seydlitz, p. 147
“Os prédios...”, Seydlitz, p. 148
“a artilharia ricochetearia...”, Kagenneck, conversa, 24 de
out. de 1995
“Os métodos de combate...”, Uffz. Hans Urban, 389ª D. de
Inf., BA-MA, RW4/v 264, p. 89
“os raios dos holofotes de busca...”, mensagem de um
soldado desconhecido em documentos de Ehrenburg,
RGALI 1204/2/3453
“o sucesso...”, 20 de maio de 1942, citado em Paulus, p. 166
“Como é reanimador...”, 12 de julho de 1942, citado em
Paulus, p. 168

6. “De quanta terra precisa um homem?”

“Se não tomarmos...”, Paulus, p. 157
“o lugar fatídico”, Podewils, p. 29
“Os tanques russos...”, Podewils, pp. 47-8
“atiravam neles...”, TsAMO 230/586/1, p. 78
“Durante a...”, diário de Bock, 3 de julho de 1942, Paulus, p.
185
“Até onde a vista alcança...”, Podewils, p. 47
“Era quase como se...”, Kagenneck, conversa, 24 de out. de
1995
“um oceano que...”, Strecker, 19 de julho de 1942, Haller, p.
44
“Vultos negros...”, Podewils, p. 44

“Um menino muito pequeno mesmo...”, 5 de julho de 1942, Bähr e Bähr, p. 137
“Alemanha, ainda não usei...”, Bähr e Bähr, p. 139
“Nossos rapazes roubaram...”, Cpl. István Balogh, entrada de diário, 24 de julho de 1942, RTsKhIDNI 17/125/97
“Estávamos quase mortos...”, TsAMO 206/294/47, p. 147
interrogatório de Rattenhuber pela SMERSH em 28 de nov. de 1945, *Voennye Arkhivi Rossii*, nº I, 1993, p. 357
“A constante...”, Halder, 23 de julho de 1942, p. 489
“cura de raio solar”, citado em Stahlberg, p. 308
“exército absoluto da Liga das Nações”, citado em Messenger, p. 149
“em meio a pessoas caladas...”, RTsKhIDNI 17/125/97
“só dava para comprar...”, interrogatório, 26 de set. de 1942, TsAMO 206/294/47, p. 561
“Um homem aproximou-se...”, RTsKhIDNI 17/125/97
98 mil baixas, Mark Axworthy, “O soldado romeno no cerco de Odessa”, em Addison e Calder, p. 227
“O hábito de saquear...”, RTsKhIDNI 17/125/97

7. “Nem um passo atrás”

“Eles esqueceram...”, TsAMO 3/1, 556/9, Volkogonov, p. 459
“todo aquele que...”, Ordem 270 de 16 de agosto de 1941, TsAMO 298/2526/5a, citado em Volkogonov, p. 427
“Os alarmistas...”, 16 de agosto de 1942, TsAMO 48/486/28, p. 8
“a combater a covardia”, Jukov a Stalin, citado em Volkogonov, p. 469
“um traidor da...”, RTsKhIDNI 17/43/1774
422,7 mil homens do Exército Vermelho, Erickson, “O desempenho do Exército Vermelho no campo de batalha”, em Addison e Calder, p. 236
“expiar com seu...”, TsAMO 48/486/28, p. 15

“já estavam feridos ou mortos”, Dobronin a Scherbakov, 29 de out. de 1942, TsAMO 48/486/24, p. 315

“pálido, porque em geral...”, Nikolay Filin, “Kak i pochemu ya byl agentom SMERSh”, *Vechernyaya Moskva*, 25 de nov. de 1995

“É muito difícil...”, documentos de Ehrenburg , RGALI 1284/2/3466

“do tratamento...”, ordem do Segundo Exército de Panzers, 9 de fev. de 1942, RTsKhIDNI 17/125/96

“A maioria dos soldados...”, 10 de agosto de 1942, TsAMO 48/453/13, p. 10

“eram um pecado contra...”, TsAMO 48/453/13, pp. 4-7

“quente como...”, carta, 9 de julho de 1942, citado em Haller, p. 192; “53°C no sol”, Groscurth, p. 527

“Os russos despejaram...”, Gefr. H. S., 389ª D. de Inf., 10 de agosto de 1942, BZG-S

“Os bombardeiros soviéticos...”, BA-MA, RH27-16/42

“a infestação de moscas...”, Dr. Günther Diez, citado em Schneider-Janessen, p. 130

“Para ser honesto...”, 19 de julho de 1942, TsAMO 206/294/48, p. 485

escova do cavalo, TsAMO 48/486/28, p. 15

“sobre essa missão absurda”, Podewils, p. 98

“escondidos numa vala”, 31 de julho de 1942, TsAMO 206/294/47, p. 251

“Eles tinham um alcance mais longo...”, Freytag-Loringhoven, conversa, 23 de out. de 1995

“Eles teriam logo nos liquidado...”, Simonov, *Raznye dni voiny*, p. 180

“Russos resistindo...”, 2, 3, 5 e 6 de agosto de 1942, TsAMO 206/294/ 48, p. 486

regimento de caças noturnos, Sterman, conversa, 7 de nov. de 1995

“Papa Hube”, BA-MA, RH27-16/42

“consumir tantas calorias...”, Behr, conversa, 25 de out. de 1995

“velho cavalo de batalha”, Dohna-Schlobitten, conversa, 16 de out. de 1995
“pessimista demais”, Freytag-Loringhoven, conversa, 23 de out. de 1995
“Não é uma visão encorajadora...”, Podewils, p. 85
“sempre que um tanque russo...”, Metelmann, conversa, 12 de abril de 1996
“uma enorme manada de elefantes”, Seydlitz, p. 158
“Os russos estão...”, citado por Paulus, p. 187
“*höchst primitiv*”, Podewils, p. 95
181ª Divisão de Fuzileiros , conversa, Tsyankov, 22 de nov. de 1995
“as muitas, muitas...”, Soldado H. R., 9 de agosto de 1942, 389ª D. de Inf., BZG-S
setenta e dois cadáveres, 24 de set. de 1942, TsAMO 62/335/7
“Os russos podem...”, Gefr. W. V., 9 de agosto de 1942, 305ª Div. de Inf., BZG-S
“O único consolo...”, Soldado B. B., 389ª D. de Inf., “4 de agosto de 1942, BZG-S
“colunas de trabalhadores”, RTsKhIDNI 17/43/1773
tanques de armazenamento de petróleo, Nefiodova e Grebennikova, conversa, 23 de nov. de 1995
“Quer defender sua Pátria?” Albert, conversa, 23 de nov. de 1995
crianças mais velhas, RTsKhIDNI 17/43/1774
“Traidores do Partido...”, RTsKhIDNI 17/43/1774
“especial atenção à investigação...”, Dobronin a Scherbakov, 8 de nov. de 1942, TsAMO 48/486/25, p. 240
“aconselhando-o a rezá-las...”, RTsKhIDNI 17/43/1774
“degeneração política e moral...”, RTsKhIDNI 17/43/1774
“o fim do mundo”, Lazarev, conversa, 13 de nov. de 1995
“Após o Don...”, TsAMO 206/294/48, p. 485

8. “Alcançado o Volga!”

“um momento de grande júbilo”, Freytag-Loringhoven, conversa, 23 de out. de 1995

“O general Paulus ...”, diário de Richthofen, 20 de agosto de 1942, Paulus, p. 188

“para mutilar...”, diário de Richthofen, 23 de agosto de 1942, Paulus, p. 188

“Aproveitem hoje!”, Podewils, p. 107

“em grupos apinhados”, BA-MA, RH27-16/42

“Stalingrado, a cidade de Stalin...”, BA-MA, RH2º-6/216

“um dia que jamais...”, Gavrielova, conversa, 22 de nov. de 1995

“Camaradas, soou na cidade...”, Nekrassov, p. 82

“não apenas alvos industriais ...”, Grigorev, conversa, 22 de nov. de 1995

“teve literalmente de arrastá-la...”, Nefiodova, conversa, 22 de nov. de 1995

“Antes de tapar a cova...”, Goncharov, conversa, 23 de nov. de 1995

1,6 mil saídas, mil toneladas, Plocher, p. 231

“Ninguém se importava...”, Goncharov, conversa, 23 de nov. de 1995

“Ao redor de Gumrak...”, BA-MA, RH27-16/42

“pareciam achar...”, Albert, conversa, 22 de nov. de 1995

“Oh, agora estão liquidadas!...”, documentos de Grossman, RGALI 618/2/108

“os soldados...”, BA-MA, RH27-16/42

“Tínhamos partido...”, Freytag-Loringhoven, conversa, 23 de out. de 1995

“Alcançado o Volga!”, BA-MA, RH20-6/216

“um sentimento de...”, Langsdorff, p. 194

“Vimos a imensa...”, Freytag-Loringhoven, conversa, 23 de out. de 1995

“as moças se recusaram...”, documentos de Grossman, RGALI 6 18/2/108

“permaneceu em seu posto...”, Goncharov, conversa, 22 de nov. de 1995

“Até o cair da tarde...”, BA-MA, RH27-16/42
“É completamente errado...”, BA-MA, RW4/v. 264
“Jamais entregaremos ...”, TsMVS
“abandonou seu posto”, RTsKhIDNI 17/43/1773
“Ontem chegamos...”, Gefr. E. R. 16ª Div.Panz., 25 de agosto de 1942, BZG-S
“*mit Eleganz*”, Gefr. B. G., 2 de set. de 1942, BZG-S
“canhoneiras”, BA-MA, RH27-16/42
“Sabemos como...”, Podewils, p. 117
“como um lago calmo”, Podewils, p. 105
“Logo também nós...”, Gefr. B. G., 24 de agosto de 1942, BZG-S
“A canção será realmente...”, Uffz. W. W., 27 de agosto de 1942, BZG-S
“Vocês não imaginam...”, Soldado H. R., 389ª D. de Inf., 28 de agosto de 1942, BZG-S
“muito nervoso”, diário de Richthofen, Paulus, p. 188
“quanto mais próximos...”, Strecker, Haller, p. 89
“Não abandonaremos...”, 26 de agosto de 1942, TsMVS
“Muitos homens compensaram...”, Dobronin a Scherbakov, 29 de out. de 1942, TsAMO 48/486/24, p. 308
“Concentração de veículos...”, ÖStA-KA B/1540
“liderou um batalhão...”, Dobronin a Scherbakov, 8 de out. de 1942, TsAMO 48/486/24, p. 78
“Aquele risco prateado...”, Podewils, p. 119
“Senhores, voar por diversão...”, Einsiedel, p. 12
“Essa Rússia desgraçada”, Uffz. H. T., 71ª Div. de Inf., 30 de agosto de 1942, BZG-S
“preocupados e furiosos”, Glichov, conversa, 6 de nov. de 1995
“Que é que há com eles...”, Volkogonov, p. 461
“A demora neste momento”, Erickson, *The Road to Stalingrado*, p. 384
Os alemães também sofreram, BA-MA, RH27-16/43
“Olá, meus queridos!”, V. M. Kovalov, 2 de set. de 1942, AMPSB 258/4904

“o Volga era a última linha...”, Glichov, conversa, 6 de nov. de 1995
“mas Stalingrado vai cair...”, Gefr. B. G., 3 de set. de 1942, BZG-S
“Segundo o que...”, Soldado W. W., 305ª Div. de Inf., 2 de set. de 1942, BZG-S
“Fechou-se o círculo...”, BA-MA, RH20-6/216
“Aqui, todo mundo...”, carta, 23 de agosto de 1942, citado em Paulus, p. 169

9. “Tempo de sangue”: as batalhas de setembro

“a cidade fatídica”, carta, 3 de dez. de 1942, Groscurth, p. 530
“progresso satisfatório ...”, Halder, 7 de set. de 1942, p. 518
“Isso é mentira!”, citado em Domarus, vol. II, p. 1908
“longo olhar...”, Warlimont, p. 269
“uma situação completamente...”, Below, p. 315
“Os tanques não servem...”, BA-MA, RH27-16/43
“Os russos atacaram...”, Freytag-Loringhoven, conversa, 23 de out. de 1995
“Até onde a vista alcançava...”, Gefr. O. K., 13 de set. de 1942
“E se sua amada for...”, *Stalinskoe znamia*, 8 de set. de 1942
“Não contem os dias...”, Zayas, p. 169
“triste cheiro de ferro queimado”, Simonov, *Raznye dni voiny*, vol. II, pp. 175-6
“Camarada Chuikov...”, Chuikov, p. 84
“Tempo é sangue”, Chuikov, p. 89
“atravessar o Volga...”, Chuikov, p. 93
“traidor experiente...”, 8 de out. de 1942, TsAMO 48/486/24, p. 77
“era necessário fazer...”, Chuikov, p. 80
“posições fortes...”, BA-MA, RH 20-6/216

“depois 14 dias...”, Halder, p. 521

“Uma massa de Stukas...”, Gefr. H. S., 389ª Div. de Inf., BZG-S

“Ieremenko diz...”, Jukov, p. 143

“As duas divisões...”, BA-MA, RH20-6/216

“Major Stalin”, S. D. Lugansky, “Malenkov”, em Bialer, p. 455

“os milhafres empoleirados...”, documentos de Grossman, RGALI 618/2/108

“fluía de Rodimtsev”, conversa, Kidyarov, 22 de nov. de 1995

“Desde ontem...”, anôn., 29ª Div de Inf. (motoriz.), 15 de set. de 1942, BZG-S

“teve medo...”, 8 de out. de 1942, TsAMO 48/486/24, p. 77

“Em vez de tomar...”, 8 de out. de 1942, TsAMO 48/486/24, p. 77

“não concordou...”, 8 de out. de 1942, TsAMO 48/486/24, p. 78

“Essas nuvens de terra...”, Grossman, *Life and Fate*, p. 35

“Stalingrado foi capturada...”, TsAMO 3/11 556/10, citado em Volkogonov, pp. 474-5

“Sempre que um Me 109...”, 4 de out. de 1942, TsAMO 48/486/24, p. 48

“Assim que surgem...”, Max Plakolb, ÖStA-KA B/1 540; Kalb interrogatório, TsAMO 48/453/13, p. 70

“Alvo de ataque área...”, Herbert Pabst, cartas, citado em Bähr e Bähr, pp. 186-8

“A roupa dos...”, Dr. Günther Diez, Schneider-Janessen, p. 130

“Cada soldado da Guarda...”, conversa, Kidyarov, 22 de nov. de 1995

“O ar está cheio...”, BA-MA, RH27-16/42

“Não é um som humano...”, Podewils, p. 115

“O lar está tão distante...”, Herbert Pabst, citado em Bähr e Bähr, p. 184

“Como vai, minha querida Palina?”, AMPSB 22789

“Os alemães não vão resistir...”, AMPSB 752-/5.481
“abandonou a linha de defesa...”, Dobronin ao Conselho Militar da Frente de Stalingrado, 3 de out. de 1942, TsAMO 48/486/24, pp. 9, 30-32

10. Rattenkrieg

“necessidade de doutrinar...”, Halder, p. 528
“O Estado-Maior geral...”, 19 de agosto de 1942, Groscurth, p. 548
“pronta para filmar...”, Dohna-Schlobitten, p. 246
“a bandeira do Terceiro Reich...”, BA-MA, RH20-6/216, p. 51
“sob uma luz rósea demais”, citado em Boelcke, p. 365
“da manhã... extremamente nervoso”, 29 de agosto de 1942, Groscurth, p. 550
“o combate nos cômodos...”, documentos de Grossman, RGALI 618/2/108
“parecia um bolo em camadas”, Goncharov, conversa, 25 de nov. de 1995
“uma aberração da arte marcial”, Förster, “Evolution and development of German doctrine...”, p. 2
“O inimigo é invisível...”, Strecker, Haller, p. 90
“Não ficou uma única...”, Ten. Anselm Radbruch, carta, 26 de set. de 1942, Bähr e Bähr, p. 174
“Os defensores se...”, Max Plakolb, ÖStA-KA B/1540
“Cometa um erro...”, Smirnov, conversa, 22 de nov. de 1995
“Se você pudesse...”, documentos de Grossman, RGALI 1710/1/100
25 milhões de balas, BA-MA, RH20-6/216, p. 58
“Os *Russkies*...”, Gefr. O. K., Pion. Bt 45, 16 de set. de 1942, BZG-S
“Deitávamo-nos exaustos...”, Klaus, p. 20
“A incontestada superioridade aérea dos russos...”, Diário de Guerra do Sexto Exército, 15 de nov. de 1942, BA-MA, RH20-6/221

“em Stalingrado...”, Tsigankov, conversa, 22 de nov. de 1995

“No outro lado...”, documentos de Grossman, RGALI 681/2/108

“Vaniusha...”, Tsigankov, conversa, 22 de nov. de 1995

“É necessário mais...”, 3 de out. de 1942, TsAMO48/486/24, p. 10

“o emagrecido e melancólico”, documentos de Grossman, RGALI 618/2/108

“Cuide de sua arma...”, TsAMO 48/486/39, p. 21

“coberto de pingentes...”, Tsigankov, conversa, 22 de nov. de 1995

“Granadas explodindo...”, Col. Vishnevski, 17 de nov. de 1942, AMPSB 602/10343

“toda espécie imaginável...”, Lazar Ilich Lazarev, conversa, 13 de nov. de 1995

“tribunal militar das Forças do NKVD”, RTsKhIDNI 17/43/1773

“física e espiritualmente...”, Gavrielova, conversa, 22 de nov. de 1995

“trazido mais de cem soldados...”, e “atirou granadas...”, TsMVS

Kochnevskaja, 21 de nov. de 1942, TsAMO 48/486/25, p. 268

Iekaterina Petliuk, John Erickson, “Soviet women in war”, em Garrard e Garrard (orgs.), p. 66

“Eu nunca a vi de tão perto...”, Simonov, *Raznye dni voiny*, p. 187

“milhares de feridos...”, Sterman, conversa, 7 de nov. de 1995

“Eles muitas vezes se fechavam...”, Professor Krimskaja, citado em Schneider-Janessen, p. 134

“No hospital...”, documentos de Grossman, RGALI 1710/1/100

“competição socialista”, Dobronin a Scherbakov, 28 de out. de 1942, TsAMO 48/486/24, pp. 297-8

“Se eles não doarem...”, 4 de nov. de 1942, TsAMO 48/486/25, p. 47

“parecia que dentes de ferro...”, Maj. V. Velichko, “The 62th Army”, em USSR, *Stalingrad*, p. 148
“blocos simétricos de prédios brancos...”, Nekrassov, p. 82
“as russas...”, Uffz. Hans Urban, BA-MA, RW4/v. 264, p. 89
“Mais uma batalha...”, Chuikov, p. 167
“Vocês não imaginam...”, Gefr. H. S., 389ª D. de Inf., BZG-S
“o confuso...”, Viktor Kainzer, Rgto. Jäger 54, *Stalingradbund Österreich*, maio de 1984
“Onde estão vocês?”, Chuikov, p. 184
“Para os defensores...”, 17 de nov. de 1942, TsAMO 48/486/25, p. 216
“ninguém nos tirará...”, citado em Domarus, vol. II, pp. 1914, 1916

11. Traidores e aliados

“Nós, russos, estávamos...”, Smirnov, conversa, 22 de nov. de 1995
“Na cidade em labaredas...”, Chuikov, p. 223
“Os que não ajudam...”, *Stalinskoe znamia*, 4 de set. de 1942
“o estado de espírito...”, 8 de out. de 1942, TsAMO 48/486/24, p. 74
tanques alemães avançaram depressa para protegê-los, TsAMO 48/486/24, p. 20
Desertores da 124ª Brigada Especial, 3 de out. de 1942, Dobronin ao Conselho Militar da Frente de Stalingrado, TsAMO 48/486/24, p. 8
“Desde o último ataque deles...”, BA-MA, RH27-16/43
“foi preso...”, BA-MA, RH27-16/43
“O moral entre os...”, Uffz. J. Sch., 79ª Div. de Inf., 22 de set. de 1942, BZG-S
178º Regimento de Fuzil. de Reserva, Dobronin a Scherbakov, 21 de out. de 1942, TsAMO 48/486/24, p. 239

“cidadãos de Stalingrado...”, 13 de nov. de 1942, TsAMO 48/486/25, p. 162; 8 de out. de 1942, TsAMO 48/486/24, p. 77

“A falta de...”, 8 de out. de 1942, TsAMO 48/486/24, p. 77

“Foi impossível...”, 26 de nov. de 1942, TsAMO 48/486/25, pp. 317-18

“Se eu for mandado...”, 16 de nov. de 1942, TsAMO 48/486/25, p. 209

“o descuido...”, 13 de nov. de 1942, TsAMO 48/486/25, p. 165

“medida extrema...”, 15 de nov. de 1942, TsAMO 48/486/25, p. 201

“Durante a noite...”, 13 de nov. de 1942, TsAMO 48/486/25, p. 165

“Para eles é...”, 11 de nov. de 1942, TsAMO 48/486/25, pp. 138-9

“sofreu perdas tão...”, 14 de nov. de 1942, TsAMO 48/486/25, p. 183

“Doutrinar...”, 14 de nov. de 1942, TsAMO 48/486/25, p. 185

“Ele anunciou que...”, 15 de out. de 1942, TsAMO 48/486/24, p. 176

“É muito difícil...”, 13 de nov. de 1942, TsAMO 48/486/25, p. 163

“Nas condições de batalha...”, TsAMO 48/486/24, p. 79

“distúrbio criminoso...”, 23 de nov. de 1942, TsAMO 48/486/25, p. 292

446 deserções, TsAMO 48/486/29, p. 49

“criou-se uma zona...”, 15 de out. de 1942, TsAMO 48/486/24, p. 187

“tentara ocultar...”, 8 de out. de 1942, TsAMO 48/486/24, p. 82

“Onze soldados...”, 25 de out. de 1942, TsAMO 48/486/24, p. 259

“sinal de covardia...”, 7 de nov. de 1942, TsAMO 48/486/25, p. 106

“homens encontrados...”, 18 de nov. de 1942, TsAMO 48/486/25, p. 240

“desacreditado os líderes...”, 8 de out. de 1942, TsAMO 48/486/24, pp. 82-3

“Quando os soldados resmungam...”, Nikolay Filin, “Kak i pochemu ya byl agentom SMERSh”, *Vechernyaya Moskva*, 25 de nov. de 1995

“os nove gramas de chumbo”, TsAMO 48/486/24, p. 162

“graças à...”, Dobronin a Scherbakov, 8 de out. de 1942, TsAMO 48/486/24, p. 76; 18 de nov. de 1942, TsAMO 48/486/25, p. 236

“Para ser honesto...”, citado em Garrard e Garrard, p. 155

“cimentava como concreto...”, major V. Velichko, “The 62nd Army”, em USSR, *Stalingrad*, p. 145

“A vida não é fácil...” documentos de Grossman, RGALI 1710/1/100

“a apenas 50 metros...”, 24 de nov. de 1995, p. 175

“Hoje eu vi...”, Uffz. H. D., 295ª Div. de Inf., 6 de nov. de 1942, BZG-S

“Atravessamos a ponte...”, Simonov, 25 de set. de 1942, em USSR, *Stalingrad*, p. 60

“não há remédio para...”, Simonov, 25 de set. de 1942, em USSR, *Stalingrad*, p. 64

“O inimigo...”, 5 de nov. de 1942, TsAMO 48/486/25, p. 63

“adequados”, VOTsDNI, 113/14/306L, citado em Epifanov, p. 136

“maioria tinha entre...”, do interrogatório de Mikhail Bulanov, 3 de dez. de 1943, citado em Klee e Dressen (orgs.), p. 95

“em casos sem esperança...”, Podewils, p. 131

“uma imensa multidão negra”, Nefiodova, conversa, 23 de nov. de 1995

270 mil ucranianos, BA-MA Wi ID/33, em Sergei Kudryashov, “The hidden dimension”, em Erickson e Dilks, p. 242

800 jovens ucranianos, VOTsDNI, 113/14/306, pp. 75-90, Epifanov, p. 153

“ninguém sabe como”, Goncharov, conversa, 24 de nov. de 1995

“fazer sinais para o inimigo...”, Dobronin ao Conselho Militar da Frente de Stalingrado, 3 de out. de 1942, TsAMO 48/486/24, pp. 9, 32

campanha de interrogatórios de Stalingrado de alemães e aliados, TsAMO 62/335/7, 48/453/13, 206/294/12, 206/294/47, 206/294/48, 226/335/7

“Outros soldados...”, capturados em 16 de set. de 1942, TsAMO 48/453/13, p. 36

interrogatórios de Kaplan, TsAMO 48/453/13, pp. 75, 46, 48

“medidas muito enérgicas...”, 7 de agosto de 1942, 14a. Div. Panz, RTsKhIDNI 17/125/96

“Como é possível...”, RTsKhIDNI 17/125/97

“Deus me conserve vivo...”, RTsKhIDNI 17/125/97

“Deus, não me deixe...”, RTsKhIDNI 17/125/97

“Vocês devem tratá-los...”, 30 de julho de 1942, TsAMO 206/294/48, p. 466

“Não revidamos...”, TsAMO 206/294/47, p. 251

991 Batalhão Especial de Bombardeio Cerrado 991, RTsKhIDNI 17/125/97

“Agentes russos...”, TsAMO 48/453/21, p. 96

“senhores e vassalos”, Klaus, p. 23

“Acima de tudo...”, Stolberg relatório, BA-MA, RW4/v. 264, p. 161

“um para os oficiais...”, BA-MA, RW4/v. 264, p. 156

“Para evitar futuros...”, 19 de set. de 1941, Terceiro Ex. Romeno à 13ª Div. de Inf. rom., RTsKhIDNI, 171/125/96

“É perturbador...”, 25 de out. de 1942, Groscurth, p. 552

50 mil auxiliares russos, Kehrig, pp. 662-3; ver também Rudiger Overmans, “Das andere Gesicht des Krieges”, em Förster (org.), *Stalingrad*, p. 441

“Os russos no Exército alemão...”, 4 mar. de 1943, TsAMO 226/335/7, p. 364

“Acreditamos nos folhetos...”, RTsKhIDNI 17/125/97

“Ivan”, conversa, Henry Metelmann, 12 de abril de 1996

“Em algumas partes...”, 8 de out. de 1942, TsAMO 48/486/24, p. 8,

12. Fortalezas de escombros e ferro

“Stalingrado se tornará...”, carta a seu irmão, Groscurth, p. 528

“a sombria e altaneira imensidão...”, documentos de Grossman, RGALI, 628/2/108

“Os russos fizeram...”, Uffz. Philipp Westrich, 100ª Divisão Jäger, BA-MA, RW4/v. 264, p. 86

“tenaz e inflexível...”, documentos de Grossman, RGALI 618/2/108

“Assim que cai o crepúsculo...”, documentos de Grossman, RGALI 618/2/108

um barco sobrecarregado, 15 de out. de 1942, TsAMO 48/486/24, p. 162

“cercar os campos minados...”, TsAMO 48/486/25, p. 66

“havam ficado inconscientes...”, TsAMO 48/486/39, p. 22

“o comandante da companhia...”, Dobronin a Scherbakov, 15 de out. de 1942, TsAMO 48/486/24, p. 288, e 48/486/28, p. 216

“o que significa...”, Diário de Guerra do Sexto Exército, 10 de out. de 1942, BA-MA, RH20-6/221

“Todo o céu...”, Gefr. H. S., 389ª Div. de Inf., 14 de out. de 1942, BZG-S

“O combate assumiu...”, Maj. V. Velichko, “The 62th Army”, em USSR, *Stalingrad*, p. 149

“Aqueles entre nós...”, Dobronin a Scherbakov, 15 de out. de 1942, TsAMO 48/486/24, p. 189

“Nosso apoio...”, Uffz. H. G., 305ª Div. de Inf., 24 de out. de 1942, BZG-S

“Foi uma batalha terrível...”, Grams, p. 54

“A parte principal...”, Diário de Guerra do Sexto Exército, BA-MA, RH20-6/221

“mais de trinta tanques médios...”, TsAMO 48/486/35, pp. 212-13

“Canhões destruídos...”, TsAMO 48/486/35, p. 214

“verdadeiro heroísmo de massa”, TsAMO 48/486/24, p. 200

“Paredes da fábrica...”, Strecker, citado em Haller, p. 90

“Nosso general...”, Soldado H. R., 389ª Div. de Inf., 24 de out. de 1942, BZG-S

“A ajuda da nossa força de caças...”, TsAMO 48/486/35, p. 212

“Não entendo...”, Herbert Pabst, 18 de out. de 1942, Bähr e Bähr, p. 188

“centenas de feridos...”, Chuikov, p. 203

“excepcional covardia”, Koshcheev a Scherbakov, 9 de nov. de 1942, TsAMO 48/486/25, p. 117

“círculos infestados de comunistas”, Boelcke, p. 384

“Olá, Shura!” RGALI 1284/2/3466

“Estou me saindo...”, documentos de Grossman, RGALI 618/2/ 3466

“Estamos constantemente...”, 12 de out. de 1942, AMPSB 7555/13530

“Maria...”, 23 de out. de 1942, AMPSB 7555/ 13530

“As pessoas poderiam me reprovar...”, AMPSB, citado no projeto do departamento de história da Universidade de Volgogrado “Muitas vezes me pergunto...”, tenente Otten, AMPSB, citado no projeto do departamento de história da Universidade de Volgogrado “Não paro de me preocupar...”, a Josef Joffner de sua esposa em Nuremberg, AMPSB N45079A “Tia Liuba...”, 11 de nov. de 1942, TsAMO 48/486/2 5, p. 139

“os feridos pegavam...”, 7 de nov. de 1942, TsAMO 48/486/25, p. T 17

“Só no 62º Exército...”, 11 de nov. de 1942, TsAMO 48/486/25, pp. 138-9

“No território ocupado...”, 11 de nov. de 1942, TsAMO 48/486/25, p. 151

“atitude absolutamente incorreta” e “apêndice desnecessário”, 14 de nov. de 1942, Koshcheev a Scherbakov, TsAMO 48/486/25, p. 179

“Sem a minha permissão...”, Koshcheev a Scherbakov, 21 de nov. de 1942, TsAMO 48/486/25, p. 262

“porque agora, que não são mais...”, 14 de nov. de 1942, TsAMO 48/486/25, pp. 179-80

“uma afirmação contra-revolucionária”, Dobronin a Scherbakov, 18 de out. de 1942, TsAMO 48/486/24, p. 249

“Eles inventaram as Ordens...”, Dobronin a Scherbakov, 15 de out. de 1942, TsAMO 48/486/24, p. 162

“negligência criminosa”, 15 de out. de 1942, TsAMO 48/486/24, p. 344

jogavam-na numa caneca de vodca, Lazarev, conversa, 13 de nov. de 1995

“uma nova onda de...”, 4 de nov. de 1942, TsAMO 48/486/25, pp. 176-7

“Nobre Franco-atirador”, 10 de nov. de 1942, TsAMO 48/486/25, p. 122

“*Rus, komm, komm!*” 6 de nov. de 1942, TsAMO 48/486/25, pp. 76-7

“Os fascistas precisam conhecer...”, 4 de nov. de 1942, TsAMO 48/486/25, p. 58

“Aprendera os aspectos sombrios”, documentos de Grossman, RGALI 618/2/108

Manenkov, 17 de nov. de 1942, TsAMO 48/486/25, p. 216

“o melhor caçador...”, 12 de nov. de 1942, TsAMO 48/486/25, p. 144

“Na guerra...”, documentos de Grossman, RGALI, 1710/1/100

“ex-operários da...”, 4 de nov. de 1942, TsAMO 48/486/25, p. 52

“aproximara-se tanto do inimigo...”, Cap. Kempter, citado em Hauck, pp. 74-5

“os cães lutam...”, Gefr. H. S., 389ª Div. de Inf., 5 de nov. de 1942, BZG-S

“Nós nos sentimos à vontade”, Chuikov, p. 211

“Pai...”, Gefreiter Gelman à família, AMPSB, citado no projeto do departamento de história da Universidade de Volgogrado “Não se preocupe...”, documentos de Grossman, RGALI 1710/1/100

“Aqui, um ditado...”, Soldado K. H. 113ª Div. de Inf., 27 de out. de 1942, BZG-S

13. O último ataque de Paulus

Oktoberfest de Munique, BA-MA, N395/9

“A imagem aqui...”, Soldado K. H., 113th Div. de Inf., 27 de out. de 1942, BZG-S

“Precisamos realmente...”, Uffz. H. D., 295ª Div. de Inf., 6 de nov. de 1942, BZG-S

“uma defesa muito *ativa*”, 14 de out. de 1942, BA-MA, RH20-6/220

Como construir uma..., BA-MA, RH20-6/238, p. 197

“O Führer nos...”, 7 de nov. de 1942, Groscurth, p. 529

“aumenta e diminui...”, Uffz. W. B. 371ª Div. de Inf., 26 de out. de 1942, BZG-S

“Aqui a gente tem de ser...”, Uffz. A. R., 60ª Div. de Inf. (motoriz.), 19 de nov. de 1942, BZG-S

“a mais bela festividade...”, Uffz. H. B., 371ª Div. de Inf., 28 de out. de 1942, BZG-S

“requisições de...”, 3 de nov. de 1942, BA-MA, RH27-24/3

“que já estavam sem...”, AOK 6, 29 de out. de 1942, BA-MA, RH20-6/220

“É uma coisa tipicamente alemã...”, Pabst, p. 121

“Por enquanto...”, Uffz. A. R., 60ª Div. de Inf. (motoriz.), 19 de nov. de 1942, BZG-S

“A icterícia, em particular...”, Klaus, p. 21

"Fieberkurv " e "reduzida resistência das tropas", Dr. Dormanns, 28 de jan. de 1943, citado em Schneider-Janessen, p. 132

"destemido comandante...", Koshcheev a Scherbakov, 4 de nov. de 1942, TsAMO 48/486/25, pp. 61-2

"O efeito da artilharia...", KTB AOK 6, BA-MA, RH20-6/221

"Nos últimos dois dias...", 6 de nov. de 1942, TsAMO 48/486/25, p. 69

"a instalar uma tela de arame...", 7 de nov. de 1942, TsAMO 48/486/25, p. 101

"intensos ataques de bombardeio noturno", Diário de Guerra do Sexto Exército, 1º de nov. de 1942, BA-MA, RH20-6/221

"Ao longo de toda a frente...", 7 de nov. de 1942, Groscurth, p. 529

"que excediam...", 6 de nov. de 1942, TsAMO 48/486/25, p. 70

"dos 1.697 membros do Komsomol...", TsAMO 48/486/10, p. 275

"embriagaram-se", relatório de 11 de nov. de 1942, TsAMO 48/486/25, p. 142

"líquidos antiquímicos", 23 de nov. de 1942, TsAMO 48/486/25, pp. 291-3

"Eu queria chegar ao Volga...", citado em Domarus, vol. II, pp. 1937-8

"Hitler recusou sem rodeios...", Below, p. 322

"As banquisas de gelo...", documentos de Grossman, RGALI 6 18/2/108

Embarcações a vapor do Volga, documentos de Grossman, RGALI 6 18/21

347º Regimento de Fuzileiros, 7 de nov. de 1942, TsAMO 48/486/25, p. 101

foguetes de sinalização, 10 de nov. de 1942, TsAMO 48/486/25, p. 122

"Rus! Não atirem!", 7 de nov. de 1942, TsAMO 48/486/25, p. 115

“comunicou-se que os...”, 10 de nov. de 1942, TsAMO 48/486/25, p. 122
“convencionalismo do exército”, diário de Richthofen, 1º de nov. de 1942, Paulus, p. 190
“furacão de fogo” e “Comecem a bombardear...”, 15 de nov. de 1942, TsAMO 48/486/25, pp. 197-8
“Se não conseguirem liquidar...”, diário de Richthofen, 16 de nov. de 1942, Paulus, p. 191
“Hitler estava obcecado...”, Behr, conversa, 25 de out. de 1995
“42 por cento dos seus batalhões...”, Philippi e Heim, p. 177
“todas as duras provações...”, Seydlitz, p. 164
“Eram alemães diferentes...”, Glichov, conversa, 6 de nov. de 1995
“não no ar, mas nos alemães”, 13 de nov. de 1942, TsAMO 48/486/25, p. 155

14. “Tudo para o front!”

“E o que...”, Jukov , p. 140; Erickson, *The Road to Stalingrado*, p. 389
“mudasse radicalmente a situação estratégica...”, Jukov, p. 140
“operações profundas”, Erickson, “The development of Soviet military doctrine”, p. 5
“um regime de rigorosíssimo segredo”, Vasilevski, p. 89
“mas Jukov era Jukov”, Glichov, conversa, 6 de nov. de 1995
Cálculos da produção de tanques soviéticos, Erickson, *The Road to Stalingrado*, p. 375
“as combatentes de macacão”, citado em John Erickson, “Soviet women at war”, em Garrard e Garrard, p. 50
“Qual foi sua ajuda para o *front*?”, TsMVS
“Para a morte dos inimigos...” e “4.363...”, documentos de Ehrenburg , RGALI 1204/2/3453
“no limite de 25 quilômetros...”, RTsKhIDNI 17/43/1773

“maior façanha foi...”, Glantz, *Soviet Military Deception in the Second World War*, p. 113

“Meu querido amigo...”, Behr, conversa, 25 de out. de 1995

“o Terceiro Exército romeno...”, Diário de Guerra do Sexto Exército, BA-MA, RH20-6/221

“No Don...”, diário de Richthofen, 12 de nov. de 1942, Paulus, p. 191

“O tempo tem...”, diário de Richthofen, 14 de nov. de 1942, Paulus, p. 191

Kruchov e Ieremenko em Svetli-Iar, 18 de nov. de 1942, TsAMO48/486/25, p. 230

“correndo às tontas”, Metelmann, conversa, 12 de abril de 1996

“Hitler foi erroneamente informado...”, Below, p. 322

“ao receber...”, Diário de Guerra do Sexto Exército, BA-MA, RH20-6/221

81ª Divisão de Cavalaria, 10 de nov. de 1942, TsAMO 48/486/25, p. 123, e 21 de nov. de 1942, TsAMO 48/486/25, p. 279

“Nos poucos dias seguintes...”, 10 de nov. de 1942, TsAMO 48/486/25, p. 129

“Deu para perceber...”, Jukov, p. 169

“ideias derrotistas e...”, Koshcheev a Scherbakov, 28 de nov. de 1942, TsAMO 48/486/25, pp. 355-6

“sabiam que alguma coisa...”, Glichov, 6 de nov. de 1995

“Estou bem cômico do...”, RTsKhIDNI 17/125/96

119 hospitais de campanha, Schneider-Janessen, p. 135

“como um médico auscultaria...”, Gen. A. Rodin, em USSR, *Stalingrad*, p. 109

“Ao longo de toda...”, BA-MA, RH20-6/221

“3,3 mil quilômetros da fronteira alemã”, Golovchanski, p. 133

15. Operação Urano

“Segundo a confirmação...”, BA-MA, RH20-6/221

“espesso como leite”, Ten-Gen. A. Rodin, em USSR, *Stalingrad*, p. 110

“Tenho a impressão de que...”, Behr, conversa, 25 de out. de 1995

“porque o chão tremia...”, Dr. Hans Heinz Schrömbgens, citado em Schneider-Janessen, p. 135

“Não sei.”, Glichov, conversa, 6 de nov. de 1995

“Também haverá um feriado...”, citado em Chuikov, p. 235

“O ataque...”, Cap. Krauss, BA-MA, RH19 VI/1I, p. 251

“Sapadores, saltar!”, Smirnov, conversa, 22 de nov. de 1995

“Mais uma vez...”, diário de Richthofen, 19 de nov. de 1942, citado em Paulus, p. 192

“até o momento...”, Diário de Guerra do Sexto Exército, BA-MA, RH20-6/221

“uma ponta de lança...”, 11.30, 19 de nov. de 1942, BA-MA, RH20-6/221

“Caixas de arquivos...”, Krauss, relatório, BA-MA, RH19 VI/1, p. 251

“Esperemos...”, diário do general von Richthofen, 19 de nov. de 1942, Paulus, p. 192

“Mudança de situação...”, 22.00, 19 de nov. de 1942, BA-MA, RH20-6/221

“em cujas fileiras...”, BA-MA, RH27-16/42

“deslocar-se”, Gefr. Joachim Grunow, Segundo Reg. Panz., relatório, 1º de agosto de 1943, BA-MA, RH27-16/43

“nenhuma ansiedade...”, citado em Beck, pp. 169-70

“massas de...”, Gebele, citado em Beck, p. 170

13ª Brigada de Tanques, 64º Exército, TsAMO 48/486/25, p. 303

“Os romenos...”, Gebele, citado em Beck, p. 170

157ª Divisão de Fuzileiros, 23 de nov. de 1942, TsAMO 48/486/25, p. 290

Os feridos do 64º Exército, 25 de nov. de 1942, TsAMO 48/486/25, p. 303

“chegara a muito...”, 20 de nov. de 1942, TsAMO 48/486/28, p. 275

“dia mais feliz de toda a guerra”, Lazarev, conversa, 7 de nov. de 1995

“medo de Panzer”, citado em Kehrig, p. 148

“*Antonescu kaputt!*”, 23 de nov. de 1942, TsAMO 48/486/25, p. 287

“casos de caos...”, TsAMO 48/486/25, p. 287

“fugir, enlouquecidos...”, relatório do Cap. Gürtler, BA-MA, RW4/v. 264, p. 85

“muito material...”, relatório, Ten. Graf Stolberg, 17 de fev. de 1943, BA-MA, RW4/v. 264, p. 157

“A catastrófica...”, 22 de nov. de 1942, 24ª Div. Panz., RH27-24/5

“a estrada está coberta...”, documentos de Grossman, RGALI 618/2/108

“documentos do estado-maior espalhados...”, USSR, *Stalingrad*, p. 112

“uma descrição não desfavorável...”, Kehrig, p. 160

“Paulus e Schmidt já esperavam...”, Behr, conversa, 25 de out. de 1995

“Para mim, uma...”, diário de Richthofen, 23 de nov. de 1942, Paulus, p. 225

“Sexto Exército, mantenha-se...”, 15.25, 21 de nov. de 1942, Kehrig, p. 163

“A primeira notícia...”, relatório do Cap. Wassermann, 16ª Div. Panz., 2 de agosto de 1943, RH27-,6/43

“Estamos cercados!”, Grams, p. 58

“Um sombrio Totensonntag 1942...”, carta, 3 de dez. de 1942, Bähr e Bähr, p. 189

“Ficamos muito conscientes...”, Freytag-Loringhoven, conversa, 23 de out. de 1995

“Continuaremos a lutar...”, citado em Axworthy, p. 96

“... a ofensiva vai...” (original em alemão), documentos de Ehrenburg , RGALI 1207/2/3477

“como se fosse 1870”, Stolberg, 17 de fev. de 1943, BA-MA, RW4/v. 264, p. 157

“Quando começou a retirada...”, TsAMO 206/294/47, p. 147

“Apenas dois dos...”, Werth, *The Year of Stalingrad*, p. 369

“extraordinariamente rápido”, BA-MA, N395/11

“Os numerosos romenos”, Dohna-Schlobitten, p. 256

“em especial o comportamento...”, Ten. Walter Ohme, Segundo Reg. Panz., relatório, 28 de julho de 1943, BA-MA, RH27-16/43

“Aqui tudo...”, Uffz. Römer, relatório, 23 de maio de 1943, BA-MA, RH27-16/43

“Direto em frente para o Don” (original em alemão), documentos de Ehrenburg , RGALI 1207/2/3477

“Muitos tanques...”, Gefr. Joachim Grunow, Segundo Reg. Panz., relatório, 1º de agosto de 1943, BA-MA, RH27-16/43

“último recurso”, Dohna-Schiobitten, p. 253

“Todo mundo corria para todos...”, Uffz. Romer, relatório, 23 de maio de 1943, BA-MA, RH27-16/43

“todas as peças...”, Dohna-Schlobitten, p. 255

“a mesma ponte...”, Il./ 64º Reg. Gran. Panz., BA-MA, RH27-16/ 43

“muito orgulhoso”, relatório, Oberfeldwebel Wallrawe, BA-MA, RH27-16/43

“Sinto-me muito melhor...”, Dmitri Venkutov, 26 de nov. de 1942, AMPSB 11480

“As batalhas são fortes ...”, AMPSB 602/10343

“lenços de velhas...”, documentos de Grossman, RGALI 1710/1/101

450 colaboradores, VOTsDNI 113/14/306, p. 94, citado em Epifanov, p. 142

“em estado grave...”, 25 de nov. de 1942, TsAMO 48/486/25, p. 304

“em consequência...”, Dohna-Schlobitten, p. 258

16. A obsessão de Hitler

- “Eu os peguei!”, Albert Speer, citado em Sereni, p. 207
- “notícias alarmantes...”, 19 de nov. de 1942, KTB-OKW, vol. II, 1942, p. 988
- “alterações nos...”, Bradley e Schulze-Kossens (orgs.), p. 22
- “cerco temporário”, BA-MA, RH20-6/241
- “É impossível...”, diário de Richthofen, Paulus, p. 224
- “Não temos nada...”, BA-MA, N601/v. 4, p. 3
- “... decisão com razões!”, BA-MA, N601/v. 3, pp. 12-13. Esta conversa foi reconstituída e confirmada pelos dois, Schmidt e Pickert, trabalhando juntos em 7 de janeiro de 1963, depois que haviam consultado todos os documentos existentes para refrescar as lembranças.
- vinho tinto e champanhe, conversa, Behr, e BA-MA, N395/12
- “Todos concordaram...”, Schmidt, BA-MA, N601/v. 4, p. 7
- “Exército cercado”, citado em Kehrig, pp. 559-60
- “O Sexto Exército está...”, BA-MA, RH20-6/238
- “Encontramos...”, Zeitzler, Kehrig, p. 196
- “quaisquer que sejam as circunstâncias”, Kehrig, p. 562
- “sargentos altamente remunerados”, 25 de nov. de 1942, Paulus, p. 227
- “completamente impensável”, Seydlitz, p. 193
- “Já as batalhas...”, 25 de nov. de 1942, BA-MA, N372/12, p. 2
- “Em milhares de...”, Toepke, p. 44
- “Agora que tem seu...”, conversa, 25 de out. de 1995
- “Segundo um decreto do Führer...”, Sexto Exército, 6 de dez. de 1942, BA-MA, RH206/239, p. 135
- panfletos de propaganda, 23 de nov. de 1942, TsAMO 48/486/25, p. 277
- “O Führer ordenou...”, Bradley e Schulze-Kossens, p. 26
- “sobre o agradecido exército ...”, carta, 1º de nov. de 1942, Groscurth, p. 530
- “E esteja avisado...”, Stahlberg, p. 212
- “Quando entrávamos...”, Stahlberg, p. 217

“as tropas na área...”, BA-MA, RW4/v. 264
“Todo o Sexto Exército...”, Henry Holze, em Kruse, p. 14
“Ontem e hoje...”, 26 de nov. de 1942, BA-MA, RW4/v. 264
“a difícilíssima questão...”, Strecker, citado em Haller, p. 96
“uma ação...”, BA-MA, N601/v. 4, p. 13
“Sei que a história...”, Paulus, p. 83
“Os marechais de campo prussianos...”, Rudolph-Christoph Freiherr von Gersdorff, *Soldat im Untergang: Lebensbilder*, p. 134
“sair marchando pela neve”, Behr, conversa, 25 de out. de 1995
“Aguentem...”, Paulus, ordem, 27 de nov. de 1942, BA-MA, RH20-6/238
negação de Schmidt, BA-MA N601/v. 10, p. 12
“Jamais iremos sair...”, Klaus, p. 35

17. “A fortaleza sem telhado”

“Uma retirada sistemática...”, Wallrawe, BA-MA, RH27-16/43
“artilharia e infantaria...”, TsAMO 48/486/13, p. 472
“Os bolchevistas...”, relatório de Stolberg, BA-MA, RW4/v. 264, p. 159
“Diz-se...”, TsAMO 206/294/47, p. 108
“simplesmente...”, Oblt. v.d. Sode, 16ª Div. Panz. , relatório, 12 de agosto de 1943, BA-MA, RH27-16/43
“Desde 22 de...”, Soldado K. P., 376ª Div. de Inf., 14 de dez. de 1942, BZG-S
“Rações reduzidas...”, BA-MA, RH20-6/237
“Era derrotismo...”, conversa anônima
“Mas, sem dúvida, não tem...”, conversa anônima
quarenta e dois ataques, Romer, relatório, 23 de maio de 1943, BA-MA, RH27-16/43
“O oficial comandante tocava...”, Kurt Reuber, carta, 18 de dez. de 1942, Bähr e Bähr, p. 192

“Desgraçadamente gelada...” (original em alemão), documentos de Ehrenburg, RGALI, 1207/2/3477

“Nós nos acocoramos...”, Reuber, carta, 3 de dez. de 1942, citado em Bähr e Bähr, p. 190

“A infestação de piolhos...”, relatório, OGefr. Heinrich, Segundo Reg. Panz., 28 de julho de 1943, BA-MA, RH27-16/43

“Sob a lanterna...” (original em alemão), TsAMO 206/294/48, p. 452

“Devido às más comunicações...”, TsAMO 48/486/13, p. 472

“A incompetência dos oficiais e comissários...”, TsAMO 48/486/13, p. 472

“Esses russos ficaram espantadíssimos...”, Einsiedel, *Tagebuch der Versuchung*, p. 110

“uma tremenda educação de nossas tropas para a vitória”, Jukov, p. 151

“O moral dos soldados...”, documentos de Grossman, RGALI 1710/1/101

“Éramos como ciganos...”, Glichov, conversa, 6 de nov. de 1995

“uma caneca branca com uma...”, Glichov, conversa, 14 de nov. de 1995

“Quando matei...”, Lazarev, conversa, 13 de nov. de 1995

“O soldado sentia...”, Lazarev, conversa, 13 de nov. de 1995

“muito difícil”, Lazarev, conversa, 13 de nov. de 1995

“Escute, Herr general...”, Strecker, citado em Haller, p. 97

“As coisas parecem...”, Groscurth, 3 de dez. de 1942, p. 530

18. “Der Manstein Kommt!”

“Não posso continuar...”, 11 de dez. de 1942, BA-MA, RW4/v. 264, p. 212

piloto capturado, Obergefreiter Paul German (*sic*), TsAMO 48/453/13, p. 261

“As forças alemãs encurraladas...”, Jukov , 29 de nov. de 1942, p. 178

“pedra angular”, citado por Paulus, p. 235

“Descreveu-a...”, legado de Raus, ÖStA-KA B/186: III

“Intenção: Quarto...”, BA-MA, RH19 VI, p. 60

“Ordem para...”, general Raus, ÖStA-KA B/186: III

“Assim que uma unidade...”, Gilbert (org.), p. 17

“um gigantesco...”, Raus, ÖStA-KA B/186: III

“Em volta de toda a pista de pouso...”, Rohden, p. 46

“De cima a baixo, até...”, general Raus, ÖStA-KA B/186: III

“Ontem e hoje...”, Kolya Batyuk, 8 de dez. de 1942, AMPSB 488/7955(S)

“um número em constante...”, Wolfgang Eckart, “Von der Agonie einer missbrauchten Armee”, em Wette e Ueberschär (orgs.), p. 109

“sem ter recebido ferimento...”, Professor Dr. Hans Girgensohn, “Der Hungertod in Stalingrad: Die Geschichte seiner Entdeckung”, publicação particular, 1992

“As causas suspeitas...”, Girgensohn, *ibid.*

“uma experiência em grande escala...”, 6 de jan. de 1943, BA-MA, RH20-6/796

“luxuosa”, Prof. Dr. Hans Girgensohn, conversa, 22 de abril de 1996

“doença por estresse”, Girgensohn, conversa, 22 de abril de 1996

ratos privados de sono, Dra. Susan Greenfield na Palestra de Natal da Real Instituição, 28 de dez. de 1994

“Não há quase nada...”, Ten. W. M., 22 de dez. de 1942, BZG-S

“Aos poucos, nossos bravos...”, 30 de dez. de 1942, BA-MA, RW4/v. 264

“Na margem do Volga...”, Sepp Wirrer, “Das Wolgalied”, *Kameradschaft Stalingrad*, ago./set. de 1983

Os comunistas alemães, Korfes, mensagem s/d MGFA-P; e mensagem de Diatlenko “som crepitante da voz da

propaganda”, mensagem de Hans Schmieder
“os de mais influência...”, 6 de dez. de 1942, TsAMO
206/294/47, p. 102
“Os soldados leem avidamente...”, 16 de set. de 1942,
TsAMO 48/453/13, p. 36
“Se os soldados e oficiais alemães...”, TsAMO 48/486/13, p.
488
“Pode-se servir a dois senhores?”, Strecker, citado em
Haller, p. 97
“as chances de uma ruptura...”, Freytag-Loringhoven,
conversa, 23 de out. de 1995
“Nós, sobreviventes...”, BA-MA, RW4/v. 264
“uma ruptura...”, Beck, ÖStA-AdR 522
“Cada passo era exaustivo”, Behr, conversa, 25 de out. de
1995

19. Natal à moda alemã

“exatamente como lá em casa”, Kurt Reuber, carta, 25 de
dez. de 1942, citado em Bähr e Bähr, p. 195
“à moda alemã...”, 24 de dez. de 1942, BA-MA, N395/12
“*O du fröhliche*”, Kurt Reuber, carta, 25 de dez. de 1942,
Bähr e Bähr, p. 195
“com vozes embargadas”, Walter Kuber, “Von Weihnachten
1942 bis zu meiner Gefangennahme am 31.1.1943”, em
Beck, p. 193
“Esta é uma...”, Strecker, citado em Haller, p. 102
“o comandante de divisão...”, Heinrich Simonmeier, Uffz.,
comunicado, 29 de julho de 1943, BA-MA, RH27-I6/43
“Nenhum voo de suprimento...”, BA-MA, RH20-6/236
“Se não recebermos...”, BA-MA, RH20-6/240
“Em nossos corações...”, Oberstabsarzt Dr. Carl Otto
Marckstadt, citado em Schneider-Janessen, p. 146
“O Natal, claro...”, carta, 28 de dez. de 1942, citado em
Paulus, p. 89

“Querida!...”, Dmitri Venkutov à esposa, 24 de dez. de 1942, AMPSB 11480

“Como vai, Maria?”, 24 de dez. de 1942, AMPSB 739/13529

“Após refletir...”, Toepke, p. 83

“Desse modo...”, Cap. d.R. Jygan, 8 de jan. de 1943, BA-MA, RW4/ v. 264, p. 205

“Perdas terríveis...”, BA-MA, RH20-6/237

“todos os documentos...”, Adam, *Der schwere Entschluss*, p. 264

“que Hitler...”, Dohna-Schlobitten, conversa, 16 de out. de 1995

“372 tanques...”, BA-MA, RH19 VI/7, p. 59, e RH19 VI/8, p. 38

“O inimigo atacava...”, Uffz. Hans Urban, BA-MA, RW4/v. 264, pp. 88-91

“Nossa vontade de vitória...”, 31 de dez. de 1942, BA-MA, RH20-6/240, p. 119

“uma poderosa exibição...”, Daniels à esposa, 1º de jan. de 1943, BA-MA, N395/12

“Comemorar o Ano-Novo...”, carta, 9 de jan. de 1943, Shindel, p. 45

“Queridos Pais, está tudo bem comigo...”, AMP SB N45079A

“Em nome de...”, BA-MA, RH20-6/236

“*Mein Führer!*”, 1º de jan. de 1943, BA-MA, RH20-6/236

“Não deixamos...”; “Temos mantido...”; “O Führer sabe...”, BA-MA, RW4/v. 264

“Renasce uma nova esperança...”, Strecker, Haller, p. 102

“acompanhar as transmissões...”, BA-MA, RH20-6/240, pp. 77, 86

“com companhias da Luftwaffe...”, Wallrawe, RH27-16/43

“Não gosto do clima...”, V. Barsov, carta Shindel, de 9 de jan. de 1943, p. 45

“Os russos começaram...”, Max Plakolb, ÖStA-KA B/1540

“Exército morto de fome e congelado...”, BA-MA, RH20-6/244D

“Do posto de comando...”, *Opolchentsy v boyakh za Rodinu...*, p. 15
“A quem faremos responsável...”, Jukov, *Kakim my ego pomnim*, p. 245
“Você vai ficar aí sentado...”, marechal N. N. Voronov, “Operation ‘Ring’”, *Voенno-istoricheskii zhurnal*, 5 & 6, 1962
“Por que os russos não...”, Martin Fiebig, 1º de jan. de 1943, citado em Kempowski (org.), *Das Echolot...*, vol. I, p. 24
“alemães antifascistas...”, mensagem de Diatlenko
“Todo mundo ficou sabendo...”, TsAMO 226/335/7, p. 233
“por todas as calças...”, mensagem de Diatlenko

20. A ponte aérea

“A nuvem brumosa...”, Dibold, p. 9
“entulhadíssimo...”, Wieder, p. 45
“As tripulações...”, Morzik, p. 188
“Que idiota...”, Toepke, p. 69
“Minha confiança em...”, 12 de dez. de 1942, Paulus, p. 259, 19 de dez. de 1942, p. 260
“em honra dos heróis...”, citado em Sereni, p. 364
“Espero que rompam...”, AMPSB, N677
“tê-lo mais uma vez...”, BA-MA, N395/,3
“que como todo mundo mais...”, Speer, citado em Sereni, pp. 364-5
“era tão...”, Uffz. Hans Urban, 389ª Div. de Inf., BA-MA, RW4/v. 264, p. 89
“comido dois dos seus...”, BA-MA, RW4/v. 264, p. 93
“Recebi um quarto de litro...”, AMPSB, não catalogado
“Só nos resta contar...”, 26 de dez. de 1942, AMPSB N677
“A única coisa que me restou...”, 27 de dez. de 1942, AMPSB N45079A
“um ferimento leve...”, Kuber, em Beck, p. 195
“Peço permissão...”, Strecker, citado em Haller, p. 104

“heróis do volante”, Beck, p. 158

“Um dia...”, Plakolb, ÖStA-KA B/1540

“De meia em meia hora...”, Gefr. Joachim Grunow, Segundo Reg. Panzer, relatório, 1º de agosto de 1943, BA-MA, RH27-16/43

“Só aqueles com...”, Freytag-Loringhoven, conversa, 23 de out. de 1995

“barulho ensurdecedor”, mensagem de Hans Schmieder

“não conseguiam ganhar...”, Siegfried Mühler, 44ª Div. de Inf., ÖStA-KA B/1582

“Eu era um soldado...”, mensagem de Gottfried von Bismarck

“Fiquei profundamente...”, Dohna-Schlobitten, p. 263

“aconselhar...”, Freytag-Loringhoven, conversa, 23 de out. de 1995

“Dê a Hitler exatamente...”, Behr, conversa, 25 de out. de 1995

“de maneira codificada”, carta de Winrich Behr ao autor, 26 de fev. de 1996

“discussões sobre a...”, Manstein, 25 de jan. de 1943, BA-MA, RH19 VI/12

“Despedir-se...”, Max Plakolb, ÖStA-KA B/1540

“Mal resta alguma esperança terrena...”, Reuber, 7 de jan. de 1943, Bähr e Bähr, p. 205

“escrever duas...”, BA-MA, RW4/v. 264, p. 95

“O estado de espírito...”, 13 de jan. de 1943, BA-MA, RW4/v. 264, p. 121

“Talvez esta seja...”, 13 de jan. de 1943, BA-MA, RW4/v. 264, p. 119

“Você é sempre...”, 13 de jan. de 1943, BA-MA, RW4/v. 264, p. 100

“O destino decidiu...”, Gefreiter, BA-MA, RW4/v. 264, p. 96

“batalha fatídica...”, 13 de jan. de 1943, BA-MA, RW4/v. 264, p. 118

“Esta é uma luta heroica...”, 3 de jan. de 1943, BA-MA, RW4/v. 264, p. 99

“Soubemos que em...”, Voronov, p. 18
376ª Divisão de Infantaria, mensagem de Diatlenko, e
Voronov, p. 44
“O Inimigo nº1...” e “Meus queridos pais...”, BA-MA, RW4/ v.
264
canibalismo, Oberstleutnant a.D. Pfeifer, conversa, 20 de
out. de 1995, e anônimo “Numa vala...”, Weinart, p. 122
“deixou-o completamente...”, Girgensohn, conversa, 22 de
abril de 1996

21. “Rendição fora de questão”

“a melodia habitual...”, Ten. W. M., 15 de dez. de 1942, BZG-
S
“Só um pouquinho...”, 10 de jan. de 1943, BA-MA, RW4/v.
264, p. 212
“falava-se de morte...”, BA-MA, RW4/v. 264
soldados rasos, Freytag-Loringhoven, conversa, 23 de out.
de 1995
“que a força de ajuda...”, BA-MA, RW4/v. 264, p. 63
“A ajuda está próxima.”, interrogatório, 16 de jan. de 1943,
TsAMO 226/335/7, p. 202
“Especialmente valentes...”, BA-MA, RW4/v. 264
“que se conduziam...”, BA-MA, RW4/v, 264. p. 6,
“um incessante estrondo...”, Voronov, p. 27
“Só há duas maneiras...”, Eugene Doimatowsky, 27 de jan.
de 1943, “O Círculo se fecha”, em USSR, *Stalingrad*, p.
142
“domingo muito turbulento”, carta/diário à esposa, 10 de
jan. de 1943, BA-MA, N395/12
“As reservas de munição inimiga...”, Zank, p. 60
“Ninguém saiu”, Siegfried Muhler, ÖStA-KA B/1582
“Durante uma hora...”, relatório de Stolberg, 17 de fev. de
1943, BA-MA, RW4/V.264, p. 160

“Alguns estavam...”, *Stalingradbund Österreich*, agosto de 1989

“Desse dia em diante...”, Wallrawe, relatório, BA-MA, RH27-16/43

“Se o inimigo não...”, TsAMO 206/294/18, p. 432

“Aqueles porcos dos romenos...”, BA-MA, RW4/v, 264, p. 61

“Karpovka parece um...”, Weinart, p. 34

“em vez de cavar trincheiras...”, Strecker, citado em Haller, p. 104

“resistiram bravamente...”, Grams, p. 61

“Munições chegando ao fim...”, 13 de jan. de 1943, BA-MA, RW4/v. 264

“só pôde abrir fogo...”, Wallrawe, BA-MA, RH27-16/43

“abandonados ao seu destino”, Wallrawe, BA-MA, RH27-16/43

“Ali estava a maior desgraça...”, Alois Dorner, “Meine Rettung aus dem Kessel von Stalingrad”, *Kameradschaft Stalingrad*, agosto/set. de 1989

“Destruída a 376ª Divisão...”, 14 de jan. de 1943, BA-MA, RW4/v. 264

“pretexto de Hitler...”, Freytag-Loringhoven, conversa, 23 de out. de 1995

“desaparecidos e presumivelmente mortos”, Speer, citado em Sereni, p. 366

“Uma olhada na...”, Morzik, p. 191

“Não tinha o menor sentido fugir”, TsAMO 206/294/47, p. 109

“condições insuportáveis...”, interrogatório, 2 de fev. de 1943, TsAMO 226/335/7, p. 233

“Tráfego intenso num único sentido...”, BA-MA, RL30/4

“Faz um frio muito intenso”, documentos de Grossman, RGALI 1710/1/100

“Vários comandantes...”, Dr. Günther Diez, Schneider-Janessen, p. 145

“Diante de tanto sofrimento...”, mens. de Schmieder

“Os casos de choque pós-operatório...”, Dr. Günther Diez, Schneider-Janessen, p. 144

O “hospital” de Gumrak, Freytag-Loringhoven, conversa, 23 de out. de 1995

“Era um inferno”, relatório de Stolberg, 17 de fev. de 1943, BA-MA, RW4/ V. 264, p. 160

“Rei dos mortos de Gumrak”, Seydlitz, p. 254

“Estou orgulhoso...”, Hans Schmieder, “E in Überlebender aus dem Kessel von Stalingrado berichtet”, *Deutsches Soldatenjahrbuch*, 1987

“um ataque de 28 tanques...”, BA-MA, RW4/v. 264

“Penso em você...”, carta de um soldado alemão desconhecido, AMPSB, citado no Projeto do departamento de história da Universidade de Volgogrado

“Por que não...”, BA-MA, RL30/5

“completamente apáticos”, BA-MA, RL30/6

“o Exército não está mais...”, BA-MA, RH20-6/796

“alimentava o cão com...”, Dr. Günther Diez, Schneider-Janessen, p. 143

“ao sinal da palavra-código ‘Leão’...”, BA-MA, RW4/v. 264

“examinar meios de...”, Freytag-Loringhoven, conversa, 23 de out. de 1995

“oficiais de confiança e enérgicos...”, BA-MA, RH,9 VI/11, p. 50

“retirado por ar do...”, BA-MA, RW4/v. 264, p. 86

“O Führer decretou...”, Bradley e Schulze-Kossens, p. 42

“parecia completamente curvado...”, Freytag-Loringhoven, conversa, 23 de out. de 1995

“É possível...”, BA-MA, RL30/6

“Aqueles na Fortaleza...”, 12.48, 18 de jan. de 1943, BA-MA, RL30/6

“O Kessel de Stalingrado...”, citado em Boelcke, p. 369

“só um golpe imediato”, Waldersee, citado em Groscurth, p. 95

“que logo não terá mais...”, Groscurth, p. 553

“Não resta uma única...”, BA-MA, RL30/6, p. 73

“Campo de aviação de Gumrak...”, BA-MA, RL30/6, p. 80
“Qualquer ajuda que...”, Maj. Maes, 22 de jan. de 1943, BA-MA, RL30/6, p. 83
“como numa caça à lebre”, e (p. 371) “Deixem-me!”, conversa anônima
“aleijados abandonados”, Weinart, p. 33
“água da neve...”, Böhme, p. 237
“Até onde a vista alcança...”, mens. de Schmieder
“*Herr major, sie kommen!*” Gebele, em Beck, p. 183
“Fazia um frio de rachar...”, Kuber, em Beck, p. 194
“Rendição fora de...”, 22 de jan. de 1943, BA-MA, RH 9 VI/12, p. 324

22. “Um marechal de campo alemão não se suicida com uma tesourinha de unha!”

“Com os corações oprimidos...”, Kuber, em Beck, p. 196
páraquedas vermelhos, Winrich Behr, conversa, 25 de out. de 1995
“Soldados alemães aqui”, BA-MA, RH19 VI/12, p. 451
“Homens feridos e exaustos...”, BA-MA, RW4/v. 264
“Os gemidos, gritos de socorro...”, Dr. Hubert Haidinger, em *Bund ehemaliger Stalingradkämpfer, Weihnachts Rundbrief*, 1992, p. 9
“Abandonai toda esperança...”, Dr. Hermann Achleitner, “Als Arzt in Stalingrad”, em Beck, p. 199
“Duas mulheres de Stalingrado...”, Gebele, em Beck, p. 186
“Onde estão seus regimentos?” ,Theodor Plievier, BA-MA, RW4/v. 264, p. 227
“Os olhos dos endurecidos...”, Chuikov, p. 279
“mais interessantes”, mens. de Diatlenko
“bebê-Kessel”, mens. de Diatlenko; ver também “Das ‘Kesselkind’ des generals” em *Freiheit*, 7 de abril de 1965, e BA-MA, N395/12
“os olhos e a mão...”, mens. de Diatlenko

“Ao Führer!...” BA-MA, RL30/5

“Paulus acha-se num...”, 20 de jan. de 1943, Groscurth, p. 533

“o discurso do nosso próprio funeral”, Wieder, *Stalingrad und die Verantwortung des Soldaten*, p. 100

“macabro”, mens. de Gottfried von Bismarck

“Aumentem!” Dr. Hubert Haidinger, op. cit., p. 7

“suicídio dos judeus”, conversa anônima

“Que a heroica luta...”, citado em Domarus, vol. II, p. 1979

“Não tenho a menor intenção...”, citado em Beck, p. 207

“Parece um convite...”, mens. de Diatlenko

“Que está acontecendo aqui?”, Dibold, pp. 24-5

“ordem apocalíptica”, Seydlitz, p. 250

“lutaremos até a penúltima bala...”, conversa anônima

“A bandeira da suástica...”, 30 jan. de 1943 às 19:50h BA-MA, RL30/5

“ouviam o hino...”, BA-MA, RL30/5

“Durante aquela noite...”, mens. de Schmieder

“Russos na entrada...”, Sonderstab Much, BA-MA, RL30/6, p. 83

“Em Stalingrado, a situação...”, BA-MA, RW4/v. 264

“como as orelhas...”, Grossman, *Life and Fate*, p. 801

“*Kameraden, Krieg kaputt!*” Fritz Ecker, “Ein weiter Weg”, *Stalingradbund Österreich*, jan. de 1991

“Todos com condições...”, Dr. Hubert Haidinger, op. cit., p. 8

“cães fascistas”, Klavdia Sveridovna Ribaltshenko (*sic*), interrogatório por Gruppe Geheime Feldpolizei 626, 21 de julho de 1943, BZG-S

“Os soldados soviéticos...”, Beck, p. 189

“Que faremos com...”, conversa anônima

“É assim que Berlim...”, Beck, p. 197

“ótimo domínio do russo”, mens. De C. M. Bogomolov

“Um marechal de campo alemão...”, Lev Beziminski, conversa, 10 de nov. de 1995

“não há a menor dúvida...”, Winrich Behr, carta ao autor, 26 de fev. de 1996

“em círculos”, Beziminski, conversa, 10 de nov. de 1995
“Devo informá-lo...”, mens. de Diatlenko
“Eles se renderam...”, 1º de fev. de 1943, citado em Gilbert (org.), pp. 17-22; e Warlimont, pp. 319-23
“As tropas estão combatendo...”, e “Espero que...”, BA-MA, RL30/5
“O 11º Corpo do Exército...”, diário de guerra de Sonderstab Milch, BA-MA, RL30/6, p. 151
“Quando chegar a hora...”, Strecker, Haller, p. 105
“O 11º Corpo do Exército...”, BA-MA, RL30/5
“Viva a Alemanha!”, Haller, p. 107
“ninguém podia dizer...”, Werth, *The Year of Stalingrad*, p. 463
1 milhão e 100 mil baixas, das quais 485.751 citadas por Erickson, em Erickson e Dilks, p. 264
“Pensei na antiga estrada...”, documentos de Grossman, RGALI, 1710/1/101

23. “Parem de dançar! Stalingrado caiu”

“Não há mais nenhum...”, BA-MA, RL30/6
“o cabo ignorante com...”, mens. de Diatlenko
“Temos nossos próprios regulamentos”, Beziminski, conversa, 10 de nov. de 1995
“Pareciam saudáveis...”, Werth, *The Year of Stalingrad*, p. 446
“Era um pouco como...”, Werth, *The Year of Stalingrad*, p. 444
“Quando abri a...”, mens. de Bogomolov
“nossas tropas...”, Boelcke, p. 408
“que comova corações...”, Boelcke, p. 430
“Dos quartéis-generais do Führer...”, Domarus, vol. II, p. 1985
“As cartas de despedidas...”, 18 de fev. de 1943, Heinz Boberach (org.), *Meldungen aus dem Reich 1938-1945*,

xii, p. 4822, citado em Wette e Ueberschar, p. 63
“No futuro ...”, Boelcke, p. 411
“Parem de dançar!”, Leopold Graf von Bismarck, conversa, 4 de maio de 1996
“Se eles se desforrarem...”, Bielenberg, p. 135
“Terminaremos esta guerra este ano...”, citado em Rohden, p. 127
“Não se pode deter um exército...”, “Eu gostaria de saber...”, Wettlin, pp. 86, 88
“Depois de Stalingrado...”, Smirnov, conversa, 22 de nov. de 1995
“precisava acreditar”, Ehrenburg, pp. 10-11
“Estão começando mais uma vez...”, Ulko, conversa, 21 de nov. de 1995

24. A cidade dos mortos

“trilhos ferroviários onde...”, documentos de Grossman, RGALI, 1710/1/101
“Quase todos os membros...”, Beck, p. 191
“dezenas todo dia”, Ten. Medvedev ao major Demchenko, 9 de março de 1943, citado em Epifanov, p. 241
“libertados da ocupação fascista...”, RTsKhIDNI 17/8/226
“A maioria das crianças...”, Wettlin, p. 119
“As autoridades soviéticas...”, RTsKhIDNI 17/8/226
“caminhos especiais seguros”, Goncharov, conversa, 23 de nov. de 1995
“Mãe, estamos todos bem”, citado em Agapov, p. 11
“fantasmas em trapos...”, Weinart, p. 37
“Os russos tinham métodos muito simples...”, conversa anônima
“Partimos com 1,2 mil homens”, Josef Farber, conversa, 16 de abril de 1996
“como arenques...”, Bohme, p. 237

“extremamente crítica”, TsAMO 62/355/1, p. 226, citado em Epifanov, p. 235

“Nada para comer...”, Dr. Hubert Haidinger, *Bund ehemaliger Stalingradkämpfer, Weihnachts Rundbrief*, 1992, p. 9

“Aí, ocorreu outro choque...”, mens. de Schmieder

“Todas as manhãs os mortos...”, Willi Lotz, “Die Gefangenlager der Stalingrader: Erinnerungen an Beketowka”, em *Kameradschaft Stalingrad*, agosto-set. de 1981

“montanha de corpos”, Dr. Hubert Haidinger, em *Bund ehemaliger Stalingradkämpfer, Weihnachts Rundbrief*, 1992, p. 10

“Não nos restaram mais lágrimas”, mens. de Schmieder

“registro de mortes”, Böhme, p. 237

55.228 prisioneiros, TsKhIDK, 1e/1/9, p. 34, relatório do Cap. Kruglov, citado em Epifanov, p. 47

“A fome...”, Dibold, discurso para o Bund ehemaliger Stalingradkämpfer, 18 de set. de 1976, Limburg “carne de camelo”, conversa anônima

“só à mira de pistola...”, A. Chuyanov, *Na Stremnina Veka*, Moscou, 1976, p. 264, citado em Epifanov, p. 33

“E quem é você...”, conversa anônima

“É dever de um general...”, conversa anônima

“só podia ser comparado à tosquia de ovelhas”, mens. de Schmieder

25. A Espada de Stalingrado

“Colamo-nos nas janelas...”, Berejkov, *History in the Making*, p. 242

“Eu proponho um brinde...”, Berejkov, op. cit., pp. 289-91

“Doutor, é o milagre...”, Dibold, p. 170

“enfiando um caco de vidro longo...”, conversa anônima

“o homem era só mais um material...”, conversa anônima

“De acordo com Seydlitz...”, 17 de set. de 1943, TsKhIDK, 451p/2/6
“o desprezível traidor...”, citado por Seydlitz, p. 341
“a ausência de sucessos significativos”, Melnikov, TsKhIDK, 451p/3/7
“reconhecesse oficialmente”, APRF 3/58/498
“compilado de forma tortuosa”, APRF 3/58/497
“membros de uma organização...”, 25 de maio de 1944, Manuilsky a Scherbakov, RTsKhIDNI 495/77/37, pp. 32-4
“sob instruções do camarada Scherbakov...”, GARF r-9401/2/66
“que pudesse explicar os princípios...”, 20 de fev. de 1945, Krivemko a Beria, GARF r-9401/2/92/322-4
“Deve-se mencionar...”, 20 de fev. de 1945, Krivemko a Beria, GARF r-9401/2/92/322-4
“depressão espiritual...”, Strecker, citado em Haller, p. 214
perdas, G. F. Krivosheyev (org.), *Grif sekretnosti sniat': Poterivooruzhennykh sil SSSR v voinakh, boevykh deistviakh i voennykh konfliktakh*, Moscou, Voenizdat, 1993, citado em Erickson, “Red Army battlefield performance”, pp. 235-6
“independente de seu estado físico...”, citado em Epifanov, p. 163
“general reacionário revanchista”, RTsKhIDNI 495/77/37
“foi válido não apenas...”, Dibold, p. 186
“motivo suficiente...”, mens. de Gottfried von Bismarck
“um homem muito infeliz”, Behr, conversa, 25 de nov. de 1995
“pensionista da zona soviética ocupada”, BA-MA, N601/v. 9, p. 8

APÊNDICE B

195 mil, Rüdiger Overmans, “Das andere Gesicht des Krieges: Leben und Sterben der 6. Armee”, em Förster

(org.), p. 442

268,9 mil, Peter Hild, "Partnergruppe zur Aufklärung von Vermisstenschicksalen deutscher und russischer Soldaten des 2. Weltkrieges", em Epifanov, p. 29

"do Sexto Exército no *Kessel*", BA-MA, RI-120-6/239, p. 226

"só dentro do *Kessel*", BA-MA, RH20-6/237, p. 129

111.465, TsKhIDK, Is/4/3, p. 16 , citado em Epifanov, p. 25

Perdas do Sexto Exército: 15 mil até 6 de dezembro, depois 36.859 entre 6 de dezembro e 7 de janeiro, A-MA, N601/v. 5

Bibliografia selecionada

Achleitner, Dr. Hermann, "Als Arzt in Stalingrad", em Beck (org.)

Adam, Wilhelm, *Stalingrad Mahnt*, Berlim, 1951

_____, *Der schwere Entschluss*, Berlim, 1965

Addison, Paul, Calder, Angus (orgs.), *Time to Kill, The Soldier's Experience of War 1939-1945*, Londres, 1997

Agapov, Boris, *After the Battle*, Moscou, 1943

Andrew, Christopher e Gordievsky, Oleg, *KGB, The Inside Story*, Londres, 1990

Andreyev, Catherine, *Vlasov and the Russian Liberation Movement*, Cambridge (RU), 1987

Axworthy, Mark, *Third Axis, Fourth Army*, Londres, 1995

Bähr, W. e Bähr, H. W. (orgs.), *Kriegsbriefe gefallener Studenten 1939-1945*, Tübingen, 1952

Bartov, Omer, *The Eastern Front, 1941-1945, German Troops and the Barbarisation of Warfare*, Londres, 1985

_____, *Hitler's Army: Soldiers, Nazis and War in the Third Reich*, Oxford, 1991

Beck, Alois (org.), *Bis Stalingrad*, Ulm, 1983

Below, Nicolaus von, *Als Hitlers Adjutant 1937-1945*, Mainz, 1980

Berejkov, Valentin M., *In diplomatischer Mission bei Hitler in Berlin 1940-1941*, Frankfurt am Main, 1967

_____, *History in the Making*, Moscou, 1982

_____, *Ich war Stalins Dolmetscher: Hinter den Kulissen der politischen Weltbühne*, Munique, 1991

Beyer, W. R., *Stalingrad. Unten, wo das Leben konkret war*, Frankfurt am Main, 1987

Bialer, Seweryn, *Stalin and His Generals: Soviet Military Commanders' Memoirs of World War II*, Boulder, Colo., 1984

Blank, Alexander, *Die deutschen Kriegsgefangenen in der UdSSR*, Colônia, 1979

Boddenberg, W., *Die Kriegsgefangenpost Deutscher Soldaten in Sowjetischem Gewahrsam und die Post von ihren Angehörigen während des II. Weltkrieges*, Berlin, 1985, MS. MGFA-P

Boelcke, W. A. (org.), *„Wollt Ihr den Totalen Krieg?“ Die Geheime Goebbels-Konferenzen*, Stuttgart, 1967

Böhme, K. W., *Die deutschen Kriegsgefangenen in sowjetischer Hand*, Munique, 1966

Bradley, Dermot e Schuize-Kossens, Richard (orgs.), *Tätigkeitsbericht der Chefs des Heerespersonalamtes General der Infanterie Rudolf Schmudt*, Osnabrück, 1984

Bullock, Alan, *Hitler and Stalin, Parallel Lives*, Londres, 1991

Carell, Paul (P. K. Schmidt), *Hitler's War on Russia*, Londres, 1964

Cassidy, H. C., *Moscow Dateline*, Boston, Mass., 1943

Chaney, Otto Preston, *Zhukov*, Oklahoma City, Okla., 1972

Chuikov, Vasili Ivanovich, *The Beginning of the Road: The Battle for Stalingrad*, Londres, 1963

Clark, Alan, *Barbarossa: The Russian-German Conflict 1941-1945*, Londres, 1996

Craig, William, *Enemy at the Gates: The Battle for Stalingrad*, Nova York, 1973

Dallin, Alexander, *German Rule in Russia 1941-1945*, Londres, 1981

Deist, Wilhelm (org.), *The German Military in the Age of Total War*, Leamington Spa, War. (RU), 1985

Dettmer, Friedrich, *Die 44. InfanterieDivision*, Friedberg, 1979

Dibold, Hans, *Arzt in Stalingrad. Passion einer Gefangenschaft*, Salzburg, 1949

Dieckhoff, Gerhard e Holzmann, M., 3. *InfanterieDivision*, Friedberg, 1978

Doerr, Hans, *Der Feldzug nach Stalingrad*, Darmstadt, 1955

Dohna-Schlobitten, Alexander Fürst zu, *Erinnerungen eines alten Ostpreussen*, Berlim, 1989

Domarus, M., *Hitler, Reden und Proklamationen, 1932-1945*, Würzburg, 1962

Drujinin, B. V., *Two Hundred Days of Fire*, Moscou, 1970

Dunn, Walter S., *Hitler's Nemesis: The Red Army*, Westport, Conn., 1994

Ebert, Jens, *Zwischen Mythos und Wirklichkeit. Die Schlacht um Stalingrad in deutsch-sprachigen authentischen und literarischen Texten*, Berlim, vols. I & II, 1989 MS. MGFA-P

_____, *Stalingrad - eine Deutsche Legende*, Reinbek bei Hamburg, 1992

Ehrenburg, Ilya, *Men, Years - Life: The War 1941-1945*, Londres, 1964

Einsiedel, Heinrich Graf von, *Tagebuch der Versuchung*, Berlim, 1950

_____, *The Shadow of Stalingrad*, Londres, 1953

_____, *Der Überfall*, Hamburgo, 1984

Epifanov, A. E., *Die Tragödie der deutschen Kreigsgefangenen in Stalingrad*, Osnabrück, 1996

Erickson, John, *The Road to Stalingrad*, Londres, 1975
(*Stalin's War with Germany*, vol. 1) _____, *The Road to Berlin*, Londres, 1983 (*Stalin's War with Germany*, vol. 2)
_____, "The development of Soviet military doctrine",
The Origins of Contemporary Doctrine Conference,
Larkhill, 28 de março de 1996
_____, "Red Army battlefield performance, 1941-1945:
The system and the soldier", em Addison e Calder
(orgs.) Erickson, John e Dilks, David (orgs.), *Barbarossa,
the Axis and the Allies*, Edimburgo, 1994

Fest, Joachim, *Hitler*, vol. II, Frankfurt am Main, Ullstein,
1976

_____, *Staatsstreich: Der lange Weg zum 20. Juli*,
Berlim, 1994

Förster, Jürgen, *Stalingrad, Risse im Bündnis 1942/43*,
Freiburg, 1975

_____, "Das Unternehmen 'Barbarossa' als
Eroberungs-und Vernichtungskrieg", em *Das deutsche
Reich und der Zweite Weltkrieg*, vol. IV, Stuttgart, 1983

_____, "Evolution and development of German
doctrine, 1914-1945", *The Origins of Contemporary
Doctrine Conference*, Larkhill, 28 de março de 1996

_____, (org.), *Stalingrad: Ereignis, Wirkung, Symbol*,
Munique, 1992

Garrard, C. e Garrard, J. (orgs.), *World War II and the
Soviet People*, Nova York, 1993

Gilbert, Felix (org.), *Hitler Directs His War: The Secret
Records of His Daily Military Conferences*, Nova York,
1951

Giulini, Udo, *Stalingrad und mein zweites Leben*,
Neustadt/Weinstrasse, 1978

Glantz, David, *Soviet Military Deception in the Second World War*, Londres, 1989

_____, *The Role of Intelligence in Soviet Military Strategy in World War II*, Novato, Calif., 1990

Glantz, David, e House, J. M., *When Titans Clashed*, Kansas City, 1995

Goellecke, Pontianus van, *Der Weg ins Leere*, Wolfenbüttel, 1974

Goldhagen, Daniel, *Hitler's Willing Executioners: Ordinary Germans and the Holocaust*, Londres, 1997

Golovchanski, A., *"Ich will raus aus diesem Wahnsinn." Deutsche Briefe von der Ostfront*, Wuppertal, 1991

Götte, Franz e Peiler, H., *Die 29. InfanterieDivision*, Friedberg, 1984

Grams, Rolf, *Die 14. Panzer-Division, 1940-1945*, Bad Nauheim, 1957

Groscurth, Helmuth, *Tagebücher eines Abwehroffiziers*, Stuttgart, 1970

Guderian, Gen. Heinz, *Panzer Leader*, Londres, 1952

Halder, Gen. Franz, *Kriegstagebuch*, vol. III, Stuttgart, 1964

Haller, U. (org.), *Lieutenant General Karl Strecker*, Westport, Conn., 1994

Harrison, Mark, *Soviet Planning in Peace and War, 1938-1945*, Cambridge (RU), 1985

Hassell, Ulrich von, *The von Hassell Diaries*, Londres, 1948

Hauck, Friedrich, *Eine deutsche Division in Russland: 305. Infanteriedivision*, Friedberg, 1975

Heer, Hannes (org.), *Vernichtungskrieg. Verbrechen der Wehrmacht 1941 bis 1944, Ausstellungskatalog*, Hamburgo, 1996

Heiber, H. (org.), *Lagebesprechungen im Führerhauptquartier. Protokollfragmente aus Hitlers*

militärischen Konferenzen 1942-1945, Munique, 1962
Himpe, Ullus, *Die 71. InfanterieDivision in Zweiten Weltkrieg*, Neckargemünd, 1973
Hoffmann, Kurt, *Beiträge zur Geschichte der 60^o InfanterieDivision (mot.)*, MS. MGFA-P, 1979
Holl, Adalbert, *Was geschah nach Stalingrad?* Duisburg, 1964
Hoth, Hermann, *Panzer Operationen*, Heidelberg, 1956

Ieremenko, A. I., *Tage der Entscheidung. Als Frontoberbefehlshaber in der Schlacht an der Wolga*, Berlim, 1964

Jacobsen, Hans-Adolf (org.), *Generaloberst Halder: Kriegstagebuch*, 3 vols., Stuttgart, 1963
Jacobsen, Hans-Adolf e Rohwer, J. (orgs.), *Decisive Battles of World War II: The German View*, Londres, 1965
Jilin, Gen. P. A., *They Sealed Their Own Doom*, Moscou, 1970
Jukes, Geoffrey, *Hitler's Stalingrad Decisions*, Berkeley, Calif., 1985
Jukov, Georgi K., *Marshal Zhukov's Greatest Battles*, Nova York, 1969
_____, *Kakim my ego pomnim*, Moscou, 1988

Kageneck, August von, *Examen de conscience*, Paris, 1996
Kehrig, Manfred, *Stalingrad: Analyse und Dokumentation einer Schlacht*, Stuttgart, 1974
Keitel, Wilhelm, *The Memoirs of Field Marshal Keitel*, Nova York, 1966
Kemmerich, P., *Im Vorfeld von Stalingrad. Tagebuchblätter*, Munique, 1964

Kempowski, Walter (org.), *Das Echolot. Eine kollektives Tagebuch Januar und Februar 1943*, Munique, 1993

Kerr, Walter, *The Secret of Stalingrad*, Londres, 1979

Klaus, Edgar, *Durch die Hölle des Krieges, Erinnerungen eines deutschen Unternehmers an Stalingrad*, Berlim, 1991

Klee, E. e Dessen, W. (orgs.), *Gott Mit Uns, Der deutsche Vernichtungskrieg im Osten*, Frankfurt am Main, 1992

Klee, Ernst; Dessen, Willi; e Riess, Volker (orgs.), *Schöne Zeiten: Judenmord aus der Sicht der Täter und Gaffer*, Frankfurt am Main, 1988

Kluge, Alexander, *Schlachtsbeschreibung*, Freiburg, 1964

Konsalik, Heinz (org.), *Stalingrad, Porträt einer Stadt, Inferno einer Schlacht, Protokoll eines Wahnsinns*, Bayreuth, 1968

Korfes, Dr. Otto, *Zur Geschichte von Stalingrad, 1942-1943*, MGFA-P, mensagem s.d.

Knight, Amy, *Beria, Stalin's First Lieutenant*, Princeton, NJ, 1993

Kruse, Martin (org.), *Die Stalingrad-Madonna, das Werk Kurt Reubers als Dokument der Versöhnung*, Hannover, 1993

Krylov, Nikolai, *Stalingrad. Die entscheidende Schlacht des zweiten Weltkrieges*, Colônia, 1981

Kurowski, Franz, *Lüftbrücke Stalingrad: die Tragödie der Luftwaffe und der 6. Armee*, Voninckel, 1983

Langsdorff, Gero von, "Jagdflieger in Stalingrad: Aus den Aufzeichnungen des Oberleutnant Kurt Ebener", *Deutsches Soldatenjahrbuch*, 1973, pp. 193-202

Lenz, Friedrich, *Stalingrad - der verlorene Sieg*, Heidelberg, 1956

Löser, Jochen, *Bittere Pflicht. Kampf und Untergang der 76. Berlin-Brandenburgischen InfanterieDivision*, Osnabrück, 1988

Lucke, Christian von, *Panzer-Regiment 2*, Kleve, 1953

Malaparte, Curzio, *The Volga Rises in Europe*, Londres, 1958

Manstein, FM Erich von, *Lost Victories*, Londres, 1959

_____, *Aus einen Soldatenleben*, Bonn, 1985

Messenger, Charles, *The Last Prussian*, Londres, 1991

Messerschmidt, Manfred, *Was damals Recht war - NS-Militär und Strafjustiz im Vernichtungskrieg*, Essen, 1996

Metelmann, H., *Through Hell for Hitler*, Londres, 1990

Michalka, W. (org.), *Der Zweite Weltkrieg*, Munique, 1989

Michel, Karl, *Es begann am Don*, Berna, 1946

Morzik, D. F., *German Air Force Airlift Operations*, Nova York, 1961

Mösch, Gerhard, *Stalingrad. Ein Erlebnis und seine Konsequenzen*, Kassel, 1946

Neidhardt, Hanns, *Mit Tanne und Eichenlaub, Kriegschronik der 100. Jäger-Division*, Graz, 1981

Noakes, Jeremy, e Pridham, Geoffrey (orgs.), *Nazism 1919-1945*, 3 vols., Exeter, Devon (RU), 1988

Pabst, Helmut, *The Outermost Frontier*, Londres, 1957

Paget, R. T., *Manstein, His Campaigns and His Trail*, Londres, 1951

Paulus, Friedrich, *Ich stehe hier auf Befehl*, Frankfurt am Main, 1960

Philippi, Alfred e Heim, Ferdinand, *Der Feldzug gegen Sowjetrußland 1941-1945*, Stuttgart, 1962

Piekalkiewicz, Janusz, *Stalingrad, Anatomie einer Schlacht*, Munique, 1977
Plocher, Hermann, *The German Air Force versus Russia, 1942*, Nova York, 1966
Plotnikov, Cel. Y. V., *Die Stalingrader Schlacht*, Moscou, 1982
Podewils, Clemens, *Don und Volga*, Munique, 1952

Reinhardt, Dr. Klaus, *Moscou: The Turning Point*, Nova York, 1992
Riedesser, Peter, *Maschinengewehre hinter der Front*, Frankfurt am Main, 1996
Robel, Gert, *Die deutschen Kriegsgefangenen in der Sowjetunion*, Munique, 1974
Rohden, Hans-Detlef Herhudt von, *Die Luftwaffe ringt um Stalingrad*, Wiesbaden, 1950
Rokossovski, K. K., *A Soldier's Duty*, Moscou, 1970
Rotundo, Louis (org.), *Battle for Stalingrad. The 1943 Soviet General Staff Study*, Nova York, 1989

Sadaranda, Dana, *Beyond Stalingrad: Manstein and the Operations of Army Group Don*, Nova York, 1990
Samsonov, A. M. (org.), *Stalingradskaia bitva*, Moscou, 1968
Sapp, Franz, *Gefangen in Stalingrad*, Steyr, 1992
Scheibert, Horst, *Nach Stalingrad - 48 Kilometer*, Heidelberg, 1956
Schimak, Anton, Lamprecht, Karl e Dettmer, Friedrich, *Die 44 InfanterieDivision*, Viena, 1969
Schmidt, Paul, *Hitler's Interpreter, The Secret History of German Diplomacy 1935-1945*, Londres, 1951
Schneider-Janessen, Karlheinz, *Arzt im Krieg*, Frankfurt am Main, 1993

Schramm, P. E. e Hiligruber, A. (orgs.), *Kriegstagebuch des OKW der Wehrmacht*, Frankfurt am Main, 1963

Schröter, Heinz, *Stalingrad... bis zur letzte Patrone*, Lengerich, 1953

Schulte, Theo J., *The German Army and Nazi Policies in Occupied Russia*, Oxford, 1989

Sella, A., *The Value of Human Life in Soviet Warfare*, Londres, 1992

Selle, H., *Die Tragödie von Stalingrad*, Hanôver, 1948

Sereny, Gitta, *Albert Speer: His Battle With Truth*, Londres, 1995

Seth, Ronald, *Stalingrad: Point of Return*, Londres, 1959

Sevryuk, Vladimir, *Moscou - Stalingrad*, Moscou, 1970

Seydlitz, Gen. Waither von, *Stalingrad, Konflikt und Konsequenz, Erinnerungen*, Oldenburg, 1977

Shindel', Aleksander Danilovich (org.), *Po obe storonierfronta*, Moscou, 1995

Shtemenko, S. M., *The Soviet General Staff at War*, Moscou, 1970

Shukman, H., *Stalin's Generals*, Londres, 1993

Simonov, Konstantin Mikhailovich, *Stalingrad Fights On*, Moscou, 1942

_____, *Raznye dni voyny, Dnevnik pisatelja*, vol. II, Moscou, 1978

Sommerfeldt, Martin, *Das Oberkommando der Wehrmacht gibt bekannt*, Frankfurt am Main, 1952

Stahlberg, Alexander, *Bounden Duty*, Londres, 1990

Steidle, Luitpold, *Entscheidung an der Wolga*, Berlim, 1970

Strassner, Peter, *Verräter: Das Nationalkomitee Freies Deutschland*, Munique, 1963

Stratowa, Wulf, *Kein Friede in Stalingrad: Feldpostbriefe 1941/1942*, Viena, 1995

Streit, Christian, *Keine Kameraden: Die Wehrmacht und die sowjetischen Kriegsgefangenen*, Stuttgart, 1991

Toepke, Gunter, *Stalingrad, Wie es wirklich war*, Stade, 1949

Tuyll, H. Van, *Feeding the Bear: American Aid to the Soviet Union 1941/1945*, Nova York, 1989

Uberberschär, Gerd e Wette, Wolfram (orgs.), *“Unternehmen Barbarossa”, der deutsche Überfall auf die Sowjetunion 1941*, Frankfurt am Main, 1993

USSR, *Stalingrad, an Eye Witness Account*, Londres, 1943

Vasilevski, A. M., *A Lifelong Cause*, Moscou, 1978

Van Creveld, Martin, *Hitler's Strategy, the Balkan Clue*, Cambridge, 1973

_____, *Fighting Power: German and US Army Performance 1939-1945*, Londres, 1983

Vogel, Detlef e Wette, Wolfram, *Andere Helme – Andere Menschen?*, Essen, 1995

Volkogonov, Dimitri, *Stalin: Triumph and Tragedy*, Londres, 1991

Voronov, N. N., “Operation ‘Ring’”, *Voenno-istoricheski zhurnal*, 5 & 6, 1962

Voss, Paul-Hans, *Freigegeben, Tagebuch Aufzeichnungen eines Funkers*, Rossdorf, 1982

Waasen, Heinrich Maria, *Was geschah in Stalingrad?*, Zell am See, Salzburg, 1950

Warlimont, Walter, *Im Hauptquartier der deutschen Wehrmacht 1939-1945*, Frankfurt am Main, 1962

Wegner, Bernd, “German perceptions of Soviet military and economic strength in preparation for Operation Blau”, em C. Andrew J. Noakes, *Intelligence and International Relations 1900-1945*, Exeter, Devon (RU), 1987

_____, "Der Krieg Gegen die Sowjetunion 1942/3", em Militargeschichtliches Forschungsamt, *Das deutsche Reich und der Zweite Weltkrieg*, vol. VI, Stuttgart, 1990
Weinart, Erich, *Stalingrad Diary*, Londres, 1944
Werth, Alexander, *The Year of Stalingrad*, Londres, 1946
_____, *Russia at War 1941-1945*, Londres, 1964
Werthen, Wolfgang, *Geschichte der 16. Panzerdivision*, Bad Nauheim, 1958
Wette, Wolfram e Ueberschär, Gerd (orgs.), *Mythos und Wirklichkeit einer Schlacht*, Frankfurt am Main, 1993
Wettlin, Margaret, *Russian Road*, Londres, 1945
Wich, Rudolph, *Baden-Württembergische Divisionen im 2. Weltkrieg*, Karlsruhe, 1957
Wieder, Joachim, *Die Tragödie von Stalingrad, Erinnerungen eines Überlebenden*, Deggendorf, 1955
_____, *Stalingrad und die Verantwortung des Soldaten*, Munique, 1962

Yeremenko, A. I., *Tage der Entscheidung. Als Frontoberbefehlshaber in der Schlacht an der Wolga*, Berlin, 1964

Zank, Horst, *Stalingrad, Kessel und Gefangenschaft*, Herford, 1993
Zayas, Alfred M. de, *The Wehrmacht War Crimes Bureau, 1939-1945*, Lincoln, Neb., 1989
Zhilin, Lt-Gen. P. A., *They Sealed Their Own Doom*, Moscou, 1970
Zhukov, Georgi K. *Marshal Zhukov's Greatest Battles*, New York, 1969
_____, *Kakim my ego pomnim*, Moscou, 1988

**PERIÓDICOS, JORNAIS DIÁRIOS E PUBLICAÇÕES DE
VETERANOS**

*Bund ehemaliger Stalingradkämpfer, Weihnachts
Rundbrief
Bundestreffen der Stalingradkämpfer*

Deutsches Soldatenjahrbuch

Istoricheskii Arkhiv

*Kameradschaft Stalingrad: Mitteilungsblatt für die
ehemaligen Stalingradkämpfer und den
Österreichischen Stalingradbund Opolchentsy v boyakh
za Rodinu. Boevoi put' divizii Narodnogo opolchenya
Kievskogo raiona g. Moskvyy, Moscou, 1981
Stalingradbund Österreich*

Stalinskoe znamia
Voenno-istoricheskii zhurnal
Völkischer Beobachter

FICÇÃO E OUTRAS OBRAS LITERÁRIAS

Anôn., *Last Letters from Stalingrad*, Londres, 1956*
Bondarev, Yuri, *Heisser Schnee*, Berlim, 1972
Bredel, Willi, *Der Sonderführer*, Berlim, 1970
Grossman, Vasili, *The People Immortal*, Londres, 1943
_____, *Stalingrad*, Moscou, 1946
_____, *Life and Fate*, Londres, 1985
Konsalik, Heinz, *Der Arzt von Stalingrad*, Munique, 1956
Lazarev, L. (org.), *Let the Living Remember*, Moscou, 1976
Nekrassov, Viktor Platonovich, *Front Line Stalingrad*, Londres, 1962
Neruda, Pablo, “Canto a Stalingrado” e “Nuevo Canto de Amor a Stalingrado”, em *Tercera Residencia 1935-1945*, Barcelona, 1977
Plievier, Theodor, *Stalingrad*, Berlim, 1946
Simonov, Konstantin M., *Days and Nights*, Nova York, 1945

*Esta coleção está listada como ficção porque a autenticidade das cartas é questionável. (N. do A.)

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

Stalingrado

Skoob do livro

<https://www.skoob.com.br/stalingrado-2392ed596536.html>

Skoob do autor

<https://www.skoob.com.br/autor/5949-antony-beevor>

Wikipédia do autor

https://pt.wikipedia.org/wiki/Antony_Beevor

Goodreads do autor

http://www.goodreads.com/author/show/3407.Antony_Beevor

r